

Roberto Matheus da Costa

A Suplantação do Mistério

E a perpetuação dos conceitos trinitários



Caminho Estreito

A Suplantação do Mistério

E a perpetuação dos conceitos trinitários

Roberto Matheus da Costa

A Suplantação do Mistério

E a perpetuação dos conceitos trinitários

1ª Edição

Baixo Guandu – ES

2021



Caminho Estreito

Título: A suplantação do mistério e a perpetuação dos conceitos trinitários
Copyright © da edição: Caminho Estreito
Direitos reservados

Capa: Júlia de Souza

Diagramação: Roberto Matheus da Costa

Revisão: Sérgio Osório

Edição: Caminho Estreito

Impressão: Gráfica Bartira

Tiragem: 1000 exemplares

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Costa, Roberto Matheus da
A suplantação do mistério : e a perpetuação dos
conceitos trinitários / Roberto Matheus da Costa. --
1. ed. -- Baixo Guandu, ES : Caminho Estreito, 2021.

ISBN 978-65-994448-2-1

1. Cristianismo 2. Deus (Cristianismo) 3. Espírito
Santo 4. Jesus Cristo 5. Moral cristã I. Título.

21-72051

CDD-231.044

Índices para catálogo sistemático:

1. Trindade : Deus : Doutrina cristã 231.044

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Obra Registrada na Câmara Brasileira do Livro

Rua Cristiano Vieira, 91

Pinheiros, São Paulo-SP. CEP 05411-000

Obra protegida pela Lei de Direito Autoral nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.
Proibida reprodução total ou parcial dessa obra, ou de qualquer parte de seu
conteúdo, por qualquer meio, sem a expressa autorização do autor.

Sumário

Abreviações	9
Introdução.....	11
As coisas reveladas.....	13
Fruto proibido.....	19
Os magos do oriente	20
As ovelhas e o aprisco	21
Joias e adornos.....	25
Vestuário.....	27
Dom de línguas.....	29
Alimentação.....	31
“Cair do cavalo”	36
Morte, necromancia etc.	38
Arrebatamento	40
Sexualidade.....	43
Casamento	45
Dia de descanso	54
A marca da besta	58
Versões bíblicas e a compreensão textual	67
Versões tradicionais x versões contemporâneas.....	77
Animais	97
Instrumentos Musicais.....	100
Pesos, medidas e valores	101
Salmos	103

Nomes Próprios	108
Outras alterações	111
O mistério nas versões	115
A Mensagem.....	119
Nova Tradução na Linguagem de Hoje	120
Nova Versão Internacional	121
Nova Bíblia Viva.....	122
Bíblia Ave Maria	123
Edição Pastoral	123
Bíblia da Editora Vozes	124
Bíblia de Jerusalém.....	124
Almeida Revista e Corrigida	126
Almeida Revista e Atualizada	127
Almeida Corrigida Fiel.....	128
Tradução Ecumênica da Bíblia.....	129
Tradução Brasileira.....	130
Outras versões e o mistério.....	133
João Ferreira de Almeida – 1850.....	133
King James Version – 1611	137
American Standard Version – 1901.....	138
Bíblia King James (em português)	139
Reina Valera	140
Considerações elucidativas.....	142
A história e a perpetuação do mistério	177
Suméria (Mesopotâmia) e o chamado à Abrão.....	179
As divindades do Egito e a idolatria dos israelitas	196
Os deuses da Babilônia.....	209
As tríades na mitologia grega	211

A tirania romana e suas divindades	217
A continuação do triteísmo no cristianismo	226
O mistério da Trindade na história antiga e recente	239
O mistério da Trindade na história antiga	239
O mistério da Trindade na história recente.....	374
O mistério no presente e no futuro	439
Bibliografia.....	471
Sites	483
Material Suplementar	485
Anotações	489

Abreviações

ACF – Almeida Corrigida Fiel
ARA – Almeida Revista e Atualizada
ARC – Almeida Revista e Corrigida
AM – Ave Maria (Bíblia Católica)
ASV-1901 – América Standard Version de mil novecentos e onze (Versão em inglês)
AT – Antigo Testamento
BEV ou EV – Bíblia Editora Vozes (Católica)
BJ – Bíblia de Jerusalém
BJC – Bíblia Judaica Completa
BKJ – Bíblia King James – 1611 (em português)
EP – Edição Pastoral (Bíblia Católica)
GC – O Grande Conflito
HR – História da Redenção
IBB – Imprensa Bíblica Brasileira
JFA-1850 – João Ferreira de Almeida de mil oitocentos e cinquenta
KJA – King James Atualizada
KJV – King James Version – 1611 (em inglês)
NBV – Nova Bíblia Viva
NT – Novo Testamento
NTLH – Nova Tradução na Linguagem de Hoje
NVI – Nova versão Internacional
MSG – Bíblia A Mensagem
PP – Patriarcas e Profetas
PT – Primeiro Testamento
RVR – Reina Valera (Tradução em português da versão espanhola da Reforma Protestante)

SAB – Sociedade Americana da Bíblia

SBB – Sociedade Bíblica do Brasil

SBTB – Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil

ST – Segundo Testamento

TB – Tradução Brasileira

TEB – Tradução Ecumênica da Bíblia

TNM – Tradução do Novo Mundo das Testemunhas de Jeová

Introdução

Os teólogos sequestraram o direito de interpretação da Bíblia. Sua pretensa ciência e domínio das línguas antigas os transformaram em detentores de um conhecimento distante e inacessível ao resto da população, denominada “leigos”. O entendimento da Palavra de Deus passou a ser prerrogativa de uma elite dominante sobre as massas, enquanto que o Espírito do Altíssimo ficou em segundo plano na condução e guia em toda a verdade. O que é validado pelo clero é considerado como verdade absoluta, enquanto que os demais componentes de uma plataforma inferior são guiados por uma pequena elite supostamente mais instruída e conhecedora dos oráculos divinos. E tudo isso já vem acontecendo a muitos e muitos séculos. No tempo de Cristo isso já era uma triste realidade, como declarado por Ele nessas palavras: *“Ai de vós, doutores da lei, que tirastes a chave da ciência; vós mesmos não entrastes, e impedistes os que entravam.”* Lucas 11:52.

Questionar, portanto, os ensinamentos daqueles que detêm as “chaves” do conhecimento pode ser por muitos considerado como algo grave, mas na verdade é algo grandemente necessário. Sendo assim, pessoas ou ideias que entram em conflito com o pensamento ortodoxo, em todas as épocas, foi e continua sendo alvo de descrédito e ataque. Isso se evidencia na milenar caça e extermínio dos classificados como “hereges” pelas religiões oficiais, fatos bem documentados na história.

Esse livro poderá ser por muitos classificado como herético, atentando contra conceitos longamente arraigados pelas mais diferentes religiões. No entanto, sua leitura precisa ser feita com atenção, comparando tudo com as Escrituras Sagradas (a

Bíblia) e comprovando as informações de outras fontes citadas. Será também de utilidade no decorrer da leitura sempre conferir as referências e informações adicionais das notas, ao final de cada capítulo, para complementar a compreensão, lendo cada nota no momento em que ela aparece, antes de prosseguir a leitura até a próxima nota.

Se este livro chegou em suas mãos isso não foi por acaso. A própria conclusão do mesmo não foi fácil e muito esforço, recursos e pesquisa foram empregados para que ele se tornasse uma realidade disponível a você. Por isso não o despreze! Se dedique em sua leitura e estudo e absorva as informações com espírito crítico, mas também com humildade.

Muito mais poderia ter sido escrito, mas os recursos, tempo e capacidade foram limitados. Se errei em algo, perdoe-me. Se apenas pensa que errei, reconsidere, pois, o erro pode ser seu. Espero que ao chegar ao final da leitura todo esforço empregado ao escrever este livro, e o próprio esforço de quem o ler sejam suficientes para compreender ao menos em alguma medida a verdade por trás do mistério de Deus que Ele deixou disponível.

Não leia por ler, não leia com preconceitos, não leia com o filtro de sua religião e sua fé nas doutrinas que professa, mas faça essa leitura como uma viagem sem bagagens, mas com o propósito de chegar ao destino pretendido: o mistério de Deus. São os sinceros votos do

Autor

Capítulo 1

As coisas reveladas

Visto termos, não somente a liberdade, mas também a oportunidade de conhecer e obedecer ao que Deus nos revelou como sua vontade, devemos fazer da busca pela revelação divina uma das nossas maiores necessidades. Moisés manifestou a importância disso quando declarou: *“As coisas encobertas pertencem ao SENHOR nosso Deus, porém as reveladas nos pertencem a nós e a nossos filhos para sempre, para que cumpramos todas as palavras desta lei.”* (Dt 29:29). Ele salientou a razão pela qual devemos nos apossar daquilo que nos foi revelado, e nada mais é do que obedecermos ao que Deus nos revelou, *“cumprir todas as palavras dessa lei”*, ou seja, a revelação de Deus tem um propósito muito simples e objetivo, fazer com que conheçamos a vontade de Deus, para poder cumpri-la, ou seja, obedecê-la.

Os cristãos comumente aceitam a Bíblia, as Escrituras Sagradas, como a principal fonte da revelação de Deus ao homem, apesar de divergirem quanto aos seus escritos e interpretação. As páginas sagradas contêm relatos que atravessaram séculos da história humana, descrevendo o surgimento e queda de reinos, a atuação de Deus na história passada, presente e futura do homem, contendo orientações que, como um GPS, guia-nos passo a passo como chegar ao final da viagem alcançando o destino certo.

Muitos de seus ensinamentos são contestados até hoje, dentro do próprio cristianismo, com seus milhares de denominações e crenças a respeito do mesmo livro, a Bíblia. Isso tem sido apresentado por alguns como forte razão para descrer de sua autenticidade e validade como digna de credibilidade. Entretanto o mau uso de algo não significa necessariamente que aquilo não

tenha importância e valor. Pode, pelo contrário, atestar ainda mais sua importância e necessidade de atento e acurado exame e estudo para que se chegue a sua plena e verdadeira compreensão.

O homem, muitas vezes, em sua busca pelo que acreditar e ensinar, acaba atropelando o que está revelado ou deturpando o que é correto, tornando nebuloso aquilo que é claro como a luz do dia. Livros e mais livros foram e continuam sendo escritos a cada ano sobre os ensinamentos bíblicos, e este é mais um deles.

Muitas abordagens são feitas sobre os mais variados temas apresentados na Bíblia. O mesmo assunto recebe diferentes explicações, de diferentes escritores com o intuito de defender suas ideias, mas muitas vezes, essas abordagens contradizem outros ensinamentos da Bíblia. Em outros casos há consenso em algumas questões que, mesmo equivocadas, são admitidas pela maioria.

Devemos deixar que a própria Bíblia se explique, comparando texto com texto, analisando o contexto de cada declaração, comparando as mais variadas traduções e versões, para não sermos precipitados em nossa interpretação, criando uma compreensão particular, institucional, tendenciosa ou maliciosa do que está escrito para nossa instrução, e não para manipularmos de forma irresponsável visando interesses pessoais ou corporativos das mais variadas instituições religiosas.

A revelação de Deus por meio das Sagradas Escrituras, mais comumente chamada de Bíblia, tem sofrido intensas adaptações de linguagem, através de traduções para outras línguas, adaptações linguísticas, comentários marginais, crítica textual, interpretações teológicas e uma série de outras intervenções humanas que nos trazem uma séria reflexão: Continua a Bíblia sendo uma fonte confiável e segura de autoridade quanto a revelação divina ao homem?

Precisamos entender um pouco como esse livro (Bíblia) chegou até nós para compreendermos como estudá-lo de forma segura, não confundindo algo que foi dado com o propósito, entre outros, de estar acima das confusões desse mundo cheio de teorias

e interpretações parciais e tendenciosas. Somente o Deus que se revela na Bíblia pode nos ajudar a entender seus mistérios.

A Bíblia, na verdade, é uma coleção de livros, cânticos, poemas, cartas, leis, relatos históricos, profecias, provérbios e os mais variados conselhos e orientações, unidos em um só livro. A formação e compactação do que hoje temos em nossas mãos como a Bíblia passou por longo e árduo trabalho do qual não fazemos ideia. Foram muitas as horas, dias e anos utilizados na reunião do que hoje nós chamamos de Bíblia, do grego βιβλίον *biblion*¹ significando: *pequeno livro, rolo, documento escrito*; ou βιβλος *biblos*² que quer dizer *um livro escrito, um registro, um rolo*.

O conteúdo que temos hoje de forma compacta, no passado era armazenado em rolos de peles de animais, depois em rolos de papiro, enfim, não quero entrar em detalhes mais profundos sobre como tudo isso aconteceu. O que quero observar com você, caro leitor, é que a Bíblia que temos hoje em nossas mãos é fruto de um verdadeiro milagre, escrituras tão antigas e, contudo, tão atuais, com mensagens tão práticas, tão vivas, tão presentes, com um acesso tão facilitado, até em smartphones.

Outro fator que quero considerar com você, caro leitor, é a divisão que hoje existe na Bíblia em Antigo e Novo Testamentos. Segundo MCDONALD (pp.7-8, 2013) alguns estudiosos não gostam de se referir aos escritos anteriores a Cristo como *Antigo Testamento* pois, segundo eles, dão uma ideia de algo obsoleto, por isso muitos preferem usar o termo *Primeiro Testamento*.

Quero recorrer à própria *revelação* para lhe demonstrar o significado dessa divisão e suas implicações. Quando Jesus ministrou a ceia junto aos seus discípulos e lhes deu o puro suco da uva, que simbolizava o seu sangue, afirmou o seguinte: “*Porque isto é o meu sangue; o sangue do novo testamento, que é derramado por muitos, para remissão dos pecados.*” Mt 26:28; ACF (ver também Mc 14:24; Lc 22:20).

Note nessa declaração do nosso Salvador que o *Novo Testamento* é o seu sangue, diferente do sangue de animais, que

eram somente símbolos do Seu sacrifício. Quando, porém, a realidade encontrou o simbolismo, não era mais necessário o derramamento de sangue de animais, porque o verdadeiro e suficiente sacrifício fora realizado de uma vez por todas.

É por isso que quando a Bíblia relata que o Antigo Testamento foi por Cristo abolido, não devemos, de forma alguma, entender isso como uma ordem para desconsiderarmos todos os escritos de Moisés e dos profetas de antes de Cristo. Note a passagem: *“Mas os seus sentidos foram endurecidos; porque até hoje o mesmo véu está por levantar na lição do velho testamento, o qual foi por Cristo **abolido**”* (2 Co 3:14; ACF).

Essa citação está se referindo à abolição dos sacrifícios que apontavam para Cristo, porque como Ele já havia sido sacrificado por nós, não havia mais necessidade de continuarem sendo sacrificados tantos animais como nos rituais do santuário terrestre. Note a diferença de ambos os testamentos: *“E por isso é Mediador de um novo testamento, para que, intervindo a morte para remissão das transgressões que havia debaixo do primeiro testamento, os chamados recebam a promessa da herança eterna.”* (Hb: 9:15). Outras passagens como essas declaram que essa divisão é pura e simplesmente algo relativo aos eventos antes e depois de Cristo, quanto aos seus rituais de sacrifício animal, e não uma anulação dos escritos anteriores à Cristo (1 Co 11:25; 2 Co 3:6; Hb 7:22; 8:6 e 8; 9:16-20; 12:24; 13:20).

Outro detalhe foi que o próprio Cristo utilizou e citou as Escrituras de Moisés e dos profetas em várias situações em seu ministério, como aparece em muitas citações.³ Em outras passagens Jesus menciona a importância de se pesquisar as Escrituras (Mt 22:29 e Mc 12:24; Jo 5:39, 45-47), que até então eram somente os escritos de Moisés e dos profetas, ou seja, o chamado *“Velho Testamento”*. Também, após sua ressurreição no caminho de Emaús, Jesus citou os escritos de Moisés, dos profetas e dos Salmos (Lc 24:25-27). Se Jesus realmente tivesse abolido esses escritos, não os teria nem citado, especialmente após sua

morte redentora e ressurreição como vencedor e suficiente Salvador. Jesus citou esses escritos para corroborar tudo que dEle se achava em todas as Escrituras, validando sua autenticidade.

Outra declaração contundente em favor da validade escriturística do AT ou PT é a seguinte citação de Jesus: “*Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir. Porque em verdade vos digo: até que o céu e a terra passem, nem um i ou um til jamais passará da Lei, até que tudo se cumpra.*” Mt 5:17 e 18; ARA. Aqui percebemos clara-mente que não é o objetivo de Jesus abolir os escritos do AT (ou PT), e ele não permitiu que ninguém fizesse isso, nem ensinasse isso a ninguém, embora muitos o façam, lamentavelmente.

Quando Jesus disse que veio *cumprir* alguns interpretam como algo que teve um cumprimento e depois não foi mais necessário. No entanto, o *cumprir* aqui dá uma ideia de *obedecer* a tudo que dEle estava profetizado, inclusive obedecer a lei de Seu Pai (João 15:10). Note a ênfase dada nessa versão:

Não entendam de modo errado a razão da minha vinda. Não vim abolir a Lei de Moisés e as advertências dos Profetas. Eu vim para cumprir a Lei. Eu afirmo a vocês: enquanto existirem céus e terra, a menor letra ou o menor traço da Lei continuará de pé até que o seu objetivo seja alcançado. **Mateus 5:17-18; NBV.**

Entende-se como a *lei de Moisés* o Pentateuco (os 5 primeiros livros da Bíblia escritos por Moisés) e os ensinamentos dos profetas os demais livros do PT (AT). Aqui percebemos de forma clara que é algo grave adulterar as Escrituras, tirando delas mesmo a menor letra, para mudar seu sentido exato.

Entretanto, quero levar-lhe ao seguinte raciocínio: para que a Bíblia chegasse até nós ela precisou passar por um processo de tradução, conseqüentemente ocorreram algumas adaptações linguísticas. Depois das traduções vieram as versões, e isso nos deixa claro que a Bíblia precisou passar por adaptações nos

idiomas aos quais ela era traduzida, ao longo do tempo, para que pudesse estar acessível à língua materna de cada país.

Contudo, não devemos nos assustar com esse fato, porque a Bíblia não foi ditada por Deus, palavra por palavra, aos seus mais de quarenta escritores (Moisés, Samuel, Davi, Salomão, Jeremias, Isaías etc.), num período de aproximadamente 1500 anos. A Bíblia foi escrita por homens inspirados pelo Espírito Santo (2 Pedro 1:21), e essa “*inspiração*” não deve ser entendida como um processo no qual Deus ditou cada palavra para que esses homens as escrevessem. Essa “*inspiração*” atuou no pensamento humano e este, com suas palavras, com sua linguagem, seu estilo literário escreveu o que hoje temos como *A Bíblia Sagrada*.

Dessa forma, em várias línguas, em várias versões, muitas palavras foram usadas, e o maior desafio foi não alterar a mensagem principal que os mais variados escritores relataram. E é aqui que quero levá-lo a uma séria reflexão: como saber se nesse processo de adaptação linguística, detalhes importantes ficaram nebulosos, obscuros? Seria possível, avaliando as mais variadas versões e traduções, descobrir detalhes importantes que não predominam nas versões mais comumente aceitas e adotadas com mais frequência?

Não quero fazê-lo descrever na importância e autenticidade da Bíblia. Quero sim, fazê-lo refletir na importância da Palavra de Deus e na importância de estudá-la com sabedoria e a direção do Espírito do Senhor.

Durante a leitura deste livro espero que você tenha informação suficiente para responder a essa e às outras perguntas intrigantes. Vamos considerar muitos textos bíblicos como pano de fundo, para posteriormente analisarmos um versículo em especial, o texto chave que motivou a abordagem deste livro. No devido momento traremos esse texto à luz para nossa consideração.

Também utilizaremos outros versículos para reforçar a melhor compreensão do texto em questão. Vamos também

observar na história a manifestação da espiritualidade e concepções da Divindade nos mais variados povos e suas literaturas. Portanto, trataremos de vários ensinamentos nesse e no próximo capítulo, abordando nos posteriores sobre um ensinamento específico em nosso estudo aqui, eu e você, eu como proponente e você como avaliador e leitor que tirará suas conclusões baseadas em sua formação, personalidade, conceitos e preconceitos.

Mas gostaria que colocasse a clareza da Revelação e a vontade do Senhor acima de seus próprios parâmetros e racionalizações. Por isso lhe peço que não desista da leitura, e o faça de forma atenta para que sua compreensão não seja prejudicada.

Avalie as referências de todos os textos bíblicos, comprovando por si mesmo aquilo ao qual nos propomos compartilhar nesse livro, um tema de profundo valor e importância para a vida de todo e qualquer ser humano, tenha ele essa noção, ou não. Entretanto, vamos agora considerar algumas questões que julgo serem necessárias para uma melhor compreensão do ponto chave abordado nesse livro. Vamos, primeiro, nos deter um pouco mais sobre o assunto tratado nesse capítulo, sobre as coisas *reveladas*.

Fruto proibido

Como a própria palavra demonstra, *revelação* diz respeito a algo que podemos saber, algo que nos está declarado de forma simples e compreensível, sem necessidade de especulação, algo que está claro, ou seja, *revelado*. Por exemplo, quando da tentação de Adão e Eva, foi-lhes proibido comer de um fruto, certo? Mas a Bíblia não *revela* de que espécie é esse fruto, se é uma goiaba, pêra, laranja ou maçã como muitos dizem e até utilizam de forma sarcástica e irônica em representações teatrais.

A Bíblia simplesmente declara “*árvore da ciência do bem e do mal*” (Gn 2:17) e não há necessidade de especular se era uma goiabeira, laranjeira, macieira etc. O problema é que muitas vezes não nos contentamos com o que está revelado e procuramos

adaptações e conjecturas àquilo que foi escrito pelos profetas, sugestionando uma compreensão tendenciosa, que favoreça este ou aquele ponto de vista, ou nossas ilusões, conveniências, tradições familiares ou religiosas.

Outra citação muito polemizada, ainda em Genesis, é a do sinal recebido por Caim como castigo por ter assassinado seu irmão (Gn 4:15). Muitos afirmam que esse sinal foi o fato de Deus ter mudado a cor da pele de Caim para uma pele negra. Isso não encontra nenhuma base escriturística, ou seja, não passa de uma especulação desnecessária e maliciosa, pois muitos a usam para fomentar o racismo e a acepção de pessoas que é algo condenado pelas Escrituras (Tg 2:1, 9).

Dessa forma percebe-se que muitos usam algo a partir do *revelado* e estendem a questão para uma especulação, ou seja, algo *não revelado*, mas acrescentado por propósitos pessoais ou coletivos, dependendo de suas intenções, sejam elas aparentemente boas ou não.

Os magos do oriente

Uma outra declaração, agora nos evangelhos, remete-nos a uma história muito conhecida: o nascimento de Jesus. No relato são citados homens que viajaram, seguindo uma estrela, até o local em que o menino Jesus estava (Mt 2:1-12). Nas histórias natalinas dizem que eles eram “*três reis magos*” que vieram de reinos distantes saudar e adorar o menino Jesus, o novo rei de Israel. Outros relatos dizem ser estes, homens *sábios*, existe até um filme intitulado *O Quarto Sábio*⁴ que retrata a história.

Nessa história, que só é citada no evangelho de Mateus, esses homens são chamados na maioria das versões e traduções bíblicas apenas de *magos*. Eles são chamados de *sábios* na NBV, e expressões como *reis*, *astrólogos*, etc. não foram encontradas nas versões bíblicas durante a pesquisa para escrever este livro.

Também não foi revelada a quantidade deles, se eram dois, três, quatro ou mais. A estimativa de três foi levantada em virtude dos três presentes que foram doados a Jesus. A ênfase da história, vale ressaltar também, não eram esses homens, mas a criança que eles visitaram, o Salvador do mundo. Note o que confessa essa nota de rodapé da Bíblia Anotada por RYRIE (p.1184, 1994): “*Magos*. Estes sábios do oriente eram especialistas no estudo dos astros. A tradição afirma que eram três e que eram reis, mas isso não se sabe ao certo.” Perceba como essas informações de que eram três e que eram reis são baseadas apenas na *tradição*, não se podendo confirmar com exatidão.

O fato de eles serem *magos* ou não, também não é desculpa ou justificativa para a prática de magia, bruxaria, etc. pois tais práticas anteriormente já haviam sido condenadas por Deus (Dt 18:10-12) e as *ciências ocultas* nunca fizeram parte do ministério de Jesus, pois seus ensinamentos eram públicos (Jo 18:20).

O costume supostamente copiado dos magos que ocorre nas festas natalinas, a troca de presentes, acontece anualmente. Porém, os magos não trocaram presentes, mas apenas ofertaram suas dádivas sem esperar receber nada em troca, como de fato não receberam presentes físicos, mas sim os espirituais (os mais importantes). A egolatria disfarçada e típico culto ao consumismo e satisfação pessoal que acontece no Natal é bem mais semelhante às Saturnálias⁵, onde além das trocas de presentes numa festa que acontecia em fins de dezembro na Roma antiga em honra ao deus pagão Saturno⁶, praticava-se também uma série de orgias e bebedices por vários dias.⁷

As ovelhas e o aprisco

Outra incoerência que percebemos está em uma música muito conhecida no meio cristão tradicional, sendo também responsável por dar uma “nova” compreensão a uma parábola

bíblica. Trata-se da canção *Eram cem ovelhas*⁸, de Ruan Romero, que ganhou projeção nacional na voz de Ozéias de Paula, que diz:

♪ Eram cem ovelhas, juntas no aprisco; eram cem ovelhas, que amante cuidou. Porém uma tarde, ao contá-las todas, lhe faltava uma, lhe faltava uma e triste chorou. As noventa e nove, deixou no aprisco, e pelas montanhas, a buscá-la foi, a encontrou gemendo, tremendo de frio. Curou suas feridas, colocou em seus ombros e ao redil voltou. Essa mesma história, volta a repetir-se, pois muitas ovelhas, perdidas estão. Mas ainda hoje, o pastor amado, chora suas feridas, chora suas feridas e quer te salvar. ♪

Destaca-se nesta canção um detalhe interessante, as noventa e nove ovelhas são deixadas no *aprisco*, mas não é isso que diz o texto bíblico. Essa parábola é citada nos evangelhos de Mateus e Lucas. No evangelho de Mateus diz o seguinte: “*O que acham vocês? Se alguém possui cem ovelhas, e uma delas se perde, não deixará as noventa e nove nos montes, indo procurar a que se perdeu?*” Mt 18:12; ARA.

Notamos que no texto bíblico, do evangelho segundo Mateus, o pastor deixa as noventa e nove ovelhas *nos montes*, indo em busca da perdida. Percebemos que a diferença entre *aprisco* e *montes* é muito grande. Aparentemente é até estranho o pastor procurar uma só ovelha perdida e deixar as demais tão vulneráveis nos montes para procurar a que se perdeu, contudo subentende-se que elas estavam pastando *nos montes* enquanto o pastor procurava a perdida.

Talvez você pode pensar: mas isso é a versão bíblica. Concordo com você, vamos então observar o que diz outras versões: “*Que vos parece? Se algum homem tiver cem ovelhas, e uma delas se desgarrar, não irá pelos montes, deixando as noventa e nove, em busca da que se desgarrou?*” Mt 18:12, ARC. Note como, de uma versão para outra, como é mudado o sentido da frase, mas mesmo assim não se menciona *aprisco*.

Na primeira versão (ARA) o pastor deixa as noventa e nove *nos montes*. Na segunda versão (ARC) ele vai *pelos montes*

em busca da que se perdeu, não indicando, porém, onde ficam as noventa e nove da parábola. A NBV segue essa mesma interpretação da ARC: “*Não deixará as noventa e nove e sairá pelos montes em busca da perdida?*”. E a Bíblia RVR também interpreta o texto conforme a NBV e a ARC: “... *não deixará as noventa e nove e irá pelos montes em busca da que se desgarrou?*”. Como resolver esse impasse?

Veja o que diz a NTLH: “*O que é que vocês acham que faz um homem que tem cem ovelhas, e uma delas se perde? Será que não deixa as noventa e nove pastando no monte e vai procurar a ovelha perdida?*” Mt 18:12; NTLH. Longe de ser uma tradução bem fidedigna, ela parece elucidar mais ainda a ideia de que o pastor realmente deixa as noventa e nove nos montes, *pastando*, e não no *aprisco* ou *redil* como muitos acreditam e já cantaram entusiasticamente nos templos religiosos.

Isso deveria nos deixar com os ouvidos atentos quanto às músicas *cristãs* que ouvimos, porque ensinamentos distorcidos podem ser inseridos em nosso subconsciente por esse meio. Esse é apenas um exemplo, existem muitos outros assimilados por músicas que declaram coisas contrárias à Revelação.

Apesar desse simples detalhe da música “*Eram cem ovelhas*” não apresentar discrepância relevante contra algum princípio fundamental ela pode incutir em nossas mentes a ideia de que lugar de *ovelha* é no *aprisco* (lugar de cristão é no templo) e não nos *pastos verdejantes* (verdades da Palavra de Deus) sendo guiada pelo verdadeiro pastor, que é Jesus (Sl 23; Jo 10:11, 16).

Outras versões seguem a mesma tendência da NTLH e ARA usando as palavras “*montes*” (ACF, BJ, BJC, BKJ, KJA, NVI e TB), “*montanha*” (AM, BEV e TEB) e “*montanhas*” (BEP). A Bíblia MSG não indica onde o pastor deixa as noventa e nove no texto de Mt 18:12, dizendo simplesmente: “... *não deixará ele as noventa e nove para ir atrás da que se perdeu?*”

Mas a outra passagem que trata do mesmo assunto, no evangelho de Lucas, traz outra visão diferente, notem: “*Que*

homem dentre vós, tendo cem ovelhas e perdendo uma delas, não deixa no deserto as noventa e nove e não vai após a perdida até que venha a achá-la?” Lc 15:4; ARC. Segundo Lucas, o pastor deixa as noventa e nove ovelhas *no deserto*, indo em busca da que se perdera. Note que, igualmente, o local onde as noventa e nove ficam é totalmente diferente do citado na música, um *aprisco*. Elas ficam *no deserto*. Outras versões e traduções que apresentam essa mesma ideia são: ACF, BJ, BKJ, TB, TEB etc.

Essa outra versão da mesma passagem diz: “*Qual, dentre vós, é o homem que, possuindo cem ovelhas e perdendo uma delas, não deixa no deserto as noventa e nove e vai em busca da que se perdeu, até encontrá-la?”* Lc 15:4; ARA. Perceba que não muda praticamente nada em relação à versão anterior.

Agora veja a NTLH: “*Se algum de vocês tem cem ovelhas e perde uma, por acaso não vai procurá-la? Assim, deixa no campo as outras noventa e nove e vai procurar a ovelha perdida até achá-la.”* Lc 15:4; NTLH. Aqui a palavra *deserto* é alterada para *campo*, o que não muda muito o sentido se levarmos em consideração que muitos campos na região palestina eram áridos e desérticos.

A NVI também troca a palavra “*deserto*” por “*campo*” em sua alusão a esse texto. A Bíblia MSG traz a palavra “*pasto*” e a NBV não apresenta nenhuma palavra, trazendo: “... *não deixaria as outras 99 para ir a procura da perdida...*”

Quero fazê-lo refletir, caro leitor, nas situações nas quais somos induzidos a pensar algo que as passagens não indicam, ou seja, muitas vezes somos induzidos a concluir algo que não é mencionado nas Escrituras Sagradas, quando na verdade se procurarmos, como dedicados pesquisadores, veremos que não é como pensávamos. Por isso temos que estudar atentamente o que as Escrituras *revelam* para não sermos induzidos a concluir algo não *revelado* na Palavra de Deus.

Joias e adornos

Outra questão tem tido muita permissividade em contraposição ao que está *revelado* nas Escrituras como ideal de Deus para seu povo. Muitos no meio evangélico tem feito uso de adereços que são contrários às orientações e mesmo ameaças da palavra de Deus. São os adornos, itens sem necessidade que muitos utilizam para ostentar suas vaidades.

A primeira vez em que um povo escolhido por Deus é ordenado a abandonar os ídolos e adornos desnecessários, como uma verdadeira reforma espiritual para servirem completamente e de todo coração a Deus, foi na família de Jacó: *“Então deram a Jacó todos os deuses estranhos, que tinham em suas mãos, e as arrecadas que estavam em suas orelhas; e Jacó os escondeu debaixo do carvalho que está junto a Siquém.”* Gn 35:4; ACF.

Note como foi exigido deles que retirassem de seu meio todos os *“deuses estranhos”* e todos os *“anéis que traziam nas orelhas”* (BJ e TEB) ou *“brincos”* de suas orelhas (NVI; NBV; NTLH; BJC e MSG), como demonstração de seu total despreendimento de apetrechos vãos e adornos para mera ostentação.

Jezabel é uma mulher que aparece no relato bíblico como ímpia e depravada, além de ser idólatra e manipuladora (1Re 21:25), ela também era vaidosa e escrava da maquiagem, especialmente em volta dos olhos (2 Re 9:30). Quando as pessoas, sejam elas homens ou mulheres, querem valorizar mais suas vaidades e aparência exterior, podemos notar que sua maior preocupação não é a vontade de Deus, e sim suas próprias opiniões, preferências e desejos deturpados.

O Apóstolo Paulo alerta que a preocupação com o exterior deve ser direcionada por princípios de pudor e modéstia, e não de sensualidade e vaidade: *“Que do mesmo modo as mulheres se ataviem em traje honesto, com pudor e modéstia, não com tranças, ou com ouro, ou pérolas, ou vestidos preciosos, mas (como convém a mulheres que fazem profissão de servir a Deus) com boas obras.”* 1 Tm 2:9-10; ACF.

Eis outra passagem que traz orientação semelhante:

Não seja o adorno da esposa o que é exterior, como frisado de cabelos, adereços de ouro, aparato de vestuário; seja, porém, o homem interior do coração, unido ao incorruptível traje de um espírito manso e tranquilo, que é de grande valor diante de Deus. Pois assim também que a si mesmas se ataviavam, outrora, as santas mulheres que esperavam em Deus, estando submissas a seu próprio marido, como fazia Sara, que obedeceu a Abraão, chamando-lhe senhor, da qual vós vos tornastes filhas, praticando o bem e não temendo perturbação alguma. **1Pe 3:3-6; ACF.**

Note como esse texto é bem elucidativo quanto a questão da verdadeira beleza feminina, que não está em jóias, maquiagem, penteados, ou qualquer acessório, mas sim na beleza natural e interior *de um espírito manso e tranquilo*. O mesmo vale para os homens que não estão imunes a esse sentimento: a vaidade.

A NBV é bem mais direta quanto a esse respeito, note: *“Não se preocupem com a beleza exterior que depende de joias, ou de roupas bonitas, ou de penteados exagerados.”* (1Pe 3:3; NBV). Outra versão diz: *“A beleza de vocês não deve estar nos enfeites exteriores, como cabelos trançados e joias de ouro ou roupas finas.”* 1 Pe 3:3; NVI. A NTLH muda as palavras, mas traz a mesma exortação: *“Não procure ficar bonita usando enfeites, penteados exagerados, joias ou vestidos caros.”* E finalmente essa outra versão contemporânea menciona: *“O que importa não é a aparência exterior – o estilo do cabelo, as joias, o corte da roupa – mas sim sua atitude interior.”* 1 Pe 3:3; MSG.

Diante de tudo isso muitas pessoas, mesmo entre os pretensamente “cristãos” tem tripudiado das orientações divinas e seguido suas próprias inclinações carnis de vaidade e sensualismo, não respeitando nem mesmo o ajuntamento de crentes e as reuniões religiosas. Vestem-se de modo indecente e provocante, com decotes, roupas justas e em alguns casos transparentes, o que muito desagrada a Deus e profana o Seu nome. Mas a vaidade não é algo inerente somente à mulher, mesmo os homens têm que se preocupar em não deixar a vaidade falar mais alto ao se vestirem, mas serem simples e modestos.

Vestuário

Outra situação inapropriada que acontece é o uso de roupas (Dt 22:5) e cortes de cabelo (1 Co 11:14-15) que não diferenciam os gêneros. Todas essas coisas são uma abominação a Deus: *“Não haverá traje de homem na mulher, e nem vestirá o homem roupa de mulher; porque, qualquer que faz isto, abomi-nação é ao SENHOR teu Deus.”* Dt 22:5; ACF.

No entanto, mesmo no meio evangélico essas coisas são vistas e admitidas sem nenhuma orientação e exortação com base nas Escrituras e o bom senso. Elas se tornaram tão comuns que seu uso é um costume aceitável. Até mesmo entre líderes religiosos se percebe a vaidade de ternos caros e a exibição de botons (broches) e acessórios totalmente tendentes à vanglória, ostentação e ao exibicionismo, e assim, neles se cumpre o mesmo sentimento dos sacerdotes nos dias de Cristo (Mt 11:7-8; 23:1-12).

O livro do profeta Isaías traz uma sentença Divina digna de reflexão e atenção quanto ao uso de tais adereços:

Diz ainda mais o SENHOR: Porquanto as filhas de Sião se exaltam, e andam com o pescoço erguido, lançando olhares impudentes; e quando andam, caminham afetadamente, fazendo um tilintar com os seus pés;

Portanto o SENHOR fará tihoso o alto da cabeça das filhas de Sião, e o SENHOR porá a descoberto a sua nudez,

Naquele dia tirará o SENHOR os ornamentos dos pés, e as toucas, e adornos em forma de lua,

Os pendentos, e os braceletes, as estolas,

Os gorros, e os ornamentos das pernas, e os cintos e as caixinhas de perfumes, e os brincos,

Os anéis, e as jóias do nariz,

Os vestidos de festa, e os mantos, e os xales, e as bolsas.

Os espelhos, e o linho finíssimo, e os turbantes, e os véus.

E será que em lugar de perfume haverá mau cheiro; e por cinto uma corda; e em lugar de encrespadura de cabelos, calvície; e em lugar de veste luxuosa, pano de saco; e queimadura em lugar de formosura.

Teus homens cairão à espada e teus poderosos na peleja.

E as suas portas gemerão e prantearão; e ela, desolada, se assentará no chão. **Is 3:16-26; ACF.**

Embora essa sentença tenha um cumprimento parcial na história das hebréias, ela também reflete a insatisfação de Deus para com a vaidade e o uso de todas as joias e artigos mencionados no texto por parte de todas as mulheres, até em nossos dias.

A condenação de Israel não era simplesmente pela vaidade e ornamentos desnecessários, mas pelo afastamento do Senhor e adaptação aos “*costumes dos povos ao seu redor*” (Lv 20:23; Jr 10:3). O uso desses enfeites desnecessários era apenas um reflexo de que tinham abandonado seu Deus e escolhido outros *deuses*.

Isso reflete diretamente o que temos vivido em nossos dias. Muitas vezes somos levados pela influência do mundo ao nosso redor quanto às modas em vestuário, adornos, joias e até mesmo cortes de cabelo etc. Muitas vezes não nos fazemos a pergunta sobre qual é a vontade de Deus quanto ao que usamos como roupas ou coisas relacionadas a nossa aparência, mas consultamos à moda, “*os costumes dos povos ao nosso redor.*” Para nós é oportuna a exortação do discípulo amado:

Não ameis o mundo, nem o que no mundo há. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele.

Porque tudo o que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida, não é do Pai, mas do mundo.

E o mundo passa, e a sua concupiscência; mas aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre. **1 Jo 2:15-17; ACF.**

Muitos tem saído pelo mundo afora pregando uma mensagem diluída, insossa, que não reflete a completa vontade de Deus, e que não é apoiada pela genuína e verdadeira Escritura Sagrada. São muitas teorias e costumes que procuram amparo nas Escrituras, mas que na verdade não passam de suposições, ou até mesmo deduções baseadas em algo implícito, subjetivo, mas não realmente revelado. Não podemos tentar fazer adaptações ou aprimorar aquilo que está revelado pois correremos sérios riscos em distorcer uma verdade clara e objetiva que está explícita na Bíblia.

Dom de línguas

O dom de línguas é outro ensinamento bíblico que precisa ser muito bem compreendido para não incorremos no erro de pensar estar manifestando esse dom, mas não ser uma manifestação autêntica do verdadeiro dom de línguas. A primeira manifestação do dom de línguas na história da igreja foi no Pentecostes, relatado por Lucas no segundo capítulo de Atos.

Podemos notar que o contexto da manifestação desse dom teve como objetivo a pregação do evangelho aos judeus da diáspora (filhos de judeus que nasceram em outros países) que foram para a festa do Pentecostes e que falavam outros idiomas das nações em que nasceram, e também gentios (estrangeiros) que foram participar da festa do Pentecostes, e que não falavam o mesmo idioma dos discípulos, o hebraico. Note a detalhada narrativa desse evento histórico, profético e sobrenatural:

E, cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam todos concorde-mente no mesmo lugar;

E de repente veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados.

E foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles.

E todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem.

E em Jerusalém estavam habitando judeus, homens religiosos, de todas as nações que estão debaixo do céu.

E, quando aquele som ocorreu, ajuntou-se uma multidão, e estava confusa, porque cada um os ouvia falar na sua própria língua.

E todos pasmavam e se maravilhavam, dizendo uns aos outros: Pois quê! não são galileus todos esses homens que estão falando? Como, pois, os ouvimos, cada um, na nossa própria língua em que somos nascidos?

Partos e medos, elamitas e os que habitam na Mesopotâmia, Judéia, Capadócia, Ponto e Asia,

E Frígia e Panfília, Egito e partes da Líbia, junto a Cirene, e forasteiros romanos, tanto judeus como prosélitos,

A suplantação do mistério

Cretenses e árabes, todos nós temos ouvido em nossas próprias línguas falar das grandezas de Deus. **At 2:1-11; ACF.**

Como percebemos, a manifestação desse dom teve como objetivo a pregação do evangelho nos idiomas dos seguintes povos: *partos, medos, elamitas, mesopotâmios, judeus*, pessoas da *Capadócia, Ponto, Ásia, Frígia, Panfília, Egito e partes da Líbia, junto a Cirene, e forasteiros romanos, tanto judeus como prosélitos, Cretenses e árabes*. É mesmo impressionante que cada cidadão ouvisse o sermão em seu próprio idioma, não é mesmo?

Mas hoje o que se percebe em muitas igrejas é uma manifestação de um suposto dom de línguas, para pessoas de uma mesma língua, contrário à sua real finalidade.

Falando sobre o mesmo assunto, o Apóstolo Paulo declara a maneira em que o dom deve ser exercido para não haver confusão na igreja. No capítulo 14 da primeira carta aos Coríntios ele aborda a importância de falar línguas inteligíveis, ou seja, idiomas reconhecidos (v.9-10). Paulo também declarou que falar em outra língua não era algo de tanta importância, apesar dele saber falar em outras línguas, mas, não julgou ser algo tão necessário:

Dou graças ao meu Deus, porque falo mais línguas do que vós todos. Todavia eu antes quero falar na igreja cinco palavras na minha própria inteligência, para que possa também instruir os outros, do que dez mil palavras em língua desconhecida. **1 Co 14:18-19; ACF.**

Muitos pensam que enrolar a língua e falar uma porção de palavras desconexas é manifestar o dom de línguas, mas não é. A Bíblia deixa claro que: *“Há, por exemplo, tanta espécie de vozes no mundo, e nenhuma delas é sem significação.”* 1 Co 14:10; ACF. Temos que entender o que realmente significa falar em línguas para não deturpamos esse dom tão importante, falando palavras sem significado algum, que são definidas pelo dicionário⁹ como *glossolalia*, ou seja, pronúncia de palavras indecifráveis ou confusas.

Alimentação

A questão do apetite é também fonte de algumas controvérsias ao longo dos anos. Muitos também querem justificar seus maus hábitos alimentares dizendo: *“O que entra pela boca não contamina o homem”*. Mt 15:11. Se interpretarmos literalmente essa declaração podemos tomar até veneno ou outras substâncias entorpecentes, bebidas alcólicas etc. acreditando que isso não vai nos contaminar, mas essa não é a realidade.

Muitos interpretam mal essa citação de Jesus e querem justificar a liberação para se ingerir qualquer substância ou alimento. É importante observarmos o contexto ao qual Jesus se referia, que conforme o que é dito em Mt 15:1 e 2 trata-se de uma pergunta dos escribas e fariseus quanto ao fato de os discípulos não lavarem as mãos antes de comer.

Jesus então começou a repreender os fariseus e escribas quanto as suas tradições e rituais de purificação e lavagem das mãos, enquanto em contrapartida seu coração estava contaminado. Jesus não está aqui incentivando a falta de higiene e a alimentação impróprios, mas, citou isso, para repreender os hipócritas que tinham aparência de pureza, mas, interiormente, estavam podres moral e espiritualmente.

Outro texto citado pelos condescendentes com o apetite para justificar hábitos errôneos na alimentação é 1 Co 10:25, que diz: *“Comi de tudo quanto se vende no açougue, sem perguntar nada, por causa da consciência.”* Mais uma vez, um texto fora do contexto pode virar um pretexto para atitudes impróprias. Paulo aqui abordava a questão das carnes sacrificadas aos ídolos. Note o contexto da passagem bíblica citada:

Comi de tudo quanto se vende no açougue, sem perguntar nada, por causa da consciência. Porque a terra é do Senhor e toda a sua plenitude. E, se algum dos infiéis vos convidar, e quiserdes ir, comi de tudo o que se puser diante de vós, sem nada perguntar, por causa da consciência.

Mas, se alguém vos disser: Isto foi sacrificado aos ídolos, não comais, por causa daquele que vos advertiu e por causa da consciência; porque a terra é do Senhor, e toda a sua plenitude.

Digo, porém, a consciência, não a tua, mas a do outro. Pois por que há de a minha liberdade ser julgada pela consciência de outrem? E, se eu com graça participo, por que sou blasfemado naquilo por que dou graças?

Portanto, quer comais quer bebais, ou façais outra qualquer coisa, fazei tudo para glória de Deus. **1 Co 10:25-31; ACF.**

Claramente Paulo aqui se refere à questão de comer carnes sacrificadas aos ídolos, um costume de seu tempo. Os pagãos sacrificavam animais aos seus ídolos e aquelas carnes eram comidas por eles, muitas vezes essas carnes também eram vendidas nos açougues e alguém podia facilmente estar consumindo uma carne que foi sacrificada a algum ídolo. Mas o texto não trata da espécie de animal, da espécie de carne (limpa ou imunda, Levítico 11).

Paulo aqui está orientando aos coríntios a não se alimentarem dessas carnes (sacrificadas aos ídolos), para que a conduta desses irmãos não fosse blasfemada. O apóstolo Paulo arremata dizendo que precisamos através do nosso comer e beber, fazer tudo para glorificar a Deus. Isso nos mostra que é possível possuir hábitos alimentares que não glorificam a Deus. Disso o próprio Jesus, e posteriormente o apóstolo Paulo, nos advertiram quando falaram sobre a glotonaria e a embriaguez (Lc 21:34; Rm 13:13).

Outro texto muito utilizado para se defender a alimentação desregrada é o de Rm 14:2, que diz: *“Porque um crê que de tudo se pode comer, e outro, que é fraco, come legumes.”* Portanto, para muitos que leem esse texto, ser vegetariano é ser fraco, sem saúde. Mas aqui Paulo não estava falando de fraqueza física, mas de alguns que não estavam se alimentando de carne por sua consciência pesada (ou seja, fraqueza psicológica), com medo de comer carnes sacrificadas aos ídolos, que era o problema tratado por Paulo na época.

A Bíblia nos apresenta exemplos de pessoas que após um período se alimentando somente de legumes e água, ficaram muito

saudáveis, não somente física, mas principalmente intelectual e espiritualmente. Esse relato se encontra no livro de Daniel. Vejamos essa importante história:

E Daniel propôs no seu coração não se contaminar com a porção das iguarias do rei, nem com o vinho que ele bebia; portanto pediu ao chefe dos eunucos que lhe permitisse não se contaminar. Ora, Deus fez com que Daniel achasse graça e misericórdia diante do chefe dos eunucos.

E disse o chefe dos eunucos a Daniel: Tenho medo do meu senhor, o rei, que determinou a vossa comida e a vossa bebida; pois por que veria ele os vossos rostos mais tristes do que os dos outros jovens da vossa idade? Assim porias em perigo a minha cabeça para com o rei.

Então disse Daniel ao despenseiro a quem o chefe dos eunucos havia constituído sobre Daniel, Hananias, Misael e Azarias:

Experimenta, peço-te, os teus servos dez dias, e que se nos deem legumes a comer, e água a beber.

Então se examine diante de ti a nossa aparência, e a aparência dos jovens que comem a porção das iguarias do rei; e, conforme vires, procederás para com os teus servos.

E ele consentiu isto, e os experimentou dez dias.

E, ao fim dos dez dias, apareceram os seus semblantes melhores, e eles estavam mais gordos de carne do que todos os jovens que comiam das iguarias do rei.

Assim o despenseiro tirou-lhes a porção das iguarias, e o vinho de que deviam beber, e lhes dava legumes.

Quanto a estes quatro jovens, Deus lhes deu o conhecimento e a inteligência em todas as letras, e sabedoria; mas a Daniel deu entendimento em toda a visão e sonhos.

E ao fim dos dias, em que o rei tinha falado que os trouxessem, o chefe dos eunucos os trouxe diante de Nabucodonosor.

E o rei falou com eles; entre todos eles não foram achados outros tais como Daniel, Hananias, Misael e Azarias; portanto ficaram assistindo diante do rei.

E em toda a matéria de sabedoria e de discernimento, sobre o que o rei lhes perguntou, os achou dez vezes mais doutos do que todos os magos astrólogos que havia em todo o seu reino. **Dn 1:8-20; ACF.**

É surpreendentemente incrível a diferença entre os que se alimentavam com as iguarias do rei e do seu vinho, e Daniel e seus três amigos que se alimentaram de legumes e água. O relato menciona que eles foram achados bem mais saudáveis e inteligentes que os demais, dez vezes mais. Precisamos entender que o homem quando criado por Deus se alimentava de frutas e ervas (Gn 2:9, 16) e não de carne: “*E disse Deus: Eis que vos tenho dado toda a erva que dê semente, que está sobre a face de toda a terra; e toda a árvore, em que há fruto que dê semente, servos-á para mantimento.*” Gn 1:29; ACF. O alimento cárneo foi permitido por Deus apenas após o dilúvio (Gn 9:1-5).

Os que querem, porém, defender seu apetite pelas Escrituras servem-se de textos bíblicos fora do contexto. Muitos que utilizam a passagem de Rm 14 para apoiar suas justificativas se esquecem que em alguns versículos antes Paulo orienta-nos a não nos envolver em gluttonarias e bebedices: “*Andemos honestamente, como de dia; não em gluttonarias, nem em bebedeiras, nem em desonestidades, nem em dissoluções, nem em contendas e inveja.*” Rm 13:13; ACF.

Paulo também aconselha em outro texto: “*Bom é não comer carne, nem beber vinho, nem fazer outras coisas em que teu irmão tropece, ou se escandalize, ou se enfraqueça.*” Rm 14:21; ACF. Outra importante exortação é dada pelo sábio Salomão: “*Não estejas entre os beberrões de vinho, nem entre os comilões de carne.*” Pv 23:20; ACF.

Mas para justificar uma alimentação que nos apetece somos tentados a defender somente textos que aparentemente nos apoiam nesse comportamento: “*Eu sei, e estou certo no Senhor Jesus, que nenhuma coisa é de si mesma imunda, a não ser para aquele que a tem por imunda; para esse é imunda.*” Rm 14:14; ACF, ou também esse: “*Porque o reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo.*” Rm 14:17; ACF. Mas precisamos entender toda a abordagem de Paulo no contexto em que ela foi apresentada: resolver a dissensão entre

os que comiam ou não carne sacrificadas aos ídolos, pois foi essa a motivação de toda essa abordagem do apóstolo.

Pedro também apresenta situação semelhante através da visão do lençol contendo muitos animais considerados impuros na Bíblia. A história é intrigante pois, aparentemente Pedro é orientado a matar e comer uma porção de animais que ele, como judeu, era orientado a não comer. Ele ainda ouve uma voz do céu dizendo que não deveria considerar impuro o que Deus purificou:

E no dia seguinte, indo eles seu caminho, e estando já perto da cidade, subiu Pedro ao terraço para orar, quase à hora sexta.

E tendo fome, quis comer; e, enquanto lho preparavam, sobreveio-lhe um arrebatamento de sentidos, e viu o céu aberto, e que descia um vaso, como se fosse um grande lençol atado pelas quatro pontas, e vindo para a terra.

No qual havia de todos os animais quadrúpedes e feras e répteis da terra, e aves do céu.

E foi-lhe dirigida uma voz: Levanta-te, Pedro, mata e come.

Mas Pedro disse: De modo nenhum, Senhor, porque nunca comi coisa alguma comum e imunda.

E segunda vez lhe disse a voz: Não faças tu comum ao que Deus purificou. E aconteceu isto por três vezes; e o vaso tornou a recolher-se ao céu. **At 10:9-16; ACF.**

Entretanto, se pararmos por aqui, o relato realmente nos levaria a crer que somos autorizados por Deus a comer a carne de qualquer animal. Mas o relato continua revelando que Deus queria fazer com que Pedro compreendesse que não deveria considerar os gentios como indivíduos “*imundos*”, ou seja, indignos de serem alcançados pelo evangelho.

Isso se evidencia no verso que diz: “*E disse-lhes: Vós bem sabeis que não é lícito a um homem judeu ajuntar-se ou chegar-se a estrangeiros; mas Deus mostrou-me que a nenhum homem chame comum ou imundo.*” At 10:28; ACF.

Nos dias atuais está mais que comprovada a importância de uma alimentação vegetariana, pois a mesma promove o saudável desenvolvimento e funcionamento do organismo. Quando se

diz que é apenas o que sai da boca que contamina o homem, precisamos entender que Jesus está se referindo não à contaminação física, mas à contaminação moral (“...*maus pensamentos, mortes, adultérios, fornicação, furtos, falsos testemunhos e blasfêmias*, Mt 15:19; ACF).

Está mais que comprovado que uma série de alimentos podem sim contaminar o organismo a ponto de causar doenças e moléstias sem fim, basta para isso ser submetido a uma dieta médica restritiva para se constatar que muito do que se come causa males como *arteriosclerose* e *colesterol*, devido ao excesso de gordura animal, ocasionando o entupimento de artérias e problemas coronarianos; o uso excessivo de açúcar podendo causar *diabetes*; excesso de sal na alimentação, podendo causar *hipertensão*; devido à alimentação excessiva, a chamada *gluttonaria*, podendo ocasionar a *obesidade*, mas que independentemente das consequências é condenada na Palavra de Deus (Lc 21:34; Rm 13:13; Gl 5:21; 1Pe 4:3); e também o temido *botulismo*, devido à contaminação de alimentos pela bactéria *Clostridium botulinum*, dentre outras doenças. Dessa forma percebemos claramente que muito do que entra pela boca pode sim contaminar fisicamente o homem, não moralmente, mas fisicamente com certeza, sem nenhuma sombra de dúvidas.

“Cair do cavalo”

Outra hipótese, defendida por tradições e suposições especulativas, refere-se à um evento que nos faz lembrar até de um conhecido ditado popular: “*Cair do cavalo*”. Não quero aqui conjecturar sobre a origem desse ditado, mas é certo que muitos ao lerem a passagem de At 9:4 imaginam o até então Saulo de Tarso (Paulo) caindo de um cavalo. Mas note o que o texto diz:

E Saulo, respirando ainda ameaças e mortes contra os discípulos do Senhor, dirigiu-se ao sumo sacerdote.

E pediu-lhe cartas para Damasco, para as sinagogas, a fim de que, se encontrasse alguns deste Caminho, quer homens quer mulheres, os conduzisse presos a Jerusalém.

E, indo no caminho, aconteceu que, chegando perto de Damasco, subitamente o cercou um resplendor de luz do céu.

E, caindo em terra, ouviu uma voz que lhe dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues?

E ele disse: Quem és, Senhor? E disse o Senhor: Eu sou Jesus, a quem tu persegues. Duro é para ti recalçar contra os aguilhões. E ele, tremendo e atônito, disse: Senhor, que queres que eu faça? E disse-lhe o Senhor: Levanta-te, e entra na cidade, e lá te será dito o que te convém fazer.

E os homens, que iam com ele, pararam espantados, ouvindo a voz, mas não vendo ninguém.

E Saulo levantou-se da terra, e, abrindo os olhos, não via a ninguém. E, guiando-o pela mão, o conduziram a Damasco. **At 9:1-8; ACF.**

Simple e claro não é mesmo? Como vimos o texto sagrado nos diz que ele estava “*indo no caminho*” e não menciona que ele estava a cavalo. Em seguida o texto discorre o desenrolar do evento mencionando como foi sua queda: “*caindo em terra*”. Mais uma vez quero chamar sua atenção para o perigo de ultrapassar o que está escrito na Revelação (1 Co 4:6), que inclusive é um conselho do próprio apóstolo Paulo. Aparentemente isso não interfira muito em nenhum ensinamento doutrinário, mas, como você verá adiante, se continuar a leitura (como pretendo que o faça), perceberá que essas concessões e adaptações das Escrituras Sagradas podem comprometer verdades de profunda importância para nossa compreensão sobre Deus e Sua vontade, desviando-nos dos retos ensinamentos.

O texto de Atos continua dizendo que Saulo (Paulo), “*levantou-se da terra*” e após ter ficado com uma cegueira temporária por causa da luz intensa de Jesus, teve o auxílio dos que com ele estava, que “*guiando-o pela mão, o conduziram a Damasco*.” (At 9:8; ver sua cura no v.18). Se eles o guiaram pela mão onde ficaram os cavalos? Apesar de ser um simples detalhe serve para

despertar nossa reflexão para futuras considerações.

Morte, necromancia etc.

Outra forma de distorcer a Revelação é atribuindo significados interpretativos àquilo que não condiz com a visão geral da Bíblia, ou seja, seu respaldo total. Cito como exemplo a questão da imortalidade da alma, a ideia de que o homem não morre, mas passa por esferas mais avançadas de existência, segundo os adeptos dessa teoria.

Existem alguns textos bíblicos que são usados de forma isolada e distorcida para amparar essa suposição, um deles é o relato de Saul e a feiticeira de En-Dor, onde supostamente Samuel retorna do mundo dos mortos e entretém uma conversa franca e aberta com Saul numa seção mediúnica clássica.

Este relato se encontra em 1Sm 28 e demonstra claramente a realização de uma sessão espírita onde Samuel “retorna” do “além” para conversar com Saul, que em desespero tenta buscar respostas diante de uma situação de guerra. No relato, muito valorizado pelos modernos adeptos da prática mediúnica, a feiticeira, enganadoramente, declara o seguinte com relação a Samuel: *“Vem subindo um homem ancião, envolto numa capa. Entendendo Saul que era Samuel, inclinou-se com o rosto em terra, e se prostrou.”* 1 Sm 28:14; ACF.

Você pode ler todo o relato se quiser, mas eu quero chamar sua atenção para um simples detalhe. Quando a mulher declara ter visto *“um homem ancião, envolto numa capa”*, ela não cita o nome de quem estava vendo. Saul em sua ansiedade e cegueira espiritual deduz ser o falecido Samuel e já se coloca em uma predisposição de aceitar o que “ele” tem a lhe falar e até se curva perante “ele”, atitude típica de adoração que só é devida à Divindade, sendo dessa forma induzido e enganado pelo espírito de demônio que apareceu no espectro de Samuel. Isso para Satanás e seus anjos é muito fácil, pois mesmo eles sendo seres das trevas podem se transfigurar em anjos de luz, quanto mais em uma forma humana (2 Co 11:14-15). Mas, quem por eles e seus

médiuns são enganados, a ponto de consultar mortos demonstram que não possuem a luz da verdade (Is 8:19-20).

Deus havia revelado claramente que abomina esse tipo de consulta espiritual (Dt 18:10-14) e o próprio Saul havia, no início, atendido a ordem divina e “*expulsado do país os médiuns e os espíritos.*” 1 Sl 28:3; NVI). Mesmo assim Saul em seu desespero e teimosia se submete a ser enganado. Note a advertência divina dada muitos anos antes desse evento ocorrido na caverna de Endor em que Saul se envolveu:

Não permitam que se ache alguém entre vocês que queime em sacrifício o seu filho ou a sua filha; que pratique adivinhação, ou dedique-se à magia, ou faça presságios, ou pratique feitiçaria ou faça encantamentos; que seja médium ou espírita ou que consulte os mortos. O Senhor tem repugnância por quem pratica essas coisas, e é por causa dessas abominações que o Senhor, o seu Deus, vai expulsar aquelas nações da presença de vocês. **Dt 18:10-12; NVI.**

Dessa forma Saul se expôs aos disfarces astutos de Satanás, ou seja, escolheu voluntariamente ser enganado quando Deus havia advertido claramente a abominação dessas práticas. Saul se colocou em terreno onde facilmente poderia ser enganado, como de fato foi, assim como Eva, que escolheu voluntariamente se aproximar da árvore da ciência do bem e do mal. Esse e outros pecados de Saul causaram sua derrota e morte (1 Cr 10:13-14).

Percebemos que já na entrada do pecado nesse mundo essa mentira de que o homem não morre já teve um considerável êxito na história humana, pois a mesma mentira foi facilmente aceita por Eva no jardim do Éden, quando Satanás, por meio da serpente (o 1º médium) disse à mulher: “*É certo que não morreréis... mas sereis como Deus...*” Gn 3:4 e 5; ACF.

Desde então essa mentira tem sido propagada ao longo dos séculos, ganhando adeptos em todo o mundo, inclusive no meio supostamente cristão. Mas as Escrituras são claras, revelando que a alma que pecar, essa morrerá (Ez 18:4) e que por sua vez todos pecaram e por isso a morte passou a todos os homens (Rm 3:23;

5:12). Declara que aos homens está destinado morrerem somente uma vez, estando depois disso sujeitos ao juízo (Hb 9:27).

E muitos outros textos como estes são claros quanto ao estado do homem na morte, não passando de pó, como era no princípio, quando veio do pó (Gn 3:19; 2 Sm 12:22 e 23; Jô 7:9-10; 14:7-15; Sl 6:5; 30:9; 88:10-13; 89:48; 104:29; 115:17; Ec 3:19-22; 9:5, 6, 10; Is 38:18). Deus não nos criou para morrer, mas a morte passou a fazer parte da experiência humana com a entrada do pecado. Por isso Jesus Cristo, o imaculado Filho de Deus, veio a esse mundo para nos dar a oportunidade de viver eternamente se o aceitarmos como nosso salvador e exemplo (Mt 1:21; 24:13; Lc 19:10; Jo 3:16; 5:25-29; 11:25; 1Co 15:50-52; 1 Ts 4:13-17; 1 Jo 5:11-13; Ap 20:5 e 6).

Arrebatamento

Uma outra teoria “cristã” tem ganhado muita força nas últimas décadas. É o ensinamento do *arrebatamento secreto*. Alguns textos são usados para defender essa teoria (Mt 24:40; Lc 17:34, 36). Até mesmo literatura sobre o assunto foi amplamente difundida através da série de livros de ficção cristã “*Left Behind*” (“*Deixados para trás*” título em português), dos autores Tim LaHaye e Jerry B. Jenkins, ganhando projeção nas telas do cinema pelo tamanho sucesso e aceitação do público evangélico.

Com certeza essa é no mínimo uma das maiores gafes bíblicas de todos os tempos, ou, no máximo, um perverso sofisma enganador. Para comprovar basta o leitor e pesquisador atento fazer uma busca pelas palavras *arrebatamento* na Bíblia e comprovar por si mesmo que nada relacionado ao arrebatamento é silencioso, secreto ou misterioso. Nem os próprios textos usados para defender a teoria mencionam algo assim, misterioso.

Por exemplo, a passagem de Mt 24:40-41 (ACF) diz o seguinte: “*Então, estando dois no campo, será levado um, e deixado o outro; estando duas moendo no moinho, será levada uma, e deixada outra.*” Notem que aqui Jesus não faz nenhuma referência a termos como: *arrebatamento*, *desaparecimento*, *ida*

para o céu, etc. O problema é que muitos conjecturam sobre passagens isoladas. O texto também não diz o intervalo de tempo em que um será tomado e o outro deixado, não diz que os que forem deixados estarão vivos, ou serão deixados mortos.

Note agora todo o contexto, Jesus aqui pregava sobre sua segunda vinda e fez uma comparação da mesma com os dias de Noé e da separação deste e sua família dos demais antediluvianos:

Porquanto, assim como, nos dias anteriores ao dilúvio, comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, e não o perceberam, até que veio o dilúvio, e os levou a todos, assim será também a vinda do Filho do homem. Então, estando dois no campo, será levado um, e deixado o outro; Estando duas moendo no moinho, será levada uma, e deixada outra. Vigiai, pois, porque não sabeis a que hora há de vir o vosso Senhor. **Mt 24:38-42; ACF.**

Se levarmos essa citação ao pé da letra poderemos até concluir que a metade das pessoas do planeta irá se salvar (entre duas, uma ficará e outra será levada), mas essa proporção não é literal, apenas comparativa.

Jesus utiliza a história de Noé para dizer que da mesma forma que Noé e sua família entraram na arca e os outros ficaram de fora, o mesmo se dará na volta de Cristo. Outro detalhe é que a família de Noé foi “*tomada*” e o resto dos habitantes do mundo foram “*deixados*”, mas somente sete dias depois veio o dilúvio (Gn 7:7-10), ou seja, houve um intervalo de dias em que os dois grupos ficaram na Terra. Se compararmos podemos concluir que a divisão de *levados* e *deixados* pode acontecer primeiro na Terra, para depois os *deixados* morrerem e os *levados* serem arrebatados.

Mas precisamos perceber que o contexto da volta de Cristo não é somente retratado por essa passagem, lembrem-se que é importante compararmos muitas passagens que falam do mesmo tema para uma melhor compreensão do que Deus quer nos dizer através de Sua Palavra. Note por exemplo essa parábola que Jesus conta sobre a separação de quem vai subir e quem vai ficar:

A suplantação do mistério

E quando o Filho do homem vier em sua glória, e todos os santos anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória; e todas as nações serão reunidas diante dele, e apartará uns dos outros, como o pastor aparta dos bodes as ovelhas; e porá as ovelhas à sua direita, mas os bodes à esquerda. **Mt 25:31-33; ACF.**

Note agora que tudo será feito na presença de todos, nada às escondidas, nada em oculto, porque Jesus não fez nada em oculto no seu ministério terrestre (Jo 18:20), não continua fazendo no seu ministério celestial (Hb 4:14; 10:10-13) e também não fará nada oculta e misteriosamente em sua segunda vinda, note:

Porque o mesmo Senhor descera do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro.

Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arreatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor. **1 Ts 4:16-17; ACF.**

O que te parece esse evento, caro leitor? Parece algo secreto, misterioso, silencioso e invisível? Parece algo como o que foi retratado nos filmes da série *Deixados para trás*¹⁰ em que várias pessoas em um avião e em outras partes de todo o mundo desaparecem misteriosamente, deixando todos os demais perplexos e inicialmente sem explicação para o fenômeno? Mas será que é assim que os salvos serão arrebatados? Não, não é isso que vemos no relato bíblico acima.

O texto é claro em afirmar que o Salvador virá com *alarido* (barulho) da *trombeta de Deus*. Isso te parece algo silencioso e invisível como apresentado pelos adeptos do arrebatamento secreto? Outros textos dão conta de que esse dia será bem visível e audível não somente para uns, mas para todos:

Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem; e todas as tribos da terra se lamentarão, e verão o Filho do homem, vindo sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória.

E ele enviará os seus anjos com rijo clamor de trombeta, os quais ajuntarão os seus escolhidos desde os quatro ventos, de uma à outra extremidade dos céus. **Mt 24:30-31; ACF.**

A cena apresentada aqui por Jesus é muito mais nítida e reveladora que qualquer filme da série *Deixados para trás*. Termos como “*todas as tribos da terra...*”, “*verão o Filho do homem, vindo sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória*” deixam até estupefatos quaisquer roteiristas hollywoodianos. Lamentável que não tentem no mínimo retratar toda a verdade e triste que o que mais vendagem alcança seja literatura e filmes contendo erros e equívocos contrários à toda a revelação das Escrituras. Um “*rijo clamor de trombeta*” com anjos pela vastidão do céu reunindo os escolhidos não me parece ser algo como retratado pela teoria do arrebatamento secreto! Não sei a você, estimado leitor, o que parece? Ou você não acredita que “*todo olho o verá*” vir nas nuvens do céu (Ap 1:7)?

Poderia ser, esta forma de entender o arrebatamento, uma estratégia de Satanás para que quando algo semelhante acontecer as pessoas pensem que não existe mais oportunidade de salvação? Ou que enganadoramente digam que Jesus já voltou e não fiquem atentas quanto à verdadeira vinda de Cristo? Não duvido dessa hipótese, pois até mesmo as ditas abduções alienígenas podem ser um ensaio para esse estratagema por parte dos anjos caídos para enganar se possível os próprios escolhidos.

Até aqui temos visto que *as coisas reveladas* podem ser facilmente confundidas e modificadas. Mas quando analisamos sem opiniões pré-concebidas descobrimos que a Revelação não dá margem para que apliquemos essa ou aquela interpretação. Devemos deixar as próprias Escrituras Sagradas se explicar. Sendo assim, queremos agora abordar outra questão muito séria, relacionada à *sexualidade* e ao *casamento*.

Sexualidade

O primeiro casamento foi feito por Aquele que não pode errar: Deus. E no princípio, as Escrituras nos dizem que Ele os criou à Sua imagem e semelhança (Gn 1:26 e 27), “*homem e mulher os criou*” (Gn 1:27; ACF; ARA; BJ; NTLH; NVI e NBV), ou “*macho e fêmea*” segundo outras traduções (ARC; BJC; BKJ;

MSG e TEB). Assim, temos nessa declaração e na própria percepção da natureza humana um fato inegável: não existe uma terceira opção, ou um terceiro gênero, apenas macho e fêmea. Não existe possibilidade de reprodução entre pessoas do mesmo sexo. Deus criou apenas *macho* e *fêmea*, o *homossexualismo* é uma deturpação pecaminosa. Talvez isso soe ofensivo, mas essa é uma simples e natural situação que não é possível desmentir, mesmo que se tente apoiar, ensinar e até criar leis em seu apoio.

As Escrituras são claras quanto à verdadeira união matrimonial, que só é natural entre um homem e uma mulher. O que passa disso é antinatural, contrário ao plano de Deus para o ser humano. O homossexualismo é uma prática tão contrária à vontade de Deus que nas Escrituras existem repreensões diretas à essa prática, não somente a essa, mas a algumas outras deturpações sexuais. No capítulo 18 de Levítico o Senhor apresenta uma série de situações sexuais contrárias à Sua vontade, leia todo o capítulo. Quero destacar alguns versículos em loco para vermos o que podemos aprender nessa passagem da Bíblia. Veja como o SENHOR é bem claro quanto à sua aversão a todas as práticas citadas nessa passagem das Escrituras:

Ninguém poderá se aproximar de uma parenta próxima para se envolver sexualmente com ela. Eu sou o SENHOR. [...]

Não se envolva sexualmente com uma mulher e sua filha. Não se envolva sexualmente com a filha do seu filho ou com a filha da sua filha; são parentes próximos. É perversidade. [...]

Não se deite com um homem como quem se deita com uma mulher; é repugnante.

Não tenha relações sexuais com um animal, contaminando-se com ele. Mulher nenhuma se porá diante de um animal para ajuntar-se com ele; é depravação. **Lv 18:6, 17, 22-23; NVI.**

Vemos claramente, por essas citações que é abominável à Deus pessoas que praticam relações sexuais incestuosas (entre parentes), zoofilia, homossexualismo etc. Essas práticas sexuais depravadas eram punidas com a morte na sociedade hebraica como mencionado no capítulo 20 de Levítico (Lv 20:10-16). Para muitos em nossos tempos isso parece ultrapassado.

Outros textos bíblicos são claros quanto à abominação do homossexualismo perante Deus, declarando que aqueles que o praticam pecam gravemente contra Ele e se excluem do céu, note:

Por isso Deus os abandonou às paixões infames. Porque até as suas mulheres mudaram o uso natural, no contrário à natureza. E, semelhantemente, também os homens, deixando o uso natural da mulher, se inflamaram em sua sensualidade uns para com os outros, homens com homens, cometendo torpeza e recebendo em si mesmos a recompensa que convinha ao seu erro. [...] Os quais conhecendo a justiça de Deus (que são dignos de morte os que tais coisas praticam), não somente as fazem, mas também consentem aos que as fazem. **Rm 1:26, 27 e 32; ACF.**

Como podemos notar na expressão “*uso natural*” isso se reflete lá no passado, na criação, quando Deus os fez “*macho e fêmea*” e os uniu como “*homem e mulher*”, este que é o “*uso natural*” a que se refere o apóstolo Paulo em sua carta aos romanos, fazendo referência à criação original de Deus.

No entanto hoje em dia existem até seguimentos supostamente religiosos voltados para homossexuais, coisa que nunca foi do agrado de Deus e de Seu consentimento. Por isso o alerta divino: “*Não erreis: nem os devassos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os sodomitas,¹¹ nem os ladrões nem os avarentos, nem os bêbados, nem os maldizentes, nem os roubadores herdarão o reino de Deus.*” 1 Co 6:10; ACF.

Casamento

Outra questão importantíssima quanto a esse assunto de casamento e relações sexuais diz respeito ao divórcio e múltiplos casamentos. Na sociedade pós-moderna em que vivemos o casamento tem sido uma instituição bem vulnerável. A sentença “*até que a morte os separe*” tem sido quase que uma piada de mau gosto para muitos que contraem o matrimônio. A máxima parece ter mudado para: “*até que o adultério os separe*” ou “*até que as intrigas os separe*” e finalmente “*até que o divórcio os separe*” definitivamente.

Alguns casamentos têm durado menos que a primeira botija de gás do casal, principalmente se os dois comem mais fora do que em casa, fazendo desta instituição de origem divina uma banalidade cada vez mais crescente. No entanto Deus declara em Sua Palavra o seguinte a respeito do divórcio: “*‘Eu odeio o divórcio’, diz o SENHOR, o Deus de Israel ...*” MI 2:16 p.p.; NVI.

O profeta Malaquias aqui faz uma séria declaração da parte de Deus contra um costume dos hebreus, instituído sob a liderança de Moisés (Dt 24:1-4), o de dar carta de *divórcio* e liberar a esposa do compromisso matrimonial.

Mais tarde, no ministério de Cristo Ele se defrontou com essa questão e foi-lhe perguntado pelos fariseus: “*É lícito ao homem repudiar sua mulher por qualquer motivo?*” Mt 19:3 ú.p.; ACF. Jesus então cita-lhes a origem do casamento e o ideal de Deus para essa instituição: “*Ele, porém, respondendo, disse-lhes: Não tendes lido que aquele que os fez no princípio macho e fêmea os fez ... ?*” Mt 19:4-5; ACF.

Aqui temos os indivíduos que devem compor, pelos laços do matrimônio, um casal, como temos mencionado até aqui, um casal entre homem e mulher, e não entre pessoas do mesmo sexo. Mas outro detalhe é que Jesus, nessa citação, quer levar os seus inquiridores ao entendimento de que o casamento é indissolúvel perante Deus, nos termos que seguem:

“*E disse: Portanto deixará o homem pai e mãe, e se unirá a sua mulher, e serão os dois uma só carne? Assim como não são mais dois, mas uma só carne. Portanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem.*” Mt 19:5-6; ACF.

Dessa forma, Jesus responde-lhes que o casamento não é algo tão trivial a ponto de poder ser dissolvido de forma banal, que a formação de um casal em uma só carne (conjunção carnal) é algo tão sério porque foi efetuada por Deus essa união, algo que o homem não deve separar. No entanto, as próprias religiões casam e recasam as pessoas na maior naturalidade.

Querendo racionalizar com Jesus os fariseus continuaram a inquiri-lo com a pergunta: “*Então porque mandou Moisés dar-lhe carta de divórcio, e repudiá-la?*” Mt. 19:7; ACF.

Então Jesus explica por que Moisés deu a lei do divórcio (*repúdio*), e diz: “*Moisés, por causa da dureza dos vossos corações, vos permitiu repudiar vossas mulheres; mas ao princípio não foi assim.*” Mt 19:8; ACF. Vemos que aqui Jesus mostra o ideal de Deus e Sua vontade em contraste com a vontade humana e a dureza do nosso coração. Para entender um pouco mais essa antiga lei instituída sob a liderança de Moisés, vamos fazer um parêntese em nossa abordagem dessa passagem de Mt 19 e analisar a lei do divórcio de Dt 24. A referida lei diz o seguinte:

Quando um homem tomar uma mulher e se casar com ela, então será que, se não achar graça em seus olhos, por nela encontrar coisa indecente, far-lhe-á uma carta de repúdio, e lha dará na sua mão, e a despedirá da sua casa.

Se ela, pois, saindo da sua casa, for e se casar com outro homem, e este também a desprezar, e lhe fizer carta de repúdio, e lha der na sua mão, e a despedir da sua casa, ou se este último homem, que a tomou a si por mulher, vier a morrer, então seu primeiro marido, que a despediu, não poderá tornar a tomá-la, para que seja sua mulher, depois que foi contaminada; pois é abominação perante o SENHOR; pois assim não farás pecar a terra que o SENHOR teu Deus te dá por herança. **Dt. 24:1-4; ACF.**

Note que uma mulher divorciada e casada com outro era considerada “*contaminada*”. Essa é a lei do divórcio que os fariseus mencionaram justificando a Jesus a liberação para desmanchar um matrimônio constituído. Mas ao longo dos tempos essa lei apresentou pelo menos duas formas de interpretação. Essas duas formas de interpretação são identificadas pelas escolas dos rabinos *Hillel* e *Shammai*¹², antepassados de Jesus.

A escola de Hillel defendia a tese de que qualquer motivo era justificável para se desfazer um casamento, o que nos faz lembrar da pergunta dos fariseus a Jesus: “*É lícito ao homem repudiar sua mulher por qualquer motivo?*” Mt 19:3 ú.p.; ACF. Provavelmente eles (fariseus que inquiriram Jesus) eram adeptos dessa interpretação da lei do divórcio de Dt 24:1-4.

Por outro lado, a escola de Shammai só admitia o divórcio se o marido descobrisse, antes de ter a primeira relação com ela,

que a esposa não era mais virgem, o que segundo o entendimento de alguns se deduz da frase escrita por Moisés: *“por nela encontrar coisa indecente”* Dt 24:1; ACF.

Outras versões apresentam o motivo nestes termos: *“por nela achar coisa feia”* (ARC); *“coisa que o envergonhe”* (TEB); *“por ela lhe ter feito alguma coisa ofensiva”* (BJC); *“porque viu nela algo de inconveniente”* (BJ); *“por encontrar nela algo que ele reprova”* (NVI); *“porque há nela alguma coisa que não agrada a ele”* (NTLH); *“não gostar de alguma coisa nela”* (NBV); *“porque encontrou algo de errado em sua esposa”* (MSG), todas dando margem para qualquer motivo.

Por esses indicativos somos induzidos a pensar que realmente qualquer motivo era plausível, segundo essa lei mosaica do divórcio (repúdio), para dissolver uma instituição tão sagrada.

Mas se isso fosse tão certo e aceitável, por que os fariseus perguntaram a Jesus se o homem podia separar de sua esposa *por qualquer motivo*? Se essa lei mosaica fosse algo tão claro, por que havia essa discussão a ponto de existirem pelo menos duas linhas de interpretação sobre essa lei entre os judeus?

A resposta parece estar nas próprias palavras de Jesus. Voltemos agora ao texto de Mateus 19 para ver o que Jesus lhes respondeu: *“Eu vos digo, porém, que qualquer que repudiar sua mulher, não sendo por causa de fornicção, e casar com outra, comete adultério; e o que casar com a repudiada também comete adultério.”* Mt 19:9; ACF. Esse texto precisa ser muito bem entendido para que se compreendam os termos sem desconsiderar a cultura e costumes de origem do mesmo. Nos dias de Cristo o compromisso do noivado era tão sério quanto o casamento, a ponto de homem e mulher já serem considerados casados. Isso acontecia geralmente quando uma moça era prometida em casamento a um determinado homem.

Podemos notar esse importante costume cultural no caso dos pais de Jesus, José e Maria. O relato do casamento deles nos apresenta detalhes importantes para entendermos Mt 19:9. O texto diz o seguinte: *“Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi assim: Estando Maria, sua mãe, desposada com José, antes de se*

ajuntarem, achou-se ter concebido do Espírito Santo.” O texto, então, continua mencionando a reação de José: “*Então José, seu marido, como era justo, e a não queria infamar, intentou deixá-la secretamente.*” Mt 1:18 e 19; ACF.

Alguns detalhes são importantes demais para deixarmos escapar sem uma atenta consideração. O evangelista Mateus nos informa em seu relato que Maria estava *desposada* com José. A palavra grega referente a esse termo é *mnesteuo*¹³, que significa “*promessa ou compromisso – cônjuje*”. O comentarista STERN (p.26, 2008), por sua vez, referindo-se ao termo utilizado na citação (*desposada*), menciona o seguinte:

18. Comprometida. A palavra hebraica/aramaica para noivado é “*kiddushin*”, que significa “santificação, separação”, ou seja, a separação de uma mulher em particular para um homem em particular. De acordo com o Mishna, o adultério durante o período de noivado é um pecado mais sério do que depois do casamento.

O Mishna especifica quatro tipos de pena de morte, em ordem descendente de seriedade: apedrejamento, ateamento de fogo, decapitação e estrangulamento (Sanhedrin 7:1). Um homem que tem relações sexuais com uma mulher noiva é submetido a mesma punição que alguém que teve relações com sua mãe, ou seja, o apedrejamento (Sanhedrin 7:1). Aquele que se relacionou sexualmente com a esposa de outro homem é passível de morte por estrangulamento (Sanhedrin 7:11).

Hoje, com o objetivo de eliminar parcialmente a possibilidade de cometer esse grave pecado, o noivado judeu formal (*Kiddushin* ou ‘*erusin*) e o casamento (*nisu'in*) geralmente são combinados numa única cerimônia.

Vemos desse modo que José tinha razões plausíveis para deixar Maria, se a gravidez dela não fosse algo divino. Ademais, o texto é claro em afirmar que “*antes de se ajuntarem*”, ou seja, antes de haver conjunção carnal entre eles, Maria se achou “*ter concebido do Espírito Santo*”, por isso, sem ainda saber o que acontecera, José “*intentou deixá-la secretamente.*”

O que queremos dizer com os detalhes do exemplo desse importante casamento? Que precisamos diferenciar *fornicação* de

adultério. Vamos tomar por base a compreensão do texto em que Jesus responde aos fariseus sobre a questão do divórcio. No versículo que já citamos (Mt 19:9), Jesus alega que “*não sendo por causa de fornicção*” um homem não podia deixar sua mulher e se casar com outra. O detalhe é que essa palavra varia de uma versão para outra.

Por exemplo a ARA menciona “*relações sexuais ilícitas*”; já a ARC diz “*prostituição*”. A palavra usada nesse texto no idioma grego pode envolver diversos tipos de relações sexuais ilícitas. Vejamos o significado da palavra fornicção de acordo com STRONG (p.2754, 2002), como sendo:

4202 πορνεία porneia

de 4203; TDNT - 6:579,918; nf

1) relação sexual ilícita

1a) adultério, fornicção, homossexualidade, lesbianismo, relação sexual com animais etc.

1b) relação sexual com parentes próximos; Lv 18

1c) relação sexual com um homem ou mulher divorciada; Mc 10.11-12

2) metáf. adoração de ídolos.

2a) da impureza que se origina na idolatria, na qual se incorria ao comer sacrifícios oferecidos aos ídolos.

Como vimos nessa definição a palavra tem um sentido muito amplo e ao que tudo indica Jesus estava dizendo que uma noiva (pois o noivado na cultura judaica é tão sério quanto o casamento) que se envolvesse em fornicção (*porneia*) automaticamente seria punida pela sentença da lei judaica e o noivo estaria livre para se casar com outra sem cometer *adultério*, que é a outra palavra traduzida do termo *moicheia*, que analisaremos agora.

Note a definição do mesmo STRONG (p.2589, 2002):

3430 μοιχεία moicheia

de 3431; TDNT – 4:729; nf

1) adultério

Vemos que o significado de *moicheia* é bem mais simples, *adultério*, ou seja, relação sexual extra-conjugal, situação amplia-

da por Jesus indicando o adultério até mesmo ao se olhar para uma mulher com intenção impura no coração (Mt 5:27-28).

Portanto, podemos concluir que o casamento é uma instituição indissolúvel, sendo anulada somente com a morte. Essa seriedade e indissolubilidade do casamento, colocada por Jesus diante dos fariseus, suscitou a seguinte pergunta dos seus discípulos: “*Se assim é a condição do homem relativamente à mulher, não convém casar*” Mt 19:10; ACF.

E é aqui que entra a grande questão: se o divórcio dá direito a quantos casamentos posteriores quisermos porque os discípulos se assustaram a ponto de fazer tal afirmação? O fechamento dessa questão por Jesus foi ainda mais conclusivo:

Ele, porém, lhes disse: Nem todos podem receber essa palavra, mas só aqueles a quem foi concedido.

Porque há eunucos que assim nasceram do ventre da mãe; e há eunucos que foram castrados pelos homens; e há eunucos que se castraram a si mesmos, por causa do reino dos céus. Quem pode receber isto, receba-o. **Mt 19:11-12; ACF.**

Em outras palavras, quem for capaz de ficar sem mulher, que fique, quem não for, que case, mas sabendo que os dois se tornam uma só carne e que essa união feita por Deus não deve ser separada pelo homem. Jesus, então, deixa claro que não existe respaldo divino para divórcio e novo casamento.

Vários outros textos são enfáticos quanto a isso. Citando o mesmo incidente de Jesus com os fariseus, os outros evangelistas são taxativos:

E, levantando-se dali, foi para os termos da Judéia, além do Jordão, e a multidão se reuniu em torno dele; e tornou a ensiná-los, como tinha por costume.

E, aproximando-se *dele* os fariseus, perguntaram-lhe, tentando-o: É lícito ao homem repudiar sua mulher?

Mas ele, respondendo, disse-lhes: que vos mandou Moisés?

E eles disseram: Moisés permitiu escrever carta de divórcio e repudiar. E Jesus respondendo, disse-lhes: Pela dureza dos vossos corações vos deixou ele escrito esse mandamento; porém desde o princípio da criação, Deus os fez macho e fêmea.

Por isso deixará o homem seu pai e sua mãe, e unir-se-á a sua mulher, e serão os dois uma só carne.

Portanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem.

E em casa tornaram os discípulos a interrogá-lo acerca disto mesmo. E ele lhes disse: Qualquer que deixar sua mulher e casar com outra, adúltera contra ela. E, se a mulher deixar o seu marido, e casar com outro, adúltera. **Mc 10:1-12; ACF.**

Segundo este relato Jesus é ainda mais taxativo que no relato anterior (Mt 19:3-12). A condição para o divórcio aqui nem aparece: “*não sendo por causa de fornicação*” Mt 19:9; ACF. A explicação para esse detalhe pode ser que o evangelho de Marcos teve como público alvo os gentios e não os judeus, como foi o caso do evangelho de Mateus, no qual aparece um costume judaico, o de repudiar a noiva em caso de fornicação.

Marcos já cita diretamente a posição de Jesus quanto a um outro casamento após o divórcio: adultério. “*Qualquer que deixar sua mulher e casar com outra, adúltera contra ela. E, se a mulher deixar o seu marido, e casar com outro, adúltera.*” Mc 10:11-12; ACF. Não há justificativas para um novo casamento após o divórcio, segundo esse relato. A questão é direta: separou e casou com outra, adúltera, seja homem ou mulher que separou.

Já segundo o evangelista Lucas, que endereçou seu evangelho à Teófilo (Lc 1:3), essa questão é apresentada de forma sintética: “*Qualquer que deixa sua mulher, e casa com outra, adúltera; e aquele que casa com a repudiada pelo marido, adúltera também.*” Lc 16:18; ACF. Aqui aparece um terceiro elemento, o que casou com a repudiada, que também se torna adúltero diante de Deus. Notemos que é uma situação bem delicada.

Jesus também disse algo, certa vez, digno de reflexão. Quando ele se encontrou com a mulher samaritana, revelando detalhes da vida dessa mulher, disse a ela: “*Dissestes bem: não tenho marido; porque tivestes cinco maridos, e o que agora tens não é teu marido; isto disseste com verdade.*” João 4:17 ú.p. e 18; ARC. Eles estavam juntos como se fossem marido e mulher, mas sua relação matrimonial não era válida segundo as palavras de Jesus, nem mesmo para a própria mulher que conhecia seu estado civil perante Deus. Igualmente hoje existem muitos que não são

“*marido e mulher*”, mas estão juntos, gozando de prazeres proibidos, vivendo em aberta transgressão do sétimo mandamento.

O apóstolo Paulo também trata dessa questão, não dando margem para esse “*casa e descasa*” que vemos hoje como sinais dos últimos dias (Mt 24:38). Paulo assevera que a mulher está ligada ao marido enquanto ele estiver vivo:

Porque a mulher que está sujeita ao marido, enquanto ele viver, está-lhe ligada pela lei; mas, morto o marido, está livre da lei do marido.

De sorte que, vivendo o marido, será chamada adúltera se for de outro marido; mas morto o marido, livre está da lei, e assim não será adúltera, se for de outro marido. **Rm 7:2-3; ACF.**

Forte, não é mesmo? Esse texto nos deixa claro que Paulo concorda com Jesus ao afirmar que casamento é realmente *até que a morte os separe*. Mas, infelizmente não é o que vemos hoje em dia, mesmo no meio supostamente cristão. As pessoas têm casado, divorciado e casado novamente como se isso fosse a coisa mais banal do mundo, como se fosse mudar de emprego ou de residência. Mas não é, ou pelo menos não deveria ser.

Mas, foi justamente disso que Jesus Cristo nos alertou quando disse que no fim dos tempos seria como nos dias de Noé, “*casando e dando-se em casamento*” (Mt 24:38), e é justamente o que temos visto na sociedade pós-moderna.

Finalmente há uma recomendação do apóstolo Paulo de suma importância, contida no capítulo sete da primeira carta aos Coríntios, que diz: “*A mulher casada está ligada pela lei todo o tempo que o seu marido vive; mas, se falecer o seu marido, fica livre para casar com quem quiser, contanto que seja no Senhor.*” 1 Co 7:39; ARC. Ou seja, mais uma vez é reafirmada por Paulo a única causa para um novo casamento, a morte do cônjuge. Mesmo assim, esse novo casamento de um crente precisa ser “*no Senhor*”, ou seja, casar com alguém que serve ao Senhor. O silêncio dos apóstolos em suas epístolas no ST quanto ao novo casamento após o divórcio, mesmo em caso de adultério, demonstra que eles realmente entenderam o que Jesus lhes disse quanto a isso.

É importante observamos também que o apóstolo Paulo diz que o crente não deve resistir se seu cônjuge descrente quiser se apartar: “*Mas, se o descrente se apartar, aparte-se; porque neste caso o irmão, ou irmã, não está sujeito à servidão; mas Deus chamou-nos para a paz.*” I Co 7:15; ACF. Porém, a orientação para por aí, Paulo não diz que o crente pode se casar novamente, estando o ex cônjuge ainda vivo.

Dia de descanso

Vamos agora analisar o último tema desse capítulo para diferenciarmos *as coisas reveladas* daquelas que não são. Existe uma passagem muito utilizada para deturpar a verdade daquilo que está revelado. Essa citação é usada para tentar defender a mudança do dia de guarda, do sábado para o domingo, o texto de Ap 1:10; ARA: “*Achei-me em espírito, no dia do Senhor, e ouvi, por detrás de mim, grande voz, como de trombeta*”.

Essa passagem, longe de defender a guarda do domingo, está relatando o dia em que se passa esse evento com João. Mas, segundo as Escrituras, *o dia do Senhor* não é o domingo, como muitos acreditam. As Escrituras são abundantes em citações sobre o verdadeiro *dia do Senhor* (Êx 16:23, 25; 20:8-11; Dt 5:15; Lv 23:3; Is 58:13; Mt 12:8; Mc 2:28; Lc 6:5 etc.).

Outro texto claro nesse sentido é Mc 2:28 onde Jesus diz que Ele é *Senhor* até do sábado. O primeiro dia da semana recebeu esse nome, *domingo* (latim [*dies*] *dominicus*, dia do Senhor)¹⁴ justamente para defender a ideia de que esse dia é o verdadeiro *dia do Senhor*. Mas isso não tem respaldo nas Escrituras.

Algumas traduções até se atreveram a colocar a palavra *domingo* onde aparece *dia do Senhor*: “*Num domingo, fui arrebatado em êxtase, e ouvi, por traz de mim, voz forte como de trombeta*” Ap 1:10; AM. Versão em conflito com a própria versão católica EP que diz sobre o mesmo texto: “*No dia do Senhor*” e não “*Num domingo*” como a AM.

A realidade e veracidade dos fatos é que o domingo nunca foi *revelado* por Deus como dia de descanso. Muitos alegam que

o sábado é um dia de descanso judaico, que foi instituído no Sinai. Para isso desconsideram a semana da criação de Gn 1-2 como uma semana literal¹⁵ e usam a ressurreição de Jesus no primeiro dia da semana para declarar que a guarda do domingo é realizada em homenagem a ressurreição de Jesus.¹⁶

Contudo, o evento cristão análogo à morte e ressurreição de Jesus na vida dos crentes é o batismo, e não a observância do domingo: *“De sorte que fomos sepultados com ele pelo batismo na morte; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos, pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida.”* Rm 6:4; ACF.

Outrossim, o sábado não foi dado aos judeus, como é precipitadamente concluído, foi dado sim à humanidade como dia de guarda e descanso. Mesmo aqueles que não aceitam a semana literal da criação não tem desculpa, porque posteriormente ao relato em Gênesis sobre o sábado existem outras passagens que atestam a validade de sua observância, tanto no PT, quanto no ST:

E aos filhos dos estrangeiros, que se unirem ao Senhor, para o servirem, e para amarem o nome do Senhor, e para serem seus servos, todos os que guardarem o sábado, não o profanando, e os que abraçarem a minha aliança, também os levarei ao meu santo monte, e os alegrarei na minha casa de oração; os seus holocaustos e os seus sacrifícios serão aceitos no meu altar; porque a minha casa será chamada casa de oração para todos os povos. **Is 56:6-7; ACF.**

A passagem cita claramente que até os *estrangeiros* que guardarem o sábado e participarem da aliança do Senhor serão incluídos nas bênçãos destinadas aos obedientes. Porque ao final, sob inspiração profética Isaías declara que a Casa de Oração em Jerusalém não era somente dos judeus, mas para todos os povos.

Inclusive, mesmo durante toda a eternidade o sábado será o dia de adoração perante a face do Altíssimo, mesmo após o fim do pecado e de toda miséria e dor:

Porque, como os novos céus e a nova terra, que eu de fazer, estarão diante mim, diz o SENHOR, assim há de estar a vossa posteridade e o vosso nome.

E será que, de uma Festa da Lua Nova a outra e de um sábado a outro, virá toda carne a adorar perante mim, diz o SENHOR. **Is 66:22 e 23; ACF.**

E essa questão do dia de descanso é algo muito sério e importante para ser tratado de forma tão casual e descomprometida, porque a revelação divina dada por Deus em Sua Palavra nos orienta que a observância desse dia, o sétimo, “o *sábado*”, e não “*um sábado*”, é o sinal que identifica Seu povo, ou seja, os que são realmente seus seguidores e praticantes da Sua vontade:

“*E também lhes dei os Meus sábados, para que servissem de sinal entre mim e eles; para que soubessem que eu sou o SENHOR que os santifica.*” Ez 20:12; ACF. Sentença que foi repetida mais adiante: “*E santificai os meus sábados, e servirão de sinal entre mim e vós, para que saibais que eu sou o SENHOR VOSSO Deus.*” Ez 20:20; ACF. A expressão “*Meus sábados*” deve ser distinguida de “*vossos sábados*” (Lv 23:32) que eram festas fixas nas quais os judeus deveriam descansar, caíssem essas datas em qualquer dia que fosse do ano (os conhecidos feriados) e existiam até os sábados da terra, um ano inteiro após seis anos de cultivo, no qual ela não deveria ser cultivada para descansar e recompor seus minerais (Lv 25:2-4 e 26:35).

Muitos podem até racionalizar que após a ressurreição de Jesus a igreja passou a guardar o domingo etc., mas a verdade é que a igreja apostólica no primeiro século continuou observando o sábado como dia de descanso:

“*E eles, saindo de Perge, chegaram a Antioquia, da Pisí-dia, e, entrando na sinagoga, num dia de sábado, assentaram-se.*” At 13:14; ACF. Note que nessa ocasião Jesus Cristo já havia morrido, ressuscitado, ascendido aos céus e o Espírito Santo já havia sido derramado sobre os discípulos. Outro detalhe importante, mencionado no versículo anterior é que as pessoas envolvidas nesse evento eram Paulo e seus companheiros de viagem.

A história prossegue dizendo: “*E, saídos os judeus da sinagoga, os gentios rogam que no sábado seguinte lhes fossem ditas as mesmas coisas.*” At 13:42; ACF. Perceba que não eram somente judeus que frequentavam as sinagogas, como muitos

teimosamente insistem em afirmar, mas também gentios, como mencionado no verso, povo que inclusive teve mais interesse em aprender que os próprios judeus.

Teria esse pedido sido atendido por Paulo e seus companheiros, ou prefeririam ir ter com eles num domingo? Vejamos a resposta na continuação da história: “*E no sábado seguinte ajuntou-se quase toda a cidade para ouvir a palavra de Deus.*” At 13:44; ACF. Perceba que de sábado em sábado eles se reuniam nas sinagogas para estudar a Palavra de Deus, tanto judeus, como gregos e demais gentios. E se realmente o sábado não devesse mais ser observado, os discípulos não continuariam se reunindo religiosamente nesse dia, inclusive com gentios.

Muitos dizem que sinagoga era local de culto judeu, o que não é mentira, mas os gentios também a frequentavam; o culto era judeu, mas o público era variado. Mas agora, note também que, apesar de em alguns lugares não terem uma sinagoga ou um local de reuniões adequado, eles se reuniam até mesmo em meio à natureza, num dia de sábado, para cultuar ao Deus Eterno, criador dos céus e da Terra:

“*E no dia de sábado saímos fora das portas, para a beira do rio, onde se costumava fazer oração; e, assentando-nos, falávamos às mulheres que ali se ajuntaram.*” At 16:13; ACF.

Muitos afirmam que Paulo e os demais discípulos iam aos sábados nas sinagogas pois era a única forma de conseguir falar com os judeus, mas este verso lança essa teoria por terra, porque esse lugar era em meio à natureza, essa era uma “igreja” em meio à natureza, à beira de um rio, e como vimos, havia um grupo que *costumava* se reunir ali aos sábados para orar.

Em outra ocasião Paulo, Silas e muitos outros se reuniram aos sábados em Tessalônica, e Paulo os exortava a respeito de Cristo: “*Paulo, segundo o seu costume, foi procurá-los e, por três sábados arrazoou com eles acerca das Escrituras.*” (At 17:2; ACF. O relato nos diz que muitos foram persuadidos pelas pregações de Paulo realizadas naqueles três sábados seguidos na sinagoga dos judeus, e juntamente com Silas e mais inúmeros gregos e algumas mulheres importantes de Tessalônica, se uniram

aos novos crentes em Cristo (At 17:4).

Em outra situação, data e lugar Paulo se reúne novamente várias vezes aos sábados: “*E todos os sábados discorria na sinagoga, persuadindo tanto judeus como gregos.*” At 18:4; ACF. O relato menciona que enquanto esteve ali na cidade de Corinto, Paulo ensinava as Escrituras àquelas pessoas, e ele permaneceu ali durante um ano e meio (At 18:11).

Em nenhum momento, mesmo após a ascensão de Jesus aos céus e a formação da igreja apostólica, foi mencionado a substituição do dia de descanso do sétimo para o primeiro dia da semana. Os relatos acima, que falam do sábado ainda sendo observado pelos cristãos, mencionados no livro de Atos por Lucas foram escritos entre 80 e 90 d.C., como mencionado em uma Bíblia Católica.¹⁷ Se entre todos esses anos nenhum apóstolo ordenou a substituição do dia de descanso, por que posteriormente isso foi feito? No sexto capítulo deste livro abordo esse assunto demonstrando com fontes históricas como aconteceu a mudança do dia de descanso do sábado para o domingo.

Muitos apresentam algumas passagens bíblicas onde aparece algum tipo de reunião no primeiro dia da semana como evidência de que a mudança do dia de guarda teria acontecido. Porém, as passagens que citam o primeiro dia da semana não o fazem com o propósito de transferir as reuniões de adoração e culto do sábado para o domingo. As seguintes passagens apenas citam eventos relacionados à ressurreição de Jesus Cristo: Mt 28:1; Mc 16:2; Mc 16:9; Lc 24:1; Jo 20:1. As demais passagens que citam o primeiro dia da semana mencionam algum outro evento, não essencialmente uma mudança de solenidade de culto do sábado para o domingo (Atos 20:7 e 1Co 16:2).

A marca da besta

O Apocalipse nos declara a revelação de Deus aos seus filhos quanto as coisas que terão lugar na história final desse mundo (Ap 1:1). O próprio nome *Apocalipse* significa *revelação*, pois deriva da palavra grega *αποκαλυπτω* *apokalupt*, que tem o

significado de: “*descobrir, revelar o que estava escondido ou oculto. Expor, tornar descoberto. Tornar conhecido, tornar manifesto, trazer à luz o que antes era desconhecido.*”¹⁸

Outra variante para a palavra *Apocalipse* é *αποκαλυψις apokalupsis*, significando: “*ato de tornar descoberto, exposto*”; ou também: “*uma revelação de verdade, instrução*”; igualmente a conotação de algo “*concernente a coisas antes desconhecidas*”; podendo também ser “*usado de eventos nos quais coisas, estados ou pessoas até agora não presentes na mente das pessoas se tornam parte da sua realidade*” ou em situações em que ocorrem “*manifestações ou aparecimento.*”¹⁹

Dentre os temas contidos na revelação de Deus ao seu povo nos últimos dias, destaca-se a questão da adoração como nota tônica. Dessa forma, vamos observar um fato que vem causando muita especulação nos últimos tempos sob a ótica do Apocalipse quanto à adoração: a marca da besta.

No capítulo treze do Apocalipse somos informados de uma trama global para impor certa marca em todo ser humano, com a finalidade de padronizar uma falsa adoração imposta a todos os habitantes da terra:

E engana os que habitam na terra com sinais que lhe foi permitido que fizesse em presença da besta, dizendo aos que habitam na terra que fizessem uma imagem à besta que recebera a ferida da espada e vivia.

E foi-lhe concedido que desse espírito à imagem da besta, para que também a imagem da besta falasse, e fizesse que fossem mortos todos os que não adorassem a imagem da besta.

E faz que a todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e servos, lhes seja posto um sinal na sua mão direita, ou nas suas testas, para que ninguém possa comprar ou vender, senão aquele que tiver o sinal, ou o nome da besta, ou o número do seu nome. Aqui há sabedoria. Aquele que tem entendimento, calcule o número da besta; porque é o número de um homem, e o seu número é seiscentos e sessenta e seis. **Ap 13:14-18; ACF.**

Estes simbolismos típicos do livro profético de João nos deixam profundamente intrigados não é mesmo? Mas quero que analisemos apenas os termos grifados, por enquanto.

Somos informados do surgimento de um poder obscuro e sedutor, que engana os habitantes da terra e os induz a uma adoração à uma certa *imagem da besta*, contrária à adoração *ao que está assentado no trono* (Deus) e *ao Cordeiro* (Jesus Cristo) citada no capítulo cinco e verso treze do mesmo livro (Ap 5:13).

Essa adoração falsa, seria prestada a uma divindade falsa, com um dia falso de adoração. No entanto, existe um povo que proclama um alerta contra essa falsa adoração, advertindo os habitantes do planeta contra a maligna intenção da imposição de uma adoração deturpada:

E seguiu-os o terceiro anjo, dizendo com grande voz: Se alguém adorar a besta, e a sua imagem, e receber o signal na sua testa, ou na sua mão, também o tal beberá do vinho da ira de Deus, que se deitou, não misturado, no cálice da sua ira; e será atormentado com fogo e enxofre diante dos santos anjos e diante do Cordeiro. E o fumo do seu tormento sobe para todo o sempre; e não têm repouso nem de dia nem de noite os que adoram a besta e a sua imagem, e aquele que receber o sinal do seu nome.

Aqui está a paciência dos santos; aqui estão os que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus. **Ap 14:9-12; ARC.**

A cena parece algo realmente aterrador. Os portadores da mensagem do “*terceiro anjo*”, do grego *αγγελος* *aggelos*²⁰, são mensageiros enviados por Deus, sendo pacientes mesmo diante de uma aparente demora e tardança do cumprimento profético, sendo também perseverantes em meio às dificuldades e perseguições, mantendo a obediência aos *mandamentos de Deus* e, também, como o próprio Jesus obedeceu aos mandamentos de Seu Pai (Jo 15:10), eles *guardam ... a fé de Jesus*, ou seja, tudo que Jesus pregou e viveu, a fé que Jesus professou e transmitiu.

Esse texto (Ap 14:12) aparece em outras versões como: “*fé em Jesus*” o que não é a mesma coisa que “*fé de Jesus*”, porque até mesmo a crença no sábado fazia parte da “*fé de Jesus*”, muito mais além disso, porque Ele próprio se autodenominou *Senhor do sábado* (Mt 12:8; Mc 2:28 e Lc 6:5), guardando o sábado e frequentando a sinagoga como parte de Sua fé e costume religioso (Lc 4:16).

Dessa forma, tendo a Jesus como *Senhor do sábado* e Senhor de suas vidas, por tê-los comprado com Seu precioso sangue, esses mensageiros, tais quais os anjos celestiais e com sua colaboração (Hb 1:14), são os portadores da mensagem do *terceiro anjo*, são mensageiros de Deus e indivíduos sob Seu sinal de autoridade, *o sábado* (Ez 20:12 e 20).

Os que sustentam a mensagem do *terceiro anjo* também proclamam uma advertência ao mundo contra a falsa adoração “*se alguém adorar a besta, e a sua imagem ...*” (Ap 14:9 ú.p.). Aparecem transmitindo uma mensagem com poder e amplitude mundial “*com grande voz*” (Ap 14:9 p.p.), prova do alcance global dessa mensagem é a necessidade de advertir toda a humanidade, pois essa *marca* será imposta a “*pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e servos*” (Ap 13:16) e a necessidade de advertência deve ter a mesma amplitude contra a aceitação de um sinal ou marca que identifica esse poder opressor, que impõe uma falsa adoração.

Como vimos anteriormente o sinal que identifica o povo de Deus é o Seu santo sábado (Ez 20:12 e 20), não somente aos judeus, mas também aos estrangeiros (Is 56:6-7). Dessa forma fica fácil identificarmos outro dia de adoração amplamente observado pela cristandade, o domingo.

A imposição obrigatória desse falso dia de adoração é o cumprimento da profecia. No entanto não podemos ainda afirmar que todos os cristãos, ao observar o domingo como dia para descansar e santificar, estão com isso sob a *marca da besta*, visto sua observância ainda não ser obrigatória a “*pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e servos*” (Ap 13:16).

Quando, porém, isso acontecer, quando a imposição do domingo atingir cada ser humano, de forma obrigatória, por meio de lei, então podemos entender que a observância desse dia de adoração contrário ao *sinal* de Deus (Ez 20:12 e 20) será algo que identificará os adoradores sob o comando de um sistema falso de culto religioso (a besta e sua imagem Ap 13:12-15).

Ao ler essas palavras, talvez isso já esteja acontecendo com você, caro leitor, ou prestes a acontecer. Cabe a nós, seres

racionalistas, refletirmos sem interferência eclesiástica, mas somente com o sábio entendimento das Escrituras como base para fundamentarmos nossas crenças. Por isso é importante você orar a Deus por entendimento sobre essa profecia.

O problema é que muitas pessoas são influenciadas pelas imposições religiosas sem fundamentação completa e abrangente num claro *assim diz o Senhor*, mas somente na tradição. Quanto a esses, veja o que disse Jesus: “*Mas, em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos dos homens.*” Mt 15:9; ACF; e em outra ocasião Ele repreendeu severamente os líderes religiosos de sua época, dizendo-lhes: “*E assim invalidastes, pela vossa tradição, o mandamento de Deus.*” Mt 15:6; ACF. O Mestre dos mestres também havia dito: “*Naquele tempo, respondendo Jesus, disse: Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, que ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim te aprouve.*” Mt 11:25,26.

Portanto, muito cuidado para não estar prestando uma adoração vã, que Deus não aceita, e se enganando com as tradições religiosas sem fundamentação nas Escrituras Sagradas, de líderes supostamente *sábios*. Não despreze o que esse “*peque-nino*” lhe escreve e adverte através destas páginas.

Viu como é fácil partir do revelado para o não revelado sem ao menos se dar conta? Defender teorias ou doutrinas sem base na Revelação ou com base em tradições é um equívoco sutil e perigoso. Por isso é muito arriscado ler ou até mesmo estudar a Bíblia sem a devida atenção e orientação divina para uma melhor e adequada compreensão.

Por isso vamos continuar nossos estudos mais detidamente. Neste capítulo observamos somente algumas situações nas quais as tradições e opiniões humanas predominam sobre a Revelação divina das Sagradas Escrituras.

Dessa forma pudemos notar que *as coisas reveladas* correm o risco de perder sua relevância para interpretações humanas e compreensões distorcidas da Palavra de Deus, valorizando a interpretação de homens com títulos eclesiásticos ou de compreensões populares, desprezando a revelação divina assim

como fizeram os sacerdotes, fariseus e saduceus na época de Jesus, conforme pode ser visto em Mt 15:3.

No próximo capítulo observaremos de forma mais abrangente a influência das diversas versões bíblicas na compreensão de um texto. Veremos se a forma com que o texto é traduzido ou adaptado pelas diferentes versões influencia sua compreensão e até que ponto isso pode comprometer nosso entendimento da Bíblia.

NOTAS

¹STRONG, J. *Bíblia de Estudo Palavras-chave Hebraico e Grego. Dicionário Grego do Novo Testamento de James Strong Anotado pela AMG*. p.2114, §975. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

²Ibid., p.2114, §976.

³Os textos entre colchetes são as referências dos textos anteriores: Mt 4:4 e Lc 4:4 [Dt 8:3]; Mt 4:7 e Lc 4:12 [Dt 6:16]; Mt 4:10 e Lc 4:8 [Dt 6:13]; Mc 4:12 e Lc 8:10 [Is 6:10]; Mt 5:21 [Êx 20:13]; Mt 5:27 [Êx 20:14]; Mt 5:31 [Dt 24:1]; Mt 5:33 [Nm 30:3]; Mt 5:43 e 19:19b [Lv 19:18]; Mt 9:13 e 12:7 [Os 6:6]; Mc 9:48 [Is 66:24]; Mt 13:14-15 [Is 6:6-10]; Mt 15:4 e Mc 7:10 [Êx 20:12 e 21:17]; Mc 12:29 [Dt 6:4]; Mt 15:8-9 e Mc 7:6-7 [Is 29:13]; Lc 17:26-27 [Gn 6 e 7]; Lc 17:28,29,32 [Gn 19:1-29]; Mt 18:16 [Dt 19:15]; Mt 19:4-5 e Mc 10:6-7 [Gn 1:27 e 2:24]; Mt 19:18b-19, Mc 10:19 e Lc 18:20 [Êx 20:12-16 e Dt 5:16-20]; Mt 21:13, Mc 11:17 e Lc 19:46 [Is 56:7 e Jr 7:11]; Mt 21:16 [Sl 8:3]; Mt 21:42, Mc 12:10-11 e Lc 20:17 [Sl 117:22-23]; Mt 22:32, Mc 12:26 e Lc 20:37 [Êx 3:6]; Mt 22:37, Mc 12:30 e Lc 10:27a [Dt 6:5]; Lc 22:37 [Is 53:12]; Mt 22:39, Mc 12:31 e Lc 10:27b [Lv 19:18]; Mt 22:44, Mc 12:36 e Lc 20:42-43 [Sl 109:1]; Lc 23:30 [Os 10:8]; Lc 23:46 [Sl 30:6]; Mt 24:15 e Mc 13:14 [Dn 9:27 e 12:11]; Mt 26:31 e Mc 14:27 [Zc 13:7]; Mt 27:9-10 [Zc 11:13].

- ⁴O QUARTO sábio. [Filme-vídeo]. Produção: Ellwood Kieser e Michael Ray Rhodes. Direção de Michael Ray Rhodes. Estados Unidos, Paulist Pictures Present, 1985. 1DVD, 72 min. color. son.
- ⁵SATURNÁLIA. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Saturn%C3%A1lia&oldid=57431192>>. Acesso em: 25 ago. 2020.
- ⁶SATURNAIS. In: SPALDING, Tassilo. Dicionário da mitologia latina. São Paulo: Cultrix, 1982. p.129.
- ⁷SATURNÁIS ou SATURNÁLIAS. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL. São Paulo: Editora Universo, 1988. v.27, p.5392.
- ⁸PAULA, Oséias de. *Cem ovelhas*. In: PAULA, Oséias de. *Cem ovelhas*. Curitiba, gravadora Estrela da Manhã, 1973. 1 disco sonoro LP. Lado A, faixa 1.
- ⁹GLOSSOLALIA. In: DICIONÁRIO Michaelis. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/glossolalia/>>. Acesso em: 28 ago. 2015.
- ¹⁰DEIXADOS para trás. [filme-vídeo] Direção: Vic Sarin. Produção: Paul Lalonde e Peter Lalonde. St. Catharines, Ontário, Canadá: Cloud Ten Pictures, 2000. 1 DVD, 1h 36min. color. son.
- ¹¹SODOMITA adj. e s.m. e f. (Do lat. *sodomitae*.) **1.** De Sodoma. – **2.** Diz-se de ou pessoa que pratica a sodomia. SODOMIA s.f. (De *Sodoma*, cidade antiga da Palestina.) Coito anal; pederastia. **Grande Enciclopédia Larousse Cultural. São Paulo: Editora Universo, 1988. 5561 p. v. 27.**
- ¹²STERN, DAVID H. Comentário Judaico do Novo Testamento. p.85. 1ª edição. São Paulo: Didática Paulista; Belo Horizonte: Editora Atos, 2008.
- ¹³STRONG, J. Bíblia de Estudo Palavras-chave Hebraico e Grego. *Dicionário Grego do Novo Testamento de James Strong Anotado pela AMG*. pp.994 (Mt 1:18) e 2305, §3423; Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

¹⁴DOMINGO. In: DICIONÁRIO Priberam. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/domingo>>. Acesso em: 26 ago. 2020.

¹⁵SANTA SÉ. Catecismo da Igreja Católica. §337, p.121. Brasília: Edições CNBB, 2013.

¹⁶Ibid., §2174, p.677.

¹⁷“O livro dos Atos dos Apóstolos foi escrito provavelmente entre 80 e 90 d.C. Seu autor é o mesmo do terceiro Evangelho: desde o séc. II a tradição o identifica com Lucas, o médico que acompanhou Paulo (cf. Cl 4,14; Fm 24).” **BÍBLIA Sagrada Edição Pastoral. Introdução ao livro de Atos dos Apóstolos. p.1324. São Paulo: Paulus, 1990.**

¹⁸STRONG, J. Bíblia de Estudo Palavras-chave Hebraico e Grego. *Dicionário Grego do Novo Testamento de James Strong Anotado pela AMG.* §601, p.2082. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

¹⁹Ibid., p.2083, §602.

²⁰Ibid., pp.1331 (Ap 14:6) e 2029, §32.

Capítulo 2

Versões bíblicas e a compreensão textual

Existem diferentes traduções e versões das Escrituras (Bíblia) e se fôssemos detalhar cada uma delas, como elas foram feitas, quais objetivos por trás de cada uma delas, teríamos assunto para um livro só com esse objetivo. Mas esse não é o caso.

O que vamos fazer neste capítulo é analisar algumas versões, comparando-as umas com as outras para perceber sua influência na compreensão mais exata possível do texto. Nosso objetivo, porém, não é lançar a Bíblia em descrédito, pela existência de suas muitas versões, mas ver até que ponto isso pode influenciar positiva ou negativamente sua melhor compreensão.

Por isso quero começar com você um exercício de comparação. Neste capítulo quero levar-lhe a perceber se é possível, comparando as versões bíblicas, mudarmos a compreensão a respeito do que se trata nos versículos abordados.

Pode a compreensão textual ficar prejudicada pelas variações existentes entre uma versão e outra da Bíblia? Teriam alguns grupos interesses em alterar alguns detalhes com objetivos escusos? Não podemos afirmar e nem negar esses fatos, cabe a nós observar, avaliar, estudar, comparar e juntar o máximo de dados possíveis para chegar à melhor compreensão possível do que a Palavra de Deus tem a nos dizer.

Mas, pode surgir outra pergunta: como saber qual a melhor compreensão, o verdadeiro entendimento, devido a existência de muitas versões? Acredito que devemos juntar versos e mais versos, para como num quebra-cabeça montar uma compreensão que não divirja do todo das Escrituras, que se encaixe em plena harmonia com as demais peças do “quebra-cabeças” bíblico.

O objetivo das comparações que faremos nesse capítulo não é fechar questão na letra, porque *“a letra mata, mas o espírito vivifica”* (2 Co 3:6). Por outro lado, o mesmo apóstolo que disse

isso também aconselhou a “*não ir além do que está escrito*” (1Co 4:6). Dessa forma precisamos considerar atentamente o que está escrito, mas não sermos guiados pela erudição da letra, mas pela compreensão provinda do Espírito de Deus.

Tomemos, então, um texto simples. Diríamos, um texto base, o primeiro verso da Bíblia, Gn 1:1. Veja, nas dezoito versões citadas (incluindo duas em inglês), como esse verso aparece, como cada palavra está inserida no contexto da frase:

“*No princípio, Deus criou os céus e a terra.*” ARC

“*No princípio, criou Deus os céus e a terra.*” ARA

“*No princípio criou Deus os céus e a terra.*” ACF

“*No princípio Deus criou o céu e a terra.*” EV

“*No princípio, Deus criou o céu e a terra.*” EP

“*No princípio, Deus criou o céu e a terra.*” AM

“*No princípio, criou Deus o céu e a terra.*” TB

“*No princípio Deus criou os céus e a terra.*” NVI

“*No começo Deus criou os céus e a terra.*” NTLH

“*No princípio Deus criou os céus e a terra.*” NBV

“*Em primeiro lugar, Deus criou o céu e a terra.*” MSG

“*No princípio, Deus criou o céu e a terra.*” BJ

“*Quando Deus iniciou a criação do céu e da terra,*” TEB

“*No princípio, criou Deus os céus e a terra.*” RVR

“*No princípio, Deus criou os céus e a terra.*” BJC

“*No princípio Deus criou os céus e a terra.*” TNM

“*In the beginning God created the heavens and the earth.*”

ASV-1901

TRADUÇÃO: “*No princípio, Deus criou os céus e a terra.*”

“*IN the beginning God created the heavens and the earth.*”

KJV-1611

TRADUÇÃO: “*No princípio, Deus criou os céus e a terra.*”

Nessa frase há um único sujeito: *Deus*, e um único verbo: *criar*. A palavra hebraica traduzida como *Deus* é *אֱלֹהִים Elohim*¹, que apesar de estar no plural é acompanhada do verbo no singular, não somente nesse caso como em todos em que a palavra *Elohim* se refere a Deus, pois ela também é utilizada em um número menor de ocorrências a outros *deuses*, como Dagom (1 Sm 5:7)² e

Baal (1 Re 18:24)³. A palavra *Elohim* também é utilizada para se referir a juízes (Êx 22:8)⁴ e até mesmo a anjos (Sl 82:1 e 97:7)⁵.

O verbo *criar* aqui veio do hebraico *בָּרָא* *bara*⁶, é usado somente quando a ação criadora é divina, e não humana. Diferente do verbo *façamos*, *אָשָׂה* *asah*⁷, que foi empregado na redação de Gn 1:26 “*Façamos o homem a nossa imagem...*”. O primeiro verbo hebraico (*bara*) significa *criar* e o outro verbo, também hebraico (*asah*) significa *executar* ou *fazer*.

Basicamente, em todas as versões citadas não encontramos quase nenhuma diferença, embora seja um texto bem simples, mas muito revelador por sua importância em retratar a Deus como o Criador de todas as coisas. Uma diferença básica notada é a colocação de uma vírgula após a palavra “*princípio*” nas versões ARC, ARA, EP, AM, TB, BJ, RVR, BJC, ASV-1901 e KJV-1611; a utilização da palavra “*começo*” em lugar da palavra “*princípio*” na NTLH; a alteração da expressão “*criou Deus*” para “*Deus criou*”, o que, até então, não apresenta influência negativa na compreensão exata da ideia principal.

Contudo, uma dessas versões traz uma pequena diferença, que, se analisada detalhadamente, muda o sentido de uma palavra no significado exato do texto. Desafio você a ler novamente e encontrar a diferença.

A diferença, como pôde perceber (ou não), está na palavra “*os céus*” citada nas versões e/ou traduções ARC, ARA, ACF, NVI, NTLH, NBV, RVR, BJC, TNM, ASV-1901 e KJV-1611 que aparece no plural diferente de “*o céu*” nas versões e/ou traduções EV, EP, AM, TB, BJ, MSG e TEB onde a palavra aparece no singular. Ou seja, uma palavra no plural passa a ficar no singular. Isso nos suscita a seguinte questão: segundo as versões e/ou traduções que citam “*o céu*”, Deus não criou todos os demais sistemas estelares, galáxias e “*céus*”, mas somente o céu atmosférico do nosso planeta?

Não sabemos se foi essa a intenção ou não, mas a verdade é que essa palavra hebraica para *céus* aqui traduzida é *שָׁמַיִם* *samayim*⁸ podendo ser traduzida para o plural ou singular, dependendo do contexto. A melhor tradução é *céus*, pois segundo o

Dicionário de STRONG (p.1975-1976, 2003): “*Deus fez os céus do universo (Gn 1.1; 14.19); o firmamento ou a expansão que Ele criou ao redor da terra era chamada céu (Gn 1.8). Ele estendeu os céus (Is 40.22) criando-os (Is 42.5; 45.18).*”

Dessa forma, as traduções e/ou versões ARC, ARA, ACF, NVI, NTLH, NBV, RVR, BJC, TNM, ASV-1901 e KJV-1611 parecem ter traduzido melhor o texto.

Outra passagem que quero apresentar para nossa consideração é a de Gn 2:7. Essa passagem indica como Deus criou o homem. Nesse texto podemos de forma simples compreender quais elementos foram usados em nossa formação estrutural e como passamos a existir através da ação poderosa de Deus em nossa criação. Vejamos a forma como esse verso (Gn 2:7) retrata o evento de criação do ser humano por Deus, e se em alguma das versões apresentadas há algo mais explícito ou mais implícito que em outra versão:

“E formou o SENHOR Deus o homem do pó da terra e soprou em seus narizes o fôlego da vida, e o homem foi feito alma vivente.” ARC

“Então, formou o SENHOR Deus ao homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente.” ARA

“E formou o SENHOR Deus o homem do pó da terra, e soprou em suas narinas o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente.” ACF

“Então o SENHOR Deus formou o ser humano do pó da terra, soprou-lhe nas narinas o sopro da vida e ele tornou-se um ser vivo.” EV

“Então Javé Deus modelou o homem com a argila do solo, soprou-lhe nas narinas um sopro de vida, e o homem tornou-se um ser vivente.” EP

“O SENHOR Deus formou, pois, o homem do barro da terra, e inspirou-lhe nas narinas o sopro da vida e o homem se tornou um ser vivente.” AM

“Do pó da terra formou Deus Jeová ao homem e soprou-lhe nas narinas o fôlego de vida; e o homem tornou-se um ser vivente.” TB

“Então Iahweh Deus modelou o homem com a argila do solo, insuflou em suas narinas um hálito de vida e o homem se tornou um ser vivente.” BJ

“O SENHOR Deus modelou o homem com o pó apanhado do solo. Ele insuflou nas suas narinas o hálito da vida, e o homem se tornou um ser vivo.” TEB

“E Jeová Deus passou a formar o homem do pó do solo e a soprar nas suas narinas o fôlego de vida, e o homem veio a ser uma alma vivente.” TNM

“Então, o SENHOR Deus formou o homem com o pó da terra, e soprou em seu nariz, fôlego de vida, e o homem se tornou um ser vivente.” RVR

“Então ADONAI, Deus, formou uma pessoa [heb. Adam] do pó do solo [heb. Adamah] e soprou em suas narinas o sopro de vida, para que ele se tornasse um ser vivo.” BJC

“Então o SENHOR Deus formou o homem do pó da terra e soprou em suas narinas o fôlego de vida, e o homem se tornou um ser vivente.” NVI

“Então, do pó da terra, o SENHOR formou o ser humano. O SENHOR soprou no nariz dele uma respiração de vida, e assim ele se tornou um ser vivo.” NTLH

“Então o SENHOR Deus formou o corpo humano do pó da terra e soprou em suas narinas o fôlego de vida, e ele tornou-se um ser vivo.” NBV

“[...] o Eterno formou o Homem a partir do pó da terra e soprou em suas narinas o fôlego de vida. E o Homem passou a ter uma vida – tornou-se um ser vivo!” MSG

“And Jehovah God formed man of the dust of the ground, and breathed into his nostrils the breath of life; and man became a living soul.” ASV-1901

TRADUÇÃO: “E Jeová Deus formou o homem do pó da terra, e soprou em suas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente.”

“And the LORD God formed man of the dust of the ground, and breathed into his nostrils the breath of life; and man became a living soul.” KJV-1611

TRADUÇÃO: *“E o SENHOR Deus formou o homem do pó da terra, e soprou em suas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente.”*

Perceba uma pequena diferença no início do versículo, que não apresenta, porém, uma mudança substancial na compreensão da mensagem, a ARC *“E formou...”* a ARA *“Então formou...”* e a NTLH *“Então, do pó da terra...”*

Outras variações não muito significativas notam-se quanto às palavras *“narizes”* (ARC), *“nariz”* (RVR e NTLH), e a que predomina, *“narinas”* (ARA, ACF, EV, EP, AM, TB, BJ, TEB, TNM, BJC, NVI, NBV, MSG, ASV-1901 e KJV-1611).

Porém, uma diferença significativa é o uso da palavra *“formou”* na maioria das versões, enquanto outras usam a palavra *“modelou”* (EV, BJ e TEB). Teria Deus modelado o homem como o oleiro modela um vaso? O verbo hebraico utilizado nesse texto é יָצַר *yatsar*⁹ que pode dar a conotação de moldar do barro como o oleiro. No entanto, o mesmo verbo foi utilizado em Gn 2:19 para falar da criação dos animais: *“Havendo, pois, o Senhor Deus formado da terra todo o animal do campo, e toda a ave dos céus, os trouxe a Adão, para este ver como lhes chamaria ...”*

Teria Deus *formado* ou *modelado* todos os animais com suas mãos ou apenas com sua palavra? No relato da criação notamos que ele criou os animais apenas com Sua palavra (Gn 1:20 e 24) assim como todas as outras coisas. Se Ele falou e os animais surgiram, como entender Gn 2:19 onde diz que Deus formou da terra todo animal do campo? O poder de Deus ao criar tudo que fez não pode ser compreendido. Ele pode muito bem ter *modelado* os animais e o homem sem usar suas mãos, apenas com Sua palavra, com Seu poder criador.

O salmista Davi denota o poder criador de Deus ainda em operação na *“formação”* de cada ser humano no ventre materno: *“Pois tu formaste o meu interior, tu me teceste no seio de minha mãe.”* Salmos 139:13; ARA. Dando a entender uma espécie de

modelagem, Jó diz o seguinte: “*As tuas mãos me fizeram e me formaram completamente; contudo me consumes. Peço-te que te lembres de que como barro me formaste e me farás voltar ao pó.*” Jó 10:8 e 9. Teria, no entanto, Deus formado Jó com suas mãos literalmente como um oleito molda um vaso? Ou essa é uma figura de linguagem para referir-se à criação?

Outro texto que parece usar essa expressão ao se referir à criação do homem é o seguinte: “*As tuas mãos me fizeram e me formaram; dá-me inteligência para entender os teus mandamentos.*” Salmos 119:73; ACF. Podemos entender de forma literal que fomos “*formados*” ou “*moldados*” por Deus como o oleiro molda um vaso? Ou essa expressão é apenas figurada?

Se cremos que Deus pode usar Sua mão, ou apenas Sua palavra, ou nem isso, apenas Seu pensamento e Sua vontade para dar vida a quem quer que seja, esses detalhes tornam-se apenas expressões que os escritores bíblicos utilizam para tentar descrever o poder criador de Deus. Essa tentativa, no entanto, é assim descrita pelo sábio Salomão: “*Assim como tu não sabes qual o caminho do vento, nem como se formam os ossos no ventre da mulher grávida, assim também não sabes as obras de Deus, que faz todas as coisas.*” Eclesiastes 11:5; ACF.

Dessa forma, se Deus usou suas mãos para modelar Adão (Gn 2:27), ou se Adão foi “*formado*” apenas com a palavra criadora de Deus, assim como os animais (Gn 2:19), Seu poder não pode ser questionado, pois um oleiro pode até dar beleza e perfeição aos seus vasos, mas nunca lhes poderá dar vida.

Outro detalhe interessante sobre a criação do homem é a variação da expressão *soprou*, na maioria das versões e/ou traduções para “*inspirou-lhe*” (AM) e “*insufiou*” (BJ e TEB).

A expressão “*alma vivente*” empregada pelas versões ARC, ARA, ACF, TNM, a americana ASV-1901 e a inglesa KJV-1611 demonstram-nos que o homem se “*tornou uma alma vivente*” e não **tem** *uma alma vivente* como muitos acreditam. Para existir “*uma alma vivente*” é necessário haver uma estrutura corporal (pó da terra) e o fôlego de vida dado por Deus, sem esses dois elementos vitais não há *alma vivente* (Tiago 2:26).

Sem esses dois elementos temos apenas um corpo morto, que volta para o pó da terra, e aquele fôlego *שפן nephes*¹⁰, *המשן nesamah*¹¹ e *רוח ruach*¹² (hebraico) ou *πνευμα pneuma*¹³ (grego) é igual a espírito ou fôlego, que volta para Deus, o originador desse fôlego. A maioria das versões citadas aqui apresentam “*fôlego de/da vida*” (ARC, ARA, ACF, TB, TNM, RVR, NVI, NBV, MSG, ASV-1901 e KJV-1611), “*sopro de vida*” (EV, EP, AM e BJC), “*hálito de vida*” (BJ e TEB), e “*respiração de vida*” (NTLH), dando essa última versão uma transparência maior ao termo, facilitando a compreensão do versículo. Os termos “*espírito*”, “*fôlego de vida*” e “*respiração*” são sinônimos em suas raízes originais do hebraico.

Outro detalhe que não pode escapar à nossa atenta consideração é a omissão, em várias traduções, do nome do Deus Altíssimo: “*Javé*” (EP), “*Iahweh*” (BJ), ou “*Jeová*” (TB, TNM e ASV-1901) referindo-se a Deus, não só no texto de Gn 2:7, mas em muitos outros. Notamos que essa forma de se referir a Deus é omitida na maioria das versões bíblicas. Seria isso algo proposital? Teriam os responsáveis por essas versões e/ou traduções, de alguma forma, sofrido forte influência para eliminar esse tipo de referência ao Altíssimo? É algo a se pensar, e também dedicaremos um pouco mais de atenção sobre isso adiante.

Outra diferença encontrada aplica-se à grafia do nome “*SENHOR*” com todas as letras em maiúsculo (ARC, ARA, ACF, EV, TEB, RVR, NBV, NTLH e KJV-1611) e “*Senhor*” somente com a inicial “*S*” em maiúsculo (NVI e BJ). Vale ressaltar que na primeira disposição ortográfica “*SENHOR*”, temos um tom de maior reverência e grandeza à uma expressão utilizada para o Todo-poderoso Deus, detalhe ressaltado nessas versões (ARC, ARA, ACF, EV, TEB, RVR, NBV, NTLH e KJV-1611).

O pronome de tratamento “*Senhor*” pode ser usado normalmente para diversos homens, em diversas culturas, nas mais variadas línguas. Por que este pronome é usado também para Deus (*kurios* ou *kyrios* em grego, *adonai* em hebraico)? Não seria isso uma simplificação ao se referir ao Todo-poderoso? Alguns indícios dão conta que foram os judeus que ocultaram o tetragra-

ma YHWH na versão grega chamada Septuaginta (250 a.C.)¹⁴.

Entretanto, se o nome sagrado não aparece nas versões modernas de João Ferreira de Almeida (ACF, ARC e ARA) nas versões mais antigas do mesmo tradutor aparece “*JEHOVAH*” inúmeras vezes.¹⁵ Quais foram os propósitos dessa substituição?

Um importante evento onde essa designação “*SENHOR*” compromete profundamente a compreensão do texto é no cap. 19 de Êxodo no contexto da entrega da Lei no Monte Sinai. A maioria das versões bíblicas são imprecisas nessa perícopes que vale a pena ser muito bem estudada. Então vamos demonstrar o texto primeiramente pelas mais comuns, as de JFA:

Disse também o Senhor a Moisés: Vai ao povo, e santifica-os hoje e amanhã, e lavem eles as suas roupas, e estejam prontos para o terceiro dia; porquanto no terceiro dia o Senhor descera diante dos olhos de todo o povo sobre o monte Sinai. **Êxodo 19: 10-11; ACF.**

Para que o leitor entenda do que se trata sugiro a leitura completa do capítulo dezenove e até do vinte. No capítulo dezenove temos os preparativos para a proclamação e entrega da Lei de Deus no Monte Sinai. Nessa preparação um Ser identificado como “*SENHOR*” dialoga com Moisés e o instrui sobre os preparativos que o povo deveria fazer para que no dia certo o “*SENHOR*” pudesse descer sobre o monte Sinai para a outorga da Lei.

Mas um detalhe que muitos não consideram e ignoram é: quem é esse “*SENHOR*” que descera sobre o monte no terceiro dia? O mesmo “*SENHOR*” que já falara com Moisés três dias antes? Ou Outro diferente dEle? Se alguém acredita que é o mesmo, outra pergunta se faz necessária: por que Ele pediu que o povo se santificasse de forma mais distinta, lavando as roupas, não tocando no monte e se abstendo até mesmo de relações sexuais (Êx 19:10-15)? Não parece que a chegada desse Outro “*SENHOR*” seria mais solene? Não só parece como de fato é!

Veja como algumas singulares versões da Bíblia assim apresentam esse diálogo do “*SENHOR*” com Moisés:

A suplantação do mistério

O SENHOR disse a Moisés: Vai ao povo e santifica-o hoje e amanhã. Que eles lavem as suas vestes, e estejam prontos para o terceiro dia, pois é no terceiro dia que o SENHOR descera sobre o monte Sinai, aos olhos de todo o povo. **Êx 19:10-11; TEB**

Disse Jeová a Moisés: vai ter com o povo e santifica-os hoje e amanhã. Lavem os seus vestidos e estejam prontos para o terceiro dia, porque, no terceiro dia, descera Jeová à vista de todo o povo sobre o monte Sinai. **Ibid.; TB**

Iahweh disse a Moisés: “Vai ao povo, e faze-o santificar-se hoje e amanhã; lavem as suas vestes, estejam prontos depois de amanhã, porque depois de amanhã Iahweh descera aos olhos de todo o povo sobre a montanha do Sinai. [...]” **Ibid.; BJ**

Javé disse a Moisés: “Volte para o povo e purifique-o hoje e amanhã: que lavem suas roupas e estejam preparados para depois de amanhã, porque Javé descera depois de amanhã sobre a montanha do Sinai à vista de todo o povo. [...]” **Ibid., EP**

Os textos apresentados acima foram da Tradução Ecumênica da Bíblia (TEB), onde aparece o pronome de tratamento “SENHOR” no diálogo com Moisés. Depois a Tradução Brasileira (TB), que trás uma das transliterações do nome do SENHOR (Jeová). Em seguida foi apresentado o texto na Bíblia de Jerusalém (BJ) trazendo a transliteração “Iahweh” para o nome do SENHOR. E por fim uma versão católica, e Edição Pastoral (EP) que utiliza outra transliteração para o nome de Deus (Javé).

Detalhes a parte, o que quero destacar é que aparentemente não dá para demonstrar de forma clara que o “SENHOR” fala com Moisés a respeito de Outro Ser. Muitos entendem que o “SENHOR” poderia estar falando dEle mesmo, ou seja, no início, em Êx 19:3 quando começa o diálogo do SENHOR com Moisés já informa que isso estava acontecendo no monte. Então, se o SENHOR já estava no monte conversando com Moisés, que SENHOR desceria no terceiro dia para dar a Lei a Moisés?

Como vimos em todas as outras versões da Bíblia parece ser o mesmo SENHOR, mas, vejamos agora outra versão bíblica que faz uma importante distinção de personagens nesse verso:

E o SENHOR disse mais a Moisés: “Vai ao povo e orienta-o a consagrar-se hoje e amanhã; lavem as suas vestes, estejam prontos depois de amanhã, porque depois de amanhã *Yahweh* descerá aos olhos de todas as pessoas sobre o monte Sinai. [...]”
Êxodo 19:10-11; KJA.

Viram que interessante? Aqui, nessa versão, uma clara distinção é feita para nos indicar que no início, quando um Ser chama a Moisés (“*E subiu Moisés a Deus, e o Senhor o chamou do monte, dizendo...*” **Êx 19:3a**) Ele diz a Moisés que no terceiro dia *Yahweh* desceria (Êx 19:11), que foi o que realmente aconteceu depois quando Deus Pai escreve a Lei em tábuas de pedra (Êx 31:18) e o Filho de Deus a pronuncia ao povo e a entrega a Moisés (Êx 20). Esses detalhes nos mostram que com um SENHOR Moisés tinha um contato, um diálogo bem próximo, como um amigo, “*face a face*” (Êx 33:11); porém o outro SENHOR, ou seja, o Pai, o Altíssimo, *Yahweh*, esse não podia ser visto por Moisés (Êx 33:18-23) e na verdade por nenhum outro (Jo 1:18; 1 Tim 6:16).

Viram como as diferentes versões podem exercer um papel importante na compreensão dos textos sagrados? Agora veremos isso de forma mais peculiar e objetiva em alguns tópicos específicos durante nossa análise das versões bíblicas.

Versões tradicionais x versões contemporâneas

Agora faremos uma comparação entre versões tradicionais e versões contemporâneas. Somente a título de comparação usaremos como versões tradicionais: ARC, ARA, ACF, BJ, RVR, TB, ASV-1901 e KJV-1611. As versões de linguagem contemporâneas usadas serão: NVI, NTLH, NBV e MSG.

Faremos essa comparação para demonstrar como expressões e palavras não muito utilizadas foram trocadas por palavras de uma linguagem mais atual. Vamos tentar observar até que ponto isso ajuda ou compromete a compreensão correta do texto bíblico. O texto usado a seguir é a primeira parte de Gn 4:1

VERSÕES TRADICIONAIS:

“E CONHECEU Adão a Eva, sua mulher, e ela concebeu e teve a ...” ARC

“Coabitou o homem com Eva, sua mulher. Esta concebeu e deu à luz ...” ARA

“E CONHECEU Adão a Eva, sua mulher, e ela concebeu e deu à luz ...” ACF

“O homem conheceu Eva, sua mulher; ela concebeu e deu à luz ...” BJ

“Coabitou Adão com sua mulher, Eva, a qual concebeu e deu à luz ...” RVR

“O homem conheceu Eva, sua mulher; ela concebeu e, dando à luz ...” TB

“And the man knew Eve his wife; and she conceived ...” ASV-1901

TRADUÇÃO: E o homem conheceu Eva sua mulher; e ela concebeu ...

“And Adam knew Eve his wife; and she conceived ...” KJV-1611

TRADUÇÃO: E Adão conheceu Eva sua mulher; e ela concebeu ...

VERSÕES CONTEMPORÂNEAS:

“Adão teve relações com Eva sua mulher, e ela engravidou ...” NVI

“Adão teve relações com Eva, sua mulher, e ela ficou grávida ...” NTLH

“Então Adão teve relações com Eva e ela concebeu e deu à luz um filho ...” NBV

“Adão deitou-se com sua esposa Eva. Ela engravidou ...” MSG

Note como as expressões “conheceu”, “coabitou” e “concebeu” deram lugar a expressões mais conhecidas, como “relações”, “deitou-se”, “dormiu”, “grávida” e “engravidou”.

A palavra “*conheceu*” nesse sentido, nos dá uma ideia de que o conhecimento é algo bem íntimo, a ponto de ser consumado em uma relação sexual. Nos *revela* também que a relação sexual é algo reservado à marido e mulher, note que “*Adão teve relações com Eva, sua mulher...*” (ARC, ARA, ACF, BJ, TB, ASV-1901, KJV-1611, NTLH, NVI e MSG), ou seja, a relação sexual não foi consumada antes de um vínculo matrimonial, pelo contrário, foi consumada após a união do casal.

Contudo esse casal foi de fato diferente, não tiveram adolescência, período de namoro e as coisas normais do ciclo que antecede a fase adulta. Eva foi criada especialmente para Adão e tudo isso foi feito pelo Criador para o início da humanidade. Eva, então, após ser criada para Adão, e após um período de tempo que a Bíblia não relata, “*engravidou*” (NVI) de seu esposo. Dessa forma, temos como padrão do primeiro casal o modelo de relação matrimonial criado por Deus, que deveria ser seguido por todos os demais casais que viessem a se formar.

Situação semelhante aparece em outros versos bíblicos com a palavra “*conheceu*” em alusão ao ato sexual. Por exemplo, em Gn 19:5 os sodomitas queriam ter relação sexual com os anjos que foram avisar Ló da destruição de Sodoma e Gomorra, eles disseram à Ló: “*Onde estão os homens que a ti vieram nessa noite? Traze-os fora a nós, para que os conheçamos.*” ACF.

Grosso modo essa expressão parece ser simplesmente conhecer mesmo, mas na verdade aqueles homens queriam é ter relação sexual com os “*varões*” (anjos) que estavam na casa de Ló. Veja o relato em outras versões: “*Onde estão os homens que à noite entraram em tua casa? Traze-os fora a nós para que abusemos deles.*” ARA (Conferir BJ). Outras traduções dizem: “*...queremos ter relações com eles.*” (NTLH e NBV); “*...para que tenhamos relações com eles.*” (EP, NVI); “*...para termos relações com eles.*” (EV); e a mais explícita “*Nós desejamos nos relacionar sexualmente com eles.*” (BJC).

O melhoramento e atualização dessas expressões é um exemplo de mudança positiva. O perigo está em fazer algumas alterações que tiram a frase do seu sentido exato, ou seja, fazer o

relato dizer algo que o escritor não quis dizer. Não podemos afirmar com plena certeza quando e como isso acontece de forma proposital, ou quando é apenas uma compreensão diferente do tradutor, mas devemos ficar atentos quanto a isso.

Por exemplo, o relato bíblico fala dos filhos de Eli “...e de como se deitavam com as mulheres que serviam à porta da tenda da congregação.” (1Sm 2:22; ARA). Esse relato contrasta com o de outras versões de Almeida que dizem que elas se ajuntavam ali “em bandos” única e exclusivamente com esse objetivo: “... e de como se deitavam com as mulheres que em bandos se ajuntavam à porta da tenda da congregação.” (ACF e ARC). No entanto algumas versões e/ou traduções (EP, EV, AM, TEB, TB, RVR, BJC, NVI, NTLH, NBV, MSG, KJV-1611 e ASV-1901) concordam com a ARA e não com as ARC e ACF.

Perceba como a situação muda, na versão ARA elas estavam ali porque trabalhavam no Tabernáculo ou Tenda da Congregação, na ARC e ACF elas estavam ali só para ter relação sexual com os filhos de Eli, ou seja, se ajuntavam ali em bandos só com esse objetivo. Sobre o mesmo texto a NTLH diz “...deitavam com as mulheres que trabalhavam na entrada da Tenda Sagrada” e a NBV minimiza: “...conquistar as moças que prestavam serviço à entrada do Tabernáculo.” Ideia diferente de outra versão contemporânea, a The Messenger (MSG), que diz “...dormiam com as mulheres que ajudavam no Santuário.”

Assim notamos que, segundo a maioria das versões, essas mulheres trabalhavam ali no Santuário (exceto ACF e ARC), mas não escondem que elas mantinham relações sexuais ilícitas com os filhos de Eli (Exceto NBV, que diz “conquistar as moças”).

Agora é importante destacar que independente do fato de aquelas moças trabalharem ou não ali, juntamente com os filhos de Eli, o que eles faziam era extremamente repulsivo aos olhos de Deus, pois afinal de contas, aquele era um local sagrado, onde a presença visível da glória da Divindade se manifestava, como uma nuvem, no propiciatório (*Shekinah*) que ficava sobre a arca contendo os dez mandamentos (Êx 25:22; Lv 16:2; Nm 7:89) no lugar santíssimo. Por isso eles foram punidos pelo SENHOR, por

cometerem tamanha depravação num local sagrado (1Sm 2:24-25, 34; 4:11).

Outro verso interessante é o de Gn 18:11, onde relata que Sara, esposa de Abraão já havia cessado o “*costume das mulheres*”. Note a variação dessa expressão:

Versões tradicionais: ARC, ARA, ACF, BJ, RVR, TB, ASV-1901 e KJV-1611. As versões de linguagem contemporânea usadas serão: NVI, NTLH, NBV e MSG.

VERSÕES TRADICIONAIS:

“*E era Abraão e Sara já velhos, e adiantados em idade; já a Sara havia cessado o costume das mulheres.*” ARC

“*Abraão e Sara eram já velhos, avançados em idade; e a Sara já lhe havia cessado o costume das mulheres.*” ARA

“*E eram Abraão e Sara já velhos, e adiantados em idade; já a Sara havia cessado o costume das mulheres.*” ACF

“*Ora Abraão e Sara eram velhos, de idade avançada, e Sara deixara de ter o que têm as mulheres.*” BJ

“*Abraão e Sara eram velhos e de idade avançada; e a Sara já lhe havia cessado o costume das mulheres.*” RVR

“*Ora, Abraão e Sara eram já velhos e de idade avançada; e a Sara tinha cessado o costume das mulheres.*” TB

“*Now Abraham and Sarah were old, [and] well stricken in age; it had ceased to be with Sarah after the manner of women.*” ASV-1901

TRADUÇÃO: Ora, Abraão e Sara eram já velhos, e de idade avançada; e Sara já havia deixado de ter o costume das mulheres.

“*Now Abraham and Sarah were old, [and] well stricken in age; and it ceased to be with Sarah after the manner of women.*” KJV-1611

TRADUÇÃO: Ora, Abraão e Sara eram já velhos, e de idade avançada; e deixou de ter Sara o costume das mulheres.

VERSÕES CONTEMPORÂNEAS:

“*Abraão e Sara já eram velhos, de idade bem avançada, e Sara já tinha passado da idade de ter filhos.*” NVI

“Abraão e Sara eram muito velhos, e Sara já havia passado da idade de ter filhos.” NTLH

“Abraão e Sara eram muito velhos, de idade bem avançada, e as condições físicas de Sara já não permitiam que ela tivesse filhos.” NBV

“Abraão e Sara estavam velhos, em idade bem avançada. Sara tinha passado, havia muito, da época de ter filhos.” MSG

Essa expressão foi atualizada para uma linguagem mais compreensível de nossos dias passando de “*cessado o costume das mulheres*” para “*passado da idade de ter filhos*”. A versão da Bíblia de Jerusalém, no entanto, deixa um pouco a desejar quando usa a expressão “*deixado de ter o que tem as mulheres*”, ora, as mulheres podem deixar de ter uma série de comportamentos ao longo dos anos, além de não poder ter mais filhos, como é o caso em evidência. A NBV atualiza bem a expressão quando escolhe os termos “*As condições físicas de Sara não permitiam que ela tivesse filhos.”* (GN)

Mais uma expressão que ganha enorme significado é a que aparece no texto de Levítico 19:28 em algumas versões. Vejamos primeiro como é citado nas versões tradicionais e depois veremos como o texto está nas versões contemporâneas:

VERSÕES TRADICIONAIS:

“Pelos mortos não dareis golpes na vossa carne; nem fareis marca alguma sobre vós. Eu sou o SENHOR.” ARC

“Pelos mortos não ferireis a vossa carne; nem fareis marca nenhuma sobre vós. Eu sou o SENHOR.” ARA

“Pelos mortos não dareis golpes na vossa carne; nem fareis marca alguma sobre vós. Eu sou o SENHOR.” ACF

“Não fareis incisões no corpo por algum morto e não fareis nenhuma tatuagem. Eu sou Iahweh.” BJ

“Não fareis incisões em vossos corpos por um morto; nem imprimireis em vós tatuagem alguma. Eu sou o SENHOR.” RVR

“Pelos mortos não fareis incisões em vossa carne, nem no vosso corpo imprimireis marca alguma: eu sou Jeová.” TB

“Ye shall not make any cuttings in your flesh for the dead, nor print any marks upon you: I am Jehovah.” ASV-1901

TRAD.: Não fareis lacerações na vossa carne pelos mortos, nem imprimireis quaisquer marcas sobre vós: Eu sou o Jeová.

“Ye shall not make any cuttings in your flesh for the dead, nor print any marks upon you: I am the LORD.” KJV-1611

TRAD.: Não fareis lacerações na vossa carne pelos mortos, nem imprimireis marcas sobre vós: Eu sou o SENHOR.

VERSÕES CONTEMPORÂNEAS:

“Quando chorarem a morte de alguém, não se cortem, nem façam marcas no corpo. Eu sou o SENHOR.” NTLH

“Não façam cortes no corpo por causa dos mortos, nem tatuagens em si mesmos. Eu sou o SENHOR.” NVI

“Não façam cortes no corpo por causa dos mortos, nem marca alguma no corpo. Eu sou o SENHOR.” NBV

“Não façam cortes no corpo por causa dos mortos. Não façam tatuagens no corpo.” MSG

Perceba que das oito versões tradicionais citadas, seis mencionam “*marca*” (ARC, ARA, ACF, TB, ASV-1901 e KJV-1611) e duas mencionam “*tatuagens*” (BJ e RVR). Já entre as versões contemporâneas citadas apenas uma cita “*marcas*” (NTLH), duas citam “*tatuagens*” (NVI e MSG) e uma cita “*marca*” (NBV). Surpreendentemente duas versões contemporâneas não citam “*tatuagens*” (NTLH e NBV) como seria de se esperar pela sua linguagem mais moderna, e uma versão tradicional não menciona “*marca*” (BJ), como seria mais esperado, mencionando “*tatuagem*”. Essas *marcas* poderiam ser cortes que formassem imagens na pele, não precisando ser necessariamente alguma pintura sob a pele, como atualmente se faz.

Queremos abordar algumas outras diferenças entre as versões, mas, agora o faremos de uma forma mais abreviada, somente utilizando a expressão em destaque. Por exemplo: quando versões tradicionais utilizam termos como o de Lv 18:19 “*imundícia*”, “*separação da sua imundícia*” ou “*impureza das*

regras” (ARC, ARA, ACF e BJ), versões contemporâneas já trazem o termo “*menstruação*” (NTLH, NVI, NBV e MSG).

Em outro verso, na versão ARC, nota-se a omissão da conjunção “e” em Gênesis 1:2, 3, 4, 7, 8, 10, 12, 16, 18, 21, 22, 25, 28 e 29. Essa conjunção “e” denota a ideia de ação subsequente entre o intervalo do verso 1 e os demais. Dessa forma, retirando-se essa conjunção, o texto fica vulnerável à uma interpretação de milhões de anos no processo de criação, dando margem à teoria da evolução. Note a diferença entre as versões a seguir:

Com a conjunção “e”, fazendo ligação entre o v.1 e o v.2:

“*No princípio criou Deus os céus e a terra.*”

“*E a terra era sem forma e vazia...*” ARC

Sem a conjunção “e”, criando um hiato de tempo indefinido entre o v.1 e o v.2:

“*No princípio, criou Deus os céus e a terra.*”

“*A terra, porém, estava sem forma e vazia...*” ARA

Notamos, também, que para os revisores da versão ARA a terra não “*era sem forma e vazia...*” mas, “*estava sem forma e vazia*”, ou seja, somente um estado casual de permanência.

O termo “*caos*” na versão ARA de Isaías 45:18 se referindo à terra é único em relação às demais versões bíblicas, pois só aparece nessa versão. Até mesmo em versões com a chamada linguagem contemporânea essa expressão não aparece. Temos o termo “*vazia*” nas versões NTLH, ARC, ACF, NVI e KJV-1611; o termo “*deserto*” na BJ; os termos “*desordem e confusão*” na NBV, na mesma passagem (Is 45:18).

Quanto à descrição das proporções catastróficas no relato do dilúvio (Gn 6-9), vemos leves diferenças entre as versões. Em Gn 7:19 é relatada a proporção da catástrofe nos seguintes termos:

“*E as águas prevaleceram excessivamente sobre a terra, e todos os altos montes, que havia debaixo de todo o céu, foram cobertos.*” ARC

“*Prevaleceram as águas excessivamente sobre a terra e cobriram todos os altos montes que havia debaixo do céu.*” ARA.

Aqui claramente nota-se uma ênfase bem maior às proporções fatídicas do evento na versão ARC do que na ARA. Ou

no mínimo quiseram sintetizar mais o verso e evitar redundâncias. Mas, esse é o perigo de se alterar a Palavra de Deus e incorrer nas condenações provenientes das alterações das Escrituras (Dt 12:32; Pv 30:6; Ec 3:14; Mt 5:17-19; 1Co 4:6; Ap 22:18). Se os termos são repetidos isso deve continuar sendo assim, pois enfatiza ainda mais a importância do fato, ou a evidência que ele deve receber dentro do enredo bíblico.

Amenizar adjetivos “duros” e igualmente repreensivos também é perceptível em textos como o de Tiago 4:4 das versões ARA e NTLH, quando diz “*infiéis*” no lugar de “*adúlteros e adúlteras*” da ARC, “*adúlteros*” da NVI e BJ, ou somente “*adúlteras*” da TNM. A expressão “*adúltero*” na Bíblia, muitas vezes dá uma conotação de perversão contra Deus, idolatria (Jr 3:8, 9; Ez 23:37; Os 1:2) e não somente relações sexuais ilícitas.

Outra situação em que vemos uma modificação nas versões aparece quando o profeta Zacarias foi orientado a dizer a Zorobabel: “*Não por força nem por violência, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos.*” (Zc 4:6b, ARC, ACF e NVI). Já na ARA lemos: “*Não por força nem por poder mas pelo meu Espírito, diz o SENHOR dos Exércitos.*” De forma semelhante a BJ traz: “*Não pelo poder, não pela força, mas sim por meu espírito – disse Iahweh dos Exércitos.*”

A palavra hebraica aqui utilizada é כח *koah*¹⁶, que pode significar força em bom ou mau sentido, e também era usada para designar um grande lagarto ou uma espécie de camaleão. Diferente da palavra תפוח *môpheth*¹⁷, citada pelo próprio Zacarias (3:8) “*homens portentosos*”, essa palavra denota um sinal ou prodígio que podia ser realizado tanto por Deus (Êx 7:3; 11:9), por homens usados por Deus, por exemplo Moisés e Arão (Êx 4:21; 11:10), e também por falsos profetas (Dt 13:1-3).

A verdade é que quando é usada a palavra “*poder*” como na versão ARA é como se excluísse o próprio poder de Deus, pois o verso na ARA diz: “*Não por força nem por poder*”. Logo, as versões que utilizam a palavra “*violência*” denotam melhor o sentido apresentado, como uma ação humana e não divina.

Mas, dois detalhes interessantes são que a palavra “*espíri-*

to” na BJ está com letra minúscula e aparece a palavra “*Iahweh*” em referência a Deus. Dessa forma, com a palavra “*espírito*” com minúscula tem-se a ideia de que o sentido da palavra se aplica à mente e vontade divina e não humana. Ou seja, não pela “*mente*” humana, mas pela “*mente*” divina.

Seria isso distorcer o real sentido dessa sentença? Ao que parece não é esse o propósito da BJ se analisarmos pelo significado da palavra *espírito*, porque segundo a definição do Dicionário de STRONG (p.1923, 2011) “*O espírito humano e o Espírito de Deus estão intimamente relacionados com o caráter moral e os atributos morais.*”

Voltando a uma análise mais abrangente de algumas citações, vamos observar mais alguns versos onde pequenas mudanças podem se configurar em grandes diferenças. Uma manobra maliciosa, ou no mínimo displicente de omissão, percebida na versão contemporânea NBV, diz respeito ao dia de sábado como dia semanal de descanso ordenado por Deus. Note a omissão da palavra “*sábado*” trazendo apenas “*dia de descanso*” o que dá margem para qualquer dia ser escolhido para esse propósito, separando *um* em *sete*, como muitos alegam.

Veja Êx 20:8-10 p.p. na NBV e em várias outras versões:

“*Guarde o sétimo dia como um dia santo. Trabalhe nos outros seis dias, mas o sétimo dia é o dia de descanso do SENHOR seu Deus. [...]*” NBV

“*Guarde o sábado, que é um dia santo. Faça todo o seu trabalho durante seis dias da semana; mas o sétimo dia da semana é o dia de descanso dedicado a mim, o SENHOR, seu Deus. [...]*” NTLH

“*Guardem o dia de sábado para que seja sempre santo. Trabalhem seis dias e, nesse tempo, façam tudo que for necessário. Mas o sétimo dia é o sábado do Eterno, o Deus de vocês. [...]*” MSG

“*Lembra-te do dia de sábado para santifica-lo. Trabalharás seis dias e neles farás todos os teus trabalhos, mas o sétimo dia é o sábado dedicado ao SENHOR, o teu Deus. [...]*” NVI

“Lembra-te do dia de sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado do SENHOR teu Deus; [...]” ARC, ARA e ACF

“Lembra-te do dia de sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra; mas o sétimo dia é o sábado de Jeová, teu Deus. [...]” TB

“Lembra-te do dia do sábado para santificá-lo. Trabalharás durante seis dias, e farás toda a tua obra. O sétimo dia, porém, é o sábado de Iahweh teu Deus. [...]” BJ

“Que se faça do dia de sábado um memorial, considerando-o sagrado. Trabalharás durante seis dias, fazendo todo o teu trabalho, mas o sétimo dia é o sábado do SENHOR teu Deus. [...]” TEB

“Lembra-te do dia de sábado para santifica-lo. Por seis dias trabalharás, e farás toda a tua obra; mas o sétimo dia é o sábado do SENHOR, teu Deus; [...]” RVR

“Lembrando o dia de sábado para o maneres sagrado, deves prestar serviço e tens de fazer toda a tua obra por seis dias. Mas o sétimo dia é um sábado para Jeová teu Deus.” TNM

“Lembre-se do dia, [do] shabbat, para separá-lo para Deus. Você tem seis dias para trabalhar e realizar todas as suas tarefas, mas o sétimo dia é um shabbat para ADONAI, seu Deus. [...]” BJC

“Lembra-te de santificar o dia de sábado. Trabalharás durante seis dias, e farás toda a tua obra. Mas no sétimo dia, que é um repouso em honra do SENHOR, teu Deus, [...]” AM

“Lembra-te de santificar o dia do sábado. Trabalharás durante seis dias e farás todos os trabalhos, mas o sétimo dia é o sábado dedicado ao SENHOR teu Deus. [...]” EV

“Lembre-se do dia de sábado, para santificá-lo. Trabalhe durante seis dias e faça todas as suas tarefas. O sétimo dia, porém, é o sábado de Javé teu Deus. [...]” EP

“Remember the sabbath day, to keep it holy. Six days shalt thou labor, and do all thy work: But the seventh day is the sabbath of the LORD thy God.” KJV-1611

TRADUÇÃO: “*Lembra-te do dia de sábado para santificá-lo. Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra: Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus.*”

“*Remember the sabbath day, to keep it holy. Six days shalt thou labor, and do all thy work; but the seventh day is a sabbath unto Jehovah thy God.*” ASV-1901

TRADUÇÃO: “*Lembra-te do dia de sábado para santificá-lo. Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra, mas o sétimo dia é um sábado à Jeová teu Deus.*”

Dessa forma, segundo a versão NBV, não é necessário guardar o sábado especificamente, mas sim “*um dia de descanso*” sendo ele o domingo, a sexta-feira, ou qualquer outro dia. Mais uma vez percebemos o perigo de se confiar somente numa versão bíblica em detrimento de outras, e da importância de um estudo mais detalhado do que realmente a Palavra de Deus nos diz.

Sugiro como mais confiável a Bíblia KJV-1611 em inglês e a versão em português que mais se aproxima dela, a ACF. Para aqueles que não estão familiarizados com o inglês indico pesquisar os textos desejados e tentar traduzi-los pelo programa do Google. Em muitos versos as versões KJA e a BKJ tiveram uma boa tradução, em outros, porém, não.

Segundo o Dr. WILKINSON (*Nossa Bíblia Autorizada Vindicada*, pp.58-84, 1930) os eruditos que traduziram a Bíblia, que depois foi denominada KJV-1611, se basearam na Bíblia em grego de Erasmus de Rotterdam, que, por sua vez, usou os manuscritos do *Textus Receptus* (Texto Recebido) de Luciano de Antioquia. Estes manuscritos provieram dos discípulos de Cristo. Por outro lado, muitas outras versões bíblicas contemporâneas seguem a Vulgata Latina de Jerônimo (Bíblia católica), que, por sua vez, baseou-se nos manuscritos de Alexandria.

Os exemplos que vimos nos ajudam a perceber como a Bíblia tem sofrido alterações no mínimo displicentes e no máximo maliciosas que podem apoiar determinadas correntes teológicas. Teriam essas alterações realmente objetivos escusos? Espero que ao final da leitura você responda para si mesmo essa e outras importantes questões deste livro que vos escrevo.

Muitas pessoas não saem de casa sem consultar o Horóscopo, para ver as dicas sobre seu signo etc.. Você sabia que na Bíblia é possível encontrar as palavras *Signos do Zodíaco*? Pelo menos em duas versões.

Note por exemplo a passagem de Jó 38:32 da versão ARA: “*Ou fazer aparecer os signos do Zodíaco...*”. A TEB cita: “... *sair os signos do zodíaco...*”. Percebemos o contraste na ACF, ARC e NVI que dizem: “*Ou produzir as constelações a seu tempo...*”. Outras versões contemporâneas não adotam essa expressão “*signos do Zodíaco*” como vimos na ARA.

Por exemplo a NTLH, que diz: “*Você pode fazer aparecer a estrela-d’alva...*” e a BJ, com um termo não tão conhecido “*Podes fazer a seu tempo a Coroa...*”. A NBV usa o termo “*grupos de estrelas*”. A TNM classifica, por sua vez, “*constelação de Mazarote*”. E a BKJ semelhante à anterior traz “*Mazzaroth*”. Perceba que a ARA e a TEB fogem muito do comumente usados por todas as versões citadas quando adotam o termo “*signos do Zodíaco*” sutilmente apoiando a existência de signos, o que poderia dar margem para consulta a horóscopo, astrologia, etc. Mas, como vimos no primeiro capítulo (p.39), Deus tem aversão aos prognosticadores (Dt 18:10-14).

Outra tentativa de alterar o sentido do texto, agora se tratando da natureza de Jesus Cristo, é encontrado na clássica perícopé introdutória do Evangelho segundo o apóstolo João, no capítulo 1 verso 18. Nele lemos o seguinte, conforme cada versão:

“*Ninguém jamais viu a Deus; o Deus unigênito, que está no seio do Pai, é quem o revelou.*” ARA

“*Deus nunca foi visto por alguém. O Filho unigênito, que está no seio do Pai, este o fez conhecer.*” ARC

“*Deus nunca foi visto por alguém. O Filho unigênito, que está no seio do Pai, esse o revelou.*” ACF

“*Ninguém jamais viu a Deus: o Filho único, que está voltado para o seio do Pai, este o deu a conhecer.*” BJ

“*Ninguém jamais viu a Deus; Deus filho único, que está no seio do Pai, no-lo revelou.*” TEB

“Deus nunca foi visto por alguém. O Filho unigênito, que está no seio do Pai, Ele o fez conhecer.” RVR

“Nenhum homem jamais viu a Deus; o deus unigênito, que está [na posição] junto ao seio do Pai, é quem o tem explicado.” TNM

“Ninguém jamais viu Deus; mas seu Filho único, que é idêntico a Deus e está ao lado do Pai, ele o tornou conhecido.” BJC

“Ninguém jamais viu a Deus; o Deus unigênito, que está no seio do Pai, esse o revelou.” TB

“Ninguém jamais viu Deus. O Filho único, que está no seio do Pai, foi quem o revelou.” AM

“Ninguém jamais viu a Deus; quem nos revelou Deus foi o Filho único, que está junto ao Pai.” EP

“Ninguém jamais viu a Deus. O Filho único de Deus, que está junto ao Pai, foi quem no-lo deu a conhecer.” EV

“Ninguém nunca viu Deus. Somente o Filho único, que é Deus e está ao lado do Pai, foi quem nos mostrou quem é Deus.” NTLH

“Ninguém jamais viu a Deus, mas o Deus Unigênito, que está junto do Pai, o tornou conhecido.” NVI

“Ninguém jamais viu realmente a Deus, porém o seu Filho único certamente O viu, porque Ele vive com o Pai e o tornou conhecido.” NBV

“Ninguém jamais viu a Deus, no máximo fora um vislumbre. Foi, então, que essa Expressão única de Deus, que existe no próprio coração do Pai, se revelou com a clareza do dia.” MSG

“No man hath seen God at any time; the only begotten Son, which is in the bosom of the Father, he hath declared him.” KJV-1611

TRADUÇÃO: “Ninguém jamais viu a Deus em qualquer tempo, o Filho unigênito, que está no seio do Pai, esse o deu a conhecer.”

“No man hath seen God at any time the only begotten Son, who is in the bosom of the Father, he hath declared him.” ASV-1901

TRADUÇÃO: *“Ninguém jamais viu a Deus a qualquer momento, o Filho unigênito, que está no seio do Pai, esse o deus a conhecer.”*

Jesus é apresentado neste texto (Jo 1:18) como “*Deus unigênito*” nas versões ARA, TB, NVI e MSG, ou “*deus unigênito*” com “*d*” minúsculo na TNM. Seguindo essa mesma linha interpretativa a TEB que diz “*Deus filho único*”. A versão contemporânea MSG o chama de “*Expressão máxima de Deus*”. No entanto, outras versões bíblicas o chamam de “*Filho unigênito*” (ARC, ACF, RVR, ASV-1901 e JKV-1611). E a grande maioria das versões mantêm esse mesmo sentido ao chama-lo de “*Filho único*” (BJ, BJC, AM, EP, EV, NTLH e a NBV).

Estariam as versões ARA, TB, TNM, NVI, MSG e TEB tentando ocultar o fato de ser Jesus o *Filho unigênito* de Deus? No próximo capítulo relatarei mais sobre esse tema, mencionando outros textos que declaram ser Jesus o Filho de Deus, o *Filho Unigênito* ou *Filho único* e não o *Deus Unigênito*.

Outra omissão capciosa é encontrada em 1Jo 3:4, quando o Apóstolo explica o que é pecado. Note como tentaram omitir dos registros Sagrados uma importante verdade sobre isso:

“Todo aquele que pratica o pecado também transgredir a lei, porque o pecado é a transgressão da lei.” ARA

“Qualquer que comete o pecado também comete iniquidade, porque o pecado é iniquidade.” ARC

“Qualquer que comete pecado, também comete iniquidade; porque o pecado é iniquidade.” ACF

“Todo o que comete pecado comete também a iniquidade, porque o pecado é a iniquidade.” BJ

“Todo o que comete o pecado também comete a iniquidade; pois o pecado é a iniquidade.” TEB

“Todo aquele que comete pecado também infringe a Lei; pois o pecado é infração da Lei.” RVR

“Todo aquele que pratica o pecado está praticando o que é contra a lei, e assim o pecado é aquilo que é contra a lei.” TNM

“Todo aquele que comete pecado comete também iniquidade; e o pecado é a iniquidade.” TB

“Todo aquele que continua a pecar transgride a Torah – de fato o pecado é a transgressão da Torah.” BJC

“Todo aquele que peca transgride a lei, porque o pecado é transgressão da lei.” AM

“Todo aquele que comete pecado, comete também violação da lei, porque o pecado é violação da lei.” EP

“Quem comete pecado transgride também a lei, porque o pecado é a transgressão da lei.” EV

“Todo aquele que pratica o pecado transgride a Lei; de fato, o pecado é a transgressão da Lei.” NVI

“Quem peca é culpado de quebrar a lei de Deus, porque o pecado é a quebra da lei.” NTLH

“Mas aqueles que continuam a pecar transgridem a lei de Deus, porque todo pecado é a transgressão da Lei.” NBV

“Os que não se importam com a vida de pecado fazem uma perigosa oposição à Lei de Deus, porque o pecado é uma grande ruptura da ordem divina.” MSG

“Whosoever committeth sin transgresseth also the law: for sin is the transgression of the law.” KJV-1611

TRADUÇÃO: *“Todo aquele que pratica o pecado também transgride a lei, porque o pecado é a transgressão da lei.”*

“Every one that doeth sin doeth also lawlessness; and sin is lawlessness.” ASV-1901.

TRADUÇÃO: *“Todo aquele que pratica o pecado também pratica a ilegalidade; e o pecado é ilegalidade.”*

O que é, então, pecado? Se tomarmos por base as versões e traduções bíblicas citadas ficaremos um tanto quanto confusos quanto a resposta correta. *Iniquidade* ou *transgressão da Lei*? Se escolhermos as versões e/ou traduções ARC, ACF, BJ, TEB e TB responderemos *iniquidade*. Contudo, se escolhermos as versões e/ou traduções ARA, RVR, TNM, BJC, AM, EP, EV, NVI, NTLH, NBV e KJV-1611 responderemos *transgressão da lei* ou

afins. A versão MSG diz que o “*pecado é uma grande ruptura da ordem divina*” e a ASV-1901 que o pecado é “*ilegalidade*”.

Dessa forma percebemos que algumas versões ocultam o fato de ser o pecado a *transgressão da lei* como claramente evidenciado em outras passagens bíblicas (Lv 22:9; Ne 9:29; Jr 2:8; 44:23; Rm 2:12; 7:7). Por isso a comparação com outros versos é importante para elucidar a compreensão de *um* que muitas vezes é mal traduzido por algumas versões. A Bíblia também nos revela que até deixar de fazer um bem conhecido (Tg 4:17) ou fazer algo sem fé (Rm 14:23) também é cometer pecado. Mas é preciso ter cuidado, pois muitos se perderão tendo fé no erro (Mt 7:21).

Em outro assunto, para a versão ARA colocar apenas: “*Por esta causa, me ponho de joelhos perante o Pai ...*” é o suficiente na passagem de Ef 3:14. Contudo, o mesmo texto em outras versões identifica de que Pai se está falando, como segue: “*Por causa disso, me ponho de joelhos perante o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo*” (ARC e ACF). Nesse caso, analisando as versões, a ARA eliminou o trecho “*... de nosso Senhor Jesus Cristo*” em relação às versões ARC e ACF. Notamos que o texto de Efésios 3:14 nas versões ARC e ACF são mais completos em comparação com o mesmo texto da versão ARA.

Apenas as traduções RVR e KJV-1611 apresentam esse texto (Ef 3:14) em sua forma mais extensa como as versões ARC e ACF. As versões e/ou traduções ASV-1901, BJC, TB, BJ, TEB, TNM, EV, EP, AM, NTLH, NBV, NVI e MSG apresentam esse texto (Ef 3:14) em sua forma mais reduzida. Sendo assim, fica difícil para o leitor comum saber se foi um acréscimo ou omissão o trecho “*... de nosso Senhor Jesus Cristo*” nessa passagem.

Outra discrepância encontrada ao se comparar algumas versões e/ou traduções bíblicas é percebida no texto do evangelista e apóstolo João (9:35) onde encontramos algumas versões e/ou traduções identificando a Jesus, no verso citado, como “*Filho do homem*” (ARA, BJ, TEB, TB, TNM, BJC, AM, EP, EV, NTLH, NVI, NBV e MSG); e outras, no mesmo texto, identificando-o como “*Filho de Deus*” (ARC, ACF, RVR, KJV-1611 e ASV-1901), embora saibamos que as duas expressões são corretas.

Divergência não menos destacada se percebe no texto de 1Jo 5:18, onde, conforme a versão, pode-se ter a ideia de que Jesus nasceu de Deus ou de uma outra pessoa qualquer ter nascido de Deus (de forma espiritual). A ARA apresenta o texto da seguinte forma: “*Sabemos que todo aquele que é nascido de Deus não vive em pecado; antes, Aquele que nasceu de Deus o guarda, e o Maligno não lhe toca.*” 1Jo 5:18; ARA.

Outras versões e/ou traduções apresentam essa mesma ideia de que *Aquele* que nasceu de Deus é uma referência a Jesus, que é *Aquele* que nos guarda do maligno, são elas: RVR, BJ, TEB, KJV-1611, ASV-1901, TNM, BJC, TB, EV, NTLH, NVI, NBV e EP sendo a mais direta: “*Nós sabemos que todo aquele que nasceu de Deus não peca; Jesus, que foi gerado por Deus, o guarda, e por isso o Maligno não o pode atingir.*” 1Jo 5:18; EP. No entanto, o mesmo texto aparece de forma divergente em outras versões e/ou traduções.

A ARC, por exemplo, apresenta o texto assim: “*Sabemos que todo aquele que é nascido de Deus não vive pecando; mas o que de Deus é gerado conserva-se a si mesmo, e o maligno não lhe toca.*” 1Jo 5:18; ARC. Outras versões e/ou traduções seguem essa mesma tendência, são elas: ACF, AM e MSG. Essas versões e/ou traduções dão uma ideia de que quem é nascido espiritualmente de Deus protege-se a si mesmo, diferente das outras que dão uma ideia de que *Aquele* que nos protege do Maligno é *Aquele* que nasceu de Deus, ou seja, Seu Filho unigênito, o nosso Salvador Jesus Cristo.

O texto de Lv 18:18 na ARA dá uma ideia de proibição à poligamia “*E não tomarás com tua mulher outra, de sorte que lhe seja rival, descobrindo a sua nudez com ela durante sua vida.*” O mesmo texto, porém, na ARC apresenta uma proibição para não casar com irmãs: “*E não tomarás uma mulher com sua irmã, para afligi-la, descobrindo a sua nudez com ela na sua vida.*”

O mesmo texto na NTLH reforça a ideia apresentada na ARC, denotando uma proibição ao casamento com irmãs, note esse detalhe na versão indicada: “*Não case com a sua cunhada, irmã da sua esposa, enquanto esta estiver viva. Isso criaria inimi-*

zade entre as duas irmãs.” Lv 18:18; NTLH.

A maioria das versões quanto a este texto (Lv 18:18) apresentam a proibição de casar com irmãs, e não poligamia, como denota a ARA, são elas: ACF, BJ, TEB, TB, RVR, TNM, BJC, KJV-1611, ASV-1901, AM, EP, EV, NVI, NBV e MSG. Sendo assim, vemos que a ARA está sozinha apresentando uma ideia totalmente contrária ao que as demais salientam. Isso não significa que a poligamia é aprovada por Deus.

Outro detalhe interessante aparece no texto de Mt 24:36 da ACF, que diz: *“Mas daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos do céu, Mas unicamente meu Pai.”* As versões paralelas de Almeida acrescentam ao grupo dos que não sabem do dia e da hora da volta de Jesus Ele mesmo, ou seja, o Filho: *“Mas a respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, senão o Pai.”* Mt 24:36; ARA. E a versão ARC, que diz: *“Porém daquele Dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, mas unicamente meu Pai.”* Mt 24:36; ARC.

Outro fato curioso, para não dizer sinistro, quanto a variação de textos bíblicos, nota-se quanto ao processo do novo nascimento. Algumas versões parecem não dar tanta importância a atuação de Cristo no processo de regeneração humana, pois percebemos que algumas delas omitem Jesus Cristo desse processo, pelo menos no texto que indicamos a seguir. A primeira versão que citamos é a mais confiável e a que apresenta Jesus nesse processo de regeneração, as demais o omitem. Vejamos esse importante detalhe na comparação abaixo quanto ao texto de Gálatas 6:15 nas variadas versões:

“Porque em Cristo Jesus nem a circuncisão, nem a incircuncisão tem virtude alguma, mas sim o ser uma nova criatura.” ACF

“Pois nem a circuncisão é coisa alguma, nem a incircuncisão, mas o ser nova criatura.” ARA

“Não faz nenhuma diferença se o homem é circuncidado ou não; o importante é que ele seja uma nova pessoa.” NTLH

“De nada vale ser circuncidado ou não. O que importa é ser uma nova criação.” NVI

“Não faz diferença nenhuma agora se fomos circuncidados ou não; o que vale é se fomos realmente mudados em pessoas novas.” NBV

“Não é o que fazemos, como submeter-se à circuncisão ou rejeitá-la. É o que Deus está fazendo, e ele está criando algo novo, uma vida livre!” MSG

“Pois nem a circuncisão é coisa alguma nem a incircuncisão, mas o ser uma nova criação.” TB

“Porque a circuncisão e a incircuncisão de nada valem, mas sim a nova criatura.” AM

“O que importa não é a circuncisão ou a não-circuncisão, e sim a nova criação.” EP

“De nada vale ser ou não ser circuncidado, e sim a nova criatura.” EV

“De resto, nem a circuncisão é alguma coisa, nem a incircuncisão, mas a nova criatura.” BJ

“Pois o que importa não é nem a circuncisão nem a incircuncisão, mas a nova criação.” TEB

“Pois nem a circuncisão é alguma coisa nem a incircuncisão, mas [sim] uma nova criação.” TNM

Por que omitir a pessoa de Jesus Cristo desse texto? De fato, é uma pergunta séria e provocante, mas não irresponsável e desnecessária. Irresponsável foi o que todas essas versões fizeram ao omitir a pessoa de Jesus de Gálatas 6:15. Para não dizer que a versão ACF foi a única a manter nosso Salvador nesse processo de regeneração no versículo citado, as versões ARC e RVR também O mantiveram como vemos a seguir:

“Porque em Cristo Jesus nem a circuncisão nem a incircuncisão tem virtude alguma, mas sim o ser uma nova criatura.” ARC

“Porque em Cristo Jesus de nada vale a circuncisão nem a incircuncisão, mas o ser uma nova criatura.” RVR

Outro detalhe que podemos perceber nas variações desse verso é quanto aos termos “nova criatura” e “nova criação”, pois entendemos que o primeiro é mais específico que o segundo, podendo alterar a compreensão correta do texto. Termo mais

distante ainda é o da Bíblia MSG, “*vida livre*”, que pode dar margem para não se entender uma vida livre da escravidão do pecado, mas uma vida livre de regras, ou seja, uma vida libertina.

Estariam as Bíblias omissas quanto à pessoa de Jesus Cristo nesse verso querendo passar uma ideia de que a mudança de vida independe de Jesus? Estaria essa omissão dando brecha para que o processo de novo nascimento seja entendido como também podendo acontecer com praticantes de religiões orientais através da meditação ou outros processos que não necessariamente o novo nascimento em Cristo Jesus? São perguntas provocativas que não deixam de nos levar a preocupantes reflexões.

Após essa abordagem geral quero de forma tópica abordar algumas variações na narrativa bíblia, segundo as diferentes versões. Portanto, vamos subdividir por temas essas variações e observar pequenas ou grandes mudanças, com simplórias ou significativas diferenças. Quero, porém, deixar bem claro que minha intenção não é lançar descrédito ao texto bíblico, mas de forma abrangente propor a busca por uma melhor compreensão dos textos sagrados para seguirmos toda luz sem impedimento algum, pois quanto mais clara a luz, mais nítido o caminho, principalmente se queremos andar no caminho estreito, que é mais difícil (Sl 119:105; Mt 7:13 e 14).

Animais

Já no primeiro capítulo da Bíblia encontramos variações textuais no relato da criação. Em Gn 1:20 podemos encontrar as seguintes variações quanto aos animais aquáticos “*enxames de seres viventes*” (ARA, TNM e TB); “*répteis de alma vivente*” (ACF e ARC); “*seres vivos*” (NTLH, NVI, BJ, AM, EV e EP); “*peixes e de outras espécies de vida*” (NBV); “*enxames de seres vivos*” (TEB); “*criaturas vivas*” (BJC); “*seres viventes*” (RVR); “*peixes de toda espécie de vida marinha*” (MSG); “*cardumes de seres viventes*” (ASV-1901); e por último, nas versões que temos analisado, “*criatura que tem vida*” (KJV-1611).

Já quanto aos “*grandes animais marinhos*” (Gn 1:21,

ARA e NBV) as versões ACF, ARC e KJV-1611 se encarregaram de denominá-los “*grandes baleias*” e a EP de “*baleias e os seres vivos que deslizam e vivem na água*”. A MSG aproxima sua descrição da EP nomeando-os de “*enormes baleias, todos os seres vivos que fervilham em grande quantidade nas águas.*”

Contudo, uma estranha definição zoológica aparece na NTLH “*grandes monstros do mar*”, e na maioria das versões e/ou traduções aparece: “*grandes monstros marinhos*” (RVR, TNM, TEB, TB, EV, ASV-1901) ou apenas “*monstros marinhos*” (AM). A BJC ameniza e define como “*grandes criaturas marinhas*”. Na NVI são “*grandes animais aquáticos*” e na BJ “*grandes serpentes do mar*”, contrariando as versões anteriores.

O relato de Êxodo 7:9 na TEB, em que o SENHOR instrui a Moisés sobre o que fazer se Faraó pedisse um sinal, declara que Arão deveria jogar o “*bastão*” no chão e ele se transformaria em um “*dragão*”, diferente do que a maioria das versões diz: uma “*serpente*” (ARC, ARA, ACF, TEB, BJC, RVR, TB, NVI, NBV, MSG, EV e AM) ou “*cobra*” (BJ, EP e NTLH); ou até mesmo “*cobra grande*” (TNM).

O mais curioso é que a própria TEB se contradiz em seu relato desse acontecimento, pois em Êx 7:9 ela diz que o “*bastão*” de Arão viraria um “*dragão*”, como de fato reafirma no verso 12: “*Cada qual jogou seu bastão, que se tornou um dragão. Mas o bastão de Arão engoliu os seus bastões.*” Porém no verso 15 aparece a contradição: “*Vai a Faraó, de manhã, quando estiver saindo das águas. Aguarda-o a beira do Rio, segurando nas mãos o bastão que se transformou em serpente.*” (Êx 7:15; TEB).

Na lista de animais limpos e imundos de Levítico 11 também podemos notar algumas variações. O “*arganaz*” (Lv 11:5, ARA) chamado também de “*procávia*” na TNM, de “*hírace*” na TEB e “*querogrilo*” na TB, nada mais é do que o “*coelho*”, citado na maioria das versões (ARC, ACF, BJ, RVR, BJC, EP, EV, AM, NVI, NBV, NTLH e MSG).

Um animal chamado na TB de “*vultur*” em Lv 11:13 (1º animal dos 3 citados nesse verso), é a “*águia*” que aparece na maioria das versões (ARC, ARA, ACF, TEB, RVR, TNM, BJC,

EV, AM, NVI, NTLH, NBV e MSG). Na BJ e na EP aparece como primeiro da lista o “*abutre*”.

O “*quebrantosso*”, o segundo animal citado na passagem de Lv 11:13 (ARC, ARA, ACF, RVR e TB) é “*gipaeto*” na versão da BJ e EP, e “*urubu*” na NVI, NBV, NTLH, MSG e TEB. Na TNM ele é chamado de “*brita-ossos*”, na BJC de “*abutre*” e na EV e AM de “*falcão*”.

Já o animal chamado de “*xofrango*” (não confunda com uma forma de espantar o frango), terceiro da lista de Lv 11:13 (ARC, ACF, RVR, EP e BJ) é denominado de “*águia-marinha*” na ARA, TEB, EV, NVI, NTLH, NBV e MSG; de “*halieto*” na TB; na BJC ele é chamado de “*águia-pescadora*” e de “*abutrefusco*” na TNM. Na versão bíblica AM a descrição das aves imundas está mais aglomerada e aparece no verso 14.

“*Milhano*” e “*milhafre*” é outra variação do nome dado ao mesmo animal entre as versões em Lv 11:14; já o “*falcão*” (Lv 11:14, ARA, TB, RVR, AM, NVI, NTLH, NBV e MSG) é chamado de “*abutre*” na ACF, ARC, TEB e EV; “*butios*” na BJC; e as versões BJ, EP e TNM dizem “*milhafre negro*” e “*milhafre vermelho*” em Lv 11:14.

Enfim, nesse capítulo (Lv 11) há muita variação de nomes e alteração da ordem em que eles se encontram. Este é um dos capítulos com maior variação de nome. Estes são apenas alguns exemplos. Não vamos citar todas as variações do capítulo, até porque essas comparações têm apenas um objetivo: mostrar como pode haver variação de uma versão para a outra.

O animal denominado como “*unicórnio*” em Nm 23:22; 24:8; Jó 39:10; Sl 29:6 e 92:10 segundo as versões ARC, NTLH, NVI e KJV-1611; é chamado de “*boi selvagem*” na ARA, ACF, NBV, TB, BJC e ASV-1901; “*touro selvagem*” na TNM e de “*búfalo*” na RVR, TEB, BJ, AM, EP e EV. Ao utilizar esse nome “*unicórnio*” essas versões (ARC, NTLH, NVI e JKV-1611) podem alimentar nos leitores a fantasia de um cavalo voador branco com um único chifre no meio da testa, como nas histórias infantis e filmes de hollywood. Possivelmente esse animal seja o rinoceronte, por possuir um único corno, chifre.

Já o “*leviatã*” que aparece em Jó 41:1 (ou 40:25 em algumas versões) e Sl 104:26 segundo as versões ARC, ACF, NTLH, NVI, NBV, MSG, BJ, TB, TEB, TNM, BJC, EP, AM (Jó 40:20), ASV-1901 e KJV-1611; é chamado de “*crocodilo*” na ARA, BEV e RVR. Por sua vez a TEB o chama em Sl 104:26 de “*Sinuoso*”, mas no texto de Jó (40:25) denomina-o também de “*leviatã*”. A BEV o chama de “*crocodilo*” no texto de Jó, mas o chama de “*leviatã*” no texto de Salmos.

Contudo os detalhes do animal de Jó 41:1 (ou 40:25 em algumas versões) nos dão conta de um animal diferente de um simples *crocodilo* (ARA, EV e RVR), pois até fogo ele solta pela boca e fumaça das narinas, sendo capaz de acender carvões (Jó 41:19-21), o que nos lembra os lendários e temidos dragões.

Seria esse relato uma prova da existência dos dragões? Não podemos afirmar com todas as letras, mas os detalhes são bem contundentes nessa direção, dando-nos um indício da possibilidade desses animais realmente terem existido.

Em Salmos 148:7 as “*baleias*” das versões ACF e ARC, são chamadas de “*monstros*” pela BJC; “*monstros marinhos*” pelas ARA, RVR, TNM, TB, BJ, EP; “*monstros do mar*” na NTLH e NBV; “*dragões do mar*” é como a Bíblia MSG chama esses animais; “*serpentes marinhas*” pela NVI; a BEV e TEB denominam o animal de “*dragões*”; e uma outra versão católica AM chama-os de “*cetáceos*”, uma linguagem mais científica e menos conhecida, que define os animais marinhos mamíferos, as baleias de todas as espécies, mas também os golfinhos.

Instrumentos Musicais

Por ocasião da adoração da estátua de ouro que o rei de Babilônia Nabucodonosor fizera, relata-se que foram tocados alguns instrumentos para ordenar o momento exato da adoração daquela estátua. Dois nomes bem incomuns aparecem em duas versões distintas, em detrimento de outras, são eles a “*guitarra*” que por incrível que pareça é citada em Daniel 3:15 da ARC, e “*cornamusa*” na BJ. Já a versão da NBV se limita apenas a dizer

“quando os instrumentos começarem a tocar” (Dn 3:5) e “quando a música for tocada” (Dn 3:15).

Segundo a passagem de Amós 6:5 o mesmo instrumento pode variar pelo menos quatro vezes. Note a diferença entre as versões: “lira” (ARA), “alaúde” (ARC), “viola” (ACF), “harpa” (BJ e NBV). Outra passagem que apresenta a mesma variação é 1 Sm 6:5, com “harpas, saltérios, tamboris, pandeiros e címbalos” (ARC, ARA, ACF), “cítaras, harpas, tamboris, pandeiros e címbalos” (BJ), “harpas, liras, tambores, castanholas e pratos” (NTLH) e “harpas, liras, tamborins, chocalhos e címbalos” (NVI). (Grifei alguns bem incomuns não citados em outras versões anteriores).

Pesos, medidas e valores

Nem todas as alterações são ruins ou tendenciosas, as alterações de pesos e medidas, por exemplo, ajudam muito a compressão do nosso senso de capacidade e tamanho encontrado nas histórias bíblicas. Veja por exemplo as medidas da arca de Noé, as versões tradicionais apresentam essas proporções como “de trezentos côvados será o comprimento; de cinquenta a largura; e a altura de trinta.” (Gn 6:15, ARC, ARA, ACF, BJ, ASV-1901, KJV etc.). Já em versões contemporâneas, com a transformação dessas medidas, lemos “cento e trinta metros de comprimento, vinte e dois de largura e treze de altura.” (Gn 2:15, NTLH, NVI, NBV, MSG).

O tamanho de Golias, o gigante que o pequeno Davi enfrentou e matou, era de “seis côvados e um palmo” (1Sm 17:4, ARC, ARA, ACF, BJ, ASV-1901, KJV, etc.). As versões contemporâneas já não são muito precisas quanto à altura do gigante. Para a NBV ele tinha “2,70 metros”. Já para a NVI “dois metros e noventa centímetros de altura”. A NTLH por sua vez apresenta o gigante como possuindo “quase três metros de altura”. A Bíblia *The Messenger* (MSG) não é precisa e específica, exagerrando bastante e apresentando o gigante como tendo “quase dez metros de altura”.

A estátua de ouro construída por Nabucodonosor, relatada em Daniel 3:1, era de “*sessenta côvados de altura e seis de largura*”, segundo as versões tradicionais (ARC, ARA, ACF, BJ, ASV-1901, KJV etc.). Mais uma vez as versões contemporâneas não apresentam os mesmos valores nessa medida. A NTLH e a NVI relatam uma estátua de “*vinte e sete metros de altura por dois metros e setenta centímetros de largura*”, enquanto que a NBV declara que esta estátua tinha “*quase 30 metros de altura por três de largura*”.

O tamanho da Nova Jerusalém, vista por João, e relatada no Apocalipse (21:16-17), estimam uma cidade de “*doze mil estádios*” e um muro (não citando se de altura ou de espessura) de “*cento e quarenta e quatro côvados*”, segundo as versões ARC, ARA, ACF, BJ, ASV-1901, KJV, entre outras. Temos um vislumbre do tamanho dessa cidade quando lemos versões tradicionais como a NTLH e NVI, que apresentam uma megacidade do tamanho de “*dois mil e duzentos quilômetros*” com comprimento, largura e altura iguais (Ap 21:16 ú.p.), e um muro de “*sessenta e cinco metros de espessura*”, chamando a atenção para o detalhe de que eles apresentam essa medida do muro como sendo de espessura, enquanto que as outras versões não definem se é de altura ou espessura. Mesmo assim, já imaginou? Um muro desse tamanho! Formidável, não é mesmo?!

Já a NBV apresenta as dimensões da Nova Jerusalém em “*2.400 quilômetros de cada lado*”, ou seja, 2.400 Km cúbicos, e seu muro como tendo “*71 metros de lada a lado*”. É uma cidade realmente impressionante só pelo tamanho, imagine pelos materiais com os quais ela é construída, ouro, pedras preciosas, pérolas e uma natureza esplendidamente exuberante. Como Paulo disse (1Co 2:9), não passa pela nossa imaginação algo assim, porque nunca vimos algo semelhante.

Mas nem tudo é belo, nem tudo é agradável na mensagem bíblica. A Bíblia apresenta punições aos desobedientes e ímpios. Uma dessas punições será derramada na 7ª praga, através de uma chuva de pedras de “*cerca de um talento*” (Ap 16:21; ARC, ARA, ACF, ASV-1901 e KJV). Temos uma noção do tamanho dessas

pedras quando lemos, por exemplo, na Bíblia NTLH “*Eram grandes pedras, que pesavam mais de trinta quilos*” e na NVI “*enormes pedras de granizo, de cerca de trinta e cinco quilos cada*”. A NBV vai mais além e diz “*pedras do peso de 50 quilos caíram do céu em cima do povo*”.

Salmos

Um livro com tanta linguagem poética é uma verdadeira “tentação” para quem pretenda alterar algo nas Escrituras. Portanto, vamos observar algumas variações linguísticas praticadas pelas versões, pontuando apenas algumas diferenças, e notando se conseguimos observar alterações grotescas e perigosas ao sentido real que a passagem deveria apresentar.

Um versículo de um Salmo muito famoso é o Sl 4:4a que diz: “*Irai-vos e não pequeis*” (ARA). Porém a versão anterior a essa, ou seja, a mais antiga, e segundo estudiosos a mais fiel ao original, é a que traz “*Perturbai-vos e não pequeis*” (ARC e ACF). A NTLH vai mais além e declara “*Tremam de medo e parem de pecar*”. Estranho não é mesmo? A própria Palavra de Deus diz “*não temas*” (Is 41:13) e essa versão parece nos pedir para *tremar de medo*.

Mas, a variação entre as versões é bem discrepante, são comportamentos um tanto quanto variados, você não acha? Ira, perturbação e medo são as palavras usadas pelas versões apresentadas no mesmo versículo desse Salmo. Contudo, as diferenças não param por aí, “*travessero*” (ARA), “*cama*” (ARC e ACF) e “*quarto*” (NTLH) são palavras que aparecem em cada uma dessas versões no verso 4:4b, com um sentido de consulta da consciência e uma atitude de “*contar até 10*” para não tomar decisões precipitadas e “*colocar a cabeça no lugar*”, segundo alguns ditos populares.

Em um clamor do salmista Davi, ele suplica a Deus: “*...acode/escuta ao meu gemido*” Sl 5:1; ARA/NTLH. Nas versões mais tradicionais (ACF e ARC) a palavra “*gemido*” não aparece, note: “*atende a minha meditação*”. Compreendemos que

a primeira palavra (*gemido*) dá uma ideia de estado *emocional* de agonia do salmista, no qual ele parece até, um tanto quanto, desesperado em seu clamor a Deus. Já a segunda expressão (*meditação*) transparece-nos um estado *espiritual* de reflexão e calma do salmista em seu relacionamento com o Altíssimo. Para esse mesmo verso a NBV, uma versão contemporânea, traz uma linguagem bem atualizada, e até mesmo bela, quando diz: “*Escuta a oração que eu faço em silêncio, no fundo da alma!”* Belo pedido não é mesmo?

Um Salmo bem importante pelo seu tema criacionista e exaltação da Majestade Divina é o Salmo 8. Nele encontramos um termo que nos chama muita atenção pela sua ausência na maioria das versões pesquisadas. Nas versões mais tradicionais ACF, ARC e BJ aparece o termo “*mortal*” relacionado ao homem no verso 4 e 5. Já em outras versões (ARC, KJV-1611, ASV-1901, NTLH, NVI, BV) aparece apenas “*que é o homem para que dele te lembres?*” Em contraste com “*que é o homem mortal para que dele te lembres?*” (ACF, ARC e BJ). Agora fica a dúvida, alguma versão subtraiu? Ou alguma acrescentou?

Outra palavra trocada nas versões mais recentes é a palavra “*rins*”, em alguns casos trocada por “*mente*” ou “*coração*”. No Salmo 16:7 (Sl 7:9; 26:2; 73:21; 139:13), por exemplo, nas ACF, ARC, KJV-1611 e BJ aparece “*até os meus rins me ensinam de noite*”. Já nas versões ARA, ASV-1901 e NVI predomina *coração*: “*pois até durante a noite o meu coração me ensina*” (ARA). A NTLH foge um pouco de *rins* e *coração*, trazendo: “*e durante a noite a minha consciência me avisa*”. E a NBV também simplifica: “*No meio da noite Ele me dá os pensa-mentos sábios e certos de que eu preciso.*”

O salmista Davi compara os inimigos do Senhor à “*gordura dos cordeiros*” no Salmo 37:20 (ACF, ARC, KJV-1611 e ASV-1901), fazendo uma alusão aos sacrifícios do santuário, no qual a gordura dos animais deveria ser totalmente derretida (Êx 23:18; 29:13; Lv 3:3; 4:19, 26; 7:23, 24, 31; 16:25). Essa comparação é mudada em outras versões para “*o viço das pastagens*” (ARA), “*a beleza dos prados*” (BJ), “*beleza dos campos*” (NVI)

e “*como a erva*” (BV).

No mesmo Salmo encontra-se a variação de outro símbolo usado para descrever os ímpios: “*árvore verde na terra natal*” (SI 37:35, ACF e ARC) ou somente “*árvore verde*” (KJV-1611), mudando para “*cedro no Líbano*” (ARA, BJ e BV), “*cedro dos montes Líbanos*” (NTLH) ou “*frondosa árvore nativa*” (NVI), sendo essa da NVI mais semelhante à das ACF e ARC.

Esse Salmo (37), ao que nos parece, demonstra ser um dos que mais alterações conceituais apresenta, no versículo 37, em uma pequena mudança que pode dar duas ideias, a de *homem pacífico* para a de *homem que terá um futuro de paz*. Note na versão ARC: “*Nota o homem sincero, e considera o que é reto, porque o futuro desse homem será de paz.*” (GN)

Já na ARA diz: “... porquanto o homem de paz terá posteridade.”, termo semelhante ao usado pela ASV-1901 (*homem de paz*). Notou como há uma mudança de sentido na frase? De *futuro de paz* para *homem de paz*. Outras variações são “o fim desse homem é a paz.” (ACF e KJV-1611), “...peessoas que amam a paz e deixam descendentes.” (NTLH), “*Quem obedece ao Senhor e vive em paz terá um fim abençoado.*” (BV) e por último “*há uma posteridade para o homem pacífico.*”, segundo a Bíblia de Jerusalém (BJ).

O salmista Davi tinha o costume de orar três vezes ao dia. Temos acesso a essa informação no Salmo 55:17, que diz: “*De tarde e de manhã e ao meio-dia orarei; e clamarei, e ele ouvirá a minha voz.*” (ARC, ACF e KJV-1611). Outras versões, entretanto, afirmam diferente, que Davi ao invés de “*orar*” ele “*chorava*”, “*gemia*”, “*clamava*”, etc. Veja a ARA, por exemplo: “*À tarde, pela manhã e ao meio-dia, farei as minhas queixas e lamentarei; e ele ouvirá a minha voz.*”

Aqui temos a impressão de que Davi era um grande resmungão, se queixando três vezes ao dia perante o Senhor. A ASV-1901 usa os termos “*reclamar e gemer*”. Note agora a NTLH: “*De manhã, ao meio-dia e de noite, eu choro e me queixo, e ele me ouve.*” Pior ainda com essa versão, não é mesmo? Seria Davi um *chorão*, que só sabia reclamar da vida e se queixar das

suas mazelas para Deus?

A NVI não foge muito dessa tendência e também afirma: “*À tarde, pela manhã e ao meio-dia choro angustiado, e ele ouve a minha voz.*” A BJ é mais contida e resume a frase em: “*Eu, porém, invoco a Deus, e Iahweh me salva.*” Já a NBV mesmo apresentando uma linguagem contemporânea, evita essa lamúria e diz: “*Farei orações pela manhã, ao meio dia e à noite; contarei a Deus os meus problemas e Ele me ouvirá.*”

No Salmo 63:1 Davi afirma: “*Ó Deus, tu és o meu Deus forte; eu te busco ansiosamente...*” (ARA). Esse termo (*ansiosamente*) não é utilizado em nenhuma outra versão, seria esse um advérbio de modo apropriado para se buscar a Deus? Acredito que não, porque ansiedade não é algo bom, nem recomendado pelo próprio Senhor Jesus Cristo (Mt 6:31-34). O que outras versões apresentam passa longe do termo que é utilizado pela ARA.

Note por exemplo as mais tradicionais ARC da IBB e a ACF da SBTB, que dizem: “*Ó Deus, tu és o meu Deus; de madrugada te buscarei...*” (Sl 63:1). Nítida a diferença não é mesmo? Além do “*ansiosamente*” a ARA acrescentou o “*forte*”, ficando “*Deus forte*”, enquanto que as outras versões só dizem “*meu Deus*”. Outros termos afins também são usados pelas demais versões: “*cedo*” (KJV-1611), “*toda manhã cedo*” (NBV), ou “*sinceramente*” como a ASV-1901, e até mesmo somente “*...eu te procuro*” como faz a BJ, sem acrescentar nenhum outro termo.

Uma pergunta é apresentada no Salmo 89:48: “*Que homem há, que viva e não veja a morte? Ou que livre a sua alma das garras do sepulcro? ARA. Palavra relacionada “*sepultura*” aparece em outras versões (NTLH, ACF, NVI e KJV-1611). Estranhamente, porém, na ARC aparece da seguinte forma: “*Que homem há, que viva e não veja a morte? Ou que livre a sua alma do poder do mundo invisível?*” Note que o verso nas duas versões é idêntico, mudando apenas na parte final, que está sublinhada. Para quem acredita na imortalidade da alma essa sentença sublinhada da versão ARC é um prato cheio, porque atesta haver um *mundo invisível*. O leitor pode ser levado a pensar que todos*

vão para esse *mundo* invisível, desconsiderando que o salmista aqui está falando da sepultura, de onde ninguém escapa, a menos, é claro, quem não tem um enterro, é cremado, desaparece no mar etc. Mas, como dissemos a algumas páginas atrás, precisamos estudar a Bíblia comparando texto com texto para não criar conceitos contrários aos outros ensinamentos da Palavra de Deus, que alega na morte não haver atividade alguma (Ec 3:19-22; 9:5,6,10). Outras versões usam o termo hebraico “*Sheol*” (Sl 89:48, ASV-1901) ou uma variação dele, “*Xeol*” (Sl 89:49, BJ).

Observamos que outra pequena margem para a teoria do evolucionismo é dada no Salmo 90:2 pela ARA, quando diz: “*Antes que os montes nascessem e se formassem a terra e o mundo, de eternidade a eternidade, tu és Deus.*” Muitos dentre os próprios cristãos creem em algum aspecto da teoria da evolução.

Segundo a ARA, o mundo e a terra, nesse versículo, *se formaram*, e não, *tiveram um Deus que os formassem*. Note agora a diferença em outra versão: “*Antes que os montes nascessem, ou que tu formasses a terra e o mundo, sim, de eternidade a eternidade, tu és Deus*” (ARC e ACF). Note que uma pequena mudança altera todo o sentido da frase.

Um Salmo muito utilizado nos momentos de cânticos é o 96:1 “*Cantai ao Senhor um cântico novo, cantai ao SENHOR, todas as terras.*” (ARA e “*...toda a terra*” ACF, KJV-1611 e ASV-1901). Outras versões são mais específicas, como a ARC, que diz: “*Cantai ao SENHOR um cântico novo, cantai ao SENHOR, todos os moradores da terra.*”, a NTLH “*...todos os povos da terra*”, a NVI “*...todos os habitantes da terra*”, e a BJ “*Terra inteira...*”.

Você consegue observar a importância de dizer “*todos os moradores da terra*”, ao invés de somente “*toda a terra*”? Dá uma ideia de algo mais específico, não é verdade? Afinal, a terra (natureza) é algo que também pode louvar a Deus revelando a grandeza de quem a criou, mas com *cânticos* somente nós, seres humanos podemos louvá-lo (e as aves). As mesmas alterações se observam no Salmo 100:1, “*Celebrai com júbilo ao SENHOR, todas as terra.*” Ou “*Celebrai com júbilo ao SENHOR, todos os moradores da terra.*”, segundo as versões já citadas.

Outro tema controverso aparece no próximo Salmo. As versões modernas da Bíblia, e até mesmo algumas tradicionais, citam a dança como uma das formas de louvar a Deus. Veja no Salmo 150:4 “*Louvai-o com... e danças...*” (ARA, ACF, BJ, NTLH, NVI, BV etc.). Mas a ARC foge à regra, trazendo “*Louvai-o com... e flauta...*” quanta diferença, não é mesmo? O mais intrigante é a predominância do termo na maioria das versões. Isso mostra que algum tipo de dança, que não sabemos qual e em qual momento e lugar era praticada, era uma forma de expressar alegria e louvor a Deus. Davi se expressou assim quando trouxe a arca de volta a Jerusalém (2Sm 6:13-18), o que aos olhos de sua esposa Mical (filha de Saul) foi algo indiscreto e próprio dos *vadios*.

O costume de se expressar pela dança e pelo canto ainda é praticado em algumas culturas religiosas nos dias de hoje. No entanto, certos tipos de dança podem ser sensuais e totalmente indiscretos quando associados ao solene culto e adoração ao Senhor. Pode também denotar mais exibicionismo que louvor.

Em breve estudaremos uma passagem muito importante das Escrituras (Cl 2:1-3), como mencionei no primeiro capítulo. Para isso analisaremos essa passagem como temos feito, em versões com linguagem mais fiel ao original e em linguagens atualizadas. Depois você poderá tirar suas conclusões sobre as implicações de todo este estudo para a compreensão do tema tratado. Vamos antes disso perceber mais algumas diferenças entre as versões quanto a outro tópico das Escrituras.

Nomes Próprios

Alguns nomes próprios também sofrem certas alterações, de uma versão para outra. O nome do terceiro rio do relato de Gn 2:14 passa de “*Hidéquel*” (ARC, ASV-1901 e KJV) para “*Tigre*” (ARA, ACF, BJ, NTLH e BV). Em Gênesis 5:22-25 o filho de Enoque recebe o nome de “*Metusalém*” na ARA, “*Matusalém*” na ACF e “*Metusala*” na ARC, três variações do mesmo nome, do homem que viveu mais tempo, segundo a Bíblia (969 anos, Gn

5:27). Um dos filhos de Noé aparece na ARC, ACF e BV como “cão” e na ARA, NTLH, NVI e BJ como “cam” (Gn 7:13; 9:18, 22; 10:6). A filha mais velha de Labão “Léia” (Gn 29:16, ARC, NTLH, ASV-1901, KJV) aparece em outras versões como “Lia” (Gn 29:16, ARA, ACF, NVI, BJ, BV).

“Mordecai” e “Mardoqueu” é outra variação entre as versões bíblicas, referente ao nome do primo de Hadassa, que depois teve seu nome trocado para Ester ao ser levada para o palácio de Assuero (Ester 2:5 “Mordecai” ARA, NTLH, ASV-1901, KJV, BV; “Mardoqueu” ACF, ARC, NVI, BJ).

Em Jó aparece “Sofar” (Jó 2:11, ARC e BJ) mais conhecido como “Zofar” em versões como ARA, ACF, NTLH, NVI, BV. Um amigo de Paulo, citado em Romanos 16:8, é chamado de “Amplias” na ARC, ACF e KJV. Já em outras versões ele é chamado de “Ampliato” (ARA, NTLH, NVI, BJ, ASV-1901 e BV). Outras pequenas variações também podem ser encontradas no mesmo capítulo: “Pérsida” e “Pérside” (Rm 16:12). “Apolo” e “Apolos” (1Co 1:12; 3:4, 5, 6, 22; 4:6).

A partir dessas observações é preciso refletir na seguinte questão: os nomes bíblicos têm algum significado e importância? É certo que a transliteração de nomes hebraicos não é uma tarefa fácil e seu significado está ligado à grafia original. Mas com certeza na cultura judaica (entre outras) os nomes possuem significados distintos (Gn 17:5, 15 e 16; 32:28 etc.).

Descobrimos também, ao analisar de forma mais clara e abrangente, uma significativa mudança e diríamos até mesmo uma omissão de um nome muito conhecido. No capítulo 14 de Isaías aparece uma descrição de um personagem que queria “*ser semelhante ao Altíssimo*”. Muitos não acreditam se tratar de Lúcifer, pois o contexto da passagem é uma referência à Babilônia. Outros, porém, não tem dúvidas de que o texto de Isaías 14:12-14 denuncia os intentos orgulhosos do diabo, que é uma espécie de modelo para os governantes babilônicos, em sua arrogância e pretensão de domínio mundial.

Enquanto que somente as versões ACF e KJV-1611, citam o nome “Lúcifer”, nas versões ARC, ARA, RVR, BJC, BJ, TEB,

AM, EP, NVI, NTLH, NBV, MSG aparece a expressão “*estrela da manhã*” ou similares. No entanto, várias características da passagem nos indicam que se está falando realmente daquele que era chamado “*Lúcifer*”, e se transformou em “*Satanás*”, pois cobiçou o lugar de Deus. Jesus afirmou que viu Satanás cair do céu como um raio (Lc 10:18). Também em Ap 12:7-9 vemos que ele, Satanás, foi expulso juntamente com os anjos que ficaram ao lado dele na batalha que houve no céu.

Na KJV-1611, em Isaías 14:12, está: *Filho da manhã* e não *estrela da manhã*; e na ACF está *filho da alva*. Já a NVI, em Isaías 14:12, chama Lúcifer não só de *filho da alva*, mas também de *estrela da manhã*. A NVI leva o leitor a pensar que *estrela da manhã* e *filho da alva* são a mesma coisa.

Quando descobrimos o significado do nome *Lúcifer* entendemos porque algumas versões colocaram “*estrela da manhã*”. Veja o que diz o dicionário Larousse Cultural sobre o significado do nome *Lúcifer*:

Lúcifer s. m. (Do lat. *Lucifer*, de *lux*, *lucis*, luz + *ferre*, trazer.)
1. Nome dado a Satã, ao diabo. – 2. Durante os primeiros séculos da Igreja, o nome Lúcifer foi aplicado a Cristo, verdadeiro “portador da luz”. – 3. Para os antigos romanos, o planeta Vênus, devido a sua maior luminosidade.¹⁸

E agora? Quem é a estrela da manhã? Satanás ou Jesus? Em Isaías 14:12-14 fala de Satanás (como *filho da manhã* na KJV) e em Apoc. 22:16 diz o seguinte:

“*Eu, Jesus, envie o meu anjo, para vos testificar estas coisas nas igrejas. Eu sou a raiz e a geração de Davi, a resplandecente estrela da manhã.*” Ap 22:16; ACF.

Outra definição do nome *Lúcifer* dado em um dicionário Bíblico é apropriada nesse estudo para nossa compreensão:

Lúcifer (lat., **portador de luz**), a estrela da manhã (Is 14:12), nome dado pelo profeta ao rei da Babilônia por causa do seu orgulho, esplendor e glória, antes da sua queda, quando ele disse: “**Eu subirei ao céu; acima das estrelas de Deus, exaltarei o meu trono**” (v.13). Na idade média, o termo tornou-se sinônimo de Satanás.¹⁹

Contradições à parte, se a estrela da alva é Lúcifer ou Jesus, o que precisamos saber é que Lúcifer não é mais um anjo portador de luz celestial, apesar de poder usar um disfarce de anjo de luz (2Co 11:14), com o propósito de enganar. Quem é a verdadeira luz, a luz do mundo? É Jesus e seus representantes (Jo 8:12; 9:5; 12:46; Mt 5:14; Ef 5:8). O mundo está em trevas (Mt 4:16; Jo 3:19) e jaz no maligno (1Jo 5:19). Portanto, podemos concluir que aquele que um dia fora *Lúcifer* perdeu sua luz e não mais pode ser considerado a *estrela da manhã*, mas sim o diabo, Satanás (Ap 12:9) e um dos príncipes das trevas deste século (Ef 6:12).

Outras alterações

Agora quero indicar outras alterações sérias entre as versões da Bíblia. Uma delas está em Apoc. 22:14 que nas versões ACF, KJV e BKJ diz: “*Bem-aventurados aqueles que **guardam os seus mandamentos**, para que tenham direito à árvore da vida, e possam entrar na cidade pelas portas.*” Este texto, assim como está nestas versões, concorda com o que Jesus disse ao jovem rico: “*Se queres, porém, entrar na vida, guarda os mandamentos.*” Mt 19:17. Isso mostra a importância da obediência para a salvação.

O problema é que na maioria das versões este texto exclui a guarda dos mandamentos como condição para ter direito à vida eterna, colocando simplesmente: “*Bem-aventurados aqueles que **lavam as suas vestiduras** [no sangue do Cordeiro], para que lhes assista o direito à árvore da vida, e entrem na cidade pelas portas.*” Apoc. 22:14; ARA (ARC, RVR, TB, BJ, TEB, EV, EP, AM, BJC, NVI, NBV, NTLH, MSG etc.). Todas essas versões da Bíblia substituíram a sentença “*guarda os seus mandamentos*” para “*lavam as suas vestes*” como condição para ter a vida eterna. Apesar de ser importante lavar as vestes (caráter) no sangue do Cordeiro (Ap 7:14) para ter direito a vida eterna, não podemos excluir da equação a guarda dos mandamentos.

Outro texto, o de João 14:18 na KJV indica que o próprio Jesus é o Consolador: “*Eu não vos deixarei sem consolo, eu voltarei para vós.*” Já nas demais versões diz: “*Não vos deixarei*

órfãos...” o que muda totalmente o sentido da frase. Até mesmo a versão ACF que é a mais semelhante à KJV, não a seguiu nesse verso apresentando o próprio Jesus como o Consolador.

Outro detalhe que dificulda uma compreensão correta na profecia de Daniel 9:25-27 é a substituição da expressão “*o Messias, o Príncipe*” na KJV e ACF para expressões como “*o ungido*”, “*o governador*” ou “*um rei*” nas versões revisadas e atualizadas. Isso induz a uma interpretação diferente do que o texto diz, que esse é o Messias, Jesus. E muitos aplicam isso ao anticristo e não ao Messias (Jesus Cristo) como indica o texto e seu cumprimento profético, quando Cristo, ao morrer, fez cessar não somente o sacrifício, como também todo sistema sacrificial.

O grosso véu do templo se rasgar misteriosamente (Mt 27:51) foi um forte sinal de que de fato Jesus foi o Messias, o Príncipe indicado em Daniel 9:25-27, levando-se também em consideração o tempo da profecia (consultar sugestão de estudo suplementar ao final do livro).

Em Apoc. 14:12 na KJV-1611, BKJ e ARC temos “*a fé de Jesus*” enquanto que nas demais versões (inclusive na ACF) aparece “*a fé em Jesus*”.

Essa pequena diferença pode mudar totalmente o sentido. Os remanescentes “*guardam os mandamentos de Deus e têm a fé de Jesus*” no sentido de ter a mesma fé que Jesus teve, ou seja, crer no mesmo Deus que Ele cria e nos mesmos ensinamentos que Ele seguiu e ensinou. Não meramente ter “*fé em Jesus*” pois isso, teoricamente, é muito fácil ter.

Para outras variações que podem comprometer a compreensão de verdades importantes sobre a morte, a conversão e o arrependimento etc. sugiro a leitura do livro *As Versões da Bíblia* que pode ser adquirido na versão impressa (a um baixo custo) ou em PDF (gratuitamente) no site indicado ao final deste livro.

Concluindo este capítulo quero dizer que muita coisa pode ter escapado à minha observação ao analisar as diferenças entre as versões da Bíblia. Com o passar do tempo, porém, outras versões bíblicas podem surgir com ainda mais detalhes e mudanças. Mas, o mais importante é entendermos que não podemos usar apenas

uma versão e ignorar outras, mas fazer um estudo abrangente para termos uma compreensão melhor. Esse é um dos objetivos deste livro que lhes escrevo.

Compreendo minhas limitações como leigo nas línguas antigas nas quais a Bíblia foi escrita e de forma algum quero fechar questão em minhas observações. Creio, no entanto, que foi providência divina que a Bíblia chegasse em nossas mãos e creio que é possível, mesmo como leigos, os mais *pequeninos* (Mt 11:25) entender a revelação do Pai celestial a nós em Sua Palavra.

Para muitos a Bíblia é um livro misterioso, e que não deve ser interpretado literalmente. Para outros são letras sagradas que podem nos tornar sábios para a salvação (2 Tm 3:15). Estou com os do segundo grupo, e você?

Passaremos agora a analisar mais de perto o *mistério* que é tema central deste livro. Que *mistério* é esse? Começaremos a entender melhor no próximo capítulo.

Notas

¹STRONG, J. Bíblia de Estudo Palavras-chave Hebraico e Grego. *Dicionário Hebraico do Antigo Testamento de James Strong Anotado pela AMG*. pp. 4 (Gn 1:1) e 1523 (§430). Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

²Ibid., pp.320 (1 Sm 5:7) e 1523, §430.

³Ibid., pp.412 (1 Re 18:24) e 1523, §430.

⁴Ibid., pp.93 (Êx 22:8) e 1523, §430.

⁵Ibid., pp.639 (Sl 82:1), 647 (Sl 97:7) e 1523, §430.

⁶Ibid., pp.4 (Gn 1:1) e 1565, §1254.

⁷Ibid., pp. 5 (Gn 1:26) e 1857, §6213.

⁸Ibid., pp.1975-1976, §8064.

⁹Ibid., p.1689, §3335.

¹⁰Ibid., pp.6 (Gn 2:7) e 1803-1804, §5315.

¹¹Ibid., p.1810, §5397.

¹²Ibid., pp.1922-1924, §7306, §7307 e §7308.

¹³Ibid., pp.1294 (Tg 2:26), 1134 (Jo 20:22) e 2359-2361, §4151.

¹⁴JEOVÁ e SEPTUAGINTA. In: CONCISO Dicionário Bíblico (ilustrado); por diversos autores americanos e ingleses, traduzido e ampliado por D. Ana e S. L. Watson. pp. 84 e 166. 23ª ed. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1994. Este dicionário é conteúdo suplementar da Bíblia Sagrada Almeida Revista e Corrigida. 81ª Impressão. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1995.

¹⁵ROSA, Luiz da. *Se nas primeiras traduções da Bíblia tem o nome de Deus? Por que foi excluído? Envolve política? E qual é o nome de Deus para a tradução em português?* Site a.Bíblia.org 23 de fevereiro de 2007. Disponível em: http://www.abiblia.org/ver.php?id=129&id_autor=2&id_utente=&caso=perguntas>. Acesso em: 28 jan. 2021.

A Bíblia de João Ferreira de Almeida antiga está disponível em: <<https://www.almeidarecebida.org/hello-world/>>. Acesso em: 28 jan. 2021.

¹⁶STRONG, J. Bíblia de Estudo Palavras-chave Hebraico e Grego. *Dicionário Hebraico do Antigo Testamento de James Strong Anotado pela AMG*. pp. 978 (Zc 4:6) e 1704, §3581. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

¹⁷Ibid., pp.977 (Zc 3:8) e 1736, §4159.

¹⁸LÚCIFER. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL. São Paulo: Editora Universo, 1988. v.19, p.3733.

¹⁹LÚCIFER. In: CONCISO DICIONÁRIO BÍBLICO (ilustrado); por diversos autores americanos e ingleses, traduzido e ampliado por D. Ana e S. L. Watson. p. 116. 23ª ed. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1994.

Capítulo 3

O mistério nas versões

Diante de todas as passagens bíblicas que analisamos até agora fica mais fácil compreender o que trataremos nesse capítulo. O *mistério* que abordaremos agora está na Palavra de Deus, e com esse mesmo nome, *mistério*. Contudo, essa passagem sofreu pequenas, mas significativas alterações em algumas versões, fazendo com que esse *mistério* fosse mal compreendido. Isso levou uma instituição religiosa até mesmo a criar um outro *mistério*, semelhante a esse, para lhe ocupar o lugar, mas isso também já estava profetizado nas Escrituras como devendo acontecer, o que veremos de forma mais detalhada mais adiante.

Portanto, peço que você considere atentamente as passagens bíblicas e as questões colocadas aqui para compreender sobre esse *mistério* da melhor forma possível e assim não ser enganado. Utilizaremos muitas outras passagens das Escrituras para lhe dar evidências suficientes do que significa esse *mistério* e da importância do mesmo.

Primeiro quero citar o significado da palavra *mistério* em alguns dicionários. O afamado dicionário *Aurélio*¹ apresenta a seguinte definição para a palavra *mistério*:

[Do gr. *mysterion*, pelo lat. *mysteriu*.] S.m. **1.** *Ant.* Conjunto de doutrinas e cerimônias religiosas que só eram conhecidas e praticadas pelos iniciados; culto secreto: *os mistérios de Ísis*; *os mistérios de Elêusis*. **2.** Objeto de fé ou dogma religioso que é impenetrável à razão humana: *o mistério da Santíssima Trindade*. **3.** Tudo aquilo que a inteligência humana é incapaz de explicar ou compreender; enigma. **4.** Coisa ou elemento oculto, obscuro ou desconcertante, segredo, enigma: *o mistério do romance policial*. **5.** Qualidade estranha e imponderável: *A todos prende o mistério do seu encanto*. **6.** Precaução, cautela, reserva:

Faz tudo com muito mistério. **7.** Conhecimento aprofundado de uma arte ou ciência, inacessível aos não iniciados: *Os mistérios da física.* [...] **9. Lit.** Cada um dos 15 grupos de 10 ave-marias e um padre-nosso de que se compõe um rosário. **10. Rel.** No cristianismo, desígnio divino sobre a história do mundo, especialmente sobre a salvação, manifestado no tempo. **11.** Toda doutrina cristã sobre Deus e sua ação. ~ V. *mistérios.* ♦ **Mistérios dolorosos.** *Lit.* Aqueles em que se comemora a oração no Horto, a prisão e os açoites, a coroa de espinhos, os paços e a crucificação, e que são rezados às terças e sextas-feiras [ver *mistério* (9)]. **Mistérios gloriosos.** *Lit.* Aqueles em que se comemoram a Ressureição, a Ascensão do Senhor, o Pentecostes e a Assunção e Coroação da Virgem, e que se rezam às quartas, sábados e domingos [ver *mistério* (9)]. **Mistérios gozosos.** *Lit.* Aqueles em que se comemoram a Encarnação, a Visitação, a Purificação e o encontro do Menino Jesus, e que se rezam às segundas e quintas-feiras [ver *mistério* (9)].

Segundo o dicionário Aurélio, então, *mistério* pode ser tudo isso, conjunto de doutrinas, dogmas (como os da *Trindade*) e os demais mistérios católicos, enigma, segredo etc.

Já outro dicionário, o *Michaelis*², apresenta uma definição mais extensa da palavra e não poupa em suas definições da palavra *mistério*, como sendo:

sm (gr *mystérion*) **1** Arcano ou segredo religioso. **2** Cada uma das verdades da religião cristã, impenetráveis à razão humana e impostas como artigo de fé. **3** O sacramento da Igreja. **4 ant** O conjunto das cerimônias do culto religioso, que antigamente se praticavam clandestinamente, e a que só se podia assistir por iniciações sucessivas. **5** Tudo quanto a razão não pode explicar ou compreender; tudo quanto tem causa oculta ou parece inexplicável. **6** Coisa oculta, de que ninguém tem conhecimento. **7** Reserva, segredo. **8** Proposição difícil de compreender; enigma. **9** Ato inexplicável. **10** Dramas religiosos medievais cujo assunto era quase sempre tirado da Sagrada Escritura ou das vidas dos santos. **11 Liturg** Cada um dos quinze grupos de dez ave-marias e um padre-nosso de que se compõe o rosário. **12** Festas particulares que a Igreja estabeleceu para louvar os mistérios da fé. **Mistérios dolorosos, Liturg:** os que se rezam às

terças e sextas-feiras e em que se comemora a oração no horto, a prisão e açoites, a coroa de espinhos, os passos e a crucificação. **Mistérios gloriosos, Liturg:** os que se rezam às quartas-feiras, nos sábados e domingos e em que se comemora a Ressurreição, a Ascensão do Senhor, o Pentecostes, a Assunção e a Coroação da Virgem. **Mistérios gozosos, Liturg:** os que se rezam às segundas e quintas-feiras e em que se comemora a Encarnação, a Visitação, o Natal, a Purificação e o encontro do Menino Jesus.

Aqui temos mais uma definição bem mais completa, na realidade 12 definições para a palavra *mistério*, mas uma delas chama nossa atenção, a número 2, porque nela é dito que *mistério* são “*Cada uma das verdades da religião cristã, impenetráveis à razão humana e impostas como artigo de fé.*”. Fiz questão de grifar a palavra “*impostas*” porque ela traduz muito bem a realidade do que acontece na prática, ou se aceita esses *mistérios* ou não se é aceito no sistema religioso que os advoga.

Ao ler a definição 11 e 12 do dicionário *Michaelis* temos a impressão de estar lendo o próprio catecismo, com os conjuntos de *mistérios* da liturgia Católica. Mais detalhes sobre o significado profético desses *mistérios* revelo no segundo tópico do sexto capítulo.

A terceira definição de *mistério* que apresento é a de um dicionário disponível na internet chamado *Dicionário InFormal*³, que define *mistério* de forma bem mais abreviada:

S. m. 1. Cerimônia a que, na antiguidade pagã, só podiam assistir os iniciados; 2. RELIGIÃO – verdade dogmática da religião cristã que a razão humana não pode compreender; 3. RELIGIÃO – verdade da doutrina católica meditada em cada uma das quinze séries do rosário; 4. Aquilo que tem causa oculta ou parece inexplicável; aquilo que é vago, incerto, incompreensível; enigma; 5. Aquilo que é escondido; segredo; 6. Composição teatral da Idade Média, de assunto religioso; 7. pl. [Açores] terreno de lava esponjosa, coberto de musgo e ervas do grego *mysterion*, “cerimônia secreta”, pelo latim *mysterium*, “**misterio**”. O **mistério** da Santíssima Trindade é incompreensível para o entendimento humano.

Como percebeu, a maioria das definições remetem a palavra à um sentido religioso, nenhum dos dicionários citados desvinculou a questão religiosa da palavra, mesmo embora tenham apresentado outros significados, como *segredo*, *enigma*, *ato inexplicável*, etc. Todas também abordaram a questão da doutrina católica, a *Trindade*, *os conjuntos de mistérios do rosário católico* etc., dizendo serem incompreensíveis.

Isso nos mostra que essa palavra tem um cunho religioso, místico muito grande. Como poderíamos ter acesso a algo assim, visto parecer tão distante, tão impenetrável? Como vimos no primeiro capítulo, as coisas reveladas (Dt 29:29) estão disponíveis ao nosso alcance, para que as estudemos, compreendamos e obedecemos. Dessa forma vamos acompanhar na revelação o que podemos aprender sobre isso.

Como estamos tratando de um *mistério* revelado nas Escrituras, quero chamar sua atenção para isso agora. A Bíblia apresenta essa palavra (*mistério*) em vários contextos. Só para citar alguns deles, nas Escrituras nós encontramos: “*mistério da fé*” (1 Tm 3:9), o “*mistério de Cristo*” (Ef 3:3; Cl 1:27; 4:3), “*o mistério da iniquidade*” (2 Ts 2:7), “*o mistério da mulher*” (Ap 17:5 e 7), “*mistério do evangelho*” (Ef 6:19), “*mistério da piedade*” (1 Tm 3:16) etc.

Esses são alguns textos que apresentam essa palavra nas Escrituras, mas se você consultar uma concordância ou chave bíblica verá que existem outros. Você pode também lançar a palavra *mistério* em um site de busca bíblico ou app de celular e encontrará uma relação com textos em que essa palavra aparece.

Mas o texto em especial que eu quero tratar com você, e que me motivou a escrever esse livro, é o de Colossenses 2:1-3. Nele Paulo nos apresenta o *mistério de Deus* e assim poderemos entender mais a fundo o que isso revela a nós. Vamos observar como esse verso está nas mais variadas versões. Teremos também, no próximo capítulo, a inserção de textos de uma versão da Bíblia em português de João Ferreira de Almeida de 1850, chamada *Almeida Recebida*, tendo esse nome visto ter sido traduzida do *textvs receptus* (como citado ao final da p.88).

Antes, porém, quero apresentar-vos a definição da palavra grega usada no texto que analisaremos, e que já mostramos as definições dos dicionários citados. A palavra *mistério* do grego é assim definida por STRONG⁴ em seu dicionário:

3466. μυστήριον (*mysterion*) de um derivado de μύω (*myo*, fechar a boca); um *segredo* ou “*mistério*” (com a ideia de *silêncio* imposto pela *iniciação* a ritos religiosos): – mistério.

Substantivo de *mystes* (s.f.), pessoa iniciada em mistérios sagrados, palavra que se origina de *myeo* (3453), iniciar-se, aprender um segredo. Um mistério, i.e., alguma coisa em que uma pessoa deve ser iniciada ou instruída, antes de poder conhecê-lo; algo que, por si só, não é obvio, e está acima da percepção humana.

Em o Novo Testamento, palavra usada a respeito de fatos, doutrinas, princípios etc., não revelados previamente;

(I) De modo geral (Mt 13.11; Mc 4.11; Lc 8.10; 1 Co 14.2; Ef 5.32; 2 Ts 2.7; Ap 1.20; 17.5, 7).

(II) Especificamente, sobre o Evangelho, a dispensação cristã, como tendo estado oculta, por muito tempo, e revelada pela primeira vez em tempos posteriores (Rm 16.25; 1Co 2.7; Ef 3.3,4,9; Cl 2.2; 4.3; 1Tm 3.9); também sobre doutrinas particulares ou partes do Evangelho (Rm 11.25; 1 Co 15.51; Ef 1.9; 1 Tm 3.16).

Como vimos, a palavra *mistério* em sua definição bíblica do idioma grego não traz nenhuma associação com os ensinamentos católicos de *Trindade*, *mistérios gozosos*, *dolorosos* etc., e o texto que vamos analisar agora também é citado acima na definição de STRONG, o de Colossenses 2:2 em associação com o *mistério*.

Agora, ao apresentar o texto no qual aparece esse *mistério*, partiremos de versões mais acessíveis para as mais inacessíveis, vamos observar como está escrito esse texto nas versões mais contemporâneas, depois veremos nas versões mais tradicionais, depois nas versões antigas e fora de circulação impressa.

A Mensagem

A tradução contemporânea da Bíblia *A Mensagem*, de Eugene H. Peterson, é uma das Bíblias mais modernas que conheço, com uma linguagem bem atualizada e simples. Ela apresenta a passagem de Colossenses 2:1-3 da seguinte forma:

A suplantação do mistério

Saibam que continuo a trabalhar o mais que posso por vocês e também pelos cristãos de Laodicéia. Poucos de vocês me conhecem pessoalmente, mas isso não faz diferença. Estou do lado de vocês, junto com vocês. Vocês não estão sozinhos. Quero vocês unidos numa vida de amor, em contato com tudo que se pode saber sobre Deus. Assim, terão a mente confiante e em paz, concentrada em Cristo, o grande mistério de Deus. Todos os ricos tesouros da sabedoria e do conhecimento estão incrustados neste mistério. E o mistério foi revelado a nós!⁵

Percebemos que realmente é uma linguagem fácil, e até mesmo leve. O texto, de modo geral, ficou muito claro para ser entendido. A palavra *mistério* foi citada três vezes, indo muito além das outras versões, como veremos adiante. Confesso que gostei muito de uma frase do verso 2, segundo essa versão, a que diz: “Quero vocês unidos numa vida de amor, em contato com tudo que se pode saber sobre Deus.” E realmente esse deve ser nosso objetivo, ter contato com tudo que pudermos para aprender mais sobre Deus, essa é a finalidade máxima com este livro, levar você a aprender mais sobre esse Deus maravilhoso. Outro detalhe que chama nossa atenção nessa linguagem de Eugene H. Peterson é que ele declara ser Cristo “o grande mistério de Deus.”

Então, segundo essa tradução de Cl 2:2 o *mistério de Deus* é Cristo. Seria realmente Cristo o *mistério de Deus*? Continuemos observando em outras versões o que é dito sobre esse *mistério*.

Nova Tradução na Linguagem de Hoje

Vamos analisar na NTLH da SBB como ela relata esse trecho (Cl 2:1-3) das Escrituras em sua linguagem atualizada:

¹Pois quero que saibam o quanto eu tenho trabalhado por vocês, e pelos que moram em Laodíéia, e por muitos outros que não me conhecem pessoalmente.²Eu trabalho para que o coração deles se encha de coragem e eles sejam unidos em amor e assim fiquem completamente enriquecidos com a segurança que é dada pela verdadeira compreensão do segredo de Deus. Esse segredo é Cristo,³o qual é a chave que abre todos os tesouros escondidos do conhecimento e da sabedoria que vêm de Deus.⁶

Dessa perspectiva podemos visualizar uma modificação ou substituição da palavra *mistério* por outra similar, *segredo*. A NTLH preferiu usar a palavra *segredo* ao falar sobre o *mistério de Deus*. Mas um dado que me chamou a atenção é a sentença “...segurança que é dada pela verdadeira compreensão...”, e realmente a verdadeira compreensão nos dá segurança. E essa deve ser sempre a nossa motivação, continuar estudando as Escrituras para obter a segurança que advém da verdadeira compreensão da Palavra de Deus. Mas, semelhante a versão anterior (MSG), a NTLH também afirma ser Cristo o *segredo de Deus*, ou seja, segundo a NTLH o *mistério de Deus* também é Cristo, como mencionado pela Bíblia *A Mensagem*.

Nova Versão Internacional

Outra tradução contemporânea das Escrituras é a NVI da Sociedade Bíblica Internacional, também com uma linguagem moderna traz, entretanto, expressões mais semelhantes a outras versões mais tradicionais, como você verá adiante. Sua versão para o texto de Colossenses 2:1-3 diz assim:

¹Quero que vocês saibam quanto estou lutando por vocês, pelos que estão em Laodíéia, e por todos os que ainda não me conhecem pessoalmente. ²Esforço-me para que eles sejam fortalecidos em seu coração, estejam unidos em amor e alcancem toda a riqueza do pleno entendimento, a fim de conhecerem plenamente o mistério de Deus, a saber, Cristo. ³Nele estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento.⁷

Assim, como você percebeu na NVI, o *mistério de Deus* continua sendo Cristo. Poderiam estar certas estas versões? É mesmo Cristo o *mistério de Deus*? Parece que até agora existe harmonia entre todas elas, pelo menos quanto a isso. Como ainda estamos analisando somente versões contemporâneas, tenhamos cautela em nossas conclusões. Afinal, como vimos até aqui, as versões podem apresentar pequenas variações, trazendo, contudo, diferentes formas de compreensão. Algumas variações podem nos trazer revelações surpreendentes, levando-nos a compreender

melhor o que o apóstolo Paulo chama de o *mistério de Deus*. Antes, porém, continuemos analisando as versões modernas.

Nova Bíblia Viva

A última versão das chamadas *contemporâneas* que quero apresentar a você é a *Nova Bíblia Viva*. Essa versão bíblica foi a primeira que consegui ler do início ao fim em um ano, o chamado *ano-bíblico*, isso foi no ano de 1998, quando eu estava com 18 anos completos de idade. Essa Bíblia tem uma leitura muito leve, assim como as anteriores. Nela lemos Colossenses 2:1-3 também com a seguinte linguagem moderna:

¹Eu gostaria que vocês pudessem saber quanto tenho lutado em oração por vocês e pela igreja de Laodicéia, e por muitos outros amigos meus que nunca me conheceram pessoalmente.²Eis o que eu tenho pedido a Deus para vocês: que vocês sejam encorajados e unidos por fortes laços de amor, e que tenham a preciosa experiência de conhecerem a Cristo com real convicção e clara compreensão. Porque o plano secreto de Deus, agora finalmente revelado, é o próprio Cristo.³Nele estão escondidos todos os tesouros poderosos e inexplorados da sabedoria e do conhecimento.⁸

Como percebeu na sentença sublinhada a expressão *mistério de Deus* foi substituída por “*o plano secreto de Deus*”. Mas a questão da qual estamos tratando, que mistério é esse, também é declarada segundo a versão da NBV como sendo “*o próprio Cristo*”. Dessa forma pudemos notar que todas as versões contemporâneas citadas em nosso estudo (MSG, NTLH, NVI e NBV) alegam que o *mistério de Deus* é Cristo, isso mesmo, nem *Jesus* nem *Jesus Cristo* é citado nas versões em análise até agora, todas empregam o título *Cristo* como o grande *mistério de Deus* segundo declarado por Paulo. Mas será que foi realmente isso que o apóstolo Paulo disse em sua epístola aos Colossenses? Continuemos o estudo para ver o que diz outras Bíblias.

Agora passaremos a ver como as versões chamadas tradicionais nos apresentam este texto. Consultaremos versões

Católicas, as de uso *Evangélico* e também uma chamada *Tradução Ecumênica da Bíblia*, que como o nome diz, foi traduzida por *estudiosos de diversas confissões cristãs e do judaísmo*.

Bíblia Ave Maria

Começando nossa segunda etapa de análise de Cl 2:1-3 pela Bíblia Ave Maria, que como o nome diz, trata-se de uma Bíblia Católica. Nela o texto de nossa análise aparece assim:

1 Desejo realmente que estejais informados do árduo combate que sustento por amor de vós e dos de Laodicéia, assim como de todos os que ainda não me viram pessoalmente! **2** Tudo sofro para que os seus corações sejam reconfortados e que, estreitamente unidos pela caridade, sejam enriquecidos de uma plenitude de inteligência, para conhecerem o mistério de Deus, isto é, Cristo, **3** no qual estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência.⁹

Essa Bíblia Católica, como as demais versões de linguagem tradicional, traz para nós expressões não vistas nas versões contemporâneas, tais como: “*árduo combate*”, tipicamente uma expressão de guerra ilustrando a *luta* espiritual em que Paulo estava empenhado. Outra expressão que não aparece nas versões contemporâneas, e que por sua vez é mais comum nessa (Ave Maria) é “*estritamente unidos pela caridade*”, onde Paulo manifesta seu desejo pela união dos cristãos em amor. Entretanto, a expressão que estamos analisando (*mistério de Deus*), não muda nessa versão Católica, ela permanece a mesma, *mistério de Deus*, e também quem é esse mistério permanece o mesmo, como nas versões anteriores: *Cristo*.

Edição Pastoral

Outra Bíblia Católica é a Edição Pastoral, muito usada pelos católicos em geral, que traz o texto de Cl 2:1-3 assim:

A suplantação do mistério

¹Quero que vocês saibam da difícil luta que enfrento por vocês, pelos de Laodicéia e por todos aqueles que nunca me viram pessoalmente. ²Sofro para que eles sejam confortados em seus corações e assim, estreitamente unidos no amor, se enriqueçam com a plenitude da compreensão, a fim de conhecerem o mistério de Deus: Cristo, ³no qual estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e ciência.¹⁰

Como a versão Ave Maria, a Edição Pastoral, mesmo com uma linguagem de cunho tradicional, muda apenas poucas coisas em sua versão de Colossenses 2:1-3, como “*difícil luta*”, ao invés de “*árido combate*” (AM); “*estreitamente unidos em amor*”, ao invés de “*estreitamente unidos pela caridade*” (AM); “*plenitude da compreensão*”, ao invés de “*plenitude da inteligência*”, como na outra versão Católica que analisamos anteriormente. Mas, nossa expressão em análise, “*o mistério de Deus*” continua para a versão Católica da EP sendo a mesma: *Cristo*.

Bíblia da Editora Vozes

Outra versão católica, a última que adquiri, é a Bíblia da Editora Vozes, que traz assim o texto em análise:

¹Desejo realmente que saibas da grande luta que sustento por vós e pelos de Laodicéia e por todos que ainda não me conhecem pessoalmente. ²Tudo sofro para que seus corações sejam reconfortados e que, estreitamente unidos pelo amor, sejam enriquecidos da plenitude de inteligência, para conhecerem o mistério de Deus: Cristo, ³no qual estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência.¹¹

Essa versão católica é idêntica às anteriores. Outras pequenas diferenças à parte, vemos que essa versão católica também declara que o mistério de Deus é Cristo, ou seja, Jesus.

Bíblia de Jerusalém

A última versão Católica da Bíblia que vamos verificar em nossa análise do *mistério de Deus* em Colossenses 2:1-3 é a Bíblia

de Jerusalém, considerada por alguns uma das melhores versões da Bíblia. Nela lemos a passagem analisada assim:

¹E quero que saibais como é grande a luta em que me empenho por vós e pelos de Laodicéia, e por todos quantos não me conhecem pessoalmente, ²para que sejam confortados os seus corações, unidos no amor, e para que eles cheguem à riqueza da plenitude do entendimento e à compreensão do mistério de Deus, ³no qual se acham todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento!¹²

Seguindo a mesma linha das versões Católicas anteriores (AM; EP e EV) A Bíblia de Jerusalém traz alguns termos semelhantes, tais como: “*grande luta*”, “*confortados os seus corações*”, “*unidos no amor*”, “*plenitude do entendimento*”, ou “*plenitude da inteligência*” etc. Mas, um fato curioso que chama nossa atenção nessa abalizada versão é a omissão de *Cristo* como sendo o *mistério de Deus*. Seria uma conveniência, já que em alguns versos acima (Cl 1:27) ela cita que esse “*mistério é Cristo em vós, a esperança da glória*”, portanto não viu necessidade de citá-lo novamente aqui em Cl 2:2? Mas isso não seria uma justificativa plausível, visto que as demais versões católicas citadas neste estudo também mencionam *Cristo* tanto em Cl 1:27 como também nessa importante citação de Paulo em Cl 2:2. De fato, não é possível saber o critério utilizado para essa omissão. Fato é que omissões desse tipo podem comprometer a integridade do texto.

Em sua nota de rodapé a Bíblia de Jerusalém explica que existem outras variações para este texto e apresenta algumas delas: “*Var.: ‘de Cristo’ (cf. 4,3; Ef 3,4), ou ‘de Deus, de Cristo’, ‘de Deus Pai, de Cristo’, ‘de Deus e de Cristo’, etc.*”¹³

Perceba como a BJ apresenta em sua nota de rodapé uma explicação para essas variações. A edição em Língua Portuguesa dessa tradução francesa da Bíblia foi um projeto que envolveu muitos profissionais, só para você ter uma ideia foram 3 Coordenadores, 16 tradutores (cada um traduzindo porções específicas), 4 revisores exegéticos e 12 revisores literários, ou seja, uma equipe numerosa que não envolveu somente católicos, mas também alguns protestantes.¹⁴

Durante essa pesquisa verifiquei que o responsável pela tradução da epístola de Paulo aos Colossenses ficou a cargo de um homem chamado Isaac Nicolau Salum, que também assumiu as traduções de Efésios e Filipenses (ver primeiras páginas da BJ). Segundo ele informa na nota de rodapé da Bíblia de Jerusalém existem outras variações para essa mesma passagem: “*de Cristo*”, ou seja, “*mistério de Cristo*” como está escrito em Cl 4:2; “*de Deus, de Cristo*”; “*de Deus Pai, de Cristo*” e “*de Deus e de Cristo*” são as outras variações para esse mesmo texto.

Você percebeu quanta variação para um mesmo texto foi apresentada por esse tradutor (Isaac Nicolau Salum) para a nossa expressão em análise? Vejamos então, recapitulando essa importante informação, as variações apontadas pelo tradutor de Colossenses da Bíblia de Jerusalém: “*mistério de Cristo*”, “*mistério de Deus, de Cristo*”, “*mistério de Deus Pai, de Cristo*” e “*mistério de Deus e de Cristo*”.

Na verdade, não são poucas variações, mas o que mais chama a atenção é a omissão das palavras “*Deus Pai*” e “*Cristo*” da BJ, ficando somente “*mistério de Deus*”. Isso fez o *mistério* ficar ainda mais misterioso na BJ, não é mesmo?

Agora vamos ver se essas variações apresentadas na nota de rodapé da BJ aparecem em outras versões. Vamos consultar agora as versões mais comumente usadas pelos evangélicos em geral. Começaremos pelas versões de João Ferreira de Almeida, que são basicamente três, a ARC (da IBB) e ARA (da SBB) e a ACF publicada pela SBTB, sendo essas as mais comuns.

Almeida Revista e Corrigida

Começemos então pela ARC, e vejamos como ela apresenta o mistério de Deus em Cl 2:1-3:

¹Porque quero que saibais quão grande combate tenho por vós, e pelos que estão em Laodicéia, e por quantos não viram o meu rosto em carne; ²para que os seus corações sejam consolados, e estejam unidos em caridade e enriquecidos da plenitude da inteligência, para conhecimento do mistério de Deus – Cristo,

³em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência.¹⁵

Seguindo a mesma linha de interpretação das versões católicas (AM, EP, EV e BJ), essa versão de João Ferreira de Almeida traz expressões bem singulares como “*grande combate*”, sobre a *luta* espiritual de Paulo; os que “*não viram o meu rosto em carne*”, diferente das demais que falam: “*não me conheceram pessoalmente*”; “*estejam unidos em caridade*”, seguindo a mesma linha da versão católica AM que declara: “*estritamente unidos pela caridade*”, escolhendo a palavra *caridade* ao invés de *amor* como outras versões. Aliás é algo que é frequente na ARC usar a palavra *caridade* e não *amor*. Mas nossa sentença chave “*mistério de Deus*” permanece inalterada na versão ARC, sendo o “*mistério de Deus – Cristo.*”

Almeida Revista e Atualizada

A versão ARA não muda quando se trata do *mistério de Deus* em Cl 2:1-3, ao apresentar a passagem da epístola de Paulo vejamos o que essa outra versão de Almeida da Bíblia diz:

¹Gostaria, pois, que soubésseis quão grande luta venho mantendo por vós, pelos laodicenses e por quantos não me viram face a face; ²para que o coração deles seja confortado e vinculado juntamente em amor, e eles tenham toda a riqueza da forte convicção do entendimento, para compreenderem plenamente o mistério de Deus, Cristo, ³em quem todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão ocultos.¹⁶

Aqui percebemos logo no início uma mudança quanto aos de *Laodicéia*, vemos que foi tirado o nome da cidade, *Laodicéia*, e colocaram o nome de seus habitantes, os *laodicenses*. Esse fato é um pouco diferente do que temos visto até agora. Isso não muda muito, mas é uma diferença que notamos em nosso estudo.

As versões contemporâneas usaram “*crístãos de Laodicéia*” (MSG), “*moram em Laodicéia*” (NTLH), “*estão em Laodicéia*” (NVI) e “*igreja de Laodicéia*” (BV), expressão essa última que se encaixa no contexto de Apocalipse 3:14-22. Mas notamos

que sempre se manteve o nome da cidade *Laodicéia*, inclusive nas versões católicas (AM, EP e BJ), trazendo a ARA essa detalhe textual de trocar “*Laodicéia*” por “*os laodicensês*”.

Outras pequenas diferenças dessa versão em relação à anterior (ARC) são: “*grande luta*” ao invés de “*grande combate*”; “*face a face*” a “*meu rosto em carne*”; “*vinculado juntamente em amor*” em lugar de “*unidos em caridade*”; e “*forte convicção do entendimento*” ao invés de “*enriquecidos da plenitude da inteligência*”.

Mas, como citamos acima, o *mistério de Deus* não muda nessa versão, e quase que somos tentados a pensar que a passagem quer dizer isso mesmo, visto todas essas versões falarem, como diz o ditado, “*a mesma língua*” quando se trata do *mistério de Deus*. A única mudança, que percebemos entre essas duas versões (ARC e ARA) é essa: “*mistério de Deus – Cristo*” e “*mistério de Deus, Cristo*”, isso mesmo, só trocaram o hífen pela vírgula, manobra também percebida em outras versões, que só dividem as palavras *mistério de Deus* do que está adiante com uma vírgula, dois pontos e hífen, ou com as palavras “*a saber*” (NVI) e “*isto é*” (AM).

Almeida Corrigida Fiel

A próxima versão de Almeida que veremos é a ACF, que, segundo o nome diz, é uma tradução mais fiel ao original. Diferente das duas anteriores (ARC e ARA) essa tradução é da Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil (SBTB), e apresenta nosso texto em análise (Cl 2:1-3) da seguinte forma:

¹Portanto quero que saibais quão grande combate tenho por vós, e pelos que estão em Laodicéia, e por quantos não viram o meu rosto em carne; ²para que os seus corações sejam consolados, e estejam unidos em amor, e enriquecidos da plenitude da inteligência, para conhecimento do mistério de Deus e Pai, e de Cristo, ³em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência.¹⁷

Agora o que temos aqui? Vamos por partes. Primeiro temos “*grande combate*” semelhante a ARC e diferente da ARA

(“*grande luta*”), algo não muito significativo, pois as palavras *combate* e *luta* são sinônimas. Outra sentença semelhante entre a ARC e a ACF é “*meu rosto em carne*” diferente da ARA que referiu “*face a face*”. Demais diferenças ou semelhanças à parte, chamo sua atenção agora para “*mistério de Deus e Pai, e de Cristo*”, algo que contraria todas as versões até agora, não somente as de Almeida, mas todas as anteriores.

Essa diferença é muito significativa, embora não seja a maior, e que em breve você verá em nosso estudo. Mas, essa mudança nos remete à algumas reflexões: seria esse *mistério* um mistério de Deus o Pai e de Cristo, e não somente um *mistério de Deus*? Como vimos na nota de rodapé da Bíblia de Jerusalém, fomos informado da existência de outras variações, e agora chegamos a uma delas. Mas teriam essas variações algo de mais, ou são mudanças sem a mínima importância? Continuemos estudando com atenção para chegarmos às conclusões possíveis.

Tradução Ecumênica da Bíblia

Agora quero lhe apresentar uma versão chamada TEB, uma versão Ecumênica, ou seja, uma Bíblia que teve um trabalho de tradução em comum entre Cristãos e Judeus. Você pode buscar mais informações sobre essa tradução em outras fontes, visto que minha intenção aqui não seja essa especificamente.

Mas, quero apenas apresentar como essa versão (TEB) também transcreveu a passagem de Cl 2:1-3, note:

¹De fato, quero que saibais quão rude é o combate em que me empenho por vós, pelos de Laodicéia e por tantos outros que nunca me viram pessoalmente; ²quero que assim os seus corações sejam encorajados e, estreitamente unidos no amor; que eles tenham acesso, em toda a sua riqueza, à plenitude do entendimento, ao conhecimento do mistério de Deus: Cristo, ³no qual estão *escondidos* todos os *tesouros da sabedoria* e da ciência.¹⁸

Essa tradução (TEB) nos traz algumas palavras até então desconhecidas em nosso texto analisado, tais como “*rude*”, em relação ao combate do apóstolo Paulo; “*empenho*”, em relação ao esforço do apóstolo Paulo pelos laodicenses e por outros cristãos;

“*encorajados*”, em relação ao sentimento que o apóstolo queria que fosse manifesto pelos crentes; e a ênfase “*tenham acesso, em toda a sua riqueza*” quanto à intensidade da busca dos crentes pelo conhecimento do mistério de Deus.

No entanto, o *mistério de Deus*, segundo a TEB continua o mesmo que a maioria das versões, excetuando-se até agora apenas a ACF. Para a TEB, o *mistério de Deus* também é *Cristo*, conforme a maioria das versões analisadas até aqui em nosso estudo. A versão ACF é a exceção até o momento.

Tradução Brasileira

A última versão que analisaremos nesse capítulo é a TB, que é uma antiga versão que havia saído de linha, mas voltou a ser publicada pela SBB. Nela o texto de Cl 2:1-3 aparece assim:

¹Pois quero que saibais quão grandemente me esforço por vós, e pelos que estão em Laodicéia, e por quantos não têm visto meu rosto em carne, ²para que os seus corações sejam confortados, estando unidos em amor e para conseguir todas as riquezas da plena certeza do entendimento, para reconhecerem o mistério de Deus, Cristo, ³no qual existem escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência.¹⁹

Como vimos, o *mistério de Deus* continua sendo *Cristo* para essa tradução. Teriam todas essas versões que afirmam que o *mistério de Deus* é *Cristo* apresentado corretamente esse texto e somente a ACF apresentado de forma distorcida?

Para continuar aprendendo sobre esse *mistério* revelado nas páginas sagradas vamos consultar versões adicionais no próximo capítulo.

Notas

¹MISTÉRIO. In: DICIONÁRIO FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Dicionário Língua Portuguesa. 2ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. 1838 p.

²MISTÉRIO. In: DICIONÁRIO Michaelis. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/misterio/>>. Acesso em: 5 set. 2015.

³MISTÉRIO. In: DICIONÁRIO InFormal. Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/misterio/>>. Acesso em 5 set. 2015.

⁴STRONG, J. Bíblia de Estudo Palavras-chave Hebraico e Grego. *Dicionário Grego do Novo Testamento de James Strong Anotado pela AMG*. p. 2307, §3466. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

⁵PETERSON, EUGENE H. A Mensagem: Bíblia em Linguagem Contemporânea. Cl 2:1-3. p.1682. São Paulo: Editora Vida, 2011.

⁶BÍBLIA Sagrada: Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Cl 2:1-3. p.204 (NT). Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

⁷BÍBLIA Sagrada: nova versão internacional. Cl 2:1-3. p. 944. São Paulo: Editora Vida, 2000.

⁸NOVA Bíblia Viva. Cl 2:1-3. p.974. São Paulo, Mundo Cristão, 2010.

⁹BÍBLIA Sagrada (edição de estudos) Ave-Maria. Cl 2:1-3. p.1933. São Paulo: Edição Claretiana, 2012.

¹⁰BÍBLIA Sagrada Edição Pastoral. Cl 2:1-3. p. 1447. São Paulo: Paulus, 2013.

¹¹BÍBLIA Sagrada. Cl 2:1-3. p. 1387. 51ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.

¹²A BÍBLIA de Jerusalém. 6ª impressão 1996. Cl 2:1-3. p. 2213. São Paulo: Edições Paulinas, 1980.

¹³A BÍBLIA de Jerusalém. 6ª impressão 1996. Nota de rodapé de Colossenses 2:2. p.2213. São Paulo: Edições Paulinas, 1980.

¹⁴Ibid. Ver primeiras páginas da Bíblia com os nomes dos Coordenadores, Tradutores, Revisores Exegéticos e Revisores literários.

¹⁵BÍBLIA Sagrada. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida, Revista e Corrigida. Cl 2:1-3. p.232 (NT). 81ª impressão. Rio de Janeiro-RJ: Imprensa Bíblica Brasileira, 1995.

¹⁶A BÍBLIA Sagrada. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida, Revista e Atualizada no Brasil. Cl 2:1-3. p.165 (NT). 2ª ed. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

¹⁷A BÍBLIA Sagrada. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida, Corrigida e Revisada Fiel ao Texto Original. Cl 2:1-3. p. 886. São Paulo-SP: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2013.

¹⁸A BÍBLIA. Tradução Ecumênica. Cl 2:1-3. p. 1451. São Paulo: Edições Loyola e Paulinas, 2002.

¹⁹BÍBLIA Sagrada: tradução brasileira. Cl 2:1-3. p.1133. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

Capítulo 4

Outras versões e o mistério

Como mencionamos no capítulo anterior, passaremos agora a abordar o texto de Colossenses 2:1-3 sob um prisma não muito comum, mas nem por isso menos importante. Veremos como esse texto, em versões mais antigas da Bíblia, nos apresenta o *mistério de Deus* segundo Paulo relatou na passagem mencionada. Em se tratando de Bíblia, sempre é bom poder contar com o que de mais abrangente e variado pudermos, visto a importância de se comparar os mesmos textos, nas mais variadas versões, e perceber sua relação entre si, como temos feito até agora. Dessa forma, ofereço a você a oportunidade de poder fazer isso com versões não muito comuns aos cristãos em geral, sejam eles católicos ou evangélicos.

Precisamos quebrar, portanto, a barreira ideológica que muitas vezes nos limita a cavar fundo a verdade, como a tesouros escondidos. Precisamos deixar de absorver somente o que é reverberado dos púlpitos, e procurar por nós mesmos qual é a vontade de Deus (At 4:19; 5:29; Ef 6:7; 2 Jo 1:8; Lc 21:34; Mc 13:9). Isso não é um exercício fácil, mas necessário, visto cada um ter que responder por si mesmo diante de Deus, quer sejam leigos, bispos, pastores etc. (Ec 12:13-14; Mt 18:23; 25:19; Rm 14:12).

Dessa forma quero desafiá-lo a continuar estudando para chegar a uma compreensão madura do tema aqui tratado e avaliar o peso das evidências, tirando conclusões conscientes e coerentes com um claro e direto “*Assim diz o Senhor*”.

João Ferreira de Almeida – 1850

O tradutor bíblico para português mais conhecido e utilizado pela SBB é João Ferreira de Almeida, como a maioria já sabe. O que pouca gente sabe é que existe uma versão de JFA de 1850 publicada pela Sociedade Americana da Bíblia (SAB) à

disposição de quem desejar, digitalizada pela Harvard Divinity School e de domínio público, conseguindo acessá-la diretamente no site www.almeidarecebida.org podendo fazer o download da mesma e comparar com as outras versões que possui.

Essa versão vai te surpreender muito, especialmente pela quantidade de vezes em que aparece a palavra “*JEHOVAH*” onde é citada a palavra *SENHOR* nas outras versões. Isso nos levou a concluir que trocaram a palavra para se referir a Deus como “*SENHOR*” ao invés de “*JEHOVAH*”. Preconceitos à parte contra os *Testemunhas de Jeová*, porque essa versão é anterior à existência dessa denominação religiosa e anterior até mesmo ao nascimento do fundador dos *TJ's*, Charles Taze Russell (1852-1916).¹

Uma importante e abrangente preservação estrutural é percebida nessa versão pelo fato de não trazer as conhecidas, e hoje comuns, divisões por títulos. Os títulos de capítulos e trechos bíblicos em negrito comuns nas bíblias de hoje não aparecem nessa antiga versão de Almeida.

Outra diferença singular é a existência, em lugar dos títulos, do número dos capítulos como segue: *CAPÍTULO I, CAPÍTULO II, CAPÍTULO III, CAPÍTULO IV, CAPÍTULO V* e assim por diante. Como percebeu os capítulos são dispostos em algarismo romano e na parte superior de cada capítulo com formatação centralizada, no lugar em que hoje existem títulos em negrito com frases que podem variar de uma Bíblia para outra.

Por exemplo, o título do texto que estamos analisando (Cl 2:1-3) aparece assim em cada uma das versões indicadas, começando um pouco antes ou no início do cap.2, conforme a versão:

“*O trabalho e combate de Paulo no seu ministério*” ARC

“*O interesse de Paulo pelos colossenses*” ARA

“*Exortação à firmeza*” ACF

“*Cuidado de Paulo pela fé dos colossenses*” BJ

“*O combate do apóstolo*” TEB

“*A ansiedade de Paulo por eles*” TB

“*Orientações aos colossenses*” RVR

“*A missão e a mensagem de Paulo*” NTLH

“*O trabalho de Paulo pela igreja*” NVI

“*Ministro da Igreja universal*” EV

“*Missão de Paulo*” AM

“*Firmeza na fé*” EP

A versão MSG não apresenta título para esse trecho e as versões BJC e NBV não apresentam nenhum título para nenhum capítulo, assim como a antiga versão de Almeida agora analisada (JFA-1850). Mesmo Bíblias de estudo que adotam uma mesma versão podem variar nos títulos adotados, um exemplo são as mais variadas Bíblias de Estudo que adotam a ARA ou outras versões e que colocam títulos diferentes, segundo qualquer estudante da Bíblia pode comparar.

Como acabamos de notar nos títulos citados, nenhum deles é igual ao outro. Isso se repete em todos os casos. Essa é mais uma das inserções feitas nos escritos sagrados, igualmente a inclusão de números de capítulos e versículos e a divisão de AT e NT que já citamos no primeiro capítulo deste livro. Algumas dessas mudanças, não podemos negar, foram até benéficas, ajudando o leitor a encontrar de forma facilitada os textos desejados. Por outro lado, isso deu margem para que textos isolados, fora do contexto, apoiassem pretextos perigosos devido à uma má utilização das Escrituras.

Outra singularidade dessa versão (JFA-1850) é seu português arcaico do século XIX com algumas palavras quase ininteligíveis, exageros à parte. Nela lemos *Deos* ao invés de *Deus*. Também lemos *Jesu-Christo* em lugar de *Jesus Cristo*, *Prophetas* que hoje se escreve *Profetas*, *baptismo* em lugar de *batismo*, *peccados* ao invés de *pecados*, e outras palavras ainda mais difíceis que juntas requerem uma maior atenção para a compreensão do texto dessa antiga versão em português das Escrituras.

Para você ter uma noção de seu português antigo e de como essa singular versão de JFA relata a passagem de Cl 2:1-3, veja como é apresentado esse texto:

¹PORQUE quero que saibais, quão grande combate tenho por vós, e pelos que estão em Laodicea, e por quantos meu rosto em carne não virão: ²Para que seus corações sejam consolados, e estejam juntos em caridade, e isso em todas as riquezas da inteira certeza de intelligencia, para conhecimento do mysterio de Deos,

e do Pai, e de Christo: ³Em quem estão todos os tesouros de sabedoria, e de sciencia escondidos.²

Como percebeu nesses poucos versículos é realmente um português arcaico e diferente do que hoje é utilizado. Onde aparece “*virão*”, lê-se “*viram*”, igualmente “*sejão*” que no português atual é “*sejam*”, e “*estejão*” escrevendo-se hoje “*estejam*”. A palavra “*coraçoes*” hoje tem um til no “*o*” ficando sua grafia correta “*corações*”. Outras palavras diferentes que destacamos nesse texto são: “*intelligencia*”, “*mysterio*”, “*Deos*”, “*Christo*”, “*estão*”, “*tesouros*” e “*sciência*”.

Outra curiosidade dessa antiga versão portuguesa é a inversão de algumas frases como a do primeiro versículo: “... e por quantos meu rosto em carne não virã.” que aparece na ACF assim: “... e por quantos não viram o meu rosto em carne;”. Essa é somente uma diferença de seu português antigo para o português contemporâneo, não apresentando nenhuma diferença no sentido e compreensão do texto.

Mas um detalhe que percebemos entre a ACF e essa (JFA-1850, SAB) é apenas a conjunção “*do*” entre o “*e*” e o “*Pai*” e a vírgula após *Deos*, que pode mudar significativamente o sentido do texto. Perceba:

“*Mistério de Deus e Pai, e de Cristo*” ACF (SBTB)

“*Mysterio de Deos, e do Pai, e de Christo*” JFA-1850 (SAB)

Muito curioso é o fato de duas versões do mesmo tradutor (JFA) apresentarem diferenças textuais, diferenças essas notadas não só no texto estudado (Cl 2:1-3) mas em outros que pudemos pesquisar, e que você também poderá constatar se puder e fizer o download dessa versão digitalizada e pesquisar por você mesmo para constatar as disparidades. Muitas razões técnicas e teológicas podem ser dadas para isso, algumas das quais podem até ser compreensíveis como a evolução da língua e as divisões e titulações já apresentadas, ou novas descobertas de manuscritos da Bíblia.

Outras mudanças, no entanto, são passíveis de atenta consideração e comparação em um estudo bíblico mais aprofundado que vise a melhor compreensão do tema estudado. Fato claro é que a antiga versão de Almeida (JFA-1850) declara ser o *mistério de*

Deus o Pai e o Filho, fato que a ACF trouxe de forma semelhante ao dizer: “*mistério de Deus e Pai, e de Cristo*”. Mas as outras versões do próprio Almeida (ARC e ARA) já não mais sustentam o texto dessa forma, pois para essas e todas as outras versões que vimos, *o mistério de Deus é apenas Cristo*.

King James Version – 1611

Agora veremos uma outra versão que apresenta o *mistério de Deus* de forma semelhante à JFA-1850. Essa versão não é muito conhecida nos países latinos, mas nem por isso menos importante e abalizada. É a conceituada e tradicional King James Version 1611. Segundo fontes históricas³, e como o próprio nome dessa versão diz, o Rei Jaime I da Inglaterra solicitou a tradução da Bíblia para o Inglês no século XVII, época em que ele (Jaime I) reinava na Inglaterra. Note como essa importante tradução apresenta Cl 2:1-3, o texto que estamos analisando:

¹For I would that ye knew what great conflict I have for you, and for them at Laodicea, and for as many as have not seen my face in the flesh; ²That their hearts might be comforted, being knit together in love, and unto all riches of the full assurance of understanding, to the acknowledgement of the mystery of God, and of the Father, and of Christ; ³In whom are hid all the treasures of wisdom and knowledge.⁴

Não vamos traduzir o texto inteiro, traduziremos apenas a sentença sublinhada: “*the mystery of God, and of the Father, and of Christ*”, que traduzido é: “*o mistério de Deus, e do Pai, e de Cristo*”. Agora temos a KJV-1611 nos apresentando esse *mistério* de forma semelhante à JFA-1850 e um pouco diferente da ACF, mas mantendo “*o Pai*” como participante do *mistério*.

Até aqui analisamos quinze versões (MSG, NTLH, NVI, NBV, AM, EP, EV, BJ, ARC, ARA, ACF, TEB, TB, JFA-1850 e KJV-1611) e somente três apresentam *o Pai* fazendo parte desse *mistério*. Notem quais versões citam o Pai no *mistério*:

“*Mistério de Deus e Pai, e de Cristo*” ACF (SBTB)

“*Mysterio de Deos, e do Pai, e de Christo*” JFA-1850 (SAB)

“*Mystery of God, and of the Father, and of Christ*” KJV-1611
TRADUÇÃO: Mistério de Deus, e do Pai, e de Cristo.

Grosso modo somos levados a pensar que a frase, segundo disposta na KJV-1611 (e na JFA-1850), fala de três pessoas: 1° *de Deus*, 2° *e do Pai*, 3° *e de Cristo*, porque as conjunções “e” “de” e “do” aparecem tanto para o *Pai* quanto para *Cristo*. Essa é a impressão que uma leitura apressada pode transparecer.

Mas um detalhe que só percebemos quando detidamente estudamos essa frase sob a iluminação do Espírito Santo é que o *Pai* e o *Filho (Cristo)* são colocados em pé de igualdade diante desse *mistério*, diferente da ACF que parece colocar *Cristo* em uma posição secundária: “... *Deus e Pai, e de Cristo*”, dando margem para que se entenda que somente o *Pai* é divino.

American Standard Version – 1901

Perceba agora outra versão em inglês, dessa vez americana, do século passado, mais moderna que a versão inglesa do século XVII que acabamos de analisar. Note que a versão a seguir não apresenta o *mistério de Deus* como a KJV-1611, veja:

¹For I would have you know how greatly I strive for you, and for them at Laodicea, and for as many as have not seen my face in the flesh; ²that their hearts may be comforted, they being knit together in love, and unto all riches of the full assurance of understanding, that they may know the mystery of God, [even] Christ, ³in whom are all the treasures of wisdom and knowledge hidden.⁵

Perceba que na ASV-1901 o *Pai* não aparece no *mistério de Deus*: “*mystery of God, [even] Christ*,”. Isso é um tanto quanto intrigante, você não acha? Uma versão tão antiga já omite o *Pai* do *mistério de Deus*. Note as diferenças entre as versões apresentadas nesse capítulo:

“*Mistério de Deus e Pai, e de Cristo*” JFA-CRF
“*Mysterio de Deos, e do Pai, e de Christo*” JFA-1850
“*Mystery of God, and of the Father, and of Christ*” KJV
TRADUÇÃO: Mistério de Deus, e do Pai, e de Cristo

“Mystery of God, [even] Christ” ASV-1901
TRADUÇÃO: Mistério de Deus, [mesmo] Cristo.

Um tanto quanto intrigante e discrepante, o que te parece? Primeiro temos uma versão em português que apresenta *“Deus e Pai”* (ACF), depois uma versão do mesmo tradutor (JFA-1850) que traz *“Deus, e do Pai”*. Em seguida a antiga e abalizada tradução inglesa KJV-1611 declara *“Deus, e do Pai”* levando-nos a crer que a JFA-1850 é quase um eco da KJV-1611. Depois a versão americana ASV-1901 destoa de todas as anteriores e exclui o *Pai* reduzindo para *“Mistério de Deus, Cristo”* assim como as treze outras versões que fazem o mesmo, como vimos no capítulo anterior em nosso estudo de Colossenses 2:1-3.

Bíblia King James (em português)

Agora veremos a tradução da KJV em uma versão em português, a BKJ, que já indiquei no capítulo dois. Note que ela acompanha sua matriz de forma maravilhosa:

¹Porque quero que saibais qão grande luta tenho por vós, e pelos que estão em Laodicéia, e *por* quantos não viram o meu rosto em carne; ²para que os seus corações sejam consolados, e estejam unidos em amor e enriquecidos da plena certeza de entendimento para a confirmação do mistério de Deus, e do Pai e de Cristo. ³Em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento.⁶

Essa versão, de fato, nesse texto, seguiu exatamente como o texto está na KJV em inglês. Nela, diferente da maioria das versões que dizem ser o mistério de Deus somente Cristo, nos traz o mistério como sendo o Pai e o Filho. Aleluia!!

Então, até agora das versões deste capítulo, temos:

“Mistério de Deus e Pai, e de Cristo” JFA-CRF
“Mysterio de Deos, e do Pai, e de Christo” JFA-1850
“Mystery of God, and of the Father, and of Christ” KJV
TRADUÇÃO: Mistério de Deus, e do Pai, e de Cristo
“Mystery of God, [even] Christ” ASV-1901

TRADUÇÃO: Mistério de Deus, [mesmo] Cristo.

“*Mistério de Deus, e do Pai e de Cristo.*” BKJ

Pelo que vimos até aqui, as versões analisadas neste capítulo indicam que o mistério de Deus compreende o Pai e o Filho, não somente Cristo, como indica as versões analisadas no capítulo anterior e a ASV-1901 neste capítulo. Muito menos podemos afirmar que o mistério de Deus compreende uma *Trindade*, como ensina a maioria das religiões ditas cristãs.

Reina Valera

Outra versão da Bíblia, essa muito conceituada por ser a mais difundida versão das Escrituras na Europa desde a Reforma Protestante no século XVI é a Reina Valera de língua espanhola, já disponível no Brasil em português. Quando lemos em suas páginas o texto de Cl 2:1-3 temos a seguinte declaração do texto paulino em relação ao *mistério de Deus*:

¹Porque quero que saibais a luta tão dura que tenho por vós, pelos que estão em Laodicéia e por todos os que nunca me viram pessoalmente, ²para que sejam consolados seus corações, unidos em amor, até alcançar todas as riquezas da plena certeza da compreensão, a fim de conhecer bem o mistério de Deus, o Pai, e de Cristo, ³em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento.⁷

Impressionante não é verdade?! Ficamos maravilhados por ver uma versão bíblica que distoa de tudo que havíamos visto até agora. Se levarmos em consideração que essa versão (RVR) apresenta o texto de Cl 2:1-3 da forma mais correta, o termo “o *Pai*” entre duas vírgulas foi simples e sutilmente subtraído, ou seja, arrancado do *mistério de Deus* em todas as versões que o omitiram. De forma sutil, mas precisa, ela nos dá um outro vislumbre do que Paulo quis dizer nesse texto.

Note que uma pequena letra muda todo o sentido ao entendimento do leitor e amplia nossa compreensão do *mistério de Deus* apresentado por Paulo. Como percebemos anteriormente

somente as versões ACF, JFA-1850 e JKV-1611 mantiveram o *Pai* em Cl 2:2, mesmo embora de forma confusa.

Se você voltar a leitura atentamente algumas linhas atrás, na exposição deste mesmo texto segundo a versão ACF, verá que o texto diz: “*mistério de Deus e Pai, e de Cristo*”. Já na versão RVR aparece: “*mistério de Deus, o Pai, e de Cristo*”. A versão espanhola traduzida para o português é, ainda, mais direta que a JFA-1850 publicada em português nos EUA e a versão inglesa KJV-1611. Note as semelhanças e diferenças:

“*Mistério de Deus e Pai, e de Cristo*” ACF

“*Mysterio de Deos, e do Pai, e de Cristo*” JFA-1850

“*Mystery of God, and of the Father, and of Christ*” KJV

TRADUÇÃO: Mistério de Deus, e do Pai, e de Cristo

“*Mystery of God, [even] Christ*” ASV-1901

TRADUÇÃO: Mistério de Deus, [mesmo] Cristo

“*Mistério de Deus, e do Pai e de Cristo.*” BKJ

“*Mistério de Deus, o Pai, e de Cristo*” RVR

Se não entendeu a diferença que essa pequena letra e a vírgula faz no sentido da frase, desafio você a ler várias vezes e refletir, com oração e súplicas a Deus para lhe dar o devido discernimento de Sua vontade e verdade revelada.

Quero que você entenda que isso não é uma coisa sem importância, pelo contrário, a compreensão da Palavra de Deus é algo de infinita importância para nós se realmente temos interesse em saber a verdade que Ele nos revela nela.

Se você conseguiu, parabéns! Se não, quero que note o seguinte: “*Deus e Pai*” pode ser facilmente confundido com outras passagens que o chamam de *Deus e pai de nosso Senhor Jesus Cristo* (Rm 15:6; 2 Co 1:3; 11:31; Ef 1:3; 1 Pe 1:3; ACF), ou simplesmente uma afirmação de que, além de Deus, ele também é nosso Pai (Ef 5:20; 1 Ts 1:3; 3:11; 2 Ts 2:16; Tg 3:9; ACF).

Mas “*Deus, o Pai*” é uma afirmação de que Deus é o Pai, ou seja, é o Pai que é Deus, identificado em Cl 2:2 segundo essa versão (RVR) e conforme vários textos bíblicos que você mesmo pode atentamente conferir em sua Bíblia.⁸

Considerações elucidativas

Se você crê que Deus é composto por três pessoas, como ensina o dogma da *Trindade*, antes de ficar contrariado ou até mesmo irritado, porque sei que essa quebra de paradigma pode despertar esses sentimentos, quero lhe pedir para continuar estudando e percebendo mais alguns textos.

“E Jesus lhe disse: Por que me chamas bom? Ninguém há bom senão um, que é Deus.” Mc 10:18; ACF. Não que Jesus não seja bom, mas aqui Jesus se negou aceitar a bajulação do jovem rico. O que quero é chamar sua atenção para a distinção que Jesus faz entre si e o Pai, apesar de ambos serem divinos.

“Ouvistes que eu vos disse: Vou, e venho para vós. Se me amásseis, certamente exultaríeis porque eu disse: Vou para o Pai; porque meu Pai é maior do que eu.” Jo 14:28; ACF. Este texto lança por terra o termo teológico “*Coiguais*” e mostra claramente que *Pai* e *Filho* não são *coiguais*, senão seriam irmãos gêmeos, ou melhor, trigêmeos (como insinua o dogma da *Trindade*).

“Jesus, sabendo que o Pai tinha depositado nas suas mãos todas as coisas, e que havia saído de Deus e ia para Deus.” Jo 13:3; ACF. Esse texto deixa claro que Jesus é um Ser distinto de Seu Pai, *Deus*, porque Ele *saiu de Deus* e voltaria *para Deus*.

“Todo aquele que crê que Jesus é o Cristo, é nascido de Deus; e todo aquele que ama ao que o gerou também ama ao que dele é nascido.” 1 Jo 5:1; ACF. Ou seja, amar a Deus, o que gerou a Jesus, e amar ao próprio Jesus, “*ao que dele é nascido*”.

“Feito tanto mais excelente do que os anjos, quanto herdou mais excelente nome do que eles. Porque, a qual dos anjos disse jamais: Tu és meu Filho, hoje te gerei? E outra vez: Eu lhe serei por Pai, E ele me será por Filho?” Hb 1:4-5; ACF. cf. Sl 2:7; At 13:33. Ao contrário do que muitos alegam contra os anti-trinitarianos, Jesus não foi *criado* como os anjos e os seres humanos, Jesus foi *gerado* pelo Pai, o que para nós é algo incompreensível e não explicado, mas temos dados bíblicos suficientes de que Ele foi *gerado*, pelo Pai, na eternidade, e por Maria, quando encarnou e tomou nossa natureza. Veja esses textos:

“Assim também Cristo não se glorificou a si mesmo, para

se fazer sumo sacerdote, mas aquele que lhe disse: Tu és meu Filho, hoje te gerei.” Hb 5:5; ACF.

“*E outra vez, quando introduz no mundo o primogênito, diz: E todos os anjos de Deus o adorem.*” Hb 1:6; ACF. O texto afirma claramente “*outra vez*”, ou seja, se levarmos em consideração o contexto, no verso anterior (Hb 1:5), veremos que Ele foi gerado na eternidade e novamente quando foi introduzido no mundo, visto os anjos terem sido criados antes do homem, por isso, o “*hoje te gerei*” não pode ser na encarnação, visto na encarnação do Filho do Altíssimo os anjos já existirem e já terem adorado o Filho desde as anteriores eras passadas. Assim, até mesmo *os anjos de Deus* o adoraram, como ordenado pelo Pai.

O termo *primogênito* aqui é um indicativo de que Ele é o primeiro Filho (não criado, mas gerado), ou seja, mesmo sendo introduzido no mundo como homem, já era o *Primogênito* do Eterno antes de qualquer outro filho de Deus ou do homem existir. Dessa forma, o texto é enfático em afirmar que Sua divindade é manifesta na prerrogativa que somente é atribuível à Ele e Seu Pai, isto é, a adoração, não somente de homens, mas também dos anjos: “*e todos os anjos de Deus o adorem.*”

Muitos acreditam que Jesus foi gerado somente quando encarnou, por meio de Maria e da concepção pelo Espírito Santo, como declarado nos evangelhos. Mas, existem outros textos, além de Hebreus 1:6, que dão indícios que Ele foi gerado como Ser divino, antes de Sua geração como humano.

Na primeira epístola de Paulo aos Coríntios ele é claro em apontar a Jesus como a *Sabedoria* de Deus, ou seja, outro título dado a Jesus é que Ele é a *Sabedoria* de Seu Pai, Deus. Note essa verdade nos seguintes versos:

“*Mas para os que são chamados, tanto judeus como gregos, lhes pregamos a Cristo, poder de Deus, e Sabedoria de Deus.*” 1 Co 1:24; ACF.

“*Mas vós sois dele, em Jesus Cristo, o qual para nós foi feito por Deus sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção,*” 1 Co 1:30; ACF.

“*Mas falamos a sabedoria de Deus, oculta em mistério, a*

qual Deus ordenou antes dos séculos para nossa glória; a qual nenhum dos príncipes deste mundo conheceu; porque, se a conhecessem, nunca crucificariam ao Senhor da glória.” 1 Co 2: 7-8; ACF.

Com esses textos em mente note agora porque Paulo disse que Jesus é a *Sabedoria* de Deus, e imagine se em seu tempo ele possuía os escritos do PT, assim como os de Provérbios capítulo oito. A descrição da *Sabedoria* de Deus parece até um eco das passagens de 1 Coríntios, perceba atentamente:

12. Eu, a Sabedoria, habito com a prudência e acho a ciência dos conselhos. **13.** O temor do SENHOR é aborrecer o mal; a soberba, e a arrogância, e o mau caminho, e a boca perversa aborreço. **14.** Meu é o conselho e a verdadeira sabedoria; eu sou o entendimento, minha é a fortaleza. **15.** Por mim, reinam os reis, e os príncipes ordenam justiça. **16.** Por mim governam os príncipes e os nobres; sim, todos os juízes da terra. **17.** Eu amo os que me amam, e os que de madrugada me buscam me acharão. **18.** Riquezas e honra estão comigo; sim, riquezas duráveis e justiça. [...] **22.** O SENHOR me possuiu no princípio de seus caminhos e antes de suas obras mais antigas. **23.** Desde a eternidade, fui ungida; desde o princípio, antes do começo da terra. **24.** Antes de haver abismos, fui gerada; e antes ainda de haver fontes carregadas de águas. **25.** Antes que os montes fossem firmados, antes dos outeiros, eu fui gerada. **26.** Ainda ele não tinha feito a terra, nem os campos, nem sequer o princípio do pó do mundo. **27.** Quando ele preparava os céus, aí estava eu; quando compassava ao redor a face do abismo; **28.** Quando firmava as nuvens de cima, quando fortificava as fontes do abismo; **29.** Quando punha ao mar o seu termo, para que as águas não transpassassem o seu mando; quando compunha os fundamentos da terra, **30.** Então, eu estava com ele e era seu aluno; e era cada dia as suas delícias, folgando perante ele em todo o tempo. **Provérbios 8:12-30; ARC.**

Este texto está claramente falando de um Ser, e a *Sabedoria* aqui não é algo abstrato. Este Ser, como mencionado por Paulo é Jesus Cristo, o Filho de Deus. Note que Ele, através de Salomão, se identifica no verso doze: “*Eu, a Sabedoria*” com letra maiúscula na maioria das versões. Perceba que logo em seguida, no

verso catorze, Ele diz que a “*verdadeira sabedoria*” pertence a Ele, *sabedoria* essa com “s” minúsculo, por ser um adjetivo subordinado a Ele, a *Sabedoria* pessoal, o Filho do Eterno.

O texto discorre mencionando a presença dEle com Seu Pai “*desde a eternidade, desde o princípio, antes do começo da terra*”. Note outro detalhe importante, Ele, a *Sabedoria do SENHOR*, menciona “*fui ungida*”, isso se reflete em outras citações que declaram que o Filho Unigênito do Eterno é Seu Ungido (cf. Sl 2:2, 7, 12; At 4:25-27). Além de Ungido Ele também foi *gerado* como mencionado nos versículos 24 e 25.

Essa declaração tem sido uma das mais controversas da história eclesiástica, visto ser maliciosamente confundida com a palavra *criado*, que é de natureza diferente de *gerado*. Basta tomar por curiosidade um dicionário e consultar ambas.

A palavra “*gerado*”, segundo a definição do Dicionário Michaelis, significa:

Gerado ge.ra.do

adj (part de gerar) **1** Que se gerou; gênito. **2** Concebido. **3** Produzido, formado: *Amor gerado na convivência*.⁹

Se partirmos dessa definição e associarmos à definição da palavra *Unigênito*, veremos que se encaixa perfeitamente na descrição do Filho do Eterno nas Escrituras (Jo 1:14, 18; 3:16; 1Jo 4:9). Note a definição de *Unigênito*, do mesmo dicionário:

Unigênito

u.ni.gê.ni.to

adj (uni+lat genitu) **1** Que não tem irmãos; que é o único gerado por seus pais. **2** Diz-se de Jesus Cristo. *sm* O que não tem irmãos.¹⁰

Perfeitamente compreensível, não é mesmo? Notem que a expressão também pode ser aplicada à filho único, ou seja, os genitores (pais) de somente um filho tem um *unigênito*. Os genitores de mais de um filho tem um *primogênito*, seguido de outros filhos. Deus possui três tipos de filhos: 1) O único Filho que Ele gerou, que é Cristo, 2) Os filhos criados, que são os anjos e os seres de outros mundos que nunca pecaram, e 3) Os filhos por

adoção, que são os seres humanos (Efésios 1:5; Rom. 8:15), os que são “guiados pelo Espírito de Deus” (Rom. 8:14). Quem não faz a vontade de Deus é chamado na Bíblia de filho do diabo (João 8:44; Atos 13:10; 1 João 3:8-10).

Em Cl 1:15, Cristo é referido como “*o primogênito de toda a criação*” pois Ele foi gerado antes de todos os outros filhos de Deus terem sido criados, como também, participou de toda a criação (Pv 8:22-31; 30:4; Jo 1:1-3; Cl. 1:16; Hb. 1:1-2). Em Rm 8:29, Cristo é referido como “*o primogênito entre muitos irmãos*”, pois Cristo é o Autor da salvação de Seus irmãos (Hb 2:11, 12 e 17).

Perceba agora a diferença entre *gerado* e *criado*, algo que alguns insistem em afirmar que é a mesma coisa:

Criado

cri.a.do

sm (*part* de *criar*) **1** Homem contratado para serviços domésticos; servo. **2** Expressão cortês de quem se põe à disposição de alguém. **adj** **1** Que se criou. **2** Alentado, gordo, nutrido. **C. do paço:** indivíduo empregado no serviço das pessoas reais. **C.-mudo:** qualquer mesinha ou móvel de cabeceira.¹¹ Grifo nosso

Fica incontestavelmente provado que existe diferença. Salvo as outras definições da palavra, a mesma vem do verbo *criar* e pode indicar algo que se criou, como na definição sublinhada. E como vimos, os anjos são criados, mas Jesus é diferente, pois é o único gerado pelo Pai, sendo o Unigênito do Altíssimo.

Como acreditar em um “*Deus Filho*” como pretende ensinar a doutrina da *Trindade*? Essa expressão – *Deus Filho* – é estranha às Escrituras Sagradas. O nosso Salvador Jesus Cristo é um Ser divino, isso é algo irrefutável e muito perceptível nas Escrituras. Muitas vezes Ele recebe até o título de Deus no relato sagrado, outro fato inegável. Mas quando isso acontece é porque o Pai define que assim o seja, pois, o próprio Pai coloca o Seu nome em Seu filho, assim como muitos pais terrenos colocam seu próprio nome em seus filhos. Note essa verdade no texto abaixo:

Eis que eu envio um Anjo adiante de ti, para que te guarde pelo caminho e te leve ao lugar que te tenho preparado.

Guarda-te diante dele, e ouve a sua voz, e não te rebeles contra ele; porque não perdoará a vossa transgressão; pois nele está o meu nome.

Mas, se diligentemente lhe ouvires a voz e fizeres tudo o que eu disser, então, serei inimigo dos teus inimigos e adversário dos teus adversários.

Porque o meu Anjo irá diante de ti... Êx 23:20-23a; ARA.

Precisamos nos deter um pouco nesse texto para compreender seu real significado. Aparentemente esse Anjo é simplesmente um anjo como qualquer outro. Mas note que, segundo essa versão (ARA) ele é um Anjo com a inicial maiúscula, ou seja, Jesus Cristo, o Filho do Deus Altíssimo. Outras versões que o apresentam com o “A” maiúsculo são: KJV-1611, KJA e RVR.

Para notar, neste mesmo texto, a divindade desse Anjo, veja as expressões sublinhadas: “não perdoará vossa transgressão”. E a segunda frase confirma a anterior: “pois nele está o meu nome.” Essa declaração de Deus deixa claro que Seu próprio nome, YHWH, está em Seu Filho.

Ora, qual anjo poderia receber o nome do próprio Deus senão o Seu Filho? Ele é chamado de *Anjo*, não porque seja realmente um anjo, mas porque assim como os anjos são enviados de Deus para ministrar a nós, Seu próprio Filho foi enviado, primeiro para guiar o povo de Israel no deserto, depois para nos resgatar do pecado nascendo como um de nós nesse mundo. Outros títulos que esse *Anjo* recebe são: *Miguel* (Dn 10:13, 21; 12:1; Ap 12:7), *arcanjo Miguel* (Jd 1:9) e *arcanjo* (1 Ts 4:16).

Em alguns textos bíblicos ele é chamado ora de *Anjo* ora de *Deus*. Um desses textos, o primeiro deles é Gn 16:6-13. Outro texto em que isso ocorre é Êx 3:1-6. Mas existem muitos outros que o pesquisador interessado pode consultar (Êx 32:34-35; 33: 1-2; Nm 20:16; Dt 1:32-33; Jz 2:1-4; 6:11-24; 13:1-25).

Um detalhe curioso aqui é que os defensores da doutrina da *Trindade* enfatizam a expressão “*Pai da eternidade*”, omitindo “*e um filho se nos deu*”, querendo com isso provar que Jesus é coeterno com o Pai. Passam por todo o texto para enfatizar esse aspecto como “prova” de que Ele é um dos componentes

da *Trindade*. É importante observar também que Ele é Pai da “*eternidade*” e não no contexto da divindade, já que Ele é Filho, e não Pai. Cristo pode ser considerado como o “Pai espiritual” de todos os salvos, pois ninguém vai ao Pai senão por Ele (João 14:6). Além disso, “*Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está em seu Filho, quem tem o Filho tem a vida; quem não tem o Filho de Deus não tem a vida*” 1 Jo 5:11 e 12. Neste sentido Ele também pode ser considerado “Pai da eternidade” para aqueles que O recebem.

Muitos teólogos querem nos fazer acreditar que esse “*um filho se nos deu*” refere-se somente a filiação humana de Jesus, mas isso é uma meia-verdade, logo, uma mentira completa. Note como Sua filiação é apresentada na Bíblia: “*E, respondendo o anjo, disse-lhe: Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; por isso também o Santo, que de ti há de nascer, será chamado Filho de Deus.*” Lc 1:35; ACF. Note que na sequência é dito do mesmo Jesus: “*E [Maria] deu à luz a seu filho primogênito, e envolveu-o em panos, e deitou-o numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na estalagem.*” Lc 2:7; ACF.

Percebe a distinção entre o *Anjo do SENHOR* e o próprio *SENHOR* citado em Juízes capítulo 13? Ele é o Filho que nos foi dado pelo Pai, Seu Pai e nosso Pai! Como na sentença sublinhada em Is 9:6 “*um filho se nos deu*” notamos que o Filho que nos foi dado é o Filho de Deus, que se tornou Filho do homem, Jesus Cristo, o *Anjo do SENHOR* como vimos anteriormente. Note:

Em verdade, em verdade vos digo que vem a hora, e agora é, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que a ouvirem viverão. Porque, como o Pai tem a vida em si mesmo, assim deu também ao Filho ter a vida em si mesmo; e deu-lhe o poder de exercer o juízo, porque é o Filho do homem. **Jo 5:25-27; ACF.**

Já pensou por que Jesus disse que “*os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus*” e não que os mortos ouviriam a voz do Filho do homem? Porque só o *Filho de Deus*, que tem a vida em si mesmo pode devolver a vida a alguém e ressuscitá-lo. Como Ele

possui as duas filiações, a humana e a divina, pode devolver a vida ao homem como *Filho de Deus* e julgar como *Filho do homem*, porque viveu na carne humana e venceu o pecado (Hb 4:14-16).

Assim fica nítida a igualdade entre ambos, mas a subordinação do Filho ao Pai, visto ter recebido o poder de exercer juízo sob a concessão do Pai, igualmente a vida que o Pai lhe outorgou que Ele tivesse em Si mesmo. Assim, os nomes que Ele recebe, recebe do Pai. Também a vida que Ele possui em si mesmo foi dada pelo Seu Pai, vida diferente de um ser criado como os anjos e os humanos, mas uma vida *concedida* pelo Seu Pai.

Veja outros textos que comprovam que esse *Anjo*, o Filho do Altíssimo, herdou Seu nome, Sua vida, e todas as coisas de Seu Pai, e a distinção existente entre ambos, bem como sua superioridade sobre os anjos:

Havendo Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos nestes últimos dias pelo Filho, a quem constituiu **herdeiro de tudo**, por quem fez também o mundo.

O qual, sendo o resplendor da sua glória, e a expressa imagem da sua pessoa, e sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder, havendo feito por si mesmo a purificação dos nossos pecados, assentou-se à destra da majestade nas alturas; feito tanto mais excelente do que os anjos, quanto **herdou mais excelente nome do que eles**. **Hebreus 1:1-4; ACF.**

De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus, mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens; e, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz.

Por isso, também Deus o exaltou soberanamente, e lhe deu um nome que é sobre todo o nome; para que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, e toda a língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai. **Filipenses 2:5-11; ACF.**

Quem subiu ao céu e desceu? Quem encerrou os ventos nos seus punhos? Quem amarrou as águas numa roupa? Quem estabele-

ceu todas as extremidades da terra? Qual é o seu nome? E qual é o nome de seu filho, se é que o sabes? **Provérbios 30:4; ACF (cf. Jo 3:13; Ef 4:10).**

Esse texto de Provérbios (30:4) é forte evidência de que Jesus é Filho antes da encarnação pois, foi escrito por Agur, filho de Jaque, de Massá (Pv 30:1). Veja que outro texto interessante sobre o Filho do Altíssimo: “*E os gentios verão a tua justiça, e todos os reis a tua glória; e chamar-te-ão por um nome novo, que a boca do Senhor designará.*” Is 62:2; ACF.

Antes da encarnação, Cristo foi chamado de Anjo do SENHOR; ao encarnar, Seu nome tornou-se Emanuel, Jesus, Filho do Altíssimo e Filho de Deus (cf. Mt 1:23; Lc 1:31, 32 e 35). Em nenhum lugar Ele é chamado de “Deus Filho” como comumente acontece no dogma da *Trindade*. Existe outro texto que nos indica que mesmo após Sua ascensão Ele continua chamando o Pai de Seu Deus, e indica que terá um novo nome:

A quem vencer, eu o farei coluna no templo do meu Deus, e dele nunca sairá; e escreverei sobre ele o nome do meu Deus, e o nome da cidade do meu Deus, a nova Jerusalém, que desce do céu, do meu Deus, e também o meu novo nome. **Apocalipse 3:12; ACF.**

Não podemos, em detrimento de Sua divindade, anular Sua filiação ao Seu Pai e Seu Deus. Existem muitos termos forjados nas bigornas teológicas que não passam de palha quando provados pela Palavra de Deus. Sutilmente o nome *Filho de Deus* foi invertido para *Deus Filho*, o que não aparece em nenhum lugar das Escrituras, em nenhuma versão. Você nunca vai encontrar nas Escrituras algo relacionado à divindade com os termos:

- *Deus Filho;*
- *Deus Espírito Santo;*
- *Coeterno;*
- *Coiguais;*
- *Consustancial;*
- *Triúno;*
- *Trino;*

- *Trindade*;
- *Oniciente*;
- *Onipresente*.

Viram como vários termos empregados para explicar a doutrina da *Trindade* não passam de termos forjados nas bigornas teológicas. Não é apenas a palavra *Trindade*, mas muitas outras. Muitos apresentam desculpas como: “mas a palavra milênio não existe na Bíblia, mas existe uma declaração sobre esse período de mil anos.” O grande problema é quando se criam “pregos” para pendurar algo que não se sustenta pela Revelação. Mas esses “pregos” já estão sendo arrancados e quem tentar se apoiar neles sofrerá grande desapontamento e decepção: “*Naquele dia, diz o Senhor dos Exércitos, o prego fincado em lugar firme será tirado; e será cortado, e cairá, e a carga que nele estava se desprenderá, porque o Senhor o disse.*” Is 22:25; ACF.

Mas o que dizer de textos (Mt 28:19; 2 Co 13:13; 1 Jo 5:7-8 etc.) que parecem comprovar a doutrina da *Trindade* nas Escrituras? Seria uma citação de Pai, Filho e Espírito Santo em um mesmo versículo uma prova de que exista uma *Trindade* divina?

Esses versículos (Mt 28:19; 2 Co 13:13; 1 Jo 5:7-8 etc.) e os termos referentes à *Trindade* não escritos na Bíblia são facilmente reinterpretados quando comparamos esses mesmos textos, como o de Mt 28:19 com outras passagens das Escrituras relacionadas a eles. Por exemplo, esse texto de Mt 28:19 é uma exceção suspeita e sem paralelo na Bíblia: “*Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo*” Mt 28:19; BJ.

Se você tiver acesso a uma Bíblia de Jerusalém poderá comprovar por si mesmo o que é dito sobre essa passagem com a referência “l” após a palavra “*Santo*”:

É possível que em sua forma precisa, esta fórmula reflita influência do uso litúrgico posteriormente fixado na comunidade primitiva. Sabe-se que o livro dos Atos fala em batizar ‘no nome de Jesus’ (cf. Atos 1,5 +; 2,38 +). Mais tarde deve ter-se estabelecido a associação do batizado às três pessoas da Trindade. Quaisquer que tenham sido as variações nesse ponto, a realidade

profunda permanece a mesma. O batismo une a pessoa a Jesus Salvador; ora toda a sua obra salvadora procede do amor do Pai e se completa pela efusão do Espírito.¹² *Grifos acrescentados

Apesar de reveladora essa nota é um tanto quanto dissimulada e contradizente. Note que inicialmente ela declara ser somente *possível* ter havido a mudança. Depois ela denuncia de forma subjetiva a razão pela qual a mudança poderia ter acontecido: “*influência do uso litúrgico*”, ou seja, tradição da igreja. Depois ela até admite que no livro de Atos está registrado que os discípulos batizavam em nome de Jesus, mas omite outras passagens que fortalecem essa tese. Em seguida a nota já “abre o jogo” dizendo o nome da doutrina à qual esse texto tenta retratar. E por fim tenta nos empurrar goela abaixo que apesar das variações, no fim das contas dá tudo na mesma coisa.

Mas nós sabemos que essas desculpas não se sustentam com argumentos tão dúbios e contraditórios como os apresentados nessa nota, que deixa explícito a mudança que aconteceu. O mais relevante é que essa versão é católica, possuindo também os livros deuterocanônicos (apócrifos), presente nas Bíblia Católicas.

Para confirmar a verdade, faça agora uma pesquisa em sua Bíblia, seja ela de qual versão for, católica, protestante, ecumênica, enfim, a que você tiver em mãos. Feito isso, compare a passagem de Mateus 28:19, isso mesmo, a que ordena batizar em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo.

Certificado de que é isso mesmo que está escrito na sua Bíblia, tente encontrar algo relacionado em todas as Escrituras e posso lhe garantir que não encontrará, pelo menos até a data em que esse livro foi escrito, não havia.

Para prová-lo quero apresentar algumas passagens que refutam a fórmula trina. Vejamos nos demais evangelhos, mais especificamente no final de cada um deles, se existem textos que contrariam ou comprovam a ordem de Mt 28:19. Lembrando que se existem quatro evangelhos precisamos notar harmonia em seus relatos sobre vários pontos, inclusive o batismo.

E disse-lhes: Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado será salvo; mas quem não crer será condenado.

E estes sinais seguirão aos que crerem: Em meu nome expulsarão os demônios; falarão novas línguas; pegarão nas serpentes; e, se beberem alguma coisa mortífera, não lhes fará dano algum; e porão as mãos sobre os enfermos, e os curarão.

Ora, o Senhor, depois de lhes ter falado, foi recebido no céu, e assentou-se à direita de Deus.

E eles, tendo partido, pregaram por todas as partes, cooperando com eles o Senhor, e confirmando a palavra com os sinais que se seguiram. Amém. **Marcos 16:15-20; ACF.**

Ual! Que texto esclarecedor para nós, não é mesmo? Nele podemos perceber muitas coisas que reforçam a tese de que existe um único Deus soberano e de que o nome de Jesus Cristo, o Seu Filho, é mesmo a senha para levar avante o verdadeiro evangelho.

Como percebemos na primeira frase desse verso, não é falado para se batizar em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo. Mas, logo em seguida é dito em nome de quem os discípulos deveriam cumprir sua missão, ou seja, quem realmente os enviou, *em meu nome*, disse Jesus Cristo (cf. Atos 2:21; 3:16; 4:18, 30; 9:29; 16:18 etc.). Outro dado interessante e esclarecedor é o trecho que diz “*assentou-se à direita de Deus*”.

Só aqui poderíamos discorrer muito sobre o tema, mas, de forma sintética, quero lhe garantir que esse fato se repete em inúmeras outras passagens das Escrituras, se você puder fazer uma busca em algum site ou aplicativo bíblico verá que o termo “*assentou-se à direita de Deus*” aparece em vários outros versos.

Mas o que eu quero lhe dizer com isso? Reflita bem: como Jesus pode ter sentado à direita de um *Deus Trino*? Ele sentou à direita de um Deus pessoal, o que nos remete a pensar que esse Ser ocupa o centro e Jesus Cristo, o nosso Salvador e Advogado está à Sua destra, ou seja, está ao Seu lado, não ininterruptamente, mas como *um com Ele*.¹³ Precisamos nos lembrar que Estevão viu Jesus em pé à direita de Deus, pouco antes de morrer (At 7:56).

O próximo texto do evangelho seguinte, o de Lucas, nos declara o seguinte quanto à comissão evangélica:

A suplantação do mistério

A seguir, Jesus lhes disse: São estas as palavras que eu vos falei, estando ainda convosco: importava se cumprisse tudo o que de mim está escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos.

Então, lhes abriu o entendimento para compreenderem as Escrituras; e lhes disse: Assim está escrito que o Cristo havia de padecer e ressuscitar dentre os mortos no terceiro dia e que **em seu nome** se pregasse arrependimento para remissão de pecados a todas as nações, começando de Jerusalém.

Vós sois testemunhas destas coisas. Eis que envio sobre vós a promessa de meu Pai; permanecei, pois, na cidade, até que do alto sejais revestidos de poder. **Lucas 24:44-49; ARA.**

Novamente temos uma declaração singular, essa da pena de Lucas, comprovando que o próprio Jesus Cristo ordenou que a pregação de arrependimento e remissão de pecados deveria ser empreendida *em seu nome*.

Podemos fazer um elo de ligação dessa passagem com a de Atos 2:38, que é o cumprimento dessa ordem de Cristo aos seus discípulos: “*E disse-lhes Pedro: Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para perdão dos pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo*” At 2:38; ACF.

De forma surpreendente temos aqui o cumprimento da verdadeira comissão evangélica. Pedro quase que repete àquela multidão de ouvintes a ordem do próprio Senhor Jesus Cristo.

Arrependimento – batismo – perdão dos pecados – dom do Espírito Santo.

Vamos agora comparar cada elemento dos dois textos de Lucas, o de seu evangelho e o do livro de Atos dos apóstolos:

Lucas 24:44-49	Atos 2:38
“Jesus lhes disse” v.44	“disse-lhes Pedro”
“em seu nome.” v.47	“em nome de Jesus Cristo”
“arrependimento” v.47	“Arrependei-vos”
“remissão dos pecados” v.47	“perdão dos pecados”
“promessa de meu Pai” + “revestidos de poder” v. 49	“dom do Espírito Santo”

Impressionante não é mesmo, precisão inconfundível! Assim que se estuda as Escrituras, um pouco aqui e um pouco ali.

Agora tente fazer isso com a passagem de Mateus 28:19. O batismo dessa passagem não é realizado por nenhum discípulo de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Você já tinha percebido isso? Pode pesquisar todo o livro de Atos e não encontrará pelo menos um único batismo realizado na fórmula trina.

Sabe porque? Porque essa ordem não saiu dos puros lábios de nosso Salvador. Antes de dar-lhe evidências de tal fato, quero apresentar o texto do último evangelho, o de João. Nele lemos:

Jesus, pois, operou também em presença de seus discípulos muitos outros sinais, que não estão escritos neste livro.

Estes, porém, foram escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome. **João 20:30-31; ACF.**

Essa declaração do discípulo amado é, também, muito clara em afirmar que Jesus é o Filho de Deus, não “*Deus Filho*”, como no credo trinitariano, e que muitas das citações do seu evangelho têm o objetivo de deixar isso bem claro (cf. João 1:18, 34, 49; 3:16-18, 36, 36; 5:19, 21, 23, 25, 26; 6:69; 8:36; 9:35; 10:36; 11:4, 27; 14:13; 17:1).

Também, os que O aceitam como Seu Salvador e são batizados *em seu nome*, obtêm o direito à vida eterna pelos méritos de Seu sangue (cf. Jo 3:15-16, 36; 4:14; 5:24; 6:67, 40; 17:13; 1Jo 5:11, 13, 39; Rm 5:21; 6:63; Jd 1:21).

Veja outras passagens que mencionam o batismo em nome de Jesus Cristo, em harmonia com Marcos, Lucas e João:

Ouvindo os apóstolos, que estavam em Jerusalém, que Samaria recebera a palavra de Deus, enviaram-lhe Pedro e João; os quais, descendo para lá, oraram por eles para que recebessem o Espírito Santo; porquanto não havia ainda descido sobre nenhum deles, mas somente haviam sido batizados em o nome do Senhor Jesus. **Atos 8:14-16; ARA.**

Porventura, pode alguém recusar a água, para que não sejam batizados estes que, assim como nós, receberam o Espírito Santo?

A suplantação do mistério

E ordenou que fossem batizados em nome de Jesus Cristo. Então, lhe pediram que permanecesse com eles por alguns dias. **Atos 10:47-48; ARA.**

Disse-lhes Paulo: João realizou batismo de arrependimento, dizendo ao povo que cresse naquele que vinha depois dele, a saber, em Jesus. Eles, tendo ouvido isto, foram batizados em o nome do Senhor Jesus.” **At 19:4-5; ARA.** Grifos nossos.

Existem passagens que citam o batismo em nome de Jesus de forma indireta, mas que ao compararmos com os textos citados a pouco, corroboram a prática batismal em nome do Mestre que a ordenou, nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, o Filho unigênito do Deus Altíssimo (Cf. At 22:16; Rm 6:3; 1 Co 1:13; Gl 2:27).

Há também muitos outros textos que falam de todo o trabalho dos discípulos sendo realizado usando como marca de identificação e autoridade o *nome de Jesus*:

- Orações: João 14:13 e 14; João 15:16; João 16:24, 26 e 27; Tiago 5:14.
- Admoestações e repreensões: 1 Co 1:10; 5:4; 2 Ts 3:6.
- Milagres e Curas: Mt 7:22; Mc 9:38-40; Mc 16:15-18; Lc 10:17; At 3:6; 4:7-12; 4:30; 16:18.
- Obras de caridade: Mt 18:5; Mc 9:37 e 41; Lc 9:48.
- Reuniões e pregações: Mt 18:20; Lc 24: 46 e 47; At 4:18; 9:27 e 29; Ef 5:20; Tg 5:10.
- O próprio Espírito é enviado em nome de Jesus: Jo 14:26.
- Resumindo, toda a missão dos discípulos foi e deve ser realizada *em nome de Jesus*: At 4:12; Jo 20:31; 1 Co 6:11.

Após analisadas essas passagens que comprovam a missão dos discípulos em nome de Jesus, inclusive o batismo, temos coesa em nossa compreensão a verdade incontestável da falácia trinitariana, em suas mais variadas formas e conceitos.

Depois de termos visto pela evidência bíblica que Mt 28:19 é apócrifo, vamos agora ver algumas citações diversas que dão evidência desse fato.

Um importante livro de história eclesiástica, escrito por Eusébio de Cesaréia no IV séc.¹⁴, descreve os rumos do cristianismo, como morreram os apóstolos e vários outros detalhes do início do cristianismo. Nessa obra clássica, Eusébio cita o texto de Mt 28:19 da seguinte maneira:

Ora, após a ascensão de nosso Salvador, os judeus, além do que haviam ousado contra ele, armaram contra os apóstolos quantas ciladas puderam. Em primeiro lugar, Estêvão foi morto a pedradas (At 7,58-60); depois dele Tiago, filho de Zebedeu e irmão de João, foi decapitado (At 12,2) e sobretudo Tiago, o primeiro após a ascensão de nosso Salvador a ocupar a sé episcopal de Jerusalém, foi morto de modo acima descrito. Os outros apóstolos sofreram mil embustes, que visavam a matá-los. Expulsos da Judéia, começaram a se espalhar por todas as nações, no intuito de ensinar-lhes a mensagem, com a força de Cristo, que lhes dissera: 'Ide e ensinai a todas as nações em meu nome.' (cf. Mt 28,19).¹⁵

Essa citação é importante, pois nela vemos que, segundo o evangelho de Mateus, que Eusébio possuía para fazer essa citação, ainda não estava presente a fórmula trina, como temos hoje em nossas Bíblias. Como podemos saber se a ordem que saiu dos lábios de Jesus foi: "*Ide e ensinai a todas as nações em meu nome.*"? Ou se Ele realmente disse: "*Ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo.*"? Pode até parecer que a fórmula trina de Mt 28:19 é a verdadeira, e pelos bilhões ou trilhões de vezes que esse texto é repetido e praticado pelas religiões, pode ser muito difícil descartá-lo como um acréscimo posterior. Contudo, vimos que a própria BJ em sua nota de rodapé dessa passagem afirma que a fórmula trina pode ter sido um acréscimo posterior.

Para que tenhamos uma noção de como o texto (Mt 28:19) chegou até nós, vejamos algo importante. Os editores do livro *História Eclesiástica*, de Eusébio de Cesaréia, afirmaram algo muito interessante sobre as obras patrísticas como a desse autor:

O leitor deverá ter em mente as enormes diferenças de gêneros literários, de estilos em que essas obras foram redigidas: cartas, sermões, comentários bíblicos, paráfrases, exortações, disputas

com heréticos, tratados teológicos vazados em esquemas e categorias filosóficas de tendências diversas, hinos litúrgicos. Tudo isso inclui, necessariamente, uma disparidade de tratamento e de esforço de compreensão a um mesmo tema. As constantes, e por vezes longas, citações bíblicas ou simples transcrições de textos escriturísticos devem-se ao fato de que os Padres escreviam suas reflexões sempre com a Bíblia numa das mãos.¹⁶

Como podemos ver por essa explicação editorial uma coisa é certa: A Bíblia que Eusébio tinha em mãos ao escrever sua *História Eclesiástica* não continha uma fórmula trinitária no evangelho de Mateus (28:19) e sim uma fórmula monádica, em nome de Jesus, como os demais evangelhos e o livro de Atos nos atestam até hoje, claramente (Mc 16:16-20; Lc 24: 46-53; Jo 20: 30-31; At 2:38; 8:16; 10:48; 19:4-5).

Contudo, temos mais indícios para sustentar que a fórmula trina é apócrifa, além da *História Eclesiástica* de Eusébio. Um conhecido teólogo contemporâneo chamado Joseph Ratzinger, mais conhecido por ter atuado como papa Bento XVI, descreve em sua obra *Introdução ao Cristianismo* como surgiu o *Símbolo apostólico*, nomenclatura dada à fórmula trinitária de Mt 28:19. Confira suas afirmações quanto à origem do texto:

A forma básica do credo surgiu no decorrer dos séculos II e III no contexto da prática batismal. O berço do texto é a cidade de Roma, onde era usado na liturgia ou, mais precisamente, no rito do batismo. Esse remontava por sua vez, em sua forma básica, às palavras do ressuscitado transmitidas em Mt 28,19: “Ide, pois; de todas as nações fazei discípulos, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo”. Por isso são três as perguntas dirigidas aos batizando: “Crês em Deus, o Pai, o todo-poderoso? Crês em Jesus Cristo, o Filho de Deus...? Crês no Espírito Santo...?”. A cada uma das perguntas, o batizando responde “creio”, e é mergulhado na água. A forma mais antiga dessa profissão de fé realiza-se, portanto, num diálogo de três partes, com pergunta e resposta, fazendo parte do conjunto ritual do batismo.

É provável que em sua fórmula simples, que, com as suas três partes, retoma apenas o texto de Mt 28, tenha sido ampliada naquela parte central que se refere a Cristo já no decorrer do século II e, mais ainda, no século III.¹⁷

Como vimos, Ratzinger é bem franco quanto à origem desse texto (Mt 18:19). O que nos impressiona é a precisão dos dados apresentados por ele, informando até a cidade em que o texto foi escrito, Roma. Algum leitor talvez duvide dessas informações, mas esse teólogo, até mesmo por ter sido papa, tem acesso a fontes que muitos nem sonham em consultar. E ele continua descrevendo de forma reveladora em sua *Introdução ao Cristianismo* que o símbolo trinitário era desconhecido no Oriente:

O Símbolo originário da cidade de Roma permaneceu desconhecido no Oriente; com grande surpresa, os representantes de Roma que participavam do concílio da união em Florença, no século XV, receberam dos gregos a informação de que o símbolo, supostamente criado pelos apóstolos, não era rezado por eles.¹⁸

Note que, segundo Ratzinger, as igrejas na região oriental, o que compreende a região do próprio autor do evangelho de Mateus, desconheciam o *Símbolo originário da cidade de Roma*, ou seja, a fórmula trinitária de Mt 28:19. Isso era totalmente estranho a eles, tanto que muitos séculos depois (Século XV), isso se verificou discrepante e evidente entre as igrejas oriental e ocidental.

As considerações de Ratzinger são cada vez mais reveladoras e históricas quanto aos fatos por trás dos bastidores desse texto denominado de *Símbolo Apostólico*, pois, em um primeiro momento vimos que a fórmula trinitária surgiu na cidade de Roma no século III. Em seguida vimos que no oriente nada havia mudado, e em seguida veremos as razões dessas mudanças quanto ao texto de Mt 28:19, para entendermos as implicações desses fatos:

Este rápido apanhado histórico do Símbolo exige talvez uma breve reflexão complementar. O lance de vista sobre a origem e o desdobramento do texto já mostra que se espelha nesse processo toda a tensão da história da Igreja do primeiro milênio, tanto o seu esplendor quanto a sua miséria. Tenho a impressão de que esse fato também está ligado diretamente a fé cristã, pois nele se revela a sua fisionomia espiritual. Acima de todas as separações e tensões, o Símbolo é, inicialmente, a expressão do fundamento comum da fé no Deus trino. É a resposta ao apelo que partiu de Jesus de Nazaré: “De todas as nações fazei discípulos, batizando-

os”. É uma profissão de fé nele em que Deus está próximo e que é o verdadeiro futuro do ser humano. Mas o símbolo já é também a expressão do destino que há de separar Oriente e Ocidente; a sua história revela a posição especial de Roma no Ocidente, como posto avançado da tradição apostólica, e a tensão que este fato criou na Igreja universal. Finalmente, em sua forma atual, esse texto é também um sinal da uniformização da Igreja no Ocidente por razões políticas e, com isso, do destino de alienação política da fé e de sua utilização como meio de unificação do império.¹⁹

Isso é tudo o de que precisamos para entender o que motivou o *estupro* das Escrituras (me desculpem o termo). Essa palavra é forte nesse contexto, mas é perfeitamente adequada para estigmatizar o que aconteceu com a adulteração de Mt 28:19, um verdadeiro estupro das Escrituras. Mas, como todo crime deixa rastros, os rastros desse se fazem notar claramente pela conduta apostólica verdadeira, a dos apóstolos de Jesus, que batizaram em nome de Seu Mestre (At 2:38; 8:16; 10:48; 19:4-5; 22:16; Rm 6:3; Gl 3:27), e não em nome de uma fé politizada e manipulada.

Dessa forma entendemos que a uniformização da qual fala Ratzinger na citação acima aconteceu por iniciativa política de Constantino, o imperador romano que, para unir o vasto império em uma religião única, realizou um concílio ecumênico em Nicéia no ano 325 d.C., concílio esse em que a concepção trinitária de Deus começou a ser ratificada com a chancela do estado.²⁰

Quatro anos antes (321 a.C.) Constantino já havia decretado o domingo como o especial dia a ser observado²¹, dessa forma um imperador pagão promoveu a paz e a união do império, mas, às custas de um sincronismo entre cristianismo e paganismo, e da remoção do Deus verdadeiro e de Seu sinal de autoridade como Criador, o sábado (Gn 2:1-3; Êx 20:8-11; 31:13; Ez 20:12 e 20).

A unificação do império, referida por Ratzinger ao analisar os desdobramentos de Mt 28:19 e a concepção do Deus trino, aconteceu com a força do Estado e a corrupção da Igreja, que perdera sua pureza da era apostólica e se tornara amante do Estado. Trocara o Deus verdadeiro e esposo para se prostituir com os reis da Terra (Ap 18:3) e esse foi o seu primeiro coito iníquo, não, porém, o último. A prostituição continuaria.

Outro autor católico é bem mais direto quanto à fórmula trinitária e sua origem litúrgica e não messiânica. Escrevendo sobre os sacramentos do batismo e da confirmação no catolicismo, OÑATIBIA (p.52, 2007) faz declarações francas quanto a este ponto controverso do início do Cristianismo:

Não obstante isso, é preciso ressaltar que a passagem de Mt 28,16-20 não tem paralelos sinóticos: a tradição sinótica não recolhe nenhuma determinação do Jesus histórico relativa ao batismo (cf. Mc 6,7-13; Mt 10, 5-42); surpreende o silêncio de Paulo e de outras testemunhas a esse respeito; não é o caso de pensar, pois, numa fonte textual anterior da passagem de Mt. Por consequência, é preciso que se diga que, embora Mt 28,19 não seja uma interpolação no evangelho de Mateus, não podemos fazê-lo remontar à uma data anterior à data da composição do primeiro evangelho; a atribuição do *mandato* a Jesus resulta, portanto, tardia e limitada. Além disso, do ponto de vista crítico, é preciso acrescentar que em Mc o mandato batismal se encontra no *apêndice* do evangelho (Mc 16, 9-20), que não é de Marcos e remonta à primeira metade do séc. II. Por outro lado, a formulação do mandato em Mt levanta a suspeita quanto à sua origem litúrgica; não é verossímil que ela tenha saído dos lábios de Jesus tal como a encontramos.

No entanto, tenho visto e ouvido muitos dizendo que preferem seguir a ordem que saiu dos lábios de Jesus (Mt 28:19) do que batizar como os discípulos batizaram (At 2:38; 8:16; 10:48; 19:4 e 5; 22:14). Mas convenhamos: os discípulos desobedeceriam a Jesus realizando um batismo diferente do que Ele houvesse mandado? Creio que não!

Outro fato interessante é Oñatibia, conforme a citação acima, confundir seus leitores com o argumento de que não havia uma determinação de Jesus aos discípulos para batizarem, tendo apenas como base a missão preparatória relatada em Mc 6:7-13 e Mt 10:5-42. Queriam esses textos, e as orientações de Jesus conforme neles relatadas, dizer que os discípulos realizaram muitas coisas menos batizar por ordem de Jesus? Vejamos como o apóstolo e evangelista João contraria essa ideia:

A suplantação do mistério

E quando o Senhor entendeu que os fariseus tinham ouvido que Jesus fazia e batizava mais discípulos do que João (Ainda que Jesus mesmo não batizava, mas os seus discípulos), deixou a Judéia, e foi outra vez para a Galiléia. **João 4:1-3; ACF.**

Como vimos, antes mesmo da missão preparatória de Mc 6:7-13 e Mt 10:5-42 os discípulos já batizavam com o respaldo de Jesus. Logo, citar essas passagens como se não existisse uma prática batismal apostólica é inverídico.

Se os discípulos já batizavam durante o ministério de Jesus (com sua autoridade e respaldo – Jo 4:1-3) e continuaram após sua ascensão (*em nome de Jesus* – At 2:38; 8:16; 10:48; 19:4 e 5; 22:16), porque a Igreja deveria continuar batizando com uma fórmula que os discípulos não utilizaram e veio a ser criada séculos depois? Demais publicações católicas e algumas enciclopédias comprovam a veracidade do batismo em nome de Jesus como praticado na igreja primitiva antes do batismo trinitário.²²

Outro texto comprovadamente suspeito e maliciosamente inserido na Bíblia para defender a doutrina da *Trindade* e perpetuar a suplantação do verdadeiro mistério de Deus é 1 Jo 5:7-8. Note que ele aparece entre colchetes em algumas versões:

Pois há três que dão testemunho [no céu: o Pai, a Palavra e o Espírito Santo; e estes três são um. E três são os que testificam na terra]: o Espírito, a água e o sangue, e os três são unânimes num só propósito. **1 Jo 5:7-8; ARC.**

Porque três são os que testificam [no céu: o Pai, a Palavra e o Espírito Santo; e estes três são um. E três são os que testificam na terra]: o Espírito, e a água, e o sangue; e estes três concor-dam num. **1 Jo 5:7-8; ARA.**

Esses colchetes são uma espécie de “*abre aspas, agora vou colocar minha opinião*”. Isso mesmo, não passa de um acréscimo posterior de algum copista. Quero dar alguns indícios da veracidade dessa afirmação. Se você consultar muitas outras traduções, não vai encontrar essa ideia entre colchetes maculando o texto sagrado. Volto a frisar como o fiz no primeiro capítulo: as Escrituras não foram ditadas pelo Espírito do Senhor, já sabendo

nosso Pai Amado que interferências existiriam nas traduções e versões que a mesma sofreria. Mesmo assim podemos descobrir a verdade, comparando escritura com escritura, como fizemos até agora, “*um pouco aqui, um pouco ali*” (Is 28:10, 13; Lc 24:27).

Portanto, quero apresentar a você a seguir outras versões desse mesmo texto, posteriormente fundamentando a subtileza dessa alteração, com algumas fontes literárias que afirmam a inserção da sentença tendenciosa a favor do dogma trinitariano:

Porque três são os que testemunham: [x] o Espírito, a água e o sangue, e os três tendem ao mesmo fim. **1Jo 5:7-8; BJ.**

Há três que dão testemunho: o Espírito, [20] a água e o sangue; e os três são unânimes. **1Jo 5:7-8; NVI.**

Há três testemunhas: o Espírito, a água e o sangue; e esses três estão de pleno acordo. **1Jo 5:7-8; NTLH.**

Portanto temos esses três que dão testemunho: o Espírito, a água e o sangue. E todos eles dizem a mesma coisa: que Jesus Cristo é o Filho de Deus. **1Jo 7:7-8; NBV.**

O testemunho é tríplice: o Espírito, o batismo e a crucificação, os três em perfeito acordo. **1Jo 7:7-8; MSG.**

O que acabamos de ler? Algo que realmente nos deixa ou atônitos, ou omissos, como muitos que tentam “tapar o sol com a peneira” e esconder das *ovelhas* os pastos verdejantes da verdade.

Por que as versões que acabamos de ler omitem o texto entre colchetes das ARC e ARA? Simples e direto: porque esse trecho não está nos manuscritos anteriores ao século XII.

Note na leitura anterior que entre os versículos sete e oito das versões BJ e NVI há um símbolo referente à nota marginal entre colchetes. Na BJ há um “x” e na NVI há um “20” ou “b” dependendo da edição. Se você tiver a perspicácia e atenção, ao tomar uma dessas versões bíblicas verá as seguintes notas:

Bíblia de Jerusalém (BJ)

[x] O texto dos vv. 7-8 está acrescido na Vulg. de um inciso (aqui abaixo entre parênteses) ausente dos antigos mss gregos, das antigas versões e dos melhores mss da Vulg., o qual parece ser uma glosa marginal introduzida posteriormente no texto: “Porque há três que testemunham (no céu: o Pai, o Verbo e o Espírito

A suplantação do mistério

Santo, e esses três são um só; e há três que testemunham na terra): o Espírito, a água e o sangue, e esses três são um só.”²³

Como sempre, todos os grifos são nossos

Acredito estar muito claro o que essa nota quer nos dizer. Mas para quem não entendeu a nota explicativa da BJ peço-lhes a atenção para as palavras sublinhadas. A primeira palavra, *acrescido*, é muito significativa e reveladora, pois declara haver uma sentença acrescida no texto (sentença que não aparece na própria BJ). A outra frase reveladora da nota de rodapé da BJ é: “*glosa marginal introduzida posteriormente no texto*” e em seguida aparece a inserção posterior ao texto original.

Note que a parte acrescentada é citada na nota da BJ entre aspas. Isso quer dizer que essa glosa era uma anotação à margem da Bíblia nesse texto, que um outro copista ou tradutor achou que o lugar mais apropriado para aquelas palavras era no corpo do texto de João, e não à sua margem. No entanto, essas não são as palavras de João (“*o Pai, a Palavra e o Espírito Santo*”), e não existem registros de quem foi o autor de tal glosa.

Esse fato não deve nos deixar céticos com relação a validade das Escrituras, mas, pelo contrário, deve nos deixar confiantes porque mesmo diante de tais investidas a Palavra de Deus não nos deixa às escuras quanto a essas contradições e inverdades. Basta estudarmos com oração e dedicação para compreendermos.

A outra nota de rodapé, agora da NVI, segue a mesma tendência da nota anterior (BJ) e declara que o texto de 1 Jo 5:7-8 foi inserido posteriormente no contexto da passagem. Note a clareza da nota contida na NVI:

Nova Versão Internacional (NVI)

20) Alguns manuscritos da vulgata dizem testemunho no céu: o Pai, a Palavra e o Espírito Santo, e esses três são um. E há três que testificam na terra: o Espírito, (isto não consta em nenhum manuscrito grego anterior ao século doze).²⁴

Esse texto da nota de rodapé da NVI deixa ainda mais claro que um dos principais textos trinitarianos na Bíblia é uma inserção posterior sem nenhuma relação com as Escrituras originais da

primeira epístola de João. Como destacado por nós na parte sublinhada, até o séc. XII esse texto não existia.

No entanto é importante destacar que até o séc. XII a doutrina da *Trindade* já estava consolidada no seio do cristianismo, mas não havia um texto que fundamentasse essa doutrina como o de 1 João 5:7-8 como muitos o conhecem hoje. Seria a adaptação desse texto a uma visão mais trinitária uma iniciativa para tornar a doutrina mais convincente?

Voltamos a questioná-lo, querido e estimado leitor: teria alguém, ou algum grupo religioso intentado alterações tendenciosas na Palavra de Deus? Se a resposta for sim até que ponto essas alterações contribuiriam para os objetivos desejados formando uma cultura doutrinária longamente arraigada? Até que ponto devemos cuidar para não sermos afetados por uma compreensão errônea evitando o extremo de lançarmos em descrédito à Palavra de Deus? Espero que até o final da leitura desse livro essas questões sejam respondidas por cada leitor.

É inegável que a Bíblia passou ao longo dos anos por algumas transformações, mesmo que pequenas. E também é inegável que essas transformações podem alterar o correto entendimento das Escrituras. Apesar dessa ruim constatação, podemos entender que todas essas questões conflitantes e sutis são cumprimentos diretos da afirmação profética de Pedro:

E também houve entre o povo falsos profetas, como entre vós haverá também falsos doutores, que introduzirão encobertamente heresias de perdição, e negarão o Senhor que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina perdição. **2 Pe 2:1; ACF.**

Essa inserção de 1 Jo 5:7-8 é um exemplo claro da introdução de heresia que permaneceu encoberta por muitos séculos, e que ainda hoje continua sendo motivo de confusão para os leitores da Bíblia. O texto de Pedro é contundente em afirmar a punição aos que se envolvem com tais ensinamentos, tanto aos que o introduziram, quanto aos que absorvem essas heresias mortais e as propaga em seus ensinamentos religiosos (Cf. Is 44:24-25; Mt 24:11, 24; Lc 6:26; At 20:30; 1 Co 11:19; 2 Pe 2:3).

Nos dois capítulos seguintes faremos uma viagem pela história para descobrir como o *mistério* de divindades triúnas foi sendo desenvolvido ao longo dos milênios, influenciando a mente de gerações e culturas. Você ficará impressionado com a repetição e intensidade com que os conceitos trinitários se manifestaram nos mais variados povos ao redor do mundo.

Notas

¹CHARLES TAZE RUSSELL. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Charles_Taze_Russell&oldid=59444287>. Acesso em: 27 ago. 2020.

²A BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em português pelo padre João Ferreira A. D’Almeida. Cl 2:1-3. Nova York: Sociedade Americana da Bíblia, 1850. Disponível em: [https://www.almeidarecebida.org/files/Biblia_Almeida_\(1850\).pdf](https://www.almeidarecebida.org/files/Biblia_Almeida_(1850).pdf)>. Acesso em: 29 ago. 2020.

³JAIME I DA INGLATERRA. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA BARSA. 3 ed. São Paulo: Barga Planeta Internacional, 2005. v.8, p.269.

⁴HOLY BIBLE King James Version. Cl 2:1-3. p.909. Barueri-SP: Bible Society of Brazil, 2010.

⁵BÍBLIA American Standard Version 1901. Cl 2:1-3. Disponível em: <<https://www.biblestudytools.com/nas/colossians/2.html>>. Acesso em 01 jan. 2021.

⁶BÍBLIA SAGRADA, BKJ 1611. Col. 2:1-3. p.686. 1ª edição. Niterói-RJ: BV Books Editora, 2019.

⁷BÍBLIA Sagrada: tradução e edição autorizada da Bíblia Reina-Valera 1997 (RVR97). Cl 2:1-3. p.1350. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica Intercontinental do Brasil, 2011.

⁸Jo 17:1-3; 20:17; Rm 1:7; 15:6; 1Co 1:3; 8:6; 15:24; 2Co 1:2; 1:3; 11:31; Gl 1:1; 1:3; Ef 1:2; 1:3; 1:17; 5:20; 6:23; Fl 1:2; 2:11; 4:20;

Cl 1:2; 1:3; 3:17; 1Ts 1:1; 1:3; 3:11; 3:13; 2Ts 1:1; 1:2; 2:16; 1Tm 1:2; 2Tm 1:2; Tt 1:4; Fm 1:3.

⁹GERADO. In: DICIONÁRIO Michaelis. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/gerado/>>. Acesso em: 18 set. 2015.

¹⁰UNIGÊNITO. In: DICIONÁRIO Michaelis. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/unigenito/>>. Acesso em: 18 set. 2015.

¹¹CRIADO. In: DICIONÁRIO Michaelis. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/criado/>>. Acesso em: 18 set. 2015.

¹²A BÍBLIA de Jerusalém. 6ª impressão 1993. Nota de rodapé de Mateus 28:19; p.1896. São Paulo: Edições Paulinas, 1980.

¹³Mc 16:19; Lc 22:69; Jo 6:57; 10:15, 30; 17:11, 21-22; At 2:33; 5:31; 7:55-56; Rm 8:34; Cl 3:1; Hb 1:3, 13; 8:1; 12:2; 1 Pe 3:22.

¹⁴EUSÉBIO, Bispo de Cesaréia. História Eclesiástica. p.23. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2008.

¹⁵Ibid., pp.117-118.

¹⁶Ibid., p.6.

¹⁷RATZINGER, J. Introdução ao Cristianismo: preleções sobre o símbolo apostólico com um novo ensaio introdutório. pp.61-62. 7ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

¹⁸Ibid., p.62.

¹⁹Ibid., p.63.

²⁰BLAINEY, G. Uma breve história do cristianismo, p.70. 1ª ed. São Paulo: Editora Fundamento Educacional, 2012.

²¹Ibid., p.66.

²²“**Em Cristo** - Na Bíblia nos diz que os Cristãos foram batizados em Cristo (Nº6). Eles pertencem a Cristo. Em Atos dos Apóstolos (2:38; 8:16; 10:48; 19:5) diz-nos de batizar ‘em nome [pessoa] de Jesus’. – uma melhor tradução diria ‘para o nome [pessoa] de Jesus.’ Unicamente no 4º século a fórmula ‘Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo’ tornou-se uma prática.” **Rev. John C.**

Kersten, S. V. D. Bible Catechism: A Meaning for Man's Existence. New Revised – Vatican II Edition. p.164. Catholic Book Publishing Co. 1 de jan. de 1973.

“Em adição, nós vimos como a igreja primitiva batizava: Primeiro o anúncio do Evangelho... consequentemente Fé e o ato com o qual era selado em forma perfeita com o batismo em nome [pessoa] de Jesus Cristo. Aparece o que nós chamamos de Cristãos, que significa gente relacionada de especial forma com Cristo. Mais tarde, ‘no nome de Jesus’ foi elaborado e tornou-se ‘no nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo’.” **Ibid. p.166.**

²²“Podemos interrogar-nos, se Jesus pronunciou exatamente a fórmula: ‘Batizaio-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo’. No livro dos Atos dos apóstolos, os primeiros cristãos são batizados em nome de Jesus: 2,38; 10,48. Tal fórmula supõe a reflexão da Igreja sobre aquilo que disse Jesus de Seu Pai e do Espírito Santo, sobre a revelação que Ele fez progressivamente sobre **Deus que é Trindade**. Foi com o decorrer dos tempos que o batismo em nome de Jesus se tornou batismo em nome da Trindade. Podemos, portanto, pensar que na época em que o texto do evangelho de Mateus foi redigido na forma que chegou até nós, era já uso litúrgico batizar em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

“O que é verdadeiramente original, é a palavra com que termina o evangelho de Mateus (28,20). ‘Eu estou convosco, diz Jesus, todos os dias até ao fim dos tempos’.” **Conteúdo e orientações para uma Catequese Renovada. Centro Catequético da Região Episcopal de Osasco-SP (CECRED). p.247. 3ª ed. 1985. Belenzinho, São Paulo-SP: Editora O Recado.**

²²“**A fórmula batismal.** - A fórmula trinitária e imersão trina não foram usadas uniformemente desde o início, nem sempre andaram juntas. O *Ensino dos Apóstolos**, de fato, prescreve o batismo em nome do Pai, Filho e Espírito Santo, mas na página seguinte fala daqueles que foram batizados em nome do Senhor – a fórmula

normal do Novo Testamento. No século III, o batismo em nome de Cristo ainda era tão difundido que o Papa Estêvão, em oposição a Cipriano de Cartago, o declarou válido. Do Papa Zacarias (Ep. X.) aprendemos que os missionários celtas ao batizar omitiram uma ou mais pessoas da Trindade, e esta foi uma das razões pelas quais a igreja de Roma os anatematizou; O Papa Nicolau, no entanto (858-867), em ‘Response, ad consulta Bulgarorum’, permitiu que o batismo fosse válido tantum in nomine Christi, como nos Atos. Basílio, em sua obra Sobre o Espírito Santo mencionada, condena o ‘batismo somente no Senhor’ como insuficiente. O batismo ‘na morte de Cristo’ é frequentemente especificado pelos pais armênios como o único que era essencial. Ursinus, um monge africano (em Gennad. De Scr. Eccl. Xxvii.), Hilarly {de Synodis, lxxxv.}, O sínodo de Nemours (1284 d.C.), também afirmaram que o batismo em nome de Cristo sozinho era válido. A fórmula de Roma é: ‘Eu te batizo em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.’ No Oriente, ‘fulano, o servo de Deus, é batizado’, etc. Os gregos acrescentam um homem depois de cada pessoa e concluem com as palavras: ‘Agora e sempre e para eons de éons, amém.’

“Encontramos pela primeira vez em Tertuliano a imersão trina explicada a partir da invocação tripla, Nam nec semel, sed ter, ad singula nomina in personas singulas tinguimur: ‘Não uma, mas três vezes, para os vários nomes, nas várias pessoas, estamos mergulhados’ (adv. Prax. XXVI). E Jerônimo diz: ‘Estamos três vezes mergulhados, para que o único sacramento da Trindade seja apresentado.’ Por outro lado, em numerosos pais do Oriente e do Ocidente, por ex. Leão de Roma, Atanásio, Gregório de Nissa, Teófilo, Cirilo de Jerusalém e outros, a imersão trina era considerada um símbolo do sepultamento de Cristo por três dias; e na rubrica batismal armênia esta interpretação é ordenada, como também em uma epístola de Macário de Jerusalém dirigida aos armênios (c. 330). Nos escritores armênios, essa interpretação é ainda associada à ideia do batismo na morte de Cristo.

“A imersão trina então, quanto à origem da qual Basil confessa sua ignorância, deve ser mais antiga do que qualquer uma das explicações rivais. Estes são claramente etiológicos e inventados para explicar um costume existente, que a igreja havia adotado de seu meio pagão, pois as lustrações pagãs eram normalmente triplas; assim, Virgílio escreve (Aen. serrar. 229): Ter partners pura circumtulit unda. Ovídio (Met. vii. 189 e Fasti, iv. 315), Pérsio (ii. 16) e Horácio (Ep. i. 1. 37) falam de maneira semelhante de trindades; e na última passagem mencionada o escoliasta Aero observa: ‘Ele usa as palavras três vezes puramente, porque as pessoas, ao expiarem seus pecados, mergulham três vezes.’ Tais exemplos do uso antigo encontram-se em toda a antiguidade grega e latina.”

Ensinos dos Apóstolos* é a Didaqué, uma espécie de primeiro catecismo cristão de autoria e data exata desconhecidas. Eu, particularmente, não creio na autenticidade de seu conteúdo e datação. **Enciclopédia Britânica, 11ª edição (1911), Vol. 3, pp. 365-366. Verbete 5 A fórmula batismal: Disponível em: <<https://archive.org/details/Encyclopaediabrit03chisrich.pdf/page/n389/mode/2up>>. Acesso em: 03 maio 2021.

²²“Em Mateus 28:19 ele é representado dizendo aos seus discípulos quando apareceu a eles depois de sua crucificação: ‘Ide, portanto, e fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo’. Em Marcos 16:16, somos informados de que ele disse: ‘Quem crer e for batizado será salvo; mas quem não crer será condenado’. Mas há evidências de que a passagem no Evangelho de Mateus foi editada, e a passagem no Evangelho de Marcos pertence aos últimos doze versículos que são amplamente reconhecidos agora como uma adição posterior. [...] As pessoas foram batizadas primeiramente ‘em nome de Jesus Cristo’ (Atos 2:38; 10:48) ou ‘em nome do Senhor Jesus’ (Atos 8:16; 19:5). Posteriormente, com o desenvolvimento da doutrina da Trindade, eles foram batizados ‘em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo’ (cf. Justino Mártir, Apol. I. 61).”

Enciclopédia da Religião de Canney, pp.52-53. Disponível em: <<https://archive.org/details/encyclopaediaofr00cann/page/52/mode/2up>>. Acesso em: 03 maio 2021.

²²“Não há motivo real para duvidar da autenticidade de Mt 28:19 como parte do Evangelho de Mateus na sua forma final (cf. F. H. Chase em *J ThSt* vi, 483 ff.). Mas isto está longe de resolver a sua historicidade como uma palavra do próprio Jesus.” **Enciclopédia de Religião e Ética Hastings, Vol. 2, p. 276.** Disponível em: <https://archive.org/details/encyclopaediaofr02hast_0/page/376/mode/2up>. Acesso em: 04 julho 2021.

²²“**3. A fórmula batismal.** – Resumindo: tal como o batismo tinha no judaísmo vindo a significar consagração purificadora, com uma referência dupla – de um estado antigo a um novo –, assim foi no cristianismo. Denotava (1) a atitude do convertido em relação ao seu estado pecaminoso passado com as suas ‘obras mortas’, ou em relação a Deus como contra o pecador (Ef 6:1, Ac 20:21) – arrependimento; e (2) a sua nova atitude, fé em relação a Deus (Ele 6:1) ou Cristo (Ac 20:21), como o terreno de esperança para o futuro, do qual a ressurreição de Cristo era a garantia ou tipo (cf. 1 Pe 3:21). O efeito prático foi a remissão de pecados passados ou justificação, cujo símbolo foi o dom do Espírito Santo, em experiência sensata, como marcando a aceitação divina do novo sujeito do Reino do Messias.

“Tudo isto está presente em germes nas palavras de Pedro (Ac 2,38-40), ‘*Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos pecados*’, etc. A frase ‘no nome’ exige agora uma consideração mais atenta. É claro pelo uso contemporâneo (por exemplo At 11:15; Ap 3:4; 11:13) que ‘nome’ era um sinônimo antigo de ‘pessoa’. Os paralelos, aliás, do grego coloquial da época mostram que a expressão ‘no nome’ era por si só amplamente utilizada, especialmente em conexões solenes ou formais, e com especial referência à propriedade. Assim, é feito um pagamento (...), ‘na conta do rei’; é apresentada uma petição (...), ‘à pessoa do rei’; e, ainda mais significativo na nossa ligação,

os soldados juram ‘em nome do rei’ (Rendtorff, op. cit., p. 9 f.). Tal invocação solene do nome do rei em sinal de lealdade pessoal responde exatamente a um aspecto marcado do baptismo (cf. 2 Tm 2:3), que foi mais desenvolvido no pensamento cristão após a Era Apostólica, na noção da *milícia Christi* (ver a monografia de Harnack assim intitulada). Apenas, no baptismo cristão primitivo, ‘o nome’ possivelmente como soma das perfeições Divinas (cf. Sal 115,1 onde ‘misericórdia’ e ‘verdade’ são elementos do nome de Deus), foi invocado, em primeira instância, para misericórdia e proteção. Em qualquer caso, a fórmula ‘em nome de’, com ou sem associações do uso do VT (...), veio a ter em todos os círculos cristãos - embora com diferentes tonalidades de pensamento, como entre judeus típicos e outros - o sentido grávido de identificação entre o batizado e Aquele em cujo nome o baptismo teve lugar. Um tornou-se assim propriedade pessoal do outro, como parte do povo de possessão peculiar (... com outros sinónimos em 1 Pe 2:9; ..., Tito 2:14) e o ‘servo’ do verdadeiro Senhor (ver 2 Co 4:5), como todos os escritores do NT concordam em colocar. Que esta era a essência da questão surge do próprio título, ‘o Senhor Jesus’, habitual entre os convertidos gentios, tal como ‘o Cristo’ ou ‘Cristo Jesus’ era em círculos mais judeus. ‘O Senhor Jesus’ parece, de facto, crescer da frase central da confissão batismal, ou seja, ‘Jesus é o Senhor’. Leitura 1 Co 12:3 ‘Ninguém pode dizer Senhor ... senão no Espírito Santo’ (cf. 1:2b; 6:11), à luz de Rm 10:9 ‘Se confessares ‘o enunciado’ (...) com a tua boca (frases citadas de Dt 30:14; cf. Ef 5:26 ‘purificando-a com a lavagem da água’ ...), a saber, (...) (cf. Fl 2:11), e crer no teu coração que Deus o ressuscitou dentre os mortos (na prova do Senhorio Messiânico, Rm 1:4), serás salvo’ - isso se percebe claramente. ‘Cristo Jesus’, como diferente de ‘Jesus Cristo’ (= Jesus o Cristo), talvez tenha surgido de uma forma de confissão cristã judaica semelhante, ‘Jesus é Cristo (Messias)’ - de onde ‘um só Senhor, uma só fé, um só baptismo’ (Ef 4:5). Mas será que a fórmula usada no baptismo, (...Ac 8:16; 19:5, I Co 6:11), abraçava

mais do que este elemento distintivo, tendo, por exemplo, uma referência tão explícita à unidade de Deus como deve ter sido o coração do batismo prosélito? Isto é sugerido não só por 1 Co 8:6 (... Ef 4:5), mas também pela constante dupla forma de saudações e bênçãos apostólicas (cf. Ap 14,1 ‘tendo o seu nome e o nome do seu Pai escrito nas suas testas’). O uso de uma fórmula trinitária de qualquer tipo não é sugerido de forma semelhante, apesar de 2 Co 13:14. At 19:2-5 diz contra qualquer opinião de que a referência explícita ao Espírito Santo ocorreu no batismo: assim também ICo 6:11. É provável, então, que Deus o Criador tenha sido de alguma forma confessado no batismo (cf. Hermas, *Mand. i.* 1 ‘Antes de mais nada ceder a crença [...] de que Deus é um,’ etc.); no entanto, exatamente sob que forma permanece uma questão em aberto, uma que depende de outra, para a qual a atenção tem sido recentemente dirigida (ver A. Seeberg, *Der Katechismus der Urchristenheit*, 1903). **Enciclopédia de Religião e Ética Hastings, Vol. 2, pp.277-278.** Disponível em: <https://archive.org/details/encyclopaediaofr02hast_0/page/378/mode/2up>. Acesso em: 04 julho 2021.

“As principais passagens das Escrituras em questão são Mt 28:19, Mc 16:16, e Jo 3:5, dos quais Mt 28:19 é a peça central de prova para a visão tradicional da instituição do batismo por Cristo. Descreve o Senhor Ressuscitado como dizendo a seus discípulos, ‘*Ide e fazei discípulos de todas as nações, batizando-as em nome do Pai, do Filho, e do Espírito Santo*’. Se fosse indiscutível, isto seria, naturalmente, decisivo, mas a sua confiabilidade é impugnada com base em crítica textual, crítica literária, e crítica histórica.” **Enciclopédia de Religião e Ética Hastings, Vol. 2, p.280.** Disponível em: <https://archive.org/details/encyclopaediaofr02hast_0/page/380/mode/2up>. Acesso em: 04 julho 2021.

²²“Tem havido uma controvérsia teológica sobre a questão de saber se o batismo em nome de Cristo apenas foi alguma vez considerado válido. Certos textos do Novo Testamento deram origem a esta dificuldade. Assim, São Paulo (Atos 19) ordena que

alguns discípulos em Éfeso sejam batizados em nome de Cristo: ‘Eles foram batizados em nome do Senhor Jesus’. Em Atos 10, lemos que São Pedro ordenou que outros fossem batizados ‘em nome do Senhor Jesus Cristo’. Aqueles que foram convertidos por Filipe (Atos 8) ‘foram batizados em nome de Jesus Cristo’, e acima de tudo temos o comando explícito do Príncipe dos Apóstolos: ‘Sede batizados todos vós em nome de Jesus Cristo, para a remissão dos vossos pecados’ (Atos 2). Devido a estes textos, alguns teólogos sustentaram que os Apóstolos batizaram apenas em nome de Cristo. São Tomás, São Boaventura e Albertus Magnus são invocados como autoridades para esta opinião, declarando que os Apóstolos assim agiram por dispensa especial. Outros escritores, como Pedro Lombardo e Hugo de São Vitor, sustentam também que tal batismo seria válido, mas nada dizem sobre uma dispensa para os Apóstolos. A opinião mais provável, contudo, parece ser que os termos ‘em nome de Jesus’, ‘em nome de Cristo’, ou se referem ao batismo na fé ensinada por Cristo, ou são empregados para distinguir o batismo cristão do batismo de João, o Precursor. Parece totalmente improvável que imediatamente após Cristo ter promulgado solenemente a fórmula trinitária do batismo, os próprios Apóstolos tivessem substituído outro. De fato, as palavras de S. Paulo (Atos 19) implicam muito claramente que não o fizeram. Pois, quando alguns cristãos em Éfeso declararam que nunca tinham ouvido falar do Espírito Santo, o Apóstolo pergunta: ‘Em quem então foram batizados?’ Este texto parece certamente declarar que São Paulo tomou como certo que os Efésios devem ter ouvido o nome do Espírito Santo quando a fórmula sacramental do batismo foi pronunciada sobre eles.

“A autoridade do Papa Estêvão I foi alegada pela validade do batismo dado apenas em nome de Cristo. São Cipriano diz (Ep. ad Jubaian.) que este pontífice declarou válidos todos os batismos, desde que fossem dados em nome de Jesus Cristo. Deve notar-se que a mesma explicação se aplica às palavras de Estêvão e aos

textos bíblicos acima indicados. Mais adiante, Firmiliano, na sua carta a São Cipriano, implica que o Papa Estêvão exigiu uma menção explícita da Trindade no batismo, pois cita o pontífice como declarando que a graça sacramental é conferida porque uma pessoa foi batizada ‘com a invocação dos nomes da Trindade, Pai e Filho e Espírito Santo’. Uma passagem que é muito difícil de explicar encontra-se nas obras de Santo Ambrósio (Lib. I, De Sp. S., III), onde ele declara que se uma pessoa nomeia um da Trindade, ele nomeia todos eles: ‘Se dizeis Cristo, designastes Deus Pai, por quem o Filho foi ungido, e Aquele que foi ungido Filho, e o Espírito Santo em quem Ele foi ungido’. Esta passagem tem sido geralmente interpretada como referindo-se à fé do catecúmeno, mas não à forma batismal. Mais difícil é a explicação da resposta do Papa Nicolau I aos búlgaros (cap. civ; Labbe VIII), na qual ele afirma que uma pessoa que já foi batizada ‘em nome da Santíssima Trindade ou apenas em nome de Cristo, como lemos nos Atos dos Apóstolos (pois é uma e a mesma coisa, como Santo Ambrósio explicou) não deve ser rebatizada’. Tal como na passagem a que o Papa alude Santo Ambrósio falava da fé do recebedor do batismo, como já dissemos, foi considerado provável que este seja também o significado que o Papa Nicolau pretendia transmitir (ver outra explicação em *Peach, Praelect. Dogm.*, VI, n.º 389). O que parece confirmar isto é a resposta do mesmo pontífice aos búlgaros (Resp. 15) noutra ocasião, quando eles o consultaram sobre um caso prático. Perguntaram se certas pessoas deveriam ser rebatizadas a quem um homem, fingindo ser um padre grego, tinha conferido o batismo? O Papa Nicolau responde que o batismo deve ser considerado válido ‘se foram batizados em nome da Trindade suprema e indivisível’. Aqui o Papa não concede o batismo em nome de Cristo apenas como uma alternativa. Os moralistas levantam a questão da validade de um batismo em cuja administração algo mais tinha sido acrescentado à forma prescrita, como ‘e em nome da Santíssima Virgem Maria’. Respondem que tal batismo seria inválido, se o ministro

pretendesse assim atribuir a mesma eficácia ao nome adicionado e aos nomes das Três Pessoas Divinas. Se, no entanto, fosse feito apenas através de uma piedade errada, não interferiria com a validade (S. Alph., n. 111).” **Enciclopédia Católica, Vol. 2, pp.263-264. Verbetes *Baptism*.** Disponível em: <<https://archive.org/details/catholicencyclo11wynngoog/page/n288/mode/2up>>. Acesso em: 05 julho 2021.

²²“Deve-se reconhecer que o terceiro nome de Mateus 28:19 não parece ter sido usado pela igreja primitiva, mas sim em nome de Jesus, Jesus Cristo ou Senhor Jesus.” **Dicionário Hastings da Bíblia. pp.82-84. Verbetes *Baptism*.** Disponível em: <<https://archive.org/details/in.ernet.dli.2015.167716/page/n105/mode/2up>>. Acesso em: 03 maio 2021.

²³A BÍBLIA de Jerusalém. 6ª impressão 1993. Nota de rodapé de 1 João 5:7; p.2291. São Paulo: Edições Paulinas, 1980.

²⁴BÍBLIA Sagrada: nova versão internacional. Nota de rodapé de 1 João 5:7-8. p.983. São Paulo: Editora Vida, 2000.

Capítulo 5

A história e a perpetuação do mistério

A adoração de deidades triúnas remonta aos tempos mais antigos, desde a história da primeira civilização pós-diluviana, a sumeriana, passando pela cananeia, egípcia e babilônica, continuando com a história grega e romana e culminando com a era cristã, desde os primeiros séculos d.C. até os dias atuais.

Muita literatura sobre os mitos e crenças abordam os mais variados panteões e conjuntos de deidades, não faltando conjuntos de deidades triúnas em cada uma das culturas e épocas distintas.

Essa tendência é intrigante e pode despertar-nos o pensamento de uma mera coincidência, ou de um audaz intento conspiratório oculto para inculcar tais conceitos trinitarianos na mente humana. Podemos ser um tanto quanto céticos para acreditar nisso ou um tanto quanto incrédulos ou pretensamente sábios para disso duvidar. Mas não podemos negar a ocorrência desses fatos e atrelá-los num gigantesco quebra-cabeças triteísta das crenças da humanidade ao longo dos milênios.

A manifestação psicológica desses conceitos foi estudada pelo renomado Dr. C. G. Jung (1875 – 1961) e essa relação conceitual atrelada a paradigmas psicológicos foi identificada por ele na história das culturas e também em vários indivíduos e suas experiências.¹ E ele não foi o único a perceber isso como demonstrarei nesse capítulo e no próximo. A grande questão é: esse modelo conceitual de um Ser supremo que se manifesta em três ou três seres que se apresentam com um Deus supremo tem origem no Ser supremo ou em outras entidades?

Vamos estudar detalhadamente esse quebra-cabeças mitológico, observando a relação entre suas peças e seu provável encaixe no cenário abordado nesse livro, tendo em vista o fato de

a comprovação histórica nos oferecer dados elementares e amplos no entendimento de padrões e origens sobre o tema pesquisado.

De início, uma referência abrangente e sucinta pode ser apresentada visando demonstrar que a devoção religiosa a tríades é bem comum e historicamente frequente. Variada e particular em cada uma das culturas da humanidade e ao longo da história, essa crença tem acompanhado a existência humana com uma frequência assustadora.

Muitos ritos e costumes milenares se perderam ou se mantêm com muita obscuridade, mas, a crença trinitariana, ou em tríades divinas, parece se manter em exercício impulsionada por uma força sobre-humana, e uma permanência quase indestrutível. Note sua manifestação em cada cultura, segundo LETERRE (pp. 45-57, 2004) apud NETO (pp.6-7, 2012):

Os Cabiras (Suméria) representavam a trindade por **Ea**, Pai – **Istar**, Mãe – **Tammuz**, Filho.

Os Órficos, da Grécia: **Axier**, Pai celeste – **Axiokersa**, Mãe terrestre – **Axiokers**, filho do Céu e da Terra, aos quais apelidavam de **Zeus – Deméter – Dionísio**.

Nos mistérios de Elêusis a ordem é outra: O Pai é **Dinonísio**, a mãe é **Deméter**, e **Iachos**, o Filho.

Na antiga Canaã, era: **Baal**, Pai – **Astarté**, Mãe – **Adônis Echemum**, Filho.

No Egito: **Osíris** é Pai – **Ísis** é mãe – **Hórus**, o Filho.

Na Índia: **Brahma**, Pai – **Shiva**, Mãe – **Vishnu**, Filho.

Na China era, e ainda é: **Brahma**, Pai – **Shiva**, Mãe – **Buda**, Filho.

Na primitiva Germânia era: **Votan**, **Friga** e **Dinar**.

Os druidas a conheciam como: **Abred**, **Gwynfyd**, **Ceugant**.

Essa citação se faz necessária apenas como um meio de observar de forma mais sucinta a manifestação de divindades triplas em cada uma das culturas citadas por NETO (p.7-8, 2009). Embora haja algumas diferenças na identificação dessas divindades por parte de literaturas diversas, vamos observar algumas cita-

ções bibliográficas, percebendo o que é dito sobre as divindades cultuadas em diferentes regiões e épocas.

Passaremos então a observar com mais atenção algumas dessas culturas, a partir da mais primitiva, até as mais conhecidas e influentes na cultura ocidental. No capítulo seguinte faremos uma abordagem mais ampla do assunto, ligando as culturas aqui citadas a outras em um intrincado verdadeiro quebra-cabeça, peça por peça, nação após nação, personagem e mais personagem, e sua relação quanto ao assunto que proponho analisarmos aqui.

Suméria (Mesopotâmia) e o chamado à Abrão

A civilização suméria é a mais antiga de que se tem notícia, mais antiga até mesmo que a nação egípcia e a nação de Israel. Segundo a Enciclopédia Barsa (Vol.13, p.428, 2005) os primeiros habitantes da região foram os Ubaidas, entre 4500 e 4000 a.C. quando “drenaram os pântanos para a agricultura, desenvolveram o comércio e estabeleceram indústrias, entre as quais manufatura de couro, metal, cerâmica, alvenaria e tecelagem.” Assim começou, segundo a Enciclopédia citada, a povoação e formação da cultura sumeriana, quando após essa primeira civilização dos Ubaidas, povos semitas migraram para a região e formaram uma grande civilização pré-sumeriana.

A região dessa primeira civilização mundial é chamada na Bíblia como terra de Sinar (Gn 10:10). Apesar de antiga, a civilização sumeriana nos oferece base para afirmar suas crenças em conceitos divinos que apresentam alguns aspectos semelhantes às atuais concepções sobre a Divindade por parte dos ensinamentos religiosos vigentes. E entende-la bem é o ponto de partida para se entender todo o restante da história quanto ao aspecto de divindades triúnas, visto ser essa a primeira civilização do mundo.

Achados arqueológicos na região do oriente médio no século XIX oferecem-nos relatos muito bem conservados de uma literatura secular antiguíssima, a literatura mitológica com ele-

mentos históricos mais antiga, denominada *A Epopeia de Gilgamesh* (transcrita em várias versões e com outros títulos).

A história tem como pano de fundo e personagem principal o famoso rei de Uruk, antiga cidade situada na região da primitiva Mesopotâmia, a *Ereque* citada em Gn 10:10, tendo como primeiro monarca Ninrode (Gn 10:8-12), de onde também surgiria mais tarde a nação Assíria que tinha como capital Nínive. Note essa descrição da cidade baseada em achados arqueológicos:

Ereque. A 32 quilômetros a noroeste de Ur se encontram as extensas ruínas da antiga cidade de Ereque (Uruque ou Warka), fundada por Ninrode, o construtor fenomenal e “poderoso caçador diante da face do Senhor” (Gn 10:9-10). Também era a residência real e a cidade fortificada do rei Gilgamesh, herói da lenda babilônica do dilúvio.

As escavações nesse lugar foram iniciadas em 1852 e tem continuado com intervalos durante mais de 100 anos. Alguns dos primeiros achados compreendiam um muro com ladrilhos de 12 a 15 metros de altura, que rodeavam a cidade por 9 quilômetros, um templo parto adornado com mosaicos coloridos, um extenso cemitério parto contendo uma grande quantidade de ataúdes envernizados e em forma de sapatilhas, um zigurate piramidal de 30 metros de altura, e milhares de tabuinhas cuneiformes neobabilônicas, algumas das quais estavam dentro de capas de argila. Escavações posteriores alcançaram terras virgens, e estabeleceram uma cronologia de 4.000 anos a.C. Nesses estratos de épocas mais antigas foram desenterrados os restos de um grande muro que data do ano 3.000 a.C., selos cilíndricos e umas 575 tabuinhas escritas na mais antiga escritura pictográfica. Estas tabuinhas registram muitos fatos da história religiosa, e indicavam que os primeiros habitantes de Ereque (Warka) criam na existência de somente duas divindades, uma anterior a outra.²

Essa descrição da primitiva cidade de Ereque nos deixa impressionados, visto a riqueza de detalhes e comprovação arqueológica de sua existência. Um detalhe que nos impressiona é o fato dessa cidade ser a comprovação científica da existência de uma das cidades mencionadas na história bíblica de Ninrode,

fundador e soberano de Ereque e mais cinco cidades (Babel, Acade, Calné, Nínive e Resém; Gn 10:9-12).

Outro fato importantíssimo é a declaração da existência de registros literários em milhares de tabuinhas de argila contendo inúmeras informações em uma primitiva escrita pictórica.

Acredita-se serem essas informações escritas as mais antigas de que se tem notícia, visto sua existência conter relatos da primeira civilização pós-diluviana. Mas um fato que nos intriga e nos faz imaginar as concepções religiosas adotadas pelos antepassados deste povo está relacionado à última parte da citação contida no Suplemento Arqueológico da Bíblia Thompson, que diz: “Estas tabuinhas registram muitos fatos da história religiosa, e indicavam que os primeiros habitantes de Ereque (Warka) criam na existência de somente duas divindades, uma anterior a outra.”

Essa informação nos desperta um misto de inquietação e dúvida, pois deixa no ar que tipo de Divindades poderiam ser essas adoradas pelos primeiros habitantes de Ereque. Seriam elas o Pai e o Filho como temos estudado até aqui? Sabemos que os habitantes posteriores dessas cidades mesopotâmias criam em várias divindades, como relatado na *Epopéia de Gilgamesh*, mas o fato é que os primeiros habitantes só acreditavam em duas divindades, como vimos na citação da Bíblia de Thompson.

Temos nessa informação algo que possa corroborar a tese de que o Pai e o Filho são essas divindades? Cremos que sim, visto notarmos que a última declaração da referência citada nos aponta algo que temos defendido sobre o Filho sendo gerado pelo Pai e surgindo após o Mesmo, “*uma divindade anterior a outra.*”

Seriam todas as informações dessas tabuinhas de argila encontradas na região da mesopotâmia acessíveis ao público? Existe a possibilidade de algumas dessas tabuinhas serem guardadas a sete chaves, pois a revelação de detalhes ali contidos poderia significar um estrago muito grande quanto aos conceitos religiosos sustentados a milênios. Contudo, podemos em virtude do que temos à disposição na Palavra de Deus, obter

conhecimento necessário para fundamentar nossa compreensão do assunto abordado nesse livro.

Após as concepções deístas baseadas em apenas *duas divindades* dos primeiros habitantes de Ereque (Uruk ou Warka) começam, então, a aparecer um sistema cultural mais amplo no que diz respeito às divindades adotadas, surgindo outros “*deuses*” num panteão místico, que imita aspectos da Divindade verdadeira e apresenta-nos uma primeira tentativa de modificá-la. A história de Gilgamesh é muito farta em demonstrar um panteão místico que tenta modificar a verdadeira compreensão da Divindade. A Enciclopédia Barsa (vol.7, p.105, 2005) data o reinado de Gilgamesh na primeira metade do terceiro milênio a.C. e a história desse personagem e seu contexto histórico oferece-nos os primeiros *deuses* cultuados em detrimento do verdadeiro Deus.

Na obra *A Epopeia de Gilgamesh* (pp.10-13, 2001), personagem que dá nome e vida a essa mitologia tão antiga, e quinto rei da dinastia pós-diluviana de Uruk (Ereque), somos informados também, dentre outros temas, sobre sua cultura religiosa muito remota, mas que não deixa de nos impressionar com dados tão significativos sobre a religião sumeriana existente na região da Mesopotâmia nos primeiros séculos pós diluvianos, sendo que o texto definitivo dessa obra e sua edição recuperada pelos arqueólogos foi datada por eles do século VII a.C. da biblioteca de Assurbanipal, o último rei do império Assírio.

Esse antigo achado literário contando a lenda de Gilgamesh, escrito em caracteres acádio, sumério e hitita, necessitou de um trabalho de decifração das tábuas fragmentadas encontradas nas sucessivas escavações. O trabalho de decifração do primeiro achado foi empreendido inicialmente na segunda metade do século XIX (1855-66). A importante decodificação das primeiras tábuas de argila foi iniciada por Henry Rawlinson, contando depois com George Smith como seu auxiliar a partir de 1866.

As vinte e cinco mil tábuas de argila encontradas na região da antiga Nínive em 1852-53 por Austen Henry Layard, e depois

por Hormuz Rassam como seu sucessor, foram apenas as primeiras contendo partes de *A Epopeia de Gilgamesh*. Posteriormente outra expedição comandada por John Punnet Peters e realizada no monte Niffer, região onde foi localizada a primitiva cidade chamada Nippur, ao sul do Iraque foi iniciada em 1888-89, resultando na grandiosa descoberta em torno de impressionantes quarenta mil tábuas, que depois foram distribuídas para os museus de Filadélfia (EUA) e Istambul (Turquia). Quanto a esses achados e seu conteúdo, temos a seguinte informação de autor ANÔNIMO (p.25, 2001), note sua descrição sobre a literatura primitiva encontrada na região:

Há vários poemas, sumérios e semíticos, que descrevem o mundo inferior. Às vezes ele é cenário de alguma jornada empreendida por algum deus ou mortal. Certo príncipe assírio, sob o pseudônimo de “Kummu”, legou uma terrível visão da morte e do além. É um apocalipse sombrio em que os anjos são todos demônios; onde podemos reconhecer a esfinge, o leão e o grifo, o querubim com mãos e pés humanos, ao lado de muitos monstros da imaginação que durante muito tempo apossaram a mente humana. Eles reaparecem continuamente em sinetes de pedra, marfins e rochas, e sobreviveram através da iconografia medieval e da heráldica até os dias de hoje. Embora possam ter perdido sua força simbólica, os mistérios que representavam são os mesmos que ainda hoje nos deixam perplexos.

Nessa descrição sucinta podemos observar as declarações da autora em abordar as vicissitudes quanto às concepções dos mistérios divinos no *mundo inferior*, ou seja, a frequência com que concepções do *divino*, sejam elas reais ou não, se repetem e sobrevivem nos símbolos representativos das civilizações (*iconografia medieval e da heráldica*).

Fato marcante, porém, na declaração é a influência de demônios (anjos caídos) no *apocalipse sombrio* destacado pela autora como tendo parte nesse mundo segundo os relatos do príncipe assírio citado, baseados nas descobertas das tábuas de argila. Apesar de requintada a citação da autora nos declara de

forma meio que encoberta, mas perceptível quando analisada em seus pormenores, que essas imagens misteriosas e sombrias de um mundo espiritual obscuro são manifestas ao longo de tudo que já foi descoberto em *sinetes de pedra, marfins e rochas*, e podem oferecer evidências factíveis da tentativa de envolver o *divino* em *mistérios* que, *ainda hoje nos deixam perplexos*.

O fato da autora de *A Epopéia de Gilgamesh* não ter se identificado não diminui sua importância como uma literatura idônea do ponto de vista técnico. O que não significa, sobretudo, que o relato abordado seja uma literatura de cunho verídico e crível, para pautar linhas de pensamento que possam corroborar visões factíveis da Divindade, mesmo embora apresentem semelhanças de conceitos por um lado, mas gritantes diferenças, lendas e fantasias místicas por outro. Lendo o espaço de agradecimentos da obra, as palavras “*grata*” e “*agradecida*”, mostra tratar-se de uma obra de autoria feminina, o que nos permite referir-se ao sujeito de sua autoria com os termos *ela* e *autora*.

Em sua obra ela demonstra substancial embasamento científico da origem e transcrição da epopéia, bastando para isso, ler o subtítulo 10 da Introdução da literatura em questão (*10 – Notas sobre essa versão*), percebendo a forte fundamentação da obra perante os acadêmicos citados.

Analisemos algumas definições e trechos do livro que apresentam os *deuses* mitológicos de Uruk (Ereque) no contexto da dinastia de Gilgamesh (5º após Ninrode), e notemos as semelhanças, tanto mitológicas, quanto bíblicas de conceitos que foram mesclados a essa história lendária às pp.21-22 da obra:

Numa reconstrução da teogonia suméria, feita pelo Professor Kramer, **An** foi o primogênito do mar primordial. Ele era o firmamento, as camadas superiores do céu, e não o ar que sopra sobre a terra. Como Urano, **An** se uniu à Terra (a **Ki** suméria) e gerou **Enlil, o deus do ar**. Nesta época o mundo ainda estava envolto na escuridão, e Enlil, o ar, vivia aprisionado entre o teto escuro do céu, uma noite sem estrelas, e a superfície da terra. Enlil gerou então a lua, **Nanna** (o **Sin** dos semitas), que viajou

A história e a perpetuação do mistério

num barco e trouxe a luz aos céus de lápis-lazúli; e Nanna por sua vez gerou o sol, **Utu** (o **Shamash** dos semitas), e **Inanna** (a **Ishtar** dos semitas), a deusa do amor e da guerra.

*O negrito é nosso.

Poderia esses *deuses* ser identificados como os anjos caídos (demônios, cf. Dt 32:17)? Estariam os anjos caídos tentando se passar por deuses nessa primitiva cultura para receber adoração em associação com os astros (sol e lua cf. Dt 4:19)? No próximo capítulo poderemos ver que alguns autores declararam que os demônios tiveram esse objetivo nas mais variadas culturas.

Quanto aos sumérios e essa primitiva mitologia notamos os deuses pululando em uma multiplicação de divindades além das somente duas que existiam em sua concepção mais primitiva, que como vimos foram os primeiros habitantes de Ereque (Uruk) que só criam em duas Divindades, uma anterior a outra, como citado no Suplemento Arqueológico da Bíblia Thompson analisado anteriormente.

Contudo, notamos na obra *A Epopéia de Gilgamesh* (2001) o surgimento de muitas outras “*divindades*” além das apenas duas que eram cultuadas pelos primeiros habitantes de Ereque. Entretanto, mesmo com um panteão mais amplo, os *deuses* vão se amalgamando num coito místico e gerando novas divindades, num processo dantesco de multiplicação divina. Cultuar apenas duas divindades, para o povo de Ereque, não foi suficiente, era preciso mais, daí o surgimento da mitologia.

Essa multiplicação deísta conta por vezes com duas divindades, dando origem a uma terceira, como no caso da união de An e Ki, gerando Enlil. Nota-se também o surgimento de uma, duas ou mais “*divindades*” a partir de apenas uma somente, sem amálgama deísta, como no caso de Enlil, quando outros *deuses* começam a surgir e compor o panteão sumério: de Enlil surge Nanna (Sin dos semitas), Nanna por sua vez gera dois *deuses*, Utu (Shamash dos semitas), e Inanna (Ishtar dos semitas).

Uma atenta observação na genealogia bíblica nos ajudará a entender uma distinção de culto e divindade a ser adorada pelos descendentes dos filhos de Noé, que foram os originadores de todas as civilizações da humanidade. Segundo a Bíblia (Gn 10 e 11) de Sem (filho de Noé) surgiria Abrão (Abraão) que foi o patriarca a manter a fé no Deus único (YHWH). Já da descendência de Cão (Cam ou Cã) que foi amaldiçoada por Noé por ter visto a nudez do Pai (Gn 9:22-27) surgiria Ninrode (neto de Cão e bisneto de Noé) que pode ser apontado como o primeiro imperador sumério (Gn 10:10) e antagonista do verdadeiro Deus.

Sendo assim podemos notar na mitologia suméria uma tentativa de substituir o Deus verdadeiro criando diversas “divindades” para receber a adoração da descendência amaldiçoada de Cão (Cuxe, Ninrode, ... Gilgamesh etc.). Segundo a Bíblia os demônios foram adorados pelos pagãos como deuses (Dt 32:17; 1Co 10:20) o que também pode ser aplicado no caso dos sumerianos. Lúcifer quis se exaltar acima de Deus (Is 14:12-15) e os anjos que ficaram do lado dele aceitaram e apoiaram esse tipo de sentimento, sendo por isso expulsos do céu (Ap 12:7-9).

Quando observamos a evolução e surgimento das divindades na *Epopéia de Gilgamesh*, um deus gerando outro, notamos também nisso uma tentativa de imitar o processo divino do Pai Celestial (YHWH) gerando o Filho (Jesus; Sl 2:7; Pv 8:22-36; 1Co 1:24; Pv 30:4; Jo 6:62 e 13:13; At 13:33; Hb 1:5 e 5:5), Filho esse que também deveria ser adorado pelos anjos (Hb 1:5-6).

Porém, um terço dos anjos, chefiados por Lúcifer, foram expulsos do céu com seu líder por não aceitarem se submeter e adorar ao Filho de Deus, de mesma natureza que Seu Pai, rebelando-se assim contra o Príncipe do Exército do SENHOR (Josué 5:15; Is 14:12-15; 1Pe 2:4; Jd 6; Ap 12:7-9).³

Esse processo de rebelião e “fúria de Titãs” é facilmente conectado como peças nesse quebra-cabeça, dando-nos indícios contundentes da rebelião daqueles que se rebelaram contra a verdadeira adoração (ao Pai e ao Filho), sendo depois expulsos do

céu. Dessa forma, num frenesi maligno, intentaram desde os primórdios da história humana e no pós-dilúvio atrair os rebeldes contra o governo da verdadeira Divindade para uma adoração pluralista e enganadora, canalizando para eles (demônios) a adoração que é devida a Deus o Pai e ao Seu Filho unigênito.

Esse louco frenesi por adoração pode ser evidenciado em uma das citações da obra *A Epopeia de Gilgamesh* (2001), quando os deuses se ufanam com o cheiro do sacrificio oferecido após o dilúvio e lançam acusações contra Enlil, culpando-o pelo extermínio do “*meu povo*”, segundo declaração da deusa Ishtar na lenda.⁴ Um enredo digno de tórridas semelhanças com a indignação dos demônios pelo fim de uma raça rebelde, como foram os depravados habitantes do mundo antediluviano (Gn 6:1-7).

Se o extermínio da raça corrupta antediluviana foi lamentado pelos deuses nessa epopeia, o mesmo não pode ser dito da sobrevivência de um remanescente. Pois também pode ser percebida a fúria de um dos deuses (Enlil) quando viu o barco (a arca de Noé) e percebeu que alguns seres humanos sobreviveram ao dilúvio⁵, talvez até porque aqueles foram poupados pela graciosa misericórdia e amor manifestados pelo Deus verdadeiro (Gn 6).

Essas informações constituem uma peça importante nesse complexo quebra-cabeças mitológico, pois apresentam deturpações dignas de intentos malignos para desvirtuação da verdadeira adoração. Surgimento de “divindades” ora partindo de outra “divindade”, ora a partir de duas, dando origem a muitas outras “divindades” numa escala frequente, mutante e constante.

Como a história da epopeia se passa na quinta dinastia de Uruk (Ereque), que teve como originador da dinastia “o poderoso caçador” Ninrode (Gn 10:9), podemos perceber crenças pagãs nesse “galho” da genealogia pós-diluviana, o que nos ajuda a entender as claras diferenças de culto e crenças.

Como mencionei antes, o relato de Gêneses 10:6-8 nos informa a origem de Ninrode como sendo filho de Cuxe, neto de Cão e bisneto de Noé. Assim conseguimos fazer uma ligação e

separação entre famílias e origens, percebendo que as civilizações pós-diluvianas foram formadas inicialmente pelos três filhos de Noé (Sem, Cão e Jafé; Gn 9:19) e que a civilização sumeriana (da terra de Sinar, Gn 10:10) tem como antepassado o filho de Noé que foi amaldiçoado por ver a nudez de seu pai, que foi Cão (Gn 9:20-27) avô de Ninrode.

Segundo a genealogia contida em Crônicas (1Cr 1:10; BJ), “*Cuch gerou Nemrod, que foi o primeiro homem poderoso na Terra*”, o que nos leva a crer que ele foi o primeiro governante, ou imperador sumério, que desvirtuou a correta adoração.

A depravação de Cão e a maldição que recebeu de seu pai Noé são elementos distintos na primeira família pós-diluviana. Esses fatos podem ser associados à uma desvirtuação de concepções da Divindade por parte da descendência dele (Cão, Cuxe, Ninrode, ... Gilgamesh etc.), resultando em rebeliões contra o Deus adorado por Noé e seus outros filhos.

Quando lemos a obra *A Epopéia de Gilgamesh* (2001) visualizamos essa perspectiva, pois, seus relatos mitológicos, mesclados com elementos que aparecem nos escritos mosaicos sobre o dilúvio, a criação, Enoque e a Divindade, são totalmente contrários à narrativa bíblica de Gênesis, que teve como escritor Moisés, descentente de Levi (Êx 2:1-10) e Levi sendo descendente direto de Sem (Gn 29:30-34; 25:19-26; 21:1-3; 11:10-31).

Pelas imitações aberrantes e depravações idolátricas com conceitos divinos pluralistas e contrários aos mais perfeitos e sublimes atributos da Divindade, somos levados a crer que os contos fantasiosos contidos na lenda de Gilgamesh nada mais são que relatos transmitidos por tradição oral que foram posteriormente compilados ao longo dos anos pelos assírios e reunidos finalmente por Assurbanipal no século VII a.C., ou adaptações literárias imitando fatos e escritos dos profetas de Deus, com imitações fruto de inspiração satânica na versão final da lenda.

Muitos críticos e céticos quanto ao relato bíblico tem apontado a lenda de Gilgamesh como uma base para um provável

plágio do relato de Moisés sobre as histórias da criação, Enoque, Noé, dilúvio etc. Entretanto, não se pode afirmar com exatidão essa tese, pois a lenda de Gilgamesh pode ter sofrido influência de alterações e adaptações ao longo dos anos, o que resultou na versão final encontrada na Biblioteca de Assurbanipal, último rei do extinto império Assírio no século VII a.C.

Torna-se compreensível aceitar a ocorrência desses fatos, pois o relato de Gn 10:8-12 liga o império Assírio, com toda sua Teogonia, ao seu antepassado direto, primeiro monarca e fundador: Ninrode. Pelo significado do seu nome entendemos que a partir dele toda uma dinastia idólatra e rebelde foi fundada, tendo por tronco genealógico esse ímpio soberano terrestre.

O significado do nome *Ninrode* já nos revela o caráter de alguém que se coloca contra a vontade do verdadeiro Deus, manifestando aberta rebeldia aos Seus propósitos. Veja, segundo a definição de STRONG (2002), o significado de seu nome:

נִירוֹדִים Nimrowd ou נִרְמֹדִים Nimrod

Provavelmente de origem estrangeira; n pr m Ninrode = “rebelião” ou “o valente”

1) o filho de Cuxe, neto de Cam, e bisneto de Noé; um valente caçador, ele estabeleceu um império na área da Babilônia e da Assíria.

Significando “*rebelião*” ou “*o valente*”, vemos no caráter de Ninrode um homem totalmente rebelde contra o verdadeiro Deus adorado por seus antepassados (Noé, Matusalém, Enoque, Sete e Adão) além de Sem, Jafé e suas respectivas descendências. Vemos também alguém que com sua *valentia* assume posição de destaque e liderança entre os seus contemporâneos, e lhes impõe sua autoridade como primeiro monarca terrestre.

Podemos concluir que a descência de Cão (Cuxe, Ninrode, ... Gilgamesh, etc.) foram os responsáveis por perpetuar a rebeldia contra o verdadeiro Deus no novo mundo (pós-diluviano) e

inventar toda a sorte de depravação cultural e rebeldia contra o Deus de Noé e seus outros dois filhos (Sem e Jafé).

O símbolo máximo dessa rebelião foi a construção da torre de Babel. No capítulo 11 de Gênesis vemos que um grupo se fixou na região de Sinar, habitando ali e projetando uma grande torre. Podemos facilmente ligar esse projeto a Ninrode quando relacionamos os seguintes textos (Gn 10:8-10 e 11:1-4), veja:

E Cuxe gerou a Ninrode; este começou a ser poderoso na terra. E este foi poderoso caçador diante da face do Senhor; por isso se diz: Como Ninrode, poderoso caçador diante do Senhor. E o princípio do seu reino foi Babel, Ereque, Acade e Calné, na terra de Sinar.” **Gênesis 10:8-10; ACF (GN)**.

Como vimos o princípio do reino de Ninrode foram as cidades mencionadas, incluindo Babel, onde foi iniciada a construção da torre. Essa região é denominada como terra de Sinar, que aparece no episódio do capítulo seguinte:

E era toda a terra de uma mesma língua e de uma mesma fala. E aconteceu que, partindo eles do oriente, acharam um vale na terra de Sinar; e habitaram ali. E disseram uns aos outros: Eia, façamos tijolos e queime-mo-los bem. E foi-lhes o tijolo por pedra, e o betume por cal. E disseram: Eia, edifiquemos nós uma cidade e uma torre cujo cume toque nos céus, e façamo-nos um nome, para que não sejamos espalhados sobre a face de toda a terra.” **Gênesis 11:1-4; ACF (GN)**.

Segundo a Enciclopédia Barsa (vol.2, p.266, 2005) “*Nas terras de Senaar, ao sul da Mesopotâmia, existem, não obstante, ruínas de torres que se enquadram na descrição bíblica.*” Dessa forma, temos a confirmação dessa primeira civilização que teve como primeiro monarca Ninrode. Ele também foi monarca de Ereque, a mesma Uruk, onde se passa *A Epopeia de Gilgamesh*.

De uma cidade suméria, com seus costumes, lendas, rituais e ídolos, o Deus único suscitou um homem que já o adorava para sair do meio da idolatria e misticismo religioso, fazendo com ele uma aliança, para através de sua descendência criar uma gran-

de nação que perpetuasse a verdadeira adoração na Terra, visto a crescente deturpação das concepções místicas e pluralistas de deuses em oposição ao verdadeiro Deus. Esse homem foi Abrão (Abraão), reconhecido por muitos como o pai das três maiores religiões do mundo: cristianismo, judaísmo e islamismo.

Falando sobre um dos filhos de Noé, que manteve a verdadeira adoração, WHITE (p.117, 1997) diz que

A linhagem de Sem deveria ser a do povo escolhido, do concerto de Deus, do Redentor prometido. Jeová era o Deus de Sem. Dele devia descender Abraão, e o povo de Israel, por intermédio do qual Cristo devia vir.

Outros autores também indicam esse fato histórico, como MELLA (p.38, 2001) que menciona a relação entre Jeová e Sem dizendo “[...] que toda a imensa região da Ásia, que vai do Iêmen aos confins meridionais da atual Turquia e do Mediterrâneo aos montes Zagros, foi destinada por Jeová aos filhos de Sem [...]”.

De fato, algumas versões da Bíblia atestam que Jeová é o Deus de Sem. Outras versões apresentam apenas o pronome de tratamento “Senhor” no lugar do nome “Jeová”, veja:

E viu Cão, o pai de Canaã, a nudez do seu pai, e fê-lo saber a ambos seus irmãos no lado de fora.

Então tomaram Sem e Jafé uma capa, e puseram-na sobre ambos os seus ombros, e indo virados para trás, cobriram a nudez do seu pai, e os seus rostos estavam virados, de maneira que não viram a nudez do seu pai.

E despertou Noé do seu vinho, e soube o que seu filho menor lhe fizera.

E disse: Maldito seja Canaã; servo dos servos seja aos seus irmãos.

E disse: Bendito seja o Senhor Deus de Sem; e seja-lhe Canaã por servo.

Alargue Deus a Jafé, e habite nas tendas de Sem; e seja-lhe Canaã por servo. **Gênesis 9:22-27; ACF (GN)**

Veja agora outras variações para o verso vinte e seis que fala sobre o Deus de Sem. Nessas versões aparece o nome do Deus de Sem e não um pronome de tratamento (Senhor), note:

“Disse mais: Bemdito seja JEHOVAH, o Deos de Sem: e seja-lhe Canaan por servo.” **Gn 9:26; JFA-1850 (SAB) (GN).**

“E acrescentou: Bendito seja Jeová, o Deus de Sem; e seja-lhes Canaã por servo.” **Gn 9:26; TB (GN).**

“E continuou: ‘Seja bendito Javé, o Deus de Sem, e que Canaã seja escravo de Sem.’” **Gn 9:26; EP (GN).**

“E disse também: ‘Bendito seja Iahweh, o Deus de Sem, e que Canaã seja seu escravo!’ [...]” **Gn 9:26; BJ (GN).**

Abrão, um dos descendentes de Sem (Gn 11:10-30), vivia em território dominado pela descendência rebelde e idólatra de Cão, a cidade de Ur dos caldeus (Gn 11:31), e antes mesmo do chamado de Deus a Abrão, seu pai Terá saiu com toda a família de Ur dos Caldeus rumo à Canaã (Gn 11:31). Mas um fato curioso é que antes mesmo de chegar em Canaã, Terá (pai de Abrão) chegou na cidade de Harã, permanecendo ali com a família, onde posteriormente morreu (Gn 11:31-32).

Não sabemos a razão de Terá ter permanecido ali, visto, segundo o relato bíblico, ser seu objetivo ir para Canaã. Uma informação, contudo, pode nos dar uma ideia do propósito que Terá tinha em mente ao empreender essa jornada:

Abraão (pai duma multidão; originalmente Abrão, pai exaltado, progenitor do povo hebraico, nasceu em Ur Casidim, Ur dos caldeus, propriamente, Ur dos babilônios, no sul da Babilônia, ou ainda Uri, nome sumério de Acade (q.v). Tábuas de contrato – tábuas feitas de barro com pactos inscritos enquanto massa molhada e postos a secar em lugar próprio – revelam que na era de Abraão, negociantes cananeus – ou “amorreus” como eram chamados pelos babilônios, falando a língua de Canaã Is 19:18 – o hebraico – fixaram residência na Babilônia. Em uma tábua datada do reinado do avô de Hamurabi, o Anrafel de Gn 14:1, uma das testemunhas é chamada “o amorreu, filho de Abiramu”, isto é, Abraão. Em emigrar para o oeste, Terá agiu de

conformidade com o costume dos babilônios e dos amorreus. Assim foi parar em Harã da Mesopotâmia, cidade edificada pelos reis da Babilônia. O deus lunar, no seu grande templo erguido no centro da cidade, era o padroeiro de Ur, como também de Harã. Mesmo em Canaã, Abraão estava sob a influência e o governo da Babilônia. [...] ⁶

Além de nos oferecer fundamentação histórica pelos achados arqueológicos mencionados, essa descrição nos apresenta a motivação pela qual Terá saiu de Ur rumo à Canaã, fixando, porém, residência em Harã. Era costume esse tipo de emigração para a região mencionada, o que nos leva a crer que a motivação de Terá não foi um chamado específico de Deus como no caso de Abrão seu filho.

Analisando a genealogia de Terá (pai de Abrão) percebemos que ele tinha 70 anos quando lhe nasceram Abrão, Naor e Harã (Gn 11:26). Seu filho Harã morreu muito cedo, ainda em Ur dos caldeus onde nascera (Gn 11:28).

Logo adiante percebemos que Abrão tinha 65 anos quando saiu de Harã rumo a Canaã (Gn 12:4). Isso nos leva a calcular que Abrão saiu de Harã quando seu pai tinha a idade de cento e trinta e cinco anos (70 + 65) e ele só veio a falecer com 205 anos (Gn 11:32). Dessa forma calculamos que:

- Terá tinha 70 anos quando Abrão, Naor e Harã nasceram;
- Abrão saiu com 65 anos de Harã para Canaã;
- Logo seu pai Terá tinha 135 anos quando Abrão saiu;
- Terá morreu com 205 anos em Harã;
- Logo, Terá viveu mais 70 anos em Harã após a saída de Abrão.

Dessa forma somos levados a indagar: por que Terá não continuou sua jornada rumo à Canaã, mas preferiu fixar residência em Harã? Se a resposta for velhice, pelos nossos cálculos isso pode não ser tão verdadeiro, pois ele ainda ficou 70 anos em Harã.

E como vimos na nota do Conciso Dicionário Bíblico, Harã era uma cidade idólatra. Ao que tudo indica foi mais escolha própria que limitação de idade ou outro motivo a nós desconhecido.

Foi então que Deus ordena a Abrão para sair da cidade de Harã, do meio de seus parentes, “*da casa de seu pai*” e da idolatria que predominava, e ir para o lugar que Ele lhe mostrasse, o que acabou sendo o objetivo inicial de Terá (Gn 11:31).

Abrão deveria continuar a viagem que antes seu pai tinha empreendido, rumo a Canaã (Gn 12:1-3). Abrão era da idade de sessenta e cinco anos quando saiu de Harã para ir rumo a Canaã como Deus lhe ordenou (Gn 12:4-5). Mesmo embora Canaã também fosse uma região onde predominava o pluralismo idolátrico e ideias errôneas a respeito da divindade (Sl 106:38), Deus prometeu que a descendência de Abraão receberia aquela região por herança e aqueles ímpios habitantes seriam expulsos dali, o que se cumpriria após a multiplicação da descendência de Abraão e o alcance do limite da misericórdia de Deus contra os pagãos que ali habitavam (Gn 15:12-21), para também se cumprir o que fora prometido em bênção a Sem, que Canaã lhe seria servo (Gn 9:16).

Até aqui vimos, então, que duas linhagens de adoradores distintas se destacam, uma que adora um único Deus verdadeiro e outra que adora vários deuses. Uma que descende de Sem filho de Noé, e outra que descende de Cão (Cam ou Cã), o filho rebelde de Noé. Como vimos, Ninrode e Gilgamesh são “galhos” do tronco genealógico de Cão e estudar suas concepções sobre divindade pode nos ajudar a entender alguns conceitos que se opõe ao Deus de Sem, Abraão e etc.

Como vimos anteriormente, as concepções pluralistas dos descendentes de Cão (Cuxe, Ninrode, ... Gilgamesh, etc.), os levaram a se distanciarem da verdade quanto ao verdadeiro Deus e Seu caráter. As concepções de deuses e mais deuses surgindo no panteão sumério fez com que eles precisassem elaborar melhor sua teogonia, o que aconteceu no período de um imperador sumério muito importante chamado Hammurabi.

Na época desse imperador os sumérios passaram por um processo de unificação em vários setores. Unificação política, do idioma e da religião. Esta última aconteceu por meio das escolas de teologia, que segundo a precisa descrição de MELLA (p.146, 2001) foi o berço onde “[...] nasceram as grandes tríades, ou trindades: Anu, Enlil e Ea, ou seja, Céu, Terra, Água doce; depois Sin, Chamash, Ichtar (Lua, Sol, Vênus).”

Conforme vimos, tudo começou com distanciamento do verdadeiro Deus, pela descendência de Cão, concepção de outros deuses, depois organização desses deuses em tríades ou trindades. Dessa forma, o berço das concepções trinitárias da divindade é a primitiva região babilônica. De sua teologia é dito:

A teologia babilônica continuará por séculos nesse caminho – no qual parece supérfluo acompanhá-la – catalogando todas as divindades, distribuindo-as em grupos afins, colocando-as em hierarquias precisas, assegurando a cada uma mansões bem definidas e desenterrando cada analogia e concordância.⁷

A partir disso, as bases para construções teológicas trinitárias estavam bem estabelecidas. Dessa forma, a civilização sumeriana foi a mais antiga a manifestar a crença em uma divindade triúna segundo concepções de família divina, a sua maneira é claro, sendo, nesse aspecto, até mesmo parâmetro para outras culturas como será demonstrado nesse livro.

Uma espécie de efeito cascata religioso tem demonstrado a ocorrência frequente da manifestação de crença em famílias trinitárias em todas as culturas mais conhecidas da história humana. Seriam a repetição dessas concepções coincidências? Ou os padrões uma vez originados se repetiram? Vejamos:

O panteão sumério com a sua trindade básica influenciou o panteão dos Acádios, dos Babilônios e dos Assírios. Nesse processo, houve certamente a assimilação das divindades antigas, fenômeno resultante das próprias vicissitudes políticas.⁸

Os mistérios divinos foram assim interpretados, ou no mínimo organizados pelos sumérios. Logo, o conceito ou ideia de entender a Deus como três não é em nada uma ideia original de nenhuma denominação religiosa atual.

Outro detalhe, que o Deus de Noé e de sua descendência, fiel ao Deus verdadeiro, é o Deus Jeová único, e não um Jeová triúno. Os deuses triúnos eram adorados pela descendência de Cão (Cuxe, Ninrode, ... Gilgamesh etc.) e não pela descendência de Sem (Abraão, Isaque e Jacó). O Deus Jeová que teve como Seu representante Seu divino Filho, que também é portador do Seu nome (Êx 23:20-21) e que se manifestou aos patriarcas de forma visível, o Anjo de Jeová (ou Anjo do SENHOR), chamado de Anjo por ser o mensageiro ou Porta-voz de Seu Pai, como evidenciado no capítulo anterior, nas Escrituras e na Patrística.⁹

No entanto, a história é rica na demonstração da existência de povos distintos que mantiveram adoração a deuses falsos, sejam eles deuses isolados, organizados em tríades ou em grupos maiores em seus mais variados e criativos panteões. O próprio povo de Jeová, em certos momentos, flertava com esses falsos deuses, como veremos a seguir.

As divindades do Egito e a idolatria dos israelitas

Outra civilização a apresentar modelos triúnos em seu panteão de deuses é o Egito. Poderíamos considerá-la uma das civilizações mais organizadas e evoluídas da história humana de que se tem notícia. Essa nação também apresentou um singular comportamento de organizar suas divindades em tríades e enéades. Falando sobre essa infinidade de deuses egípcios, o autor JOHNSON (p.32, 2010) observa o seguinte:

Os deuses se multiplicavam, se metamorfoseavam, se confundiam entre si, se separavam, se casavam e procriavam. O máximo que os teólogos egípcios conseguiram fazer foi classificá-los em convenientes tríades, enéades e daí por diante [...]

A concepção desse sistema religioso egípcio foi sendo observada gradativamente pela nação de Israel em formação. A nação escolhida cresceu no Egito, por ocasião da ida da família de Jacó (Israel) para lá (Gn 46). A permanência da descendência de Abraão, Isaque e Israel naquela nação (Egito) durante quatro gerações, como anunciado a Abraão (Gênesis 15:12-16), foi uma permanência dura e difícil para eles.

Através de meios cruéis e opressores, o povo hebreu cresceu e se formou sob o jugo egípcio. Uma nação que posteriormente viria a sofrer várias opressões e deportações, já nasceu com essa sina de povo oprimido e subjugado. Entretanto, a pior opressão não era a escravidão física, era a escravidão a um sistema de culto observado pelas crianças desde cedo e aprendido no Egito ao longo de quatro séculos.

Isso se evidencia no comportamento dos israelitas de criarem o bezerro de ouro (Êxodo 32). Este fato pode ser ligado quanto à evolução das concepções de culto e fé dos egípcios. Quanto a isso, CERAN (pp.121-122, 1962) relata alguns fatos com notório detalhamento, como pode ser lido nessa descrição:

Só tarde na história os deuses egípcios tomaram forma humana. Na primitiva consciência religiosa do país os deuses eram encarnados em emblemas, plantas e animais. A deusa Hator era uma vaca; o deus Nefertem era uma flor de lótus; a deusa Heith era honrada na forma de um escudo com duas flechas cruzadas. Mas a maioria das divindades egípcias era representada sob a forma de animais. O deus Chnum era um carneiro; o deus Horu um falcão, Tot uma íbis, Suchos um crocodilo, a deusa de Bubaste uma gata e a de Buto uma serpente.

À parte destes deuses em forma de animais, porém, era venerado o próprio animal, que devia preencher determinados requisitos. **O mais famoso destes animais sagrados, objeto dum culto magnífico era Ápis, o touro sagrado de Mênfis**, que os egípcios consideravam o “servo do deus Ptah”.

Este animal era mantido num templo e servido por sacerdotes. Quando morria era embalsamado e enterrado com grande cerimonial, e um novo touro com as mesmas características tomava

A suplantação do mistério

o lugar. Construía-se para eles cemitérios dignos de deuses e reis. (O negrito é nosso)

É inevitável pensar que isso foi observado pelos hebreus e até mesmo aprendido por eles, visto o relato de Êxodo 32 apresentar manifestações semelhantes às citadas por CERAN (pp.121-122, 1962) em sua abordagem do tema. Note que o imaginário do povo hebreu estava conspurcado por essas manifestações místicas longamente observadas e aprendidas no Egito no longo período em que lá estiveram.

É bem verdade que o Altíssimo Todo-Poderoso não fora esquecido por completo de suas mentes. Muitas histórias da atuação daquele que, juntamente com Seu Filho Unigênito é verdadeiramente digno de adoração, ainda eram contadas de geração em geração. Mas, um longo tempo de opressão e imposição fez com que muitos deles tivessem o conhecimento do verdadeiro Deus obliterado pelo panteão de deuses egípcios.

Falando sobre esse panteão dos egípcios, existe um fato interessante que podemos comparar às concepções “cristãs” da moderna *Trindade*, salvo, é bem verdade, algumas diferenças de definição e compreensão. Na citação de LAMAS (p.212, 1991), que segue abaixo, vemos como esse panteão era representado e manifestado nas concepções religiosas egípcias:

Querendo acabar com a desigualdade entre os deuses que ascendiam à mais alta categoria e os que ficavam num lugar secundário, houve a ideia de unir o deus da metrópole ao das principais cidades e formar assim famílias ou tríades divinas, decalcadas das humanas, de que a família do faraó é uma síntese. Foi assim que os deuses egípcios, concebidos à imagem do homem – mas de um homem imensamente poderoso – deixaram de viver sozinhos, ciosos da sua autoridade, e passaram a desposar uma deusa e a ter um filho (um deus-filho), a exemplo dos próprios egípcios, que não podiam conceber a vida sem uma família. Mas, quando a divindade principal do lugar era uma deusa, competia-lhe a ela e não ao deus que a desposava a chefia da tríade, ficando o esposo na categoria de príncipe.

Perceba que o termo *deus-filho* é utilizado por LAMAS (p.212, 1991) para definir o surgimento de certas divindades egípcias. Esse termo é muito utilizado pelos teólogos cristãos para definir aquele que na Bíblia é citado como o Filho Unigênito de Deus. Igualmente a “sagrada família” (Jesus, Maria e José) é outro símbolo muito forte na cultura católico-romana, símbolo esse que apresenta um forte paralelo nas concepções espirituais egípcias, segundo a autora citada. Coincidências ou correspondências à parte, percebemos uma tendência muito forte em repetições de conceitos tendo origem na cultura religiosa egípcia, conceitos que apresentam ecos em nossa distante cultura cristianizada.

Dentre esses conceitos e concepções uma história se destaca em especial, apresentando um paralelo inconfundível aos ensinamentos cristãos da *Trindade* e da salvação por meio de Jesus Cristo, salvo pequenas diferenças:

OSÍRIS, ÍSIS E HÓRUS

O filho divino traz a esperança eterna

Essa lenda do antigo Egito fala-nos do filho como imagem de esperança e renovação, que nos dá coragem para superar obstáculos e conquistar o caminho para a serenidade e a alegria. Osíris, Ísis e Hórus tem sido comparados por alguns estudiosos à Trindade cristã, por causa do filho divino que redime o sofrimento e elimina o mal.¹⁰

Como vimos, essa concepção de uma *Trindade* egípcia, incluindo o filho Hórus que é retratado como uma espécie de “salvador”, é algo surpreendentemente semelhante com as concepções cristãs da *Trindade*, como frisado na citação. Alguns estudiosos têm visto nessa similaridade uma imitação do cristianismo, copiando de culturas pagãs seus conceitos religiosos.

Teria, de fato, o cristianismo sido um plágio no que diz respeito à *Trindade* e ao conceito de um Filho Divino que cumpriria uma missão de Salvador do mundo? Por mais que sejam dadas respostas aqui, cada um deve buscar as respostas por si mesmo. Apresentarei apenas argumentos e referências para

demonstrar em quais aspectos acredito ter ocorrido uma espécie de plágio, e por parte de quem, e depois que cada leitor tire suas conclusões.

Vamos primeiro observar mais alguns detalhes sobre o alegado “protótipo” de Cristo. Falando de forma mais específica sobre Hórus, LAMAS (p.224, 1991) relata o seguinte:

Hórus – o nome deste deus solar é constantemente identificado com *Apolo* e representado por um falcão, ou um corpo humano com a cabeça daquela ave. É também o símbolo divino de todos os reis egípcios. A sua forma mais popular era a de «Hórus-criança». Segundo a lenda, tomava por vezes o aspecto de crocodilo. O nome, o papel e as atribuições deste deus tornaram-se, com o decorrer do tempo, muito diversos, conforme o templo onde era adorado. Há pelo menos, uns vinte *Hórus*, entre os quais devem distinguir-se: *Haroéris* («Hórus-mais-velho», «Hórus-dos-dois-olhos», «Hórus-que-preside-aos-dois-olhos» - os dois olhos eram o sol e a lua); *Behedéti* («Hórus-de-Behedet» ou «Hórus-de-Edfu»); *Haraktés* («Hórus-do-horizonte»); *Harmakhis* («Hórus-que-se-encontra-no-horizonte»); *Harsiésis* («Hórus-filho-de-Ísis»). Adorado em todo o Egito, com seu pai *Osíris* e sua mãe *Ísis*, figurava igualmente nas tríades de numerosos santuários, como chefe, como príncipe consorte ou como deus-criança.

Essa descrição do deus egípcio Hórus traz alguns paralelos com a história de Jesus, não que a última seja uma imitação da primeira, mas que a primeira seja uma tentativa prévia de imitar algo que já tinha sido profetizado desde a queda de Adão e Eva e a entrada do pecado na existência humana (Gênesis 3:15). Como sabemos, a vinda do Filho de Deus fora profetizada e isso foi um dado importante nas mãos dos inimigos da humanidade (Satanás e seus demônios) para incutir a ideia de um “redentor” nas mais variadas culturas pagãs, sendo, porém, uma tentativa espúria e enganosa de desvirtuar as reais concepções desse Redentor, oferecendo a todos os povos uma contrafação prévia.

Antes dos hebreus serem introduzidos na terra prometida pelo Deus de Abraão, Isaque e Israel, eles foram muito previamente avisados da verdadeira adoração e culto a Iahweh (YHWH) como o único Deus verdadeiro, e de que seriam guiados pelo Seu *Anjo*, Seu próprio Filho, chamado de Arcanjo Miguel em Jd 9 (ver também Dn 10:21; 12:1 e Ap 12:7), a quem também deveriam prestar obediência, respeito e adoração (Êx 23:20-23; 32:34; 33:2-3; Nm 20:16; 22:22-35; Jz 2:1-4; 5:23; 6:22-23; 13:3, 6, 9, 11, 13, 15-22; Js 5:13-15).

Após o êxodo dos hebreus e seu estabelecimento como uma nação propriamente dita, com um território, leis civis e sanitárias, e todas as demais providências para sua organização na terra prometida, eles foram tentados a manifestar crenças contrárias à vontade divina. Não foi por falta de avisos e exortações que eles se enveredaram pela idolatria, antes mesmo da adoração do bezerro de ouro (Êx 32), eles tinham sido orientados quanto a adoração ao único Deus (Êx 20:23; 22:20; 23:24, 32-33).

Mas isso não os impediu de invalidar o voto que fizeram (Êx 19:8; 24:3 e 7), adorando o bezerro de ouro, como haviam observado e aprendido no Egito ao longo de quatro gerações.

Isso nos mostra quão profundo fica enraizado na mente e concepções humanas os conceitos errôneos e o exercício de práticas longamente arraigadas. Porque mesmo o Altíssimo e Seu *Anjo* se manifestando de forma tão tremenda no monte Horebe e Sinai (Êx 3:1-8; 19:10-11 e 21; 20:18-21), mesmo assim o povo não se conteve em praticar a adoração ordenada por Deus e aceita por eles através de sua confissão e promessa (Êx 24:3 e 7).

A influência dos conceitos estranhos de divindade continuaram a macular e enfraquecer a religião dos hebreus após a morte de Moisés e depois sob a liderança de Josué rumo ao seu estabelecimento na terra prometida. Se analisarmos pelos relatos de Josué e Juízes poderemos constatar os apelos quanto a distinção entre a verdadeira e a falsa adoração, bem como a constante tentativa dos hebreus de introduzir crenças em deuses estranhos às

concepções divinas que eles deveriam manifestar e preservar como adoração verdadeira.

Mesmo embora tenham prometido também a Josué serem fiéis a Deus, se enveredaram pela devoção às divindades concebidas pelos pagãos (Js 1:16-18; 8:30-35; 24:14-25; Jz 2:12, 17, 19; 3:5-7; 5:8; 6:7-10; 10:6, 10-16; 17:5; 18:24).

A herança idolátrica dos povos que os oprimiam e subjulgavam (cananeus, heteus, amorreus, ferezeus, heveus e jebuseus) demonstrou-se uma das maiores deturpações quanto às práticas e crenças religiosas dos israelitas.

Mesmo antes do surgimento da nação de Israel, o povo canaanita já abrigava em suas crenças um sem número de deuses. Note as definições de alguns deles segundo KASCHEL e ZIMMER (p.43, 1999):

BAAL [Dono; Senhor; Marido]

O principal deus da fertilidade em Canaã. O culto a Baal foi uma das piores tentações dos israelitas, desde os tempos antigos (Jz 2.13; 1Rs 16.31-32). Havia várias formas de Baal, que eram encontradas em diversas cidades, como se pode ver nos três verbetes seguintes. “Baalins” é o plural de “Baal” (Jz 2.11). Sua companheira era Aserá (v. POSTE-ÍDOLO).

BAAL-BERITE [Senhor da Aliança]

BAAL adorado em Siquém (Jz 8.33).

BAAL-PEOR [Senhor da Abertura]

BAAL dos moabitais, adorado no monte Peor (Nm 25.1-5; pronuncia-se Peôr).

BAAL-ZEBUBE [Senhor das Moscas]

BAAL dos filisteus, adorado na cidade de Ecrom (2Rs 1.2-16; v. BELZEBU).

Perceba que a definição principal é “*Dono, Senhor, Marido*” uma contrafação dos próprios atributos de YHWH, o Eterno e Soberano do universo, o Deus de Abraão, Isaque e Israel (Is 54:5; Jr 3:20; Os 2:16). Como definido pelo Dicionário da Bíblia de Almeida, Baal tinha por companheira *Aserá*, também chamada de poste-ídolo. E como vimos à página 160 ele era trino.

Então, *senhor* é a tradução da palavra *ba'al* ou *baal*. Isso pode ter uma conotação assustadora pois, as referências ao Deus verdadeiro usando a palavra “*SENHOR*”, em nada tem a ver com o nome do Altíssimo, o tetragrama sagrado YHWH, ou sua forma pronunciável com as vogais inseridas, *Iahweh*, como aparece na *Bíblia de Jerusalém*, e outras versões (KJA, RV, ASV, Young) que trazem o nome *Jeová* (*Jehova* ou *Jehovah*). Teriam as outras versões bíblicas omitido o nome do Altíssimo? Ou estariam essas versões acrescentando-o?

Uma coisa é certa: o pronome de tratamento “*SENHOR*” ou “*Senhor*” não tem nada a ver com o nome próprio “*YHWH*”, “*Iahweh*”, ou até mesmo a transliteração “*Jeová*” como percebido nas versões citadas. Uma coisa é entender isso, a outra é afirmar se a substituição foi feita com objetivos escusos. Não podemos e nem temos a intenção de depreciar nenhuma pessoa ou grupo de pessoas responsáveis pelas diferenças nas traduções ou versões da Bíblia. Mas quero aqui me posicionar quanto ao fato de “*Senhor*” ser um pronome de tratamento muito genérico para se usar em relação ao Altíssimo no relato bíblico.

Precisamos entender que a palavra *baal* não é um nome próprio ou título, mas também um pronome de tratamento, como *Senhor*, *Vossa Senhoria*, *Vossa Excelência*, *Meritíssimo*, etc. Portanto a palavra semítica *baal* não era usada unicamente para se referir a um ídolo, mas também em graus de parentesco, *senhor* como pai, *senhor* como marido, ou *senhor* como dono ou proprietário, ou como normalmente chamamos os mais velhos respeitosa e de *senhor*.

Outras definições para *Baal* aparecem em suas derivações: *Baal-Berite*: “senhor da aliança” – um deus dos filisteus. *Baal-Gade*: “senhor da fortuna”. *Baal-Hamom*: “senhor (possuidor) de abundância” – o lugar da vinha de Salomão. *Baal-Zebube*: “senhor do inseto” – uma divindade dos filisteus adorada em Ecron. *Baal-Peor*: “senhor da lacuna” – uma divindade adorada em Peor, provavelmente com ritos lascivos, etc.

A palavra utilizada no idioma hebraico para *senhor* é *Adown*, ou sua forma contraída *adon*, sendo que a forma utilizada pelos hebreus para se referir a Deus é *Adonai* por ter o significado de *Soberano Senhor*, pois o *Senhor* conhecido e adorado pelos hebreus é de fato o *Senhor* que está acima de todos os *senhores*.

O fato da palavra semítica *baal* significar *senhor* no hebraico é o mesmo que a palavra inglesa *lord* em português significar *senhor*, o que não muda o fato de *baal*, *adon*, *lord* e *senhor* possuírem o mesmo significado.

Fica mais perceptível agora entender a diferença entre os pronomes de tratamento *baal* e *adon* para o nome próprio *Iahweh*, *Javé*, *Jeová* ou suas demais transliterações. Isso tem sido grande causa de debates e controvérsias a algum tempo. Muitos alegam ter havido uma má intenção em mudar esses nomes e chegam a supervalorizar o nome em si como algo mágico ou como um fim em si mesmo.

Mas a grande questão é: o que adianta pronunciar o nome corretamente e não viver segundo o que esse nome representa? Segundo o evangelho de Marcos muitos surgiram dizendo: “*Eis aqui o Cristo! Ou: Ei-lo ali! Não acrediteis*” (Mc.13:21).

Muitos surgiram e continuam surgindo dizendo ser o Cristo e têm enganado a muitos. Mas um outro aspecto dessa profecia tem sido desconsiderado por alguns, o de que muitos têm a pretensão de afirmar que o verdadeiro Cristo está com eles, enganando de forma mais sutil através de falsas concepções sobre Cristo e alegando saber seu verdadeiro nome, mas desprezando seus demais ensinamentos.

Precisamos estar atentos quanto à verdadeira adoração e ao nome do SENHOR, mas também precisamos entender e praticar os demais ensinamentos que foram praticados e ensinados pelo Filho do Altíssimo e revelados nas Escrituras.

A adoração desses “*senhores*” por parte de Israel, em contraste com a adoração ao verdadeiro “*SENHOR*”, o *Adonai* é evidenciado no texto de Juízes 2:11-13, note:

Então os filhos de Israel fizeram o que era mau aos olhos de Iahweh, e serviram aos baals. Deixaram a Iahweh, o Deus de seus pais, que os tinha feito sair da terra do Egito, e serviram a outros deuses dentre os dos povos ao seu redor. Prostraram-se ante eles, e irritaram a Iahweh, e deixaram a Iahweh para servir a Baal e às astartes. **Jz 2:11-13; BJ.**

O nome “Iahweh”, ou o tetragrama sagrado (YHWH) foi substituído na maioria das versões bíblicas para “*SENHOR*”, ou simplesmente, “*Senhor*”, que como vimos, é a tradução da palavra semita *baal*, hebraica *adon*, ou inglesa *lord*, etc., o que não significa alteração do nome *Iahweh*, pois o correspondente ao Altíssimo em hebraico era *Adonai* e não *adon* (senhor).

Esses deuses de outros povos citados em juízes, e em outras partes das Escrituras, são divindades múltiplas que já ameaçavam a religião de um Deus único do povo israelita (Dt 6:4; Mc 12:29). Isso não acontecia por acaso, como sempre, as motivações para se adorar um deus partem de um interesse, e essa foi a cilada da nação escolhida. Foram atraídos pela adoração de deuses que deles pudessem obter vantagens.

Isso pode ser percebido nas entrelinhas da obra de PRIETO (pp.19-20, 2007), que declara:

As divindades semíticas: Eshmun, Shadrafa, os Rafaim

No mundo semítico, onde toda doença provinha do pecado, o sacerdote, o curandeiro e o exorcista eram a mesma pessoa. Para sanar um doente, o curandeiro devia, antes de tudo, determinar qual demônio agiu nele, em consequência de qual pecado, e ele o expulsava nomeando-o.

Foi a partir do terceiro milênio, no Egito, depois na Grécia, que o conhecimento progrediu [...]

O culto a **Eshmun** é atestado em toda a Síria-Palestina (Sidônia, Berytus, Chipre) desde o século VIII a.C. Antes deus da fecundidade e da vegetação, ele se tornou depois deus curandeiro (ex-voto no templo de Sidônia). Acabou sendo confundido com Esculápio.

A suplantação do mistério

Em Palmira, Biblos e Cartago, **Sadrafa** era cultuado desde o século V a.C. Como **Eshmun**, era ao mesmo tempo deus de cura e deus de fecundidade[...]

Há também outra potência curandeira, **os Rafaim**. Nas tabuletas de Ugarit,¹ são personagens importantes das mitologias cananéias, companheiros de Baal, que asseguravam a fecundidade da terra [...]

¹Ugarit é uma cidade antiga, na atual Síria. Sua história começa no neolítico. Suas tabuletas nos oferecem os únicos textos cananeus conhecidos; datam do século XIV a.C. (negrito nosso)

Essa descrição nos apresenta um panorama da situação em que os povos semíticos (canaanitas) viviam bem próximos de Israel. Essas “vantagens” curativas e de benefício na fecundidade das culturas agrícolas eram verdadeiras tentações aos israelitas, como hoje uma divindade pretensamente celestial oferece “bênçãos materiais” (ex.: casa, carros, empregos, bens, etc.) aos seus adoradores em troca de devoção.

Isso foi maculando e corrompendo de tal forma a nação escolhida, que suas mentes se tornaram escravas de uma pseudo-divindade que não existia, mas era fabricada pelas concepções místicas e misteriosas dos povos pagãos para desvirtuá-los da devida adoração à verdadeira Divindade, iludindo-os com fecundidade do solo e curas místicas.

Algumas citações bíblicas revelam o envolvimento dos israelitas com outras divindades pagãs, demonstrando um sincretismo religioso com outras culturas vizinhas.

Em tempos tão remotos um pretense povo do Altíssimo já aceitava três deuses distintos:

Porque me deixaram, e se encurvaram a **Astarote**, deusa dos sidônios, a **Quemós**, deus dos moabitas, e a **Milcom**, deus dos filhos de Amom; e não andaram pelos meus caminhos, para fazerem o que é reto aos meus olhos, a saber, os meus estatutos e os meus juízos, como Davi, seu pai. **1 Reis 11:33; ACF.**

O rei profanou também os altos que estavam defronte de Jerusalém, à mão direita do monte de Masite, os quais edificara Salo-

A história e a perpetuação do mistério

mão, rei de Israel, a **Astarote**, a abominação dos sidônios, e a **Quemós**, a abominação dos moabitas, e a **Milcom**, a abominação dos filhos de Amom. **2 Reis 23:13; ACF (negrito nosso)**.

Aquelas pessoas se tornaram tão cegas pelas divindades espúrias que chegavam a entregar seus próprios filhos para serem queimados no fogo a esses deuses (Jr 32:25). Quão baixo pode alguém chegar através de uma adoração depravada!

A absorção de costumes religiosos estranhos foi gradativa, mas profundamente contraída pela nação escolhida. Isso os fez coniventes com costumes que tinham ampla anuência nas mais variadas culturas, em conflito com uma adoração singular que eles deveriam praticar, a adoração dos descendentes de Sem.

Essa “pressão” por uma aceitação de práticas religiosas estranhas ao código mosaico foi facilmente acedida por eles, destruindo ao longo dos anos sua identidade como povo escolhido:

O sincretismo semítico-helenístico na Palestina

A época helenística vive, então, a fusão dos deuses egípcios, gregos e orientais; eles são cultuados em todos os lugares ao mesmo tempo. As analogias dos curandeiros (a água, a serpente) facilitaram tal sincretismo em prol de Serápis. O deus egípcio suplantaou Eshmun, Esculápio, Adônis e, localmente, Osíris, Hélios, Amon, Zeus, Hades, Dionísio, Poseidon e Baal.

A ortodoxia judaica permanecia reticente a respeito dos cultos e dos banhos curativos, mas tais ritos continuaram sendo praticados à margem da religião oficial. O povo se mostrava permeável às tradições terapêuticas helenísticas. E as elites demoraram para abandonar suas doutrinas, até aceitar a angeologia popular, largamente difundida em todo o Oriente Próximo. Diversos costumes religiosos se sobrepuseram e se misturaram às crenças judaicas, favorecendo a proliferação de divindades curandeiras, assim como espíritos benfazejos e malfeteiros em todos os seus domínios.¹¹

Essa descrição é ainda mais elucidativa, demonstrando o paulatino, mas completo consentimento da ortodoxia judaica com ritos e costume que não tinham nenhuma relação com a sua

religião oficial. Outro detalhe nos chama a atenção é o afrouxamento das crenças judaicas em virtude da aceitação dessas práticas religiosas externas e estranhas a seus códigos mosaicos, culminando com sua total e profunda perversão religiosa. Foi assim que Israel gradativamente foi seduzido pelos deuses pagãos.

E essa apostasia recebeu advertências. Isso pode ser claramente evidenciado por citações em que o Senhor protesta contra os sacerdotes, profetas e demais judeus por suas práticas abomináveis (Jr 7:20, 30; 16:18; 32:24; 44:22; Ez 7:8; 16:51, etc.).

Apesar de se afastarem de Deus, o glorioso Yahweh nunca deixou que a verdade sobre Si ficasse na obscuridade. De tempos em tempos enviava servos seus para combater e denunciar a idolatria e chamar o povo ao arrependimento e ao culto do verdadeiro Deus. A idolatria em Israel sempre foi denunciada por mensageiros escolhidos como Elias, Isaías, Jeremias, Ezequiel, Oseias, Joel, Amós e tantos outros fiéis atalaias do Altíssimo.

Porém, todos os homens que se levantavam, da parte de Deus, para denunciar as práticas pecaminosas eram desprezados, perseguidos e até mesmos mortos, como evidenciado em toda a história judaica, desde a primeira discrepância de culto (Caim e Abel, Gn 4), até o assassinato do profeta Zacarias (Mt 23:35) mas não parando nele, pois outros dariam a vida pela verdade.

A própria Nínive, advertida pelo profeta Jonas, foi muito mais humilde a ponto de aceitar a mensagem de Deus e se arrepender, do que o próprio povo escolhido. Israel, cuja capital era Samaria (2 Reis 17) e Judá, cuja capital era Jerusalém (2 Reis 24) se rebelaram tanto contra Deus que passaram pela destruição e cativeiro num intervalo de 120 anos aproximadamente.¹²

Samaria foi povoada com uma mistura de povos pagãos e perdeu sua identidade ao longo dos anos. A idolatria foi tanta que nem se falou mais em Israel como nação, com reis e tudo mais. De fato, foi profetizado que a destruição deles aconteceria se deixassem o seu Deus e desobedecem a Seus mandamentos (Deut. 28:45-68; I Reis 14:14; 2 Reis 17:5-23).

A misericórdia de Deus ainda pleiteava com os impenitentes hebreus, apelando para que eles se arrependessem e se voltassem para o único Deus verdadeiro e vivo:

Tu lhes dirás: Assim disse Iahweh. Se não me escutardes para seguirdes a minha Lei, que eu vos dei, para atenderdes as palavras de meus servos, os profetas, que eu vos envio sem cessar, mas vós não escutais, eu tratarei esta Casa como a Silo e farei desta cidade uma maldição para todas as nações da terra. **Jer 26:4-6; BJ.**

Avisos e ameaças divinas semelhantes a esses não surtiram efeito na mente cauterizada da antiga nação judaica, até que Jerusalém fosse destruída, muitos fossem mortos e outros deportados para a Babilônia (Is 39:5-7).

Ali novamente os judeus foram submetidos ao conhecimento de outras divindades e muitos deles tiveram acesso mais intensificado às deturpações idolátricas da Babilônia.

Os deuses da Babilônia

Falar da Babilônia do ponto de vista de um estudante da Bíblia não é uma tarefa difícil. Seu princípio remonta aos tempos de Babel, que já falamos ao comentar sobre a Suméria (Gn 10:10). No entanto, outras passagens bíblicas citam a renomada Babilônia antiga (2 Re 17:24 e 30; 20:12 e 18; 24:10, 12-17; 25:6, 7, 8, 20).

A história de Babilônia cobre os séculos XIX-VI a.C. e seu apogeu é breve (605-562 a.C.).¹³ A cultura da Babilônia foi dominada pela casta sacerdotal com uma religião politeísta, onde cada cidade-estado adorava seu próprio deus¹⁴. A quantidade de deuses foi tanta que nas douradas escolas de teologia da Babilônia as divindades foram organizadas em tríades, ou trindades¹⁵, ficando assim nítido que entender a Deus de forma trina não é nada original nas concepções cristãs.

O mais aclamado foi *Marduc*, o principal deus da mitologia babilônica¹⁶. Na narração sobre as origens, a criação segundo

os caldeus, o caos imperava em um mundo onde havia apenas água, doce e salgada, com Apsu e Tiamat representando as duas qualidades de água, respectivamente¹⁷. A partir desses dois nasce Lahmu e Lahamu, outro casal divino. Mais tarde outra concepção: Mumu, depois Anshar e Quísar, formando a totalidade do céu e da Terra; depois “nasce a tríade que forma a cabeça do panteão babilônico, Anu, o deus dos céus, Enlil, o senhor do ar [...] e Ea, o deus das águas, do abismo que cerca o mundo.”¹⁸

Marduc surge somente mais tarde, como filho de Ea, sendo chamado na tradição assíria de Assur. Depois de muitas batalhas mitológicas ele conquista a supremacia¹⁹.

Outra tríade babilônica era Sin, Samas e Istar²⁰.

Ninguém menos que JUNG (pp.15-18, 2012) identifica e compara os modelos trinitários na Babilônia, como em outros povos também. O renomado psiquiatra do século XX chegou a afirmar que

No estágio primitivo do pensamento humano já aparecem tríades divinas. Existe um sem-número de tríades arcaicas nas religiões antigas e exóticas, que não preciso mencionar aqui. A organização em tríades é um arquétipo que surge na história das religiões e que provavelmente inspirou, originariamente, a ideia da Trindade cristã. Mais precisamente: estas tríades muitas vezes não consistem em três pessoas divinas, diferentes e independentes entre si; o que se observa é uma acentuada tendência a fazer prevalecer certas relações de parentesco no interior da tríade.²¹

Apesar de ser uma suposta visão psicológica do dogma da Trindade, tendo pouco que ver com conceitos religiosos, podemos, mesmo assim, perceber que questões religiosas e conceitos místicos permeiam o imaginário e padronizam formas de pensamento, caracterizando culturas e religiões. Mas esse conceito trinitariano não pode ser necessariamente verdadeiro pela frequência em que ele se repete na história ou pela aquiescência de suas versões arcaicas ou “evoluídas”.

Outrossim, não pode ser validado tendo por base textos distorcidos e isolados das Escrituras, com interpretações teológicas tendenciosas, que confirmam ou aperfeiçoam um sistema religioso milenar, por mais que essa concepção tenha apoio da maioria das denominações religiosas da atualidade.

Comentando sobre o paralelo da *Trindade* na cultura babilônica, JUNG (pp.17-18, 2012) afirma que “Trata-se, na realidade, das mais antigas tentativas de formulação teológica de que se tem notícia”. Essas comparações de Jung quanto à semelhança dos conceitos trinitários motivaram oposição por parte de teólogos de sua época²², no entanto, ficou claro a frequência com a qual essas concepções têm espaço na compreensão humana por gerações e culturas as mais diversificadas.

O fato dos mistérios divinos apresentarem concepções trinitárias na cultura babilônica é muito interessante se analisarmos que existe uma advertência contra um conglomerado religioso que é denominado no Apocalipse de “*A Grande Babilônia*” (Ap 14:8; 17:1-8; 18:1-24) e contra o culto promovido por ela. Mas estaria João em seu livro profético advertindo as pessoas contra o culto e adoração das divindades da antiga Babilônia? Improvável, pois que a seu tempo essa cultura já era extinta, sobrevivendo, no entanto, concepções deturpadas sobre a Divindade.

Uma coisa podemos afirmar: concepções trinitárias são frequentes nas mais variadas culturas como vimos e continuaremos observando. Seria isso o perigo para o qual João nos adverte no Apocalipse ao afirmar a queda da “*grande Babilônia*”? Isso é o que veremos mais adiante.

As tríades na mitologia grega

A cultura grega é uma das mais vastas e disseminadas no mundo ocidental. Tanto seus mitos, quanto sua arte, escultura,

língua, literatura, arquitetura, filosofia, política, estratégia militar e tantos outros aspectos são amados e copiados até hoje, inclusive por nações mais jovens como a nossa.

Como a cultura grega é riquíssima em detalhes e nuances próprias a vários campos do saber, não vou me deter em outros aspectos, além de sua mitologia, que é o que nos interessa aqui.

Um dos mais antigos poetas e escritores que nos deixou relatos sobre a mitologia grega é Hesíodo. A leitura de suas obras *Teogonia* e *Trabalhos e dias* é o ponto de partida para quem deseja entender um pouco quais eram as crenças dos primitivos gregos. Assim como os sumérios (civilização mais primitiva da humanidade), os gregos também tinham sua versão das origens, de como tudo surgiu, ou se quiser assim entender, da Criação.

O poeta grego descreve em sua primeira obra *Teogonia* (HESÍODO, p.29 e 127, 2010) o surgimento da terra a partir do Caos, dando origem a três deuses primordiais, sem dar muitos detalhes e sem apontar um Ser superior como criando tudo o mais:

Certamente, muito antes de tudo existia o Caos. Somente depois surgiram: **Geia**, de amplo seio, sólido sustento de todos os imortais que habitam o cume nevado do Olimpo, o tenebroso **Tártaro**, nas profundezas da terra de vastos caminhos, e **Eros**, o mais belo dos deuses imortais, aquele que enfraquece os membros, dominando o espírito e a vontade prudente no íntimo de todos os deuses e de todos os mortais. Também de Caos nasceram Érebo e a negra Nix. Então, por sua vez, de Nix nasceram Éter e Hêméra, aos quais ela concebeu e pariu após sua união amorosa com Érebo. (Negrito nosso)

Esses primeiros deuses eram deuses primordiais, ou seja, representações da própria natureza, por exemplo, a negra Nix era assim chamada por ser a representação da noite, o Éter a luz do dia. Na obra de HESÍODO (p.31, 2010), além dos três primeiros deuses a surgirem (Geia, Tártaro e Eros), nascem também de Geia e Urano três outros deuses: Cotos, Briaréu e Giges.

Para HESÍODO (p.69, 2010) “da mesma origem criaram-se os deuses e os homens”, não existindo, portanto, um Deus Soberano que criou anjos e homens. Seria essa uma deturpação da verdadeira origem de todas as coisas? Muitos acreditam que sim, como veremos no capítulo seguinte.

O panteão da Grécia antiga foi bem farto na quantidade de deuses de sua mitologia. O renomado psiquiatra Carl Jung identificou o padrão trinitário também nessa cultura.²³ No entanto, Jung não foi o único a observar esse padrão nos mitos gregos, GRIMAL (p.42, 1982) traça o seguinte paralelo:

A revolução celeste operada por Zeus instalara no poder a geração dos Crônides, filhos de Cronos, dos quais o novo senhor era o caçula. Os três primeiros da linhagem tinham sido do sexo feminino: Héstitia, Deméter e Hera; depois vieram três varões: Hades, Poseidon e Zeus.

Observamos uma semelhança com as concepções sumerianas e babilônicas, e por que não egípcias? Onde deuses vão se reproduzindo entre si com esposas e amantes em tramas tórridas. No caso acima, a epopeia grega apresenta uma dessas concepções divinas: Héstitia, Deméter e Hera, três espécimes divinos do sexo feminino, ou seja, três deusas. Posteriormente a concepção foi de três varões, ou seja, deuses: Hades, Poseidon e Zeus.

Descrevendo melhor esses três últimos, o autor comenta:

As atribuições dos três filhos de Cronos – Hades, Poseidon e Zeus – não lhes pertenciam, dizia-se, desde a eternidade, mas teriam resultado de um sorteio. Depois de sua vitória contra os titãs, os três irmãos teriam dividido entre si, mediante um sorteio, os três domínios do mundo. Zeus ganhou o céu; Poseidon o mar; Hades o império subterrâneo e o reino dos mortos.²⁴

As divisões de domínios e funções entre os seres divinos nos reportam ao mesmo paradigma nos conceitos cristãos, onde cada ser divino atua de uma forma, em determinadas funções que lhes são próprias²⁵ e em épocas distintas da história.²⁶

Outros autores que revelam modelos triúnos são SISSA e DETIENE (pp.196-197, 1990), indicando que o panteão grego era organizado, “todavia, mais frequentemente distribuídos em seis pares ou em quatro tríades.” Mais pormenorizadamente, temos:

Em Delos, o *Dôdekatheon*, santuário primitivo desenhado no prolongamento do domínio de Leto, do *Létôon*, apresenta-se como um espaço fechado, um *Téménos*, com quatro altares de três deuses. Primeira tríade: Zeus, Hera e Atena. O soberano dos deuses, sua esposa legítima, e filha nascida de seu pai. Segundo grupo: Deméter, Cora, Zeus Eubuleu. A senhora dos alimentos cereais, sua filha que se tornou esposa do deus dos mortos e um Zeus do bom conselho reinando sobre o mundo infernal. Terceira tríade: Leto, Apolo, Ártemis, muito provavelmente. Célula inicial nesse lugar de nascimento para os filhos de Leto. O último grupo está sem rosto.

Começa a nos afigurar moldes exatos de realidades múltiplas com seres “divinos” em formatos trinitários e misteriosos, que se repetem nas culturas apresentadas e em outras tantas.

No entanto os padrões podem variar, transformar, se imiscuindo em outras versões e tradições, em lendas e contos de povos primitivos e mais recentes, com suas particularidades, mantendo, no entanto, modelos conceituais triúnos.

Outro detalhe que não nos escapa é a utilização de templos para os cultos a esses modelos divinizados e venerados:

A totalidade em modo duodecimal alterna altar, santuário-recinto e templo-habitação. Santuários podem englobar não só vários altares, mas vários templos. E, mais confortavelmente do que um altar, o mesmo templo pode abrigar três deuses, a tríade dos focídios, na entrada que vai de Áulis a Delfos, Zeus sediando entre Hera e Atena, no lugar reservado às assembleias comuns do povo de Fócida. Ou, ainda, em Lesbos, terra de Alceu, a trindade mais perversa de um Zeus glorioso, ao lado de uma Hera Genitora de tudo, a *Généthla*, ela mesma associada a Dionísio, que se proclama filho de *Thyôné*, sua mãe morta sob seu nome olímpico. Trindade duplamente conflitual: entre os esposos soberanos, entre a madastra e o filho de Zeus, que, no entanto, se

A história e a perpetuação do mistério

faz chamar de “filho de sua mãe”. Os antagonismos à luz do dia, em pleno frontão, a Sagrada Família empunhando a víbora.²⁷

Vemos nesses detalhes místicos, não muito familiares, algo de outro lado muito familiar: o culto a um deus trino em templos, mais conhecidos em nossos dias como igrejas, termo esse erroneamente utilizado para se referir às casas de culto. A palavra grega *ekklésia*²⁸ significa, dentre outras coisas, “sair para fora”. Já a palavra “templo” *naos*²⁹, reflete justamente a ideia de “Uma morada, um templo, como a morada de um deus.”

No início do período apostólico vemos que a *igreja* se reunia na casa do irmão A ou do irmão B, ou seja, a *igreja* eram as pessoas que ali se reuniam (cf. Rm 16:3-5; 1Co 16:19; Cl 4:15; Fm 2) e não a casa onde elas estavam. Mas é importante salientar que os primeiros cristãos também compartilhavam do evangelho nos *templos* (cf. At 2:46; 3:1; 5:20, 25, 42), contudo, *igreja* e *templo* são coisas distintas.

Após esse parêntese, voltemos à nossa análise dos mistérios trinitários na cultura grega, que como vimos cultuava grupos de deuses trinos em templos. Outro autor onde podemos encontrar similaridades trinitarianas nos mistérios da mitologia grega foi BURKERT (p.345, 1993) apontando que “tanto gregos como troianos oram a Zeus, a Apolo, a Atena”. Esse detalhe é interessante se analisarmos que alguns teólogos cristãos defendem que se ore às três pessoas da *Trindade*, inclusive ao Espírito Santo, sem, no entanto, precisar de um exemplo bíblico que apoie essa afirmação³⁰. Entretanto, Jesus nos ensinou a orar somente ao Pai, assim como Ele mesmo fez.³¹

Como vimos até aqui existe muita similiaridade quanto às concepções trinitárias de Deus em todas essas culturas. Suméria, Egito, Babilônia e Grécia são apenas algumas das civilizações a apresentarem esse modelo, mas não as únicas. Índia com Brama, Vixenu e Xiva³²; no Egito havia várias *tríades*: Ftá, Secmet e Nefértum, a tríade de Mênfis; Ámon, Mut e Conso, a *tríade* de Tebas; e na cidade chamada Edfu a *tríade* composta por Horo,

Hator e Harsomtus³³; na mitologia germânica aparecem os irmãos Odin, Vili e Vé³⁴. Os vanes Njörd, Freyja e Freyr. Os filhos do deus Mannus Itgo, Ermn e Isto³⁵. E as Nornas Urdur, Verdande e Skuld³⁶. Na mitologia chinesa aparece a tríade taoísta Yu Ching, Shang Ching e Tai Ching³⁷. E na mitologia japonesa as três divindades que ocupam o primeiro lugar na mitologia do Japão, os *Kami* superiores, com Amaterasu, Susanô e Usume.³⁸

A espantosa frequência em que aparece esses modelos trinitários é vista por alguns como uma tentativa de Satanás de criar e falsificar modelos em oposição à verdadeira *Trindade*. Seria, no entanto, muito mais inteligente da parte dele fazer com que a ideia de que Deus é composto por três seres fosse inculcada na mente de muitos povos, para que posteriormente se chegasse a conhecer uma suposta verdadeira *Trindade*. Existe realmente uma *Trindade* verdadeira, em oposição à inúmeras outras falsas?

Ou todas as *Trindades* dos mais variados povos não passam de mito? Seriam cada uma delas modelos divinos originais? Ou não passam de cópias de modelos anteriores? Veja uma possível resposta para essas perguntas:

Os gregos mantinham contato com os assírios em Al Mina e Tarso. É improvável, mas não impossível, que Assurbanipal tenha ouvido um contador de histórias grego recitar a *Ilíada* em Nínive. [...] O mundo em que viviam os bardos gregos e os escribas assírios nos séculos VII e VIII era pequeno demais para que não tenha havido algum contato entre eles; e as viagens comerciais dos aventureiros e mercadores gregos forneciam um cenário mais do que propício ao intercâmbio de histórias; especialmente quando o campo para isso fora preparado séculos antes pelos micênios da era do bronze, em seus contatos com o povo da Síria e, possivelmente, com os hititas da Anatólia. Por isso, não chega ser assim tão surpreendente que Gilgamesh, Enkidu e Humbaba pareçam viver no mesmo universo dos deuses e mortais dos Hinos Homéricos, da Teogonia de Hesíodo e da *Odisseia*. Todas estas obras têm em comum uma mesma *mise en scène*, um mundo em que deuses e semideuses se confraternizam

com os homens num pequeno universo de terra conhecida, cercado pelas águas desconhecidas do Oceano e do Abismo.³⁹

Essa interação entre culturas não pode ser ignorada na repetição dos modelos trinitários. Pelo contrário, deve ser atentamente observada como um dos motivos para a frequente repetição dos modelos trinitários. Sempre ocorreu na história humana casos de absorção da cultura religiosa do conquistador pelo conquistado. É o que veremos sobre o poderoso Império Romano.

A tirania romana e suas divindades

Roma se notabilizou no cenário mundial em vários aspectos: político, militar, artístico e religioso. Com uma herança pagã dos gregos, de onde absorveram muito de seus conceitos mitológicos, os romanos se viram quase que obrigados a aderirem por influência direta do Estado ao cristianismo⁴⁰, que cresceu de forma assustadora e alastrante no pagão e rígido império de ferro.

Antes, porém, de observarmos os conceitos do divino na parte cristã da moeda romana, vamos ver sua parte pagã no lado inverso da moeda. Esse método de análise é importante para seguirmos uma sequência cronológica e lógica em toda a evolução de pensamento mitológico romano, até chegarmos em suas concepções “cristãs”, verificando se houve assimilação de paganismo por parte do “cristianismo” romano.

Escrever sobre isso não é muito fácil, ainda mais para alguém que, como eu, não é especialista no assunto. Esse livro ficou interrompido por alguns anos, e outros livros foram escritos por mim antes que eu pudesse continuar e concluir esse. Mas a importância do assunto é tal que decidi completar esta obra. Para isso tive que me dedicar a uma atenta e minuciosa pesquisa bibliográfica para fundamentar toda a descrição do assunto.

O Império Romano, como todos os outros impérios e civilizações herdaram de outros povos suas crenças e concepções

acerca de Deus ou de divindades as mais variadas. Com Roma não foi diferente. Muito do que manifestou como crença, ela absorveu do império dominante anterior a ela, a Grécia.⁴¹

É possível, por exemplo, identificar na mitologia romana os correspondentes assimilados da mitologia grega. *Saturno*, cultuado pelos romanos como o deus da fertilidade e das plantações⁴², tinha como seu correspondente na cultura grega o deus *Cronos*⁴³, considerado o mais importante de todos e o que reinou sobre eles.⁴⁴

A lista pode ser minuciosa e revelar cada correspondente grego nos deuses da mitologia romana:

Deuses romanos	Correspondente grego
Saturno	Cronos
Júpiter	Zeus
Juno	Hera
Plutão	Hades
Netuno	Poseidon
Vesta	Héstia
Ceres	Deméter
Febo	Apolo
Marte	Ares
Diana	Ártemis
Mercúrio	Vulcano
Lucina	Ilítia
Minerva	Atena
Baco	Dionísio
Vênus	Afrodite
Cupido	Eros
Hércules	Hércules
Latona	Leto
Somno	Hipnos
Mors	Tânatos
Áquilo	Bóreas
Juventas	Hebe
Invidia	Nêmesis
Terra	Gaia
Proserpina	Perséfone
Marte	Ares ⁴⁵

Dessa forma, tudo que vimos anteriormente sobre a mitologia grega e suas concepções trinitárias pode, de certa forma, ser aplicado também à Roma, visto esse império ter absorvido de forma ampla as divindades gregas.

Falando sobre a evolução da religiosidade durante o Império Romano, WELLS (p. 172, 2011) declara que sempre as nações vitoriosas assimilavam os deuses dos derrotados e os sacerdotes diziam ao povo que os deuses eram os mesmos, mudando apenas o nome. Em sua obra *Uma breve história do mundo*, WELLS (pp.173-174, 2011) descreve, no 36º capítulo *A evolução da religiosidade durante o Império Romano*, essa relação triúna de deuses com detalhes:

Após a conquista grega, a nova cidade de Alexandria se tornou o centro da vida religiosa egípcia, o centro da vida religiosa de todo o mundo helênico. Ptolomeu I ergueu um grande templo, o Serapeum, no qual era venerada uma espécie de trindade de deuses. Eles eram Sérapis (o novo nome de Osíris-Ápis), Ísis e Hórus. Os três não eram encarados como deuses separados, e sim como três aspectos de um mesmo Deus, e Sérapis era identificado com o Zeus grego, com o Júpiter romano e com o deus-sol persa. Essa veneração se disseminou por todos os lugares em que houvesse influência helênica, chegando até mesmo ao norte da Índia e à China ocidental.

Os deuses Zeus, Hera e Atena da Grécia, em Roma formavam uma *tríade*⁴⁶ tendo os nomes latinos de Júpiter, Juno e Minerva. Outra tríade anterior a essa é assim descrita:

Divindades Romanas. Antes de entrarem em contato com a cultura grega, os romanos adoravam três deuses principais – Júpiter, Marte e Quirino. Esses deuses são conhecidos como a *tríade arcaica*, o que significa *antigo grupo de três*. Júpiter reinou como deus dos céus e veio a ser identificado com Zeus. Marte era o deus da guerra. Ocupava um lugar muito mais importante na mitologia romana do que Ares, o deus da guerra na mitologia grega. Quirino aparentemente representava as pes-soas comuns. Os gregos não tinham um deus parecido com ele.⁴⁷

Essa informação é muito importante, porque ela nos mostra que antes mesmo de absorver a mitologia grega, Roma já cultuava sua própria tríade. Vamos agora ver como surgiu a tríade com os deuses citados anteriormente (Júpiter, Juno e Minerva):

No fim do séc. VI a.C., os romanos começaram a substituir a tríade arcaica pela *tríade captolina* – Júpiter, Juno e Minerva. O nome da tríade veio do monte Captolino, em Roma, no qual ficava o principal templo de Júpiter. Na nova tríade, Júpiter continuava a ser o principal deus dos romanos. Identificavam Juno com a deusa grega Hera, e Minerva com Atena.⁴⁸

Agora vemos a assimilação da mitologia grega, sem, no entanto, eliminar as concepções triúnas de suas divindades. Júpiter continua sendo o principal deus dessa *trindade* romana, enquanto Marte dá lugar a Juno (a Hera dos gregos) e Quirino sai da tríade para a entrada de Minerva (a Atena da Grécia).

Os templos, como temos visto, em todas as civilizações, desde os mesopotâmios e egípcios, até aos gregos e romanos, sempre tinham sua importância e lugares especiais a serem edificados. Comentando sobre esse fato, WELLS (p.175, 2011) relata que “uma cidade típica, ao tempo dos primeiros imperadores romanos, possuía templos para todos os tipos de deuses.” Quando lembramos da lista de deuses citada anteriormente podemos até nos assustar com a quantidade de templos que existiam.

Um pouco mais adiante veremos detalhes importantes sobre o local onde o templo de Júpiter estava localizado em Roma. Mas continuando a ler o que WELLS (p.175, 2011) diz sobre os templos romanos e seus cultos às suas divindades, aprendemos que “havia um templo para Júpiter Capitolino, o grande deus de Roma, e provavelmente havia um para o César do momento. Pois os Césares aprenderam com os faraós que poderiam ser deuses.”

Esse mito de ver homens como deuses pode ser claramente observado na própria narrativa bíblica (Atos 12:21-32). Esse costume que os Césares aprenderam dos Faraós não se perdeu com a desintegração do Império Romano. Os *Padres*⁴⁹ e *Papas*⁵⁰ que

aceitam essa designação, e aqueles que assim os chamam, estão indo frontalmente contra o que Jesus ordenou: “*E a ninguém na terra chameis vosso pai, porque um só é o vosso Pai, o qual está nos céus.*” (Mt 23:9). Quando um católico ou qualquer outra pessoa chama um sacerdote dessa religião pela sua designação formal, essa pessoa está indo contra o que Jesus ordenou e que se encontra registrado no evangelho (Mt 23:9).

Mas voltando a falar da religiosidade romana pré-cristã e do monte Capitolino, onde existia um templo à Júpiter, o principal deus da tríade capitolina, podemos identificar esse monte como sendo um dos sete montes (Apoc. 17:9) que o apóstolo e profeta João disse que a “mulher”, a grande cidade, Roma (ver Apoc. 17: 18) teria em sua geografia, região onde ela estaria assentada.

Quando pesquisamos sobre esse monte, podemos encontrar descrições como essa:

Segundo o historiador Tácito, o Capitólio e também o vizinho Fórum Romano foram anexados à antiga Roma quadrada de Rômulo por Tito Tácio. A construção do Templo de Júpiter Capitolino, dedicado à tríade capitolina (Júpiter, Juno e Minerva), que antigamente ocupava o segundo cume (“Capitolium”) e era até então apenas um altar, foi iniciada, segundo a tradição, na época de Tarquínio Prisco, continuando durante o reinado de Tarquínio Soberbo e só terminou no início da República Romana. Prisco também construiu o acesso triunfal ao monte.⁵¹

Isso nos revela muito do que estava envolvido na construção desse templo, onde ele foi erigido e para quem, ou seja, para uma divindade triúna, antes mesmo de Roma, sob Constantino, aderir ao cristianismo e paganizá-lo.

Nessa transição de paganismo para cristianismo, ao tempo de Constantino, alguns historiadores identificam e relacionam traços característicos de imitação por parte desse e de imperadores antecessores, tanto em suas estátuas (dos imperadores) como as

dos deuses Zeus e Júpiter, imitando as mesmas posições corporais.⁵²

Os imperadores, incluindo Constantino, acreditavam que eram uma espécie de vice-rei de uma de suas divindades.

Augusto, por exemplo, ao utilizar-se da mesma pose, não estava igualando-se a Júpiter, mas afirmando por meio da imagem que era nomeado, filiado e protegido por este deus. Tal paradigma de legitimação era comum nas cunhagens monetárias. Trajano, por exemplo, foi representado em algumas moedas do seu governo, tendo sobre a cabeça os raios vindos de Júpiter, e em tamanho menor que a divindade. O que se queria transmitir com essa representação era que a divindade protegia aquele a quem nomeara como vice-rei na terra. Esse discurso de legitimação do poder imperial a partir da filiação divina estava presente não apenas nas moedas e estátuas, mas também nas produções literárias. Escritores como Horácio, Ovídio e Plínio são exemplos de intelectuais que, a partir de seus textos, reproduziam a convicção de que os imperadores eram uma espécie de vice-governantes na terra, protegidos pelos deuses aos quais estivessem filiados.⁵³

Seguindo essa linha comparativa, não é difícil entender as associações que esses romanos em seus altos postos de poder faziam com suas ideias e concepções mitológicas, sendo assimiladas e manifestadas no tempo de Constantino a um conceito de Deus cristão semelhante ao trio Júpiter, Juno e Minerva.

Para eles isso era perfeitamente natural, pois a herança mitológica que eles assimilaram era toda nesse sentido. E foi assim que o próprio Constantino, com suas divindades de devoção foi adaptando-as em seus projetos de poder e de esperanças *post mortem*.

De fato Constantino, um adorador de Júpiter e sua tríade teria intenções ambiciosas para seu funeral e legado junto aos romanos, como pode ser visto em um trecho da tese doutoral de Ramalho (2018):

A história e a perpetuação do mistério

Além desse altar, o imperador teria ordenado a construção de doze túmulos naquele local, no modelo de estelas sagradas, para honra e memória dos apóstolos, tendo colocado bem no centro delas a sua própria urna funerária, ficando seis monumentos dedicados aos apóstolos de cada lado do seu túmulo. A partir dessa iniciativa de construir sua própria sepultura bem no centro dos doze túmulos por ele dedicados aos chamados apóstolos, Constantino estaria, por meio daquilo que Franco identifica como uma espécie de *imitatio Cristi*, assumindo a posição central de uma divindade com a qual ele próprio não teria se constrangido em identificar-se.⁵⁴

Que Constantino quisesse ser uma espécie de *messias* para os cristãos não é de se assustar, pois a esperança dos cristãos naqueles tempos era ter um pouco de alívio, tendo em vista as duras perseguições que sofriam. No princípio Roma matava os cristãos em nome de seus deuses pagãos e de seus imperadores metido a deuses. Depois ela passaria novamente a matar, mas em nome do novo deus triúno e de seus imperadores papais.

Mas antes de chegarmos nessa fase, vamos observar mais um pouco como Constantino se tornou um “salvador” dos cristãos. Os romanos eram agentes satânicos imprimindo dor e suplício para aqueles que ardiam nas fogueiras e eram despedaçados pelas feras nos anfiteatros sob Nero (54-68),⁵⁵ Domiciano (81-96),⁵⁶ Trajano (98-117)⁵⁷ e tantos outros que tratavam os adeptos dos ensinamentos de Cristo pior do que os animais. Na realidade para os pagãos os animais pelo menos tinham alguma utilidade, mas os cristãos eram um problema a ser solucionado, fazendo isso por meio de uma tentativa de exterminá-los da face da terra como se tenta dizimar uma praga.

E de fato tentaram fazer isso. Mas o efeito desejado foi revertido para o contrário de suas intenções maléficas, pois “o sangue dos mártires era a semente da igreja”⁵⁸ produzindo fartas colheitas para o aumento do número de cristãos. Estimativas apontam que os cristãos eram em torno de 5 e 15 por cento da

população da época, o que girava em torno de 50 a 75 milhões de cristãos.⁵⁹

Seguindo o conselho de Jesus em Mateus 10:23, quando perseguidos numa cidade fugiam para outra. “Expulsos da Judeia, começaram a se espalhar por todas as nações, no intuito de ensinar-lhes a mensagem, com a força de Cristo, que lhes dissera: ‘Ide e ensinai as nações em meu nome’ (Cf. Mt 28,19).”⁶⁰

Essa é a forma em que aparece a ordem de Cristo aos discípulos, sem a fórmula tríplice como hoje temos nas Bíblias. Vemos que essa fórmula foi realmente usada pelos discípulos ao batizar em nome de Jesus Cristo (At 2:38; 8:16; 10:48; 19:4 e 5).

Os imperadores pagãos não ficaram parados vendo o crescimento dos cristãos sem nada fazer para barra-lo. Em 250 d.C. o imperador Décio emitiu uma ordem para que todos os cidadãos do império romano, incluindo os cristãos, oferecessem sacrifícios em honra dos deuses, porém, “os cristãos mais fervorosos recusaram-se, pois acreditavam que somente Deus e Cristo deviam ser adorados.”⁶¹

Enquanto muitos morriam, milhares de outros que se iam ajuntando à fé cristã foram sendo agregados sob três crenças principais, segundo BLAINEY (p.38, 2012):

O cristianismo dos primeiros tempos possuía três crenças principais, compartilhadas pela maioria dos seguidores. A primeira era a crença de que Deus existe e reina, e enviou seu filho, Jesus Cristo, ao mundo, para salvar quem merecesse ou atraísse sua misericórdia. Pela segunda crença, Jesus Cristo, depois da morte, voltou à vida e apareceu brevemente na terra, antes de subir ao céu, para reinar permanentemente ao lado de Deus. Conforme a terceira, uma crença vital, embora não tão conhecida do povo em geral, Deus e Jesus juntos, sob a forma do Espírito Santo, podem habitar o coração e a mente dos cristãos. E quando o Espírito Santo desce sobre um cristão verdadeiro, ele se sente tomado pela proximidade de Deus e pela presença do próprio Jesus.

Essa declaração do renomado historiador está de acordo com a declaração do evangelho de João, quando Jesus fala sobre o Consolador que habitaria nos discípulos, que diz: “*E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre; o Espírito de verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece; mas vós o conheceis, porque habita convosco, e estará em vós.*” João 14:16,17.

Um pouco mais adiante Jesus detalha como isso aconteceria, como esse *Consolador* habitaria em Seus discípulos: “*Jesus respondeu, e disse-lhe: Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e meu Pai o amará, e viremos para ele, e faremos nele morada.*” João 14:23. Fica claro que quem faria morada nos discípulos de forma espiritual, ou seja, por meio do Espírito Santo, seria o Pai e o Filho, não uma terceira pessoa.

Ao longo do tempo essa importante verdade foi dando lugar, ou para ser mais explícito, foi maliciosamente sendo substituída pelos errôneos conceitos de uma terceira pessoa de uma Trindade criada à semelhança dos conceitos romanos pagãos. O próprio BLAINEY (p.61, 2012) nos mostra algo nesse sentido:

O conceito de um espírito poderoso e incorpóreo – encontrado também no budismo e hinduísmo – foi um modo simples de descrever um evento espiritual ao qual Deus estivesse presente, embora não fosse visto. Os líderes cristãos começaram mentalmente a colocar o Espírito Santo no mesmo trono ocupado por Deus, mas faltavam as palavras exatas para expressar isso. Eles enxergavam Deus como uma entidade ou substância que existia em três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo – três pessoas iguais, com o mesmo peso. Essa doutrina recebeu o nome de Trindade, uma denominação que aparece pela primeira vez em registros encontrados em Antióquia, por volta do ano 180.

Assim, resolveu-se o dilema de conciliar a antiga tradição judaica, segundo a qual existe apenas um Deus, com a nova crença de que Cristo reina no céu ao lado de Deus. Essas duas divindades receberam a companhia do Espírito Santo. Foi um longo caminho, desde Israel.

As formas como essa situação chegou ao ponto de manifestar uma crença trinitária no cristianismo são largamente discutidas. Muitos afirmam que a doutrina desenvolvida foi uma luz correta desenvolvida no seio da igreja. Outros declaram que as trevas começaram a entrar no seio do cristianismo por meio desse e de outros ensinamentos tortuosos. Espero que no próximo tópico essas questões fiquem mais esclarecidas.

A continuação do triteísmo no cristianismo

O desenvolvimento do conceito trinitário no cristianismo não foi um fato simples e da noite para o dia. Foi necessário muito empenho, reuniões, concílios, estudos, declarações, rixas e rachas entre os cristãos.

Toda essa contenda fez com que o poder do estado se intrometesse nos assuntos da igreja para apaziguar os agentes conflitantes e definir a crença oficial da igreja de então. Nesse cenário Constantino se impõe como o pontífice máximo da Igreja, convocando um Concílio em 325 d.C., a reunir-se em Nicéia (atual Iznik, noroeste da Turquia), para colocar um fim à controvérsia ariana.⁶²

O primeiro Concílio ecumênico em Nicéia é assim descrito com detalhes interessantes:

Numa manhã em fins da primavera de 325, os bispos lotaram a grande sala da residência imperial de Nicéia. Aguardando o imperador, tomaram os seus lugares, distribuídos segundo as categorias, em bancos colocados de ambos os lados da sala. A um sinal, todos se levantaram, e Constantino, então com 45 anos de idade, entrou envolto nas túnicas imperiais. Deve ter constituído uma imagem imponente, com os seus ombros largos, queixo firme e porte masculino. Sem guardas, caminhou para a pequena cadeira dourada no meio da sala e convidou os bispos a sentarem-se. Com igual deferência os bispos indicaram que a precedência pertencia ao imperador. E, para solucionar a questão, todos se sentaram ao mesmo tempo.⁶³

Essa riqueza de detalhes do início do Concílio de Nicéia é realmente interessante. Mostra a grandeza com a qual Constantino mantinha sua supremacia e respeito sobre todos. Deixa claro também o respeito com que todos o tratavam e reverenciavam. O relato prossegue em tons distintos:

Não se conservaram descrições contemporâneas das sessões do Concílio de Nicéia. Segundo, porém, relatos posteriores, os sentimentos quanto à questão ariana eram muito marcados, e o debate foi acrimonioso. Alguns bispos tapavam os ouvidos com as mãos quando Ário falava. O próprio Constantino, segundo consta, chamou depois a Ário “esse desavergonhado servo do Demônio” e à teologia do seu conselheiro e simpatizante do arianismo, Eusébio de Nicomédia, “invectivas de bêbado”. Terá o imperador perdido a compostura durante as sessões em Nicéia? É fácil imaginá-lo perdendo a calma, mas as crônicas dizem que ele permaneceu firme durante os dois meses de reuniões.⁶⁴

Não sei quanto à vocês leitores, mas quanto a mim não pude deixar de associar essa descrição aos relatos de quando os anciãos e escribas judeus (At 6:8-15) após ouvir o discurso de Estevão taparam os ouvidos quando ele disse “*Eis que vejo os céus abertos, e o Filho do homem, que está em pé à mão direita de Deus.*” Atos 7:56. Os bispos tiveram comportamento semelhante quanto à Ário e suas palavras no Concílio de Nicéia. Também não pude deixar de associar a afirmação de que a teologia de Eusébio de Nicomédia era “invectivas de bêbado” com a acusação que fizeram a Pedro e aos demais apóstolos de estarem embriagados (At 2:12-15).

Conta-se que numa tentativa de criar uma doutrina intermediária entre duas facções opostas, Eusébio de Cesaréia propôs um credo batismal que já há muito tempo era utilizado na Palestina e na Síria, e que em parte rezava assim:

Cremos em um só Deus, Pai, todo-poderoso, criador de todas as coisas visíveis e invisíveis. E num só Senhor, Jesus Cristo, Verbo de Deus, Deus de Deus, Luz da Luz, Vida da Vida. Filho unigênito, Primogênito de todas as coisas, gerado do Pai antes

A suplantação do mistério

*de todos os tempos; por ele foram também criadas todas as coisas; ele que para nossa salvação encarnou e viveu entre os homens, e padeceu, e ressurgiu de novo ao terceiro dia, e subiu ao Pai, e voltará em sua glória para julgar os vivos e os mortos. E cremos também num Espírito Santo único.*⁶⁵

Constantino se preparava para aprovar essa descrição doutrinária, porém, muitos bispos que ali estavam com o fim de combater o arianismo não se agradaram dela, pois para eles essa profissão de fé parecia agregar simultaneamente ideias ortodoxas e arianas. Os arianos, por sua vez, nada encontravam nela que pudessem aprovar; desse modo, os conservadores exigiram que um novo credo fosse subscrito que excluísse definitivamente qualquer traço de ideias que se pudessem remeter à *Ário*.⁶⁶

O Imperador entra em cena e propõe:

Não poderia o credo ser aumentado a fim de incluir a palavra *homoousios* ('consustancial', ou 'da mesma substância') sugeriu Constantino, descrevendo a relação entre o Pai e o Filho? Era uma palavra forte (e já muito debatida) que fora usada por muitos cristãos do século III condenados por negarem a Trindade. Havia também oposição popular generalizada ao termo por não figurar nas Escrituras. Propondo-o assim clara-mente, Constantino não só foi audacioso, como desferiu um hábil golpe político: por muito que os arianos estivessem prontos a tolerar no credo conciliar, este termo em particular fora rejeita-do pelo próprio *Ário* na sua recente declaração de fé. A grande vantagem do vocábulo para os antiarianos, que eram a maioria em Nicéia, era, portanto, a sua total inaceitabilidade para os arianos. No fim, sem dúvida graças ao prestígio e poder de persuasão do imperador, bem como à ameaça de excomunhão, todos, com exceção de *Ário* e dois dos bispos, concordaram com a sugestão de Constantino.⁶⁷

A doutrina proposta, então, ficou assim definida:

*Cremos em um só Deus, Pai, todo-poderoso, criador de todas as coisas visíveis e invisíveis;
E em um só Senhor, Jesus Cristo, Filho de Deus, unigênito do Pai, isto é, da substância do Pai, Deus de Deus, luz da luz, Deus*

A história e a perpetuação do mistério

verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não criado, consubstancial [homousios] ao Pai, por quem todas as coisas vieram à existência, tanto no Céu, como na Terra, o qual por nós homens e por nossa salvação desceu do Céu e encarnou, fez-se homem, padeceu e ressurgiu de novo ao terceiro dia, subiu ao Céu e virá para julgar os vivos e os mortos;

E no Espírito Santo. Mas aqueles que dizem “Houve um tempo em que Ele não existia”, e “Antes de nascer, Ele não existia”, e que Ele veio a existir a partir do nada, ou afirmam que o Filho de Deus é uma realidade ou substância diferente, ou que está sujeito a alteração ou mudança – esses são anatematizados pela Igreja católica apostólica.⁶⁸

Essa doutrina foi então aprovada como a crença que o cristianismo defenderia quanto a pessoa de Deus, de Jesus Cristo e do Espírito Santo. É certo que mais tarde, nos próximos concílios como o de Constantinopla (381 d.C.), a doutrina foi mais aprimorada quanto à definição da Trindade, mas em Nicéia foi dado um grande passo, com a influência direta de Constantino, para que os conceitos trinitários obtivessem supremacia. Nessa situação fica evidente que a Igreja agora passou a ser comandada pelo imperador, influenciando até mesmo em sua dogmática.

A presença e liderança de Constantino foi de fato dominante no Concílio de Nicéia, presidindo os debates relativos às questões doutrinárias, intervindo diretamente nos trabalhos da assembléia.⁶⁹

Os decretos do Concílio de Nicéia foram validados por Constantino como leis de Estado, fazendo com que cada vez mais Igreja e Estado andassem de mãos dadas, unidos.⁷⁰

A partir de então a Igreja passaria a entrar para uma era negra em sua história, seria comandada pelo braço forte do poder civil, servindo-se do violento controle estatal:

Nicéia custou à Igreja a sua independência, pois a Igreja tornou-se imperial desde essa época, e a partir daí foi cada vez mais sendo dominada pelo Imperador. A Igreja no Ocidente foi capaz

de se livrar desse domínio, mas a Igreja no Oriente jamais se livrou do domínio do poder político do Estado.⁷¹

Há muito mais que poderia ser relatado sobre o Concílio de Nicéia e os atores envolvidos nessa trama, mas, esses fatos são de fácil acesso para pesquisa e instrução, o que o leitor interessado talvez até já se dispôs a pesquisar. O que é pertinente indicar nessa obra que vos escrevo é o fato de como os conceitos trinitários se perpetuaram na história, e a que custo.

No próximo Concílio da Igreja Cristã, o de Constantinopla em 381 d.C. a doutrina trinitária seria mais explicitamente elaborada, de modo a colocar os três supostos componentes da Trindade em posição igualitária. Gregório Nazianzeno teve parte importante nos trabalhos desse novo encontro ecumênico da Igreja em transformação e “o concílio teria elaborado uma fórmula trinitária que atualizava a fé de Nicéia, ou seja, a ampliava com o acréscimo pneumatológico.”⁷²

A *História dos concílios ecumênicos* (p.67, 1995) revela a realidade desse fato da seguinte forma:

Assim, segundo o testemunho de 382, declarou o Pai, o Filho e o Espírito Santo “uma só divindade, poder e substância”, afirmando ao mesmo tempo a realidade das três hipóstases ou pessoas (Teodoreto, HE V 9, 10-12). Com essa formulação – que marcava a superação das diversidades doutrinárias entre Oriente e Ocidente, homologando os conceitos de *hipóstasis* e *prósopon*, o concílio recebia a doutrina trinitária dos capadócijs, integrando-a ao dogma niceno.

Quanto a esse Concílio e a doutrina que nele foi desenvolvida, veremos com mais detalhes no desenrolar do próximo capítulo. Veremos também o que é atribuído à Ário e como os “vencedores” contam a história.

Notas

¹JUNG, C. Interpretação psicológica do Dogma da Trindade. 9ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

²Bíblia de Referência Thompson. Suplemento Arqueológico. p.1533. 7ª impressão. Editora Vida: São Paulo, 1997.

³ELLEN G. WHITE diz o seguinte sobre isso:

O grande rebelde [Satanás] declarou então que estava familiarizado com a lei de Deus e se se submetesse a uma obediência servil seria despojado de sua honra. Nunca mais poderia ser incumbido de sua exaltada missão. Disse que ele mesmo e os que com ele se uniram tinham ido muito longe para voltarem, que arrostaria as consequências, que nunca mais se prostraria para adorar servilmente o Filho de Deus; que Deus não perdoaria, e que agora eles precisavam garantir sua liberdade e conquistar pela força a posição e autoridade que não lhes fora concedida voluntariamente. * **História da Redenção, pp.16-17. Tatuí-SP: CPB, 2012.**

*Assim foi, que Lúcifer, “o portador de luz”, aquele que participava da glória de Deus, que servia junto ao Seu trono, tornou-se pela transgressão Satanás, o “adversário”. **Patriarcas e Profetas, p. 40.**

⁴ANÔNIMO. A Epopeia de Gilgamesh. pp.103-104. Disponível em: <<http://mkmouse.com.br/livros/AEpopeiadeGilgamesh-Anonimo-MartinsFontes.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2013.

⁵Ibid., p.104.

⁶CONCISO Dicionário Bíblico (ilustrado); por diversos autores americanos e ingleses, traduzido e ampliado por D. Ana e S. L. Watson. 23ª ed. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1994. Este dicionário é conteúdo suplementar da Bíblia Sagrada Almeida Revista e Corrigida. 81ª Impressão. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1995.

⁷MELLA, F. Dos sumérios a Babel. Mesopotâmia: história, civilização e cultura. p. 146. 2ª ed. São Paulo: Hemus, 2001.

⁸TAVARES, A. *Civilizações Pré-Clássicas*. p.320. Lisboa: Univ. Aberta, 1995.

⁹O “Anjo do SENHOR” aparece em algumas versões (ARA, RVP etc.) com “A” maiúsculo indicando ser Ele alguém superior aos anjos (criaturas), o Representante direto de Deus, Seu Filho: Gn 22:11-12; 31:11-13; cf. 28:10-22; Gn 32:22-30; cf. Os 12:2-4; Êx 3:1-6; 13:21; 14:19; 22:22-35; 32:34; 33:1-3; Jz 2:1-4; 5:23; 6:11-24; Jz 13:3-25; Is 63:9.

PELIKAN (vol. 1, pp.194-196, 2014) demonstra que na patrologia de Justino Mártir (*Diálogo com Trifão*) e do *Pastor de Hermas*, Cristo aparece como “anjo” e em *O Pastor* Cristo também é identificado como o Arcanjo Miguel. De fato, isso pode ser comprovado na obra *Pastor de Hermas*, 8ª parábola, cap. 69. Disponível em: <<https://ortodoxia.pt/data/Patristica-1.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2020 (pág. 140 da obra em PDF). Para consultar as referências de Justino à Cristo como “Anjo” ver *Diálogo com Trifão* (34,2), p.105 do arquivo em PDF. Outra importante citação de Justino (*Diálogo com Trifão* 56,4) nesse sentido, que ainda exalta o Deus Soberano é:

Uma vez que conheceis essas Escrituras, tentarei persuadir-vos que, de fato, aqui se chama Deus e Senhor a outro que está submetido ao Criador do universo, e que ele é também chamado anjo ou mensageiro, pelo fato de ser ele quem anuncia aos homens tudo o que o Criador do Universo, acima do qual não existe outro Deus, quer que se lhes anuncie. **p.124 do PDF.**

As citações de Justino podem ser comprovadas em sua obra disponível em: <<https://ortodoxia.pt/data/Patristica-3.pdf>>. Acesso em: 15 set. 2020.

Hilário de Poitiers (IV, 23-24) assim identifica o *Anjo do grande conselho*:

O mesmo que é dito Anjo de Deus, é Senhor e Deus. Segundo o Profeta, o filho de Deus é *Anjo do grande conselho* (Is 9,6; LXX). Para que fosse completa a distinção das pessoas é chamado de Anjo de Deus, pois Aquele que é Deus de Deus é também Anjo

de Deus. Para que se lhe preste a devida honra é declarado Senhor e Deus.

Portanto, é Deus quem também é Anjo; porque quem é Anjo de Deus é Deus, nascido de Deus. É chamado Anjo de Deus porque é Anjo do Grande Conselho, porém o mesmo depois se mostra como Deus, para que não se creia que quem é Deus seja apenas um anjo. **HILÁRIO, SANTO, BISPO DE POITIERS. Tratado sobre a Santíssima Trindade, Livro IV, 23-24; pp.116-117. São Paulo: Paulus, 2005.**

Outro que identifica o Filho de Deus como “Anjo do grande Conselho” é Novaciano (240-251 d.C.), citando a ocorrência do diálogo do Anjo com Hagar no deserto (Gn 16:7-12) e de Jacó (Gn 31:11-13; 48:15-16). **NOVACIANO. A trindade, escritos éticos, cartas. 18,103-104; 18,107-108; 19,109-112; 19,115-116; 21,122; 31,191. pp. 81-82, 84-86, 86-88, 90-91, 95, 137. São Paulo: Paulus, 2017. (Patrística; 37).**

¹⁰GREENE, L. e SHARMAN-BURK, J. Uma viagem através dos mitos: o significado dos mitos como um guia para a vida. pp.20-21. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.

¹¹PRIETO, C. Cristianismo e Paganismo: a pregação do evangelho no mundo greco-romano. p. 22. São Paulo: Paulus, 2007.

¹²ROSA, L. Qual reino a Assíria levou para o cativeiro em 721 e qual reino a Babilônia levou no ano 600 antes de Cristo? Disponível em <<https://www.abiblia.org/ver.php?id=8939>>. Acesso em 5 dez. 2019.

¹³ENCICLOPÉDIA Mirador Internacional. São Paulo: Enciclopédia Britânica do Brasil, 1986. 1105 p. v. 3

¹⁴ENCICLOPÉDIA Barsa. São Paulo: Encyclopaedia Britannica Consultoria Editorial, 1986. 380 p. v. 3

¹⁵MELLA, F. Dos sumérios a Babel. Mesopotâmia: história, civilização e cultura. pp.146-147. 2ª edição. São Paulo: Hemus, 2001.

¹⁶MARDUC. In SPALDING, Tassilo. Dicionário das mitologias europeias e orientais. São Paulo: Cultrix, 1ª ed. 1973. p.122.

¹⁷Ibid.

¹⁸Ibid.

¹⁹Ibid., p.122-123.

²⁰TRÍADES. In: SPALDING, Tassilo. Dicionário das mitologias europeias e orientais. São Paulo: Cultrix, 1ª ed. 1973. p.138.

²¹JUNG, C. Interpretação psicológica do Dogma da Trindade. pp.15-16. 9ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

²²Ibid. Contracapa, sinopse do livro.

²³Ibid., pp.21-33.

²⁴GRIMAL, P. A Mitologia Grega, p.43; tradução Carlos Nelson Coutinho. 5ª ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1982.

²⁵Na concepção trinitariana de Deus dos teólogos adventistas (WHIDDEN; MOON; REEVE; pp.309, 107, 124, 313, 2006) o Pai “assumiu o papel de líder-chefe no grande plano de criação e redenção.” O Filho não é um filho literal, mas apenas um filho figurativamente, metaforicamente, cumpriu esse “papel” e se sujeitou ao Pai apenas de forma funcional. E por fim o Espírito Santo foi “encarregado” pelo Pai e o Filho de continuar atuando pela Divindade. Ou seja, foi tudo um “acordo”, cada um representou apenas um “papel”, exerceram apenas uma função no plano da Salvação.

²⁶SILVA, M. Trindade, criação e ecologia. pp.136-141. São Paulo: Paulus, 2009.

²⁷SISSA, G.; DETIENE, M. Os deuses gregos. pp.197-198. 1ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

²⁸Na Bíblia de Estudo Palavras-chave, no texto de Apoc. 3:14 aparece o termo grego *ekklésia* onde lemos: “E ao anjo da igreja que está em Laodiceia escreve [...]”. À página 2176 da Bíblia citada temos a definição do termo como sendo “um *chamado para fora*”; “a igreja que se reúne na casa de alguém (Rm 16.5; 1Co 16.19; Fm 2); dentre outros significados.

²⁹Na mesma Bíblia (Palavra-chave) podemos identificar a palavra *templo* no mesmo livro, Apocalipse (21:22), onde se diz a respeito da nova Jerusalém: “E nela não vi templo, porque o seu templo é o Senhor Deus Todo-Poderoso, e o Cordeiro.” No dicionário

grego de Strong dessa Bíblia a palavra “templo” *naos*, transmite a conotação de um santuário físico, um espaço destinado a um culto de alguma divindade, inclusive a própria Diana dos efésios (At 7.48; 17.24; 19.24). Essa palavra (*naos*) também é remetida ao templo de Jerusalém, sobre o templo de Deus no céu (cf. Ap 3.12; 7.15; 11.19; 14.15,17; 15.5,6,8; 16.1,17; 21.22). A palavra também aparece com um sentido metafórico nos textos em que o corpo dos crentes são comparados com o templo, morada de Deus em espírito (1Co 3.16,17; 6.19; 2Co 6.16; Ef 2.21).

³⁰WHIDDEN, W. et al. A Trindade: como entender os mistérios da pessoa de Deus na Bíblia e na história do cristianismo. p.307. 2ª ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006.

³¹Conferir as seguintes passagens: Mt 6:6,9; 11:25; 26:53; Mc 14:36; Lc 6:12; 10:21; Jo 11:41-42; 17:1-26.

³²TRIMÚRTI e ATHARVANS. In SPALDING, Tassilo. Dicionário das mitologias europeias e orientais. Brasília: Cultrix, 1ª ed. 1973. pp.173, 222 e 238.

³³TRÍADE. In: SPALDING, Tassilo. Dicionário das mitologias europeias e orientais. São Paulo: Cultrix, 1ª ed. 1973. pp.243, 248 e 310-311.

³⁴BULFINCH, T, 1796-1867. O livro da mitologia: histórias de deuses e heróis: (a idade da fábula). p.414. São Paulo: Martin Claret, 2006. (Coleção a obra-prima de cada autor. Série ouro; 45)

³⁵FREYR, MANNUS e VANES. In: SPALDING, Tassilo. Dicionário das mitologias europeias e orientais. Brasília: Cultrix, 1ª ed. 1973. pp.54, 62 e 74.

³⁶BULFINCH, T, 1796-1867. O livro da mitologia: histórias de deuses e heróis: (a idade da fábula). p.414. São Paulo: Martin Claret, 2006. (Coleção a obra-prima de cada autor. Série ouro; 45)

³⁷SAN-CHING. In: SPALDING, T. Dicionário das mitologias europeias e orientais. São Paulo: Cultrix, 1ª ed. 1973. p.87.

³⁸IZANAG. In: SPALDING, Tassilo. Dicionário das mitologias europeias e orientais. Brasília: Cultrix, 1ª ed. 1973. pp.103-104.

³⁹ANÔNIMO. A Epopeia de Gilgamesh. p.45. Disponível em: <<http://mkmouse.com.br/livros/AEpopeiadeGilgamesh-Anonimo-MartinsFontes.pdf>>. Acesso em: 1 jun. 2016.

⁴⁰READER DIGEST. Depois de Jesus: os triunfos do cristianismo. pp. 211-213. 1ª ed. Rio de Janeiro-RJ: março de 1999.

⁴¹BULFINCH, T, 1796-1867. O livro da mitologia: histórias de deuses e heróis: (a idade da fábula). p.17. São Paulo: Martin Claret, 2006. (Coleção a obra-prima de cada autor. Série ouro; 45)

⁴²SATURNO. In: ENCICLOPÉDIA DELTA UNIVERSAL. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1991. v.13, p.7200.

⁴³CRONOS. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL. São Paulo: Editora Universo, 1988. v.9, p.1727.

⁴⁴CRONOS. In: SITE UOL Educação. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/mitologia-grega-os-mitos-gregos-e-sua-influencia-na-cultura-ocidental.htm>>. Acesso em: 23 out. 2019.

⁴⁵MITOLOGIA GRECO-ROMANA. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Mitologia_greco-romana&oldid=59606541>. Acesso em: 24 out. 2019.

⁴⁶TRÍADE. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL. São Paulo: Editora Universo, 1988. v.29, p.5875.

⁴⁷MITOLOGIA / Divindades Romanas. In: ENCICLOPÉDIA DELTA UNIVERSAL. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1991. v.10, p.5395.

⁴⁸Ibid.

⁴⁹**Padre**¹ s.m (Do lat. *pater, patris*, pai.) **1.** Aquele que já recebeu ordenação sacerdotal; sacerdote secular. – **2.** A primeira pessoa da Santíssima Trindade. (Nessa acepção, escreve-se com maiúscula.) – **3.** *Santo Padre*, o Papa. **Grande Enciclopédia Larousse Cultural. São Paulo: Editora Universo, 1988. 4457 p. v. 22.**

⁵⁰**Papa**² s.m. (Do gr. *Pappas*, pelo lat. *papas*.) **1.** Bispo de Roma e chefe da Igreja Católica Romana, eleito por um conclave. (→

encicl.). **Grande Enciclopédia Larousse Cultural. São Paulo: Editora Universo, 1988. 4499 p. v. 22.**

⁵¹MONTE CAPITOLINO. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Monte_Capitolino&oldid=59203308>. Acesso em: 25 out. 2019.

⁵²FUNARI, A. e RAMALHO, J. *As representações do imperador Constantino na estatuária e na epigrafia romana. Diálogos Mediterrâneos*, Campinas, Nº 10, p.67, junho/2016. Disponível em: <<http://www.dialogosmediterraneos.com.br/index.php/RevisitaDM/article/download/205/227>>. Acesso em 03 dez. 2019

⁵³Ibid.

⁵⁴RAMALHO, J. Constantino nas palavras e nas coisas: a (não) cristianização imediata do império romano a partir das diferenças e das semelhanças entre representações político-religiosas de fontes literárias e de fontes arqueológicas. 2018. p.144. Dissertação (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas-SP, 2018. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/333409>>. Acesso em: 3 dez. 2019.

⁵⁵NERO. In: SITE Sua pesquisa. **Principais imperadores romanos**. Disponível em: <https://www.suapesquisa.com/imperioromano/imperadores_romanos.htm>. Acesso em: 4 ago. 2019.

⁵⁶DOMICIANO. In: SITE Sua pesquisa. **Principais imperadores romanos**. Disponível em: <https://www.suapesquisa.com/imperioromano/imperadores_romanos.htm>. Acesso em 4 ago. 2019.

⁵⁷TRAJANO. In: SITE Sua pesquisa. **Principais imperadores romanos**. Disponível em: <https://www.suapesquisa.com/imperioromano/imperadores_romanos.htm>. Acesso em 4 ago. 2019.

⁵⁸CAIRNS, E. O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã. p.80. 3ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

⁵⁹Ibid., p.81.

⁶⁰EUSÉBIO, Bispo de Cesaréia. História Eclesiástica. p.118. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2008.

⁶¹BLAINEY, G. Uma breve história do cristianismo. p.64; 1ª ed. São Paulo: Editora Fundamento Educacional, 2012.

⁶²DEPOIS DE JESUS: o triunfo do cristianismo. pp. 218-219. 1ª ed. Rio de Janeiro-RJ: Reader's Digest, 1999.

⁶³Ibid., p. 220.

⁶⁴Ibid.

⁶⁵Ibid., p. 221.

⁶⁶Ibid.

⁶⁷Ibid.

⁶⁸Ibid., pp. 221 e 223.

⁶⁹ALBERIGO, G. (org.). História dos concílios ecumênicos, p.26. 1ª ed. São Paulo: Paulus, 1995.

⁷⁰Ibid., p.45.

⁷¹CAIRNS, E. O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã. p.115. 3ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

⁷²ALBERIGO, G. (org.). História dos concílios ecumênicos. p.63. 1ª ed. São Paulo: Paulus, 1995.

Capítulo 6

O mistério da Trindade na história antiga e recente

Como vimos no capítulo anterior o mistério de Deus com base em conceitos triunos foi se perpetuando ao longo da história. Neste capítulo continuaremos observando como isso aconteceu na história da humanidade de uma forma ainda mais detalhada.

Embora sabendo que a forma como os mais variados povos e culturas definiram suas concepções a respeito de Deus podem variar, percebemos que um aspecto é bem frequente: a ocorrência ampla de divindades triúnas.

Seria esse modelo conceitual triúno uma suplantação do verdadeiro mistério divino? Estaria a verdade sobre Deus sendo obliterada por conceitos errôneos que a substituíram ao longo dos séculos? Este livro se propõe a responder essas perguntas, o que de certa forma creio que isso pôde ser evidenciado, porém, vamos fazer agora um estudo mais amplo até notarmos como o mistério divino correto foi suplantado pelas noções trinitárias, penetrando também nas religiões modernas.

O mistério da Trindade na história antiga

A Suméria pode ser identificada como uma das mais primitivas civilizações de que se tem conhecimento e a cidade de Erech o primeiro império.¹ No panteão sumeriano se destacam An, o deus-céu, Enlil, o Senhor-Vento, e a deusa Nin-ur-sag, “a Senhora-da-Montanha” chamada também por outros nomes.²

Outro autor assim os nomeia: An, Ki e Enlil.³ Outra tríade que completava o panteão de grandes deuses sumerianos eram Ninurta, Utu e Eresquigal, chamados *Anunáqui*.⁴

Nessa aparição primitiva de culto a divindades triúnas, que como vimos no capítulo anterior teve sua origem com Ninrode, podemos perceber o surgimento de uma tentativa de suplantação do verdadeiro culto à um único Deus não trinitário, que era o Deus que se manifestou à Abrão (Gn 12).

E de fato Jeová, ou Yahweh, um Deus único, escolheu a partir de Abrão (depois Abraão) manter seu verdadeiro culto em oposição aos deuses trinitários de Ninrode. Uma antiga história de um *Midrash* tardio conta que o próprio Ninrode soube que nasceria um homem que desmentiria sua religião.⁵ Tentando impedir isso ele ordenou a morte de todos os meninos, mas miraculosamente o nascimento de Abrão aconteceu e quando adulto o profeta deu início à sua saga abandonando a terra pagã de Ur dos caldeus (Gn 11:28, 31; 15:7 e Ne 9:7).

De Ninrode e dos sumerianos se originam os babilônios e de Abraão, Isaque e Jacó surgiram o povo de Israel. Dois povos, dois opostos de cultos antagônicos. Essa clara oposição se verá ao longo da história e das culturas dispersas. Com a multiplicação das línguas em Babel (Gn 11:1-9) e a emigração dos povos, as crenças dessa gente liderada por Ninrode se espalhou por todos os cantos do mundo. Durante esse capítulo veremos alguns desses resquícios em modelos triúnos de divindades adoradas nas mais diversas culturas da Terra até chegarmos a nossos dias.

O culto trinitário que se originou na Suméria permaneceu e se desenvolveu na Babilônia. Eles tinham seu próprio Poema da Criação que chamavam de *Enuma elish* sendo descoberto em escritos em tabuinhas de argila que remontam ao século IX a.C. Nesse Poema da criação babilônico a glorificação do deus Marduc é o tema central. Segundo essa versão a criação aconteceu assim:

No início, diz a narração, havia somente o Caos, aquoso, com Apsu e Tiamat, que representavam, respectivamente, as águas doce e salgadas, “então o céu ainda não tinha nome e a terra ainda não tinha nome...” É então que esses príncipes começam a se organizar e, do casal primitivo, nascem Lahmu e sua compa-

nheira Lahamu, dos quais nada se sabe, mas que constituem, apenas, uma das etapas da criação. Desse casal, um pouco mais tarde, nascem Mumu, depois Anshar e Quísar, isto é, a totalidade do céu e da terra; deles, enfim, nasce a tríade que forma a cabeça do panteão babilônico, Anu, o deus dos céus, Enlil, o senhor do ar (que não tarda em se tornar também da terra) e Ea, o deus das águas do abismo que cerca o mundo.⁶

Aqui é importante que se faça uma menção comparativa entre o deus babilônico Ea e a terceira pessoa da Trindade cristã, o “Deus Espírito Santo” que é apresentado pelos defensores de tal crença como sendo aquele que pairava sobre as águas do abismo incriado mencionado na Bíblia Sagrada (Gn 1:2).⁷

Recapitulando, temos outra configuração na mitologia sumeriana, segundo um autor diferente: Inanna e Ereshkigal com Damuzi.⁸ E na tríade babilônica: Apsu (pai), Tiamat (mãe) e Mummu (filho).⁹ Vamos continuar analisando o Poema da Criação babilônico e tentando perceber suas similaridades com o relato hebraico da criação (Gên. 1 e 2).

Sem que se saiba por quê e de que maneira, o poema refere que os deuses da tríade e aqueles que dela tinham nascido, se tornam insuportáveis a Apsu e a Tiamat; talvez porque eles representem a ordem, antítese do Caos inicial; talvez Apsu e Tiamat tivessem o desejo de ficar livres da própria descendência. Os jovens deuses, advertidos, reagem; Ea, graças ao seu poder mágico, se torna senhor de Apsu, que ele condena à morte, e de Mumu, que aprisiona. O furor de Tiamat não conhece limites; dá à luz onze monstros terríveis que enfrentam seus inimigos; um desses monstros é Quingu, que se torna seu esposo; entretanto o tempo passa e nasce um filho a Ea, Marduc (a tradição assíria atribuirá ao seu deus Assur tudo que a tradição babilônica refere a Marduc); desde o nascimento esse deus é um prodígio: “O sábio dos sábios, o mais sábio dos deuses; no seio do abismo nasceu Marduc; sua estatura era esplêndida, brilhante o fulgor dos seus olhos; seu nascimento foi o de um macho, ele fecundou desde o início... têm quatro olhos e quatro orelhas...”¹⁰

Teria essa descrição de Marduc uma leve semelhança com a descrição do Filho de Yahweh em Apocalipse? (1:13-16; 2:18; 19:11-15). Jesus também é chamado de “Sabedoria de Deus” (Pv 8:22-36= Mt 23:34→Lc 11:49; ICo 1:21-24 e 30; 2:7-8) enquanto que Marduc é chamado de “O sábio dos sábios, o mais sábio entre os deuses.” A descrição da narrativa babilônica prossegue, entrando em tramas ainda mais intensas de combates e disputas:

Durante os preparativos de Tiamat, Marduc cresceu; os deuses declaram-se impotentes para dominar Tiamat, inclusive Anu e Ea, cujos sortilégios haviam dominado Apsu. Todos os deuses, então, salvo Tiamat e o exército de Quingu, investem contra Tiamat; reúnem-se para organizar a defesa, num banquete, onde bebem para ganhar coragem. “O vinho suculento dissipa seus temores, seu coração se dilata, falam em altas vozes...”¹¹

Que deuses covardes, não é mesmo? Que para se enfrentarem e lutarem precisam beber tais quais os homens! Fica aqui bem nítido o reflexo das próprias fraquezas humanas na concepção desses mitos babilônicos. Vejamos como continua essa trama:

Propõem, finalmente que Marduc se apresente como campeão dos deuses; ele consente, mas, tão prudente como o pai, estabelece condições; terá autoridade sobre os demais deuses e ninguém poderá ir ao encontro das suas decisões; os deuses consentem e cada um lhe dá a arma que fazia a sua força e, para lhe provar o poder, surge a prova da veste:¹²

E aqui entra na narrativa o Poema da Criação babilônico de Marduc propriamente dito:

“Entãos os deuses puseram uma veste no meio deles
E a Marduc, o primeiro nascido, dizem:
‘Ordena que seja destruído ou criado, e assim será feito.
Abre a boca: a veste será destruída;
Dá nova ordem e a veste se encontrará intacta.’
Marduc, então, falou, e a veste foi destruída.
Falou de novo, e a veste se reformou.”¹³

Essa parte nos parece mística, mas não passa despercebido o poder de Marduc ao dar ordens análogas ao poder de Jesus Cristo que é chamado o Verbo de Deus, ou Palavra de Deus (Jo 1:1-3; Ap 19:11-16). Vejamos agora como é estabelecido o domínio da primeira tríade babilônica na continuação desta saga que assim chegou até nós:

A seguir Marduc prepara suas armas, os quatro ventos, o raio, o furacão, e o combate começa; as armas mágicas de Tiamat não funcionam a contento e Marduc lança sobre ela uma rede; Tiamat abre a boca para vomitar chamas e Marduc se aproveita para nela precipitar um dos quatro ventos e fura o corpo estufado do monstro; sobre o cadáver Marduc canta um hino de vitória; corta o corpo em duas partes, como o do peixe fechado (isto é, a ostra), e de uma faz o firmamento e de outra a terra; no firmamento estabelece o domínio dos deuses da primeira tríade. Quingu, que fora preso, cede as tabuinhas do destino, que estavam com ele.¹⁴

Aqui podemos indicar, mesmo que sem sequência lógica no relato bíblico, alguns elementos que nas Escrituras cristãs aparecem em partes variadas, como o poder de Deus sobre os quatro ventos (Ap 7:1-3), os raios (Sl 18:13 e 14; 144:5 e 6; Jó 38:35; Hc 3:3 e 4), o hino de vitória (Ap 15:2-4; 19:1-9) etc.

Vejamos como o *Dicionário das Mitologias Europeias e Orientais* (p.123, 1973) conclui sua análise sobre o Poema da Criação da literatura babilônica:

A parte seguinte está mutilada; sob pretexto de descrever a organização de Marduc, o poema refere os conhecimentos astronômicos da época. Depois a narrativa segue seu curso e Marduc propõe criar um ser que se chamará “homem”; ele lhe imporá o serviço dos deuses “enquanto eles repousam”; mas a criação do homem exige sangue, e Quingu é sacrificado; depois Marduc separa os deuses em dois colégios, os deuses do céu e os do mundo subterrâneo. Reconhecidos, os deuses lhe oferecem o Esagil, templo da Babilônia e cada um, em lhe dando seu nome, lhe outorga um título.

Esse poema era recitado na festa mais importante de Babilônia, o Dia do Ano Novo.

Só aqui aparece o relato da criação do homem, mas, sem muitos detalhes. No entanto, um detalhe é curioso: enquanto que o pecado do homem resultou no derramamento do sangue do Filho de Deus para o redimir (recriar), na “criação” babilônica é a própria formação inicial do homem que demandou o derramamento de sangue, sem uma explicação convincente.

Analisando essa descrição da criação, segundo a crença da Babilônia, muitos críticos admitem que o relato hebreu é uma mera cópia do babilônico, visto ser este mais antigo segundo a datação arqueológica.¹⁵ Seria isso verdade? Ou esse e outros tantos relatos são tentativas de suplantar o mistério sobre Deus e a verdade de sua unicidade e não trindade?

O que muitos críticos ignoram (ou talvez tentem ocultar) é o fato de que antes da Bíblia ser escrita houve uma fase de pré formação, antes dos relatos escritos, quando seus relatos foram passando de geração em geração através da transmissão oral:

Percorrendo o período desde o Êxodo até o exílio, percebemos que na história do Israel antigo surgiram textos (orais ou escritos) que testemunham a compreensão que o povo e seus “expoentes proféticos” tinham daquilo que “Deus fazia com eles”. A esses textos, anteriores à composição efetiva dos livros bíblicos, podemos chamar “a Bíblia antes da Bíblia”. Os livros bíblicos não caíram do céu. São condensações de uma vivência histórica e de uma consciência que foi se formando e se expressando bem antes de ser cristalizada em forma de livro.

Já antes de Moisés, os “filhos de Israel”, nas estepes da Síria e da Palestina, e os “hebreus”, no Egito, tinham seus *textos não escritos*: fórmulas rituais para expressar sua relação com a divindade, mitos ou narrações para estruturar o universo cultural e cultural, sagas, lendas, poesias etc. Podemos imaginar que todo esse “saber” se transmitia declamado, ao anoitecer, em volta da fogueira do acampamento, por ocasião das festas ou na iniciação dos jovens.¹⁶

Saber que a Bíblia foi formada dessa maneira nos ajuda a entender que mesmo seu conteúdo apresentando semelhanças com

as lendas e mitos sumerianos e babilônicos (que podem ser mais antigos) não significa necessariamente que ela seja uma mera cópia deles, pelo contrário, o que podemos inferir é que os mitos semíticos são uma tentativa de suplantar o conhecimento do Deus único por novas concepções de mistérios trinitários.

Fato esse evidenciado pela forma como esses conceitos foram espalhados pelo mundo quando Deus frustrou os planos da construção da torre de Babel, como já dissemos anteriormente. Isso fez com que a “evangelização” trinitária acontecesse ao redor do mundo e a verdade sobre Deus fosse suplantada.

Outra civilização antiga que manifestou essa influência em suas concepções teológicas foram os egípcios. Também já falamos sobre eles no capítulo anterior, mas aqui traremos novas citações para reforçar o que já dissemos anteriormente.

A religião egípcia é composta por uma fé mística com uma pluralidade de deuses e mistérios os mais variados possíveis. Essa abundância de mistérios, por si só, é um fator preponderante para despertar o interesse em muitos pesquisadores mundo afora para desvendar os mitos dessa civilização antiga e conhecer o que for possível sobre seus costumes, dinastias, ciências e religiosidade.

Um desses estudos demonstra claramente esse frequente agrupamento de três deuses no panteão egípcio, revelando que mesmo sem aparecer a palavra “tríade” nos achados arqueológicos egípcios, a ideia aparece de forma bem persistente:

Osíris, Isis e Hórus (Abidos), Ptah, Sekhmet e Nefertum (Mênfis), Amon, Mut e Khonsu (Karnak), Khnum, Satet e Anuket (Elefantina), Khepri-Ré-Atum (Heliópolis); Ptah-Sokaris-Osiris (Mênfis), Hathor, Hórus e Ihy (Dendera), Hórus, Hathor e Harsomtut (Edfu), são alguns dos casos mais conhecidos.¹⁷

Não entraremos aqui nos pormenores de cada deus e de como eles surgem e se agrupam no panteão do Egito. O que queremos mostrar, como também o fizemos em alguma medida no capítulo anterior, é que essa peculiaridade não deve ser vista como

algo casual. Existiu uma intenção muito bem fundamentada por trás de tudo isso, que se não podemos provar podemos apenas ler nas entrelinhas dessa antiga e renomada cultura. Por que o padrão era grupos de três e não poderia variar tendo grupos de 4, 5 etc.? Fica a pergunta provocativa para nossa reflexão.

A teologia é um campo de estudo muito mais antigo do que se pensa. O estudo sobre Deus não é uma “dádiva” confiada apenas a cristãos e mais especificamente a homens que passam quatro anos em bancos acadêmicos. O autor Siegfried MORENS em seu livro *Egyptian Religion (Religião Egípcia)*, pp.254 e 257, 1992) disse o seguinte a respeito das concepções de teólogos muito mais antigos que os cristãos:

A Trindade era uma das principais preocupações dos teólogos egípcios. [...] Três deuses são combinados e tratados como um único ser, abordados no singular. Deste modo, a força espiritual da religião egípcia mostra ter um vínculo direto com a teologia cristã. Para evitar qualquer mal-entendido bruto, devemos ao mesmo tempo enfatizar que a substância da Trindade cristã é claro bíblica: Pai, Filho e Espírito Santo. Os três são mencionados ao lado do outro no Novo Testamento, provavelmente por razões litúrgicas.

Apesar de concordar que a Trindade cristã é bíblica, o autor declara que eles (Pai, Filho e Espírito Santo) são mencionados um ao lado do outro por razões litúrgicas, ou seja, a liturgia católica influenciou essa citação trinitária na Bíblia. De fato, é o que confessa a Bíblia de Jerusalém em sua nota de rodapé sobre o texto de Mateus 28:19 (Como vimos no capítulo 4).

O que estaria por trás da intenção dos teólogos egípcios em estruturar suas divindades em modelos triúnos? Existiria alguma ligação dessa atitude com a mesma observada na mitologia suméria e babilônica? São perguntas que instigam pelo menos a fazer uma pesquisa mais apurada para observarmos melhor as correlações entre essas antigas civilizações. De fato, é o que

continuaremos fazendo não só a respeito dessas, mas também de outras civilizações e religiões ao longo desse capítulo.

Falando sobre essas correlações entre Suméria, Babilônia e Egito o Dr. Diop fornece importante indício em sua obra *A Origem Africana da Civilização: mito ou realidade?* Descrevendo a forma como os sabeus se desenvolveram, e sobre uma ramificação desse povo em particular, ele diz o seguinte:

Os Jectanidas [Jectanides], “que, na época de sua chegada, eram ainda um pouco mais do que bárbaros”, não introduziram nada além de um sistema de tribos pastorais e feudalismo militar (cf. Lenormant, p. 385). A religião era de origem Kushita e parecia emanar diretamente do culto Babilônico. Ele permaneceria o mesmo até o advento do Islã. Os deuses Sabeus [Sabaeans gods] eram praticamente os mesmos que os deuses Babilônicos e todos pertenciam à mesma família Kushita de divindades Egípcias e Fenícias. ... A única Tríade reverenciada era: Vênus-Sol-Lua, como na Babilônia. O culto tinha um pronunciado caráter sideral, especialmente solar: eles oravam para o sol nas diferentes fases do seu curso. Não havia nem idolatria, nem imagens, nem sacerdócio.¹⁸

Para que o leitor entenda, esse povo primitivo, os sabeus, que também são citados na Bíblia (Jó 1:15; Joel 3:8; Is 45:14) são indicados pelo Dr. Diop como cultuando os mesmos deuses que os babilônios, egípcios e fenícios. Mesmo embora não possuindo muitas tríades, como no Egito, todos esses povos possuíam praticamente os mesmos deuses.

No caso específico citado acima, os Jectânidas não cultuavam imagens nem possuíam sacerdócio, mas já praticavam uma espécie de culto trinitário (Vênus-Sol-Lua), podendo essa ser uma das formas mais primitivas de adoração triúnica.

Os fenícios também foram um povo que assim como os babilônios e egípcios aparecem como coadjuvantes no cenário bíblico (Mc 7:26; At 11:19; 15:3; 21:2). Assim como na citação anterior os fenícios aparecem em associação com babilônios e egípcios em suas adorações trinitárias. Na próxima citação do Dr.

Diop os mesmos fenícios aparecem como adeptos de divindades ainda mais claramente declaradas como uma Trindade:

A cosmogonia fenícia é revelada em fragmentos de Sanconíaton [Sanchoniaton], traduzidos por Filo de Biblos [Philo of Byblos] e relatado por Eusébio. De acordo com esses textos, no início havia incriada, caótica matéria, em desordem perpétua (Bohu); A Respiração [Breath] (Rouah) pairava sobre o Caos. A união desses dois princípios foi chamada Chephets, Desejo, que está na origem de toda criação.

O que nos impressiona aqui é a semelhança entre essa Trindade cósmica e aquela encontrada no Egito, conforme relatado por Amélineau em seus *Prolégomènes*: Na cosmogonia Egípcia também, no início havia caótica, incriada matéria, o primitivo Nun (cf. Nen = nada, em Wolof). Esta matéria primitiva continha, sob a forma de princípios, todos os seres possíveis. Ele também continha o deus desenvolvimento potencial, Khepru. Assim que o nada primitivo criou Ra, o demiurgo, o seu papel terminou. Daí em diante a linha seria ininterrupta até o advento de Osíris, Isis e Horus, antepassados dos Egípcios. A Trindade primitiva, então, mudou-se a partir da escala do universo para aquela do homem, assim como o fez mais tarde no Cristianismo.¹⁹

Essas informações não assustam muitos teólogos cristãos, pois eles afirmam, como eu já ouvi, e o leitor pode perguntar a alguns deles (tantos quantos conseguir), que o diabo criou muitas “trindades” falsas, mas a do cristianismo é verdadeira. Sobre isso vamos refletir melhor até o fim desse capítulo quando abordarei o desenvolvimento da doutrina cristã da Trindade. No sétimo e último capítulo poderemos também estudar juntos muitos textos bíblicos para analisar a doutrina da Trindade à luz da Bíblia.

Continuando a importante e pontual análise das tríades egípcias, podemos encontrar uma interessante definição no *Dicionário de Mitologia* (SPALDING; pp.82-83, 1973) que nos ajuda a entender a formação dessas tríades:

TRÍADE – Agrupamento secundário de um esquema invariável (pai, mãe e filho) de uma divindade de determinada cidade; os elementos da Tríade, em geral, anteriormente, existiam separa-

O mistério da Trindade na história antiga e recente

dos. Em Tebas havia a Tríade composta por Ámon, Mut e Consu, em Mênfis a de Ptá, Secmet e Nefértum, e em Edfu a de Horo, Hator e Harsomtus...

Sobre esse detalhe outro autor vai mais além, dizendo que mitos como o de Osíris e sua “sagrada família” perduraram até o império romano.²⁰ Seria daí a “divinização” da “sagrada família” cristã (Jesus, Maria e José)? Ou mesmo de Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo? É uma hipótese a ser considerada. Que José e Maria não são divinos é algo bem notório nas Escrituras, que nunca os apontaram como tal. Já sobre o dogma trinitário vamos discorrer mais à frente.

Outra tríade egípcia, na 18ª dinastia, era composta por uma “família” não menos usual, pois sua composição era de um antigo deus do qual pouco se sabia, Aten, e um casal real, Akhenaten e Nefertiti. Essa nova religião egípcia tentou associar Akhenaten e Aten como ambos sendo imortais, e com um rei vivo (Akhenaten) renascendo todos os dias com o sol e sendo um com Aten e o cosmos. No entanto a população egípcia não aceitou muito bem essa nova religião.²¹

É possível que muitos até zombassem dessa tríade com um deus antigo e desconhecido (Aten) em associação com um casal real no trono egípcio. O rei Akhenaten começou a colocar o deus Aten em evidência excessiva e evitar ou mesmo anular os outros deuses do Egito que o povo cultuava a milênios:

Aparentemente, mesmo aqueles que acompanhavam Akhenaten para a cidade de Akhetaten não seguiam os seus ensinamentos completamente. Escavações de residências privadas encontraram amuletos e outras imagens do panteão tradicional. Estes achados indicam que as pessoas, ao menos em particular, retinham crenças tradicionais. Efetivamente, talvez algumas delas até mesmo se rissem da “família divina”, pois os arqueólogos encontraram grupos de estatuetas de macacos que pareciam satirizar as representações das atividades pessoais de Akhenaten e sua família, que dominavam a iconografia oficial.²²

Como vimos, problemas com instituições de novos conceitos de divindades não é um problema apenas das religiões do último milênio. Isso ocorreu até na época dos Faraós.

As tríades mais ortodoxas do Egito, prestigiadas e adoradas de forma mais abrangente por essa civilização primitiva eram compostas por famílias mais místicas e que refletissem os conceitos familiares de pai-mãe-filho. A citação abaixo nos dá esse vislumbre de forma bem direta:

Essas famílias divinas correspondiam aos agrupamentos sociais mais simples: o deus pai, a deusa mãe e o deus filho. É a tríade. A tríade de Menfis compreendia Ptá, o deus principal, Secmet, a deusa com cabeça de leoa e Nefértum o jovem deus que trazia na cabeça a flor de lótus. A tríade tebana, por sua vez, compunha-se de Ámon, Mut e o filho, Conso.²³

Essa última tríade, porém, não era convencional, mas uma espécie de tríade arranjada, com os teólogos egípcios formando uma família trinitária à sua própria maneira:

Ámon não tinha mitologia própria. Criaram-lhe, então, uma tríade: Mut (“Mãe”) tornou-se sua esposa e como filho lhe deram o deus Consu (ou Conso), que comumente é apresentado como deus lunar.²⁴

Notamos, portanto, que a questão nem era se aquelas famílias trinitárias egípcias eram reais ou fictícias, com pessoas mortas ou vivas, o que eles precisavam era agrupá-las em trios para perpetuar no maior império de então o conceito de adoração politeísta e triúnica.

Nas milenar cultura oriental também é possível perceber o desejo de cultuar divindades triúnas. Nas remotas montanhas do Himalaia (Nepal de hoje) nos séculos VI e V a.C.²⁵, um certo Sidarta Gautama, que depois veio a se autodenominar Buda deu origem a uma filosofia que perdura até os nossos dias.

O que poucos sabem, porém, são quais influências o conduziram até a criação do budismo. Sobre isso o Dr. Diop citando outros autores nos diz o seguinte:

Parece que Buda era um sacerdote Egípcio, afugentado de Memphis pelas perseguições de Cambises. Esta tradição justificaria o retrato de Buda com cabelo lanoso [woolly hair]. Documentos históricos não invalidam esta tradição. “Koempfer, em sua *Histoire du Japon* [História do Japão], alega que o Saçya Buda da Índia era um sacerdote de Memphis, que fugiu do Egito quando Cambises o invadiu. ... Koempfer queria reduzir tudo a uma ideia dominante: A difusão de doutrinas Egípcias na Ásia por sacerdotes de Tebas ou Memphis exilados por Cambises ou fugindo de sua perseguição. Um autor moderno obteve os mesmos resultados por outro caminho. William Ward, que publicou há alguns anos uma vasta compilação de vários documentos sobre a religião, história e literatura Hindus, baseado em extratos de livros em Sânscrito, incluindo um relato biográfico de Buda, estabelecendo que ele não poderia ter aparecido até o sexto século a.C. . . . Buda recebe o sobrenome Goulama [ou Gautama], que é aquele da raça usurpadora.” (M. de Marlès, *Histoire Générale de l’Inde* [História Geral da Índia]. Paris, 1928, I, 470-472.)²⁶

Essa provável ligação de Buda com as doutrinas egípcias é um indício importante para entendermos esse imenso e complexo quebra-cabeças trinitário ao redor do mundo. Muito mais nítido isso ainda fica quando vemos outra citação:

Agora deve-se observar que na versão que acabamos de apresentar sobre a tentação do Buda, o Antagonista representa as três primeiras finalidades (o assim chamado *trivarga*: “agregado de três”); pois em sua caracterização como Senhor Desejo ele personifica a primeira; como Senhor Morte, a força agressiva da segunda; enquanto em sua intimação ao sábio meditativo a levantar-se e retornar aos deveres de sua posição na sociedade, ele promove a terceira. E, na verdade, como uma manifestação daquele Si-Próprio que não apenas criou, mas sustenta permanentemente o universo, ele é a própria encarnação dessas finalidades. Pois elas, de fato, suportam o mundo. E na maioria

dos ritos de todas as religiões, esse deus, digamos, trino e uno, é o único e exclusivo deus adorado.²⁷

Tudo isso se torna ainda mais compreensível quando se estuda *A Doutrina de Buda* (SIDDHARTA GAUTAMA, 2003) como fiz para escrever com conhecimento de causa. No compilado existem vários modelos conceituais com conjuntos de 4, 5, 6, 7 ou mais ensinamentos, princípios etc. No entanto, o que mais chama a atenção são os vários elementos trinos que predominam na obra. A começar pelo próprio corpo amorfo de Buda que é composto por três aspectos: “o da Essência, ou Dharma-Kaya, o da Recompensa ou Sambhoga-Kaya e o aspecto da Manifestação ou Nirmana-Kaya.” (GAUTAMA, pp.31-32, 2003).

Não parasse nessa direta similaridade com o deus triúno encontrado nas mais primitivas religiões anteriores ao budismo, descobrimos nessa doutrina oriental uma série de icônicas similitudes com o evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo.

Veja por exemplo essa: “Embora Buda tenha três aspectos, Sua intenção e propósito tem um único objetivo: salvar todos os homens.” (GAUTAMA, p.33, 2003). Buda como salvador da humanidade é uma premissa largamente repetida em *A Doutrina de Buda* (Ibid., pp.29, 30, 33, 36, 37, 77 e 119). *Salvador* esse que aparece em torno de cinco séculos antes do Salvador que veio dos judeus (Mateus 1:21; Lucas 2:11; João 3:16; 4:22-26 etc.).

Buda não é o único *Salvador* que apareceu antes de Jesus de Nazaré. Muitos outros que assumiram esse título ou a eles forado, aparecem na história (ou estória) com o status de salvador: Hórus do Egito (3.100 a.C), Mithra da Pércia (2.000 a.C), Krishna da Índia (3.000 a.C.) e Osíris novamente do Egito (3.100 a.C.).²⁸

Como explicar essa abundância de *salvadores*? Qual deles é o verdadeiro? Ou todos são manifestações do mesmo Salvador? Essas questões dão um verdadeiro nó na mente de muitas pessoas que são capazes até mesmo de renunciar suas crenças e se tornar atéias. No entanto, tudo isso é muito fácil de ser entendido quando nos lembramos que Satanás (a antiga serpente citada em Apoc.

12:9) ficou sabendo do plano para salvar a humanidade desde a queda de Adão e Eva (Gênesis 3:1-15), ou seja, no início da origem humana. Seria difícil para o arquienganador antecipar a vinda do Salvador verdadeiro e criar vários protótipos como os visto acima? Ou seria uma acusação leviana ao grande acusador?

Não foi difícil Satanás criar os “salvadores” falsificados, tanto que as contrafações foram criadas, porém, nenhuma delas dividiu a história da humanidade como o Salvador hebreu.

Voltando a mencionar o protótipo de salvador, o “iluminado” (Buda), em sua doutrina são mencionadas persistentes e repetitivas manifestações tripartites, tais como: a tríade da *cobiça*, *ira* e *tolice*, denominadas *os três fogos do mundo* (GAUTAMA, p.66, 2003). Os três tipos de homens que existem no mundo (Ibid., p.69). As três ocasiões de perigo (Ibid., p.71). Os três mensageiros do céu (Ibid., pp.71-72). As três jóias (Ibid., pp.96, 118, 119, 132, 133, 152 e 163). As três setas venenosas (Ibid., p.97). Os três caminhos da prática (Ibid., p.111). Os três aspectos da fé (Ibid., p.120). As três espécies de organizações (Ibid., p.155). E a última que cito, mas não a última existente na doutrina budista, a Triptaka – as três seções da Escritura budista (Ibid., p.174 e 189).

Por que essa tara pelo número três? Seria de fato uma reverberação dos conceitos triúnos egípcios? Não duvido e também não comprovo, mas enxergo uma repetição de padrões na linha do tempo histórica se perpetuando nessa doutrina oriental.

O que mais assusta é o fato da própria doutrina budista deixar evidências de sua origem satânica, como pode ser visto nesta afirmação direta e pavorosa:

4. Buda nem sempre se manifesta como um Buda. Às vezes se manifesta como um demônio; às vezes como uma mulher, um deus, um rei ou um estadista; aparece também em um bordel ou numa casa de jogo.

Numa epidemia, Ele se manifesta como um médico salvador; numa guerra, Ele prega clemência; para aqueles que acreditam na perenidade das coisas, Ele prega a transitoriedade e incerteza; para aqueles que são orgulhosos e egoístas, Ele prega a humil-

dade e abnegação; àqueles que estão emaranhados nas tramas dos prazeres mundanos, Ele revela a miséria do mundo.

Em todos os acontecimentos e ocasiões, Buda manifesta a pura essência do Dharma-Kaya (a natureza absoluta de Buda); sendo assim, sua mercê e Compaixão fluem perenemente deste Dharma-Kaya, proporcionando salvação à humanidade.²⁹

Esse tipo de *salvador* é mesmo bem misterioso e camaleônico, bem mais semelhante ao mestre do disfarce (2 Cor. 11:14; Apoc. 12:9) do que ao autêntico Salvador que nunca agiu sob o disfarce de outros personagens, ocultamente (João 18:19-21).

Outras manifestações triúnicas na cultura oriental podem ser encontradas na milenar cultura chinesa. Vejamos essa definição peculiar de uma tríade chinesa:

SAN-CHING – Tríade taoísta dos Três Únicos Puros, que habitavam em três céus: Yu Ching, Azul de Pérola; Shang Ching, o Azul mais elevado; Tai Ching, o Supremo Azul. O primeiro é o original Yuan-shih Tien-tzun ou Yu Huang, o “Prêmio Celestial”; o segundo é Ling-pao Tien-tsun ou Tao, o “Prêmio Místico”; o terceiro é Lao-tsze, o “Prêmio Espiritual”. Todos os três são considerados manifestações de Lao-tsze ou emanações de Buda, o passado, o presente e o futuro. No último caso Yuan é passado, o imperador de Jade é o segundo, o que agora reina, e aquele que há de vir é chamado Kin-Kue Yu-chen Tien-tsun, o “Alvorecer de Jade do Portão de Ouro”.³⁰

Em outra parte, no mesmo dicionário o principal deus dessa trindade chinesa citada acima é descrito como sendo “YUAN-SHIH TIEN-TSUM – Nome do mais alto princípio do céu, a primeira fonte de Verdade e Céu ele próprio. Era o primeiro da trindade ou tríade taoísta.”³¹

Nota-se, portanto, que o taoísmo³², religião milenar chinesa, também tem sua própria trindade, à semelhança do budismo e de tantas outras religiões que já vimos e que ainda veremos nas páginas seguintes.

Na cultura nipônica o padrão trinitário se repete com “... as três divindades que ocupam o primeiro lugar na mitologia do

Japão, os *Kami* superiores: do olho esquerdo a deusa solar Amaterasu; do olho direito a deusa lunar e do nariz o deus Susanô.”³³ como brevemente mencionei no capítulo anterior.

Portanto Amaterasu (Sol), Tsukiyomi (Lua) e Susanoo (tempestade)³⁴ são as principais divindades do Xintoísmo, dentre outras. Na ilha do sol nascente essa religião, sem escrituras sagradas oficiais ou dogmas, se desenvolveu de forma sincrética com o budismo, ou diríamos que foi precisamente o contrário:

Origens. A tradição religiosa do Xintoísmo formou-se no período anterior ao budismo, que ganhou força no Japão no século VI. A partir de então, contatos entre o xintoísmo e o budismo modificaram ambas as religiões. Os budistas adotaram divindades dos xintoístas, e estes, que consideravam seus deuses espíritos invisíveis e sem formas precisas, aprenderam com o budismo a erigir imagens e templos votivos. Houve quem proclamasse que as duas religiões eram manifestações diferentes da mesma verdade, o que originou uma tendência sincretista.³⁴

Como vimos, o Xintoísmo é mais antigo que o Budismo, e o sincretismo entre essas duas religiões do extremo oriente mostram as características politeístas e triteísta observadas em religiões africanas (Egito antigo etc.) e do médio oriente (Suméria, Babilônia etc.).

No Taoísmo, outra antiga religião chinesa, há uma importante obra contendo 81 poemas com muita sabedoria oriental até aproveitável. Um desses poemas é uma espécie de elaboração trinitária da Divindade. A obra em questão é o *Tao Te Ching: o livro que revela Deus*, de LAO-TSÉ (p.109, 2003), que no 42º poema diz o seguinte:

De Tao veio o Um.
Do Um veio o Dois.
Do Dois veio o Três.
E o Três gerou os muitos.
Toda a vida surgiu da Treva
E demanda a Luz.
A essência da vida engendra

A suplantação do mistério

A harmonia das duas forças.
Nenhum homem quer ser solitário,
Abandonado e insignificante.
Reis e príncipes se dizem ser assim
Porque sabem do mistério:
Que o inconspícuo será exaltado
E o importante decairá.
Por isso ensino também eu
O que outros ensinavam:
Quem age egoicamente
Está morto
Antes de morrer.
É este o ponto de partida da minha filosofia.

Lao-Tsé parece indicar que o *Tao* (o Absoluto, o Infinito) é composto por três, um surgindo do outro, sendo o terceiro o que “gerou a muitos”. Em outro poema (Poema 4, p.35, 2003) Lao-Tsé declara que “... *Tao é a fonte do profundo silêncio [...] Ninguém lhe conhece a origem, mas é o gerador de todos os deuses.*” Segundo esses versos de sua obra, juntamente com os anteriores, podemos observar que, em sua filosofia, politeísmo e triteísmo são conceitos perfeitamente harmônicos.

Outra grande e populosa nação com vasta e pluralística mitologia é a Índia. Seu rico panteão não consiste apenas de divindades animais, à semelhança do Egito antigo, mas também de seres com aparência humana e o frequente padrão trinitário:

TRIMÚRTI

Mas a Índia conhece, também, um deus *peçoal*, Ishvara. Esse deus *peçoal* tem como função estabelecer contato entre a alma humana e o absoluto; é uma espécie de intermediário ou mediador. Sua personalidade é essencialmente filosófica, a partir do postulado de que o *Absoluto não pode manter relações com a natureza da alma humana*. A arte e as Escrituras o representam como uma Trindade, a Trimúrti, conjunto de três rostos numa só cabeça: Brama, Vixenu e Xiva; correspondem, respectivamente, à tríplice ação de criar, conservar e destruir. Esses três aspectos de uma mesma divindade, que na verdade são três deuses, pois Ishvara desaparece, são fundamentais no mundo hindu, onde uma

não pode subsistir sem a outra: a germinação *cria* a árvore, *destrói* a semente e *conserva* a espécie. O marceneiro *cria* a mesa, *destrói* a árvore e *conserva* a mandeira.³⁵

A religião hindu não fica de fora quando o assunto é Trindade, como vimos nessa citação. Nela, o protótipo de salvador (Krishna) não é componente da Trimúrti (Trindade) de Brama, Vixenu e Xiva. Pelo menos não nessa configuração, pois no Hinduísmo Krishna³⁶ é considerado a 8ª encarnação de Vishnu.

Na mais célebre obra védica, o poema *Bhagavad Gita*, KRISHNA (p.33, v.22, 2006) inicia uma série de manifestações tríplexes, primeiro em seu universo, depois cita os três atributos da natureza (p.34, v.27; p.59, v.13, 2006); mais adiante KRISHNA (p.69, v.17, 2006) se identifica de forma tríplex com a sílaba sagrada dos vedas: “Eu sou o pai e a mãe de todos; eu sou o que gera e o que sustenta, a meta da sabedoria e a purificação; eu sou o sacro AUM, o Rig, o Sama e o Yajur-Veda.”

As manifestações tríplexes não param por aí. Na *Bhagavad Gita*, KRISHNA (p.70, v.20, 2006) menciona os ritos dos três Vedas³⁷, depois afirma que da sua “onipotência brotou a multidão dos deuses.” (KRISHNA, p.74, v.2, 2006). No capítulo 10, verso 38, KRISHNA (p.78, 2006) afirma de forma contundente e direta: “Eu sou Deus em tudo, a força dos fortes, a beleza dos belos, a astúcia dos astutos, o saber da inteligência dos sábios; sou o silêncio, onde habita o mistério de Deus.”

De fato, os mistérios hindus na manifestação de Krishna não são apenas silenciosos, quanto ao que ele não revela, como reveladores, quanto à sua composição trinitária.

No capítulo 15 (v.5) aparecem “Sattva, iluminação; Rajas, atividade; e Tamas, passividade – são os três poderes que nascem da Natureza e prendem o espírito infinito a este mundo finito.” (p.100, 2006), mostrando mais uma faceta trinitária nesse mito.

Mais adiante na obra *Bhagavad Gita*, KRISHNA (p.106, v.17, 2006) se identifica assim: “Eu sou para além dos mortais e dos imortalizados, eu, a suprema Divindade, a Essência dos três

mundos.” Depois, KRISHNA (p.110, v.21, 2006) afirma que o portal que leva aos inferos é tríplice (luxúria, ira e cobiça). Tríplice, também, segundo KRISHNA (p.112, v.2, 2006) é o motivo de agir do homem: “a atitude da *verdade*, a atitude do *desejo* e a atitude obscura da *ignorância*.”

KRISHNA (p.113, vs.16 e 17, 2006) também ensina que é tríplice o modo de agir da verdadeira disciplina; que é tríplice a manifestação da renúncia (p.116, vs. 4 e 5, 2006); fala de três categorias que são os frutos da vida futura (p.117, v. 12, 2006); que “o conhecimento, o cognoscível e o cognoscente, esses três conjuntamente inspiram a vontade de agir.” (p.118, v. 18, 2006); e também fala sobre a tríplice felicidade (p.120, v. 36, 2006).

Finalmente no glossário da obra *Bhagavad Gita* traduzida e comentada por Huberto Rohden (KRISHNA, p.136, 2006) aparece o significado de OM TAT SAT, “as três sílabas transcendentais usadas pelos brâhmanes para a satisfação do Supremo...”; do PRANAYAMA, “Controle, disciplina e domínio da respiração em três momentos ou etapas...” (pp.136-137, 2006); e os três atributos do Absoluto ou Brahman: “Sat (ser), Chit (sabedoria suprema) e Ananda (felicidade sublime).” (p.138, 2006).

Apesar da clara manifestação historiográfica dos mistérios trinitários hindus serem declaradas em datas anteriores à Cristo, CAMPBELL (p.155, 1994) descrevendo as mitologias orientais coloca a descrição desse mito indiano em data posterior ao Nazareno; se não os mistérios trinitários, pelo menos o fato de Siva, assumindo uma identidade de deus destruidor de três olhos:

A ioga e o princípio do ciclo já eram, então, aparentemente, características de um sistema anterior do Indo. Entretanto, o tema dos profetas védicos cantores de salmos, pertence ao lado védico da figura apresentada nesse mito, e a ideia de uma trindade de deuses, compreendendo Brahma, como criador da ilusão do mundo, Visnu, seu mantenedor, e Siva com três olhos, o mestre da ioga, como destruidor da ilusão do mundo, é uma concepção tardia, que não aparece na arte e mito da Índia até 400 d.C.

Não ficou claro no texto se o que apareceu no mito da Índia até 400 d.C. foi o deus Siva, terceiro da trindade hindu, como um destruidor de ilusões, ou se toda a trindade propriamente dita. Independentemente de qualquer coisa, se antes ou depois de Cristo, mesmo em uma cultura religiosa politeísta como a indiana, um modelo principal trinitário se destaca dentre todo o panteão, aliado à toda uma filosofia agrupada em conjuntos de três, como pode ser visto na obra poética *Bhagavad Gita*.

À semelhança do budismo, que como vimos admite a aparição de Buda até mesmo com o um demônio, no hinduísmo esse detalhe macabro também tem importância garantida nos mistérios védicos. Basta para isso ler, sem muito esforço para perceber, uma explicação que é dada sobre os asuras:

ASURAS – Para os hindus, a linha divisória entre os deuses e os demônios era muito imprecisa e pouco clara; os dois conceitos – deus e demônio – não se excluíam, mas sim, se completavam. Ainda hodiernamente perdura essa convicção. A tarefa essencial dos deuses é lutar contra os demônios, lutar eternamente e triunfar; mas não se trata de aniquilá-los ou eliminá-los ou fazê-los desaparecer para sempre: se os demônios desaparecessem, os deuses não teriam mais razão de ser – e o mundo poderia terminar.³⁸

Essa simbiose mítica entre deuses e demônios é tão normal para o hinduísmo que chega a ser comum pensar que o mal e o bem são a mesma coisa, ou apenas duas faces de uma mesma moeda, diferente do que ensina a cultura judaico-cristã que afirma que bem e mal, luz e trevas são totalmente antagônicos e heterogêneos (Deut. 3:15-20; Isaías 5:20; Amós 5:15; Mat. 6:22-23; 8:28-29; 3 João 1:5 e 11; Rom. 12:9; 3 João 1:11; Mat. 12:23-37).

Essa diferença é fundamental o bastante para entendermos que forças espirituais ocultas e disfarçadas se mesclaram à conceitos religiosos aparentemente benéficos para cativar adeptos nos mais variados mistérios religiosos, com o fim de perpetuar conceitos místicos que se mantêm até os nossos dias, mas que

estão longe da verdade cristalina e não adulterada que distingue o Deus verdadeiro dos demônios, o bem do mal, e a luz das trevas.

Ainda descrevendo a mitologia hindu e seus *asuras*, veja como seu sistema sacerdotal e de ensinamento é descrito:

O sumo sacerdote dos asuras (sacerdote oficiante), Ushanas (ou Shukra), goza de tal santidade, seu prestígio de santo é tão grande, que o sacerdote dos deuses, Brihaspati não hesita em lhe enviar o próprio filho a fim de que o demônio o instrua na devoção.³⁹

Levando-se em consideração a citação anterior, seria exagero dizer que os próprios demônios são os instrutores de conceitos trinitários, além dos politeístas, que são praticados no hinduísmo, budismo etc.? Ou o exagero é dizer que todas as *trindades* são demoníacas e somente a cristã que é correta? Se ainda não foram, espero que até ao fim da leitura essas dúvidas sejam dissipadas.

Pelo que vimos até agora podemos notar que a perpetuação dos conceitos trinitários se deveu muito mais pela cultura mitológica da maioria das civilizações em direta oposição à cultura judaica, que pelo menos na teoria deveria cultuar um único Ser como Deus (Jeová, Javé, Iahweh ou Yahweh). E quando isso não aconteceu, quando a idolatria e o politeísmo infectaram o culto judaico, isso foi duramente repreendido (Deut. 32:16-17; Isaías 1; Jeremias 7; Ezequiel 8 e 9; Miquéias 3; 1 Cor. 10:14-21 etc.).

Outro povo singular que se desenvolveu por toda a Europa e influenciou aquela região antes mesmo do império romano foram os celtas. Estima-se que por volta de dois mil anos antes do cristianismo eles subjulgaram todos os povos que habitavam a velha Europa e fizeram com que sua cultura e crenças predominassem ali de forma abrangente.⁴⁰

Estudar a mitologia dos celtas não é tarefa fácil, pois não é simples determinar tempo e região específicos de sua influência e

atuação.⁴¹ A alguns historiadores parece que o habitat primitivo dos celtas foi o sul da Alemanha ocidental, migrando para o arquipélago britânico desde a idade do bronze.⁴²

As regiões onde hoje estão Áustria, Tchecoslováquia, França, Alemanha e Suíça foram ocupadas pelos celtas por volta do século VIII a.C., que também ocuparam Roma por um tempo a partir de 390 a.C.⁴³ Em menos de cem anos após a invasão da capital italiana, os celtas também dominaram as regiões que hoje conhecemos como Bulgária, Hungria, Romênia, Grécia, Turquia, Portugal, Espanha e Ilhas Britânicas. No entanto, os romanos os derrotaram em quase todas essas regiões entre 58 e 52 a.C. restando derrotá-los nas Ilhas Britânicas, o que aconteceu em torno de dez anos mais tarde.⁴⁴

Todo esse contexto histórico é importante para entendermos a abrangência desse povo que não se limitava em apenas uma região específica, mas buscava, sempre expandir suas conquistas e conseqüentemente, como podemos deduzir, expandia também suas crenças e costumes onde quer que se instalassem.

Sobre eles e seus mitos também podemos rastrear de forma nítida conceitos que mais tarde influenciariam o próprio cristianismo. Um desses costumes são práticas relacionadas ao Natal como uso de guirlandas, árvores enfeitadas, o bolo de natal (panetone) os presentes etc.⁴⁵

Segundo a Enciclopédia Delta Universal (vol. 10, p.5608, 1991) as lendas envolvendo a árvore de Natal apontam a influência druida⁴⁶ e de um missionário inglês:

A Árvore de Natal. Há diversas lendas sobre a primeira árvore de Natal. Segundo a lenda, o costume começou com o missionário inglês Winfrid (mais tarde chamado de Bonifácio). Há cerca de 1200 anos, Bonifácio viajava pelo norte da Alemanha, quando encontrou um grupo de druidas perto de um carvalho (veja DRUIDA). Os druidas iam sacrificar o jovem príncipe Astolfo ao deus Thor, cuja árvore sagrada era o carvalho. Bonifácio interrompeu o sacrifício e derrubou a árvore. Imediatamente surgiu um pinheiro. Bonifácio disse que o pinheiro seria sua nova árvore

sagrada. Sua madeira seria utilizada na construção de casas e o pinheiro era a árvore da paz e de Cristo.

Ao que parece, nos evangelhos não encontramos nenhuma citação de Jesus Cristo à uma árvore que o representasse ou que fosse a árvore da paz. E ao atento observador essa lenda de Bonifácio é muito forçada para se crer que um único homem venceu sozinho um grupo de druidas acostumados a fazer sacrifícios humanos. Sem falar do crescimento instantâneo de um pinheiro em poucos segundos diante deles. O que encontramos na Bíblia é uma aberta condenação ao uso de árvores no culto.

Em algumas passagens bíblicas⁴⁷ vemos o Deus verdadeiro condenando abertamente a idolatria dos povos pagãos e dos próprios hebreus nos bosques e debaixo das árvores frondosas.

De fato, associar o nome de Cristo a uma árvore não é um costume pedido por Ele muito menos honesto da parte dos cristãos que pretendem adorá-lo. Pelo contrário, esse costume é ligado diretamente à idolatria em toda a Escritura Sagrada dos cristãos e apontado na própria literatura mitológica como tendo seu lugar no culto celta, sem falar de outros povos ainda mais primitivos:

ÁRVORES (CULTO DAS) – As árvores eram objeto de fervoroso culto por parte dos celtas; tinham veneração especial pelo carvalho; as árvores sagradas eram guardadas por fadas. *Lemovices*, *Ebuovices* (povos da Gália) significam “guerreiros colocados sob a proteção do olmeiro (irlandês *ibor*)”; Mac Cuill, “filho da aveleira” é o nome de um rei lendário da Irlanda e dum irlandês convertido por São Patrício; Mac Dara é “filho do carvalho”; Mac Culinn, “filha da urze”; Elogan, “rebento do teixo” ...

Como se vê, a dendolatria céltica assumiu caráter eminentemente prático: as árvores sagradas eram protetoras do povo.⁴⁸

Seria essa fixação por uso de árvores associadas ao culto pagão uma espécie de lembrança contínua do símbolo mais primitivo de onde se originou o pecado, a árvore da ciência do bem e do mal num jardim localizado no Éden? (Gên. 3). Não posso

afirmar que seja essa a razão, mas essa tese não precisa ser descartada, visto que até a antítese da árvore que trouxe a morte existe: a árvore da vida (Gên. 3:22-24 e Apoc. 22:1-3).

Não bastasse essa influência celta da dendolatria⁴⁹ no cristianismo, o tema foco de nossa análise é claramente percebido na mitologia celta: a adoração de divindades triúnas. Para eles o número três era muito importante e em uma descrição de sua mitologia percebe-se claramente essa constituição trinitária.

As divindades celtas mais importantes se dividem em dois principais grupos: a mitologia continental e a irlandesa. Na primeira aparecem as tríades Sucellos, Taranis e Cernunnos; Dea Matrona, Epona e Belenus. Na mitologia irlandesa são as tríades Dagda, Lugh e Cuchulain; Morrigan, Finn Maccool e Mananhan Macur.⁵⁰

Como vimos, as deusas também têm o seu lugar na mitologia celta, não sem deixar de lado os conceitos tríplices de divindade. Sobre esse detalhe SPALDING (p.30, 1973) em seu *Dicionário das mitologias europeias e orientais* diz o seguinte:

BRIGIT – Irmã do deus Oengus, o cupido irlandês, divindade do amor. Brigit é uma deusa tríplice, a menos que haja três irmãs com o mesmo nome. É venerada ao mesmo tempo pelos poetas (que inspira), pelos ferreiros (que ela enriquece) e pelos médicos (os quais ela assiste, pois preside os partos). Enquanto deusa das estações do ano seu culto se celebrava no primeiro dia de fevereiro, dia do *Imbolc*, grande festa de purificação. Cristianizada, Brigit tornou-se Santa Brígida, padroeira da cidade de Kildare.

Então o que temos aqui? De quebra temos um conceito trinitário na mitologia celta, aliado à um sincronismo religioso ligando essa deusa a uma santa católica. Isso é de fato uma clara demonstração da absorção mitológica pagã celta pelo cristianismo apostatado, porque os verdadeiros seguidores de Cristo não adotavam essa faceta mística que adentrou ao cristianismo ao

longo dos anos, como veremos mais adiante em nossos estudos neste livro.

Outra clara demonstração da ligação trinitária entre os celtas e o cristianismo corrompido é um símbolo em comum, a *triquetra*⁵¹ ou *triqueta*. A origem desse símbolo pode ser encontrada em achados arqueológicos muito antigos, anteriores mesmo ao próprio cristianismo.⁵² Os próprios livros religiosos cristãos que defendem e ensinam a doutrina da Trindade utilizam esse símbolo em suas publicações.⁵³

Temos, portanto, evidências bibliográficas, históricas e iconográficas para ligar os conceitos trinitários celtas aos cristãos que acreditam na doutrina da Trindade. Essas evidências são fortes o bastante para serem desconsideradas ou tratadas como mera coincidência ou casualidade.

Outro povo que evoca conceitos de divindades triúnas, em relação direta com os próprios celtas que já vimos, são os povos germânicos. Sobre a mitologia germânica, antepassados dos atuais alemães, aparece uma abundância de deuses trinitários bem vasta e documentada. Da união de Bor e Bestla⁵⁴, por exemplo, nasceram três deuses: Odin, Vili e Vé.

Já “os três deuses típicos dos Vanes são Njörd, Freyia e Freyr.”⁵⁵ Os mitos germânicos originaram outro típico personagem que concebeu três filhos deuses cultuados na Europa: “MANNUS – Forma latinizada de um deus germânico referida por Tácito. Este deus Mannus tinha três filhos: Itgo (Freyr), Ermn (Tiu) e Isto (Wodan).”⁵⁶

O famoso Thor⁵⁷, dos quadrinhos e superproduções de Hollywood, também vem da mitologia germânica.⁵⁸ Diante de tudo que já vimos até agora é impossível não notar a semelhança entre Odin (pai), Jörd (mãe) e Thor (filho de Odin e Jörd, e deus do trovão e das tempestades) com os deuses mais primitivos da Suméria⁵⁹ Anu (deus do céu), Enlil, (regente da terra), e Ea (o governante das águas).

Essa semelhança é muito gritante para ser silenciada com a famosa “coincidência” que alguns podem ser tentados a utilizar para negar a correlação entre as mitologias trinitárias. Ainda mais quando vemos que Odin é descrito como o deus supremo habitando num lugar alusivo ao céu chamado Valhalla⁶⁰ semelhante ao deus-céu An dos sumérios. A mãe de Thor, Jörd, descrita como a deusa-terra que Thor deveria proteger⁶¹, em notável semelhança com Enlil da Suméria.

Thor também pode ser considerado uma imitação de Jesus Cristo? A mitologia o apresenta como um deus poderoso, exterminador de gigantes.⁶² O cinema o apresenta como o filho de um deus (Odin) que desce do céu (Valhalla) salvando a humanidade da destruição.⁶³ Como já dissemos anteriormente, Satanás sabia que o Filho de Deus empreenderia essa missão, e como ele é o grande enganador tratou de criar vários mitos com essa concepção de “salvador” antes mesmo de chegar o original.

Não bastasse essas similaridades entre a mitologia germânica, nórdica e o cristianismo, outro personagem associado à Thor e, para ser mais exato, seu próprio irmão chamado Loki, é “descrito como o caluniador dos deuses e o articulador de todas as fraudes e maldades.”⁶⁴ Alguma semelhança com Satanás, o acusador e promotor de discórdia no céu? (Apoc. 12:7-12). Ainda mais estranho é o fato de Loki ser da raça dos gigantes e ter entrado de forma intrometida no convívio dos deuses.⁶⁵ Algo parecido com aquele que queria ser “semelhante ao Altíssimo” (Isaías 14: 12-15; Ezequiel 28:11-19).

Não bastasse tudo isso, o sinistro Loki tinha três filhos: “O primeiro era o lobo Fenris, o segundo a serpente Midgard e a terceira Hela (Morte).”⁶⁶ Nem é preciso comentar sobre essa *trindade* de filhos concebidos por esse deus nórdico semelhante a Satanás, não é mesmo? E sobre Odin (alusivo ao Deus Pai do Cristianismo) com dois filhos, um do bem (Thor) e um do mal (Loki)? Seria uma caricatura do Ancião de dias de cabelos brancos

(Daniel 7:9), Seu Filho unigênito (João 3:16), e aquele que queria ser Deus, Satanás? (Isaías 14:12-15).

É impressionante como esse ser maligno e seu anjos caídos brincam com as concepções divinas criando e espalhando mitologias por todo o mundo com o propósito de enganar todas as nações e prepará-las em rebelião contra Yahweh e Seu Ungido como descrito no Salmo 2 (Versão KJA).

A mitologia nórdica, à semelhança da budista e tantas outras, está cheia de conjuntos de três, tais como: três dias para o início do verão...; três tonéis de hidromel; três marteladas de Thor e ao errar o alvo acertar uma montanha e criar três vales.⁶⁷

E eu já estava me esquecendo de citar que Thor não possui apenas uma arma, mas três: o *martelo*, que é o mais conhecido e o mais citado; o *cinturão da força*, que redobrava seu poder divino quando o usava; e o terceiro *o par de luvas de ferro*, que ele usava para que o martelo surtisse maior eficiência.⁶⁸

Segundo afirma HÄGGLUND (p.318, 1989), um teólogo dinamarquês (Grundtvig, 1783-1872) “julgava que forma e primitiva e popular de religiosidade, simbolizada pela mitologia nórdica, preparara o caminho para o advento do cristianismo.” Não sei se ele disse isso quanto à concepção tríplice dos nórdicos se repetindo no cristianismo, ou com relação a outra coisa.

Na mitologia germânica ainda aparecem algumas figuras femininas a quem os próprios deuses masculinos se submetiam. E sem nenhuma surpresa nossa, diante de tudo que já vimos, as mesmas tinham uma constituição triteísta:

NORNAS – As senhoras dos destinos humanos eram as três fiandeiras chamadas Nornas. Verdadeiras parcas germânicas, conheciam os preceitos ancestrais, os costumes imemoriais e sabiam, assim, que tipo de vida convinha dar a cada um; os deuses também estavam submetidos ao poder das Nornas, e, neste caso, elas se assemelhavam à Moira grega. Nasceram da fonte Urd, fonte de vida, onde cresce o grande Freixo (Yggdrasil). Chama-se a primeira Urd, Werdandi a segunda, e

O mistério da Trindade na história antiga e recente

Skuld a terceira; são imensamente sábias; Urd conhecia o passado, Werdandi o presente e Skuld o porvir.⁶⁹

Como temos notado as evidências denotam uma extensa constituição e perpetuação de conceitos trinitários, como uma forte e estrategicamente elaborada tentativa de fixar no imaginário coletivo o pensamento de divindade como sendo uma “sociedade” de deuses, em muitos casos trinitários, cada um exercendo uma função, mesmo que grotesca em alguns casos, mas tendo cada um o seu papel na influência e domínio dos destinos humanos e dos próprios deuses.

Como vimos acima, as Nornas se assemelhavam à Moira grega, sendo assim, a Moira também aparecia como uma divindade formada por três irmãs que “teciam” o destino de deuses e seres humanos numa espécie de tear místico:

Na obra Teogonia de Hesíodo, as moiras aparecem como filhas de Nix (deusa primitiva grega, que personificava a noite). Nesta obra, elas aparecem agindo sobre os deuses gregos. Embora, muitas vezes, discordassem das moiras, os deuses deviam respeitar suas ações, pois delas dependia a existência da ordem do universo. A esta ordem, no mundo imaginário grego antigo, até mesmo os deuses estavam sujeitos.

Em alguns mitos (principalmente em contos da Ilíada de Homero), elas aparecem personificadas num único ser denominado Moira. Porém, em outros mitos elas são três irmãs e simbolizam destinos: Laquési (em grego antigo significava “o fio”), Atropo (em grego antigo significava “inflexível”) e Clotho (em grego antigo significava “o fio”).

Em muitas esculturas e pinturas da Grécia Antiga, elas são representadas como três mulheres adultas, tecendo num tear.

Os gregos acreditavam que elas habitavam uma espécie de caverna escura, local em que trabalhavam no tear e definiam a vida e o destino de todos. Para aqueles que acreditavam neste mito, o livre-arbítrio não existia, pois, suas vidas eram decididas pelas Moiras com, muitas vezes, interferência dos deuses.⁷⁰

Vemos nesse mito, mais uma vez, uma ligação de conceito trinitário entre as culturas (Nornas germânicas e Moiras gregas).

E como já vimos, a cultura grega também apresenta suas formas triúnas de divindades. DURAN (p.143, 1995) declara que “Zeus e seus irmãos tiraram a sorte para dividir entre si o mundo: a Zeus coube o céu; a Possêidon, o mar; a Hades, as entranhas da terra.”

De fato, SISSA e DETIENE (p.134, 1990) citando o poeta grego Homero (*Ilíada*, XV, 185-193), assim descreve, em sua epopéia, uma fala do deus grego Possêidon explicando essa divisão do mundo para ele e seus dois irmãos:

“Somos três irmãos, filhos de Cronos, gerados por Réia: Zeus e eu e, em terceiro, Hades, o monarca dos mortos. O mundo foi dividido em três; cada um teve seu apanágio. Obtive para mim, depois de tirada a sorte, assistir para sempre no branco mar; Hades recebeu por quinhão a sombra brumosa; Zeus, o vasto céu, em pleno éter, em plenas nuvens. A terra ainda é um bem comum para todos nós, assim como o alto Olimpo.”

Um fato curioso é Zeus ser considerado o “pai dos deuses” tendo irmãos, pai e mãe, ou seja, uma origem. Na concepção hebraica e cristã o Deus Pai não possui nenhum antes dele (Isaías 41:10). Já nos mistérios gregos, HESÍODO (pp.72-75, 2010) identifica que o deus grego teve irmãos antes dele como sendo o “pai dos deuses e dos homens”, e também indica que “o olho de Zeus, que tudo vê e tudo sabe” pode fazer justiça, punir, absolver, criar, destruir, etc. E segundo HESÍODO (p.46-47, 2010) Zeus tem até mesmo o poder de prever o que pode acontecer com os mortais sendo indicado como aquele “que conhece os designios eternos.” Seria esse deus do panteão grego um personagem para sumplantar o Deus verdadeiro de cena? As “coincidências” são grandes de mais para se duvidar dessa intenção.

Mesmo embora o panteão grego seja numeroso e variado, sempre aparecem conceitos trinitários nessa grande mitologia antiga, assim como nas demais. CAMPBELL em sua obra *As máscaras de Deus: Mitologia ocidental* (p.49, 2004) comparando com uma tríade suméria (Inanna, Ereshkigal e Dumuzi) indica que na Grécia clássica existiu a grande tríade dos mistérios de Elêusis:

Deméter, Perséfone e Triptólemo. Além desses distintos modelos trinitários, a própria religião grega era tripartite, como podemos notar nessa citação:

Essencialmente havia três elementos e estádios na religião grega: o ctônico, o olímpico e o místico. O primeiro era provavelmente de origem pelasgo-miceneana; o segundo, com certeza, aqueudórico; e o terceiro, egípcio-asiático. O primeiro dedicava-se à adoração dos deuses subterrâneos, o segundo, dos deuses celestiais, e o terceiro, dos deuses ressurretos. O primeiro era mais popular entre os pobres, o segundo, entre as pessoas ricas, e o terceiro, entre as da classe média. O primeiro predominou antes da idade homérica, o segundo durante essa idade, e o terceiro, depois dela. Nos tempos do Iluminismo de Péricles, o mais rigoroso elemento da religião grega era o mistério. No seu sentido grego, mistério consistia numa cerimônia secreta em que se revelavam símbolos sagrados, ritos simbólicos se realizavam e só os iniciados eram os adoradores. Os ritos costumavam representar, ou comemorar, em forma semidramática, os sofrimentos, a morte e a ressurreição dum deus, relacionado com os velhos temas da vegetação e da magia; esse deus prometia aos iniciados uma imortalidade pessoal.⁷¹

Uma religião configurada dessa forma certamente nos indica uma intenção bem elaborada em triplicar o sistema religioso grego, abarcando as classes sociais helênicas e estruturando a formatação dos mistérios gregos de tal forma que o número místico fosse abarcado nos demais conceitos teológicos deles.

O próprio filósofo grego, Platão, um dos mais celebrados por sinal, em seu diálogo com *Parmênides* (p.27) arrazoa por meio da lógica e da matemática que a existência do provável Uno (Deus) só é possível em 3, e não em 1 ou 2, como vemos abaixo:

PLATÃO: E então? Se for um todo, não terá de ter começo, meio e fim? Ou será possível conceber-se um todo sem esse três? Se um desses lhe faltar, ainda merecerá a denominação de todo?

PARMÊNIDES: De forma alguma.

PLATÃO: Logo, ao que parece, o Uno tem começo, meio e fim.

PARMÊNIDES: Sem dúvida.

Em outro diálogo, dessa vez com *Timeu*, PLATÃO (p.85, 1988) declara com convicção (advinda não se sabe de onde) que a alma é anterior ao corpo e que “Deus formou a Alma antes do Corpo: mais antiga pela idade e pela virtude para comandar, e o corpo para obedecer.” Em outra tradução da mesma obra, o texto de PLATÃO (p.105, 2011) continua assim:

...a partir dos seguintes recursos e do modo que se expõe: entre o ser indivisível, que é imutável, e o ser divisível que é gerado nos corpos, misturou uma terceira forma de ser feita a partir daquelas duas. E quanto à natureza do Mesmo e do Outro, estabeleceu, de igual modo, uma outra natureza entre o indivisível e o divisível dos seus corpos. Tomando as três naturezas, misturou-as todas numa só forma e pela força harmonizou a natureza do Outro – que é difícil de misturar – com o Mesmo. Procedendo à mistura de acordo com o ser, formou uma unidade a partir das três, e depois distribuiu o todo por tantas partes quantas era conveniente distribuir, sendo cada uma delas uma mistura de Mesmo, de Outro e de ser.

Entendeu? Nem eu! Essas construções filosóficas carregadas de mistério e subjetividades refletem os próprios padrões das constituições mitológicas gregas: a obsessão pelo número três. De fato, é isso que se percebe também na obra de Aristóteles, outro dos grandes filósofos gregos, que com Sócrates e Platão formam “a trindade máxima da filosofia grega em todos os tempos.”⁷²

Na obra *O paganismo em nosso cristianismo* (WEIGALL, pp.197-198, 1928) aparece essa impressionante citação:

No século IV a.C., Aristóteles escreveu: “Todas as coisas são três, e três vezes é tudo: e vamos usar esse número no culto aos deuses; pois como dizem os pitagóricos, tudo e todas as coisas são limitadas por três, pois o fim, o meio e o começo têm esse número em tudo, e estes compõem o número da Trindade.” Os antigos egípcios, cuja influência no pensamento religioso primitivo era profunda, geralmente organizavam seus deuses ou

deusas em trindades: havia a trindade de Osíris, Ísis e Hórus, a trindade de Khnum, Amen e Anukis, e assim por diante. A trindade hindu de Brahman, Shiva e Vishnu é outra das muitas e amplas ocorrências dessa concepção teológica.

A ligação que Weilgall faz das mitologias egípcia e hindu com a grega de Aristóteles é, de fato, impressionante! E, de fato, Aristóteles faz constante uso do número três em suas proposições filosóficas. Essas ocorrências podem ser encontradas em sua obra *Metafísica*, onde Aristóteles menciona que são três as *essências*⁷³, o “não-ente” se comporta de três *modos*⁷⁴, são três as *causas* e três os *princípios*⁷⁵, três os *elementos*⁷⁶ etc.

Dessa forma, o grande império grego, do qual somos herdeiros culturais, em sua filosofia e mitologia apresenta muitos princípios e deuses trinitários, inclusive no princípio feminino de sua mitologia com a tríade das deusas do destino: Afrodite, Hera e Atena, causadoras da Guerra de Tróia, segundo a *Odisséia*.⁷⁷

Como já vimos no capítulo anterior, as tríades são frequentes na mitologia grega, e essa repetição é levada quase que ao extremo, se observarmos atentamente seus constantes e variados mistérios trinitários (e três objetos, partes, períodos, fenômenos) nos mais diversos aspectos da vida conforme a ótica dos gregos.⁷⁸

Eles acreditavam nas “tríades dos juizes do inferno, composta por Minos, Éaco e Radamanto e a dos hecatônquiros, estes representados por Coto, Giges e Briareu.”⁷⁹ Criam também na tríade das Górgonas (Medusa, Esteno e Euríale), mulheres monstruosas com serpentes na cabeça, que tinham o poder de transformar em pedras quem as encarasse nos olhos.⁸⁰

Outras tríades gregas eram as três Gréias: Dino, Ênio, Pênfredo; as Erínias (fúrias) cujos nomes eram: Tisífone, (significa “Castigo”), Megera, (significa “Rancor”) e Alecto, (significa “Inominável”); as três Cárites (Graças): Tália, Eufrosina e Aglaia; as três Horas: Dice, Irene e Eunômia; e as três musas (originais) que segundo Pausânias em sua obra *Descrição da Grécia* apenas

três musas, originalmente, foram adoradas na Beócia: Aede (o canto da voz), Méletee (a meditação) e Mneme (a memória).⁸¹

Todas essas trindades, e também outros deuses em par ou em grupos maiores, são descritos por Hesíodo, o poeta grego. No entanto, as concepções em trios sobrepujam as concepções menores e maiores. Outros trios que aparecem nas obras do poeta grego HESÍODO são: Astreu, Palas e Perses, filhos de Euríbia e Crio (p.40, 2010); Hebe, Ares e Ilítia, filhos de Zeus e Hera (p.58, 2010); os três ciclopes: Arges, Brontes e Estérope, que eram gigantes com um único olho na testa, filhos de Urano e Geia (p.101, 2010); as Harpias, filhas de Taumas e da Oceânida Electra denominadas: Aelo, Ocípete e Celeno (p.113, 2010); as Hespérides, filhas de Zeus e Têmis: Egle, Eritia e Hesperaretusa (p.115, 2010); e por fim cito alguns deuses estranhos com três cabeças: Gerião, Quimera e Hécate, representada com uma cabeça de jovem, uma de adulta, outra de idosa (pp.36, 38 e 113, 2010).

Um outro aspecto da mitologia grega era a peculiar capacidade dos deuses de comer, se alimentar, se deliciar em banquetes e bebedices. Repudiando o apetite dos deuses pelos sacrifícios (carne e sangue) o teólogo cristão do III séc. Porfírio fez duras críticas ao apetite “carnívoro” dos deuses gregos. Para o teólogo cristão “esses seres não são deuses, mas demônios malfeitores”⁸², o que não é de se duvidar. “Em conclusão, se os deuses homéricos se alegram com o cheiro do sangue e da carne vermelha, é porque não são verdadeiros deuses.”⁸³

Uma síntese impressionante sobre a mitologia grega é feita por SISSA e DETIENE (p.191, 1990), que apresentam informações sinistras sobre os mitos da Grécia, em comparação com a Índia, os hititas e os africanos em uma abarcante crença mística:

Deuses múltiplos, os rurais, os urbanos, os do alto, os da terra, os que estão embaixo da terra, os uranos-celestes, os da ágora, do quarto nupcial, do guarda-comida, dos terraços. Deuses de formas magníficas, de membros de luz, ou deuses de pedra com

nomes opacos, semelhantes aos *kolossois*, substitutos dos mortos sem sepultura, pesadas estelas fincadas no solo, em Cirene, sob o sol da Líbia. Deuses individualizados ou potestades beirando o anonimato como os demônios – demônios vingadores, demônios “na superfície da terra” e outros sob a pele da terra. Certamente, a Grécia faz parte das sociedades ricas em deuses, em potestades divinas, em forças demoníacas, o que a torna comparável às sociedades arcaicas como a Índia, o mundo dos hititas, ou às civilizações da África negra, ao Mali, ao Senegal, ao Daomé, ricos em coisas-deuses, em fetiches, em potestades-objetos ou em forças invisíveis, cujo poder frequentemente imenso só se deixa individualizar pela força ou pela surpresa.

De fato, é inegável a existência de forças ocultas com poderes sobre-humanos, controlando muitos humanos, animais e elementos da natureza em uma desesperada e intensa dominação mundial por meio de crenças, muitas delas misteriosas e nem por isso renegadas, mas majoritárias no intelecto e fascínio humano.

Os mistérios trinitários gregos que vimos aqui tiveram uma forte influência no império que os conquistou: o romano. Como vimos no capítulo anterior, a mitologia romana absorveu os deuses gregos e mudou-lhes os nomes.⁸⁴ Vamos, mais uma vez nesse capítulo, observar como Roma herdou muitos conceitos das mitologias de outros povos e depois como o próprio cristianismo absorveu os conceitos trinitários com um ar de originalidade.

Conquistando muitos povos o Império Romano absorveu várias culturas, e não foram somente os deuses gregos que se perpetuaram na mitologia romana. Divindades germânicas como Tor, Votan e Tiu encontraram seus correspondentes latinos em Hércules, Mercúrio e Marte.⁸⁵ A mitologia latina pode ser considerada, então, como “fruto da miscigenação de vários povos, alguns irmãos, como os umbros e os sabélios, outros totalmente diversos, como os etruscos.”⁸⁶

Uma atenta pesquisa no *Dicionário da mitologia latina* (SPALDING, 1982) nos indica na mitologia romana hábitos culturais semelhantes aos que já vimos anteriormente em outras

culturas, como a adoração e culto nos bosques (p.35, 1982) e os modelos trinitários entre seus deuses. CAMILO é descrito como um “Deus subalterno, servidor dos Grandes Deuses nos mistérios da Samotrácia e pai de três Cabiros.” (SPALDING, p.38, 1983).

Existia também no culto romano uma espécie de classe de sacerdotes denominada FLÂMINES, e “os Flâmines originalmente eram em número de três, o de Júpiter, o de Marte e o de Quirino.”⁸⁷ Em número de três eram também as FÚRIAS⁸⁸, uma espécie de divindades infernais, chamadas pelos gregos de *Eumênides* ou *Eríneas*. Outro personagem caracterizado pelo número três na mitologia romana foi HÉRILO⁸⁹, cuja mãe era a deusa Ferônia e o pai Preneste, rei de uma parte da Itália. Hérilo recebeu de sua mãe três almas e três armaduras.

Nas antigas lendas de Roma existiam três célebres irmãos chamados HORÁCIOS⁹⁰ que sob Tulo Hostílio batalharam por Roma contra os três Curiácios, campeões de Alba. Outra curiosa informação sobre a mitologia romana diz respeito às suas casas que tinham os deuses LARES. Sobre eles SPALDING (pp.82-83, 1983) conta que “cada habitação particular tinha um Lare e dois Penates. O Lare, que segundo a expressão do poeta Ênio, ‘cuida de tudo que diz respeito à casa’, formava, com os Penates, uma trilogia subordinada à Vesta.”

Outros deuses trinitários no culto romano pagão foram os NIXOS⁹¹ que eram invocados nos partos difíceis; tinham suas estátuas no Capitólio que os representavam com as mãos entrelaçadas sobre os joelhos dobrados com esforço. Existiam também os deuses dos sonhos, que eram numerosos como as estrelas do céu e as areias do mar, mas existiam três principais que habitavam o palácio dos SONHOS⁹²: Morfeu, Fobetor e Pântaso.

Por fim quero citar uma deusa tríplice romana mencionada no *Dicionário da mitologia latina* de SPALDING (p.142, 1983):

TRIFORMES DEA – “Deusa de três cabeças”, i. é, Hécate, que presidia ao nascimento, à vida e à morte: presidindo ao

O mistério da Trindade na história antiga e recente

nascimento tinha o nome de Lucina; à saúde, i. é, à vida, chamava-se Diana; à morte, Hécate, deusa dos infernos.

Conforme vimos, existe vasta configuração tríplice na mitologia romana, mas toda essa mitologia seria suplantada pela nova religião. Porém, a transição do paganismo romano para o cristianismo não foi tão simples, mas a preço de muita dor e sangue derramado. Romper com uma mitologia enraizada há séculos não seria tarefa fácil, e na realidade não foi uma tarefa acabada, visto que o próprio paganismo foi adaptado dentro do cristianismo⁹³, pelo menos no cristianismo oficial, romano, o que veremos com mais detalhes pouco mais adiante.

Por agora é importante fazer uma pausa no relato sobre os romanos e observar que os deuses cultuados por todos os povos antigos, muitos dos quais vimos até aqui, nada mais eram do que demônios⁹⁴, e na verdade estes, quando exorcizados pelos cristãos primitivos, saíam de suas vítimas confessando serem os deuses fictícios que usurparam adoração da humanidade na antiguidade.⁹⁵

Em um relato impressionante do VI séc., HILLGARTH (pp.72-73, 2004) nos traz uma carta do bispo Martinho ao bispo Polêmio (cerca de 574 d.C.) onde ele declara o seguinte a respeito do que há por trás dos deuses de todas as mitologias antigas:

6. Após o dilúvio, a raça humana foi salva somente pelos três filhos de Noé e suas esposas. E, quando um número cada vez maior de pessoas começou a encher o mundo, os homens, uma vez mais esquecendo-se de Deus, seu criador, começaram a adorar criaturas. Alguns adoravam o sol, outros a lua e as estrelas, outros o fogo, outros as águas profundas ou as nascentes, acreditando que essas coisas não foram feitas por Deus para o uso do homem, mas que eram elas próprias deuses.

Após essa incrível e detalhada descrição da continuação da corrupção do gênero humano após o dilúvio, e do início de sua desvirtuação na adoração, o bispo Martinho continua em sua carta ao bispo Polêmio descrevendo como a idolatria foi desenvolvida:

7. Então, o Diabo e seus ministros, os demônios, que foram expulsos do Paraíso, vendo a ignorância do homem... vagando atrás de criaturas, começaram a mostrar-se em diferentes formas para os homens e falar com eles, dizendo que deveriam oferecer sacrifícios em altas montanhas e bosques sombrios e adorá-los como se fossem Deus. Eles tomaram para si nomes de homens malignos que passaram suas vidas cometendo todos os crimes e feitos vis. Então, um disse que era Júpiter, que era um mágico e tão incestuoso em seus muitos adultérios que tomou sua irmã, Juno, como esposa, em seguida, ele corrompeu suas filhas, Minerva e Vênus, e de modo vil, conspurcou suas sobrinhas e todas as suas parentes. Outro demônio chamou a si mesmo Marte, um perpetrador de conflitos e discórdia. Outro decidiu chamar-se Mercúrio, o vil inventor de todo roubo e toda fraude e a quem, como o deus do lucro, homens gananciosos, ao viajar por estradas, atirando pedras, ofereciam montes dessas pedras como sacrifícios. Outro demônio tomou o nome de Saturno e que, deleitando-se na crueldade, até mesmo devorou seus próprios filhos. Outro demônio cingiu-se de Vênus, que era uma meretriz. Ela não se deitou apenas com inúmeros adúlteros, mas até mesmo com seu pai, Júpiter, e seu irmão Marte.

Esses são os tórridos enredos ocultos das mitologias gregas, e por consequência romanas, que foram criados pelos demônios com as depravações mais bizarras possíveis. Mas não param por aí. O oitavo parágrafo da carta do bispo Martinho continua descrevendo como os demônios criaram as mitologias:

8. Vejam, então, o que esses homens abandonados eram enquanto viviam e a quem rústicos ignorantes tão erradamente louvaram por suas descobertas. Os demônios tomaram seus nomes para que [os rústicos] pudessem adorá-los como deuses e oferecer-lhes sacrifícios e para que imitassem os feitos daqueles cujos nomes invocavam. Os demônios também persuadiram os homens a construir-lhes templos e colocar neles imagens ou estátuas de homens vis e erguer altares aos mesmos, onde poderiam derramar o sangue não somente de animais, mas até de humanos. Além disso, muitos demônios, expulsos do paraíso, também residem nos mares, nos rios, nas nascentes ou nas flores-tas; homens ignorantes de Deus também os adoravam como deuses e faziam

sacrifícios em seus nomes. Eles chamavam por Netuno no mar, por Lâmia nos rios, por Ninfas nas nascentes, por Diana nas matas, mas são todos demônios malignos e espíritos vis que enganam homens descrentes, ignorantes do Sinal da Cruz, e os atormenta. Entretanto, não é sem a permissão de Deus que eles causam o mal, pois [os rústicos] enraiveceram Deus e não acreditam com todo seu coração na fé de Cristo, mas são tão inconstantes que dão aos dias os nomes desses mesmos demônios, falando de “dias” de Marte, Mercúrio, Júpiter, Vênus e Saturno, eles que não fizeram *dia* algum, mas foram os piores vilões da raça grega.

É realmente impressionante como o bispo Martinho descreveu toda conspiração maligna dos demônios para prender os homens na idolatria mais vil e ultrajante. Agora começa a ficar mais claro para nós que as constantes formulações trinitárias nas mais variadas mitologias não eram e nunca foram por acaso. Podemos perceber uma intenção maligna por trás de tudo isso, para criar na mente da humanidade a ideia de que Deus, o Criador, é uma espécie de sociedade divina tripla, composta por três seres tendo cada um uma função a desempenhar.

De fato, essas ideias permearam o imaginário de sumérios, fenícios, sabeus, babilônios, egípcios, chineses, japoneses, indianos, gregos e romanos, para citar somente os mais conhecidos e já abordados neste livro. As construções conceituais triúnicas não eram a excessão, mas a regra, dos teólogos de todo o mundo.

Retomando o relato na linha histórica é importante notar que apesar de todo o paganismo do império romano e de uma nação judaica cada vez mais escrava política e espiritualmente, as boas novas de um Deus Soberano que enviou Seu Filho para revelá-lo ao mundo (Jo 1:18; 3:16; Lc 10:22) seriam o divisor de águas na história da humanidade. Em um império ainda pagão, os deuses gregos e romanos, e um judaísmo distante dos oráculos eternos perderiam prestígio para a fé autêntica em um Deus único que o Nazareno e Salvador do mundo veio apresentar (Jo 7:16 e 28; 8:16 e 42; 12:44 e 49; 14:24; 17:1-3, 8 e 25).

Após o cumprimento da missão do Filho de Deus, derramando Seu sangue para redenção da raça humana, os próprios discípulos, superadas todas as disputas pessoais por supremacia, cumprindo as instruções do Mestre e aptos para a recepção de poder do alto (Lc 24:49) cumpriram a missão de levar o evangelho em todo o mundo (At 24:5; Rm 1:8; 10:17-18; Cl 1:6) e também entregaram suas vidas em martírio empenhados nesse sagrado empreendimento.

Contudo, a pureza do evangelho não seria mantida na maioria dos conversos, muitos dos quais oriundos do paganismo greco-romano. Com o passar dos anos seria concebida nas mentes de alguns cristãos uma compreensão sobre a Divindade composta por três seres distintos: Pai, Filho e Espírito Santo. Antes disso, essa concepção seria assimilada e promovida por meios não muito ortodoxos enquanto os próprios apóstolos ainda viviam.

Um dos personagens que promoveram ensinamentos estranhos nesse sentido, na época dos apóstolos, foi Simão, o mago, batizado por um dos sete diáconos, chamado Felipe (Atos 8:9-25). De Simão, o mago, foi dito ter tirado de um prostíbulo em Tiro uma mulher chamada Helena, que ele afirmava ser seu pensamento e sua palavra. Afirmava também que esta era a mesma Helena da guerra de Tróia e que quem nela acreditasse obteria perdão e salvação.⁹⁶ Declarava, com igual insanidade, que ele esteve em Jerusalém como Filho de Deus, desceu em Samaria como o Pai e em outros povos como o Espírito Santo, tendo vivido nos tempos do imperador Cláudio, que fez para ele uma estátua e era por muitos honrado como um deus (IRENEU de Lião, Livro I, 23,1).

Essas bizarrices, no entanto, não enganaram os crentes verdadeiros da igreja primitiva, pois

O primeiro século da igreja fora de ouro, para nos servirmos da expressão do cardeal de Lorena; mas, à medida que se afastaram dos tempos apostólicos, a corrupção aumentou sempre, e o despotismo do clero pesou sobre os povos.⁹⁷

A pureza da igreja do primeiro século resguardou em certa medida a comunidade cristã de ensinamentos contrários àqueles passados pelo próprio Cristo aos apóstolos. Porém, com o passar do tempo e a morte dos apóstolos, a igreja sofreria gradativamente a forte influência tendente a macular a fé cristã e inserir, na mesma, ensinamentos contrários à verdade sagrada (At 20:29-30; 2 Pe 2:1-3).

Os apóstolos ensinaram a fé em um só Deus Todo-Poderoso e em Jesus como Seu Filho unigênito e Senhor sobre os crentes, como Seu próprio Mestre lhes havia ensinado, porém, esses ensinamentos, como até hoje os vemos no Novo Testamento⁹⁸, não permaneceram com a mesma força na igreja em formação que posteriormente veio a ser chamada Católica (universal).

Primeiro, para não ser tão chocantemente combatida, as mudanças e interpretações das Escrituras passaram a mesclar aspectos da filosofia e paganismo grego, com as verdades judaico-cristãs. Um dos primeiros apologistas da igreja cristã, JUSTINO de Roma (*Apologias* I, 18,1-6), por exemplo, em meados do séc. II revela em sua obra crenças quanto à imortalidade da alma emprestadas de Empédocles, Pitágoras, Platão e Sócrates, tentando Justino ligar essa ideia e esses filósofos aos próprios profetas hebreus (I, 44,9) sem, no entanto, citar passagem alguma na qual os profetas defendem a ideia de imortalidade da alma. Justino até mesmo reconheceu a possibilidade de “que são castigadas as almas dos iníquos que, ainda depois da morte, conservarão a consciência, e que as dos bons, livres de todo castigo, serão felizes, parecerá que falamos como vossos poetas e filósofos.” (I, 20,4). De fato, essas são concepções gregas e não hebraicas, como pode ser percebido em várias passagens das Escrituras.⁹⁹

Por outro lado, o mesmo Justino de Roma defendeu verdades sagradas aos hebreus (I, 16,6), como a do Deus Pai como sendo o Artífice (I, 8,2) e Soberano do universo (I, 12,9; 31,10; 36,2; 40,7; 44,2; 46,5; 61,3; 61,10); mas passa a introduzir ideias

de adoração e glorificação trinitária (I, 1,13; 65,3) e outra ainda mais absurda, envolvendo adoração até aos anjos (I, 6,1-2):

Por isso, também nós somos chamados de ateus; e, tratando-se desses supostos deuses, confessamos ser ateus. Não, porém, do Deus verdadeírrimo, pai da justiça, do bom senso e das outras virtudes, no qual não há mistura de maldade. A ele e ao Filho, que dele veio e nos ensinou tudo isso, ao exército dos outros anjos bons, que o seguem e lhe são semelhantes, e ao Espírito profético, nós cultuamos e adoramos, honrando-os com razão e verdade, e ensinando generosamente, a quem deseja sabê-lo a mesma coisa que aprendemos.

No entanto, não vemos nenhuma citação das Escrituras ensinando cultuar e adorar ao “Espírito profético” ou aos anjos, pelo contrário, quando o apóstolo e profeta João tentou fazê-lo, o anjo não o permitiu (Apoc. 19:10). Mas na obra atribuída a Justino aparecem essas coisas e outras semelhantes, como salvação pela penitência (I, 28,2) batismo trinitário (I, 61,3; 61,10-13) e início da observância do dia do sol em lugar do sábado (I, 67,3 e 7) etc.

A despeito de tudo isso, Justino, na mesma obra apologética evidencia que o Verbo “é o rei mais alto, o governante mais justo que conhecemos, depois de Deus que o gerou.” (I, 12,7); Igualmente Justino declara que “Jesus Cristo é propriamente o único Filho nascido de Deus, como seu Verbo, seu Primogênito e sua Potência.” (I, 23,2); mostrando que como cristão ele cria que “O Verbo é a primeira virtude ou potência depois de Deus, Pai e soberano de todas as coisas, e Filho seu.” (I, 32,10).

Antes de uma *Trindade* coigual e cosubstancial, que viria a ser formulada nos concílios ecumênicos já comentados, Justino introduziu uma ideia continuada da hierarquia Pai-Filho, mais frequente em sua obra, afirmando sobre Jesus “que ele é o Filho do próprio Deus verdadeiro, e o colocamos em segundo lugar, assim como o Espírito profético, que pomos no terceiro.” (I, 13,3); Por outro lado, Justino não identificou uma terceira Pessoa Divina como sendo Aquele que inspirou os profetas que escreveram as

Escrituras, mas “que aqueles que profetizam não são inspirados por nenhum outro, mas pelo Verbo divino...” (I, 33,9; 36,1; 38,1); em conflito com a afirmação da hierarquia trinitária apontada por Justino, ele escreveu que “ainda como os demônios, enquanto podem, procuram escapar do poder de Deus Pai e soberano de tudo e de Cristo.” (I, 40,7). Isso nos instiga a uma importante indagação: os demônios não temem uma terceira Pessoa Divina?

Uma leitura atenta na obra de Justino de Roma nos revela que o mesmo obteve certa influência dos filósofos gregos. Querendo demonstrar em seu *Diálogo com Trifão* que Deus Pai é invisível, Justino não se serve das Escrituras (Jo 1:18; 1Tm 6:16), mas afirma que “a divindade, pai, não é visível como os outros seres vivos. Ela é apenas compreensível à inteligência, como disse Platão, e eu acredito nele.” (JUSTINO de Roma, *I e II Apologias/ Diálogo com Trifão*, p.81).

A Palavra de Deus, as Escrituras Sagradas, não era a única fonte de leitura dos cristãos. No II século JUSTINO de Roma (I, 44,12) diz em sua *Apologia* que eles (os cristãos) liam os livros de Histaspes¹⁰⁰, da Sibila¹⁰¹ e dos profetas (ao que tudo indica o AT). É possível que outras fontes literárias e interpretações desvirtuadas das Escrituras hebraicas e apostólicas pudessem ter tido peso na formulação dos futuros dogmas trinitários.

À biblioteca cristã, depois, foram sendo adicionados os escritos dos apologistas, chamados “pais da Igreja”, cartas, decretos, e vários outros escritos acumulados ao longo dos séculos, muitos dos quais de origem incerta e até mesmo duvidosa.¹⁰²

E não é difícil acreditar que isso tenha acontecido, visto que, como disse George Orwell, “a história é escrita pelos vencedores”, e como disse o profeta Daniel, o poder que lançou a verdade por terra prosperou, ou seja, durante certo tempo seria vencedor (Dan.8:12), e foi o que começou acontecer a partir dos concílios ecumênicos com a vitória da facção trinitariana.

Precisamos entender que por séculos a Bíblia não era acessível como hoje e muitos nem sabiam ler. Não bastasse isso, o clero passou a desprezar as Escrituras no ensino público, enquanto matinhavam a liturgia como fundamental:

Enquanto a liturgia continuava importante, outros meios precisavam ser encontrados para ajudar o clero a tocar a mente das pessoas. Ao mesmo tempo, a Bíblia tornava-se inacessível. [...] E após o século VI, os sermões raramente se devotavam a temas bíblicos.¹⁰³

Antes, porém, de chegar a esse nível, a Igreja passou por algumas situações que a levaram a reafirmar sua crença correta diante de alguns falsos ensinamentos que surgiram enquanto os apóstolos ainda viviam, para que os pudessem combater. Um deles é o gnosticismo¹⁰⁴, que teve como um dos primeiros propagadores e líderes na época dos apóstolos o próprio Simão, o mago, mencionado a pouco e como relatado por IRENEU de Lião, em sua obra *Contra as heresias* (Livro I, 23,1; 27,4; II, Pr.1).

Alguns estudiosos afirmam que a fonte de conhecimento dos gnósticos era a filosofia grega (Platão, Aristóteles, Pitágoras, Zenão).¹⁰⁵ Apesar de muitas variações da chamada *gnose*, os adeptos dessa heresia acreditavam que “reconheciam-se em Deus, conheciam a Deus e apareciam diante de si mesmos como emanações de Deus e estranhos ao mundo.”¹⁰⁶ A respeito dessa divinização dos gnósticos veja o que disse IRENEU (I, 23,4):

Os sacerdotes deles, místicos, vivem libidinosamente e praticam magias cada qual como pode; servem-se de exorcismos e encantamentos e exercitam-se fervidamente em filtros e feitiços, espiritismo, hipnotismo e em tudo o que diz respeito à magia. Têm uma imagem de Simão, na aparência de Júpiter, e de Helena, na de Minerva e adoram-nas. E também são chamados simonianos, nome que lhes vem de Simão, o iniciador da mais ímpia doutrina, e é deles que se origina, com nome falso, a *gnose*, como se pode deduzir das afirmações deles.

Aqui temos um ponto de ligação entre o paganismo grego e a heresia gnóstica, nos demonstrando a perpetuação de uma espécie de mistério tendente a rivalizar com o Cristianismo e a doutrina pura da era apostólica.

Simão cultuado como Júpiter e Helena como Minerva eram apenas personagens de destaque dentro do gnosticismo, mas havia muitos outros (Ptolomeu, Menandro, Cerinto, Cerdão, Marcião, Basilides, Saturnino, Taciano, Carpócrates, Valentim, Marcos, Tales de Mileto etc.). Fica claro que a infecção que afetou os anjos caídos, contaminados por Lúcifer, que virou Satanás, contaminou também a totalidade dos gnósticos, pois todos os que criam nessa perniciosa doutrina de demônios tinham os mesmos sentimentos que eles, isto é, serem maiores que Deus:

A palavra da Escritura: “Procurai e encontrareis”, foi dita, explicam eles, para serem encontrados acima do Demiurgo, qualificando-se maiores e melhores do que Deus, sendo eles pneumáticos e o Demiurgo psíquico. Este é o motivo pelo qual estarão acima de Deus e entrarão no Pleroma enquanto Deus irá ao Lugar do Intermediário. Ora, provem pelas obras que são superiores ao Demiurgo; pois não é pelas palavras, e sim pelos fatos que alguém se deve mostrar superior.¹⁰⁷

Eles criam que o Demiurgo era um deus inferior, uma espécie de Anjo (IRENEU, I, 5,2) que tinha criado esse mundo e que eles seriam um dia superiores a esse Demiurgo.

O eco da serpente “sereis como Deus” (Gn 3:5) continuou fazendo efeito na humanidade em sua bazófia. Os defensores da heresia gnóstica foram sutis em sua falsificação da verdade. Eles diziam “que existia, nas alturas, invisíveis e inenarráveis, um Éon perfeito, anterior a tudo, que chamam Protoprincípio, Protopai e Abismo.” (IRENEU, Livro I, 1,1).

A partir dessa premissa, de que existia um que era “incompreensível e invisível, eterno e ingênito que se manteve em profundo repouso e tranquilidade durante uma infinidade de séculos” (Ibid.) eles desenvolveram um ensinamento que esse

Protopai em um certo dia gerou um Filho, que por sua vez aprendeu como fazer isso e gerou outros, até o surgimento de doze Éões, continuando até chegar a trinta Éões. IRENEU em *Contra as heresias* (Livro I, 1,3) assim indica o erro dos gnósticos:

Esta é a teoria errada deles a respeito dos 30 Éões impronunciáveis e não conhecíveis. Segundo eles, este é o Pleroma invisível e espiritual, com a sua tríplice divisão em Ogdôada, Década e Duodécada; e por isso dizem que o Salvador — pois recusam dar-lhe o nome de Senhor — não fez nada publicamente durante 30 anos, para significar o mistério destes Éões. E também dizem que na parábola dos operários enviados a trabalhar na vinha se indicam com toda clareza estes 30 Éões. De fato, alguns são enviados na primeira hora, outros na terceira, outros na sexta, outros na nona e outros na undécima hora. Somadas, essas horas diversas dão o total 30: $1+3+6+9+11=30$. Pelo número de horas são indicados os Éões, que são os grandes, os admiráveis, os mistérios escondidos que eles próprios frutificam, mostrando assim como também puderam adaptar e acomodar à sua imaginação outras coisas ditas nas Escrituras.

Essa descrição de Ireneu de Lião é muito importante para entendermos que os mistérios tão abundantes nas outras culturas que já analisamos até então não desapareceram com o surgimento do Cristianismo. Pelo contrário, com o Cristianismo o paganismo se serviu dos símbolos, parábolas e ensinamentos de Cristo de forma desvirtuada e totalmente mística para continuar mantendo os mistérios trinitários em evidência.

A heresia dos gnósticos foi combatida e derrotada com propriedade pois a força do evangelho autêntico se fazia sentir. Porém, suas concepções trinitárias envolvendo Pai, Filho e Espírito Santo, mesmo que absurdas e heréticas, não foram de todo eliminadas, deixando uma mancha intelectual na mente daqueles que futuramente passariam a formular um dogma trinitário mais ortodoxo, menos bizarro, porém igualmente errôneo. Já pudemos notar isso no capítulo anterior, mas nesse capítulo seguiremos a

linha do tempo para evidenciar a ortodoxia trinitária novamente sob um quadro mais amplo.

Por hora é importante demonstrar na obra de Ireneu que a heresia gnóstica tinha a mácula da mancha trinitária herdada do paganismo grego e introduzida de forma disfarçada com outros ensinamentos e padrões numerológicos. Não somente por causa do exemplo citado anteriormente de Simão, o mago, nem do primeiro exemplo citado por Ireneu dos trinta Éões e da tríplice divisão em Ogdôada, Década e Duodécada, mas, sobretudo, sobre o fato de crerem os gnósticos que o Pai era assexuado, o Filho masculino e o Espírito Santo feminino, sendo os trinta Éões uns femininos e outros masculinos.

Aqui transcreverei a descrição que Ireneu de Lião (*Contra as heresias* I, 2,4) fez dessas bizarras concepções gnósticas:

Além desses Éões, o Pai gera por meio do Unigênito, sem esposa e sexo, à sua imagem, o acima citado Limite. Às vezes, porém, dizem que o Pai tem o Silêncio como cônjuge, outras, que não há nele distinção de sexo. O Limite é chamado também Cruz, Redentor, Emancipador, Delimitador e Guia. E é justamente por meio do Limite — dizem eles — que Sofia foi purificada e reintegrada na sizígia. Porque, quando foi separada de Entímese com a paixão que a tinha atingido, continuou a ficar dentro do Pleroma; mas a sua Entímese com paixão própria, separada, crucificada, expulsa dele pelo Limite, dizem que seria uma substância pneumática, com impulso natural de Éon, porém sem forma nem substância, porque não as recebeu. Eis por que este parto seria um fruto fraco e feminino.

O texto é de difícil compreensão, portanto, peço a você que o lê que se lembre de que essas concepções são realmente e de fato tidas como *mistérios*. Para um provável melhor entendimento do contexto sugiro a leitura da obra de Ireneu de Lião, apesar de mesmo lendo tudo não ser possível entender tudo, pois se trata realmente de conceitos antigos tidos como mistérios.

O mais importante de observarmos é que o Pai era apresentado pelos gnósticos como um Ser sem distinção de sexo;

Sofia (alusão ao Espírito Santo), uma substância pneumática, sem forma nem substância, ser do sexo feminino. Detalhes mais completos dessa concepção trinitária dos gnósticos veremos no próximo texto:

O Espírito ensinou a todos do mesmo modo a dar graças e introduziu-os no verdadeiro repouso. Por isso — dizem eles — os Éões foram constituídos todos iguais, da mesma igualdade e forma de pensamento e todos se tornaram Nous, Logos, Homem e Cristo, e, semelhantemente, os Éões femininos se tornaram todos Verdade, Vida, Espírito e Igreja. Estabilizados e gozando de repouso perfeito, os Éões — afirmam eles — cantaram com grande alegria um hino ao Protopai, comunicador da grande alegria. Por este benefício, numa única vontade e pensamento de todo o Pleroma dos Éões, com o consentimento do Cristo e do Espírito, cada um deles trouxe e pôs em comum o que tinha de mais excelente e belo; e por harmoniosa composição e cuidadosa união fizeram, em honra e glória do Abismo, uma emissão de beleza perfeita e astro do Pleroma, fruto perfeito, Jesus, que também se chama Salvador, Cristo e Logos, nomes que derivam do Pai, e o Tudo, porque produzido por todos. E com ele e em sua honra e dos Éões, foram emitidos, para a sua guarda, os Anjos, da sua mesma natureza.¹⁰⁸

Como vimos, quem recebeu a glória não foi o “Protopai”, mas o “Abismo”, e a tão frequente variação mitológica grega entre divindades masculinas e femininas se repetem com novos nomes mais sutis para não soar tão semelhante ao paganismo, aparecendo “Éões” ao invés de “deuses”; Nous, Logos, Homem e Cristo onde nos mitos gregos seriam os deuses masculinos; e Verdade, Vida, Espírito e Igreja os Éões femininos.

Toda essa concepção fantasiosa não ficou sem ser combatida no Cristianismo primitivo. Os próprios apóstolos, enquanto vivos, combateram pela verdade, e mesmo depois de mortos, pelos seus escritos¹⁰⁹ e a pura influência que deixaram sobre muitos que permaneceram, continuaram ecoando em tons nítidos a mensagem do Messias Nazareno. Toda a cristandade gozando dos puros princípios da fé autêntica foram resguardadas

da influência perniciosa da falsa gnose. Alguns de fato seguiram esses e outros tantos erros semelhantes. Mas a pura doutrina sobre Deus e Seu Filho unigênito foram defendidas não somente pelos apóstolos e primeiros cristãos no séc. I, como até mesmo por outros bispos nos séculos que se seguiriam.

Os chamados primeiros “Padres Apostólicos” deixaram indícios de uma autêntica fé em Deus o Pai e em Jesus Cristo Seu Filho. Inácio de Antioquia foi um deles, que em sua carta aos Magnésios ressalta a importância da “união com Jesus Cristo e o Pai”¹¹⁰. Inácio também exortou os cristãos de Magnésia em uma carta endereçada a eles, a não se deixarem enganar por “doutrinas heterodoxas”, apontando-lhes a verdade do Deus único:

Não vos deixeis enganar por doutrinas heterodoxas nem por velhas fábulas que são inúteis. Com efeito, se ainda vivemos segundo a lei, admitimos que não recebemos a graça. De fato, os diviníssimos profetas viveram segundo Jesus Cristo. Por essa razão foram perseguidos, pois eram inspirados pela graça dele, a fim de que os incrédulos ficassem plenamente convencidos de que existe um só Deus, que se manifestou por meio de Jesus Cristo seu Filho, que é o seu Verbo saído do silêncio, e que em todas as coisas se tornou agradável àquele que o tinha enviado.¹¹¹

Inácio de Antioquia em certos momentos parece introduzir ou demonstrar a fé trinitária, como quando diz que “os apóstolos se submeteram a Cristo, ao Pai e ao Espírito” (*aos magnésios* 13,2) e que os cristãos deveriam fazer tudo “na fé e no amor, no Filho, no Pai e no Espírito” (*Ibid.*, 13,1). Não é possível saber se os excertos trinitários são interpolações posteriores ou palavras de autoria própria de Inácio. De qualquer forma, a esse tempo (início do II séc.) a ideia da *Trindade* não estava bem amadurecida na cristandade, como aconteceu posteriormente.

Fazendo uma leitura atenta às cartas de Inácio de Antioquia é possível perceber suas saudações mencionando apenas a Deus Pai e a Jesus Cristo, à semelhança do Apóstolo Paulo. Inácio

chama Jesus Cristo de Deus em muitos momentos em suas cartas, mas não é possível determinar o real teor dessa afirmação.

Em outro que figura entre os primeiros “Padres Apostólicos” é possível ver indícios da fé no Deus único e em seu Filho Jesus Cristo. Policarpo de Esmirna, semelhante à Inácio de Antioquia, saúda as igrejas em suas cartas em imitação à saudação paulina, “A misericórdia e a paz sejam dadas em plenitude pelo Deus Todo-poderoso e por Jesus Cristo nosso Salvador.”¹¹²

Falando aos Diáconos, Policarpo lhes admoesta a serem irrepreensíveis, lembrando-lhes “que são servidores de Deus e de Cristo, e não dos homens.”¹¹³ Dirigindo-se aos jovens, Policarpo os exorta a estarem “submissos aos presbíteros e aos diáconos, como a Deus e a Cristo.”¹¹⁴ Policarpo, de forma clara e objetiva, faz referência aos que acreditarão em Jesus Cristo e no Pai:

O Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, e este mesmo pontífice eterno, Jesus Cristo Filho de Deus, nos edifique na paciência e longanimidade, na tolerância e castidade. Que ele vos conceda herança e parte entre seus santos, e convosco também a nós e a todos aqueles que estão sob o céu e que acreditarão em nosso Senhor Jesus Cristo e no próprio Pai, que o ressuscitou dos mortos.¹¹⁵

A fé desses homens nos deixa fortes indícios de uma crença no Deus único que foi revelado por Jesus Cristo (Jo 17:3) e primorosamente defendida e ensinada pelos Apóstolos. Essa fé flagrantemente autêntica é forte o suficiente para expôr e combater o engano da falsa gnose.

O próprio Ireneu, que viveu no II século e ainda criança esteve sob influência de Policarpo, discípulo do apóstolo João, refuta em sua obra *Contra as heresias* (I, 3,6) os delírios da gnose e suas concepções heréticas identificando o único Deus e Seu único Filho da seguinte forma:

Eis o que dizem de seu Pleroma e da formação dos Éões, querendo adaptar as belas palavras da Escritura às suas más interpretações. E não só nos Evangelhos e nos escritos

apostólicos procuram suas interpretações extravagantes e exegeses adaptadas, mas também na Lei e nos Profetas, em que se acham muitas parábolas e alegorias que podem ser mal interpretadas por causa da multiplicidade dos sentidos, adaptando artificialmente a sua ambiguidade às suas fantasias, levando assim longe da verdade os que não conservam fé inabalável no único Deus Pai todo-poderoso e em Jesus Cristo seu único Filho.

A obra de Ireneu de Lião, *Contra as heresias*, é taxativa quanto à existência de um Deus único e não trino. Mesmo citando o Espírito Santo em uma regra de fé¹¹⁶, o Deus onipotente identificado e crido por eles era o Pai de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, identificado como Filho de Deus.

Um outro livro é atribuído a Ireneu de Lião, e segundo consta, nesse livro a ideia ou doutrina da Trindade é defendida, porém o mesmo só foi “encontrado” em 1904 na Armênia.¹¹⁷

Em outra refutação aos gnósticos, IRENEU (II, 35,2; pp. 241-242, 1995) reforça a verdade do Deus único assim:

Os outros, chamados abusivamente gnósticos e que dizem que os profetas profetizaram em nome de deuses diferentes, são refutados facilmente, pelo fato de que todos os profetas pregaram um só Deus e Senhor, Criador do céu e da terra e de tudo o que eles contêm, e anunciaram a vinda do seu Filho, como demonstraremos nos livros seguintes, com base nas Escrituras.

O leitor interessado pode ler essa importante obra histórica e constatar como Ireneu, com a base bíblica que ele indicou, defendeu a verdade sobre Deus dos enganos gnósticos, que como vimos, traziam em seus conceitos, entre outras sandices absurdas, numerológicas e místicas, os primitivos mistérios trinitários.

Ireneu rastreou as teorias gnósticas aos poetas e filósofos gregos indicando nome por nome, teoria por teoria, farça por farça as similitudes existentes entre as teorias gnósticas (hereges) e as concepções mitológicas gregas (pagãs) ensinadas por Aristófanes, Homero, Anaximandro, Anaxágoras, Demócrito, Epicuro, Platão, Empédocles, Aristóteles, Pitágoras etc. Isso pode ser

entendido detalhadamente na importante obra de Ireneu de Lião (*Contra as heresias* II, 14,1 a 9).¹¹⁸

Após muita refutação, Ireneu destrói as verborragias dos mistérios gnósticos com muita propriedade. O bispo de Lião aponta o Pai de Jesus Cristo como o único Deus verdadeiro, o único Onipotente, demolindo não só a heresia gnóstica, mas deixando a ferramenta utilizada para a demolição da futura ortodoxia trinitária que seria erguida. Ireneu (II, 30,9) o fez usando as seguintes palavras cheias de verdade inefável e eterna:

Mas — o que somente pode ser verdadeiro e que demonstramos com argumentos fortíssimos e provas irrecusáveis — se o Criador, livremente e de sua iniciativa, fez e ordenou todas as coisas e se a sua vontade é a única matéria donde tirou todas elas, então aquele que fez todas as coisas é o Deus único, o único Onipotente, o único Pai, que criou e fez todas as coisas, as visíveis e as invisíveis, as sensíveis e as inteligíveis, as celestes e as terrestres. Com o Verbo de seu poder tudo compôs e tudo ordenou por meio da sua Sabedoria; ele que tudo contém e que nada o pode conter. Ele é o Artífice, o Inventor, o Fundador, o Criador, o Senhor de todas as coisas e não existe outro fora e além dele, nem a Mãe que eles se arrogam, nem o outro deus que Marcião inventou, nem o Pleroma dos 30 Éões cuja inanidade demonstramos, nem o Abismo, nem o Protoprincípio, nem os Céus, nem a Luz virginal, nem o Éon inefável, nada de tudo o que foi sonhado por eles e por todos os hereges. Só um é o Deus Criador que está acima de todo Principado, Potência, Dominação e Virtude: ele é o Pai, é Deus, é o Criador, o Autor, o Ordenador, que fez todas as coisas de si mesmo, isto é, por meio de seu Verbo e Sabedoria, o céu e a terra, o mar e tudo o que eles contém. Ele é o justo, o bom; ele quem modelou o homem, plantou o paraíso, construiu o mundo, quem produziu o dilúvio e salvou Noé; ele é o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó, o Deus dos viventes, anunciado pela Lei, pregado pelos profetas, revelado por Cristo, transmitido pelos apóstolos, crido pela Igreja; ele é o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo; por meio do Verbo que é seu Filho é revelado e manifestado a todos que ouvem a revelação; e o conhecem aqueles aos quais o Filho o revelou. O Filho que está sempre com o Pai e que desde o princípio sempre revela o Pai

O mistério da Trindade na história antiga e recente

aos Anjos e Arcanjos, às Potestas e Virtudes e a todos a quem Deus se quer revelar.

E talvez nesse momento Ele está se revelando a você, que lê essas linhas. Talvez em algum momento de sua vida isso já aconteceu e você está se deleitando na revelação de Deus. Mas a esmagadora maioria ainda está imersa em compreensões distorcidas do Ser Magnífico, Altíssimo, Invisível, Imortal e Sublime.

Comentando sobre a forma como Ireneu interpretava a missão de Cristo em revelar o Deus único, PELIKAN (vol. 1, p.131, 2014) o faz da seguinte forma:

Para IRENEU, Deus em Cristo era tanto a origem quanto o conteúdo da tradição. Cristo tinha transmitido aos seus discípulos a tradição de que o Pai é o único Deus (Iren. *Her.* 3.9.1 [Harvey 2:30]). Esse Deus único foi anunciado pelos profetas e pelo verdadeiro evangelho; era Ele que os cristãos adoravam e amavam de todo o coração (Iren. *Her.* 3.10.5 [Harvey 2:40]).

Essa era a fé dos cristãos com respeito a Deus ao tempo de Ireneu (II séc.) que ao combater as heresias gnósticas revelou a crença dos cristãos primitivos. Se as heresias gnósticas não foram eficazes na suplantação da verdade, os defensores do evangelho por sua vez foram cheios do *Espírito da verdade*, grandemente iluminados para expor as trevas e suplantarem “seus mistérios escondidos e envolvidos no silêncio.” (IRENEU, I, 34,1)

No entanto, a luta continuaria. Se não fosse possível fazer com que os cristãos assimilassem tantos absurdos, pelo menos no que concerne às concepções de um Deus trino as tentativas prosseguiriam. Diante de tantos erros, e de sua constante mutação e aperfeiçoamento, como no caso do gnosticismo, absorver algum aspecto deturpado não seria difícil, mas sim provável.

Foi o caso do primeiro Padre apologista a usar a palavra *Trindade (Trias)* em suas explicações sobre Deus. Teófilo de

Antioquia fez isso no II século, no 2º de seus três livros à *Autólico* (II, 15) como pode ser visto na seguinte citação:

Os luzeiros contêm o exemplo e símbolo de um grande mistério, pois o sol é símbolo de Deus e a lua o é do homem. Como o sol difere muito da lua em poder e glória, assim Deus é muito diferente da humanidade; como o sol permanece sempre cheio e não diminui, assim Deus permanece sempre perfeito, repleto de poder, inteligência, sabedoria, imortalidade e de todos os bens. Em troca, a lua perece cada mês, e de certo modo, morre, e é símbolo de como é o homem; depois torna a nascer e cresce, para demonstrar a ressurreição futura.

Igualmente os três dias que precedem a criação dos luzeiros são símbolo da Trindade, de Deus, de seu Verbo e de sua Sabedoria. No quarto símbolo está o homem, que necessita de luz. Assim temos: Deus, Verbo, Sabedoria, Homem. É também por isso que os luzeiros foram criados no quarto dia.¹¹⁹

Com uma comparação absurda do Criador com as obras criadas, Teófilo ao invés de original se assemelhou ao menos em alguma medida aos heréticos gnósticos com suas ideias sobre a Ogdôada fundamental chamada por quatro nomes: Abismo, Nous, Logos e Homem (IRENEU, I, 1,1). Tertuliano, por sua vez, elenca: Deus, Verbo, Sabedoria, Homem (neste caso sendo a *Sabedoria* o Espírito Santo e não o Filho como entendia Ireneu).

Alguns teólogos¹²⁰ conferem a citação de Tertuliano à *Trindade* (212 a.C.) um status de importância e originalidade do conceito como tendo existido antes de Niceia (325 a.C.). Outros no entanto não veem nesse fato um ponto favorável à teologia, antes, porém, um tropeço:

Cabe, todavia, ao leitor moderno retomar esta apologia e tentar compreendê-la em seu contexto e fazer seu próprio julgamento. Entre outros pontos, o leitor encontrará, pela primeira vez, o emprego do termo trías para designar Deus. J. Lebreton, estudando na apologia de Teófilo as referências ao dogma da Trindade, afirma: “Estes textos interessam à história da teologia; aqui aparece pela primeira vez a palavra trías, pela primeira vez também os dois termos técnicos de Verbo interior (Lógos

endiáthetos) e proferido (Lógos profhorikós). Estas expressões vêm da psicologia estoíca. Ao aplicá-las ao Verbo divino, Teófilo dá-lhes um valor novo. Não se pode dizer, contudo, que tenha feito avançar por isso a teologia; criou-lhe antes um tropeço. Por esta mesma data, S. Ireneu já repudiava estas explicações psicológicas, e mais tarde, na época das lutas antiarianas, esta distinção do Verbo interior e do Verbo proferido, será definitivamente proscrita. É curioso ressaltar esta influência estoíca num escritor tão hostil a toda filosofia. Esta passagem nos mostra, uma vez mais que, contra as seduções da opinião pagã, a hostilidade e o desdém não constituem a melhor salva-guarda”. *Histoire du dogme de la Trinité*, v. II, p. 510.¹²¹

Esta análise feita na introdução da obra de Teófilo nos ajuda a entender algumas questões delicadas envolvidas no uso que ele fez do termo *trias* e das comparações por ele copiadas do estoicismo (filosofia grega) que o próprio Teófilo tanto combatia.

Sobre Teófilo e suas concepções WHIDDEN; MOON; REEVE (p.145, 2006) afirmam que “Teófilo não foi um precoce defensor da teologia trinitariana, e sim alguém que abertamente apresentou Cristo como agente de Deus, um ser menor.” No entanto, HÄGGLUND (p.60, 1989) afirma de forma direta que “Tertuliano, com a ajuda da doutrina do Logos, desenvolveu o conceito das três pessoas, que não são apenas formas de revelação mas três hipóstases independentes.”

De qualquer forma, tendo ou não Tertuliano desenvolvido uma teologia trinitária pré-nicena, o fato é que ele não se manteve cristão. “O mais tardar em 207, rompeu com a Igreja. Seu caráter rigorista e sombrio, exaltado e inflexível, levou-o a aderir ao montanismo.”¹²²

Nessa questão temos que fazer importante observação quanto ao Montanismo¹²³, seita a qual Tertuliano se associou. Montano, o iniciador dessa heresia, dizia que era o Paracleto, em outras ocasiões dizia que era o próprio Deus, afirmando certa vez: “Eu sou o Pai e o Filho e o Paracleto.”¹²⁴

Nesse contexto, PELIKAN (vol. 1, p.121, 2014) observa que “os primeiros escritos de Tertuliano tendiam a enfatizar o Pai e o Filho à custa do Espírito Santo; os escritos que datavam definitivamente do período montanista, por sua vez, continham uma doutrina da ‘Trindade’ mais metafísica”. Sendo assim, o que nos parece é que Tertuliano foi mais tendente à *Trindade* ao aderir à seita montanista, que por sua vez tinha um viés trinitário forte.¹²⁵

Na grande luta contra as heresias e falsidades empregadas contra o Cristianismo autêntico, outro personagem que se destacou foi Orígenes (III séc.), que em refutação contra um livro escrito por certo Celso (*O discurso verdadeiro contra os cristãos* 179-185) escreveu a obra *Contra o livro de Celso* em torno de 248.¹²⁶

Nessa obra Orígenes se esforça por rebater as acusações de Celso de ser Cristo um impostor e os cristãos de seguirem nada mais que uma mistura de ensinamentos estoicos, eleatas, judaicos, persas e egípcios. Orígenes se empenha por rebater cada afirmação de Celso e em algumas de suas declarações é possível perceber que somente o Pai e o Filho eram adorados pelos cristãos nos tempos de Orígenes¹²⁷, e não uma adoração a três seres triúnos.

Apesar de, segundo HÄGGLUND (pp.52-56, 1989), Orígenes ter tido forte influência grega (platônica) em sua teologia, podemos perceber em sua obra *Contra Celso* (VI, 29) afirmação que está longe de retratar uma ideia trinitária, mas sim de um único Deus, o Deus adorado pelos judeus:

Eis o ponto em que o ilustríssimo filósofo Celso calunia manifestamente os cristãos, quando diz que quando os judeus os pressionam, eles reconhecem o próprio Deus, mas quando Jesus estabelece leis contrárias às de Moisés, eles procuram um outro em seu lugar. Em nossas discussões com os judeus e também entre nós, sabemos que só existe um Deus, aquele que os judeus adoravam antigamente e ainda hoje professam adorar, e estamos puros de qualquer impiedade a seu respeito.

Com essa afirmação percebemos que na época (253-54 d.C.) de Orígenes os cristãos não tinham uma concepção trinitária de Deus assim como os judeus não a tinham (e nunca tiveram). Textos bíblicos onde posteriormente em seus estudos os Padres viram a *Trindade*¹²⁸, Orígenes (*Contra Celso* II, 9) viu nada mais que o Pai e o Filho. Perceba na citação a seguir:

A ele, dizemos nós, na história da criação narrada por Moisés, o Pai deu a ordem: ‘Haja luz’, ‘Haja um firmamento’ e todo o resto que veio à existência por ordem de Deus. A ele foi dito: ‘Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança’ (Gn 1,3; 6; 26). E tendo recebido a ordem, o Logos fez tudo o que Pai tinha ordenado.

Outro escrito do início do II séc. (134-135 d.C.) demonstra que Gn 1:26 era uma fala de Deus o Pai para Seu Filho na criação do homem. Esse escrito é a *Carta de Barnabé* (não o colaborador de Paulo). Nessa carta podemos ler o seguinte quanto a isso:

Ainda o seguinte, meus irmãos: “Se o Senhor suportou sofrer por nós, embora fosse o Senhor do mundo inteiro, a quem Deus disse desde a criação do mundo: ‘Façamos o homem à nossa imagem e semelhança’, como pode ele suportar sofrer pela mão dos homens? Aprendei. Os profetas, que tinham a graça dele, profetizaram a seu respeito. E ele, a fim de destruir a morte e mostrar a ressurreição dos mortos, teve que se encarnar e sofrer, a fim de cumprir a promessa feita aos pais e preparar para si o povo novo e demonstrar, durante sua estada na terra, que era ele mesmo que julgaria, depois de ter realizado a ressurreição.¹²⁹

Em outra oportunidade, pouco mais adiante, Barnabé cita ainda de forma mais direta a quem Deus o Pai estava falando quando disse: “*Façamos o homem a nossa imagem...*”, vejamos:

Bendito seja nosso Senhor, irmãos, pois ele pôs em nós a sabedoria e o entendimento de seus segredos. Pois o profeta diz: “Quem poderá compreender uma parábola do Senhor, a não ser o sábio que conhece e ama o seu Senhor?”

Depois de nos ter renovado com o perdão dos pecados, ele fez de nós um novo ser, de modo que tenhamos alma de criança, como

se ele nos tivesse plasmado novamente. De fato, a Escritura fala a nosso respeito, quando ele diz ao Filho: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança. Que eles dominem sobre os animais da terra, as aves do céu e os peixes do mar.” E, vendo que nós éramos boa criação, o Senhor disse: “Crescei, multiplai-vos e enchei a terra.” Foi isso que ele disse ao Filho.¹³⁰

O próprio Novaciano (240-251 d.C.), a quem é reputado ter defendido a ideia da *Trindade*, ao comentar o texto de Gn 1:26 afirma de forma contundente em sua obra (26,146):

Quem há que não reconheça que a pessoa do Filho é a segunda após o Pai, ao ler que foi dito pelo Pai, logicamente, ao Filho: “Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança”? Quem há que não reconheça que, depois disso, se afirmou: “Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou”?¹³¹

Não bastasse todos esses, essa mesma linha de interpretação de Deus Pai falando para Seu Filho “*façamos o homem à nossa imagem...*” pode ser encontrada na obra de Eusébio de Cesaréia (*História Eclesiástica* I, 2,4), como segue:

Tudo isso também ensinou o grande Moisés, o mais antigo dos profetas, que descreveu, sob inspiração do Espírito divino, a criação e o ornato do universo. Outorgou o criador e demiurgo do universo a Cristo e a nenhum outro que ao Verbo divino, seu primogênito, a criação dos seres inferiores e o apresenta a falar com ele a respeito da criação do homem, nesses termos: “*Deus disse: ‘Façamos o homem à nossa imagem e semelhança’*”.¹³²

Temos, então, quatro dentre outros testemunhos dos considerados “Pais da Igreja” que atestam a fala de Deus Pai com o Filho na criação do homem, e não de uma *Trindade*. Mas, esse entendimento não perduraria na história da Igreja que em breve adotaria uma compreensão trinitária da Divindade. Influências contrárias à sã doutrina já se faziam sentir no meio da cristandade, como o gnosticismo (que já vimos a pouco) e outros erros desde os mais absurdos até os mais capciosos que fizeram com que a

consistência da mensagem autêntica que Cristo passara aos discípulos fosse pouco a pouco sendo maculada.

Mas, a despeito das dificuldades, temos relatos que nos dão ciência de que homens como Clemente e Orígenes não deixaram que as especulações dos hereges “ameaçassem a unidade de Deus: o Deus supremo era o Criador e o Pai de Jesus Cristo.” (PELIKAN; vol. 1, p. 113, 2014).

De fato, Clemente demonstrou sua crença no Deus único em uma oração de extrema beleza e verdade divina. Abaixo cito o trecho inicial dessa linda oração de Clemente (59, 3,4):

Tu abriste os olhos do nosso coração,
para que conhecêssemos que tu és o Único,
o Altíssimo no altíssimo dos céus,
o Santo que repousa entre os santos.
Tu que humilhas a violência dos soberbos,
que aniquilas os projetos dos povos,
que exaltas os humildes
e rebaixas os soberbos.
Tu que fazes enriquecer e empobrecer,
que matas e dá a vida,
o único benfeitor dos espíritos
e Deus de todo o ser vivo.
Tu que perscrutas os abismos,
que observas as obras humanas,
que socorres aqueles que estão em perigo,
que salvas os desesperados,
és o Criador e o Vigilante de todo espírito.
Tu que multiplicas os povos sobre a terra
e entre todos escolheste aqueles que te amam,
por meio de Jesus Cristo,
teu amadíssimo Filho,
mediante o qual nos educaste, santificaste e honraste.
Nós te suplicamos, Senhor:
Sê o nosso auxílio e protetor.
Salva os nossos que estão na tribulação,
ergue os caídos,
manifesta-te aos necessitados,
cura os enfermos,

A suplantação do mistério

reconduze os que se afastaram do teu povo,
sacia os famintos,
liberta os nossos prisioneiros,
reergue os fracos,
consola os covardes.
Que todas as nações reconheçam
que tu és o único Deus,
que Jesus Cristo é o teu Filho,
e “nós somos o teu povo e ovelhas do teu rebanho.”¹³³

Após uma linda oração como essa, que revela a sublime verdade de um único Deus, que é o Pai de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, não nos resta nada mais se não entender que, na verdade, os primeiros cristãos, de fato, não criam em uma *Trindade* como sendo o Deus verdadeiro, por mais que cressem na existência do Espírito Santo, como atestado pelas Escrituras, isso só seria uma crença ortodoxa após o quarto século.

Um outro escritor do início do III séc. a quem é reputado escritos trinitários é Novaciano (200 a 258 d.C.), presbítero da igreja romana. Um compilado de seus escritos (*A Trindade, escritos éticos, cartas*; 250-251 d.C.) foi assim intitulado pela Igreja Católica na Coleção Patrística (vol. 37), mas em sua introdução eles admitem que o título mais conveniente à obra de Novaciano é *De regula veritatis (Sobre a regra da verdade)*.

Por que então a primeira e maior parte de sua obra foi intitulada como *A Trindade*? Teria Novaciano abordado esse assunto em seu livro? O livro de Novaciano é uma espécie de refutação à heresia sabeliana (Sabelianismo) que espalhava como principal engano a ideia de que Jesus é o Pai.

No entanto, mesmo sendo Novaciano um cismático, sua obra é considerada a primeira grande contribuição para a posterior formulação do Credo de Nicéia (vide sinótese do livro de Novaciano). Uma atenta leitura do mesmo, no entanto, revela que Novaciano não cria numa ideia de três seres coiguais e coeternos.

Quando Novaciano fala sobre o Espírito Santo (o que ocorre poucas vezes no livro) ele não o identifica com os termos

Deus e Persona, o que admite uma própria nota de rodapé da obra, que inclusive revela diferenças de edições do livro no que diz respeito ao *Paráclito* (NOVACIANO, pp.72-73, 2017).

Se a obra for lida com os olhos desintoxicados da ideia trinitária, podem ser vistos pensamentos que inclusive vão diretamente de encontro a essa doutrina, desmentindo-a. É bem verdade que Novaciano afirma em vários momentos que Jesus é Deus¹³⁴, porém ele afirma muito mais que existe um único Deus.

Vamos observar em contraste algumas citações de Novaciano para fazermos uma análise mais objetiva quanto aos seus ensinamentos. Primeiro, veremos a única provável alusão trinitária que aparece na obra:

Essas coisas que dissemos, certamente de modo breve, a respeito do Pai, do Filho e do Espírito Santo, foram expostas sucintamente e desenvolvidas numa não larga argumentação.¹³⁵

Novaciano usa a maior parte do livro para falar a respeito do Pai e do Filho (mais de 100 págs.), ao passo que sobre o Espírito Santo ele usa apenas em torno de dez parágrafos. Quando questionado sobre estar ensinando uma hipotética *bindade*, ele deixou respostas categóricas em sua obra, tais como:

De fato, se ele não tivesse nascido, pondo-se no mesmo patamar daquele que não tinha nascido, mostrada a igualdade entre ambos, estabeleceria dois não nascidos e, portanto, dois deuses. Se não tivesse sido gerado, equiparando-se com o que não foi gerado e ambos achados iguais, com razão os não gerados teriam manifestado que haveria dois deuses e, assim, Cristo teria revelado dois deuses. Se ele fosse sem origem como o Pai, também ele, como o Pai, seria reconhecido qual princípio de todas as coisas e, estabelecendo dois princípios, consequentemente, ter-nos-ia revelado a existência de dois deuses.

Ou então, se ele mesmo não fosse Filho, mas Pai, gerando de si mesmo outro filho, pondo-se, com razão, em pé de igualdade com o Pai e sendo designado tal, teria formado dois pais e, portanto, proclamado também dois deuses. Se fosse invisível, comparando-se com o que é invisível e revelando-se igual a ele,

teria manifestado dois invisíveis e, portanto, comprovado também que há dois deuses. Se fosse incompreensível ou qualquer outro dos atributos que são do Pai, dizemos que, com razão, teria suscitado a controvérsia dos dois deuses que esses hereges forjam.¹³⁶

Novaciano destaca com exímia clareza a diferença entre Pai e Filho, mostrando que apesar de Jesus ser Deus, ele o é como Filho e não como um Ser coeterno com o Pai, e ainda mais “sem arrebatado do Pai sua condição de único Deus.” (NOVACIANO; 31,187; p.135, 2017).

A divindade do Filho, segundo NOVACIANO (31,192; p.137, 2017) é uma divindade “entregue e estendida” por ser Ele gerado e ter uma origem. Muito mais poderia ser citado da importante obra de Novaciano, mas, o mais importante e o que eu indico é que os leitores interessados no tema leiam o próprio livro, que inclusive pode ser acessado facilmente na internet.¹³⁷

Quero apenas citar o último parágrafo da obra do presbítero romano que deixa muito claro sua crença e ensinamento não em uma *Trindade*, mas na existência do Deus único como sendo o Pai de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo:

Destarte, o “Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus”, tendo, como Deus, o poder sobre toda criatura que fora sujeita a si por seu próprio Pai, e sendo reconhecido, com a criação inteira que lhe fora submetida, como em concorde união com Deus, seu Pai, mostrou, de modo breve e também ao submeter-se ele próprio igualmente, que o seu Pai subsiste como único, um só e verdadeiro Deus.¹³⁸

Os textos citados são apenas alguns nos quais Novaciano demonstra claramente quem é o Deus verdadeiro. E o que me assusta é como enxergaram uma hipotética *Trindade* na obra de Novaciano. São os mesmos que enxergam a *Trindade* em alguns textos da Bíblia, e ignoram outros tantos.

Muito mais poderia ser citado sobre os primeiros escritores cristãos e sua crença em um Deus único e não em uma *Trindade*,

mas se isso fosse feito, o livro ficaria muito extenso. Resta-nos, então, pesquisar a história e perceber como a crença em uma *Trindade* passou a fazer parte da fé cristã.

Como vimos no capítulo anterior o período de Constantino no poder imperial foi decisivo para que o dogma da *Trindade* fosse ratificado no Concílio de Nicéia (325 d.C.). Sobre isso BULLÓN (pp.41-42, 1998) afirma o seguinte:

Naquele período*, a Igreja cristã passou a ter conflitos internos por causa de doutrinas estranhas que pretendiam misturar-se às verdades bíblicas. Entre as doutrinas em conflito, podemos mencionar: o pecado original, a Trindade, a natureza de Cristo, o papel da virgem Maria, o celibato e a autoridade da Igreja.

*De Constantino

Para que todos os dogmas fossem estabelecidos oficialmente foi preciso a união da Igreja e do Estado. A Igreja estava dividida. O Estado não possuía um soberano no trono que gozava de estabilidade e prestígio entre os cristãos, visto que somente em 313 d. C. Constantino assinara com Licínio o Édito de Milão, interrompendo a perseguição aos cristãos e instaurando um período de boa vontade para com os mesmos.¹³⁹

Primeiro, a perseguição foi dos romanos pagãos sobre os cristãos de todas as raças. Depois, a perseguição seria dos cristãos romanos (Catolicismo) sobre os hereges (na verdade, os que assim fossem identificados pela Igreja).

Ortodoxia e heresia são dois rótulos ambíguos, o segundo muito mais que o primeiro. E esses rótulos serviram muito bem ao seu propósito: enganar, dividir, julgar e condenar. A ortodoxia foi a oficialização do erro como se fosse verdade. E a heresia, em alguns casos, foi a condenação da verdade como se fosse erro.

Nessa guerra de narrativas, os vitoriosos contam a história dos vencidos¹⁴⁰ como bem entendem e fica difícil acreditar no que é dito, muitas vezes. Por isso, não se pode acreditar em toda a narrativa sobre os perdedores taxados de arianos (e hereges).

É preciso estudar o que é dito sobre eles com muita atenção para não aceitar que tudo que é, foi e continua sendo dito sobre eles foi de fato a realidade de suas crenças. É isso que tentaremos fazer agora.

Narrativas antagônicas são encontradas na literatura alusiva a Ário e suas crenças. Para termos uma ideia sobre esse fato, HÄGGLUND (p.64, 1989) concluiu que Ário rejeitou a divindade de Cristo. Já PELIKAN (vol. 1, p.210, 2014) afirma que “os arianos compartilhavam com outros cristãos o uso de dar ao Filho de Deus a adoração que por direito pertencia só a Deus.”

Outra autora que afirma que Ário não negava a divindade de Cristo é Karen ARMSTRONG, em sua obra *Uma história de Deus* (p.147, 2008).

A despeito de predominar a informação de que Ário foi banido e seu ensinamento considerado herético, GIBBON (p.355, 2005) informa que a fé de Ário teve aprovação no Sínodo de Jerusalém. No entanto, Constantino determinara ao final do Concílio de Nicéia que os escritos de Ário fossem banidos e ameaçou com pena capital quem os possuísse.¹⁴¹ Autores como LCHATRE (p.95, 2005) e GIBBON (p.355, 2005) revelam que Constantino condenou os escritos de Ário à fogueira e isso é um fato importante para nos fazer analisar que não é possível sabermos o que Ário pensava pelos seus próprios escritos, mas, pelos seus opositores, na maioria das vezes.

Se homens como Ário e tantos outros que discordavam dos imperadores ou da Igreja Católica foram considerados como hereges, LCHATRE (p.68, 2005) por sua vez afirma que “os padres da Igreja foram quase todos hereges.” Isso nos faz refletir que em certa frequência, heréticas são as crenças dos outros.

GIBBON (p.340, 2005) revela que as seitas que divergiam da Igreja Católica eram perturbadas e perseguidas. “Constantino proibia totalmente as assembléias dos heréticos e lhes confiscava as propriedades públicas para uso ou da receita ou da Igreja Católica.” (p.341, 2005).

Decorridos em torno de três anos após o Concílio de Nicéia, Constantino se mostrou indulgente para com a seita ariana fazendo concessões até mesmo inacreditáveis para quem fora tão inflexível e despótico a princípio. Chamou os exilados de volta e Eusébio, que foi reconquistando aos poucos sua influência sobre Constantino, reassumiu seu lugar no trono episcopal. O próprio Ário voltou a ser bem tratado e o imperador estava decidido a reparar sua injustiça para com ele, tanto que proculgou uma ordem para que Ário fosse solenemente admitido à comunhão da Catedral de Constantinopla. Assim como GIBBON (p.355, 2005) descreve esses fatos, relata também como a intenção de Constantino acabou não se concretizando:

No mesmo dia fixado para seu triunfo, Ário morreu, e as horríveis e estranhas circunstâncias de seu falecimento poderiam despertar a suspeita de que os santos ortodoxos tinham contribuído de maneira mais eficaz do que com suas preces para livrar a Igreja do mais temível de seus inimigos.

Atanásio também foi do céu ao inferno em seu envolvimento nas questões envolvendo o concílio. Primeiro com a aceitação de suas proposições, depois com seus subsequentes exílios.¹⁴²

Personagens e eventos a parte, o que fica evidente nas questões envolvendo as definições sobre a *Trindade* são os frequentes empréstimos de conceitos da filosofia grega. Falando sobre a controvérsia trinitária ao tempo de Constantino, GIBBON (p.343, 2005) faz uma recapitulação e associação do tema às filosofias gregas nas seguintes palavras:

O gênio de Platão, nutrido por suas próprias meditações, ou pelo conhecimento tradicional dos sacerdotes do Egito, se aventurara a explorar a misteriosa natureza da Deidade. Quando sua mente se elevou à sublime contemplação da causa primeira, necessária e incriada do universo, o sábio ateniense se sentiu incapaz de conceber *como* a simples unidade de sua essência podia admitir a infinita variedade de ideias distintas e sucessivas que compõe o

modelo do mundo intelectual; *como* um Ser puramente incorpóreo pudera executar esse modelo perfeito e moldar com mão escultural o caos rudimentar e independente. A vã esperança de safar-se de tais dificuldades, que irão sempre afligir os débeis poderes da inteligência humana, induziria Platão a considerar a natureza divina sob a tríplice modificação: da primeira causa; da razão ou *Logos*; e da alma ou espírito do universo. Sua imaginação poética lograva por vezes fixar e animar essas abstrações metafísicas; os três princípios *árquicos* ou originais eram representados no sistema platônico como três deuses, unidos entre si por uma geração misteriosa e inefável; o Logos era considerado em particular sob a forma mais acessível do filho de um Pai Eterno e Criador e Regente do mundo. Tais parecem ser as doutrinas cautelosamente sussurradas nos jardins da Academia e que, em conformidade com discípulos ulteriores de Platão, só podiam ser perfeitamente entendidas após um estudo assíduo de trinta anos.

Demonstrando como as ideias de Platão sobreviveram nas mentes que posteriormente ratificariam as ideias trinitárias, GIBBON (pp.343-344, 2005) continua sua descrição desses eventos falando sobre fatos anteriores a Cristo:

As armas dos macedônios difundiram pela Ásia e pelo Egito a língua e o saber da Grécia, e o sistema teológico de Platão passou a ser ensinado, com menos reserva e quicá com alguns aperfeiçoamentos, na célebre escola de Alexandria. Uma numerosa colônia de judeus fora convidada, por mercê dos Ptolomeus, a estabelecer-se em sua nova capital. Enquanto o grosso da nação praticava as cerimônias legais e se dedicava às lucrativas ocupações do comércio, alguns hebreus de espírito mais liberal devotavam a vida à contemplação religiosa e filosófica. Cultivavam com diligência e perfilhavam com ardor o sistema teológico do sábio ateniense. Todavia, seu orgulho nacional teria sido humilhado por uma franca confissão de sua antiga pobreza, pelo que atrevidamente marcaram, como sagrada herança de seus antepassados, o ouro e as joias que tinham tão mais tarde roubado de seus amos egípcios. Cem anos antes do nascimento de Cristo, um tratado filosófico que manifestamente exhibe o estilo e as ideias da escola de Platão foi produzido pelos

judeus alexandrinos e unanimemente recebido como genuína e valiosa relíquia da inspirada Sabedoria de Salomão. União similar da fé mosaica com a filosofia grega distingue as obras de Filon, que foram escritas em sua maior parte no reinado de Augusto. A alma material do universo poderia ofender a piedade dos hebreus, mas eles atribuíram o caráter do Logos ao Jeová de Moisés e dos patriarcas; e o Filho de Deus era introduzido na terra sob uma aparência visível e até humana para levar a cabo aquelas funções familiares que pareciam incompatíveis com a natureza e os atributos da Causa Universal.

Ideias platônicas e aristotélicas realmente tiveram grande influência nas formulações dos credos Católicos. Não bastasse a adesão do Império Romano pelos deuses gregos, muitos dos que aderiram ao Cristianismo levaram consigo filosofias gregas que tiveram muito esmero em conciliá-las à fé cristã.

O conhecimento do verdadeiro Deus era tão escasso que Hilário, Bispo de Poitiers revelou que na enorme região das dez províncias asiáticas para onde fora banido (por Constâncio em 356)¹⁴³ “poucos prelados se poderiam encontrar que tivessem preservado o conhecimento do verdadeiro Deus.”¹⁴⁴ O Bispo de Poitiers assim desabafou sobre as contendas daquele tempo:

É coisa de igual modo deplorável e arriscada que existam tantos credos quanto opiniões entre os homens, tantas doutrinas quanto inclinações, e tantas fontes de blasfêmias quanto faltas entre nós; pois elaboramos credos arbitrariamente e arbitrariamente os explicamos. O Homoousiano é rejeitado e aceito e explicado por sucessivos sínodos. A semelhança parcial ou total entre o Padre e o Filho são objeto de disputas nesses tempos desditosos. A cada ano, ou melhor, a cada lua, elaboramos novos credos para descrever mistérios invisíveis. Arrependemo-nos do que fizemos, defendemos os que se arrependem; anatematizamos aqueles a quem defendemos. Condenamos ou a doutrina de outrem em nós mesmos ou nossa própria em outrem; e, despedaçando-nos uns aos outros, temos sido a causa da ruína um dos outros.¹⁴⁵

O bispo de Poitiers parecia, de fato, bem consternado sobre as contendas teológicas de seu tempo. A ele é atribuída uma obra

defendendo a doutrina da *Trindade*, e de fato alguns resquícios da mesma podem na obra ser percebidos. Porém, o estudante atento, captará em sua obra pérolas como: “adorar o Pai e, com Ele venerar o Filho e enriquecer-nos com o Espírito Santo.” (II, 2. [O Espírito Santo não é adorado como o Pai e o Filho]). “proclamemos e adoremos o Pai e o Filho, o Ingênito e o Unigênito, como mistério inefável que supera toda a nossa palavra e entendimento.” (II, 21) “O Pai, como o Filho, é Espírito e é Santo.” (II, 30) “O homem é criado à imagem do Pai e do Filho.” (V, 8) “Deve-se confessar o Pai e o Filho, para que se possa entender o único e verdadeiro Deus.” (V, 35) “Que a Ti, nosso Pai, e a teu Filho, juntamente contigo, sempre adore, e que eu receba como dom o teu Espírito Santo, que procede de ti, por meio do teu Unigênito.” (XII, 57)¹⁴⁶

Na evolução dos conceitos trinitários os três padres capadócios (Basílio, Gregório de Nissa e Gregório Nazianzeno) se destacaram em relação a Atanásio, pois a teologia deles se aproximou em grande medida às antigas ideias da escola de pensamento alexandrina¹⁴⁷, mencionada acima.

Revelando a diferença de abordagens quanto às definições trinitárias, HÄGGLUND (p.71, 1989) assim demonstra a preeminência dos capadócios sobre Atanásio:

Enquanto Atanásio salientava vigorosamente a ideia de “uma substância” e partia desse ponto para sua descrição da Trindade, os capadócios partiam da ideia de “três pessoas distintas” e desenvolviam uma terminologia que descreve tanto a unidade quanto a Trindade. Assim fazendo, aceitaram a teologia grega anterior que concebia três pessoas em níveis distintos no Ser Divino (Orígenes).

Como podemos ver nesta demonstração, a doutrina grega se manteve viva no dogma trinitário cristão de forma triunfante. Isso também foi demonstrado por Gibbon, como vimos acima. A compreensão e proclamação da *Trindade* passaria a ser feita tendo

como base a filosofia grega com bastante frequência a partir de então pelos seus defensores no Catolicismo.

Um fator de aparente aprovação nessa questão foi o fato do Apóstolo João ter usado em referência a Cristo o termo *Logos*, que fora usado alguns séculos antes por Platão. Seria essa citação do último dos evangelistas sido uma clara aprovação dos ensinamentos filosóficos de Platão sobre o *Logos*? Demonstrando flagrante comprovação a isso, GIBBON (pp.344-345, 2005) comenta:

A eloquência de Platão, o nome de Salomão, a autoridade da escola de Alexandria e o consenso dos judeus e dos gregos não bastavam para firmar a autenticidade de uma misteriosa doutrina que podia agradar, mas não satisfazer, a uma mente racional. Um profeta ou apóstolo inspirado pela Divindade é o único que consegue exercer um domínio legítimo sobre a fé dos homens; a teologia de Platão poderia ter se confundido para sempre com as visões filosóficas da Academia, do Pórtico e do Liceu se o nome e os atributos divinos do Logos não houvessem sido confirmados pela pena celestial do último e mais sublime dos evangelistas. A revelação cristã, que se consumou no reinado de Nerva, revelou ao mundo o assombroso segredo de que o Logos, que estava com Deus desde o princípio e era Deus, que criara todas as coisas e para quem todas as coisas foram feitas, se encarnou na pessoa de Jesus de Nazaré, o qual nascera de uma virgem e sofreu a morte na cruz.

Essa citação parece refletir toda a atitude teológica de se recorrer a Platão, seja em qual intensidade for, para buscar um “reforço” aos ensinamentos da Divindade ou mesmo da *Trindade*, visto que, como citado anteriormente, os próprios filósofos “enxergaram” o aspecto “triúno” de Deus. No entanto, falando sobre o mesmo assunto, ARMSTRONG (pp.125-126, 2008) diz que o autor do evangelho de João

Em seu prólogo, descreve o Verbo (*logos*) que esteve “com Deus desde o início” e foi o agente da criação: “Todas as coisas foram feitas por ele, nada do que foi feito se fez sem ele.” O autor não usa o grego *logos* da mesma maneira que Filon: parece mais sintonizado com o judaísmo palestino que com o helenizado. Os

targuns, traduções aramaicas das Escrituras hebraicas que datam da mesma época, usam o termo *Memra* (palavra) para descrever a atividade de Deus no mundo. Atribuem-lhe a mesma função de outros termos técnicos, como “glória”, “Espírito Santo” e “Shekinah”, que enfatizam a distinção entre a presença de Deus no mundo e a incompreensível realidade de Deus. Como sabedoria divina, a “Palavra” simboliza o plano original de Deus para a criação. Quando dão a entender que Jesus teria tido uma existência anterior, Paulo e João não o apresentam como uma segunda pessoa divina no sentido trinitário, mas como alguém que transcendeu os modos temporal e individual da existência.

Como vimos, o *logos* (termo grego para *palavra*) não é usado por João de forma helenizada como Fílon o faz. O derradeiro evangelista faz uso do termo de forma mais sintonizada com o judaísmo palestino, e nos *targuns* o termo usado é *Memra* que tem a mesma função de outros termos técnicos como “glória”, “Espírito Santo” e “Shekinah” aplicáveis à presença de Deus no mundo.

Essas importantíssimas informações são confirmadas por PELIKAN (vol. 1, pp. 196, 197 e 198, 2014) que revela como o *Logos* passou a ser o termo oficial para designar a Cristo:

Existe consideravelmente mais evidência para a hipótese de que “Espírito” era um termo amplamente usado na doutrina cristã antenicensa em relação ao divino em Cristo. [...]

E até mesmo Clemente de Alexandria, a despeito de sua relutância geral em falar até mesmo de Deus como Espírito, conseguiu falar “o Senhor Jesus, ou seja, a Palavra de Deus, o Espírito encarnado, a carne celestial santificada” (Clem. *Paed.* 1.643.3 [GCS 12:116]).

A partir dessa e de passagens semelhantes, fica claro que a igreja, no que cria e ensinava entre quatro paredes, não hesitava em usar o termo “Espírito”, mais ou menos, como um termo técnico para o divino pré-existente em Cristo. [...]

À medida que o encontro do paganismo grego com o conflito com a heresia tornou uma necessidade absoluta a maior precisão de pensamento e de terminologia, o termo “Espírito” não era mais a forma adequada de identificar o divino em Cristo.

Ele foi substituído por dois títulos de derivação que tinham estado presentes na linguagem cristã desde o Novo Testamento, mas que passou a assumir amplamente a função de todos os títulos que discutimos: Logos e Filho de Deus. Nos apologistas e também nos escritos apologéticos de teólogos como Orígenes e Tertuliano, também falando para a igreja, o termo “Espírito” foi muitíssimo, se não completamente, substituído por “Logos” como o termo técnico para o divino em Cristo.

Esses detalhes da história do desenvolvimento da doutrina cristã nos ajudam a entender como, aos poucos, mas seguramente, verdades sagradas foram sendo esquecidas e suplantadas por razões as mais variadas. No entanto, ainda hoje podemos, pelo atento estudo das Escrituras, perceber que Cristo é chamado de Espírito (Atos 16:6-7; 2 Co 3:17→4:5; Gl 4:6; 1 Pe 1:11 etc.)

Voltando ao tempo de Constantino e analisando seu papel e suas ações nessas questões religiosas, podemos perceber que seus ataques foram diretos e decisivos em importantes e sagrados pilares: a Divindade e o dia de descanso. Em seu tempo no Império, CAIRNS (p.138, 2008) assim nos relata que “o domingo tornou-se o dia principal do calendário eclesiástico depois que Constantino estabeleceu que esse seria um dia de culto cívico e religioso.” Outro autor a apontar esse fato é BLAINEY (p.66, 2012) que destaca o decreto de Constantino quanto a instituição oficial do domingo como dia de descanso para toda a cristandade a partir de então.

A *Trindade* e o domingo, peças precisamente trabalhadas no tabuleiro religioso por um sagaz imperador, demonstram que as ações de Constantino foram decisivas para a estruturação de um cristianismo moldado à sua maneira. Descrevendo essa petulância do imperador romano, GIBBON (p.353, 2005) diz:

Tal foi a origem e o progresso, e tais foram as radicais mudanças sofridas por essas controvérsias teológicas que perturbaram a paz da cristandade nos reinados de Constantino e de seus filhos. Mas como esses príncipes se atreviam a estender seu despotismo à fé tanto quanto às vidas e fortunas de seus súditos, o peso do

A suplantação do mistério

sufrágio real por vezes fez pender a balança eclesiástica, pelo que as prerrogativas do rei do céu foram estabelecidas ou alteradas ou restringidas no gabinete de um monarca terreno.

A despeito de tudo que fez, Constantino foi celebrado e honrado por muitos em seu tempo e no nosso, não somente por cessar com a perseguição aos cristãos, mas também por assumir postura firme quando às controvérsias teológicas que abalaram a fé e a união cristãs. HILLGARTH (p.105, 2004) assim descreve essa idolatria aos imperadores cristãos:

A adoração aos governantes que existia no mundo antigo não teve fim com a conversão de Constantino. Ela se transmutou com a homenagem litúrgica aos imperadores cristãos reconhecidos pela Igreja. Se Cristo tornara-se um Imperador, os imperadores e reis foram agraciados com Graça Divina. Não havia uma separação clara entre as esferas humana e divina.

Tudo isso fez com que a fé autêntica fosse dando lugar a uma fé forjada e paulatinamente adaptada segundos os moldes de reis e súditos idólatras. Se por um lado o Paganismo estivesse gradativamente dando lugar ao Cristianismo, este por sua vez estava certamente se assemelhando ao anterior. Esse fato aparece com todas as letras nas palavras reveladoras de LACHATRE em sua obra *Os crimes dos papas* (p.105, 2005):

Depois do reinado de Constantino, o cristianismo continuava a sua marcha progressiva; o politeísmo extinguiu-se no Oriente e no Ocidente, apesar da oposição de alguns imperadores que permaneciam presos ao culto dos antigos deuses, e apesar do encanto dos seus mitos, deliciosa criação da imaginação dos poetas. Os brilhantes símbolos do espírito, do amor e da matéria, tríplice unidade das faculdades humanas, representados nas suas diversas manifestações pelas divindades pagãs, Réia, Saturno, Júpiter, Minerva, Vênus, Apolo, reuniam-se, confundiam-se na Trindade misteriosa e nova, composta de Deus Pai, Deus Filho e Espírito Santo, e os homens entusiasmavam-se com as formas ascéticas dessa religião toda imaterial.

A partir de então a Igreja teria uma força a seu favor que antes era usada contra ela: o poder do Estado. De perseguida a perseguidora a Igreja agora usufruiria de uma força que antes condenava. O início dessa nova fase é assim descrito:

A ascensão do imperador Teodósio, no ano de 379, assegurou o apoio do Estado Romano ao Catolicismo contra seu rival, às vezes quase vitorioso, o arianismo. Esse apoio aparece no decreto geral de 380 contra os hereges e em outras leis – incluindo a proibição de debates públicos a respeito de tópicos religiosos (388), o que a experiência havia demonstrado ser capaz de inflamar os sentimentos populares. Um grande ataque ao Paganismo logo se seguiu. Os primeiros imperadores cristãos haviam proibido práticas de magia, astrologia e adivinhação, mas nisso eles estavam apenas imitando seus predecessores pagãos. Teodósio foi o primeiro imperador a proibir toda religião pagã, estabelecida, do Estado Romano (392). Apesar das pesadas penalidades financeiras aos contraventores, a lei, de modo geral, não foi totalmente eficaz. Por isso, foi instituída uma série de leis posteriores, culminando na ameaça da pena de morte, em 435. Todos os cidadãos deveriam ser católicos. Além do Catolicismo, apenas o Judaísmo era reconhecido como uma religião legal – mas os judeus eram tão isolados quanto possível do resto da população. Conforme a situação militar se deteriorava, o Estado devotava cada vez mais atenção, como se tentasse agradar a Deus, à legislação acerca da religião. Entre os anos de 429 e 439, foram promulgadas cerca de 150 leis defendendo e definindo a fé católica.¹⁴⁸

A Igreja passaria a contar com o apoio do braço forte do poder civil a seu favor. O império passaria a ser usado para defender a Igreja e toda a máquina pública foi instrumentalizada com o objetivo de proteger e promover a Igreja Cristã. Mesmo que para esse fim a suplantação dos verdadeiros mistérios da fé precisasse acontecer, entrando em seu lugar mistérios de fé que servissem aos interesses do Estado:

Os exércitos de Roma e sua colonização do norte da Europa levaram, lado a lado, o cristianismo oficial e uma série de tradições místicas (órficas, mitraicas, gnósticas, maniqueístas

etc.) até que, após as vitórias de Constantino (324 d.C.) e a promulgação do Código de Teodósio (438 d.C.) – que proibiu no Império Romano todos os cultos e crenças, exceto o cristianismo os mistérios passaram à clandestinidade como uma corrente secreta, enquanto os mesmos símbolos, empregados nos ritos de iniciação como metáforas anagógicas, eram agora impostos clara e oficialmente como relatos comprováveis de fatos históricos.¹⁴⁹

Apesar de aparentemente proibir o Paganismo, na verdade o que aconteceu foi uma espécie de sincretismo entre este e o Cristianismo oficial, de Roma. DURANT (vol. 3, p.465, 1995) declara essa realidade da seguinte maneira:

O Cristianismo não destruiu o paganismo; adotou-o. O moribundo espírito grego ressurgiu da teologia e liturgia da igreja; a língua grega, depois de reinar durante séculos sobre a filosofia, tornou-se o veículo da literatura e do ritual cristão; os mistérios gregos passaram-se para os mistérios da missa. Outras culturas pagãs também contribuíram para esse sincretismo. Do Egito vieram as ideias da divina trindade, do juízo final e da imortalidade pessoal com recompensas e castigos; [...]

Se o Concílio de Nicéia (325 d.C.) não foi plenamente conclusivo quanto à formulação de um credo amplamente trinitário, essa obra seria efetuada no Concílio de Constantinopla (381 d.C.). Se o Espírito Santo não foi definitivamente transformado em uma terceira pessoa de uma *Trindade* no Concílio de Nicéia, no de Constantinopla essa definição seria finalmente executada.

Comentando essa lacuna deixada na formulação trinitária nicena, PELIKAN (vol. 1, p.222, 2014), citando ainda um trecho de Gregório Nazianzeno, confessa em tom incontestável:

Todavia, não foi só o Concílio de Nicéia que manteve silêncio a respeito da divindade do Espírito Santo. A própria Escritura, é preciso admitir, não “o chamou muito claramente nem com muita frequência de Deus em tantas palavras como faz primeiro com o Pai e, depois, com o Filho” (Gr. Naz. *Orações* 31.21 [PG

O mistério da Trindade na história antiga e recente

36:157)). Esse silêncio foi uma fonte de considerável embaraçamento.

Mesmo com esse embaraçamento e nesta ocasião sem as rixas tão conhecidas do primeiro concílio ecumênico, com a consolidação da ortodoxia Católica, o segundo Concílio ecumênico e primeiro em Constantinopla (381 d.C.) foi convocado pelo Imperador católico Teodósio com o “único objetivo de eliminar de uma vez por todas o movimento ariano.”¹⁵⁰

Nesse Concílio se destacou Gregório Nazianzeno, citado acima por Pelikan e reconhecido como “teólogo trinitário”¹⁵¹, e na ocasião o credo niceno foi atualizado para uma versão que evidenciasse melhor o terceiro na *Trindade*.

Assim, segundo o testemunho de 382, declarou o Pai, o Filho e o Espírito Santo “uma só divindade, poder e substância”, afirmando ao mesmo tempo a realidade das três hipóstases ou pessoas (Teodoreto, HE V 9, 10-12). Com essa formulação – que marcava a superação das diversidades doutrinárias entre Oriente e Ocidente, homologando os conceitos de *hipóstasis* e *prósopon*, o concílio recebia a doutrina trinitária dos capadócijs, integrando-as ao dogma niceno.¹⁵²

A doutrina estabelecida nesse concílio viria a ser a mesma que até hoje é professada “pela Igreja Católica, a Igreja Ortodoxa, as Igrejas ortodoxas orientais, a Igreja Anglicana e a Igreja Luterana e as demais denominações protestantes históricas.”¹⁵³

Os adeptos desse dogma passariam então a professar suas crenças em Deus conforme reza o Símbolo Niceno-Constantinopolitano estabelecido em 382 d. C. na cidade de Constantinopla:

Creio em um só Deus, Pai Todo-Poderoso,/ criador do céu e da terra,/ de todas as coisas visíveis e invisíveis.
Creio em um só Senhor, Jesus Cristo,/ Filho Unigênito de Deus,/ nascido do Pai antes de todos os séculos:/ Deus de Deus, luz da luz,/ Deus verdadeiro de Deus verdadeiro,/ gerado, não criado, consubstancial ao Pai./ Por ele todas as coisas foram

A suplantação do mistério

feitas./ E por nós, homens, e para nossa salvação,/ desceu dos céus: e encarnou pelo Espírito Santo, no seio da Virgem Maria, e se fez homem.

Também por nós foi crucificado/ sob Pôncio Pilatos;/ padeceu e foi sepultado./ Ressuscitou ao terceiro dia,/ conforme as Escrituras,/ e subiu aos céus,/ onde está sentado à direita do Pai./ E de novo há de vir, em sua glória,/ para julgar os vivos e os mortos;/ e o seu reino não terá fim.

Creio no Espírito Santo,/ Senhor que dá a vida,/ e procede do Pai e do Filho;/ e com o Pai e o Filho/ é adorado e glorificado:/ Ele que falou pelos profetas.

Creio na Igreja, una, santa,/ católica e apostólica.

Professo um só batismo/ para remissão dos pecados./ E espero a ressurreição dos mortos;/ e a vida do mundo que há de vir./ Amém.¹⁵⁴

Os defensores desse dogma mais trinitário que o de Nicéia passariam a proclamá-lo como verdade absoluta e a perseguir todos que pensassem diferente. Teodósio, nesse quesito, se destacou como imperador que se esforçou para perseguir os hereges, especialmente se esses depreciavam o dogma da *Trindade*.¹⁵⁵

Por esse tempo surgiria um ardoroso defensor do dogma trinitário, Agostinho de Hipona (354 a 430), que antes de se converter ao Catolicismo participou do Maniqueísmo¹⁵⁶ como neófito por nove anos.¹⁵⁷ A decepção experimentada nessa religião o fez confessar, segundo SESÉ (pp.28-29, 1997), o seguinte:

Caí assim nas mãos de homens orgulhosamente extravagantes, demasiado carnavais e loquazes. Havia na sua boca laços do demônio e um engodo, preparado com a mistura de sílabas do vosso nome, do de Nosso Senhor Jesus Cristo e do Paráclito consolador, o Espírito Santo.

Jamais esses nomes se lhes retiveram dos lábios, mas eram apenas sons e estrépido da língua. O seu coração estava vazio de sinceridade. Diziam: “Verdade e mais verdade! ” Incessantemente me falavam dela, mas não existia neles! (...) As iguarias que me apresentavam a mim, faminto da vossa graça, eram em vez de vós, o Sol e a Lua, lindas obras vossas e nunca

O mistério da Trindade na história antiga e recente

vós mesmos. Aquelas nem sequer são as primeiras da criação. (...) Mas também não eram dessas primeiras criaturas que eu andava faminto e sequioso, mas sim de Vós, de Vós, Verdade em que não há “mudança nem sombra de vicissitude”. Naquelas bandejas serviam-me então ficções brilhantes. (...) Contudo, porque julgava que éreis Vós, alimentava-me com aqueles manjares, mas não avidamente, porque não vos saboreava na minha boca, tal qual sois. Nem estáveis naquelas ficções vãs, que, longe de me nutrirem, mais me debilitavam” (C. 3,6).

Ao se converter ao Catolicismo, fato longamente esperado por sua mãe que por ele rezara longos anos, Agostinho abandona uma vida de devassidão e se entrega a uma vida de devoção, sendo batizado em 387, ordenado padre por aclamação em 391 na cidade africana de Hipona, quando pouco mais tarde tornar-se bispo da mesma cidade em 396 com a morte de Valério.¹⁵⁸

O romantismo com que muitas vezes é descrita a história de Agostinho pode nos iludir para a realidade dos fatos em sua vida e influência que o moldou. Ambrósio, bispo de Milão, teve grande influência sobre a vida de Agostinho, e no ano em que Agostinho abandona o Maniqueísmo, HÄGGLUND (p.97, 1989) diz o seguinte sobre os novos rumos de sua vida:

No mesmo ano, 383, Agostinho atravessou o mar, indo até a Itália. Viveu em Milão, onde entrou em contato com o famoso teólogo e prelado Ambrósio, que exerceu influência decisiva sobre ele. Ambrósio representava a posição teológica ocidental, mas também ficara profundamente impressionado com a teologia do Oriente, bem como com a filosofia grega. Entre outras coisas, apropriara-se do método alegórico de interpretação de Filo e Orígenes. Esse método chegou a ter grande significado para Agostinho, uma vez que lhe permitiu pôr de lado algumas passagens da Escritura que considerava inaceitáveis.

A vida de Agostinho seria então transformada, e sua busca pela verdade consumada (segundo suas convicções) pela leitura, não inicialmente das Escritas Sagradas, mas de filósofos gregos,

como ele próprio admite em suas *Confissões* (VII, 20,26) em palavras bem convictas e sinceras dirigidas a Deus:

Depois de ter lido os livros dos platônicos, que me estimularam a procurar a verdade incorpórea, aprendi a descobrir teus atributos invisíveis através das coisas criadas, e compreendi, à custa de derrotas, qual a verdade que eu, imerso nas trevas, não tinha conseguido contemplar.

Eu estava certo de que existes e de que és infinito, sem no entanto te estenderes por espaços finitos ou infinitos; de que existes realmente, porque és sempre igual a ti mesmo, sem te tornares jamais diferente ou de algum modo mudares; de que todas as coisas provêm de ti, como prova o único e irrefutável fato de existirem.¹⁵⁹

A influência neoplatônica na vida de Agostinho seria fator determinante para sua formação e mesmo para a produção de suas obras literárias. E é importante que entendamos isso tendo lido e compreendido o que já vimos sobre Platão, Aristóteles e suas considerações sobre Deus ou os deuses. A pujança da filosofia na vida e obra de Agostinho é descrita por certo escritor da *História da teologia* (HÄGGLUND; p.99, 1989) da seguinte maneira:

Como já vimos, Agostinho submeteu-se à autoridade da igreja e aceitou os ensinamentos da Escritura depois de sua conversão. Seu batismo e a escolha da nova maneira de viver dão testemunho da natureza decisiva dessa modificação. Em seus escritos, entretanto, podemos ver certa continuidade; o que escreveu depois de sua conversão relaciona-se, até certo ponto, com o que escrevera antes dela. Mesmo as coisas que escreveu imediatamente depois de sua conversão (os **Solilóquios**, por exemplo) são obviamente influenciados pelo neoplatonismo. À medida que o tempo corria, voltou-se cada vez mais à tradição cristã, mas nunca rompeu completamente com o neoplatonismo (como fez, por exemplo, com o maniqueísmo). Em sua opinião o cristianismo e o neoplatonismo não se excluíam mutuamente. Acreditava que, em vez disso, ideias neoplatônicas o capacitaram a encontrar o cristianismo e a entender suas implicações mais profundas. Como resultado, os fundamentos de sua posição

O mistério da Trindade na história antiga e recente

teológica foram sempre, ao menos em parte, determinados por pressupostos neoplatônicos.

Essas informações nos levam conseqüentemente a considerar que as definições trinitárias de Platão quanto ao Ser infinito podem ter sido amplamente aceitas por Agostinho, ainda mais que em seu tempo a Igreja já definira e aceitara a ideia de um Deus triúno, tanto em Nicéia (325), e muito mais plenamente em Constantinopla (381). Quanto ao que Agostinho faria para conciliar suas descobertas, HÄGGLUND (p.100, 1989) diz que

Agostinho criou uma síntese que incluía tanto elementos cristãos como neoplatônicos em interação mútua. Estas linhas de pensamento podem ser isoladas e diferenciadas uma da outra, mas na mente de Agostinho formaram um ponto de vista unitário, simultaneamente cristão e neoplatônico.

Como dito anteriormente, a tendência experimentada por Tertuliano e Orígenes, de buscar na filosofia grega um ponto de apoio para a expressão da fé cristã, foi mantido por Agostinho e outros, antes e depois dele, como veremos mais adiante.

Quanto a Agostinho, SISÉ (p.85, 1997) nos informa que “Platão, Cícero e São Paulo alimentavam as suas meditações.” Já os autores ALTANER e STUIBER (p.434, 1988) indicam que “Agostinho cristianizou o neoplatonismo, como, mais tarde, Tomás de Aquino fez com o Aristotelismo.”

Essas informações servem como pano de fundo para entendermos e contextualizarmos as obras literárias de Agostinho e sua importância e influência para o Cristianismo a partir de então, como por exemplo a obra *A Trindade*, escrita entre 405 e 420, considerado seu trabalho doutrinário mais importante (SESÉ, p.145, 1997) “que exigiu de seu autor ingentes esforços, a tal ponto que mais de uma vez ele quis deixá-la de lado.”

No entanto, a obra foi concluída, e diferente de outras obras anteriores de outros autores que supostamente defenderam a doutrina trinitária (como Novaciano e Hilário) a obra de Agosti-

nho é muito mais explícita e conclusiva sobre o tema, deixando um legado para o Cristianismo na defesa do dogma da Trindade.

Estudando as obras Patrísticas é possível perceber que enquanto que para Novaciano e para Hilário a humanidade foi criada à imagem do Pai e Filho, Agostinho, por sua vez, vai mais adiante ao estender esse ato divino e aplicar o “*Façamos...*” de Gn. 1:26 não apenas ao Pai e ao Filho, mas também ao Espírito Santo. Analisemos adiante os textos desses autores cristãos.

Como já vimos algumas páginas atrás, Novaciano não incluiu o Espírito Santo na criação do homem quando analisou o relato de Gn 1:26 em sua obra (26,146):

Quem há que não reconheça que a pessoa do Filho é a segunda após o Pai, ao ler que foi dito pelo Pai, logicamente, ao Filho: “*Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança*”? Quem há que não reconheça que, depois disso, se afirmou: “*Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou*”?¹⁶⁰

Hilário de Poitiers, por sua vez, também seguiu essa mesma linha de interpretação por diversas vezes em sua obra (III, 23; IV, 17-20; V, 7-9). Em seguida citamos uma dessas vezes em que o Bispo de Poitiers alude à Gn 1:26, sem fazer referência ao terceiro da *Trindade*:

Para que a verdade da natureza e da operação seja manifestada mais plenamente, Aquele que, pelas palavras, expressava seu pensamento, submeteu, segundo a razão natural, o sentido à verdade, dizendo: *à nossa imagem e semelhança*. Onde está aqui o falso Deus, a quem o verdadeiro Deus diz: *à nossa imagem e semelhança*? *Nossa* não significa unicidade de pessoa, não diz diversidade, não diz diferença. Pois o homem foi feito à comum imagem, de acordo com a verdade da declaração. A união do falso e do verdadeiro não existe. Deus, que fala, fala a Deus: o homem é criado à imagem do Pai e do Filho. O nome não discorda, a natureza não é diferente. É uma só a forma da imagem segundo a qual foi o homem criado. [...] mais tarde demonstraremos segundo que imagem de Deus Pai e de Deus Filho foi criado o homem. Por enquanto veremos se não é

verdadeiro Deus aquele a quem o verdadeiro Deus disse: *Façamos o homem à nossa imagem e semelhança*. Distingue, se puderes, nesta comunhão de imagem o verdadeiro e o falso e, com herético furor, divide o que é indivisível. Pois são Um e o homem, criado à sua imagem e semelhança, é um.¹⁶¹

Agora temos Agostinho, que mesmo dizendo que havia lido outros escritores que o precederam e que trataram sobre o tema (I, 4,7)¹⁶² parece não ter lido direito, pois comentando o mesmo texto (Gn 1:26) enxergou nele uma pessoa a mais que todos os outros autores antes dele (I, 8,18a; VII, 6,12; IX, 12,17; XII, 6-8; XIV, 19,25). Como os textos são muitos, citarei apenas um, mas o leitor interessado pode pesquisar por si mesmo pelas referências que já foram dadas. Vejamos como Agostinho defende a existência de uma *Trindade* em Gn 1:26 em seu livro:

Outras vezes, a afirmação é velada, como no Gênesis: *Façamos o homem à nossa imagem e semelhança* (Gn 1,26). *Façamos e nossa* estão no plural e somente em sentido de relação é compreensível. Não quer dizer que fariam à imagem e semelhança de deuses: mas que o Pai, o Filho e do Espírito Santo fazem o homem à imagem do Pai, do Filho e do Espírito Santo, para que assim ele se tornasse imagem de Deus. Ora, Deus é Trindade.¹⁶³

Em sua obra (*A Trindade*), Agostinho defende ainda que as três pessoas divinas são imortais e invisíveis (II, 8,14; 9,15 e 16; XV, 5,7), diferente de Novaciano, que atribuiu essas prerrogativas exclusivamente ao Pai (2,12; 4,25-27; 30,176; 31,182) e Hilário que aplica esses e outros atributos ora ao Pai (II, 7; V, 34), ora ao Filho (I, 13; IX, 7; X, 63), ora ao Pai e ao Filho (IV, 8-10; XI, 4,5), mas nunca a um terceiro (o Espírito Santo).

Agostinho inaugura em sua obra (*A Trindade*) o termo “coeterno” aplicando-se às pessoas divinas (I, 6,13; IV, 20,27; 21,30; V, 16,17; VI, 1,1; XIII, 19,24; XV, 15,25; 19,36; 21,40; 26,47; 27,48), o que não fizeram outros escritores que trataram sobre o tema como Novaciano, Hilário nem o próprio Atanásio,

onde aparece a palavra “coeterno” mas apenas duas vezes e em duas introduções, por autoria de terceiros, uma na introdução da obra *Contra os pagãos* e outra na obra *A encarnação do Verbo*.¹⁶⁴

Diferente de Agostinho que ensinou a coeternidade de três pessoas divinas, Novaciano afirmou que “não pode haver dois infinitos” (4,25) e que “infinito é tudo que não tem absolutamente nem origem nem fim.” (4,25)¹⁶⁵, para ele, isso se aplica apenas ao Pai “o único que desconhece origem” (31,182), sendo ainda mais claro sobre isso ao dizer nas diretas palavras a profunda e inconfundível verdade sobre as pessoas divinas (31,185):

Pois o Pai também o precede, dado que é, como Pai, necessariamente anterior a ele. É necessário que aquele que desconhece origem anteceda o que tem origem, e, ao mesmo tempo, que este seja menor que aquele, ao saber que existe nele e, em certo modo, por meio dele, tendo origem porque nasce, e que, mesmo que tenha origem porque nasce, seja próximo a ele em virtude do nascimento, ao nascer daquele Pai, o único que não tem origem.¹⁶⁶

Como se fosse possível ser mais claro, Novaciano ainda explica melhor essa questão, o que nos ajuda a perceber que Agostinho no mínimo se equivocou ao atribuir coeternidade ao Filho. “Se ele fosse sem origem como o Pai, também ele, como o Pai, seria reconhecido qual princípio de todas as coisas e, estabelecendo dois princípios”, afirma Novaciano, o que “consequentemente, ter-nos-ia revelado a existência de dois deuses.” (31,188)

Em outro texto, Novaciano detalha ainda mais (31,189):

Agora, porém, tudo aquilo que ele é, não o é por si mesmo, posto que não é desprovido de nascimento, mas procede do Pai, dado que foi gerado. Quer como Verbo, quer como poder, quer como sabedoria, quer como luz, quer como Filho, ou qualquer desses atributos, ao não provir de outro que do Pai, como já dissemos acima, deve ao Pai a sua origem.

Aquele que, nascendo, tomou origem de quem é o único Deus não pôde ocasionar o desacordo a respeito da divindade com

relação ao número de dois deuses. Dessa maneira, ao ser unigênito, é também primogênito daquele que, por não ter origem, é o único princípio e cabeça de todas as coisas. Por isso, proclamou (Mc 12,30) que há um só Deus, o qual ele provou não estar sob princípio ou início algum, mas, antes, ser início e princípio de todas as coisas.¹⁶⁷

Agostinho é dúbio em sua doutrina, pois por vezes indica que “as três Pessoas são um só Deus” e no parágrafo seguinte diz que “O Espírito Santo é pois alguma coisa comum ao Pai e ao Filho, seja o que for.” (VI, 5,7). Essa “coisa”, segundo ele, poderia ser “amizade” se isso fosse mais exato; mas, para ele, o mais correto era “chamá-lo de caridade.”¹⁶⁸

O Bispo de Hipona segue essa alternância entre o Espírito Santo ser uma Pessoa (a terceira da *Trindade*) e ser uma coisa, comunhão, dom etc. em toda a sua obra.¹⁶⁹ Há quem acredite que possa ser os dois sem que o fato de ser uma coisa não anule a possibilidade de ser a outra. Outros, creem que precise ser necessariamente um ou outro: ou pessoa ou coisa, comunhão, dom etc.

A obra de Agostinho foi escrita durante um período de 15 anos (entre 405 e 420 d.C.) como já dissemos acima. Durante esse tempo Agostinho desenvolveu sua obra em 15 livros. No primeiro deles podemos ver que sua definição da *Trindade* não foi muito diferente da definição dada no último livro.

Para analisarmos isso com mais precisão, vejamos a primeira formulação, que é uma espécie de conclusão obtida por Agostinho supostamente sobre o que ele leu a respeito do assunto em alguns escritores cristãos anteriores a ele (I, 4,7):

O Pai, o Filho e o Espírito Santo perfazem uma unidade divina pela inseparável igualdade de uma única e mesma substância. Não são, portanto, três deuses, mas um só Deus, embora o Pai tenha gerado o Filho, e assim, o Filho não é o que é o Pai. O Filho foi gerado pelo Pai, e assim, o Pai não é o que o Filho é. E o Espírito Santo não é o Pai nem o Filho, mas somente o Espírito

A suplantação do mistério

do Pai e do Filho, igual ao Pai e ao Filho e pertencente à unidade da Trindade.¹⁷⁰

Se analisarmos pelo menos as obras de Novaciano (251 d.C.) e Hilário (359 d.C.) não encontramos nada semelhante. Eles trabalharam muito mais na explicação da igualdade entre o Pai e o Filho¹⁷¹ que numa estruturação trinitária como Agostinho (420 d.C.). Durante toda sua obra Agostinho se empenha na intenção de demonstrar a existência de um Deus triúno, como pode perceber quem estudar atentamente sua obra *A Trindade*.

Ao final do livro (*A Trindade* XV, 23,43) encontramos outra explicação que Agostinho dá na sua formulação dogmática:

Mas na suprema Trindade, incomparavelmente superior a todas as coisas, é tão perfeita a inseparabilidade das três Pessoas, que enquanto nunca se diria que uma trindade de homens possa ser chamada de um único homem, diz-se que na Trindade divina há um só Deus. Além disso, se essa imagem que é o homem, com as suas três faculdades é uma única pessoa, não acontece o mesmo na Trindade divina, pois aí são três as Pessoas: o Pai do Filho, o Filho do Pai e o Espírito do Pai e do Filho.¹⁷²

O que podemos perceber nas proposições de Agostinho não se fundamenta em autores como Novaciano (251 d.C.) e Hilário (359 d.C.), por exemplo, mas naquele que é apontado como seu mentor, Ambrósio de Milão (397†). Em comprovação a isso a citação de Roque Frangiotti na introdução da obra de Ambrósio de Milão é de grande utilidade comprobatória:

O imperador Graciano, ainda jovem, pediu a Ambrósio que o esclarecesse sobre a fé cristã. Seu tio Valentiniano era ariano. Queria ser esclarecido especialmente sobre o dogma da divindade do Verbo. Ambrósio responde-lhe por um tratado sobre a fé: *Sobre a fé para Graciano Augusto*, em cinco livros, no qual confessa: “Gostaria muito mais de exortar sobre a fé, do que discutir sobre ela. Exortar à fé, é uma profissão, discuti-la revela antes uma imprudente presunção” (Prólogo). Em 381, escreveu um tratado sobre a *Encarnação do Senhor*, dirigido contra os arianos. No mesmo ano, enquanto se realizava o

Concílio de Constantinopla, escreveu novamente a Graciano um tratado *Sobre o Espírito Santo*. Inspirando-se na teologia grega, afirma a identidade da essência do Espírito Santo com o Pai e o Filho. Assim, embora não sendo teólogo, contribuiu para a teologia trinitária. Sua terminologia prepara as formas definitivas para Agostinho.¹⁷³

Vamos observar atentamente as definições trinitárias de Ambrósio, um gaulês de descendência grega¹⁷⁴, que são claramente perceptíveis em sua obra *Explicação do Símbolo* (metade do v.2 e v.3), onde ele afirma o seguinte sobre o tal Símbolo:

Os santos apóstolos reunidos juntos fizeram um resumo da fé, a fim de que pudéssemos compreender brevemente o elenco de toda a nossa fé. A brevidade é necessária, para que ela seja sempre mantida na memória e na lembrança. Sei que principalmente em regiões do Oriente (acrescentaram coisas) àquelas que foram por primeiro transmitidas pelos nossos anciãos, uns por fraude, outros por zelo — os heréticos por fraude, os católicos por zelo. Aqueles, tentando esquivar-se fraudulentamente, acrescentaram o que não era devido, enquanto estes, esforçando-se para evitar a fraude, por certa piedade e imprudência, ultrapassaram os limites colocados pelos anciãos.

3. Os apóstolos, portanto, se reuniram e fizeram brevemente um símbolo.

Persignai-vos. (Feito isso e tendo recitado o símbolo): Neste símbolo, está compreendida de maneira evidentíssima, a divindade da Trindade eterna: a operação única do Pai, do Filho e do Espírito Santo, da venerável Trindade, de modo que tal seja a nossa fé, que creiamos do mesmo modo no Pai, no Filho e no Espírito Santo. Com efeito, onde não existe nenhuma distinção de majestade, também não deve haver distinção de fé. Por outro lado, frequentemente vos adverti que o nosso Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, foi o único que tomou esta carne com alma humana racional e perfeita, e assumiu a forma do corpo. Ele se tornou como um homem na verdade deste corpo, mas tem um privilégio singular de sua geração. De fato, não nasceu do sêmen de homem, mas, como se diz, foi gerado da virgem Maria pelo Espírito Santo. Reconheces (nisso) o privilégio do autor celeste? Tornado, portanto, como homem para assumir nossas

enfermidades em sua carne, mas veio com o privilégio da majestade eterna.

Recitemos, portanto, o símbolo. (Depois de recitado, assim continuou): Eis o conteúdo da Escritura divina. Deveríamos audaciosamente ultrapassar os limites (postos) pelos apóstolos? Acaso somos mais prudentes do que os apóstolos?¹⁷⁵

Teriam, de fato, se reunido os apóstolos para criar um “Símbolo” trinitário? Quando isso teria acontecido? Todos os apóstolos estavam presentes ou apenas alguns? Como isso teria acontecido se os apóstolos se dispersaram cada um para uma região do mundo, levando o evangelho e sendo martirizados? Se essa reunião aconteceu, e se foi criado esse Símbolo trinitário, por que essa “Escritura divina” mencionada por Ambrósio não entrou no cânon bíblico?

Essas são perguntas que nos ajudam a refletir e indagar: não seria esse suposto “Símbolo” uma invenção de católicos, como o próprio Ambrósio alude no final do v.2 de sua obra? Talvez esse “Símbolo apostólico” a que Ambrósio, mentor de Agostinho, se referiu foi a chamada *Didaqué*, ou *Ensino dos Doze Apóstolos* uma obra de autoria e data incerta e duvidosa.

A obra foi descoberta apenas em 1873, por um metropolitano grego de Nicomédia, chamado Mons. Filoteo Bryennios, que supostamente a encontrou, numa biblioteca, em Constantinopla, em um rolo de manuscritos escritos em grego, datados de 1056.¹⁷⁶ Além do mais a obra apresenta semelhanças com outras obras o que a torna suspeita e não confiável:

Muitas hipóteses foram levantadas para explicar a origem, a data da composição e seu autor. Alguns, como A. Von Harnack, julgam que a *Didaqué* está construída em cima de um escrito fundamental judaico que serviu de base aos primeiros capítulos que, interpolados e adicionados mais tarde, adquiriram a forma atual. Mais problemática é a dependência que outros afirmam ter a *Didaqué* da chamada Carta de Barnabé. De fato, os capítulos 18, 19 e 20 da referida Carta coincidem quase textualmente com passagens dos cinco primeiros capítulos da *Didaqué*. O livro VII das Constituições apostólicas é uma reprodução muito

interpolada de toda a *Didaqué*. Aproximações entre a *Didaqué* e passagens da Apologia de Aristides, de Justino, de Taciano, de Teófilo de Antioquia, de Ireneu, Oráculos sibilianos, Tertuliano e Orígenes, complicam o estabelecimento de sua originalidade e autenticidade.¹⁷⁷

A datação dessa carta (*Didaqué*) é uma “questão controversa” (PELIKAN; vol.1, p.160, 2014). A datação oficial, porém, aponta entre 70 e 120 d.C. ou ainda 80 e 90 d.C.¹⁷⁸ Nessa carta aparece uma fórmula batismal trinitária, sendo o batismo feito por imersão, ou mesmo aspensão na falta de água corrente:

7. ¹Quanto ao batismo, procedam assim: Depois de ditas todas essas coisas, batizem em água corrente, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

²Se você não tem água corrente, batize em outra água; se não puder batizar em água fria, faça-o em água quente.

³Na falta de uma e outra, derrame três vezes água sobre a cabeça, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.¹⁷⁹

Aparentemente essa fórmula concorda com Mt 28:19 no que concerne à Trindade. No entanto, se levarmos em consideração a veracidade de sua datação esse fato entra em flagrante conflito com o que disse RATZINGER (pp.61-62, 2014) o papa Emérito Bento XVI, que afirma ser o texto trinitário de Mt 28:19 um “Símbolo apostólico” escrito por alguém entre os séc. II e III na cidade de Roma, como vimos no quarto capítulo deste livro (*Outras versões e o mistério*), e não na Judeia por Mateus.

Se concordarmos que essa *Didaqué* foi de fato escrita em algum ano entre 80 e 90 d.C. contendo uma fórmula batismal trinitária possivelmente amparada em Mt 28:19, como essa fórmula não estaria presente na citação do texto de Mt 28:19 feita por Eusébio em sua *História eclesiástica* antes de 303 d.C.¹⁸⁰?

Não sabemos se foi a essa *Didaqué* que Ambrósio de Milão se referiu quando escreveu sobre o suposto “Símbolo apostólico”, mas um fato bem marcante é que o símbolo citado por Ambrósio

onde aparece claramente a palavra *Trindade* não se encontra na *Didaqué*.

Qual seria esse “Símbolo apostólico” então? Não sei dizer e também gostaria de saber sua origem. Por enquanto, só posso indicar sua origem nos escritos de Ambrósio. E ele foi, na verdade muito incoerente com seus leitores, pois disse o seguinte ao final de sua *Explicação do símbolo* (v. 9):

Quero avisá-los bem do seguinte: o símbolo não deve ser escrito. Deveis repeti-lo, mas ninguém o escreva. Por que motivo? Foi-nos transmitido que não deveria ser escrito. O que fazer então? Retê-lo de cor. Tu, porém, me dizes: “Como é possível retê-lo sem escrevê-lo?” Pode-se retê-lo melhor se não se escreve. Por que razão? É o seguinte. O que escreves, seguro de que o rereles, não te aplicarás em examiná-lo pela meditação diária. O que, porém, não escreves, terás medo de esquecer-lo e daí o repassarás todo dia. Isso é uma grande segurança. Se sobrevierem entorpecimentos da alma e do corpo, tentação do adversário, que nunca descansa, algum tremor do corpo, doença do estômago, repete o símbolo, e ficarás curado. Repete principalmente no teu íntimo, dentro de ti. Por quê? Para que não adquiras o hábito de repeti-lo muito alto sozinho onde estão os fiéis, comeces a repeti-lo entre os catecúmenos ou hereges.¹⁸¹

Por que Ambrósio escreveu se ele havia recomendado que ninguém o fizesse? Se não foi Ambrósio que escreveu, mas chegou até nós por algum católico que memorizou essa *Explicação do símbolo* de Ambrósio, por que o aluno não respeitou sua recomendação de não escrever o símbolo? Não tenho respostas para essas perguntas. O que sei é que o tal “Símbolo apostólico” chegou até nós. Mas o que posso afirmar segundo o que creio, essa é minha convicção, é de que o chamado “Símbolo apostólico” de apostólico não tem nada.

Presumo que esse Símbolo foi elaborado por aqueles tempos, pelas definições da Igreja nos Concílios, e reputaram a tal resolução dogmática a autoria apostólica. E Ambrósio viveu durante o período do Concílio de Constantinopla (381 d.C),

Constantinopla essa onde apareceu a chamada *Didaqué*, que por sua vez é um suposto *Ensino dos doze apóstolos*.

E o fato é que Agostinho, em todo esse contexto, escreveu seus 15 livros num período de 15 anos (405-420), recebendo toda essa “herança eclesiástica”, e também por influência de filósofos gregos, concluindo que Deus é uma *Trindade* de Pessoa divinas que não são três deuses, mas um só Deus.¹⁸² E nessa crença a fé de Agostinho e dos que creem no dogma da *Trindade* se estende para a crença de que ela poderá ser vista no céu:

Mas quando chegar o dia da visão, face a face (1Cor 13,12), a nós prometida, veremos esta Trindade não somente incorpórea, mas também deveras inseparável e realmente inalterável. E nós a veremos com muito maior clareza e certeza do que agora vemos esta sua imagem que somos nós. E aqueles que agora veem a Trindade aqui, por esse espelho e nesse enigma — na medida que se pode vê-la nesta vida —, não são os contemplam em sua mente essas três realidades que assinalamos e comentamos, mas os que a veem em sua mente como imagem de Deus, e podem relacioná-la àquele do qual são imagem, tudo o que veem. De maneira que, por essa imagem que veem pela contemplação, podem também pressentir a Deus por conjectura, posto que ainda não o podem ver “face a face”. Pois, na verdade, o Apóstolo não disse: “Vemos agora um espelho”, mas “Vemos agora por meio de um espelho” (1Cor 13,12).¹⁸³

Grosso modo, Agostinho ensinou que a *Trindade* são três Pessoas que apesar de existirem como Seres não tem corpo nem forma e que a despeito de tudo isso serão vistas no céu pelos salvos. Em seu tratado sobre *A Trindade* é possível encontrar em torno de 85 referências¹⁸⁴ à palavra “Pessoas” aplicando-se aos três da *Trindade* divina e em torno de 10 citações¹⁸⁵ diretas ou indiretas de que essas “Pessoas” da divindade são “incorpóreas”.

É surpreendente como Agostinho conseguiu associar essas duas realidades contraditórias (“Pessoas” e “incorpóreas”) na sua teologia. Ele deu algumas explicações para isso, tais como: “Dizemos, porém, ‘três pessoas’, não como se pretendêssemos nos

expressar com precisão, mas para não nos calarmos.” (V, 9,10b; p.203, 1994). Mais adiante, no sétimo livro de sua obra, explica assim o uso do termo “Pessoa” para Deus:

Ao discorrer sobre o inefável, para se poder expressar de algum modo o que não se pode traduzir em termos humanos, nossos escritores gregos falam em “uma essência e três substâncias”. Ao passo que os latinos empregam os termos: “uma essência ou substância e três pessoas”. Posto que em nossa língua latina, como já dissemos, os termos essência e substância não possuem significado diverso. E aprouve assim falar para se dar a compreender, pelo menos em enigma, o que se tenta expressar para responder quando nos perguntam: Que coisa são estes Três, pois que são três como no-lo assegura a fé verdadeira ao dizermos que o Pai não é o Filho, e que o Espírito Santo — Dom de Deus —, não é o Pai nem o Filho.

Diante da pergunta: o que são estas três realidades? ou: o que são esses três? esforçamo-nos por encontrar algum termo genérico ou específico, que sirva para abrangê-los, e não nos ocorre nenhum outro, porque as coisas sublimes da divindade excedem de muito a capacidade da linguagem humana. O pensamento está mais próximo de Deus do que a palavra e a realidade é mais verdadeira do que o pensamento. (VII, 4,7) p.245.

Demonstrando serem, de fato, pessoas, ele diz:

O Pai, o Filho e o Espírito são três. Investiguemos o que são e o que têm em comum. Não lhes é comum ser Pai de modo a serem pais reciprocamente, do mesmo modo como se pode dizer a respeito de três amigos, porque esse termo é relativo, e os amigos o são reciprocamente. Não acontece o mesmo na Trindade, porque aí somente o Pai é pai, não Pai dos outros dois, mas do Filho único. Não são três filhos, já que Pai não é o Filho nem o Espírito Santo. Não são três Espíritos Santos, porque Espírito Santo não é Pai e nem Filho, mas pelo próprio significado é também chamado Dom de Deus. O que então são os três? Se são três pessoas, é-lhes comum a qualidade de pessoa; portanto, cabe-lhes esse termo específico ou genérico de acordo com o modo de falar corrente. (VII, 4,7) p.247.

Sua insegurança em usar o termo “pessoas” para os três que ele afirmou existirem como *Trindade* é notório quando ele coloca isso em dúvida, mas talvez seja uma dúvida retórica ou apenas um recurso didático do qual ele se serviu para tratar do assunto. Mais adiante Agostinho explica melhor as razões de suas afirmações e insistência em afirmar a existência de três realidades em uma *Trindade* e declara o seguinte:

Não se podia, entretanto, deixar de dizer que eram três, o que Sabélio negou, caindo na heresia. Com efeito deduz-se das Escrituras o que devemos crer piedosamente e a mente se deslumbra pela percepção clara de que existe o Pai, o Filho e o Espírito Santo, e de que o Filho não é o mesmo que o Pai nem o Espírito Santo é o mesmo que o Pai e o Filho. A inteligência humana deficiente procurou palavras para designar essas três realidades, sem negar que cada uma subsiste separadamente. Expressaram-se dizendo que eram substâncias ou pessoas. Por esses termos quiseram dar a entender a ausência de diferença, mas não tiveram a intenção de sugerir a ausência de individualidade. Assim, de um lado, a ideia de unidade seria sugerida pela expressão “uma essência”; de outro lado, a ideia de trindade, pela expressão: “três substâncias ou pessoas”. (VII, 4,9) p.250

Essa informação é importante para entendermos o contexto e o lugar da obra de Agostinho na história. A insistência do Bispo de Hipona em afirmar que existiam três “Pessoas” ou realidades em uma *Trindade* ia totalmente de encontro contra a heresia de Sabélio que afirmava que era apenas uma realidade que se manifestava de três formas.¹⁸⁶

No entanto, como já disse anteriormente, a heresia e a ortodoxia são rótulos que servem muito bem aos seus propósitos: enganar, dividir, julgar e condenar. O dogma que se tornou ortodoxo oficializou o erro. E os erros classificados como heresias marginalizaram tudo aquilo que era contrário à ortodoxia, não somente os erros, mas também as verdades.

Os dois extremos podem ser observados nesse caso, com erros que podem ser denominados de desvio à esquerda e desvio à direita: o desvio à esquerda é dizer não são dois ou três, mas apenas um Ser, apenas um Deus e que o Filho e o Espírito Santo são manifestações diferentes de um único Ser (Sabelianismo). O desvio à direita é dizer que são três “Pessoas” ou realidades e um único Deus, que apesar de serem três não são três deuses, mas um só Deus. E acima de tudo dizer que os três são incorpóreos.

Foi isso que Agostinho fez ao explicar que “Costuma-se dizer que Deus é incorpóreo para afirmar e entender que não é corpo, mas espírito.” (XV, 5,7; p.488, 1994). E diante dessa premissa, que Deus é incorpóreo, se torna mais surpreendente na teologia de Agostinho as três Pessoas incorpóreas serem vistas no céu quando os remidos para lá forem:

Mas quando chegar o dia da visão, *face a face* (1Cor 13,12), a nós prometida, veremos esta Trindade não somente incorpórea, mas também deveras inseparável e realmente inalterável. E nós a veremos com muito maior clareza e certeza do que agora vemos esta sua imagem que somos nós. (XV, 23,44a) p.543

Segundo a compreensão bíblica de Agostinho, Deus não tem costas, como visto por Moisés no Monte Sinai (Êx 33:20-23):

Longe de nós, porém, pensar o mesmo com relação à natureza divina, ou que o Verbo de Deus e Sabedoria de Deus tenha rosto e costas como o corpo humano, ou que seja mutável na forma ou no movimento, em relação a lugar e a tempo. (II, 17,31) p.107

O Bispo de Hipona ainda faz uma falsa reputação do texto à Cristo e não ao Pai, como se no relato de Êx 33:20-23 fosse o Filho e não o Pai. O que torna ainda pior o erro de Agostinho, pois o próprio Filho disse do Pai “corpo me preparaste” (Hb 10:5) quando por ocasião de sua encarnação. E que esse mesmo corpo humano que Ele assumiu da nossa carne será visto na Glória eterna é dito dos que não o conheceram, mas lá estarão e perguntarão: “Que feridas são estas nas tuas mãos? Dirá ele: São feridas com

que fui ferido em casa dos meus amigos.” (Zc 13:6). Ora, se será possível ver as feridas nas mãos do Salvador, até mesmo os ímpios que o traspassaram o verão assim como o viram quando o traspassaram (Ap 1:7) como alguém pode crer, segundo Agostinho, que O Verbo de Deus, nosso Salvador não tem corpo, costas, rosto etc.? Como pode Agostinho dessa forma destruir a materialidade daquele que se fez carne e habitou entre nós?

Do próprio Pai foi dito pelo Filho que os anjos da guarda das criancinhas veem a face do Pai que está nos céus (Mt 18:10) e como pode ser concebido que Aquele que nos criou à Sua imagem e semelhança não tenha face, como afirma Agostinho: “Com razão, portanto, ninguém pode ver a face, isto é, a manifestação da Sabedoria de Deus e viver.” (II, 17,28; p.103, 1994). Assim deturpou as Escrituras aquele do qual já vimos não aceitar certas passagens da mesma.

Comentando sobre o tratado trinitário de Agostinho, PELIKAN (vol. 1, pp.296-297, 2014) afirma o seguinte quanto à posição do Bispo de Hipona em sua obra *A Trindade*:

As opiniões teológicas de Agostinho foram declaradas na matriz das doutrinas da igreja. Ele, em sua formulação mais especulativa do pensamento cristão, *A Trindade*, estava determinado a falar em nome da ortodoxia católica: “Essa também é minha fé desde que essa é a fé católica” (Ag. *Trind.* 1.5.7 [CCSL 50:36]).

Quando da conversão de Agostinho (387) essa ortodoxia trinitária já era uma realidade a qual ele se submeteu, como já vimos. “No ano 381, a doutrina católica da Trindade foi oficialmente aceita no Império Romano.”¹⁸⁸ E a história demonstra que “o desenvolvimento da ortodoxia católica estava intimamente associado ao surgimento da hegemonia papal.”¹⁸⁹

Descrevendo o desenvolvimento da doutrina trinitária naqueles tempos, PELIKAN (vol.1, p.352, 2014) deixa transparecer que o chamado credo de Atanásio servia-se de várias expressões dos escritos de Agostinho:

A suplantação do mistério

A afirmação do credo de Atanásio de que “o Pai é onipotente, o filho é onipotente e o Espírito Santo é onipotente; todavia não são três onipotentes, mas um onipotente” (*Symb. Ath.* 13-14 [Schaff 2:67]) foi tirada quase textualmente de *A Trindade* de Agostinho (Ag. *Trin.* 5.8.9; 8.1.2 [CCSL 50:215; 269]), obra em que há mais de uma ocorrência dessas declarações.

Ao que nos parece, a formulação trinitária do chamado *credo de Atanásio* só levou o seu nome, pois este viveu antes de Agostinho, e como vimos são as proposições de Agostinho que predominam nesse credo. Por isso podemos entender que, “a despeito de seu nome oficial, seria mais apropriadamente denominado ‘o credo agostiniano’.”¹⁹⁰ Isso demonstra que de fato a base teológica católica está fundamentada na obra do Bispo de Hipona.

Por que foi usado o nome de Atanásio (296 a 373), apontado como “campeão da ortodoxia em 328”¹⁹¹ para denominar um credo que teria como base conceitos formulados no século seguinte por Agostinho? Seria uma tática para supostamente fundamentar o credo com o nome do principal opositor de Ário? Não sei, mas também não duvido dessa hipótese.

Por agora vamos deixar essas questões de lado e o próprio Agostinho. Muito mais poderia apontar da obra de Agostinho, como veremos mais adiante. Tudo que comentei sobre Agostinho o fiz servindo-me até mesmo da abertura que ele deu aos seus leitores para fazerem ponderações à sua obra.¹⁸⁷ Precisamos também discorrer sobre como essas ideias trinitárias continuaram causando impacto na vida de pessoas, religiões e nações ao longo dos tempos. O farei até o final desse capítulo que, de tanto conteúdo, está com status de um livro.

Mas o que precisamos notar com atenção na história é o impacto que a crença correta teve na vida das pessoas levando-as mesmo até a morte. Precisamos também notar que o próprio Cristianismo, agora oficial, romano, ortodoxo, foi o responsável

por punir aqueles que se opunham aos seus dogmas estabelecidos durante os concílios.

Esse fato pode ser facilmente entendido quando se observa que, com a derrocada do Império Romano, das dez tribos bárbaras que dividiram e assumiram o que depois seria a Europa, três dessas tribos, que eram arianas e, portanto, não criam como a Igreja Católica, foram praticamente extintas e literalmente sumiram do mapa.

Alguns autores dão informações variadas sobre esse tema, prevalecendo, porém, a ideia de que foram de fato três povos arianos que sucumbiram diante da supremacia Católica. CAIRNS (p.115, 2008), por exemplo, nos informa que “o Arianismo então se espalhou entre os godos, vândalos e lombardos.”

Outro autor que menciona algo sobre isso é BLAINEY (p.75, 2012), citando que “os ostrogodos, visigodos e vândalos pareciam a ponto de tornar dominante, na metade ocidental da Europa, sua visão do cristianismo” que ele diz ter sido a ariana.

Descrevendo esse período da história, HILLGARTH (p.87, 2004) relata com alguns detalhes de importância histórica as nuances envolvendo católicos e arianos:

Os reinos vândalos e ostrogodos pereceram, ao menos em parte, devido à divisão religiosa entre os bárbaros arianos e seus súditos católicos. Os visigodos salvaram-se por pouco do mesmo perigo. [...] Em 507, os visigodos já tinham perdido quase toda a Gália para os francos, liderados por Clóvis, um convertido do Paganismo para o Catolicismo.

Aqui vemos que são citados novamente os três reinos arianos (opositores da doutrina católica), ou seja, os vândalos, ostrogodos e visigodos. No entanto vamos continuar analisando outras fontes sobre esse assunto e sua importância para a hegemonia do Catolicismo.

Um intérprete cristão das profecias (MAXWELL; p.129, 1996), em sua análise sobre o conflito entre católicos e arianos nesse período da história analisa assim as tribos arianas:

Algumas dessas tribos haviam sido cristianizadas antes de participarem da invasão do império. Mas o seu cristianismo não era católico. Tratava-se de uma espécie de arianismo. Ou seja, ao contrário dos católicos, essas tribos criam que Jesus, embora fosse muito grande, não era “Deus” em essência, e sim um ser criado. Em virtude das diferenças de seus pontos de vista, católicos e arianos opunham-se mutuamente.

Essa análise do autor citado é tendente a classificar os arianos como um povo que não cria na divindade de Jesus Cristo. Porém, como vimos páginas atrás, autores como PELIKAN (vol. 1, p.210, 2014) e ARMSTRONG (p.147, 2008) afirmam que os arianos não negavam a divindade de Cristo. A ideia que predominava, segundo muito do que pode ser lido é a de que Ário negava a divindade de Cristo e de que Ele era um ser criado¹⁹². Mas como já vimos, os vencedores contam a história dos derrotados, e como bem entendem. É preciso cautela ao analisar essas questões.

E por falar em derrotados, MAXWELL (p.129, 1996) em sua análise descreve como foram derrotados os arianos:

O imperador católico Zeno (474 a 491) arranhou um tratado com os ostrogodos em 487, o qual resultou na erradicação do reino dos arianos *hérulos* em 493. E o imperador católico Justiniano (527 a 565) exterminou os arianos *vândalos* em 534, reduzindo significativamente poder dos arianos *ostrogodos* em 538. Aqui se encontram, pois, os três chifres de Daniel – hérulos, vândalos e ostrogodos – os quais foram “**arrancados**”. (Itálicos e negrito do autor)

Conforme vimos nessa citação, os reinos arianos, que por terem crença diferente do dogma ortodoxo da Trindade foram “arrancados” do novo continente que nascia, são: hérulos, vândalos e ostrogodos. Dessa forma se cumpre exatamente a profecia de Daniel 7, que vaticinara que do quarto reino (Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia e Roma) surgiria uma “ponta pequena” ou “chifre pequeno” (poder pequeno), que depois

aumentaria e nesse crescimento arrancaria três reinos. Este poder foi o Catolicismo.

Comentando sobre isso um intérprete das profecias, americano do séc. XIX, aponta alguns motivos que acarretaram a destruição desses reinos arianos. SMITH (p.90, 1994) afirma que os três “chifres” que foram arrancados foram os hérulos, ostrogodos e vândalos e “a razão de terem sido arrancados foi que se opuseram às arrogantes pretensões da hierarquia papal e à supremacia eclesiástica do bispo de Roma.”

A supremacia papal tinha então seu início. As bases foram lançadas com aliados imbatíveis: imperadores cristãos como Constantino e Justiniano. No campo dogmático as bases também já estavam sólidas: com as formulações dos Concílios de Nicéia (325) e Constantinopla (381). Restava apenas tirar do caminho os maiores opositores para que o domínio universal se perpetuasse.

Isso aconteceu em uma escala maior com a destruição ou conversão de tribos arianas ao Catolicismo. Em uma escala menor, mas que ao longo dos anos se tornou maior, foi a completa aniquilação dos rotulados de hereges. E é bem importante salientar que essa era a classificação católica dada aos seus opositores. Não é possível precisar se todos que foram assim classificados pelo Catolicismo eram de fato hereges.

A história deixou registrada apenas alguns desses exemplos de julgamento e execução de “hereges”, mas muito se perdeu, ou simplesmente não foi registrado para a posteridade. Um fato que chegou até nós ocorrido no séc. VI é citado por LCHATRE (p.168, 2005) com detalhes inegavelmente perturbadores:

O clero tornara-se ainda mais terrível em Constantinopla; a majestade do trono não foi poupada; os padres cobriram de ultrajes o desgraçado imperador Anastácio; apunhalaram, quase à sua vista, os seus melhores amigos; massacraram uma religiosa que acusavam de lhes dar conselhos; arrancaram do seu retiro um pobre eremita e, depois de o ter degolado, passearam pela cidade

a sua cabeça espetada numa lança, gritando: “Eis o confidente daquele que declarou guerra à adorável Trindade! Assim perecem todos os blasfemadores das três pessoas divinas!”

Não bastasse toda a brutalidade do ato, o que mais choca é a afirmação abrangente da repetição dessa barbárie (e de outras formas de execução) para “todos os blasfemadores das três pessoas divinas”, assim procediam os padres nesses tempos tenebrosos contra quem não cria no dogma ortodoxo da *Trindade*.

Apesar desses horrores cometidos pelos padres, ainda nos é dito que nesse mesmo século (VI) existiam alguns monges que rejeitavam o dogma “que Jesus Cristo, filho único de Deus, nascido de Maria, seja uma das pessoas da Trindade.”¹⁹³

Por essa e outras histórias é possível entender que os verdadeiros adoradores não se macularam com o cristianismo que foi se apostatando da fé verdadeira, mergulhando nos crimes mais bárbaros e culpando a outros de serem bárbaros.

Falando sobre a condição da Igreja nos séculos VI e VII, HILLGARTH (p. 103, 2004) faz um verdadeiro Raio-X do Catolicismo nesse tempo, em imitação à crueldade do Império Romano pagão no início do Cristianismo:

A igreja adquiriu um caráter legal e militar nesses séculos – quando sua hierarquia foi modelada a partir da hierarquia militarizada do final do Império Romano e seu Deus a partir do governante despótico do Império e suas imitações inferiores, os reis bárbaros – que ainda não foi apagada.

Conta-se que nessa época “Deus e Cristo tornaram-se mais distantes do homem” e que “as igrejas eram dedicadas ‘em nome de nosso Deus Jesus Cristo’, sem nenhuma menção ao Deus Pai.”¹⁹⁴ o que nos mostra a severa miopia espiritual e doutrinária que acometeu a Igreja naqueles tempos.

Ao mesmo tempo em que Deus Pai era ignorado na dedicação dos templos católicos, as glorificações e louvores do clero e dos fiéis eram endereçados para as três pessoas da ortodo-

xa Trindade: “Glória a Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, a Quem compete cuidar da paz e da unidade de Sua Santa Igreja Católica!” foi a glorificação dada após o Concílio de Toledo (589).¹⁹⁵

Os Concílios de Toledo foram concílios regionais, diferentes dos Concílios ecumênicos como os de Nicéia (325) e de Constantinopla (381). Esses eram convocados pelos Visigodos, reino ariano que se converteu ao Catolicismo. Esses concílios aconteceram num período de pouco mais de 3 séculos (entre 397 a 702), ocorrendo ao todo 18 Concílios de Toledo, que tratavam de assuntos religiosos e de estado.¹⁹⁶ No 3º desses concílios (589) o Rei Recared, que antes era ariano, demonstra com as seguintes palavras a nova fé, não só dele, mas de muitos do seu povo:

“Que Vossas Reverências, então, apressem-se em adicionar nossa fé aos testemunhos canônicos e em ouvir dos bispos, homens primeiros e religiosos de nossa raça, a fé que sabiamente confessaram a Deus na Igreja Católica. Preservem tudo isso – anotado em detalhe e confirmado por suas assinaturas – como um testemunho de Deus e dos homens para os tempos vindouros, para que [os homens saibam que] aqueles povos, em cuja cabeceira nós estamos em nome de Deus no Poder Real, abjurando seus erros passados, recebam o Espírito, o Paracleto, na Igreja de Deus, pela unção da santíssima Crisma e da imposição de mãos. Eles confessaram o mesmo Espírito como o mesmo e igual ao Pai e ao Filho, e por seu dom foram estabelecidos no seio da Santa Igreja Católica. Se alguns dentre eles se recusam a acreditar nesta nossa santa e verdadeira confissão, que sintam a ira de Deus com eterno anátema, e que sua perdição alegre os fiéis e seja um exemplo para os infiéis.”

Trecho do “Tomo da Santíssima Fé”, apresentado pelo rei Recared ao Terceiro Concílio de Toledo (589), “no qual a heresia ariana foi condenada na Espanha” e a conversão oficial dos visigodos ao Catolicismo foi celebrada, *PI*, col. 342-45.¹⁹⁷

A supremacia papal e católica ia assim, então, se consolidando e com ela a doutrina ortodoxa da *Trindade* sobrepujando o arianismo na dissolução do Império Romano e início da Europa

dividida. Conforme MORENO (p.111, 1989, apud MARTIN, v.40, p.371, 1995) o pai do Rei Recared, Leovigildo, tentou uma unificação entre godos e romanos, arianos e cristãos, sob a fé ariana. Essa tentativa, porém, fracassou, vindo a ser conseguida por seu filho sob a adesão à fé católica.

Essa importante conversão de um monarca foi comparada a de Constantino, pelo fato de este rei visigodo ter condenado o arianismo como o Imperador e presidente do Concílio niceno o fez, passando o monarca visigodo “a assinar seu próprio nome com o gentílico da dinastia constantiniana: Flavius Recaredus.¹⁹⁸

O III e IV Concílios de Toledo (589 e 633) consolidaram de forma basilar a união entre Igreja e Estado no início da Idade Média, tanto que as decisões judiciais passaram a ter a inspeção dos bispos e a sucessão dos reis passaram a ser definidas em comum acordo entre nobreza e clero.¹⁹⁹

O poder dos padres aumentava cada vez mais e durante o séc. VII usavam de astúcia e audácia no trato com os reis, sujeitando-se a eles quando eram poderosos e revoltando-se contra eles, quando prestes a serem derrotados por seus inimigos ou quando não podiam por esses reis serem castigados.²⁰⁰

Para manter o povo na ignorância cada vez mais profunda impediam que os mesmos aprendessem a ler, sob pena de serem excomungados.²⁰¹ É dito também que nesse tempo “os mais preciosos manuscritos foram lançados às chamas pelas mãos desses vândalos cobertos com a tiara, e a humanidade teve que velar as faces para chorar os ricos tesouros que lhes eram roubados.”²⁰²

As trevas dominaram de tal forma que o erro debelou com status de licitude, e os crimes mais hediondos eram praticados sob o véu da falsa santidade. Diferente da estratégia e caráter de Jesus Cristo, que era ensinar com amor e com o exemplo, os sacerdotes católicos praticavam totalmente o contrário, atuando pela força da coerção e sendo os mais vis, corruptos, sem exemplo e sem moral:

Assim se achavam, desconhecidas, aviltadas, conspurcadas, as sublimes doutrinas de Jesus Cristo; assim se achava interpretada a intenção do Revelador! Os papas substituíam os seus caprichos às leis do Evangelho e serviam-se da autoridade que tinham usurpado, empregando fraudulentamente o nome de Cristo, para oprimir os homens. Finalmente, a sua audácia era tanta que ousavam dizer: “Povos, escutai! Nós, que somos os intérpretes da ciência suprema, declaramos-vos que a verdade sai da nossa boca, que temos o direito de impor as nossas crenças, e aquele que não pregar, que não ensinar o que nós pregamos e o que nós ensinamos será excomungado, embora seja o próprio Cristo!”²⁰³

Não bastasse todas as determinações conciliares anteriores um novo concílio aconteceu em Roma (649), contando com a presença de 500 bispos que julgaram todas as questões que agitavam as igrejas na época. As conclusões a que chegaram foram:

Depois de uma longa deliberação, o concílio pronunciou o seu julgamento em 20 cânones; condenou todos aqueles que não confessavam a Trindade e a encarnação do Verbo, e que se recusavam a reconhecer Maria como mãe de Deus, e o Cristo como consubstancial a seu Pai e à Virgem, sua mãe. Os padres decidiram que Jesus Cristo era por si mesmo uma natureza do Verbo encarnado; que as duas naturezas subsistiam distintas dele, que estavam unidas hipostaticamente e conservavam as suas propriedades, e que ele executava duas vontades e duas operações, uma divina e outra humana; finalmente, condenaram aqueles que rejeitassem esses dogmas ou que não pronunciassem anátemas contra os heréticos que atacassem a Trindade e a encarnação.²⁰⁴

A tirania da religião dominava com mão de ferro e impunha seus dogmas com as mais severas ameaças, fazendo com que todos fossem escravos intelectuais de seus ensinamentos e interpretação das Escrituras, fazendo “triunfar as doutrinas dos Santos Padres e dos concílios.”²⁰⁵

O papa desse tempo, chamado Martinho I, que presidiu o Concílio de Roma, mais tarde (654) viria a declarar um absurdo

sem nenhum amparo nas Sagradas Escrituras: “Creio na gloriosa Maria, virgem e mãe de Cristo, e declaro anátema, neste mundo e no outro, contra aqueles que se recusam a venerá-la e adorá-la como um ente superior a todas as criaturas.”²⁰⁶

Não bastava adorar um terceiro além do Pai e do Filho, algo nunca mencionado nas Escrituras (AT ou NT), agora até mesmo a mãe de Jesus deveria ser adorada com as mais severas ameaças, apenas porque assim determinara um papa católico. Dessa forma cada vez mais ia se afundando a Igreja em uma completa confusão, ao ponto que “Roma começou por ordenar o que Deus não tinha proibido, e acabou por proibir o que Ele havia explicitamente ordenado.”²⁰⁷

Como já dissemos algumas páginas atrás, o paganismo não morreu com a ascensão e supremacia católica. O que citarei agora é como de forma sutil o paganismo sobreviveu no cerne do Cristianismo Católico Romano:

Se for examinada a literatura produzida em irlandês – grande parte da qual provavelmente em monastérios – nota-se que os heróis do passado pagão continuaram a ser reverenciados de um modo que seria, novamente, difícil de ser encontrado em outro lugar na cristandade ocidental. Os deuses pagãos tiveram seus atributos transferidos a santos cristãos. Santos como Columba Cille, que estavam profundamente envolvidos em disputas e batalhas aristocráticas, provaram ser excelentes substitutos para os antigos deuses celtas da guerra. A deusa pagã Brigida foi fundida a uma santa cristã razoavelmente obscura. Em Kildare, os dois cultos se uniram.²⁰⁸

Assim as venerações que antes eram destinadas aos deuses pagãos passaram a ser direcionadas aos santos católicos, e de uma forma muito mais ampliada e perversa, a adoração que deveria ser direcionada apenas ao Deus verdadeiro e ao Seu Filho unigênito²⁰⁹, foi distribuída para a criatura ao invés de somente para o Criador, o único digno, juntamente com Seu Filho, coautor da criação (Pv 8:12-36; 30:4; 1Co 1:18-25; Ap 4:11; 5:11-14 etc.).

As relações entre reis e clero católico romano se tornaram cada vez mais estreitas e tendentes ao fortalecimento de ambos, onde trocas de interesses mútuos determinavam suas ações. No séc. VIII um importante monarca francês, que mantinha ótimas relações com o papa da época (Adriano I) começou a perceber coisas muito chocantes envolvendo padres nos territórios pelos quais passou. LACHATRE (p.331, 2005) assim descreve essas descobertas desconcertantes para o monarca francês:

Calos Magno, nas suas diferentes viagens conhecera a horrível depravação do clero italiano, e a esse respeito dirigira queixas ao pontífice para que pusesse freio àqueles desregramentos. O príncipe feria os padres romanos com os nomes mais odiosos; acusava-os de se entregarem ao comércio dos escravos, de venderem donzelas aos sarracenos, de manterem publicamente lupanares e casas de jogo, e de escandalizarem a cristandade com monstruosidades que haviam atraído em outro tempo a vingança de Deus sobre as cidades de Sodoma e Gomorra.

Todo esse relato foi reputado pelo papa como calúnias e deu uma explicação para cada um deles, fazendo com que o rei aceitasse suas justificativas. Se de fato os relatos que chegaram a Carlos Magno fossem verdadeiros e o papa estivesse apenas tentando minimizá-los não sabemos, mas não é de se duvidar. Vindo a ser verdade isso só mostra que a doutrina e crença desses homens não tinha poder suficiente para santificar suas vidas, como se pode perceber pelos relatos apresentados. Ao mesmo tempo que a depravação moral carcomia o caráter desses infames sodomitas, sua vida espiritual era caracterizada por ensinamentos enganadores, como mais tarde Carlos Magno combateria.

O imperador francês escrevera alguns livros para combater uma prática que estava sendo defendida por uma facção dentro do catolicismo que por meio de um Concílio que se realizou em Nicéia pretendia “obrigar os fiéis a prostrarem diante das imagens e prestar-lhes um culto idólatra.”²¹⁰

No prefácio de um desses livros de Carlos Magno ele censura a posição de um abade que nesse concílio chegou ao absurdo de afirmar “que valia mais frequentar as tabernas e os lupanares, cometer adultérios, estupros, incestos e até mesmo assassínios, do que abster-se da adoração das estátuas de Jesus Cristo, de sua mãe e dos gloriosos mártires”²¹¹ tamanha era a sanha episcopal desses pervertidos pela adoração de imagens.

Descrivendo algumas perversidades cometidas nas igrejas da Espanha nesse período, LACHATRE (p.335, 2005) relata:

E, com efeito, alguns prelados daquela província adiavam a celebração da festa da Páscoa para além do tempo prescrito pelo concílio de Nicéia; outros tratavam de ignorantes os que se recusavam a comer o sangue do porco e as carnes de animais sufocados; um grande número de padres, abusando do texto das Escrituras sobre a predestinação, negavam o livre-arbítrio; finalmente a maior parte dos prelados, conformando-se com os costumes dos judeus e dos pagãos, escandalizavam os cristãos com casamentos ilícitos ou entretinham muitas concubinas em suas casas. Os bispos conservavam nas suas habitações episcopais cortesãs e eunucos, sob pretexto de querer converter os árabes aproximando-se dos seus costumes, mas, na realidade, para continuarem mais facilmente uma vida de escândalo e de devassidão.

A depravação parecia não ter limites sob a batina do clero católico e as heresias e doutrinas ortodoxas iam se misturando e perpetuando a ponto de erros grosseiros irem se tornando práticas comuns na Igreja daqueles tempos e a partir deles.

Não contente com esse estado de coisas, e insatisfeito pela inépcia do papa Adriano I, o monarca francês e católico dedicado Carlos Magno convocou ele mesmo um Concílio em Frankfur, na residência real, contando com a presença de 300 padres ou monges e principais senhores da corte imperial.²¹² Dentre as decisões desse concílio presidido pelo próprio Carlos Magno, ao contexto de nossa abordagem neste livro, destaca-se as seguintes palavras do Imperador francês e católico:

“E quanto à proposição submetida ao nosso julgamento sobre o novo sínodo reunido em Constantinopla, no qual foi ordenado, sob pena de anátema, prestar às imagens dos santos o serviço e a adoração que se presta à Trindade Divina, os padres da nossa assembléia rejeitaram como sacrílega essa doutrina ímpia e repelem o julgamento da corte de Roma.”²¹³

Essas conclusões a que chegaram, por mais que estivessem bem-intencionadas, não tiveram apoio da Santa Sé, e os livros iconoclastas de Carlos Magno foram relegados pelo papa Adriano e os demais idólatras. Dessa forma o verdadeiro mistério de Deus (“do Pai e de Cristo” Cl 2:1-3; ACF) foi sendo suplantado e substituído por mistérios que iam se acumulando à medida que meras criaturas iam sendo admitidas em uma espécie de panteão católico romano com seus heróis e heroínas.

Foi assim que um deus trinitário forjado por doutrinas de homens (Mt 15:9) se tornou objeto de culto, para depois esses próprios homens e outros tantos que defenderam esse mesmo deus também passassem a receber adoração por meio de pinturas, esculturas e relíquias.

Mas o Deus verdadeiro manteve seu povo nesse tempo, longe do covil de salteadores, que à semelhança dos antigos judeus, haviam usurpado a posição de guias religiosos e espirituais do povo. A verdadeira igreja de Deus nesse tempo se manteve nas montanhas e lugares retirados e solitários das cavernas preservando os verdadeiros ensinamentos de Cristo sem as perversas poluições do clero romano.²¹⁴

Essa igreja, clandestina aos olhos de muitos, não foi deixada em paz adorando a Deus segundo os ditames de sua consciência, mas de tempos em tempos era perseguida pelo clero e os nobres católicos, e muitos dos chamados valdenses e albigenses foram caçados como animais pelas montanhas e cavernas da terra por causa de sua fé e pregação.²¹⁵

No séc. IX a metafísica aristotélica, que como vimos anteriormente propagava mistérios trinitários, passou a ser usada

nas escolas teológicas, servindo “como um dos mais importantes pressupostos para a edificação dos sistemas da ‘alta escolástica’.” (HÄGGLUND; p.140, 1989).

Ao mesmo tempo que o clero se servia dos escritos de Aristóteles, bem como dos de Platão, na instrução de seus teólogos, os mandamentos de Deus como o 4º que ordena observar o sábado, e o 2º que proíbe adorar imagens (Êx 20), continuaram a ser flagrantemente transgredidos pelas imposições papais:

Deve-se festejar o domingo, e não o sábado; deveis abstrair-vos de trabalhos nos dias da festa da Santa Virgem, dos doze Apóstolos, dos Evangelistas, de S. João Batista, de Santo Estevão, primeiro mártir, e dos santos cuja memória é venerada em nosso país.²¹⁶

Os homens canonizados pela Igreja passaram a ter seus próprios dias especiais de veneração, enquanto que o dia do Criador, o sábado (Êx 20:8-11), era suplantado com o estabelecimento de dias para honrar à criatura ao invés do Criador. Muitos desses homens cometeram as mais absurdas e cruéis atrocidades, para depois terem seus nomes elevados ao olimpo católico.

Um desses foi nomeado pelos católicos de São Nicolau Magno, o papa Nicolau I, que recebeu como dia festivo a data de 13 de novembro.²¹⁷ Sobre esse papa, que virou santo, existem coisas relatadas na história que podem até causar nojo a quem deseja de fato servir a Deus com integridade. Sua pretensão alcançou patamares tão altos a ponto de o mesmo proferir:

“Sabei, príncipe, que os vigários de Jesus Cristo estão acima dos julgamentos dos mortais, e que os soberanos, os mais poderosos, não têm o direito de castigar os crimes dos papas, por enormes que eles sejam. O vosso pensamento deve ser ocupado tão-somente pelos esforços que eles praticam para corrigir a Igreja, sem que se inquiete com suas ações; porque, por muito criminosos e escandalosos que sejam os deboches dos pontífices, deveis obedecer-lhes, porque estão sentados na cadeira de S.

O mistério da Trindade na história antiga e recente

Pedro, e o próprio Jesus Cristo, ao passo que condenava os excessos dos escribas e dos fariseus, ordenou-lhes obedecessem, porque eram os intérpretes da lei de Moisés.”²¹⁸

O que se poderia esperar de um papa como esse? Suas próprias palavras o condenavam (Mt 12:37) ao justificar suas atitudes arrogantes carregadas de confissão criminosa. Mas isso não é o bastante para se perceber a empáfia desse prelado. Os próprios padres se viram obrigados a implorar uma atitude da realza contra o seu superior máximo na cátedra romana:

Fócio, que dirigia as decisões da assembléia, desejando chamar o Imperador Luiz aos seus interesses, fê-lo declarar soberano da Itália, com o título de Basílio, e mandou-lhe levar as atas do concílio por embaixadores que deviam oferecer magníficos presentes à princesa Ingelberge, sua mulher. Nas suas cartas, os padres suplicavam ao príncipe que fizesse expulsar de Roma o infame Nicolau, a quem chamavam de sacrílego, demoníaco, assassino e sodomita.²¹⁹

Nas mãos desse tipo de pessoa era conduzida uma Igreja corrompida e adulterada, que foi se embrenhando cada vez mais no que foi denominado pelos historiadores como a Idade das Trevas, onde a luz da Palavra de Deus ficou na obscuridade. Esse período, desde Constantino, foi descrito por MOSHEIM (vol.1, pp.364, 365, 1826, citado por SMITH, p.87, 2017) de forma bem franca e até mesmo impactante àqueles que possam desconhecer as cavilações desse período. Vejamos como isso se deu:

Aquelas vãs ficções que antes de Constantino a maior parte dos Doutores cristãos, apegados à filosofia platônica e às opiniões populares, tinham abraçado, eram agora confirmadas, ampliadas e embelezadas de várias maneiras. Daqui se originou a extravagante veneração pelos santos mortos e as absurdas noções, que agora prevaleciam, e que se veriam representadas por toda parte, de certo fogo destinado a purificar as almas desincorporadas. Daqui também o celibato dos padres, a adoração de imagens e relíquias, que com o passar do tempo destruiu quase por completo a religião cristã, ou pelo menos

A suplantação do mistério

eclipsou o seu brilho, e corrompeu, da maneira mais deplorável, a sua própria essência. Um enorme cortejo de superstições foi substituindo gradualmente a verdadeira religião e a genuína piedade. Esta odiosa revolução procedeu de uma variedade de causas. Uma precipitação ridícula em receber novas opiniões, um absurdo desejo de imitar os ritos pagãos, e de misturá-los com o culto cristão, e a frívola propensão que a humanidade em geral tem para uma religião pomposa, tudo isto contribuiu para estabelecer o reino da superstição sobre as ruínas do cristianismo.²²⁰

Nessa síntese brilhante que contrasta com as trevas que se abateram sobre a igreja que se denominou cristã pode perceber que bem pouco de cristão de fato restou em meio a tanto obscurantismo ocorrido no período denominado no Apocalipse como o do cavalo preto (Apoc. 6:5 e 6). Demonstrando certa limitação de espaço para descrever tantas adulterações do evangelho autêntico, o mesmo autor expõe as farsas infligidas pelos padres:

Seria necessário um volume inteiro para conter a enumeração das variadas fraudes que astutos velhacos praticaram com sucesso para enganar os ignorantes, quando foi quase inteiramente substituída a religião verdadeira por horrenda superstição.²²¹

Como pode ser percebido na história eclesiástica, a adoção do primeiro erro na concepção de um deus trino abriu as portas para uma enxurrada de erros ao longo das eras tenebrosas da Igreja medieval. A ignorância e superstição do povo, promovida e arquitetada pela própria Igreja, fez com que o engano se solidificasse como algo essencial à salvação do povo.

Revelando como começaram as trevas morais daqueles tempos, WHITE (p.51, 1988) descerra as cortinas que ocultavam e ainda obliteram em muitas mentes as cenas reais desse capítulo da história, indicando qual foi a estratégia para manter o povo sob a ignorância soterrada debaixo dos dogmas católicos:

A fim de Satanás manter o seu domínio sobre os homens e estabelecer a autoridade humana, deveria conservá-los na ignorância das Escrituras. A Bíblia exaltaria a Deus e colocaria o homem finito em sua verdadeira posição; portanto, suas sagradas verdades deveriam ser ocultadas e suprimidas. Esta lógica foi adotada pela Igreja de Roma. Durante séculos a circulação da Escritura foi proibida. Ao povo era vedado lê-la ou tê-la em casa, e sacerdotes e prelados sem escrúpulos interpretavam-lhe os ensinamentos de modo a favorecerem suas pretensões. Assim o chefe da igreja veio a ser quase universalmente reconhecido como o vigário de Deus na Terra, dotado de autoridade sobre a igreja e o Estado.

Essa estratégia funcionou, garantindo o domínio das mentes, ocultando-lhes as gemas preciosas da Palavra de Deus e em troca instruindo-lhes com palha, ao invés de trigo. Quanto aos líderes religiosos desse tempo, que furtaram ao povo o direito de acessar as Escrituras Sagradas por si mesmos, pode muito bem ser aplicadas as palavras do profeta Jeremias:

O profeta que tem um sonho conte o sonho; e aquele que tem a minha palavra, fale a minha palavra com verdade. Que tem a palha com o trigo? Diz o Senhor.

Porventura a minha palavra não é como o fogo, diz o Senhor, e como um martelo que esmiúça a pedra?

Portanto, eis que eu sou contra os profetas, diz o Senhor, que furtam as minhas palavras, cada um ao seu próximo.

Eis que eu sou contra os profetas, diz o Senhor, que usam de sua própria linguagem, e dizem: Ele disse. **Jeremias 23:28-31; ACF**

Sacerdotes como Anselmo de Cantuária, que foi um dos canonizados pela Igreja, diziam que a teologia devia seguir princípios de matérias gregas como a Filosofia e a Lógica.²²² Ele não era uma excessão nessa questão. Na verdade, Anselmo só estava continuando o que tantos outros praticaram desde os primórdios do Cristianismo, como já vimos em páginas anteriores (pp. 271, 298-299), onde mencionei que a filosofia grega seria constantemente utilizada para fundamentar conceitos cristãos católicos.

A autora do livro *O Grande Conflito*, best seller mundial, aponta, sem mencionar a *Trindade*, que um *deus filosófico* tem sido adorado por muitos, enquanto que o verdadeiro Deus é ignorado. Vejamos como Ellen WHITE (p. 583, 1988) relata esse fato crucial sobre o Deus verdadeiro e os falsos:

Rejeitando a verdade, os homens rejeitam o seu Autor. Desprezando a lei de Deus, negam a autoridade do Legislador. É tão fácil fazer um ídolo de falsas doutrinas e teorias, como talhá-lo de madeira ou pedra. Representando falsamente os atributos de Deus, Satanás leva os homens a olhá-Lo sob falso prisma. Para muitos, um ídolo filosófico é entronizado em lugar de Jeová, enquanto o Deus vivo, conforme é revelado em Sua Palavra, em Cristo e nas obras da Criação, é adorado apenas por poucos. Milhares deificam a Natureza, enquanto negam o Deus da Natureza. Posto que de forma diversa, existe hoje a idolatria no mundo cristão tão verdadeiramente como existiu entre o antigo Israel nos dias de Elias. O deus de muitos homens que se professam sábios, de filósofos, poetas, políticos, jornalistas; o deus dos seletos centros da moda, de muitos colégios e universidades, mesmo de algumas instituições teológicas, pouco melhor é do que Baal, o deus-Sol da Fenícia.

Percebemos que o Deus verdadeiro é revelado na Bíblia, em Cristo e nas obras da criação. Ou seja, não somente a Bíblia revela quem é o Deus verdadeiro, como Cristo revelou essa importante verdade (Mc 12:28-34; Jo 17:1-3 etc.) como também a natureza dá testemunho disso (Sl 19; Rm 1:18-25 etc.). Qual ídolo filosófico é defendido com ardor nas instituições teológicas? Já temos percebido como filosofia e teologia tem se misturado ao longo dos anos e que deus tem sido o produto dessa mistura.

Quais são as implicações para a fé cristã dessa mistura com filosofias gregas? Se isso não parece bastante óbvio ao leitor, basta comparar como, à semelhança da mitologia grega, o catolicismo foi criando ao longo dos anos seu próprio panteão de santos a serem venerados, cada um sendo responsável por uma causa específica, à semelhança dos deuses gregos.

Um escritor francês explorou bastante essa semelhança a ponto de escrever um livro sobre o assunto chamado *Les saints successeurs des dieux* que em tradução livre é: *Os santos sucessores dos deuses*. A obra de 1907 está disponível para o público²²³ e pode ser pesquisada usando a ferramenta de tradução do Google.

Na obra o autor Pierre Saintyves (1870-1935) aponta em sua introdução a forma sorrateira como a mitologia grega sobreviveu com seu paganismo dentro do Cristianismo:

O encontro do Cristianismo com o paganismo foi para produzir um fenômeno semelhante e muitos desses deuses muitas vezes já maquiados e terrivelmente desfigurados eram cristianizados, coroados com um halo dourado e colocados no paraíso cristão para desfrutar ali as glórias e os triunfos do novo Olimpo. O estudo desse fenômeno é justamente o objetivo deste livro.

Esse fato pode ser facilmente comprovado quando percebemos que, por exemplo, o denominado no catolicismo São Pedro é aquele responsável, segundo eles creem, de enviar chuva. Enquanto que na Bíblia diz que quem faz isso é Deus (Sl 68:9; 135:5, 6; Jl 2:23; Zc 10:1 etc.). Afastando-se da verdade das Escrituras o catolicismo se aproximou do paganismo grego que diz que quem comandava as chuvas, relâmpagos e os fenômenos atmosféricos em geral era Zeus (Jupiter). As comparações podem ser numerosas nesse sentido no catolicismo.

Existe o santo casamenteiro (S. Antônio) assim como na mitologia grega havia o deus Eros, mais conhecido como Cupido, que, segundo o mito, quando disparava suas flechas apaixonadas em um par era casamento na certa. Se fôssemos ficar aqui apontando as correlações gastaríamos páginas e mais páginas, e essa não é nossa intenção. Nosso objetivo é demonstrar como o catolicismo se afastou da fé que uma vez foi dada aos santos (Jd 3), os verdadeiros santos, que são os que guardam os verdadeiros mandamentos de Deus (Ap 14:12; Êx 20:1-17), para se assemelhar ao paganismo greco-romano.

O célebre cientista Sir Isaac Newton em suas pesquisas religiosas descobriu que o costume de celebrar a memória dos mártires remonta ao século IV. NEWTON (p.152, 2008) aponta uma reveladora determinação estabelecida no Concílio de Paflagônia, celebrado em 324, com um cânon que determinava: *“Se algum for arrogante e abominar a congregação dos MÁRTIRES, ou as liturgias a eles referentes, ou a memória dos MÁRTIRES, que seja anátema.”*

O renomado cientista inglês descreve com detalhes como essa veneração se desenvolveu. Segundo seus relatos, no tempo da perseguição do Imperador Romano Diocleciano “os cristãos costumavam orar nos cemitérios e sepulcros dos mortos, para evitar o perigo das perseguições e por falta de igrejas” destruídas devido a intensa perseguição romana (NEWTON; p.152, 2008).

Demonstrando a absorção dos costumes pagãos por alguns cristãos nesse tempo, NEWTON (pp.152-153, 2008) relata que cada mártir tinha seu dia de comemoração anual, e celebrar a memória deles era prática religiosa e piedosa de grande valor “sendo anatematizado quem tivesse a arrogância de ser contra elas ou de orar nos martírios dos heréticos.”

Além disso, acendiam velas para os MÁRTIRES em pleno dia, como faziam os pagãos aos seus deuses. Esse costume era muito difundido no OCIDENTE antes do final do século IV. Borrifavam os devotos dos MÁRTIRES com água benta, como faziam os pagãos com os devotos dos seus deuses, e iam em peregrinação a JERUSALÉM e outros lugares santos, como se tais lugares conferissem santidade aos visitantes.

Há muito conteúdo quanto a esses fatos, de muita utilidade para quem se interessar na obra de Sir Isaac Newton. Quero, no entanto, aproveitar a oportunidade e deixar disponível aqui duas importantíssimas páginas que demonstram como a adoração da Trindade e dos mártires (santos) se fundiu naqueles tempos, perpetuando-se até nossos dias. Sobre isso NEWTON (pp.159-160, 2008) faz as seguintes citações em sua obra:

BASÍLIO, um monge que foi feito Bispo de CESARÉIA em 369 e que faleceu em 378, diz na sua oração ao MÁRTIR MAMAS: *Pensai no MÁRTIR: vós que conhecestes em sonhos ou que neste lugar tivestes a sua assistência por meio da prece; vós que, invocando a sua presença, tivestes a sua assistência em vosso trabalho ou fostes afastados de caminhos incertos; vós que recuperastes a saúde ou tivestes filhos mortos ressuscitados ou, ainda, a vida por ele prolongada.*

Um pouco mais adiante, assim expressa a universalidade dessa superstição nas regiões da CAPADÓCIA e da BITÍNIA: *À lembrança do MÁRTIR, toda região se comove. Em sua festa, toda a cidade é arrebatada pela alegria. A gente rica não visita o túmulo de seus ancestrais, mas os lugares de devoção. E, no fim da homilia, pede a Deus que preserve a Igreja, assim fortificada com as grandes torres dos MÁRTIRES.*

Na oração aos Quarenta MÁRTIRES, ele diz: *Eis aqueles que, conquistando nosso país, como certas torres nos oferecem segurança contra os nossos inimigos. Não estão confinados a um só lugar: distribuídos, são enviados a muitos países e adornam muitos lugares. – Muitas vezes vos esforçastes, muitas vezes procurastes alguém que possa orar por vós: aqui estão quarenta, emitindo vozes de preces. – Os que estiverem em aflição, corram para cá; os que se regozijam tem socorro aqui: os primeiros para se livrarem da desgraça, os últimos para que continuem felizes. Aqui é ouvida a mulher que ora por seu filho: ela alcança o regresso feliz do marido e a saúde para aquele que está doente. – Ó vos, protetores da humanidade, os melhores companheiros dos nossos cuidados, sufragâneos e coadjutores de nossas preces, poderosos embaixadores de Deus etc.*

Tudo isso revela que, antes de 378, as orações e sermões sobre os SANTOS iam muito além das simples figuras de retórica e que, no ORIENTE, as pessoas comuns já tinham sido corrompidas pelos monges com a adoração dos SANTOS.

GREGÓRIO NAZIANZENO, que foi monge e depois Bispo de SÁSIMA, diz na Sexta Oração, escrita em 373: *Purifiquemo-nos para os MÁRTIRES, ou antes, para o DEUS dos MÁRTIRES.* Um pouco mais adiante, chama-os de *mediadores da conquista da ascensão ou da divindade.*

No mesmo ano, no fim da Oração a ATANÁSIO, recém-falecido assim o invoca: *Olha piedosamente para nós aqui embaixo e governa este povo, como perfeitos adoradores da perfeita*

Trindade, que é contemplada e adorada no PAI, no FILHO e no ESPÍRITO SANTO: e se houver paz, preserva-me comigo alimenta o meu rebanho; mas se houver guerra, traz-me para casa, coloca-me junto a ti e daqueles que são como tu, por maior que seja a minha súplica.

No final da Oração fúnebre a BASÍLIO, escrita em 378, assim se dirige ao mesmo: *Mas tu, ó divina e sagrada cabeça, olha-nos daí do céu; e por tuas preces arranca-nos esse espinho da carne, que nos é dado por DEUS para o exercício, ou faz que possamos suportá-lo com coragem e dirigir toda nossa vida para aquilo que melhor nos convém. Quando partirmos desta vida, recebemos no vosso Tabernáculo para que, vivendo juntos e vendo a santa e abençoada Trindade mais pura e perfeitamente, da qual não temos agora senão uma visão imperfeita, possamos atingir o fim dos nossos desejos e receber a recompensa das lutas e sofrimentos que houvermos suportado.*

Por essas Orações podemos perceber que os cristãos que as proferiam estavam acreditando na própria divinização dos homens que nas controvérsias do IV séc. estavam defendendo o dogma da Trindade (como Basílio e Atanásio). Os erros desses homens eram tão crassos que estavam orando para um defunto, que acreditavam estar no céu, que removesse o espinho na carne deles que fora colocado pelo próprio Deus. Qual homem tem tal autoridade? A história do apóstolo Paulo responde (2Co 12:7-10).

Com a proliferação dessas práticas de orações e culto aos santos a partir do IV séc. nem todos estavam de acordo, e digo isso me referindo a líderes do próprio clero Católico Romano. Segundo LETERRE (p.118, 2004) no fim do VI séc. o papa Gregório, o Grande (590) tentou sustar a idolatria generalizada ordenando a “limpeza” dos templos católicos, com a retirada de todos os ídolos de santos e santas, impondo mesmo até a censura aos bispos que consentiam com tais práticas, “mas, depois, vieram Bonifácio III e IV que ordenaram o estabelecimento do Culto dos ídolos.”

Quero igualmente como fiz com a obra de Newton citar duas páginas da obra de LETERRE (pp.119-120, 2004) onde, além de suas próprias citações, ele cita outros autores analisando

como o Catolicismo Romano assimilou os deuses pagãos. A semelhança é chocante, pelo menos a quem preza pela verdade:

Todas as festas do Catolicismo têm sua semelhança com as do Paganismo.

Para mostrar como a ignorância e a credulidade de muitos homens da Igreja copiaram e deturparam as palavras latinas usadas nas festas pagãs, fazendo desses termos santos e santas da Igreja, citaremos somente algumas:

Os pagãos adoravam Baco, conhecidos pelos latinos como **Líber**. Celebravam duas festas, uma chamada **urbana**, na cidade, e a outra **rústica**, nos campos. Para honrar o rei da Macedônia – Demétrio – acrescentaram mais uma como se vai ver.

Este rei tinha sua corte no golfo de Tessalônica. Pois bem, desse rei fizeram um mártir desse golfo, no ano 303, e o canonizaram como São Demétrio.

Eleutério, que estabeleceu essas festas com a denominação de **Festim Dionísio, Festim Eleutério, Festim rusticum**, passou a ser **Santo Eleutério** e as festas chamaram-se **São Diniz, Santo Eleutério e Santa Rústica!**

O deus Baco tinha uma amante chamada Aura, e o vento plácido personificava a doçura. Desses termos fizeram **Santa Aura e Santa Plácida!**

Os pagãos felicitaram-se mutuamente com os termos *perpetuum, felicitatum*; os católicos fizeram disso **Santa Perpétua e Santa Felicidade!**

No ano novo eles usavam a fórmula: *Quid faustum felixque sit*; os católicos transformaram isso em **São Fausto e São Félix!**

Das palavras **rogare** e **donare** fabricaram **São Rogaciano e São Donaciano!**

De Gobineau (Les religions et les philosophies dans l'Asie Centrale) diz que “a ignorância e, mesmo, a política apostólica contribuíram para agravar a devoção rústica. Via-se Júpiter com Thor transformado em São Pedro; Apolo em São Miguel; Wodan ou Marte em São Martinho; as mães célticas tornaram-se as três **Santa Maria**; Ísis, a virgem que deve engendrar, assimilada à mãe de Cristo; e, coisa mais estranha, Buda colocado nos altares cristãos com o nome de São Josafá!”

Citando Henri Estienne (*Edição Le Duchat – 1735*), apologista do Catolicismo, lê-se: “Há grandes conformidades em várias coisas entre os deuses dos pagãos e São Bento, entre as deusas e

A suplantação do mistério

suas sonatas; não há conformidade da parte dos verdadeiros santos e santas, a fim de que meu dito não seja caluniado; mas sim da parte de seus adoradores. Pois, se bem considerarmos a adoração dos deuses e das deusas pelos pagãos, e a adoração dos santos e das santas pelos da religião romana, achar-se-á completa semelhança, afora o modo de sacrificar. E, assim, do mesmo modo que os pagãos se dirigem a Apolo ou a Esculápio, fazendo esses deuses profissão de medicina e de cirurgia, os católicos não se dirigem também a São Cosmo e São Damião?

E Santo Elói, o santo dos ferreiros, não ocupará a mesma função do deus Vulcano?

A São Jorge não dão eles, os católicos, o título que se dava outrora a Marte?

A São Nicolau, não fazem eles a mesma honra que os pagãos faziam ao deus Netuno?

São Pedro, como porteiro, não corresponderá ao deus Janus?

Por pouco eles fariam crer ao anjo Gabriel que ele é o deus Mercúrio!

Pallas, como deusa das Ciências, não estará representada em Santa Catarina?

E, em vez de Diana, não têm eles Santo Humberto, o santo dos caçadores?

Idêntico ofício é atribuído a Santo Eustáquio.

E quando vestem João Batista com uma pele de leão, não será para oferecer à vista o deus Hércules?

Não se vê comumente Santa Catarina com uma roda, como se quisessem representar a deusa Fortuna?

Delfos decidia as questões religiosas fabricando deuses, como Roma fabrica santos (*LEI NAIN DE TILLEMOND – Mémoires a servir à l’Histoire ecclésiastique – 1701.*)

Além de todas essas semelhanças, outro detalhe que o catolicismo copiou do paganismo greco-romano foi o costume de instituir um santo (a) padroeiro (a) para uma determinada cidade, assim como era feito na Grécia e Roma antigas, que tinham as chamadas divindades tutelares. Atena, por exemplo, era padroeira da cidade de Atenas, ou seja, sua divindade tutelar.²²⁴

Dessa forma tiram a soberania do próprio Deus como Pai daquela cidade e a entregam a um defunto santificado. Tudo isso

se somou aos modelos trinitários, que também já vimos na mitologia greco-romana (dentre outras) e que foram de certa forma perpetuados na dogmática católica romana e em seu mistério central, a doutrina da *Trindade*.²²⁵

Outro teórico que podemos destacar que se notabilizou quanto aos conceitos trinitários foi Joaquim de Fiori e sua teoria sobre a *Trindade* nas eras. CAIRNS (p.206, 2008) diz que:

Joaquim (c. 1132-1202) um monge cisterciense, cria que o Pai era importante no seu período da lei do Antigo Testamento ressaltada por Pedro, o Filho era proeminente na era do Novo Testamento de Paulo até 1260. Na era do Espírito Santo, depois de 1260, surgiria uma nova época de amor, como vista nos escritos de João, após um curto período do Anticristo.

Como estamos a quase oitocentos anos à frente do início dessa profetizada era de amor mencionada por Joaquim de Fiori podemos afirmar com toda certeza que suas afirmações são falsas, pois de 1260 até hoje o ódio e a crueldade são cada vez maiores e somente no séc. XX aconteceram as duas grandes guerras mundiais (com o mundo a beira de uma terceira) e a humanidade se especializou em armamentos e em formas, as mais sofisticadas possíveis, de demonstrar sua falta de amor.

Como profetizado por Jesus Cristo, profecia essa talvez ignorada por Joaquim de Fiori, na última era nesta terra o amor não seria abundante como ele profetizou, mas sim escasso:

E, por se multiplicar a iniquidade, o amor de muitos esfriará. Mas aquele que perseverar até ao fim, esse será salvo. E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as nações, e então virá o fim. **Mt 24:12-14**

Outro autor que destaca as teorias de Joaquim de Fiori é CAMPBELL, que em sua *Mitologia Criativa* (p.409, 2010) nos informa algumas das teorias de Joaquim de Fiori,

segundo as quais haveria ao todo três idades da humanidade; a primeira, sucedendo um prelúdio obscuro do tempo de Adão a

Moisés, a “Idade do Pai” (da Lei Mosaica e de Israel); a segunda, a “Idade do Filho” (o Evangelho e a Igreja); e a última (que começaria por volta do ano 1260) a “Idade do Espírito Santo”, quando a autoridade de Roma se dissolveria e o mundo se tornaria um Paraíso terrestre de santos comunicando-se diretamente com Deus.

Ainda segundo CAMPBELL (p.465, 2010) na idade do Espírito Santo, ou seja, após o ano 1260, nasceria o último guardião do Graal e o significado da Trindade seria revelado. Não se sabe, porém, se este último guardião já nasceu ou se seu nascimento ainda é aguardado por algum grupo de pessoas. O mais certo é que seja mais uma das falsas profecias de Joaquim de Fiori.

As ideias do abade de Fiori seriam condenadas após sua morte, de forma suspeita segundo ROSSETTO (pp.99-105, 2004) quando no concílio de Latrão em 1215 sua ideia de unidade por coletividade na *Trindade* seria considerada herética e teria como um dos maiores opositores o monge dominicano que depois foi denominado como Teólogo angélico Tomás de Aquino, autor da *Suma Teológica*, de quem falaremos em seguida.

Após o estabelecimento da chamada teologia escolástica por Anselmo, como vimos, estabelecendo as bases filosóficas gregas em associação com os estudos teológicos, o que provoca discussões até hoje²²⁶, a tendência de amparar-se na filosofia grega deixou de ser uma iniciativa pessoal para se tornar institucional, uma metodologia católica de estudos dos seus teólogos.

Essa metodologia de estudo se apresentou “como a tentativa de racionalizar a teologia para que se sustente a fé com a razão” fazendo assim com que a teologia fosse “tratada de uma perspectiva mais filosófica do que bíblica.”²²⁷ Os resultados desse afastamento das Escrituras como única fonte de fundamentação teológica foi apenas uma confirmação do que o catolicismo já vinha fazendo ao longo dos anos, e os resultados foram catastróficos, como já pudemos notar até agora em nossos estudos.

A evolução dessa metodologia alcançou seu apogeu no séc. XIII. Segundo HÄGGLUND (p.151, 1989) nesse período a teologia passou a usar gradualmente premissas aristotélicas “apesar da oposição de algumas autoridades eclesásticas.”

“Os teólogos descobriram, sobretudo na metafísica e ética de Aristóteles, vários pontos de vista e definições que podiam ser úteis à sua abordagem científica a questões doutrinárias.”²²⁸ E dessa maneira aquilo que ao tempo do Apóstolo Paulo era loucura para os gregos (o evangelho, 1 Co 1:23) foi sendo diluído pelos católicos enquanto consideravam a ciência filosófica dos gregos algo de grande importância.

Um dos expoentes católicos dessa época da alta escolástica foi Tomás de Aquino, que “reuniu pontos de vista agostinianos e aristotélicos – a tradição doutrinária cristã herdada e a estrutura filosófica de sua época.”²²⁹ Ele produziu uma enorme obra literária (*Summa Theologiae*) que tinha por finalidade organizar toda a teologia católica acumulada dos séculos anteriores e unir os estudos da fé e da razão, justificando a relação entre ambas como procedendo do mesmo Deus.²³⁰

Como não poderia deixar de ser, já que Agostinho e o próprio Aristóteles (autores fundamentais para Tomás de Aquino), enxergavam a Deus de forma triúna, Tomás de Aquino não foi diferente. Em sua imensa obra de mais de 4 mil páginas existem várias referências ao dogma trinitário. Numa dessas citações, aludindo à Jo 17:3 quando em sua oração Jesus afirma ser o Pai o único Deus verdadeiro, Tomás de Aquino, embasado em Agostinho, diz o seguinte:

O dito — um só verdadeiro Deus a ti — não se entende da pessoa do Pai, mas, de toda a Trindade, como expõe Agostinho. Ou se se entender da pessoa do Pai, não se excluem as outras pessoas por causa da unidade de essência; pois, só exclui apenas outra coisa, como dissemos.²³¹

Como vimos, e pode mais ainda ser percebido na obra de Tomás de Aquino (que também foi canonizado pelo catolicismo), não são apresentadas referências bíblicas nessa citação para se fundamentar a ideia de um Deus que é Trindade, mas é citado o maior expoente católico dessa doutrina: Agostinho.

Na obra de Tomás de Aquino são propostas várias questões para as quais ele apresenta algumas soluções. Em uma dessas questões Tomás de Aquino revela a premissa trinitária dos filósofos e questiona se é possível chegar ao conhecimento da Trindade pela razão, como os filósofos pretenderam. Vejamos:

Questão 32: Do conhecimento das pessoas divinas.

Art. 1 — Se podemos conhecer a Trindade das Pessoas divinas pela razão natural.

[...]

O primeiro discute-se assim. — Parece que a Trindade das divinas Pessoas pode ser conhecida pela razão natural.

1. Pois, os filósofos não chegaram ao conhecimento de Deus senão pela razão natural. Ora, disseram muitas coisas sobre a Trindade das Pessoas. — Assim, diz Aristóteles: Com este número ternário, aplicamo-nos a magnificar o Deus uno, superior às propriedades das coisas criadas. — E Agostinho também diz: Aí li (nos livros dos Platônicos), não certamente com estas palavras, mas exatamente com este sentido, que no princípio era o Verbo, e o Verbo estava junto de Deus, e Deus era o Verbo, e o mais que se segue; ora, tais palavras ensinam a distinção das Pessoas divinas. — E por sua vez diz a Glosa, que os magos do Faraó erraram no terceiro sinal, a saber, no conhecimento da terceira Pessoa, i. é, o Espírito Santo; e, portanto, conheceram pelo menos duas. — E enfim o Trimegisto diz: A mónada gerou a mónada, e em si refletiu o seu ardor; por onde declara a geração do Filho e a processão do Espírito Santo. Logo, podemos ter conhecimento das Pessoas divinas, pela razão natural.²³²

Em seguida a essa questão ele começa a analisar se de fato é possível conhecer a Deus através da razão natural, chegando a conclusão que apenas é possível saber, pela razão natural, que

existe um Deus, o que os filósofos conseguiram segundo ele, mas que não é possível saber por meio da razão natural que esse Deus é uma Trindade, sendo isso possível apenas pela fé.²³³ Ora, digo, entretanto, que é preciso muita fé para crer em algo que a Bíblia não diz: que Deus é uma Trindade.

O monge dominicano (depois canonizado) Tomás de Aquino, citando Agostinho (III, 7,12), interpretou o fato de os magos do Faraó terem conseguido imitar a 1ª e a 2ª pragas (Êx 7:22 e 8:7) com o fato de terem conhecido pelo menos as duas primeiras pessoas da Trindade, mas ao não conseguirem reproduzir a 3ª praga (Êx 8:18-19) Tomás de Aquino diz que os magos não puderam conhecer a terceira pessoa, ou seja, o Espírito Santo, porque disseram que isso era “*o dedo de Deus*” e essa expressão aparece nos evangelhos em alusão ao Espírito Santo.²³⁴

Essa comparação é totalmente absurda pois as Escrituras dizem que eles fizeram aqueles sinais através de ciências ocultas e não por meio de um conhecimento santificado do Pai e do Filho. Foi o próprio Satanás que lhes deu capacidade para, por meio de magia, imitarem os dois primeiros sinais, e isso nada tinha a ver com um conhecimento verdadeiro do Pai e do Filho, como o próprio apóstolo Paulo atestou (2 Timóteo 3:7-9).

Mas agora, voltando para a teologia trinitária que foi desenvolvida por Tomás de Aquino, precisamos primeiro entender como ele definia o que era ser “pessoa” dentro da Trindade. Ele discordou do conceito de Boécio (480-524) de que “a pessoa é uma substância individual de natureza racional.”²³⁵ Para Tomás de Aquino esse conceito de pessoa não seria correto porque, segundo ele, “a alma separada é uma substância individual de natureza racional. Ora, não é uma pessoa.”²³⁶

Mas aqui se percebe um equívoco de Tomás de Aquino, pois as Escrituras afirmam que a alma é mortal (Ez 18:4) e que ao morrer não existe racionalidade na alma sem o corpo (Ecl. 9:5, 6). O monge dominicano autor da *Summa Theologiae* precisou discordar do correto conceito de pessoa porque ele não coadunaria

com a ideia de um Espírito Santo que é espirado, como delineado em sua teologia. Visto que o Espírito de Deus (do Pai e do Filho) é espirado (soprado), não seria possível classifica-lo como pessoa se não fosse mudada a definição de pessoa como um ser individual de natureza racional para algo mais subjetivo.

Foi nesse conflito de conceitos que Tomás de Aquino se alinhou mais à definição de Ricardo de São Vítor, que aplicava a definição de pessoa de Boécio (“substância individual de natureza racional”) somente aos anjos e seres humanos²³⁷, mas não à Deus, que, segundo Ricardo de São Vítor, e com concordância de Tomás de Aquino, “a pessoa, quando se trata de Deus, é a existência incomunicável da natureza divina.”²³⁸ e também “o nome de pessoa, em Deus, simultaneamente significa a essência e a relação.”²³⁹ Assim ficaria fácil definir o Espírito Santo como pessoa, visto o mesmo ser tanto uma essência quanto uma relação e não um ser individual de natureza racional.

A teologia trinitária que Tomás de Aquino desenvolveu ficou estruturada em: cinco noções, quatro propriedades, quatro relações, duas processões e tudo isso em um só Deus composto por três pessoas. As cinco noções no Deus triúno de Tomás de Aquino são: a inascibilidade, a paternidade, a filiação, a espiração comum e a processão. As quatro propriedades, segundo Tomás são: a inascibilidade, a paternidade, a filiação e a processão.²⁴⁰ As quatro relações são: paternidade, filiação, espiração e processão.²⁴¹ E por último, as duas processões são: a geração do Filho e a espiração do Espírito Santo.²⁴²

Não é nosso objetivo explicar e analisar cada um desses conceitos aqui, apenas citar de forma sucinta como foi estruturada a teologia trinitária de Tomás de Aquino. CAIRNS (pp.212-13, 2008) observa que o atual sistema teológico católico romano foi desenvolvido pelo monge dominicano, não só a doutrina trinitária, mas todas as doutrinas da *Suma Teológica*.

Por mais que a *Suma Teológica* estivesse em sua totalidade composta pela plenitude dos ensinamentos católicos até o tempo

de sua composição, o dogma da Trindade pode ser identificado como o mais fundamental de todos. Nesse sentido um estudioso do cristianismo (PELIKAN; vol. 3, p.332, 2015) afirma:

O século XIII – pelo menos em parte por causa desses desafios, mas também por causa do intenso estudo da tradição católica – alcançou uma consciência mais profunda da centralidade da doutrina da Trindade (junto com sua consequência natural, a doutrina da encarnação) como o ensinamento fundamental da fé cristã.

A influência da obra de Tomás de Aquino viria a ganhar tal preponderância que no século seguinte, no paraíso idealizado por Dante Alighieri em sua *Divina Comédia*, estaria presente não só S. Tomás de Aquino como a *Trindade* dogmatizada por ele. Segue trechos de ambas situações na *Divina Comédia*:

Quarta família aqui resplandecia
Do sumo Pai, que sempre da Trindade
No inefável espetáculo a sacia.²⁴³

Paraíso, Canto X, 17

“Um anho fui da santa grei que chama
De Domingo a voz pelo caminho,
Onde prospera só quem mal não trama.

“Tomás de Aquino sou, me está vizinho
À destra de Colônia, o grande Alberto,
A quem de aluno e irmão devo o carinho.²⁴⁴

Paraíso, Canto X, 32-33

Na substância profunda e clara eu via
Da excelsa Luz três círc’los discernidos
Por cores três, de igual periferia,

Íris de Íris, um de outro refletidos
Estavam, flama o tércio parecia
Spirando, por igual, de um, de outro unidos.²⁴⁵

Paraíso, Canto XXXIII, 39-40

A obra de Dante Alighieri veio reforçar e mitologizar ainda mais a obra de Tomás de Aquino, tanto que CAIRNS em sua obra *O Cristianismo através dos séculos* (p.212, 2008) afirma que a doutrina estruturada por Tomás de Aquino “foi expressa poeticamente por Dante em *A Divina Comédia* e reafirmada por Leão XIII em 1879.”

Teria realmente Dante visto uma Trindade no céu (paraíso) ou foi apenas uma visão idealizada? No próximo capítulo buscaremos respostas bíblicas para essa e outras indagações. Fato é que ambas essas obras (*Suma Teológica* e *Divina Comédia*) seriam responsáveis por marcar de forma perene o cristianismo e deixar marcas indeléveis em muitas mentes favoráveis não somente ao dogma trinitário como a muitos outros dogmas católicos.

Com o surgimento da Reforma Protestante em fins do séc. XV e início do XVI muitos dogmas católicos seriam fortemente questionados e não somente isso, bem como o procedimento do clero naqueles tempos. Não é nosso objetivo falar de todas as questões suscitadas pela Reforma aqui, mas somente aquelas pertinentes ao assunto em análise até agora.

A filosofia grega (Platão e Aristóteles), como vimos foi muito utilizada pelos teólogos já mencionados, e outros como Alberto Magno (1280), Duns Scotus (1308) e o místico Meister Eckhart (1327)²⁴⁶. Essa tendência estava profundamente enraizada nos estudos sobre Deus dos teólogos católicos.

Com o advento da Reforma Protestante um de seus mais ardorosos combatentes, Martinho Lutero, foi na contramão dessa tendência, como vemos na citação de HÄGGLUND (p.182, 1989) “Dissera-se durante a Idade Média que ninguém podia ser teólogo sem a ajuda de Aristóteles. Mas Lutero disse que ninguém podia ser teólogo a não ser que rejeitasse a ajuda de Aristóteles.”

Apesar disso Lutero não suspeitou da correlação ilícita entre o dogma da Trindade e a metafísica aristotélica, formulada séculos antes de Cristo é importante frizar. Sua contribuição na

Reforma foi grandiosa, porém Lutero viria a descobrir apenas alguns dos enganos que se acumularam ao longo dos séculos no catolicismo, mantendo, inclusive, sua crença no dogma da Trindade, achando-o ao lado da doutrina da justificação pela fé como temas que se destacam no evangelho de João (PELIKAN; vol.4, p.212, 2016). Não podemos, no entanto, culpar Lutero por não ter identificado todos os pontos a serem reformados naqueles tempos.

Para isso houve pelo menos um homem que se destacou no séc. XVI, dando sua própria vida como mártir por não ter se dobrado ao dogma central do catolicismo. Sobre ele quero citar uma breve descrição biográfica e das razões de sua morte:

Outra doutrina antitrinitária foi a de Miguel Serveto, nascido em Villanueva, Espanha, por volta de 1510. Filósofo, teólogo, médico, geógrafo, astrólogo, filólogo de grande cultura clássica, crescido no clima de grande fervor cultural do Renascimento, ele aspirava a uma religião universal que unificasse não só os cristãos, mas também os outros “povos do Livro”: os judeus e os muçulmanos. Para obter esse resultado, propôs uma solução aparentemente simples: a abolição dos dogmas da Trindade, que não está nas Escrituras.

Em alguns escritos, chegou a afirmar que, no primeiro Concílio de Nicéia, a Igreja traiu a si própria e ao Evangelho. Suas ideias atraíram para si o ódio dos protestantes suíços e dos católicos. [...]

Condenado à fogueira em 1553, foi executado no dia seguinte ao proferimento da sentença.

Alguns meses depois, foi encerrado também o processo católico, com uma condenação póstuma por heresia. Sua efigie foi estrangulada e queimada em fogo lento.²⁴⁷

Não tive acesso aos escritos desse homem para conhecer os pontos de sua doutrina, mas o fato de chegar até nós o relato de que ele era antitrinitariano e foi morto por isso já nos indica que o mesmo espírito que guiou clérigos e monarcas nos séculos anteriores continuou vivo e ainda mais, infectou o protestantismo, causando a morte desse antitrinitariano.

Outro autor que nos menciona esse caso é HÄGGLUND (p.227, 1989) que disse: “O julgamento de heresia mais conhecido (mas de maneira alguma o único) na Genebra de Calvino foi o que condenou Miguel Serveto à morte por recusar-se a aceitar a confissão da igreja no tocante à Trindade.”

Dessa forma, não seria apenas o catolicismo a perseguir e matar quem não aceitasse o dogma da *Trindade*, mas também os protestantes que discordavam dos católicos em alguns pontos, mas nesse (na *Trindade*) estavam em perfeito acordo.

Do Oriente ao Ocidente, do catolicismo ao protestantismo, de Norte a Sul, a doutrina da *Trindade* se consolidou de tal forma que nem precisavam recorrer às Escrituras para sustentá-la, bastava evocar a autoridade dos primeiros concílios ecumênicos:

O conteúdo central do dogma ortodoxo oriental consistia na doutrina da Trindade e na doutrina da pessoa de Cristo, como estas foram definidas pelos antigos concílios e reafirmadas nos séculos subsequentes. [...]

As afirmações desses dogmas fundamentais, como o da Trindade, eram normalmente acompanhadas pelas citações dos decretos dos concílios ecumênicos como a legislação autoritativa sobre o assunto (*Conf. Ped. Mog.* 1.6-7 [Karmires, p.675]). Ou quando era necessário definir a palavra “fê”, a definição era atestada por uma referência aos concílios de Nicéia e de Constantinopla (*Conf. Dosit.* 9 [Karmires, p.831]).²⁴⁸

É obvio que os defensores do dogma trinitário utilizam alguns versos da Bíblia, mas pelas citações acima podemos observar que o dogma trinitário foi claramente elaborado nos primeiros concílios ecumênicos, e a partir dali passaram a ser as referências quanto a como a Igreja entendia e professava sua crença.

Apesar de citar alguns textos bíblicos para tentar defender o dogma da Trindade, é notório que os textos bíblicos para sustentar tal dogma são insuficientes, como reconheceu um brilhante jornalista britânico e católico chamado Graham

Greene²⁴⁹, num artigo sobre o, na época, novo dogma católico da assunção de Maria, na Revista Life, ele diz o seguinte sobre a Trindade:

Nossos oponentes (os protestantes) às vezes reivindicam que nenhuma crença deveria ser dogmatizada que não seja explicitamente declarada na Bíblia. [...] Mas as igrejas protestantes por elas mesmas tem aceitado tais dogmas como a Trindade pela qual não há nenhuma autoridade precisa nos evangelhos.²⁵⁰

Como se desvencilhar de uma afirmação tão contundente? Essa afirmação revela algo que, se refletirmos, traz uma importante constatação: os protestantes herdaram muitos dogmas dos católicos e acreditam neles como se fosse verdade.

Isso se constata quando percebemos que o Luteranismo seguiu os mesmos métodos “científicos” de estudo que os católicos praticaram por mais de mil e quinhentos anos, ou seja, unir teologia com filosofia neo-aristotélica, reavivando o estudo da metafísica aristotélica nas universidades protestantes da Alemanha do final do século XVI em diante.²⁵¹

Apesar das tendências nesse sentido nem tudo foi mais do mesmo nessa época da história. Estudiosos discordando da associação da filosofia com a teologia e da própria *Trindade* surgiram no período da Reforma Protestante. Lélío Sozzini (Socinus) de Sena (1525-1562) sentiu-se interessado pelo antitrinitarianismo com a morte de Servetus. Ele fundou um movimento inspirado em seu nome, o Socinianismo.

De acordo com os socinianos, Cristo deve ser adorado como um homem que obteve a divindade por sua vida superior. Sua morte foi simplesmente um exemplo de obediência que Deus deseja de seus seguidores. O pecado original, a divindade de Cristo, e Trindade e a predestinação foram negados. Os jesuítas foram capazes de suprimir este movimento na Polônia, mas as ideias socinianas espalharam-se pela Holanda e Inglaterra, e daí para a América. A moderna igreja unitarista é descendente direta dos

socinianos da Polônia, que foram chamados unitaristas pela primeira vez na Transilvânia em 1600, aproximadamente.²⁵²

Como vimos, apesar de discordar do dogma da Trindade, os socinianos foram ao outro extremo, negando a divindade eterna de Cristo e Sua morte expiatória para salvação do todo aquele que nEle crê (João 3:16).

Depois que o dogma da *Trindade* estava firmemente estabelecido, com uma teologia sistemática apoiada na filosofia grega como vimos até aqui, começaram a surgir alguns teólogos, à semelhança de Lutero, condenando o uso da filosofia grega nos estudos teológicos. Nessa tendência destaca-se que o mais renomado teólogo do pietismo²⁵³, “Spener fazia objeções à filosofia de Aristóteles, e rejeitava seu emprego no campo da teologia.”²⁵⁴

Não nos é informado que Spener negava a existência de uma *Trindade*, apesar de rejeitar a filosofia aristotélica. Na Inglaterra, porém, na era do Iluminismo surgiu um movimento denominado como Neologia que se demonstraria não somente antitrinitário como também antagônico a outros dogmas católicos e de outras religiões cristãs:

Enquanto que o wolffianismo pretendia defender a doutrina tradicional da igreja com o auxílio da razão, a neologia representa a transição a uma consciente crítica dos **dogmas**. As doutrinas do pecado original e da Trindade, além da cristologia da teologia tradicional, foram rejeitadas com ênfase especial. Estes dogmas foram atacados com o emprego do método histórico, cuja aplicação agora principiava. Os dogmas cristãos eram considerados como fator variável introduzido no desenvolvimento histórico. Em vista disso, julgava-se ser seu conteúdo relativo. Era submetido à perspectiva histórica, que levou à separação entre dogma e a teologia contemporânea.²⁵⁵

Ao que parece essa nova forma de encarar a teologia e os dogmas religiosos não se manteve ao longo dos anos, pois disso surgiram ainda várias novas religiões mantendo muitos dos

mesmos dogmas, incluindo a *Trindade*, presente em quase todas as religiões de vertente cristã, como veremos no segundo tópico deste capítulo.

Inclusive novas formas de entender a *Trindade* surgiram, como se já não houvessem várias abordagens sobre o tema. Mais uma foi proposta por Hegel, considerado como o mais influente filósofo idealista alemão. Sobre ele HÄGGLUND (p.314, 1989) afirmou o seguinte em sua *História da Teologia*:

Hegel apresentava o cristianismo como a religião absoluta. Julgava que o método dialético podia ser encontrado na doutrina da Trindade. A divindade evoluiu em três etapas. Deus é sua ideia eterna (o reino do Pai), ele se revela na finitude, na consciência, e em ação (o reino do Filho), e então volta a si mesmo na união com o finito na congregação (o reino do Espírito).

Comentando as teses de Hegel (1770-1831), CAINRS (p.446, 2008) afirma que “sua dialética ou lógica foi usada por Marx. Sua concepção do Estado como uma manifestação do Absoluto foi usada por Hitler e Mussolini para glorificarem o Estado e o ditador que o dirigisse. ”

O autor (Hegel) pode não ter tido culpa pelo uso que ditadores fizeram de sua obra, mas um fato incontestável é que definir o cristianismo como religião absoluta e perceber esse mesmo absolutismo na concepção de Estado como vimos nas duas referências acima demonstram que suas ideias estavam bem distantes do que Jesus Cristo afirmou: “meu reino não é deste mundo.” (Jo 18:36). A tirania da religião e do Estado sempre estiveram de mãos dadas ao longo da história.

Nem todos foram favoráveis às ideias trinitárias, não só desde o início da mesma, como também nesses tempos dos séculos XVII e XVIII nos quais a humanidade entrou na era da ciência moderna²⁵⁶ com avanços em vários campos do saber.

Um desses célebres cientistas que se opuseram ao dogma trinitário, para não falarmos de outros, e para nos concentrarmos no tema proposto, foi aquele que é considerado o pai da ciência

moderna²⁵⁷: Isaac Newton. Talvez muitos não saibam, mas Newton se interessou e estudou muito a Bíblia, as profecias e a história da religião. O renomado cientista inglês é tachado de ariano²⁵⁸ por ter se oposto ao dogma da *Trindade* e por afirmar que a Igreja Católica Romana é a grande meretriz, a Babilônia profetizada em Apocalipse.

Em seus estudos proféticos Newton identificou o chifre pequeno do quarto animal das visões proféticas de Daniel (7:7, 8, 19-25) como sendo a “IGREJA DE ROMA” (a caixa alta é do próprio Newton). Ele escreveu o seguinte sobre isso:

Reis representam reinos, como já foi dito. Portanto, o pequeno chifre é um reino pequeno. Era um chifre da quarta besta e arrancou três dos seus primeiros chifres. Assim, temos que procurá-lo entre as nações do IMPÉRIO LATINO, depois do aparecimento dos dez chifres. Mas esse era um reino de um tipo diferente dos outros dez reinos, tendo uma vida ou alma que lhe era peculiar, com olhos e boca. Pelos olhos era um vidente e pela boca, que falava coisas grandes e mudava os tempos e as leis, era ao mesmo tempo um profeta e um rei. Tal vidente, profeta e rei é a IGREJA DE ROMA.

Um vidente [grego: *episkopos*] é um bispo no sentido literal da palavra e essa igreja reivindica o bispado universal.

Pela boca, transmite leis a reis e nações, como um oráculo; arroga-se a infalibilidade e pretende que os seus decretos sejam obrigatórios para o mundo inteiro, o que significa que é um profeta no mais alto grau.²⁵⁹

Não concordo, no entanto, com todas as interpretações proféticas de Newton, como por exemplo quais são os três chifres “arrancados” pela Igreja de Roma em cumprimento da profecia de Daniel 7:24. Newton argumenta que esses três chifres “arrancados” pela Igreja de Roma foram: Lombardos (1º chifre), Reino dos Lombardos (2º chifre) e Senado, Povo e Principado de Roma (3º chifre). Já apresentei os autores e a interpretação que creio ter se cumprido nessa profecia, que são as três tribos arianas (hérulos, vândalos e ostrogodos), pois até a motivação para

“arrancá-las” é mais plausível: se opunham ao dogma ortodoxo da *Trindade*.

Mas voltando a falar sobre a interpretação de Newton sobre a ponta pequena, o anticristo, como sendo a Igreja de Roma, outros interpretes mesmo antes dele já identificavam de forma ainda mais específica o Bispo de Roma, chefe máximo da Religião Católica, como sendo o anticristo. Lutero mesmo foi um deles, que já no séc. XVI afirmou com coragem e propriedade:

Na verdade, o papado não é outra coisa que o reino da Babilônia e do verdadeiro anticristo. Pois, quem é “o homem do pecado e o filho da perdição” senão aquele que com suas doutrinas e estatutos aumenta os pecados e a perdição das almas na Igreja, assentando-se na Igreja como se fosse Deus? Tudo isso praticou com excesso a tirania do Papa há muitos séculos. Extingui a fé, obscureceu os sacramentos, oprimiu o Evangelho e promulgou suas leis que não só são ímpias e sacrílegas, mas também bárbaras e carecem de toda a erudição, e as multiplicou sem fim.²⁶⁰

LUTERO (p.31, 2006) ainda afirmou que os verdadeiros hereges são os “aduladores do Papa” que seguiam as meras fantasias de suas cabeças e se opunham “contra as patentes e potentes Escrituras”, arrematando seus aguerridos comentários da seguinte forma: “mas vós, os romanos, sois esses hereges e ímpios sismáticos, já que apenas vós sois presunçosos com vossas ficções contra as evidentes Escrituras de Deus.”

Após essa breve citação de Lutero voltemos a observar as descobertas de Isaac Newton no séc. XVII. Comentando sobre a verdadeira adoração e interpretando quem seriam os animais e os anciãos em Apoc. 5:6 e 13, NEWTON (pp.187-188, 2008) diz:

Então os animais e os anciãos representavam os primitivos CRISTÃOS de todas as nações. A adoração desses CRISTÃOS em suas igrejas é aqui representada pela adoração a DEUS e ao CORDEIRO no TEMPLO: DEUS pela sua benevolência ao criar todas as coisas e o CORDEIRO pela benevolência de nos remir com seu sangue. DEUS, sentado no trono e vivendo eternamen-

te, o CORDEIRO, exaltado acima de tudo pelos méritos da sua morte. (As palavras em caixa alta são do próprio autor)

Todo pesquisador sincero das Escrituras pode perceber por si mesmo que adoração verdadeira é devida apenas a Deus e ao Cordeiro, ao Pai Eterno e ao Seu Filho unigênito. Pode, com a graça de Deus, escrever um livro demonstrando isso, apontando as diferenças entre a verdadeira e a falsa adoração, analisando textos bíblicos desde Gênesis até o Apocalipse (*Adoração verdadeira, falsa adoração*). O leitor interessado pode adquiri-lo depois.

Mas o fato é que esse detalhe não escapou à percepção aguçada do renomado cientista Isaac Newton. Ele descreveu o atentado contra as verdades bíblicas quando comentou sobre o surgimento da besta profetizada no Apocalipse do apóstolo e profeta João em um trecho do seguinte artigo:

A restauração política da Besta (como eu disse) foi na nova divisão do Império entre Valentiniano e Valente e isso foi também acompanhado por uma divisão na religião. Visto que Valente pisou nos passos de Constâncio, mas Valentiniano tolerou todas as religiões, pelo que o partido de Atanásio gradualmente reviveu no Oeste e não apenas reviveu, mas se aprofundou mais em erros, apostatando a tal ponto que o surgimento e disseminação desta apostasia é manifestada pelas Bestas subindo do poço do abismo. Esta apostasia consistia na depravação dos modos, adoração e fé; dos modos em um grau tão grande que Salviano, um de seus bispos, comparando-os com os pagãos da mesma época, não poderia deixar de julgar os cristãos aparentemente afundados abaixo deles; da adoração, introduzindo a adoração de santos e relíquias com muitas outras superstições em consequência disso; da fé, mudando as doutrinas da encarnação e sofrimento da Trindade, de modo a negar o Pai como o único Deus supremo, e aquele Espírito que estava verdadeiramente encarnado para se tornar um verdadeiro homem passível e sujeito a todas as enfermidades da carne, exceto o pecado, e passando pelas aflições de uma vida problemática e morte dolorosa executou a obra de nossa redenção, para ser o Verbo (λογος – logos) ou unigênito Filho de Deus por quem Ele fez o mundo, ou qualquer coisa mais do que simples alma

humana; isso é para estabelecer o anticristianismo de acordo com a definição de João. E certamente para um reino se erguer com uma vida viciosa, adoração idólatra e fé anticristã em seus calcanhares, e espalhar isso ao mundo por tantas eras, é surgir do poço do abismo com um testemunho.²⁶¹

Percebemos por esse texto que o pai da ciência moderna não se rendeu aos dogmas católicos, dentre eles a *Trindade*, condenando essa doutrina como errônea e tendente “a negar o Pai como o único Deus supremo”, o que de fato mostra a clara compreensão que Newton tinha sobre quem é o Deus verdadeiro.

Quando Newton escreve no séc. XVII sobre “o sofrimento da Trindade” parece-nos algo vago e impreciso. Porém, quando vemos nos dias de hoje, em pleno século XXI os teólogos²⁶² defensores do dogma da *Trindade* afirmando que ao Jesus morrer na cruz a *Trindade* inteira sofreu é algo revelador sobre suas compreensões, mas totalmente fantasioso quanto à Revelação.

Contudo, não é somente em nosso tempo que o cristianismo degradou-se a tais compreensões e ensinamentos; essa situação atual é um efeito cascata de séculos de deturpação do cristianismo. Um teólogo dinamarquês, considerado como o primeiro filósofo existencialista²⁶³ da história, chamado Søren Kierkegaard demonstrou sua insatisfação com o cristianismo no séc. XIX, conforme sua percepção do mesmo na época:

Em **O Momento** (1855), Kierkegaard expressou sua convicção que o cristianismo “oficial” de sua época era uma escandalosa falsificação, que o cristianismo do Novo Testamento não mais existia. Quem quisesse ser cristão teria de romper completamente com a igreja existente; esta, na opinião de Kierkegaard, era uma exigência inevitável.²⁶⁴

Não estudei a obra literária de Kierkegaard e não posso dizer se essa declaração foi dada pelo teólogo dinamarquês se referindo somente às corrupções morais ou também às corrupções doutrinárias das Religiões, incluindo a *Trindade*, visto que provavelmente, o próprio Kierkegaard acreditava em um Deus

trino, ou se não acreditava, se manteve em silêncio sobre isso, visto que ele, mesmo sendo um teólogo, não se envolveu e se dedicou a atuar como tal em alguma religião.²⁶⁵

O fato é que de forma bem ousada Kierkegaard já em seu tempo ecoava uma profecia que faz mais sentido em nossos dias e fará mais sentido ainda quando a queda de Babilônia se consumir. Kierkegaard já em seu tempo pregava uma mensagem de saída do sistema religioso vigente, quase que ecoando o “sai dela povo meu” de Apoc. 18:1-5, como vimos no texto acima.

Atuando mais como filósofo, Kierkegaard segundo a obra de Hägglund (*História da Teologia*) não se opôs ao platonismo ou aristotelismo, pelo menos Hägglund não cita que Kierkegaard fosse antagonico a essas vertentes filosóficas mais usadas no cristianismo. Diferente de Martinho Lutero como vimos anteriormente e de Herrmann que veremos na citação a seguir:

Entre os seguidores de Ritschl destaca-se Wilhelm Herrmann (m. 1922, professor de Marburgo, também influente na Suécia), que aprofundou e completou em muitos sentidos as ideias de Ritschl. Separou a teologia da metafísica ainda muito mais do que Ritschl o fizera. Herrmann dizia serem as afirmações da fé julgamentos que estão diretamente envolvidos na experiência pessoal de Deus, e como resultado estão em nível diferente que todos os pronunciamentos filosóficos e metafísicos. Os julgamentos religiosos são considerados incompatíveis com os filosóficos.²⁶⁶

Dessa forma, não somente no séc. XVI com Lutero, mas também no séc. XIX e XX homens como Ritschl e Herrmann se opuseram à mistura de teologia e filosofia, tão exacerbada no catolicismo ao longo dos séculos e permanente até os nossos dias.

Outro autor que demonstrou de forma bem clara sua oposição à filosofia em conexão com o cristianismo foi Harnack. Ele demonstrou que a mistura dos dois é condenável. Tudo que foi demonstrado neste livro até agora sobre a mistura de filosofia grega e deturpação doutrinária pode também ser sintetizado nessa

breve declaração de HÄGGLUND (pp.337-338, 1989) sobre a percepção de Harnack em relação à origem grega dos dogmas:

Traçava uma linha demarcatória definida entre os dogmas cristãos e o evangelho original, e considerava aqueles como desenvolvimentos posteriores, condicionados pela filosofia grega. Considerava os dogmas “criações do espírito helenístico no solo do evangelho”.

Por último deixo mais uma breve citação de HÄGGLUND (p.349, 1989) sobre outro teólogo a dissuadir essa associação: “dizia Barth, deve-se cultivar a teologia da Palavra sem buscar quaisquer contatos com doutrinas e sistemas filosóficos”.

A despeito desses posicionamentos o cerne da validade dos mesmos deve ser conectado com a origem dessa associação entre teologia e filosofia grega e por qual razão ela é condenável e perigosa: porque busca-se com a filosofia grega dar uma aparente validade científica e racional para a existência de um Deus que se manifesta de três formas, ou em três seres divinos (como os trinitários acreditam).

Como vimos a algumas páginas atrás e agora não é necessário repetir, os primeiros defensores da teologia trinitária nos primeiros séculos da controvérsia sobre o assunto fizeram uso de Platão e Aristóteles para “validar cientificamente” a existência de um Deus trino.

Mas, também como já vimos, e espero que me tenha feito entender, Platão e Aristóteles eram defensores de um provável Deus triúno, o que não foi nenhuma inovação de pensamento da parte deles, visto todo o panteão grego e até mesmo outras civilizações mais primitivas, como vimos no início desse capítulo, manifestarem essas concepções trinitárias nos mais variados modelos teogônicos masculinos, femininos ou familiares.

Resta-nos agora observar como essa concepção e percepção teológica foi perpetuada em nossa história recente. É sobre isso que procurarei demonstrar de forma um pouco mais resumida

no próximo e último tópico desse extenso, mas importantíssimo capítulo histórico.

O mistério da Trindade na história recente

A análise que será feita da existência do pensamento teológico trinitário na história recente é facilmente constatável como se verá adiante. Nela poderemos perceber a continuidade do pensamento trinitário nas religiões e seitas analisadas.

A maior religião do mundo é o cristianismo, ramificado e diluído em milhares de outras denominações, mas todas professando a fé em Jesus Cristo como Salvador. Como forma de comparação apresentarei a doutrina da *Trindade*, especificada segundo a concepção doutrinária de três religiões denominadas cristãs, e posteriormente de breves menções a outras confissões religiosas, depois de outras correntes espirituais exotéricas.

O critério para a escolha das religiões ditas cristãs que vamos analisar é o seguinte: a primeira é a maior religião denominada cristã, a ICAR (Igreja Católica Apostólica Romana). A segunda trata-se da maior religião cristã sabatista (Observadora do sábado como dia sagrado) a IASD (Igreja Adventista do Sétimo Dia). A terceira, mas não última a crer na *Trindade*, mas a última que citarei diretamente sua doutrina aqui é a maior denominação pentecostal do mundo, a IPAD (Igreja Pentecostal Assembléia de Deus), com muitas variações de placas e vertentes menores, acreditando basicamente nas mesmas doutrinas.

A Igreja Católica Apostólica Romana é a primeira Religião Cristã a desenvolver e professar um dogma trinitário. Como já foi demonstrado isso aconteceu a partir do séc. IV da nossa era. Segue, então, a declaração trinitária da primeira denominação a ser abordada, a ICAR, que para nós não é muita novidade pois neste próprio livro demonstramos isso de forma extensiva. Porém, vejamos o que diz o Catecismo mais recente:

O DOGMA DA SANTÍSSIMA TRINDADE

253. A Trindade é una. Nós não confessamos três deuses, mas um só Deus em três pessoas: “a Trindade consubstancial” As pessoas divinas não dividem entre Si a divindade única: cada uma delas é Deus por inteiro: “O Pai é aquilo mesmo que o Filho, o Filho aquilo mesmo que o Pai, o Pai e o Filho aquilo mesmo que o Espírito Santo, ou seja, um único Deus por natureza”. “Cada uma das três pessoas é esta realidade, quer dizer, a substância, a essência ou a natureza divina”.²⁶⁷

Então, para os católicos, Deus é uma tríade, sendo cada uma das Pessoas Deus integralmente. Eles acreditam que os três são coiguais, ou seja, tudo que um é o outro é igualmente, pois ambos possuem a mesma essência, sendo indivisíveis e nenhum sendo maior ou menor que o outro.

Agora veremos um trecho do Catecismo Católico onde é informada a origem do dogma trinitário quanto ao tempo, propósito, sujeitos e sustentáculos dessa manifestação de crença:

No decurso dos primeiros séculos, a Igreja preocupou-se com formular mais explicitamente a sua fé trinitária, tanto para aprofundar a sua própria inteligência da fé, como para a defender contra os erros que a deformavam. Foi esse o trabalho dos primeiros concílios, ajudados pelo trabalho teológico dos Padres da Igreja e sustentados pelo sentido da fé do povo cristão.²⁶⁸

Então, vimos aqui sobre a origem do dogma Católico da *Trindade* quanto ao tempo: primeiros séculos; quanto ao propósito: aprofundar a inteligência da fé e defender-se dos erros; quanto aos sujeitos: os padres e os concílios; e por fim quanto aos sustentáculos: o sentido da fé do povo cristão.

Outra importante informação que encontramos no Catecismo é a confissão clara que é feita sobre a origem dos termos empregados na formulação do dogma Católico trinitário:

Para a formulação do dogma da Trindade, a Igreja teve de elaborar uma terminologia própria, com a ajuda de noções de origem filosófica: “substância”, “pessoa” ou “hipóstase”, “relação”, etc. Ao fazer isto, a Igreja não sujeitou a fé a uma sabedoria humana, mas deu um sentido novo, inédito, a estes

termos, chamados a exprimir também, desde então, um mistério inefável, “transcendendo infinitamente tudo quanto podemos conceber a nível humano”.²⁶⁹

Mesmo que velada, e em assimilação a tudo que já estudamos até agora, essa confissão nos ajuda a perceber o reconhecimento católico de que a doutrina trinitária que desenvolveram tomou emprestados termos de origem filosófica, e sabemos bem de qual filosofia: a grega de Platão e Aristóteles, que sendo pagãos e politeístas, também acreditavam em modelos de deuses triúnos como já foi demonstrado neste livro.

Eles ainda tentam uma argumentação esquivada, dizendo que isso não é se sujeitar a uma sabedoria humana (a filosofia grega) mas sabemos muito bem que é. Trocaram assim o correto mistério de Deus, do Pai e do Filho (Col. 2:1-3; ACF), por outro mistério, o que eles chamam de “mistério inefável”. Essa é a suplantação do mistério que deu título a este livro que agora você está lendo.

Esse “mistério”, tão caro ao Catolicismo, é apontado como o mais importante dentre todos os outros ensinamentos da Religião Católica. Veja como isso é declarado no Catecismo:

O mistério da Santíssima Trindade é o mistério central da fé e da vida cristã. É o mistério de Deus em si mesmo. E, portanto, a fonte de todos os outros mistérios da fé e a luz que os ilumina. É o ensinamento mais fundamental e essencial na “hierarquia das verdades da fé”. “Toda a história da salvação não é senão a história do caminho e dos meios pelos quais o Deus verdadeiro e único, Pai, Filho e Espírito Santo, Se revela, reconcilia consigo e Se une aos homens que se afastam do pecado”.²⁷⁰

O que temos aqui? Temos uma declaração que exalta o dogma da *Trindade* como o maior de todos. E também (pudera!) é a doutrina que retrata a compreensão, de quem a admite, sobre a existência e principalmente de como se compreende a existência de Deus. Visto que Deus para todos os crentes, mesmo os que não acreditam no dogma da *Trindade*, é o maior de todos os artigos da fé, o que nos diferencia dos ateus, torna-se compreensível que para

os católicos esse seja o mais fundamental e hierarquicamente essencial de todos os pontos de fé. Tudo o mais está sujeito e interligado a esse tema, seja a doutrina da salvação (nas suas mais variadas compreensões), seja a cristologia (nos mais variados entendimentos), ou seja, como diriam os católicos, todos os demais “sacramentos” e “mistérios” são subordinados a esse dogma maior e mais sublime (para os católicos é claro, e outros cristãos, logicamente, que também acreditam na *Trindade*).

Para ser ainda mais didático quero demonstrar a crença católica em muitos outros mistérios que estão muito bem subdivididos e agrupados em sua teologia e liturgia. Eles possuem um conjunto de vinte outros mistérios do rosário que estão subdivididos em quatro conjuntos de cinco mistérios que retratam a vida de Jesus e sua mãe. Segue abaixo apenas os títulos desses mistérios:

Mistérios Gozozos

- 1º - Anunciação a Maria;
- 2º - Visitação de Nossa Senhora a sua prima Isabel;
- 3º - Nascimento de Jesus;
- 4º - Apresentação do Menino Jesus no templo;
- 5º - Perda e encontro do Menino Jesus no Templo.

Mistérios Luminosos

- 1º - Batismo de Jesus no rio Jordão;
- 2º - Auto-revelação de Jesus nas Bodas de Caná;
- 3º - Anúncio do Reino de Deus;
- 4º - Transfiguração de Jesus;
- 5º - Instituição da Eucaristia.

Mistérios Dolorosos

- 1º - Agonia de Jesus no Horto;
- 2º - Flagelação de Jesus;
- 3º - Coroação de Espinhos;
- 4º - Jesus carregando a cruz no caminho do Calvário;
- 5º - Crucificação e morte de Jesus.

Mistérios Gloriosos

- 1º - Ressurreição de Jesus;

A suplantação do mistério

- 2º - Ascensão de Jesus ao Céu;
- 3º - Vinda do Espírito Santo sobre os Apóstolos;
- 4º - Assunção de Maria;
- 5º - Coroação de Maria no Céu.²⁷¹

Todos esses mistérios são importantes para a fé Católica e as rezas do rosário. No entanto, como vimos anteriormente, o maior de todos os mistérios para os católicos é o mistério da *Trindade*, a doutrina mais fundamental e essencial de todas.

O mistério central para os católicos, o dogma da *Trindade*, e os demais vinte mistérios são ensinados para as crianças desde cedo, sendo-lhes incutido na mente todos esses “mistérios”. Isso nos remete à Apoc. 17:5 onde diz que na testa da mulher (igreja) estava escrito “Mistério”. É na parte da frente do cérebro, atrás da testa que fica o lobo frontal, onde “acontece o planejamento de ações e movimento, bem como o pensamento abstrato.”²⁷²

Dessa forma podemos entender que a profecia que aponta uma mulher (igreja, religião) que possui a palavra “Mistério, a grande Babilônia, a mãe das prostituições e abominações da Terra” é um código para identificar a maior religião do mundo fundamentada em “mistérios” espirituais. E qual outra religião se identifica como a mãe das demais se não a Católica?

A criação de “mistérios” associados às práticas religiosas não teve origem no Cristianismo Católico. Na própria Grécia antiga existiam os “mistérios de Elêusis” em honra das deusas Deméter e Perséfone. Esse “mistério” tinha elementos que até hoje podem ser percebidos no Catolicismo:

Se o povo reverenciava em Deméter a terra-mãe e a deusa da agricultura, os iniciados viam nela a luz celeste, mãe das almas e a Inteligência Divina, mãe dos deuses cosmogônicos. Os sacerdotes de Elêusis ensinaram sempre a grande doutrina esotérica que lhes veio do Egito. Esses sacerdotes, porém, no decorrer do tempo, revestiram essa doutrina com o encanto de uma mitologia plástica, repleta de beleza.

O mistério da Trindade na história antiga e recente

Entre os participantes estavam provavelmente figuras influentes como Sócrates, Platão, Aristóteles, Sófocles, Plutarco e Cícero.²⁷³

Maria é chamada “a mãe de Deus” *theotókos* pelos católicos em uma de suas rezas mais repetidas.²⁷⁴ Eles ainda continuam a reverberar a máxima de Cipriano “Ninguém pode ter a Deus por Pai, se não tem a Igreja como mãe.”²⁷⁵ Mas não é somente a Igreja e a mãe de nosso Salvador que é considerada como mãe no catolicismo. À semelhança da terra-mãe (Deméter) dos gregos, os católicos também enxergam a terra como mãe, como demonstrado numa oração de Francisco de Assis:

“Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã nossa, a mãe terra que nos sustenta e governa e produz diversos frutos com coloridas flores e ervas.”²⁷⁶

O atual Bispo de Roma que adotou o nome do autor dessa oração (Francisco), o argentino Jorge Mario Bergoglio, comunga do mesmo pensamento, reconhecendo a terra como mãe. Ele demonstrou isso em sua primeira Encíclica *Laudato Si'* onde cita na primeira página o trecho da oração de Francisco de Assis referido acima. Em sua Encíclica Francisco também diz:

Tudo está relacionado, e todos nós, seres humanos, caminhamos juntos como irmãos e irmãs numa peregrinação maravilhosa, entrelaçados pelo amor que Deus tem a cada uma das suas criaturas e que nos une também, com terna afeição, ao irmão sol, à irmã lua, ao irmão rio e à mãe terra.²⁷⁷

Apesar da aparente beleza das palavras, nem Jesus Cristo e nenhum outro patriarca, profeta ou apóstolo nunca ensinaram que o sol e o rio são nossos irmãos, a lua nossa irmã e a terra nossa mãe. Em nenhuma parte da Bíblia encontramos esse ensinamento. O mais irônico é quando encontramos informações sobre o sol e a lua sendo irmãos na mitologia grega no próprio site Portal São Francisco. Veja por si mesmo e tire suas conclusões:

Hélio, na mitologia grega, era a representação divina do **Sol**.

A suplantação do mistério

Filho de Hipérion, era neto de Urano e de Gaia (o Céu e a Terra), **irmão** de Eos, a Aurora, e de Selene, a Lua. Percorria o céu todos os dias, de leste para oeste, num carro flamejante puxado por quatro corcéis, para levar luz e calor aos homens.²⁷⁸

Negritos são nossos

As Sagradas Escrituras e nosso Senhor Jesus Cristo nunca colocaram as outras obras criadas na natureza em pé de igualdade com o ser humano. No Salmo 8 isso fica bem evidente:

Ó Senhor, Senhor nosso, quão admirável é o teu nome em toda a terra, pois puseste a tua glória sobre os céus!

Tu ordenaste força da boca das crianças e dos que mamam, por causa dos teus inimigos, para fazer calar ao inimigo e ao vingador.

Quando vejo o teus céus, obra dos teus dedos, a lua e as estrelas que preparaste;

Que é o homem mortal para que te lembres dele? E o filho do homem, para que o visites?

Pois pouco menor o fizeste do que os anjos, e de glória e de honra o coroaste.

Fazes com que ele tenha domínio sobre as obras das tuas mãos; tudo puseste debaixo de seus pés:

Todas as ovelhas e bois, assim como os animais do campo,

As aves dos céus, e os peixes do mar, e tudo o que passa pelas veredas dos mares.

Ó Senhor, Senhor nosso, quão admirável é o teu nome sobre toda a terra! **Salmo 8; ACF.**

O próprio Jesus Cristo, coautor da Criação ao lado do Pai Celestial, quando entre nós esteve em carne humana disse quando proferiu o magnífico Sermão da Montanha:

“Olhai para as aves do céu, que nem semeiam, nem segam, nem ajuntam em celeiros; e vosso Pai celestial as alimenta. Não tendes vós muito mais valor do que elas?” **Mateus 6:26; ACF.**

Para muitos, porém, que cultuam ou compactuam com os que cultuam a natureza, não somos melhores que ela, devemos cuidar dela como iguais, como irmãos. Com isso eles confundem o que é ser filho de Deus com o que é ser criatura de Deus.

Nos Mistérios de Elêusis, na Encíclica ecológica de Francisco *Laudato Si'*, na Mitologia Grega e também no espiritismo, como veremos agora, colocam a natureza e suas obras como “irmãos e irmãs”, cada um a sua maneira peculiar. A maneira com que o espiritismo faz isso pode ser percebido nessa canção disponível num portal espírita:

Oh, irmão sol e irmã lua
Abram meus olhos quero ver a luz
Oh, irmão vento e irmã brisa
Cantem pra mim canções que tragam paz
Que onde eu for eu leve o amor
Quando sozinho no mundo me encontrei
Busquei no amor caminhos de me achar
Vi lindas flores verdes campinas
Ouvi as aves, falando-me de paz
Oh, irmão sol e irmã lua
Quero também saber mostrar a luz
Oh, irmão vento e irmã brisa
Hoje eu canto caminhos para a paz
Que onde eu for eu leve o amor.²⁷⁹

Conseguimos perceber claramente a semelhança entre Mistérios de Elêusis, Encíclica ecológica *Laudato Si'* de Francisco, Mitologia Grega (Hélio e Selene, sol e lua como irmãos) retratados também no espiritismo. Encontramos esse tipo de irmandade nas Escrituras Sagradas? Definitivamente não!

A natureza precisa ser cuidada, respeitada, mas nunca vista como irmã ou mãe de nenhum ser humano. Esse tipo de pensamento tem origem nas mais primitivas culturas pagãs e nunca na mensagem divina concedida aos seus servos e registrada na Santa Palavra de Deus.

Muito mais poderia ser escrito sobre o mistério ou os mistérios no catolicismo, especialmente sobre seu mistério principal o da *Trindade*, mas creio que o que escrevi é suficiente para demonstrar que essa doutrina para eles é um mistério. Quero

apenas concluir sobre o Mistério da *Trindade* no catolicismo com uma citação de Atanásio.

Atanásio, que também foi transformado em santo pela Igreja Romana, afirma que quem não acreditar na doutrina da *Trindade* está perdido e que todos três na *Trindade* são incompreensíveis, ou seja, é um mistério, não é possível compreender. Segue apenas um trecho desse credo:

CREDO DE ATANÁSIO

Todo que for salvo: antes de todas as coisas é necessário que se apegue à fé católica; tal fé, se não guardada plena e imaculada, sem dúvida trará perdição eterna.

E a fé católica é esta: Que nós adoramos um Deus em Trindade, e Trindade na Unidade; Sem confundir as pessoas, sem dividir a Substância.

Porque há uma Pessoa do Pai, outra do Filho, e outra do Espírito Santo.

Mas a divindade do Pai, do Filho, e do Espírito Santo é uma só: a glória igual, a majestade, coeterna.

Como o Pai é, tal é o Filho, e tal é o Espírito Santo.

O Pai incriado, o Filho incriado, e o Espírito Santo incriado.

O Pai incompreensível, o Filho incompreensível, e o Espírito Santo incompreensível. *

O Pai eterno, o Filho eterno, e o Espírito Santo eterno.

No entanto não são três eternos, mas um eterno.²⁸⁰

*O negrito é nosso

Segundo uma lenda atribuída a Agostinho supostamente ao ver um menino tentar colocar toda a água do oceano num buraquinho da areia da praia, o Bispo de Hipona teria dito: “Seria mais fácil fazer entrar o mar neste buraquinho do que para ti explicar a mínima parcela do mistério da Trindade”.²⁸¹

Seja fato ou apenas lenda essa situação representa a incompreensão de muitos quanto a esse “mistério”, esperando para entendê-lo apenas no céu. Mas será isso possível? Vamos ver o que a Bíblia diz sobre isso até o final deste livro.

Veremos agora como outra religião cristã professa esse dogma (ou doutrina como queiram chamar) da *Trindade*. Ela é a

maior religião sabatista do mundo, contando com mais de 17 milhões de membros.²⁸²

Antes, porém é preciso saber se a doutrina trinitária defendida pela IASD é a mesma que a da ICAR e de outras religiões. Primeiro faremos uma observação no que é declarado no Manual da Igreja Adventista sobre a crença N° 2:

2. A Trindade

Há um só Deus: Pai, Filho e Espírito Santo, uma unidade de três pessoas coeternas. Deus é imortal, onipotente, onisciente, acima de tudo e sempre presente. Ele é infinito e está além da compreensão humana, mas é conhecido por meio de Sua auto revelação. É para sempre digno de culto, adoração e serviço por parte de toda a criação (Dt 6:4; Mt 28:19; 2 Co 13:13; Ef 4:4-6; 1 Pe 1:2; 1 Tm 1:17; Ap 14:7).²⁸³

O traço marcante da unidade entre os três componentes e a sua coeternidade são detalhes visivelmente semelhantes com o *Hino à Amon*²⁸⁴, na *Trindade* egípcia que apresenta três seres (Amon, Ré e Ptah) da principal divindade triúnica egípcia.

Contudo, essa concepção trinitária da divindade não fazia parte das crenças originais da IASD desde sua fundação oficial em 1863 até 1931, quando aparece pela primeira vez no *YearBook* (Anuário da IASD) o conceito trinitário da Divindade. Antes de 1931 a doutrina da Divindade Adventista relativa ao Pai era o princípio fundamental N° 1, relativa ao Filho era o princípio fundamental N° 2, e relativa ao Espírito Santo aparecia somente no 19° princípio fundamental, e não como uma terceira pessoa de uma *Trindade*. Vejamos essas doutrinas primitivas da IASD:

1. Que existe um Deus, uma pessoa, um ser espiritual, o Criador de todas as coisas, onipotente, onisciente e eterno; infinito em sabedoria, santidade, justiça, bondade, verdade e misericórdia; imutável, e presente em toda a parte por seu representante, o Espírito Santo. Salmos 139:7
2. Que existe um Senhor, Jesus Cristo, o Filho do Eterno Pai, o único por quem foram criadas todas as coisas e por meio de quem elas existem; que ele tomou a natureza da semente de Abraão

para a redenção de nossa raça caída; que Ele residiu entre os homens, cheio de graça e verdade, viveu como nosso exemplo, morreu como nosso sacrifício, foi ressuscitado para nossa justificação, ascendeu ao alto para ser nosso único Mediador no santuário celestial, onde, através dos méritos de seu sangue derramado, assegurou o perdão e absolvição dos pecados de todos os que persistentemente se achegam a Ele; e como o encerramento de parte do Seu trabalho de Sacerdote, antes de assentar-Se em Seu trono como Rei, ele realizará a expiação por todos eles, e todos os pecados deles cometidos fora do santuário serão apagados (Atos 3:19), como mostrado no serviço do sacerdócio levítico, que apontava e prefigurava o ministério de nosso Senhor no Céu. Veja Lev. 16; Heb. 8:4, 5; 9:6, 7.

19. Que o Espírito de Deus foi prometido para se manifestar (itself) na igreja através de certos dons, referidos em I Cor. 12 e Efé. 4; que estes dons não são designados para substituir ou tomar o lugar da Bíblia, que é suficiente para nos fazer sábios para a salvação. Além disso, a Bíblia pode nos fazer entender a posição do Espírito Santo; em específico os vários canais de sua (its) operação, que o Espírito Santo foi feito simplesmente provisão em relação a (its) sua própria existência e presença com o povo de Deus para o fim dos dias, a fim de guiá-los à compreensão da Palavra que ele (it) inspirou, para convencer do pecado e realizar uma obra de transformação no coração e na vida, e os que negam ao Espírito seu (it) lugar e operação fazem claramente uma negação da parte da Bíblia que determina a ele (it) seu trabalho e posição.²⁸⁵

Percebe-se que os três que comumente aparecem juntos nas mais variadas declarações doutrinárias, nesses princípios fundamentais da primitiva organização Adventista aparecem separados. Outro detalhe é que apenas o Pai é identificado como Deus, Jesus Cristo como Filho de Deus e o Espírito Santo com o pronome impessoal *it* em inglês. Tudo mudou após a morte dos fundadores da denominação e a entrada de outros líderes. Mas a mudança foi gradativa, de 1931 a 1980.

Vamos constatar isso nas posteriores declarações de fé da organização em fontes oficiais. Primeiro precisamos mencionar a

estratégia de omissão das doutrinas nos *Yearbooks* (anúários) de 1915 a 1930. Durante esse período as doutrinas da denominação não foram publicadas nos anúários, para em 1931 virem de forma diferente da última publicação, o que pode ser entendido por alguns como uma forma de minimizar a mudança. Vejamos um resumo histórico prudente e não comprometedor no primeiro livro de crenças lançado pela denominação:

Durante muitos anos os Adventistas do Sétimo Dia têm-se demonstrado relutantes em formalizar um credo (no sentido usual desta palavra). Entretanto, de tempos em tempos – tendo em vista propósitos práticos – temos constatado a necessidade de resumir as nossas crenças.

Em 1872, a editora adventista de Battle Creek, Michigan, publicou uma “sinopse de nossa fé” em 25 proposições. Esse documento, tendo sofrido rápidas revisões e sido ampliado para 28 seções, apareceu no *Yearbook* denominacional de 1889. O texto não constou de edições sucessivas da publicação, mas foi novamente inserido no exemplar de 1905, e continuou a sê-lo até 1914. Em resposta a um apelo dos líderes denominacionais africanos quanto a “uma declaração que ajudaria os oficiais governamentais e outros a obterem melhor compreensão de nosso trabalho”, um comitê de quatro pessoas – incluindo o Presidente da Associação Geral – preparou uma declaração que abrangeu “os principais aspectos” de nossas crenças, segundo “podiam ser resumidos”. Essa declaração de 22 doutrinas fundamentais, que apareceu impressa pela primeira vez no *Yearbook* de 1931, permaneceu até a seção da Associação Geral de 1980, quando foi substituída por um sumário mais amplo e abrangente de 27 parágrafos, publicado sob o título “Doutrinas fundamentais dos Adventistas do Sétimo Dia”.²⁸⁶

Por essa evasiva declaração não é possível entender a razão para uma alteração doutrinária de 28 seções (crenças) de 1889 até 1914, para uma nova e mais concisa proposição doutrinária de apenas 22 doutrinas fundamentais em 1931, ou seja, a eliminação de seis doutrinas e alteração de outras, como veremos a seguir. O fato é que isso ocorreu e as razões apresentadas não

foram totalmente francas na explicação dada no livro *Nisto cremos* do texto citado a pouco.

Uma outra publicação oficial da IASD preencherá essa lacuna, onde o maior historiador da denominação, George R. Knight informa uma doutrina nova nessa declaração de crença da denominação em 1931, e como veremos, o assunto envolve a doutrina da *Trindade*, que passa a fazer parte das crenças oficiais:

A década de 1930 veria uma constante discussão sobre a Trindade. A denominação publicou pela primeira vez uma declaração de crenças fundamentais em seu *Yearbook* (anuário) de 1931. Ela era explicitamente trinitariana. Embora tecnicamente se tratasse de uma declaração não oficial, ela mostrou de maneira definitiva os rumos que a liderança da igreja estava tomando.²⁸⁷

Com essa informação, cabe a nós percebermos qual era o teor dessa nova declaração de crença da denominação. Vejamos então como esse *Yearbook* (anuário) de 1931 manifesta a crença trinitária da IASD pela primeira vez na crença Nº 2:

2. Que a Divindade, ou Trindade, consiste do Pai Eterno, um ser pessoal, espiritual, onipotente, onipresente, onisciente, infinito em sabedoria e amor; o Senhor Jesus Cristo, o Filho do Eterno Pai por quem todas as coisas foram criadas e através do qual a salvação das hostes redimidas será realizada; e o Espírito Santo, a terceira pessoa da Divindade, o grande poder regenerador na obra da redenção.²⁸⁸ (GN)

Como vimos, a mudança doutrinária da IASD de um Deus único para uma *Trindade* foi radical. E o que mais impressiona é que foi “não oficial”, como citado por KNIGHT (p.158, 2005), pois apenas quatro homens da liderança organizacional fizeram a mudança sem submetê-la a uma votação como era e continua sendo praxe nessa Religião. Ciente dessas informações constatamos uma perpetuação de conceitos trinitários até em uma religião que não era inicialmente trinitária. Isso demonstra o poder dessa crença ao logo de milhares de anos na mente humana.

A ideia de um Deus triúno ofereceu certa resistência até a década de 1980 e daí em diante, tanto entre o ministério adventista, quanto entre os membros da denominação. Até essa data (1980) a denominação não havia votado em um concílio (Conferência Geral) a mudança de sua crença para a *Trindade*. Mas por ocasião da Conferência Mundial dos adventistas, em Dallas, Texas, no ano citado, a denominação aprovou com voto oficial um conjunto de doutrinas expressas num livro intitulado “Nisto Cremos”, do qual já citamos uma breve descrição histórica sobre as publicações de crenças da denominação.

Antes de mostrar como a crença da Trindade apareceu nesse ano (1980), vejamos como a introdução da crença da *Trindade* encontrou resistência após sua entrada no adventismo em 1931. Um pastor adventista da capital americana (Whashington D. C.) disse o seguinte sobre a “nova” doutrina adventista em 1940. KNIGHT (p.158, 2005) cita as palavras desse pastor:

“Esta doutrina monstruosa transplantada do paganismo para a Igreja de Roma Papal, está procurando introduzir sua presença maléfica nos ensinamentos da Mensagem do Terceiro Anjo”. “Toda a doutrina da Trindade”, afirmou ele, “é completamente estranha não somente à Bíblia, mas também ao Espírito de Profecia. A revelação não apresenta o mais leve indício dela. Esta concepção monstruosa e pagã não encontra lugar em todo o universo livre de nosso bendito Pai Celestial e Seu Filho.” (JSW Ms, “The Trinity”)

Essas palavras revelam que naquele tempo um pastor adventista da mais importante capital no país sede da denominação se manifestou contrariamente e de forma tão incisiva a entrada da doutrina da *Trindade* na Religião onde ele atuava (na “Mensagem do Terceiro Anjo”) que suas palavras podem suscitar até repulsa nos adeptos da doutrina da *Trindade*.

Embora esse protesto tenha sido manifestado, a doutrina continuou até os nossos dias e se fortaleceu ainda mais na denominação como veremos nas referências seguintes.

De 1931 a 1980 foi o período de “maturação” da doutrina trinitária em uma religião que passou mais de sessenta anos sem crer nem ensinar que Deus é uma *Trindade*. Mudar a mentalidade pode levar gerações. Por isso, em 1980 a doutrina foi formalmente votada por uma assembleia geral na forma do livro *Nisto Cremos* que apresentou a doutrina da *Trindade* da seguinte maneira:

Há um só Deus: Pai, Filho e Espírito Santo, uma unidade de três Pessoas coeternas. Deus é imortal, onipotente, onisciente, acima de tudo e sempre presente. Ele é infinito e está além da compreensão humana, mas é conhecido por meio de Sua auto-revelação. Para sempre é digno de culto, adoração e serviço por parte de toda a criação. – Crenças Fundamentais, 2.²⁸⁹

Embora seja levemente diferente da doutrina redigida em 1931, essa também é claramente trinitariana. Mesmo embora não apresente a palavra *Trindade* como a outra apresentou. Contudo, o 2º capítulo do livro *Nisto Cremos* leva o título de *Trindade* e descreve com detalhes a crença adotada pela denominação.

Dentre os argumentos para sustentar a doutrina da Trindade no primeiro livro de crenças da denominação (uma espécie de catecismo adventista) está argumentos utilizados no próprio catolicismo primitivo, como a argumentação de Agostinho do plural “Façamos...” (Gn 1:26) e “Desçamos...” (Gn 11:7) etc. para justificar a existência de uma *Trindade*.²⁹⁰

Uma citação interessante do livro *Nisto Cremos* (p.41) menciona que a Trindade é “uma unidade de três pessoas coeternas que se inter-relacionam de forma única e misteriosa.” Essa citação perpetua o conceito das culturas antigas das religiões de mistérios, como os “mistérios de Eleusis, os mistérios do orfismo, do pitagorismo, o culto a Ísis, o culto a Mitra e os movimentos gnósticos”²⁹¹ e finalmente o mistério da grande Babilônia que já vimos no contexto do catolicismo. Esses mistérios suplantaram o verdadeiro mistério de Deus: do Pai e de Cristo (Cl 2:1-3; ACF, KJV e RVR).

A segunda religião que estamos analisando na história moderna da manifestação da doutrina da *Trindade*, a Igreja Adventista do Sétimo Dia, se viu “obrigada” a escrever um livro sobre o assunto no séc. XXI pois muitos adventistas, descobrindo as mudanças que aconteceram na denominação e se posicionando a favor dos pioneiros fundadores da mesma, combateram a doutrina da Trindade de dentro até serem colocados para fora, como tem acontecido em nossos tempos.

Esse livro se chama *A Trindade: como entender os mistérios da pessoa de Deus na Bíblia e na história do cristianismo*. Escrito ironicamente por três homens, três Pastores titulados como Mestres e/ou Doutores em Divindade pelas Universidades da denominação fizeram no livro a defesa da “nova” teologia Adventista como puderam. Alguns absurdos se destacam, mas, sobre isso, poderemos analisar melhor no último capítulo, citando as semelhanças e diferenças entre a doutrina trinitária da IASD e a da ICAR.

Pois agora veremos a última Religião Cristã que vou mencionar, mas não a última a crer na doutrina da *Trindade*. A IPAD (Igreja Pentecostal Assembleia de Deus) é a maior Religião Pentecostal do mundo²⁹², com quase 70 milhões de membros em suas mais variadas ramificações.

Sobre ela quero citar do seu livro de doutrinas como foi redigida sua crença na doutrina da *Trindade*, apenas fazendo a observação de que diferente da IASD a IPAD já “nasceu” como uma religião trinitariana, tendo “herdado” essa crença da ICAR.

No terceiro capítulo da Declaração de Fé das Assembleias de Deus é tratado do assunto da *Trindade* e como a Religião entende essa doutrina. Vejamos apenas a síntese da mesma:

CREMOS, professamos e ensinamos o monoteísmo bíblico, que Deus é uno em essência ou substância, indivisível em natureza e que subsiste eternamente em três pessoas – o Pai, o Filho e o Espírito Santo, iguais em poder, glória e majestade e distintas em função, manifestação e aspecto: “*Portanto, ide, ensinai todas as*

*nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo” (Mt 28.19). As Escrituras Sagradas claramente revelam que a Trindade é real e verdadeira. Uma só essência, substância, em três pessoas. Cada pessoa da santíssima Trindade possui todos os atributos divinos – onipotência, onisciência, onipresença, soberania e eternidade. A Bíblia chama textualmente de Deus cada uma delas; as Escrituras Sagradas, no entanto, afirmam que há um só Deus e que Deus é um: “*Todavia para nós há um só Deus*” (1 Co 8.6); “*mas Deus é um*” (Gl 3.20); “*um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos, e em todos*” (Ef 4.6).²⁹³*

Ou quem escreveu (e os que aprovaram) essa redação são mal-intencionados, ou subestimam a capacidade do estudante da Bíblia de notar suas omissões, ou as duas coisas e outras mais que não é preciso elencar aqui. Basta dizer que o texto de 1 Co 8:6 especifica quem é o Deus único: o Pai. E isso a IPAD omitiu quando citou o texto. Está escrito:

“Todavia para nós há um só Deus, o Pai, de quem é tudo e para quem nós vivemos; e um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual são todas as coisas, e nós por ele. **1 Co 8:6** (GN)

Os indícios claros de que essa doutrina trinitária da IPAD é oriunda do catolicismo são o uso das palavras “essência” e “substância” do grego *ousia* οὐσία, tão debatidas nos Concílios de Nicéia e Constantinopla sendo aplicadas e interpretadas nos debates para afirmar que Jesus Cristo era da mesma *ousia* (substância) que Deus Pai, detalhes os quais a Revelação nunca explicitou. Outro claro indício que a crença trinitária da IPAD foi herdada do catolicismo está no final de seu livro de crenças.

Os credos ecumênicos estão todos ao final do livro *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*: o Credo dos Apóstolos, o Credo Niceno, o Credo Niceno-constantinopolitano, o Credo de Calcedônia e por último o Credo de Atanásio ou Atanasiano.²⁹⁴

Sendo assim, não é necessário me demorar em maiores considerações sobre a crença trinitária da IPAD, visto como ficou comprovada sua “herança” de fé do catolicismo quanto ao Deus

triúno. Esse fato se aplica às demais religiões que creem e ensinam que Deus é uma Trindade, o que me poupa maiores comentários e análises específicas sobre essas religiões.

Veremos agora manifestações de crença de fora do cristianismo que também professam a crença trinitária. Primeiro vamos notar esse detalhe em duas religiões de matriz africana. A Umbanda também crê na *Trindade*, como pode ser visto nessa citação:

A trindade umbandista

Tal qual outras religiões cristãs, a Umbanda possui uma trindade máxima representada por Olorun (o Deus único e criador de tudo), Oxalá (Jesus Cristo) e Ifá (oráculo divinatório sincretizado com o Espírito Santo).

Então a trindade Pai-Filho-Espírito Santo, largamente usada inclusive pelas entidades (não existindo nenhum erro nisso), na tradição umbandista é Olorun-Oxalá-Ifá.

Assim sendo, quando o filho de fé desejar “abençoar” algo deve usar as costas da mão (a parte mais limpa) e, fazendo pequenos sinais da cruz deve proferir: “Por Olorun, por Oxalá e por Ifá”.

Toda trindade tem sua representação na forma de um triângulo, e na Umbanda esse símbolo tem uma força ainda mais importante, sendo o símbolo maior da nossa religião representado como dois triângulos entrelaçados, ou como é popularmente conhecido, como uma “estrela-de-davi”.²⁹⁵

Como vimos mesmo a Umbanda não sendo uma religião cristã ela aceita o “Deus Cristão” e ainda assume isso claramente. Além de Olorun-Oxalá-Ifá (Pai, Filho e Espírito Santo) os umbandistas cultuam outra tríade não muito ortodoxa:

Assim como o candomblé, a umbanda também cultua os orixás. Mas os umbandistas representam essas divindades com imagens diferentes, além de cultuarem outros três espíritos, o preto-velho, o caboclo e a pomba-gira. Nenhum deles aparece no candomblé.²⁹⁶

Apesar dessa tríade sinistra não estar no culto do candomblé, a mesma revista diz o seguinte sobre as duas religiões:

Na umbanda e no candomblé, Oxalá é a divindade que criou a humanidade por isso, ele se equivale a Jesus, uma das manifestações do Deus triuno do catolicismo (pai, filho e espírito santo). Além de ter modelado os primeiros seres humanos, Oxalá também inventou o pilão para preparar inhame e é considerado o criador da cultura material.²⁹⁷

Confirmamos, portanto, que a *Trindade* cristã está presente até em religiões que não são cristãs. Bem irônico e contraditório não é mesmo? O que podemos inferir disso? Que a doutrina da *Trindade* não é cristã propriamente dita, porque de fato Cristo nunca ensinou que Deus é uma *Trindade*. E antes de Cristo vir a este mundo, antes também da existência da religião que adotou o nome de Cristo (religião cristã) os conceitos trinitários já eram uma realidade em muitas culturas, como já vimos extensamente.

Outra fonte onde é possível perceber a existência da *Trindade* é em um livro sem autoria declarada que mistura relatos da Bíblia sob uma interpretação exotérica, ficcional e pseudocientífica, chamado *Livro de Urântia*. O livro é uma espécie de Bíblia espiritista que ensina a imortalidade da alma, reencarnação e histórias sobre outros mundos e suas mais variadas raças.

O *Livro de Urântia*, contendo mais de duas mil páginas foi lançado em 1955 nos EUA²⁹⁸ e em vários documentos versa sobre a suposta *Trindade*. No Documento 10 intitulado *A Trindade do Paraíso* o conceito trinitário é reverberado no livro exotérico:

Não obstante exista apenas uma Deidade, há três personalizações positivas e divinas da Deidade. A respeito da doação de Ajustadores divinos ao homem, o Pai disse: “Façamos o homem mortal à Nossa própria imagem”. Reiteradamente, nas escrituras de Urântia, ocorre essa referência aos atos e feitos da Deidade plural, evidenciando claramente o reconhecimento à existência e ao trabalho de Três Fontes e Centros.²⁹⁹

Percebe-se a perfeita harmonia, pelo menos nesse trecho, com o que disse Agostinho e todos os subsequentes teólogos

cristãos defensores da doutrina da *Trindade*, que seria cansativo e redundante comentar e citar novamente. O fato é que o verbo “fazemos...” de Gn 1:26 também é entendido e explicado no livro exotérico (*Livro de Urântia*) como um indicativo da *Trindade*.

O livro também defende a coeternidade do Filho e do Espírito com o Pai³⁰⁰. Semelhantemente à Agostinho e tantos outros, o *Livro de Urântia* diz que “seria fútil tentar elucidar o mistério da Trindade: Três como Um e em Um, e Um como Dois e atuando por Dois.”³⁰¹

Seria extenso e cansativo detalhar todos os pormenores abordados no *Livro de Urântia* sobre a *Trindade*. O que chama a atenção no referido livro é a tara persistente na ideia da *Trindade*. Existe um capítulo intitulado *Os filhos trinitarizados de Deus*³⁰² que é uma “viagem” por demais alucinógena para ser comentada aqui. Nesse capítulo é mencionado no sétimo subtítulo *A técnica da trinitarização*³⁰³ que eles dizem não poder revelar pois é um segredo (que não faço questão nenhuma de saber).

Se para o cristianismo católico, evangélico etc. uma *Trindade* é suficiente, e se para os criadores do *Livro de Urântia* não é, então existem trindades, triunidades e triodidades³⁰⁴. Porém, não entrarei nos detalhes dessa elucubração. Quero lhes mostrar como eles interpretam as tríades do paganismo, que inclusive já mencionamos no capítulo anterior e neste. Vejamos a explicação urantiana da reincidência de tríades na história das civilizações:

Como consequência dessas associações naturais na experiência humana, a tríade fez a sua aparição na religião e, isso, muito antes que a Trindade das Deidades do Paraíso tivesse sido revelada à humanidade, ou a qualquer dos seus representantes. Mais adiante, os persas, hindus, gregos, egípcios, babilônios, romanos e escandinavos, todos tinham deuses em tríades, mas ainda não eram as verdadeiras trindades. As deidades em tríades, todas, tinham uma origem natural e surgiram em uma época ou em outra, em meio à maior parte dos povos inteligentes de Urântia. Algumas vezes, o conceito de uma tríade evolucionária

confundiu-se com aquele da Trindade revelada; nesses casos, é muitas vezes impossível distinguir uma da outra.³⁰⁵

Como é interessante perceber cada filosofia ou religião tentando demonstrar que a sua explicação da *Trindade* é que está correta. Foi o que vimos no último texto, onde ainda destaco a expressão no plural “verdadeiras trindades” que o *Livro de Urântia* supostamente revela.

Essas *Trindades* são classificadas como: 1. *A Trindade do Paraíso*. 2. *A Trindade Última*. 3. *A Trindade Absoluta*.³⁰⁶ Que vou apenas mencionar e não descrever, pois se é enfadonho ter que descrever os absurdos de apenas uma *Trindade*, imagine de três! Quem tiver interesse pode procurar pelo livro depois.

Quero finalizar mostrando que o entendimento trinitário também está presente na Sociedade Teosófica, fundada em Nova Iorque, E.U.A., em 17 de novembro de 1875.³⁰⁷ Uma de suas fundadoras, a Sra. Helena Petrovna Blavatsky escreveu uma série de livros, alguns dos quais formam uma coleção intitulada *A Doutrina Secreta* (em seis volumes).

A Teosofia³⁰⁸ à semelhança da Urantia Foundation reúne ideias espiritistas e afins, sendo ambas sociedades esotéricas, ensinando sobre o Karma, Dharmas e a Reencarnação³⁰⁹, como as religiões da Índia e outras filosofias a elas associadas.

Em sua *Doutrina Secreta*, Blavatsky emite ensinamentos aparentemente semelhantes com as concepções cristãs sobre Deus e o que é mais estranho, percebe-se uma aura gnóstica:

A Doutrina Secreta estabelece três proposições fundamentais:

I. Um **PRINCÍPIO** Onipresente, Sem Limites e Imutável, sobre o qual toda especulação é impossível, porque transcende o poder da concepção humana e porque toda expressão e comparação da mente humana não poderia senão diminuí-lo. Está além do horizonte e do alcance do pensamento, ou, segundo as palavras do Mândūkya, é “*inconcebível e inefável*”.³¹⁰

Após essa primeira descrição de um suposto “Princípio” não denominado de Deus nem de Pai nem de qualquer outra

palavra, cuja existência parece estar envolta em místico mistério, Blavatsky continua a explicar o inexplicável em outras palavras:

Para que possa compreender mais claramente essas ideias, deve o leitor adotar como ponto de partida o seguinte postulado: Há uma Realidade Absoluta, anterior a tudo que é manifestado e condicionado. Esta Causa Infinita e Eterna, vagamente formulada no “Inconsciente” e no “Incognoscível” da filosofia europeia em voga, é a Raiz sem Raiz de “tudo quanto foi, é e será”. É, naturalmente, desprovida de todo e qualquer atributo, e permanece essencialmente sem nenhuma relação com o Ser manifestado e finito. É a “*Asseidade*” mais propriamente que o Ser, Sat em sânscrito, e cita fora do alcance de todo pensamento ou especulação.³¹¹

Todas essas informações foram necessárias apenas para que o leitor entenda a continuação do texto que vou citar em seguida. Pois após toda essa descrição do indescritível (irônicamente escrevendo) a autora menciona no parágrafo seguinte a famigerada *Trindade* em sua *Doutrina Secreta*:

Esta *Asseidade* é simbolizada na *Doutrina Secreta* sob dois aspectos. De um lado, o Espaço Abstrato absoluto, representando a subjetividade pura, aquilo que nenhuma mente humana pode excluir de qualquer conceito, nem conceber como existente em si mesmo. De outro lado, o Movimento Abstrato absoluto, que representa a Consciência Incondicionada. Os próprios pensadores ocidentais têm afirmado que a consciência, separada da transformação, é inconcebível para nós, e que o movimento é o melhor símbolo da transformação e sua característica essencial. Este último aspecto da Realidade Una é ainda simbolizado pela expressão “o Grande Sopro”, e o símbolo é bastante sugestivo para necessitar de outra explicação. Assim, o primeiro axioma fundamental da *Doutrina Secreta* é aquele UM ABSOLUTO metafísico – a ASSEIDADE, representada na Trindade teológica pela inteligência finita.³¹²

Diante de tudo que já vimos até aqui é impossível não associar essas palavras com a metafísica aristotélica. Quando juntamos todas as peças do quebra-cabeça percebemos filosofia

grega, cristianismo católico e espiritismo teosófico em perfeita harmonia defendendo a ideia grega de que Deus é uma *Trindade*.

Isso sem falar de todas as demais religiões que defendem a doutrina da *Trindade* sem fazer uso de Platão e Aristóteles, como os católicos fazem.

Outro trecho da *Doutrina Secreta* que apresenta uma espécie de sincretismo conceitual com a *Urântia Foundation* e sua *Trindade* tripla é o que se segue abaixo:

Três distintas representações do Universo, em seus três aspectos distintos, são impressas em nosso pensamento pela Filosofia Esotérica: o *Preexistente*, o *Sempre Existente* (do qual promanou o primeiro) e o *Fenomenal* (o mundo da ilusão, o reflexo, a sombra do anterior). Durante esse grande mistério, esse grande drama da vida, que nós conhecemos pelo nome de Manvantara, o cosmos real é como os objetos colocados atrás de uma tela branca, sobre a qual projetam sombras. Os personagens e os objetos verdadeiros permanecem invisíveis, enquanto os fios condutores da evolução são manejados também por mãos invisíveis. Os homens e as coisas representam apenas os traços deixados sobre o fundo branco pelo reflexo das realidades dissimuladas por trás das redes de Mahâmâyâ, a Grande Ilusão. Assim ensinaram todas as filosofias e todas as religiões, pré-diluvianas como pós-diluvianas, na Índia e na Caldéia; assim ensinaram os sábios da China e os da Grécia. Nos dois primeiros países aqueles três Universos eram simbolizados, nos ensinamentos exotéricos, pelas três Trindades que emanam do eterno Germe central e com ele constituem uma Unidade Suprema: a *Tríade inicial*, a *manifestada* e a *criadora*, ou os Três em Um. A última não é senão o símbolo, em sua expressão concreta, das duas primeiras, que são *ideais*. Aí está porque a Filosofia Esotérica supera a necessidade desta concepção puramente metafísica, e só ao primeiro Universo chama o Sempre Existente. Tal é a opinião de cada uma das seis grandes escolas da filosofia hindu – os seis princípios daquele corporalidade da Sabedoria, do qual a Gnose, o Conhecimento *oculto* é o sétimo.³¹³

As informações contidas nessa citação são abundantes no tocante a tudo que abordamos até agora envolvendo as concepções trinitárias nas mais variadas culturas e religiões, não sendo, portanto, necessário muitos comentários mais a respeito. Por isso deixo a critério de cada leitor fazer as devidas ponderações e tirar as próprias conclusões diante de tudo que já foi citado em conexão com o que acamos de perceber na *Doutrina Secreta*.

Quero, para concluir as citações a essa Sociedade mística mostrar aos leitores quem é a terceira pessoa da *Trindade* que eles veneram abertamente em sua doutrina oculta em mistério, mas que aos adeptos da Teosofia é claramente explicitada, como pode ser visto na seguinte citação:

Mas, na antiguidade, e *realmente*, Lúcifer ou Luciferus era o nome da Entidade Angélica que presidia à Luz da Verdade, como a luz do dia. No grande Evangelho Valentiano *Pistis Sofia* se ensina que, dos três Poderes que emanam dos Nomes Sagra-dos, dos três Poderes Tríplices, o de Sophia (o Espírito Santo, segundo estes gnósticos, os mais instruídos de todos) reside no planeta Vênus ou Lúcifer.

Deste modo, para o profano, a Luz Astral pode ser Deus e Demônio ao mesmo tempo – *Demon est Deus inversus* – vale dizer que em todos os pontos do Espaço Infinito vibram as correntes magnéticas e elétricas da Natureza *animada*, as ondas produtoras da vida e da morte, porque a morte na terra se converte em vida em outro plano. Lúcifer é a luz divina e terrestre, o “Espírito Santo” e “Satã” a um só tempo, estando o Espaço *visível* impregnado, de modo invisível, pelo sopro diferenciado; e a luz Astral – os efeitos manifestados dos dois, que perfazem um – guiada e atraída por nós mesmos, é o *Karma* da humanidade, entidade ao mesmo tempo pessoal e impessoal: pessoal porque é o nome místico dado por Saint-Martin à Legião dos Criadores Divinos, Guias e Regentes deste planeta; *impessoais*, como Causa e Efeito da Vida e da Morte Universais.³¹⁴

Creio que até aqui o texto foi suficiente para nos mostrar muitas informações conclusivas sobre muito do que, inclusive, já

vimos. Precisamos, porém, desmistificar algumas afirmações para mostrá-las em seu devido prisma. Lúcifer, que se transformou em Satanás, que para a Teosofia foi a “Entidade Angélica que presidia a Luz da Verdade” é Satanás, que segundo Aquele que de fato é a Verdade (o Caminho e a Vida), ninguém mais é do que o Pai da mentira, o diabo, a antiga serpente, que engana todo o mundo (João 8:44; Ap 12:9).

Ainda segundo essa última citação que vimos da *Doutrina Secreta*, o mentiroso evangelho gnóstico de Valentim já naqueles primitivos tempos (100 a 160 d.C.)³¹⁵, antes da formulação ortodoxa da *Trindade* em Nicéia (325) e Constantinopla (381), ensinava uma *Trindade* que tinha Lucifer como o “Espírito Santo” “Deus e Demônio ao mesmo tempo”.

E esse “Espírito de luz, que em bondade nos conduz” como foi alterado em sua versão original a letra do hino 12 do Hinário Adventista para:

Vinde, povo do Senhor, adorai-O com louvor.
Ao Deus trino exaltai: A Jesus, a Deus, o Pai,
E ao Espírito de luz que em bondade nos conduz.
Vinde, povo do Senhor, adorai o Deus de amor.³¹⁶

Esse “Espírito de luz”, chamado na *Doutrina Secreta* de “luz Astral” é “‘Espírito Santo’ e ‘Satã’ a um só tempo”, como revelado pela Petrovna Blavatsky. Somente em profunda cegueira para não enxergar o misticismo e satanismo disfarçado de cristianismo, catolicismo, adventismo, pentecostalismo e tantos outros “ismos” alienantes e perigosos!

A “Legião dos Criadores Divinos” citados por Blavatsky nós sabemos muito bem quem são. São aqueles que disseram a Jesus “legião é o meu nome, porque somos muitos” (Lc 8:30). Na *Doutrina Secreta* eles aparecem como os “Criadores”, mas na realidade sabemos quem se passou por “deuses criadores” no paganismo de várias nações como Egito, Babilônia, Pérsia, Grécia, Roma etc. formando inúmeras tríades, como já vimos.

Ensinam também que “a morte na terra se converte em vida em outro plano” e esses ensinamentos foram assimilados pelo catolicismo e muitos protestantes que creem na imortalidade da alma e na recompensa imediata após a morte, com entrada no céu para os justos e ida para o inferno para os ímpios. Seriam todos esses ensinamentos verdadeiros? Demonstramos que não no primeiro capítulo deste livro, com base bíblica.

Embora acredite que esse capítulo tenha ficado bem mais fundamentado e abundante em conteúdo que muitos livros sobre o assunto, reconheço minhas limitações e sei que muito mais poderia ser escrito, o que tornaria o capítulo ainda maior. Livros que adquiri e não tive tempo hábil de estudar para possivelmente utilizá-los, outros que não pude adquirir e outros ainda que desconheço a existência, mas que poderiam lançar ainda mais luz sobre esse assunto tão delicado e sagrado.

Quero, portanto, agradecer ao leitor que teve paciência e interesse para chegar até aqui acompanhando o que de forma persistente, metódica e limitada pude apresentar sobre o mistério de Deus conforme as mais variadas culturas e crenças. Espero que no próximo capítulo os olhos que leem essas linhas ou os ouvidos que as ouvem possam ainda mais um pouco me acompanhar na tentativa de demonstrar pelas Escrituras de forma mais abrangente o verdadeiro mistério de Deus, do Pai e de Cristo (Cl 2:1-3).

Notas

¹WELLS, H. Uma breve história do mundo. pp. 70-71. 1ª ed. Porto Alegre-RS: L&PM, 2011.

²SPALDING, T. Dicionário das mitologias europeias e orientais. p.116. São Paulo: Cultrix; Brasília, INL, 1973.

³CAMPBELL, J. As máscaras de Deus: mitologia oriental. p.146. São Paulo: Palas Athena, 1994.

⁴SPALDING, T. Dicionário das mitologias europeias e orientais. p.117. São Paulo: Cultrix; Brasília, INL, 1ª ed. 1973.

⁵CAMPBELL, J. As máscaras de Deus: mitologia ocidental. pp.279-280. São Paulo: Palas Athena, 1994.

⁶SPALDING, T. Dicionário das mitologias europeias e orientais, p.122. São Paulo, Cultrix; Brasília, INL, 1ªed. 1973.

⁷CAMPBELL, J. As máscaras de Deus: mitologia ocidental. pp.77-78. São Paulo: Palas Athena, 1994.

⁸Ibid., p.49.

⁹Ibid., p.72.

¹⁰SPALDING, T. Dicionário das mitologias europeias e orientais. pp.122-123. São Paulo, Cultrix; Brasília: INL, 1ªed. 1973.

¹¹Ibid., p.123.

¹²Ibid.

¹³Ibid.

¹⁴Ibid.

¹⁵Autores como CAMPBELL e WELLS, para citar apenas alguns, são contundentes ao lançar em descrédito o relato hebreu da criação (Gn 1-3). CAMPBELL, por exemplo, disse em *Máscaras de Deus: mitologia primitiva*, p.21, o seguinte:

À luz das numerosas descobertas que então estavam se fazendo em todos os cantos das áreas amplamente abertas das ciências da física, da biologia e da geografia, a história mitológica da Criação, do Velho Testamento, não podia mais ser aceita como literalmente verdadeira. Já no início do século XVII, o universo heliocêntrico havia sido condenado por contrariar a Sagrada Escritura, tanto por Lutero quanto pela Inquisição Católica Romana; em contrapartida, no século XIX, a tendência do mundo erudito era rejeitar a Sagrada Escritura como contrária à verdade. E com a Escritura Hebraica foi-se junto o Deus hebraico e também a reivindicação cristã à autoridade divina. A Renascença havia contraposto o humanismo dos gregos ao ideal judaico-cristão de obediência a uma suposta revelação da lei de Deus. E com a descoberta, agora, dessa surpreendente continuidade étnica, unindo aquele humanismo, por um lado, à profunda religiosidade não-teológica dos Upanixades indianos e Sutras

budistas, e, por outro, à vitalidade primitiva dos germânicos pagãos (que tinham despedaçado a Roma cristianizada apenas para serem, por sua vez, dominados e cristianizados), a causa dos pagãos contra a parte judaico-cristã da herança cultural europeia pareceu muito realçada.

WELLS, por sua vez, afirmou em seu livro *Uma Breve História do Mundo*, pp.98 e 99, que

A relevância dos judeus no mundo se deve ao fato de que produziram uma literatura escrita, uma história mundial, um conjunto de leis, crônicas, salmos, livros de sabedoria, poesia e ficção e discursos políticos que acabaram por se transformar no que os cristãos conhecem como Velho Testamento, a Bíblia Hebraica. Essa literatura surge na história no quarto ou quinto século antes de Cristo.

Os relatos com os quais se inicia a Bíblia, as histórias da criação do mundo, de Adão e Eva e do dilúvio, possuem estruturas que fazem lembrar lendas babilônicas similares; parecem ter se originado em crenças populares compartilhadas por todos os povos semitas. De modo que as histórias de Moisés e Sansão também encontram equivalências em histórias sumérias e babilônicas. Com a história de Abraão e a partir daí, porém, a raça judaica passa a viver algo mais especial.

Essas são apenas algumas citações nas quais alguns estudiosos da história colocam em descrédito o relato hebreu da criação e em maior relevância os relatos sumérios e babilônicos. Para outras citações relacionadas desses autores consultar: CAMPBELL, J. Máscaras de Deus: mitologia primitiva, pp. 96-104. Máscaras de Deus: mitologia ocidental, pp.77-78, 93-100; Máscaras de Deus: mitologia criativa, p.337. E de H. G. WELLS, *Uma breve história do mundo*, pp.104-107.

¹⁶KONINGS, J. A Bíblia, sua origem e sua leitura – introdução ao estudo da Bíblia. p.61. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011.

¹⁷SALES, J. Organizando simbolicamente o panteão do antigo egípcio: as tríades divinas. **Revista Mundo Antigo**, Lisboa,

Portugal, Nº 9, p.225, maio/2016. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/61431203.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

¹⁸DIOP, C. A origem africana da civilização. p.261. EUA: Lawrence Hew & Co., 1974. Disponível em: <<https://www2.unifap.br/neab/files/2018/05/Dr.-Cheikh-Anta-Diop-A-Origem-Africana-da-Civilização-ptbr-completo.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

¹⁹Ibid., p.213.

²⁰SILVERMAN, D. O divino e as divindades no antigo Egito. 1º capítulo da obra: *As religiões no Egito antigo — deuses, mitos e rituais domésticos*. Organizada por Byron E. Shafer. p.61. São Paulo: Nova Alexandrina, 2002.

²¹Ibid., pp.94-107.

²²Ibid., pp.106-107.

²³SPALDING, T. Dicionário das mitologias europeias e orientais. p.243. São Paulo, Cultrix; Brasília: INL, 1ª ed. 1973.

²⁴Ibid., p.248.

²⁵BUDA. In: ENCICLOPÉDIA DELTA UNIVERSAL. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1991. v.3, p.1521.

²⁶DIOP, C. A origem africana da civilização. pp.259-260. EUA: Lawrence Hew & Co., 1974. Disponível em: <<https://www2.unifap.br/neab/files/2018/05/Dr.-Cheikh-Anta-Diop-A-Origem-Africana-da-Civilização-ptbr-completo.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

²⁷CAMPBELL, J. As máscaras de Deus: mitologia oriental. p.26. São Paulo: Palas Athena, 1994.

²⁸MAES, J. 5 deuses anteriores a Jesus que têm histórias bem parecidas com a dele. Disponível em: <<https://hypescience.com/deuses-jesus/>>. Acesso em: 06 jul. 2020.

²⁹GAUTAMA, S. A Doutrina de Buda. p.36. São Paulo: Martin Claret, 2003. (Coleção a obra-prima de cada autor; 135).

³⁰SAN-CHING. In: SPALDING, Tassilo. Dicionário das mitologias europeias e orientais. São Paulo: Cultrix, 1ª ed. 1973. p.87

³¹Ibid., p.92.

³²TAOÍSMO. s. m. (Do chin. *Tao*, caminho.) Religião chinesa fundada por Lao-Tsé (ou Laozi) no séc. VI a.C.

■ ENCICL. Os principais textos do taoísmo são o *Tao Te King* (*Daodejing*) atribuído ao Laozi, o *Zhuangzi* (Livro do mestre Zhuang) e o *Liezi* (Livro do mestre Lie). Trata-se ao mesmo tempo de uma religião e de uma filosofia de vida. Seu objetivo é mostrar o caminho correto que leva ao tao absoluto. Considerado um sistema religioso, estabeleceu um corpo de sacerdotes e possui uma riquíssima liturgia. Ao longo de sua história, o taoísmo conheceu várias mudanças. Seu grande rival foi o budismo; suas lutas deram lugar a destruições e a influências mútuas. Na época moderna, o taoísmo sofreu bastante com a revolução comunista e a revolução cultural. Hoje é florescente em Taiwan. Religião puramente chinesa, o taoísmo divide com o confucionismo numerosas ideias provenientes de uma fonte comum; no entanto, taoísmo e confucionismo se distinguem por suas práticas culturais e suas atitudes metafísicas e pessoais em relação à natureza. O conceito filosófico do Tao – o caminho a seguir, código de conduta e doutrina – ensina uma completa solidariedade entre o homem e a natureza.

Paralelamente sempre existiu uma espécie de “taoísmo popular”, que contém superstições e práticas ocultas, destinadas a proporcionar felicidade ou a produzir calamidades. **Grande Enciclopédia Larousse Cultural. São Paulo: Editora Univer-so, 1988. 5702-5703 pp. v. 28**

³³IZANAGI. In: SPALDING, Tassilo. Dicionário das mitologias europeias e orientais. São Paulo: Cultrix, 1ª ed. 1973. pp.103-104.

³⁴XINTOÍSMO. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA BARSA. São Paulo: Barse Planeta Internacional, 2005. v.14, p.470.

³⁵TRIMÚRTI. In: SPALDING, Tassilo. Dicionário das mitologias europeias e orientais. São Paulo: Cultrix, 1ª ed. 1973. p.173

³⁶KRISHNA, palavra sânscrita que significa *negro* e que designa uma das divindades indianas mais populares, venerada como o oitavo avatar de Vishnu. Desde a infância, Krishna realizou todos os tipos de atos milagrosos e venceu os demônios. Mais tarde, na juventude, ao som de sua flauta, as filhas dos pastores (*gopis*) abandonavam seus afazeres para ouvi-lo; Krishna ensinou-lhes o canto e a dança sagrados. A arte indiana o representa em geral como um jovem belo e atraente, exercendo sobre as mulheres um fascínio que simboliza a irresistível atração da alma para com Deus. Seus ensinamentos e sua filosofia encontram-se no livro *Bhagavad-Gita*. **Grande Enciclopédia Larousse Cultural. São Paulo: Editora Universo, 1988. 3506 p. v. 18**

³⁷VEDAS, antiga população do Sri Lanka que hoje está praticamente desaparecida. Eram caçadores que detinham a posse coletiva do solo.

Vedas, conjunto das Escrituras sagradas de várias religiões da Índia, principalmente do vedismo, do bramanismo e do hinduísmo. A mais antiga literatura indo-europeia, sua origem, segundo a tradição, data de 3102 a.C. Críticos mais modernos, contudo, afirmam que sua forma escrita seus trechos mais antigos não devem ser anteriores a 2500 a.C. Os *Vedas* existiram primeiramente como tradição oral, registrada depois em sânscrito arcaico. As principais partes da obra são o *Rigveda** (saber dos hinos), o *Sammaveda* (saber dos cânticos), o *Yajurveda* (saber das fórmulas sacrificais) e o *AtharvaVeda* (saber das fórmulas mágicas). Essa imensa literatura, base dos ritos, das crenças e da organização da sociedade hindu, é constituída de dezenas de livros que contém poemas, hinos, orações, preceitos litúrgicos, fórmulas mágicas, lendas, mitos e narrativas. Os adeptos do hinduísmo acreditam que suas páginas, algumas de extraordinária beleza e elevação espiritual, foram ditadas por Brahma. **Grande Enciclopédia Larousse Cultural. São Paulo: Editora Universo, 1988. pp. 6017-6018. 30 v.**

³⁸ASURAS. In: SPALDING, Tassilo. Dicionário das mitologias europeias e orientais. São Paulo: Cultrix, 1ª ed. 1973. p.221.

³⁹Ibid., p.222.

⁴⁰CELTAS. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA BARSA. São Paulo: Barsa Planeta Internacional, 2005. v.4, p.68.

⁴¹SPALDING, T. Dicionário das mitologias europeias e orientais. p.27. São Paulo, Cultrix; Brasília: INL, 1ª ed. 1973.

⁴²CELTAS. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL. São Paulo: Editora Universo, 1988. v.7, p.1292.

⁴³CELTAS. In: ENCICLOPÉDIA DELTA UNIVERSAL. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1991. v.4, p.1881.

⁴⁴Ibid.,

⁴⁵NATAL (religião). In: GRANDE ENCICLOPÉDIA BARSA. São Paulo: Barsa Planeta Internacional, 2005. v.10, p.262.

⁴⁶DRUIDA. s. m. (Do lat. *Druida*.) Nome dos primitivos sacerdotes gauleses e bretões.

■ ENCICL. Formando uma classe sacerdotal hierarquizada, os druidas presidiam os sacrifícios, praticavam a adivinhação e a magia, tinham funções de educadores e de juízes e conservavam a memória e a tradição entre os gauleses e bretões. Na Gália, mantinham uma grande assembleia, única instituição comum a todo país, na floresta dos Carnutos. Defensores do celtismo e da nação gaulesa, foram combatidos por Roma, que proscreeu o druidismo.

DRUIDISMO. s. m. Religião dos druidas.

■ ENCICL. Transmitido oralmente, o druidismo, cujo ponto capital era a imortalidade da alma, praticava sacrifícios humanos. Fator da unidade do mundo celta, manteve-se na Irlanda até a Alta Idade Média e na Gália até o séc. IV. **Grande Enciclopédia Larousse Cultural. São Paulo: Editora Universo, 1988. p. 2013. 10 v.**

⁴⁷Deut. 7:5; 12:3; 16:21; 2 Reis 17:10; 23:14; 2 Crôn. 14:3; 17:6; 19:3; 31:1; 33:3 e 19; 34:3-7; Isa. 17:8; 27:9; Jer. 17:1 e 2.

⁴⁸ÁRVORE (CULTO DAS). In: SPALDING, Tassilo. Dicionário das mitologias europeias e orientais. São Paulo: Cultrix; Brasília: INL, 1ª ed. 1973. p.29.

⁴⁹DENDOLATRIA. In: Dicio Dicionário Online de Português. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/dendrolatria/>>. Acesso em: 08 jul. 2020. (Definição: Culto das árvores).

⁵⁰CABRAL, D. Quais são os principais deuses celtas? Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/quais-sao-os-principais-deuses-celtas/>>. Acesso em: 08 jul. 2020.

⁵¹TRIQUETRA é um símbolo usado no cristianismo, na magia, na bruxaria, na Wicca e em geral no Ocultismo. A triquetra, em latim *triquætra*, é similar a um tríscele e pode ser interpretada como uma representação do Infinito nas três dimensões ou a Eternidade.

Originário das tradições celtas, representa as três faces da Grande Mãe, a energia criadora do universo, cujas três faces são a Virgem, a Mãe e a Anciã. Era um símbolo muito comum na civilização celta devido o seu enorme poder de proteção. Encontrado inscrito em pedras, capacetes e armaduras de guerra, era interpretado como a interconexão e interpenetração dos níveis Físico, Mental e Espiritual.

O círculo no meio, assim como no pentagrama, representa a perfeição e a precisão.

No Cristianismo, este símbolo passou a representar a Santíssima Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo) pela igreja cristã céltica. Também podendo aparecer representado por três peixes entrelaçados. TRIQUETRA. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Triquetra&oldid=58512710>>. Acesso em: 09 jul. 2020.

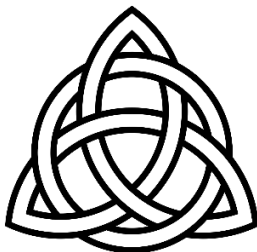


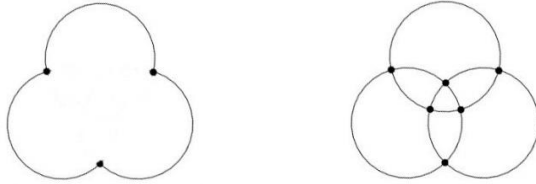
IMAGEM: Disponível em: <<https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Triquetra-circle-interlaced.svg>> Acesso em: 09 jul. 2020.

⁵²TRIQUETRA. In: DICIONÁRIO de Símbolos. Disponível em: <<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/triquetra/>>. Acesso em: 09 jul. 2020. Ou também:

TRIQUETRA. In: SÍMBOLOS. Disponível em: <<https://www.simbolos.com.br/triquetra/>>. Acesso em: 09 jul. 2020.

⁵³Posso citar dois exemplos de livros que defendem a doutrina da Trindade e utilizam o símbolo. Os livros são de duas religiões diferentes e aparentemente antagônicas uma à outra. Ambas, porém, utilizam o mesmo símbolo. O primeiro se chama *Deus uno e trino*, da Igreja Católica Apostólica Romana, autora Carmita Overbeck. São Paulo: Edições Paulinas, 2001. Na contra-capa desse livreto existe a imagem de uma santa católica chamada Nossa Senhora da Santíssima Trindade, e no peito dessa santinha de madeira existe a *triquetra* esculpida. O outro livro é intitulado *A Trindade*, da Igreja Adventista do Sétimo Dia, com autoria tripla: Woodrow Whidden, Jerry Moon e John W. Reeve; editado e vendido pela Casa Publicadora Brasileira: Tatuí-SP, 2006. A incidência da *triquetra* nesse livro é bem mais frequente, mesmo que de forma velada, aparecendo apenas os três círculos externos que formam a *triquetra* sem, contudo, aparecer as linhas internas. No livro *A Trindade* da Igreja Adventista do Sétimo Dia o símbolo aparece com uma coroa no círculo superior, uma cruz no círculo da esquerda e uma pomba no círculo da direita, cada ícone representando uma das pessoas da *Trindade*, Deus Pai, Deus Filho

e Deus Espírito Santo. Abaixo uma mera ilustração com os círculos vazios e como eles seriam com as linhas internas:



⁵⁴BESTLA. In: SPALDING, Tassilo. Dicionário das mitologias europeias e orientais. São Paulo: Cultrix, 1ª ed. 1973. p.50.

⁵⁵FREYR. In: Ibid., p.54.

⁵⁶MANNUS. In: Ibid., p.62.

⁵⁷THOR ou TOR, deus escandinavo, filho de Odin, o Supremo, e de Iord ou Jord, a deusa terra. Deus da tempestade, dos raios e das chuvas benfazejas, tinha como arma o martelo Miölnir, conhecido como “martelo de Thor”. De porte gigantesco, era o mais poderoso dos deuses; quando sacudia sua enorme barba ruiva, provocava relâmpagos e trovões. É identificado com o Júpiter latino. **Grande Enciclopédia Larousse Cultural. São Paulo: Editora Universo, 1988. 5792 p. v. 29**

⁵⁸THOR. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA BARSA. São Paulo: Barsa Planeta Internacional, 2005. v.14, p.87.

⁵⁹SUMÉRIA. In: REVISTA A Boa Nova. *Antigos Deuses Trinitários Influenciaram a Aprovação da Trindade*. Disponível em: <<https://portugues.ucg.org/ferramentas-de-estudo-da-biblia/guia-s-de-estudo/deus-e-uma-trindade/antigos-deuses-trinitarios-influ-enciaram-a-aprovacao-da-trindade>>. Acesso em: 09 jul. 2020.

⁶⁰ODIN. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA BARSA. São Paulo: Barsa Planeta Internacional, 2005. v.10, pp.409-410.

⁶¹Thor. In: Ibid., v.14, p.87.

⁶²TOR. In: SPALDING, Tassilo. Dicionário das mitologias europeias e orientais. São Paulo: Cultrix, 1ª ed. 1973. p.70.

⁶³THOR. Direção: Kenneth Branagh. [S.l.]: Paramount Pictures, 2011. 1 DVD (1h55min).

⁶⁴BULFINCH, T, 1796-1867. O livro da mitologia: histórias de deuses e heróis: (a idade da fábula). p.418. São Paulo: Martin Claret, 2006. (Coleção a obra-prima de cada autor. Série ouro; 45)

⁶⁵Ibid.

⁶⁶Ibid.

⁶⁷Ibid., pp.420, 421 e 428.

⁶⁸Ibid., p.417.

⁶⁹NORNAS. In: SPALDING, Tassilo. Dicionário das mitologias europeias e orientais. São Paulo: Cultrix, 1ªed. 1973. p.65.

⁷⁰RAMOS, J. Moiras na mitologia grega. Disponível em: <<https://www.suapesquisa.com/mitologiagrega/moiras.htm>>.

Acesso em: 14 jul. 2020

⁷¹DURANT, WILL, 1885-1981. Nossa herança clássica. p. 149. Rio de Janeiro: Record, 1995. (História da civilização; v. 2).

⁷²AVELEZA, M. Uma Trindade Clássica: Fernando Pessoa, Homero, Platão. p.93. Rio de Janeiro: Thex Ed., 2000.

⁷³ARISTÓTELES. Metafísica. Livro XII, cap. 1 [1069a 30].

⁷⁴ARISTÓTELES. Metafísica. Livro XII, cap. 2 [1069b 26].

⁷⁵ARISTÓTELES. Metafísica. Livro XII, cap. 2 [1069b 32].

⁷⁶ARISTÓTELES. Metafísica. Livro XII, cap. 4 [1070b 22].

⁷⁷CAMPBELL, J. As máscaras de Deus: mitologia ocidental. p.138. São Paulo: Palas Athena, 2004.

⁷⁸SISSA. G. e DETIENE, M. na obra *Os deuses gregos* apresentam uma série de situações onde o número três aparece na história dos mitos gregos: as **três** gerações dos deuses do Olimpo (p.20); Hera, Afrodite e Atena formam um **trio** para solicitar os desejos de Páris, príncipe troiano (p.48); Hera usa um par de brincos com **três** pedras preciosas do tamanho de amoras (p.50); “Afrodite verga sob a lei do desejo tudo que é vivo e movente: deuses, mortais, animais da terra e dos mares. Só **três** resistem a ela, **três** deusas de virgindade obstinada: Atena, Ártemis, Héstitia. Todos os outros, e sobretudo os deuses, passam pela experiência de sua força.”

(pp.52-53); Hera foi ferida pelo filho de Anfitrião com um dardo de **três** arestas (p.71); “Éris consegue que uma discussão coloque em confronto Atena, Hera e Afrodite, para saber qual das **três** é a mais bela.” (p.75); “Há os suplícios eternos, os sofrimentos, que no Hades, são o quinhão de certos homens particularmente insolentes. Ulisses lá encontra **três** personagens: Títio, Tântalo e Sísifo.” (p.83); os **três** armários fechados à chave que Hermes vê numa caverna (p.96); os **três** delegados: Possêidon Hércules e Tribalo, encarregados de negociar com os Pássaros que colonizaram o ar e impediram que o odor dos sacrifícios chegasse até os narizes dos deuses (pp.103-104); O rei Agamenon parecido ao mesmo tempo com Zeus, Ares e Possêidon, numa aparência gloriosa, com o corpo **três** vezes teomorfo (p.132); Dionísio reservou **três** dos seus altares para sua mãe Sêmele (p.176); a Hera essas **três** cidades eram caras: Argos, Esparta e Micenas (p.177); “Os **Três** Rios reúnem-se, deliberam e apoiam o irmão Ínaco...” (p.179); “Os deuses comuns são repartidos em **três** grupos: divindades da tempestade, deusa da fecundidade, potestades da guerra.” (p.192); os teólogos cristãos do século XII fazendo distinção entre os **três** graus de crer: crer que Deus existe, crer no que Deus diz; e crer em Deus com amor. “Depois, a partir do século XIII, a separação entre fé implícita e fé explícita, a que os clérigos vão pedir que os leigos explicitem sobre a forma de um *credo*, fórmula cuidadosamente escrita, mas para ser lida, pronunciada em voz alta, professada com seu cortejo de dogmas: a **Trindade** das Pessoas Divinas, a Encarnação, a Paixão e a Ressurreição, etc. Fé fundada num *credo* obrigatório de vocação universal no coração de uma religião em forma de Igreja.” (pp.204-205); os **três** instrumentos que, juntos, definem a maneira de comer grega: a faca, o espeto e o caldeirão (p.208); os **três** polemarcos, ministros da Guerra (p.210); “Em Naucrátis, pelo menos **três** vezes por ano, todos os cidadão homens comiam juntos no Pritaneu, em trajes pritânicos alvíssimos.” (p.211); “Olímpia, Delos, Delfos, **três** sítios onde se acumulam as oferên-

das aos deuses.” (p.224); existem **três** modelos de templos dos deuses gregos (p.225); “Um homem nasce grego, mas se torna cidadão. Progressivamente, por patamares, por **três** níveis cumulativos de participação: reconhecimento por um *fratria*, inscrição num *demo*, atividade na *cidade*. ‘Irmãos’, um ancoradouro territorial, um espaço político.” (p.233); “Os demos conhecem **três** tipos de festas: as que são particulares aos demos; as que são celebradas na ‘cidade’ com a participação dos demos; enfim, as que os demos aos mesmo tempo que compartilham com a ‘cidade’, realizam no seu território.” (p.235); **triplo** castigo que as mulheres recebem de Possêidon (p.249); “(A Terra, Atena e suas **três** cúmplices, Aglauro, Herse, Pândroso).” (p.250); o **triplo** santuário de Atena (p.251); Erictônio, um bebê autóctone e as **três** primas, irmãs maiores que eram suas babás (p.251); Praxitéia e Erecteu têm **três** filhas (p.252); Em Salamina (Chipre), um homem perseguido, entra num santuário e dá **três** voltas em torno do altar antes de receber um golpe de lança na garganta e morrer (p.260); sacrifícios de saída à **três** divindade femininas: Atena, *Courotrophos* e Pândroso (p.262); “Hermes é muito ativo no comércio sexual, favorecido pela coabitação da mulher e do homem, no mesmo lar, espaço compartilhado a **três** por Héstia, Hermes e Afrodite.” (p.275); citando *Teogonia* de Hesíodo revelam que “o Sol, a Lua e a Aurora descendem, todos os três, do casamento de Téia e Hiperião.” (nota 15 à página 285). **SISSA. G. e DETIENE, M. Os deuses gregos. Tradução Rosa Maria Boaventura. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.**

⁷⁹GALAHAD, L. *7 tríades da mitologia grega*. Disponível em: <<https://mitologiagrega.net.br/7-triades-da-mitologia-grega/>>.

Acesso em: 15 jul. 2020.

⁸⁰Ibid.

⁸¹Ibid.

⁸²SISSA. G.; DETIENE, M. Os deuses gregos. p.94. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

⁸³Ibid.

⁸⁴SPALDING, T. Dicionário da mitologia latina. p.11. São Paulo: Cultrix, 1ª ed. 1982.

⁸⁵CAMPBELL, J. As máscaras de Deus: mitologia ocidental. p.387. São Paulo: Palas Athena, 2004.

⁸⁶SPALDING, T. Dicionário da mitologia latina. p.12. São Paulo: Cultrix, 1982.

⁸⁷FLÂMINES. In: SPALDING, Tassilo. Dicionário da mitologia latina. São Paulo: Cultrix, 1ª ed. 1982. p.61.

⁸⁸FÚRIAS. In: Ibid., p.64.

⁸⁹HÉRILO. In: Ibid., p.69.

⁹⁰HORÁCIOS (OS). In: Ibid., p.71.

⁹¹NIXOS. In: Ibid., p.101.

⁹²SONHOS. In: Ibid., p.134.

⁹³VIOLA, FRANK. Cristianismo pagão. Disponível em: <<http://charlezine.com.br/wpcontent/uploads/2011/11/Cristianismo-Pagão-Frank-A.-Viola.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2020.

⁹⁶EDWARD GIBBON diz o seguinte sobre isso:

Mas fosse qual fosse a diferença de opinião que pudesse haver entre os ortodoxos, os ebionitas e os gnósticos no tocante à divindade ou à obrigatoriedade da lei mosaica, animava-os a todos o mesmo ardor exclusivista e a mesma aversão pela idolatria que haviam distinguido os judeus das outras nações do mundo antigo. O filósofo que considerava o sistema do politeísmo como uma combinação de fraude e erro humanos podia ocultar um sorriso de desprezo por sob a máscara da devoção, sem temer que a zombaria ou a submissão o expusesse ao ressentimento de quaisquer poderes invisíveis ou, tal como os concebia, imaginários. Mas as religiões pagãs estabelecidas eram vistas, pelos cristãos primitivos, sob luz muito mais odiosa e temível. No modo de ver tanto da Igreja quanto dos heréticos, os demônios eram os autores, os patronos e os objetos da idolatria. Permitia-se a esses espíritos rebeldes, decaídos das hostes dos anjos e atirados às profundezas infernais, vaguear pela terra, atormentar os corpos e seduzir as mentes dos homens pecaminosos. Os demônios não tardaram a descobrir, e dele abusar, o natural pendor do coração humano para a devoção; ardilosamente desviando a adoração da humanidade do seu

Criador, usurparam o lugar e as honras da Divindade Suprema. Com triunfar em seus ardis malignos, a um só tempo satisfaziam a vaidade e a sede de vingança e obtinham a única satisfação a que ainda eram susceptíveis, a esperança de fazer a espécie humana participar de sua culpa e ignomínia. Admitia-se, ou pelo menos imaginava-se, que os demônios haviam distribuído entre si os caracteres mais importantes do politeísmo, um assumindo o nome e os atributos de Júpiter, outro os de Esculápio, um terceiro os de Vênus e um quarto talvez os de Apolo; graças a sua longa experiência e natureza etérea, estavam capacitados a executar com suficiente destreza e dignidade os papéis que tinham assumido. Emboscavam-se nos templos, instituíam festivais e sacrifícios, inventavam fábulas e pronunciavam oráculos, sendo-lhes dado amiúde realizar milagres. Os cristãos, que pela mediação de mais espíritos podiam explicar de imediato toda ocorrência aparentemente sobrenatural, mostravam disposição e até desejo de admitir as mais extravagantes ficções da mitologia pagã. Mas sua crença andava acompanhada de horror. Consideravam a mais trivial indicação de respeito para com o culto nacional uma homenagem direta ao demônio e um ato de rebelião contra a majestade de Deus. [...] Se voltarmos os olhos para as numerosas ruínas da Antiguidade, veremos que, a par das representações imediatas dos deuses e dos instrumentos sacros de seu culto, as formas elegantes e as aprazíveis ficções consagradas pela imaginação dos gregos foram adotadas como os mais ricos ornamentos das residências, do vestuário e do mobiliário dos pagãos. Mesmo as artes da música e da pintura, da eloquência e da poesia tinham a mesma origem impura. Na linguagem dos pais da igreja Apolo e as Musas eram os órgãos do espírito infernal, Homero e Virgílio, seus servos mais eminentes, e a bela mitologia que impregnava e animava as composições de seu gênio visava tão-só a celebrar a glória dos demônios. Mesmo a linguagem corrente da Grécia e de Roma abundava em expressões familiares ímpias, que um cristão imprudente estaria arriscado a descuidadamente pronunciar ou tolerantemente ouvir. **GIBBON, E. Declínio e queda do Império Romano. pp.243-345. Ed. abreviada. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.**

⁹⁵EDWARD GIBBON declara esse fato da seguinte maneira:

A expulsão de demônios dos corpos dos infelizes aos quais se lhes permitia atormentar era considerada como um triunfo notável, embora corriqueiro, da religião; os antigos apologistas o apresentavam sempre como a prova mais convincente da verdade do cristianismo. Realizava-se a terrível cerimônia mais das vezes publicamente, diante de um grande número de expectadores; o paciente era aliviado pelo poder ou habilidade do exorcista, e ouvia-se do demônio vencido a confissão de ser ele um dos deuses fictícios da Antiguidade que haviam impiamente usurpado a adoração da humanidade. **GIBBON, E. Declínio e queda do Império Romano. p.252. Ed. abreviada. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.**

⁹⁶LACHATRE, M. Os Crimes dos Papas: Mistérios e iniquidades da Corte de Roma. p.40. São Paulo: Madras, 2005.

⁹⁷Ibid., p.64.

⁹⁸Mc 12:28-34; Jo 3:16; 17:1-3; Rm 16:27; I Co 1:9; 8:5-6; 15:24-28; Gl 3:20; Ef 4:6; I Ts 1:9-10; 3:11-13; II Ts 1:1-2; I Tm. 1:1-2 e 17; 2:5; 5:21; 6:13-16; II Tm 1:1-2; 4:1-4; Fm 3; Tg 1:1; 2:19; I Pe 1:3; 4:11; 5:10-11; II Pe 1:1-2, 16-18; I Jo 1:3; 2:22-26; 4:9, 14 e 15; 5:1, 5 e 12; II Jo 3 e 9; Jd 1 e 25; Ap 4:8 e 11; 5:12 e 13; 7:10; 11:15; 12:10; 14:4 ú.p.; 20:6 ú.p.; 21:22 e 23; 22:1-3 etc.

⁹⁹Jó 7:9-10; 14:7-15; Salmos 6:5; 30:9; 88:10-13; 89:48; 115:17; 146:4; Ecles. 3:19-22; 9:5, 6 e 10; Ez 18:4 e 20 etc.

¹⁰⁰HISTASPES. (ca. 570 a.C. – 495 a.C.) foi pai de Dario I, rei da Pérsia. Seu nome aparece na Inscrição de Beistum, gravada por Dario I. Ele foi o pai de Dario I, e era filho de Arsames, filho de Ariarâmenes, filho de Teispes, filho de Aquêmenes. FONTE: HISTASPES. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Histaspes&oldid=59559788>>. Acesso em: 06 ago. 2020.

¹⁰¹SIBILA. s. f. (Do gr. *sibylla*, pelo lat. *sibylla*.) **1.** Entre os antigos, profetisa inspirada por Apolo, encarregada de dar a conhecer os oráculos desse deus. (As mais conhecidas eram as sibilas de Eritrêia e de Cumas.) **2.** *Fig.* e *Fam.* Mulher velha de

maus instintos, bruxa. **Grande Enciclopédia Larousse Cultural. São Paulo: Editora Universo, 1988. 5482 p. v. 27**

¹⁰²Sobre esse fato diz Ellen G. White no livro *O Grande Conflito*:

Apesar de que prevalecesse o vício, mesmo entre os chefes da Igreja de Roma, sua influência parecia aumentar constantemente. Mais ou menos ao findar o século VIII, os romanistas começaram a sustentar que nas primeiras épocas da igreja os bispos de Roma tinham possuído o mesmo poder espiritual que assumiam agora. Para confirmar essa pretensão, era preciso empregar alguns meios com o fito de lhe dar aparência de autoridade; e isto foi prontamente sugerido pelo pai da mentira. Antigos escritos foram forjados pelos monges. Decretos de concílios de que antes nada se ouvira foram descobertos, estabelecendo a supremacia universal do papa desde os primeiros tempos. E a igreja que rejeitara a verdade, avidamente aceitou estes enganosa. **WHITE, Ellen. O Grande Conflito, cap.3 “Como começaram as trevas morais”, p.56. Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 1988.**

Outro autor tratando da mesma fraude diz o seguinte:

A *Doação de Constantino* tornou-se a base legal para a propriedade de terras em nome do papa. A maior doação de terras, em que esse documento foi usado como justificativa, foi feita por Pepino em 756. Em 865, o papa Nicolau I, que foi papa de 858 a 867, foi o primeiro a usar uma coleção de decretos de vários pontífices de Roma. Essa coleção é conhecida de várias formas, como Falsas Decretais ou Decretais Pseudo-Isidorianas. O notável documento incluía a *Doação de Constantino*, decretos ou decretais autênticos ou mesmo forjados dos papas de Roma desde o tempo de Clemente de Roma, além de alguns cânones dos grandes Concílios da Igreja. A coleção foi relacionada ao nome de Isidoro de Sevilha (c. 560-636), chefe da Igreja Espanhola na primeira parte do século VII, não se pode ser categórico sobre a autoria das Decretais, mas é certo que a partir dos meados do século IX elas exerceram um importante papel nas reivindicações do bispo romano à supremacia na Igreja. **CAIRNS, Earle Edwin. O Cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã, p.175. 3ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.**

¹⁰³HILLGARTH, J. Cristianismo e Paganismo 350-750, a conversão da Europa ocidental. pp.101-102. São Paulo: Madras, 2004.

¹⁰⁴GNOSTICISMO s. m. Doutrina de um conjunto de seitas cristãs heterodoxas dos três primeiros séculos da era cristã.

■ ENCICL. O encontro do pensamento das doutrinas do pensamento helenístico e de um judaísmo heterodoxo com a primeira teologia cristã levou a um sistema de pensamento que fundava a salvação do homem sobre a rejeição da matéria e um conhecimento superior (*gnose*) das coisas divinas. O gnosticismo (ou melhor, os gnosticismos, pois houve várias escolas diferentes) professa um dualismo que identifica o mal com a matéria, sendo o bem uma essência espiritual, acessível apenas aos que possuem a *gnose*. Os principais gnósticos do início do cristianismo foram Simão, o mago, Marcion ou Marcião (c. 85 – c. 160), Basilides (c. 120 – c. 145); os maiores adversários do gnosticismo foram Santo Ireneu e Orígenes. **Grande Enciclopédia Larousse Cultural. São Paulo: Editora Universo, 1988. 2793 p. v. 14**

¹⁰⁵HÄGGLUND, B. História da Teologia. p.27. Porto Alegre: Concórdia Editora, 1989.

¹⁰⁶GNOSTICISMO. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA BARSA. São Paulo: Balsa Planeta Internacional, 2005. v.7, p.128.

¹⁰⁷IRENEU, Santo, Bispo de Lião. Contra as heresias. II, 30,1; p.223. São Paulo: Paulus, 1995. (Patrística; v.4)

¹⁰⁸Ibid., I, 2,6. p.36.

¹⁰⁹Os apóstolos Paulo e João podem ser citados como exemplos de combate aos ensinamentos gnósticos. Os textos de 1 Timóteo 4:1-4 e 1 João 4:1-4 são exemplos claros de refutação das heresias informadas por Ireneu de Lião (I, 24,2) na seguinte citação:

O Salvador, afirmam eles, não é gerado, não tem corpo nem figura e só aparentemente foi visto como homem. O Deus dos judeus era um dos Anjos, e porque o Pai quis destruir todos os Arcontes o Cristo veio para destruir o Deus dos judeus e salvar os que acreditassem nele: e somente estes têm a fagulha de vida. Com

efeito, e ele foi o primeiro a dizê-lo, foram feitas duas espécies de homens pelos Anjos, os bons e os maus. Visto que os demônios ajudavam os maus, o Salvador veio para derrotar os demônios e os homens maus e salvar os bons. Casar e procriar é diabólico e muitos dos seus discípulos se abstêm de comer carne e com aparente abstinência enganam a muitos. **IRENEU de Lião. *Contra as heresias: denúncia e refutação da falsa gnose. Livro I, 3,6; p. 39. São Paulo: Paulus, 1995.***

¹¹⁰INÁCIO de Antioquia. Carta aos Magnésios, *Amor na unidade* 1,2. In: Padres Apostólicos: Clemente Romano, Inácio de Antioquia, Policarpo de Esmirna, O Pastor de Hermas, Carta de Barnabé, Papias e Didaqué. p. 57. Disponível em: <<https://ortodoxia.pt/data/Patristica-1.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2020.

¹¹¹INÁCIO de Antioquia. Carta aos Magnésios, *Cuidado com os judaizantes* 8, 1,2. In: *Ibid.*, p.58. (p.91 versão impressa)

¹¹²POLICARPO de Esmirna. Segunda carta aos Filipenses, *Saudação*. In: *Ibid.*, p.84. (p.139 versão impressa)

¹¹³POLICARPO de Esmirna. Segunda carta aos Filipenses, *Dever dos diáconos*. 5,2. In: *Ibid.*, p.86. (p.142 versão impressa)

¹¹⁴*Ibid.*, 5,3. In: *Ibid.*

¹¹⁵POLICARPO de Esmirna. Segunda carta aos Filipenses, *O caso de Valente* 12,2. In: *Ibid.*, p.88. (pp.145-146 na versão impressa)

¹¹⁶A Regra da fé:

Com efeito, a Igreja espalhada pelo mundo inteiro até os confins da terra recebeu dos apóstolos e seus discípulos a fé em um só Deus, Pai onipotente, que fez o céu e a terra, o mar e tudo quanto nele existe; em um só Jesus Cristo, Filho de Deus, encarnado para nossa salvação; e no Espírito Santo que, pelos profetas, anunciou a economia de Deus; e a vinda, o nascimento pela Virgem, a paixão, a ressurreição dos mortos, a ascensão ao céu, em seu corpo, de Jesus Cristo, dileto Senhor nosso; e a sua vinda dos céus na glória do Pai, para recapitular todas as coisas e ressuscitar toda carne do gênero humano; a fim de que, segundo o beneplácito do Pai invisível, diante do Cristo Jesus, nosso Senhor, Deus, Salvador e Rei, todo joelho se dobre nos céus, na terra e nos infernos e toda língua o confesse; e execute o justo

juízo de todos: enviando para o fogo eterno os espíritos do mal, os anjos prevaricadores e apóstatas, assim como os homens ímpios, injustos, iníquos e blasfemadores; e para dar em prêmio a vida incorruptível e a glória eterna aos justos, aos santos e aos que guardaram os seus mandamentos e perseveraram no seu amor, alguns desde o início, outros, depois de sua conversão.

IRENEU, Santo, Bispo de Lião. *Contra as heresias*. I, 10,1; pp. 61-62. São Paulo: Paulus, 1995.

¹¹⁷Na introdução do livro *Contra as heresias* de Ireneu de Lião, escrita por Helcion Ribeiro, os leitores são informados da existência de um outro livro, pequeno, atribuído a ele (a Ireneu) chamado *Demonstração*, sendo uma versão armênia, que foi supostamente descoberta somente em 1904 pelo arquiandrita (e depois bispo) do Azerbaijão Kaparet Ter-Mekerttschian; sendo sua primeira publicação feita em 1907. Segundo essa introdução, nesse livrinho *Demonstração* Ireneu teria tratado “das três pessoas divinas, da criação e queda do homem, da encarnação e redenção, da conduta de Deus com o homem desde ‘Adão’ até Cristo.” Acreditar numa obra tão tardia (1904) atribuída à Ireneu pode ser arriscado, ainda mais se a mesma não foi citada por nenhum outro escritor dos primeiros séculos do Cristianismo, como a obra *Contra as heresias* foi. Seria ariscado também se a segunda obra contradissesse a primeira quanto às descrições da Divindade. A obra também foi publicada em português pela Paulus (Coleção patrística vol. 33) mas o nome nela aparece diferente (IRENEU de Lyon) o que pode ser entendido como uma falsificação barata ou um erro de ortografia. Prefiro acreditar na 1ª opção. Para ler o que foi dito sobre essa introdução pesquisar: **IRENEU, Santo, Bispo de Lião. *Contra as heresias*. p.18. São Paulo: Paulus, 1995.**

¹¹⁸IRENEU de Lião desmascarou com muita propriedade as cópias gnósticas dos mistérios gregos. Indicando nomes e teorias ele descreve de onde surgiu as absurdas e heréticas concepções dos gnósticos que nada mais eram do que plagiadores dos poetas e filósofos gregos. Algumas dessas exposições de Ireneu seguem abaixo na íntegra:

Com muito maior verossimilhança e elegância falou da origem do mundo um dos antigos comediógrafos, Aristófanes, na sua Teogonia. Ele diz que a Noite e o Silêncio emitiram o Caos e depois, o Caos e a Noite, Cupido; e este, a Luz e depois, segundo ele, todos os outros deuses da primeira geração. Depois disso, o cômico introduz segunda geração de deuses, a criação do mundo e conta a modelagem do homem por estes deuses. Apropriando-se deste mito, os heréticos trataram-no como algo natural, mudaram os nomes, conservando, porém, o princípio e a produção do universo. À Noite e ao Silêncio deram o nome de Abismo e Silêncio, ao Caos o de Nous, a Cupido, que para o cômico teria composto todas as coisas, o de Logos. No lugar dos primeiros e máximos deuses colocaram os Éões, e aos segundos deuses atribuíram a atividade exercida fora do Pleroma pela Mãe dos Éões, que chamam segunda Ogdôada, da qual, à semelhança deles, foi feita a criação do mundo e a modelagem do homem. Dizem que somente eles conhecem estes mistérios inefáveis e ignorados, e o que nos teatros é representado com esplêndidas invenções pelas máscaras, eles o acomodam à sua teoria, ou melhor, conservam aqueles mesmos assuntos, mudando somente os nomes. **IRENEU de Lião, Contra as heresias (II, 14,1).**

E não somente temos argumentos para dizer que apresentam como de sua autoria o que se encontra nos cômicos, mas também o que foi dito por todos que não conhecem a Deus e são denominados filósofos. Amontoando e costurando juntas muitas peças esfarrapadas, como num centão, fabricaram para si uma aparência fictícia à custa de falatório sutil. E a nova doutrina que ensinam, elaborada pacientemente, com arte nova, no fundo é velha e inútil, porque costuraram juntas velhas crenças, que cheiram a ignorância e irreligiosidade. Tales de Mileto disse que a origem e o princípio de todas as coisas era a água: dizer água ou Abismo é a mesma coisa. O poeta Homero definiu o Oceano como a origem dos deuses e Tétis como a mãe deles e os hereges os transformaram em Abismo e Silêncio. Anaximandro estabeleceu como causa primeira de todas as coisas o infinito, que continha em si, como semente, a origem delas e do qual, como diz, procederam inumeráveis mundos: estes também foram convertidos em Abismo e nos seus Éões. Anaxágoras, que recebeu a alcunha de ateu, ensinou que os viventes se originaram de sementes caídas do céu na terra e eles as transformaram nas

sementes da sua Mãe, acrescentando que eles próprios eram estas sementes. Com o que, admitem, para quem tem juízo, que eles são as sementes do ateu Anaxágoras. **Ibid.** (II, 14,2)

Tomaram o conceito de sombra e de vazio e o adaptaram à sua teoria, de Demócrito e Epicuro que foram os primeiros a falar fartamente do vazio e dos átomos, chamando estes “ser” e aquele “não ser”. Justamente como os que chamam “ser” o que está dentro do Pleroma e que corresponde aos átomos do filósofo, e “não ser” o que está fora do Pleroma e que os filósofos chamam vazio. Eis então que, estando neste mundo e fora do Pleroma, estabeleceram para si um lugar que não existe. Dizendo que estas coisas são imagens daquelas que estão acima exprimem abertamente a opinião de Demócrito e de Platão. Demócrito foi o primeiro a dizer que muitas e diversas figuras do universo desceram a este mundo, e Platão, por sua vez, estabeleceu a matéria, o modelo e Deus. Seguindo a opinião destes filósofos chamam estas coisas figura dele e imagem das coisas que estão acima e, pela troca de nomes, gabam-se de ser os inventores e autores desta ficção fantástica. **Ibid.** (II, 14,3)

Para ler todas as demais explicações de Ireneu sobre a origem grega da gnose, ler até o cap. 14,9 do segundo livro da obra. IRENEU de Lião. *Contra as heresias*. Subtítulo: *Testemunho dos poetas antigos*. pp.161-167. São Paulo: Paulus, 1995.

¹¹⁹TEÓFILO de Antioquia. *Cosmologia bíblica*, II à Autólico 15 FONTE: Padres Apologistas. Carta a Diogneto; Aristides de Atenas; Taciano, o Sírio; Atenágoras de Atenas; Teófilo de Antioquia; Hérmiás, o filósofo. p.137. Disponível em: <<https://ortodoxia.pt/data/Patristica-2.pdf>>. Acesso em: 11 set. 2020.

¹²⁰SILVA, RODRIGO. *Trindade: dogma de Constantino?* Revista Adventista, Julho de 2005. p.14. Disponível em: <<https://acervo.cpb.com.br/ra>>. Acesso em: 11 set. 2020.

¹²¹PADRES Apologistas. Carta a Diogneto; Aristides de Atenas; Taciano, o Sírio; Atenágoras de Atenas; Teófilo de Antioquia; Hérmiás, o filósofo. pp.117-118. Disponível em: <<https://ortodoxia.pt/data/Patristica-2.pdf>>. Acesso em: 11 set. 2020.

¹²²ALTANER, B. e STUIBER, A. *Patrologia: vida, obras e doutrina dos Padres da Igreja*. p.156. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 1988.

¹²³MONTANISMO s. m. (De *Montano*, n. pr.)

Doutrina herética de Montano (Séc. II) que aplicava com rigor os dogmas do cristianismo, mas proclamava além disso uma ação constante do Espírito Santo, de quem Montano se dizia profeta. (A seita extinguiu-se por volta do séc. IX.). **Grande Enciclopédia Larousse Cultural. São Paulo: Editora Universo, 1988. 4132 p. v. 21**

¹²⁴PELIKAN, J. A tradição cristã: uma história do desenvolvimento da doutrina católica 100-600. vol. 1. pp.118-119. São Paulo: Shedd Publicações, 2014.

¹²⁵Ibid., pp.114-124.

¹²⁶ORÍGENES. *Contra Celso*. p.17. Disponível em: <<https://catolicotridentino.files.wordpress.com/2017/11/patrc3adstica-vol-20-contra-celso-orc3adgenes.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2020.

¹²⁷Em um subtítulo *Honra única ao Pai e ao Filho*, na obra de Orígenes *Contra Celso* (VIII, 9-14) ele nos deixou pérolas como: “A honra que prestamos ao Filho de Deus, e da mesma forma a que tributamos a Deus Pai, consiste numa vida honesta.” (VIII, 10). Ele demonstra também que não pertencia ao grupo “dos que negam a existência de duas hipóstases, um Pai e um Filho” (VIII, 12). “Portanto, é a um só Deus, como acabamos de explicar, o Pai e o Filho, que prestamos culto.” (VIII, 12). “Por isso prestamos culto ao Pai da Verdade e ao Filho que é a Verdade: eles são duas realidades pela hipóstase, mas uma só pela humanidade, pela concórdia, pela identidade da vontade; de modo que aquele que viu o Filho, resplendor da glória, expressão da substância de Deus, viu a Deus nele que é a imagem de Deus (cf. Jo 14,9; Hb 1,3; Cl 1,15; 2Cor 4,4).” (VIII, 12). “Por isso adoramos o Deus único e seu Filho único.” (VIII, 13) etc. pp. 347-350. Disponível em: <<https://catolicotridentino.files.wordpress.com/2017/11/patr>

c3adstica-vol-20-contra-celso-orc3adgenes.pdf>. Acesso em: 14 set. 2020.

¹²⁸Nota de rodapé da Bíblia de Jerusalém afirma que no texto de Gn 1:26 na expressão “Façamos o homem a nossa imagem...” os Padres viram insinuada a Trindade.

¹²⁹Carta de Barnabé. 5,5. *O Senhor sofreu para cumprir a promessa*. FONTE: Padres Apostólicos: Clemente Romano, Inácio de Antioquia, Policarpo de Esmirna, O Pastor de Hermas, Carta de Barnabé, Papias e Didaqué. p. 171. Disponível em: <<https://ortodoxia.pt/data/Patristica-1.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2020

¹³⁰Carta de Barnabé. 6,10-12. *Nova criação*. FONTE: Ibid., p.172.

¹³¹NOVACIANO. A trindade, escritos éticos, cartas. p.111. 1ª ed. São Paulo: Paulus, 2017. (Patrística; v.37)

¹³²EUSÉBIO, Bispo de Cesaréia. História Eclesiástica. II, 2,4. p.32. São Paulo: Paulus, 2008. (Patrística; v.15)

¹³³CLEMENTE de Roma. V. GRANDE ORAÇÃO. 59, 3,4. FONTE: Padres Apostólicos: Clemente Romano, Inácio de Antioquia, Policarpo de Esmirna, O Pastor de Hermas, Carta de Barnabé, Papias e Didaqué. p. 43. Disponível em: <<https://ortodoxia.pt/data/Patristica-1.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2020.

¹³⁴NOVACIANO. A trindade, escritos éticos, cartas. 9,46 p.44; 11,57 p.51; 15,88 p.70; 23,132 p.102; 23,133 p.103. São Paulo: Paulus, 2017. (Patrística; v.37)

¹³⁵Ibid., 30,173. p.128.

¹³⁶Ibid., 31,188. p.135.

¹³⁷NOVACIANO. A trindade, escritos éticos, cartas. Disponível em: <<https://catolicotridentino.files.wordpress.com/2017/11/patristica-vol-37-a-trindade-escritos-eticos-cartas-novaciano.pdf>>. Acesso em: 07 out. 2020.

¹³⁸NOVACIANO. A trindade, escritos éticos, cartas. 31,193 p.138. São Paulo: Paulus, 2017. (Patrística; v.37)

¹³⁹RAMOS, J. Édito de Milão. 10 out. 2019. Disponível em: <https://www.suapesquisa.com/o_que_foi/edito_milao.htm>.

Acesso em: 29 set. 2020.

¹⁴⁰PELIKAN, J. A tradição cristã: uma história do desenvolvimento da doutrina católica 100-600. vol. 1. pp.87-88. São Paulo: Shedd Publicações, 2014.

¹⁴¹GIBBON, E. Declínio e queda do Império Romano. p. 355 – Ed. Abreviada. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

¹⁴²ALTANER, B; STUIBER, A. Patrologia: vida, obras e doutrina dos Padres da Igreja. p.275. São Paulo: Paulinas, 1988.

¹⁴³Ibid., p.362.

¹⁴⁴GIBBON, E. Declínio e queda do Império Romano, p. 351 – Ed. Abreviada – São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

¹⁴⁵Ibid.,

¹⁴⁶HILÁRIO, Santo, Bispo de Poitiers. Tratado sobre a Santíssima Trindade. pp.54, 67, 73, 139, 160, 490. São Paulo: Paulus, 2005.

¹⁴⁷HÄGGLUND, B. História da Teologia. p.71. Porto Alegre: Concórdia Editora, 1989.

¹⁴⁸HILLGARTH, J. Cristianismo e Paganismo 350-750, a conversão da Europa ocidental. p.59. São Paulo: Madras, 2004.

¹⁴⁹CAMPBELL, J. As máscaras de Deus: mitologia criativa. p.348. São Paulo: Palas Athena, 2010.

¹⁵⁰DEPOIS DE JESUS: o triunfo do cristianismo, p.247. Rio de Janeiro-RJ: Reader's Digest, 1999.

¹⁵¹GREGÓRIO DE NAZIANZO. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Greg%C3%B3rio_d_e_Nazianzo&oldid=59559517>. Acesso em: 14 out. 2020.

¹⁵²ALBERIGO, G. História dos concílios ecumênicos. p.67. São Paulo: Paulus, 1995.

¹⁵³CREDO NICENO-CONSTANTINOPOLITANO. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2019. Disponível em:

<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Credo_niceno-constantinopolitano&oldid=54744911>. Acesso em: 14 out. 2020.

¹⁵⁴SANTA SÉ. Catecismo da Igreja Católica. Edição Comemorativa [ano da fé 2012-2013]. pp.74-75, §184. Brasília: Edições CNBB, 2013.

¹⁵⁵FAYARD, M. Liberdade Religiosa. p.63. Santo André-SP: Casa Publicadora Brasileira, [entre 1947 e 1957].

¹⁵⁶MANIQUEÍSMO s. m. **1.** Religião de Mani ou Maniqueu, baseada num gnosticismo dualista. (→ *encicl.*) – **2.** Qualquer doutrina baseada, como a de Maniqueu, na coexistência dos dois princípios opostos – o do bem e o do mal.

■ ENCICL. **Relig.** Mani professava a coexistência e a luta eterna de dois princípios: um bom, simbolizado pela luz; outro mal, representado pelas trevas e identificado com a matéria. A humanidade, nascida do deus mal, só pode ser libertada pelo conhecimento da verdadeira ciência. Os maniqueístas eram divididos em duas classes: os auditores, ou neófitos, e os eleitos. A oração, o jejum, os cânticos, constituíam todo o seu culto.

O maniqueísmo pretendia ser uma religião universal. Do séc. III ao IV, ele expandiu-se, sob sua vertente babilônica, a leste, no Irã e na Ásia Central, e a oeste, no Egito, no norte da África e até na Itália. Posteriormente, do séc. VII ao VIII, sob a vertente sogdiana, estendeu-se ao Tibete, ao Turquestão e à China. A partir do séc. IX surgiram, na Europa, os cátaros, que foram qualificados como “maniqueístas”. **Grande Enciclopédia Larousse Cultural. São Paulo: Editora Universo, 1988. 3843 p. v. 19**

¹⁵⁷SESÉ, B. Agostinho, o convertido. pp.26-29. São Paulo: Paulinas, 1997. – (Coleção: Testemunhas. Série: Santos).

¹⁵⁸Ibid., pp.86, 96 e 98.

¹⁵⁹AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. Confissões. VII, 20,26; p.121. Disponível em: <https://www.academia.edu/40568243/Confissoes_Santo_Agostinho>. Acesso em: 15 out 2020.

¹⁶⁰NOVACIANO. A trindade, escritos éticos, cartas. 26,146. p.111. São Paulo: Paulus, 2017. (Patrística; v.37)

¹⁶¹HILÁRIO, Santo, Bispo de Poitiers. Tratado sobre a Santíssima Trindade. V, 8. p.139. São Paulo: Paulus, 2005. (Patrística; v.22)

¹⁶²AGOSTINHO diz o seguinte sobre seus estudos:

Todos os comentadores católicos dos Livros divinos do Antigo e do Novo Testamento, que tive oportunidade de ler e que me precederam com seus escritos sobre a Trindade, que é Deus¹⁴, expuseram sua doutrina conforme às Escrituras nestes termos: o Pai, o Filho e o Espírito Santo perfazem uma unidade divina pela inseparável igualdade de uma única e mesma substância. Não são, portanto, três deuses, mas um só Deus, embora o Pai tenha gerado o Filho, e assim, o Filho não é o que é o Pai. O Filho foi gerado pelo Pai, e assim, o Pai não é o que o Filho é. E o Espírito Santo não é o Pai nem o Filho, mas somente o Espírito do Pai e do Filho, igual ao Pai e ao Filho e pertencente à unidade da Trindade. **AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. 354-430. A Trindade. I, 4,7; p.31. São Paulo: Paulus, 1994.**

À nota indicada [14] é dito o seguinte sobre os livros mencionados por ele:

Antes de Santo Agostinho, já haviam explanado o tema do mistério trinitário, no Oriente: S. Clemente de Alexandria; Santo Atanásio (*Cartas a Serapião*); os Capadócius: São Basílio e os dois Gregórios; S. Cirilo de Alexandria (*Diálogos sobre a Trindade*). E no Ocidente: Santo Hipólito, Tertuliano (*Adversus Praxeam*); Novaciano (*De Trinitate*); Santo Hilário de Poitiers, Santo Ambrósio. O bispo de Hipona leu essas obras, à medida que pôde adquiri-las e quando a língua em que estavam escritas lhe era acessível (cf. I, 4,7 e 6,13). Abertamente, reconhece dever-lhes muito para a composição de seu próprio trabalho (cf. III, Pról.,1). Contudo, o único escrito latino que menciona expressamente é o tratado *De Trinitate* de Santo Hilário. (Cf. VI, 10,11 e XV,3,5). Devia, entretanto, conhecer por certo o *Adversus Praxeam* de Tertuliano, e o *De Spiritu Sancto* de Santo Ambrósio. Cita essa última obra no seu “A doutrina cristã”, no l. IV,21,46. Além dessas, certamente, leu ainda as traduções feitas para o latim dos escritos trinitários gregos, por seu amigo Mário Vitorino. **AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona, 354-430. A Trindade. nota 14 (4,7) à p.569. São Paulo: Paulus, 1994.**

¹⁶³AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. A Trindade; VII, 6,12. p.257. São Paulo: Paulus, 1994. (Patrística; v.7)

Ou Pesquisar pela obra em: <<https://catolicotridentino.files.wordpress.com/2017/11/patrc3adstica-vol-7-a-trindade-santo-agostinho.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2020.

¹⁶⁴ATANÁSIO, Santo. Contra os pagãos; A encarnação do Verbo; Apologia ao imperador Constâncio; Apologia de sua fuga; Vida e conduta de S. Antão. Disponível em: <<https://ortodoxia.pt/data/Patristica-18.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2020.

¹⁶⁵NOVACIANO. A trindade, escritos éticos, cartas. 4,25. p.32. São Paulo: Paulus, 2017. (Patrística; v.37).

¹⁶⁶Ibid., 31,185. p.134.

¹⁶⁷Ibid., 31,189. pp.135-136.

¹⁶⁸AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. A Trindade. VI, 5,7. p.223. São Paulo: Paulus, 1994. (Patrística; v.7)

¹⁶⁹Segue algumas referências onde aparece na obra de Agostinho o Espírito Santo como Pessoa (I, 6,11; 9,19; V, 8,9; 14,15; VI, 9,10; **VII, 4,7-8; 6,11**; XI, 5,9; XV, 17,28 e 29; 22,42; 23,43); Espírito Santo como coisa, comunhão, dom etc. (IV, 20,29; V, 11,12; 12,13; 15,16; 16,17; VI, 5,7; VII, 4,7; XV, 17,29; 18,32; 19,33-37; 27,50 etc.) e uma combinação das duas ideias:

Dissemos em outro lugar que os diferentes nomes aplicados a cada uma das três **pessoas** na Trindade, traduzem relação recíproca, tais como: Pai e Filho, e o **Dom** de ambos, o Espírito Santo. (VIII, 1)

¹⁷⁰AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. A Trindade. I, 4,7. p.31. São Paulo: Paulus, 1994. (Patrística; v.7)

¹⁷¹Maria Thais Robbe, autora da introdução da obra de Hilário, confessa o seguinte sobre o fato de o mesmo não ter escrito muito sobre a “Terceira Pessoa da Trindade”:

O Bispo de Poitiers dedica seu livro quase exclusivamente ao mistério do Pai e do Filho, sendo pouco numerosas no Tratado as referências à Terceira Pessoa da Santíssima Trindade. Isto acontece porque o autor ainda não dispunha de elementos que lhe

permitissem elaborar uma teologia do Espírito Santo mais desenvolvida. Afirma, no entanto, ser Ele “Dom” e ser “de Deus”, e isto indica que possui a mesma natureza divina. Ele é o Espírito que vem a nós como Dom, é o Espírito de Deus, é o Espírito do Pai e do Filho. **HILÁRIO, Santo, Bispo de Poitiers. Tratado sobre a Santíssima Trindade. Introdução, p.20. São Paulo: Paulus, 2005. (Patrística; 22)**

¹⁷²AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. A Trindade. XV, 23,43. p.541. São Paulo: Paulus, 1994. (Patrística; v.7)

¹⁷³AMBRÓSIO, Santo, Bipo de Milão. Ambrósio de Milão. pp.15-16. São Paulo: Paulus, 1996. (Patrística; v.5)

¹⁷⁴Ibid., p.9.

¹⁷⁵Ibid., p.24.

¹⁷⁶PADRES apostólicos. p.335. Introdução à *Didaqué*. São Paulo: Paulus, 1995. (Patrística; v.1)

¹⁷⁷Ibid., p.336.

¹⁷⁸Ibid.,

¹⁷⁹Ibid., *Didaqué* 7,1-3. pp.351-352.

¹⁸⁰Na introdução do livro de Eusébio é dito que os 7 primeiros livros da obra que contém 10 já estavam publicados antes da perseguição de Diocleciano em 303 d.C. A citação que Eusébio fez de Mt 28,19 sem a fórmula trina está no livro terceiro (III, 5,2) **EUSÉBIO, Bispo de Cesaréia, 265-340. História Eclesiástica. pp.23 e 118. São Paulo: Paulus, 2000. (Patrística; v.15)**

¹⁸¹AMBRÓSIO, Santo, Bispo de Milão. Ambrósio de Milão, p.28. São Paulo: Paulus, 1996. (Patrística; v.5)

¹⁸²AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. A Trindade. I, 4,7 p.31; 5,8 p.32; V, 8,9 p.201; VI, 8,9b p.226; 9,10 p.227; VII, 4,8 pp.248-49; VIII PRÓLOGO, 1 p.259; XII, 6,6 pp.370-71; XV, 3,5 pp.482-83; 17,28 p.523. São Paulo: Paulus, 1994. (Patrística; v.7)

¹⁸³Ibid., XV, 23,44a. p.543.

¹⁸⁴Ibid., I, 9,19 p.49; I, 10,21 p.52; I, 11,22 p.53; I, 12,25 p.56; II, 7,13 p.84; II, 9,15-16 pp.86-88; II, 10,19 p.92; II, 11,20 p.94; II, 12,21 p.95; II, 15,26 p.101; II, 18,35 p.110; IV, 21,30 p.186; V,

5,6 p.196; V, 8,9 p.201; V, 9,10b p.203; V, 11,12 p.204; VI, 4,6 p.206; VI, 5,7 p.223; VI, 8,9b p.226; VI, 9,10 pp.227-28; VI, 10,12 p.231; VII, 1,1 p.233; VII, 3,6 p.244; VII, 4,7 pp.245, 247; VII, 4,8-9 pp.248, 249 e 250; VII, 5,10 p.252; VII, 6,11 pp.252-56; VII, 6,12 p.258; VIII, PRÓLOGO, 1 p.259; VIII, 1,2 pp.260-61; IX, 1,1 p.286; XII, 6,6 p.370; XII, 7,9 p.374; XV, 5,7 p.487; XV, 6,10 p.491; XV, 7,11 p.494; XV, 17,28 p.523; XV, 17,29 p.524; XV, 19,36 p.533; XV, 22,42 p.540; XV, 23,43 pp.541-42; XV, 25,45 p.545; XV, 26,47 p.550; XV, 27,48 p.551.

¹⁸⁵Ibid., I, 1,1 p.23; I, 8,15 p.41; V, 1,1 p.191; XII, 15,24 p.390; XV, 4,6 p.486; **XV, 5,7 p.488**; XV, 23,44a p.543; XV, 27,48 p.550; XV, 27,49 p.553.

¹⁸⁶SABELIANISMO. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Sabelianismo&oldid=59509732>>. Acesso em: 20 out. 2020.

¹⁸⁷AGOSTINHO recomendou o seguinte a seus leitores:

Todo aquele que ler estas explanações, quando tiver certeza do que afirmo, caminhe lado a lado comigo; quando duvidar como eu, investigue comigo; quando reconhecer que foi seu o erro, venha ter comigo; se o erro for meu, chame minha atenção. **AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona. A Trindade. I, 3,5; p.28. São Paulo: Paulus, 1994. (Patrística; 7)**

Desejo deveras que, para todos os meus escritos, haja não só um leitor piedoso, mas também um crítico imparcial. Contudo estes são os que mais quero e oxalá a magnitude da questão em estudo encontre tantos investigadores quantos são os contestadores. Entretanto, assim como não quero um leitor que tudo aceita, não quero também um crítico convencido de si mesmo. Que o primeiro não estime mais a mim do que a fé católica, e o segundo não ame a si mesmo, mais do que a verdade católica. **Ibid.; III, PRÓLOGO, 2; p.112.**

Àqueles que hão de ler estes escritos, peço que me perdoem quando advertirem que eu almejei mais do que fui capaz de dizer, porque ou não me entenderão devido à minha obscuridade em me

expressar ou porque entendem dessas coisas melhor do que eu. De modo análogo eu os perdoo se não me entenderem devido à sua própria incapacidade de compreensão. **Ibid.; V, 1,1; pp.191-192.**

Com essa abertura, ou mesmo se ela não fosse dada, pude ler e em certa medida estudar a obra em questão e fazer os poucos apontamentos dentre os muitos que poderiam ser feitos. Não julgo ser melhor ou pior que o escritor ou nenhuma outra pessoa, apenas alguém que pelo apreço e assíduo estudo das Sagradas Escrituras pôde nelas encontrar o que talvez alguns não tenham ainda percebido. A mesma abertura que Agostinho deu aos seus leitores eu dou aos meus e que a Palavra de Deus esteja acima das palavras dos homens, obviamente assim sempre foi e sempre será.

¹⁸⁸HILLGARTH, J. Cristianismo e Paganismo 350-750, a conversão da Europa ocidental. p.17. São Paulo: Madras, 2004.

¹⁸⁹PELIKAN, J. A tradição cristã: uma história do desenvolvimento da doutrina católica 100-600. vol. 1, p.350. São Paulo: Shedd Publicações, 2014.

¹⁹⁰Ibid., p.353.

¹⁹¹Ibid., p.185

¹⁹²ARIANISMO. In: ENCICLOPÉDIA DELTA UNIVERSAL. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1991. v.2, p.558.

HERESIA. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA BARSA. São Paulo: Barsa Planeta Internacional, 2005. v.7, p.366.

ÁRIO. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wink/Ário>>. Acesso em: 26 jun. 2020.

¹⁹³LACHATRE, M. Os Crimes dos Papas: Mistérios e iniquidades da Corte de Roma. p.177. São Paulo: Madras, 2005.

¹⁹⁴HILLGARTH, J. Cristianismo e Paganismo 350-750, a conversão da Europa ocidental. p.102. São Paulo: Madras, 2004.

¹⁹⁵Ibid., p.108.

¹⁹⁶CONCÍLIOS DE TOLEDO. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2018. Disponível em:

<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Conc%C3%ADlios_de_Toledo&oldid=52675525>. Acesso em: 16 jul. 2018.

¹⁹⁷HILLGARTH, J. Cristianismo e Paganismo 350-750, a conversão da Europa ocidental. pp.106-108. São Paulo: Madras, 2004.

¹⁹⁸MARTIN, M. A Teoria Política Visigoda. VERITAS, Porto Alegre-RS, v. 40, ed. 159, p.372, Setembro, 1995. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/veritas/article/download/36009/18911/>>. Acesso em: 26 out. 2020.

¹⁹⁹Ibid., pp.369-378.

²⁰⁰LACHATRE, M. Os Crimes dos Papas: Mistérios e iniquidades da Corte de Roma. p.227. São Paulo: Madras, 2005.

²⁰¹Ibid.

²⁰²Ibid.

²⁰³Ibid.

²⁰⁴Ibid., p.245.

²⁰⁵Ibid.

²⁰⁶Ibid., p.248.

²⁰⁷WHITE, E. O Grande Conflito. p.290. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1988.

²⁰⁸HILLGARTH, J. Cristianismo e Paganismo 350-750, a conversão da Europa ocidental. p.138. São Paulo: Madras, 2004.

²⁰⁹Mt 4:9-10; Jo 4:21, 23-24; Fl 2:9-11; Ap 5:13; Jo 1:29 e 36; Mt 2:2 e 11; 8:2; 14:33; 15:25; 28:9 e 17; Mc 5:6; Lc 24:52; Hb 1:6; Ap 14:6-7 [cf. Pv 30:4]; Jo 5:23; 9:35-38; 1 Pe 4:11; Ap 4:8-11; 5:8-12; 5:13-14; 7:11; 11:16; 19:4-10; 21:22 à 22:3 etc.

²¹⁰LACHATRE, M. Os Crimes dos Papas: Mistérios e iniquidades da Corte de Roma. p.334. São Paulo: Madras, 2005.

²¹¹Ibid.

²¹²Ibid., p.335.

²¹³Ibid., p.336.

²¹⁴WILKINSON, B. Verdade Triunfante: a igreja no deserto. Disponível em: <<https://www.adventistas-historicos.com/arquivos/1550271776-5.PDF>>. Acesso em: 27 out. 2020.

- ²¹⁵WHITE, E. O Grande Conflito. 36ª ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1988.
- ²¹⁶LACHATRE, M. Os Crimes dos Papas: Mistérios e iniquidades da Corte de Roma. p.405. São Paulo: Madras, 2005.
- ²¹⁷PAPA NICOLAU I. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Papa_Nicolau_I&oldid=59500125>. Acesso em: 27 out. 2020.
- ²¹⁸LACHATRE, M. Os Crimes dos Papas: Mistérios e iniquidades da Corte de Roma. pp.402-403. São Paulo: Madras, 2005.
- ²¹⁹Ibid., p.406.
- ²²⁰O 1º volume da referida obra de MOSHEIM está disponível em: <http://www.sabbat.biz/Ecclesiastical_History_Vol_1_-_J.L._Mosheim__1826_.pdf>. Acesso em: 28 out. 2020.
- ²²¹SMITH, U. As Profecias do Apocalipse. p.87. Itaquaquecetuba, SP: Edições Vida Plena, 2017.
- ²²²HÄGGLUND, B. História da Teologia. p.145. Porto Alegre: Concórdia Editora, 1989.
- ²²³SAINTYVES, P. (1870-1935). Les Saints, Successeurs des Dieux: essais de mythologie chrétienne. França, 1907. Disponível em: <https://archive.org/stream/LesSaintsSuccesseursDesDieuxEssaisDeMythologieChrtienne/Saintyves_djvu.txt>. Acesso em: 29 out. 2020.
- ²²⁴DIVINDADE TUTELAR. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Divindade_tutelar&oldid=58834021>. Acesso em: 29 out. 2020.
- ²²⁵CATECISMO do Católico de Hoje: doutrina, prática, orações: com referências ao catecismo da Igreja Católica / Missionários Redentoristas. pp.11-12. Aparecida, SP: Editora Santuário, 1997.
- ²²⁶SANTOS, R. Santo Anselmo de Cantuária – Argumento ontológico provoca discussões até hoje. **UOL Educação**. [s.d.]. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/filosofia>>

a/santo-anselmo-da-cantuaria-argumento-ontologico-provoca-discussoes-ate-hoje.htm>. Acesso em: 29 out. 2020.

²²⁸HÄGGLUND, B. História da Teologia. p.151. Porto Alegre: Concórdia Editora, 1989.

²²⁹Ibid., p.152.

²³⁰CAIRNS, E. O Cristianismo Através dos Séculos: uma história da igreja cristã. p.212. São Paulo: Vida Nova, 2008.

²³¹TOMÁS de Aquino. Suma Teológica. 1ª Parte; Quest. 31; Art.4; p.351. Disponível em: <<https://sumateologica.files.wordpress.com/2017/04/suma-teolc3b3gica.pdf>>. Acesso em: 29 out. 2020.

²³²Ibid., Questão 32. Art. 1. Nº 1. p.352.

²³³Ibid., pp.352-353.

²³⁴Lucas 11:20 e Mateus 12:28.

²³⁵TOMÁS de Aquino. Suma Teológica. 1ª Part.; Quest. 29; Art. 1; p.333. Disponível em: <<https://sumateologica.files.wordpress.com/2017/04/suma-teolc3b3gica.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2020.

²³⁶Ibid., Nº 5.

²³⁷Ibid., Questão 29. Artigo 4. Nº 4. p.238.

²³⁸Ibid., Art. 3. RESPOSTA À QUARTA. p.337.

²³⁹Ibid., Art. 4. SOLUÇÃO. p.338.

²⁴⁰Ibid., Questão 32. Artigo 3. pp.355-356.

²⁴¹Ibid., Questão 28. Artigo 4. p.330.

²⁴²Ibid., Questão 27. Artigo 5. p.325.

²⁴³ALIGHIERI, D. Divina comédia. *Paraíso*, Canto X, 17. p.405. Tradução J. P. Xavier Pinheiro. São Paulo: Martin Claret, 2002. (Coleção a obra-prima de cada autor. Série ouro; v.7).

²⁴⁴Ibid., X, 32-33. p.406.

²⁴⁵Ibid., XXXIII, 39-40. p.522.

²⁴⁶HÄGGLUND, B. História da Teologia. pp.156, 159-160, 176-178. Porto Alegre: Concórdia Editora, 1989.

²⁴⁷FO, J.; TOMAT, S. e MALUCELLI, L. O Livro Negro do Cristianismo: dois mil anos de crimes em nome de Deus. pp.237-238. Disponível em:

<<http://mkmouse.com.br/livros/OLivroNegrodoCristianismo->

JacopoFoSergioTomateLauraMalucelli.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2020.

²⁴⁸PELIKAN, J. A Tradição Cristã: uma história do desenvolvimento da doutrina: o espírito do cristianismo oriental 600-1700, vol.2, pp.301 e 306. São Paulo: Shedd Publicações, 2015.

²⁴⁹GREENE, G. Biografia Disponível em: <https://www.ebiografia.com/graham_green/>. Acesso em: 06 nov. 2020.

²⁵⁰GREENE, GRAHAM. The Catholic Church's New Dogma: The Assumption of Mary. **Life**, Chicago-EUA, vol. 29, ano 15, Nº 18, p.51, 30 de outubro de 1950.

²⁵¹HÄGGLUND, B. História da Teologia. p.259. Porto Alegre: Concórdia Editora, 1989.

²⁵²CAIRNS, E. O Cristianismo Através dos Séculos: uma história da igreja cristã. p.277. São Paulo: Vida Nova, 2008.

²⁵³PIETISMO s.m. (Do fr. *piétisme*.) Movimento religioso nascido na Igreja Luterana alemã no fim do séc. XVII em reação contra o dogmatismo da Igreja oficial.

■ ENCICL. Foi Philipp Jakob Spener quem promoveu o movimento que tem por finalidade a renovação da piedade e se caracteriza pela importância dada ao sentimento, à vida moral em um plano essencialmente individual, tendo em vista a salvação da alma. **Grande Enciclopédia Larousse Cultural. São Paulo: Editora Universo, 1988. 4687 p. v. 23**

²⁵⁴HÄGGLUND, B. História da Teologia. p.284. Porto Alegre: Concórdia Editora, 1989.

²⁵⁵Ibid., p.300.

²⁵⁶NEWTON, Isaac. In: GRANDE ENCICLOPÉDIA BARSA. São Paulo: Barga Planeta Internacional, 2005. v.10, p.308.

²⁵⁷HELERBROOCK, Rafael. Isaac Newton: o pai da ciência moderna. **Mundo Educação UOL**, [?]. Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/fisica/isaac-newton-pai-ciencia-moderna.htm>>. Acesso em: 26 nov. 2020.

²⁵⁸NARLOCH, Leandro. Isaac Newton: fé e física. **Revista Super Interessante**. 31 out. 2016. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/ciencia/isaac-newton-fe-e-fisica/>>.

Acesso em: 26 nov. 2020.

²⁵⁹NEWTON, ISAAC, 1642-1727. As Profecias do Apocalipse e o Livro de Daniel: as raízes do código da Bíblia. pp.65-66. São Paulo: Pensamento, 2008.

²⁶⁰LUTERO, M. Do Cativo Babilônico da Igreja. p.71. São Paulo: Martin Claret, 2006. (Coleção A obra-prima de cada autor; v.235).

²⁶¹NEWTON, I. Tratado sem título sobre a revelação. Subtítulo: **A História da Besta**. Escrito entre os anos de 1670-1680. Fonte: Yahuda Ms. 1.5, Biblioteca Nacional de Israel, Jerusalém, Israel. Publicado online em setembro de 2006. O trecho citado foi traduzido por Sergio Osório a pedido do autor deste livro (Roberto Matheus. Disponível em: <<http://www.newtonproject.ox.ac.uk/view/texts/normalized/THEM00192>>. Acesso em: 28 nov. 2020.

²⁶²WHIDDEN, W; MOON, J; REEVE, J. A Trindade: como entender os mistérios da pessoa de Deus na Bíblia e na história do cristianismo. pp. 300-301. Tatuí-SP: CPB, 2006.

²⁶³SØREN KIERKEGAARD. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=S%C3%B8ren_Kierkegaard&oldid=59777671>. Acesso em: 11 nov. 2020.

²⁶⁴HÄGGLUND, B. História da Teologia. p.324. Porto Alegre: Concórdia Editora, 1989.

²⁶⁵Ibid., p.321.

²⁶⁶Ibid., p.327.

²⁶⁷SANTA Sé. Catecismo da Igreja Católica. Edição Comemorativa [ano da fé 2012-2013]. §253, pp.94-95. Brasília: Edições CNBB, 2013.

²⁶⁸Ibid., §250, p.94.

²⁶⁹Ibid., §251, p.94.

²⁷⁰Ibid., §234, p.89.

²⁷¹SANTA SÉ. Os Mistérios do Santo Rosário. Disponível em: <http://www.vatican.va/special/rosary/documents/misteri_po.html>. Acesso em: 01 dez. 2020.

²⁷²LOBO FRONTAL. In: INFOESCOLA. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/anatomia-humana/lobos-cerebrais/>>. Acesso em: 02 dez. 2020.

²⁷³MISTÉRIOS DE ELÊUSIS. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Mist%C3%A9rios_de_El%C3%AAusis&oldid=58901353>. Acesso em: 02 dez. 2020.

²⁷⁴SANTA SÉ. Catecismo da Igreja Católica. Edição Comemorativa [ano da fé 2012-2013]. §2677/495, pp.820. Brasília: Edições CNBB, 2013.

²⁷⁵A Igreja Mãe e Mestra. Disponível em: <<https://www.acidigital.com/catecismo/igmaemaes.htm>>. Acesso em: 02 dez. 2020.

²⁷⁶ASSIS, SÃO FRANCISCO. Oração ao irmão sol. Disponível em: <<https://franciscanos.org.br/carisma/cantico-do-irmao-sol.html#gsc.tab=0>>. Acesso em: 02 dez. 2020.

²⁷⁷FRANCISCO, P. Laudato Si'. §92, p.76. 1ª ed. São Paulo: Paulinas, 2015.

²⁷⁸HÉLIO. In: PORTAL SÃO FRANCISCO. Disponível em: <<https://www.portalsaofrancisco.com.br/historia-geral/helio>>. Acesso em: 02 dez. 2020.

²⁷⁹LEITCH, DONOVAN PHILIPS. Irmão Sol, Irmã Lua. Interpretada por Zé Aloísio. CD Perfume de Flor. Disponível em: <<http://www.acervoespirtita.com.br/cifra/musica/id/365/nome/IRM%C3%83O%20SOL,%20IRM%C3%83%20LUA>>. Acesso em: 02 dez. 2020.

²⁸⁰CREDO DE ATANÁSIO. Disponível em: <<https://www.passeiDireto.com/arquivo/54174520/credo-de-atanasio>>. Acesso em: 02 dez. 2020.

²⁸¹AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona, 354-430. A Trindade. Nota 10, p.564. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 1994. (Patrística; 7).

²⁸²QUEM são os adventistas? Disponível em: <<https://www.adventistas.org/pt/institucional/os-adventistas/quem-sao-os-adventistas/>>. Acesso em: 04 dez. 2020.

²⁸³MANUAL da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Edição Revisada na Assembléia da Associação Geral de 2010. 21ª ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011. Capítulo 14 “Crenças Fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia”, p.163.

²⁸⁴DEUS é uma Trindade? *Como os Antigos Deuses Trinitários Influenciaram a Aprovação da Trindade*. **Egito**. p.23. Igreja de Deus Unida, Uma Associação Internacional: EUA, 2012.

²⁸⁵YEARBOOK 1914. Princípios Fundamentais dos Adventistas do Sétimo Dia. pp.293 e 295. Review and Herald Publishing Association. Washington D. C. EUA. Disponível em: <<https://documents.adventistarchives.org/Yearbooks/YB1914.pdf>>. Acesso em: 07 dez. 2020.

²⁸⁶NISTO Cremos: 27 ensinos bíblicos dos Adventistas do Sétimo Dia. *Uma Palavra a Respeito das 27 Doutrinas Fundamentais dos Adventistas do Sétimo Dia*. 3ª ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1995.

²⁸⁷KNIGHT, G. Em Busca de Identidade: o desenvolvimento das doutrinas Adventistas do Sétimo Dia. p.158. 1ª ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

²⁸⁸YEARBOOK 1931. Princípios Fundamentais dos Adventistas do Sétimo Dia. p.377. Review and Herald Publishing Association. Washington D. C. EUA. Disponível em: <<https://documents.adventistarchives.org/Yearbooks/YB1931.pdf>>. Acesso em 08 dez. 2020.

²⁸⁹NISTO Cremos: 27 ensinos bíblicos dos Adventistas do Sétimo Dia. p.31. 3ª ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1995.

²⁹⁰Ibid., p.41.

²⁹¹SANTIAGO, EMERSON. Religião de Mistérios. InfoEscola. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/cultura/religiao-de-misterios/>>. Acesso em: 08 dez. 2020.

²⁹²ASSEMBLEIA DE DEUS. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Assembleia_de_Deus&oldid=59752093>. Acesso em: 09 dez. 2020.

²⁹³SILVA, E. (org.). Declaração de Fé: Jesus salva, cura, batiza no Espírito Santo e breve voltará. p.39. 2ª ed. Casa Publicadora das Assembleias de Deus: Rio de Janeiro, 2017.

²⁹⁴Ibid., pp.217-223.

²⁹⁵A UMBANDA. *A Trindade Umbandista*. Disponível em: <<https://www.umbandboa.com.br/pages/umbanda.htm>>. Acesso em: 09 dez. 2020.

²⁹⁶Qual a Ligação Entre os Santos Católicos e os Orixás? **Revista Super Interessante**. 18 de abril, 2011. Disponível em: <<https://mundoestranho.abril.com.br/materia/qual-a-ligacao-entre-os-santos-catolicos-e-os-orixas>>. Acesso em: 09 dez. 2020.

²⁹⁷Ibid.

²⁹⁸O LIVRO DE URÂNTIA. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2020. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=O_Livro_de_Ur%C3%A2ntia&oldid=59839900>. Acesso em: 16 dez. 2020.

²⁹⁹ANÔNIMO. O Livro de Urântia: revelando os mistérios de Deus, do universo, de Jesus e sobre nós mesmos. p.110. Urantia Foundation: Chicago, Illinois, U.S.A., 2011.

³⁰⁰Ibid., p.111.

³⁰¹Ibid., p.312.

³⁰²Ibid., p.243.

³⁰³Ibid., p.249.

³⁰⁴Ibid., p.1146-1151.

³⁰⁵Ibid., p.1143.

³⁰⁶Ibid., p.1171.

³⁰⁷SOCIEDADE TEOSÓFICA. Disponível em: <<https://www.sociedadeteosofica.org.br/index.php/sociedade-teosofica/asociedade-teosofica>>. Acesso em: 17 dez. 2020.

³⁰⁸TEOSOFIA s.f. (Do gr. *theosophia*, de *theos*, Deus + *sophia*, sabedoria.) **1.** Conjunto de doutrinas filosófico-religiosas que têm por objeto a união do homem com a divindade, mediante a elevação progressiva do espírito até a iluminação. – **2.** Conjunto de doutrinas filosófico-religiosas criado por H. P. Blavatsky. **Grande Enciclopédia Larousse Cultural. São Paulo: Editora Universo, 1988. 5765 p. v. 28**

³⁰⁹MARCHESINI, OTAVIO. Karma, Dharma e Reencarnação. Sociedade Teosófica. Disponível em: <<https://www.sociedade-teosofica.org.br/estudos-teosoficos/teosofia-ao-vivo/item/708-karma-dharma-e-reencarnacao>>. Acesso em: 17 dez. 2020.

³¹⁰BLAVATSKY, H. A Doutrina Secreta: síntese de ciência, religião e filosofia. vol.1. Cosmogênese. p.124. Disponível em: <<https://www.pdfdrive.com/a-doutrina-secreta-vol-i-cosmogênese-d158569279.html>>. Acesso em 17 dez. 2020.

³¹¹Ibid., p.125.

³¹²Ibid.

³¹³Ibid., pp.508-509.

³¹⁴BLAVATSKY, H. A Doutrina Secreta: síntese de ciência, religião e filosofia. vol. 4. O simbolismo arcaico das religiões do mundo e da ciência. pp.79-80. Disponível em: <<https://www.pdfdrive.com/a-doutrina-secreta-vol-iv-o-simbolismo-arcaico-das-religiões-do-mundo-e-da-ciência-e158578624.html>>. Acesso em: 18 dez. 2020.

³¹⁵VALENTIM (GNÓSTICO). In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2018. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Valentim_\(gn%C3%B3stico\)&oldid=53050916](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Valentim_(gn%C3%B3stico)&oldid=53050916)>. Acesso em: 18 dez. 2020.

³¹⁶HINÁRIO Adventista do Sétimo Dia: hinos e cânticos evangélicos para o culto de adoração, culto familiar, reuniões de jovens e devoção particular. *Vinde Povo do Senhor*. Hino 12. p.14. 1ª ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014.

Capítulo 7

O mistério no presente e no futuro

Qual a relevância de toda a história que vimos no capítulo anterior para os nossos dias hoje? Se existe um Deus único ou um Deus trino, a forma como cremos ser Deus pode influenciar em nossa salvação? São perguntas importantes para as quais devemos obter respostas nesse último capítulo.

As respostas para essas questões cruciais não podem ser dadas simplesmente por algum ser humano, pois a criatura finita não é capaz de revelar o Infinito. Sobre isso o maior Mestre que aqui já andou e ensinou disse:

Naquele tempo, respondendo Jesus, disse: Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, que ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos.

Sim, ó Pai, porque assim te aprouve.

Todas as coisas me foram entregues por meu Pai, e ninguém conhece o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece o Pai, senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar. **Mat. 11:25-27**

Como vimos, “ninguém” é a palavra mais excludente de todas, e absolutamente ninguém poderia conhecer o Pai se o Filho não o quiser revelar. Isso nos desperta outra indagação: a verdade sobre o Pai é revelada pelo Filho a todos ou apenas a alguns? Essa pergunta pode ser respondida por uma conversa que Jesus teve com seus discípulos relatada em Mateus 13:10-17 (leia).

Podemos entender que Jesus revelou e revela a verdade sobre Deus através de duas formas principais: por meio de Sua Palavra, a Bíblia (Dt 29:29; Jo 5:39) e por meio de Seu Espírito (1Pe 1:10-12), que inspirou a criação das Escrituras e continua guiando aqueles a quem quer revelar a verdade através dela.

Se a Bíblia é uma forma de Jesus nos revelar quem é Deus, por que tantas pessoas utilizam a Bíblia, mas não conhecem a Deus? O próprio Mestre e nosso Senhor Jesus nos responde quando disse em profecia que muitos crentes que operaram até milagres seriam destruídos e ouviriam dEle “não vos conheço”, o que nos leva a crer que esses também não conheciam verdadeiramente a Cristo, muito menos o Pai (Mt 7:21-23).

Outro texto que nos ajuda a entender isso é aquele que diz:

E nisto sabemos que o conhecemos: se guardarmos os seus mandamentos. Aquele que diz: Eu conheço-o, e não guarda os seus mandamentos, é mentiroso, e nele não está a verdade. Mas qualquer que guarda a sua palavra, o amor de Deus está nele verdadeiramente aperfeiçoado; nisto conhecemos que estamos nele. **1 João 2:3-5; ACF.**

Sendo assim, conhecer de fato a Deus e a Cristo não é apenas um conhecimento teórico, mas uma relação de obediência. Se não obedecemos aquilo que já sabemos ser o correto, pelas Escrituras, como poderemos receber mais conhecimento proveniente de Deus?

Por isso que essa mensagem do Deus único não é assimilada por muitos, pois eles não seguem nem aquilo que eles já conhecem, muito menos seguiriam uma verdade superior. Para certas pessoas, por mais que se tente ensinar é quase impossível que entendam, pois, suas mentes estão cauterizadas pela desobediência persistente do pouco que lhes foi confiado.

Espero que não seja seu caso, estimado leitor. Pois quero crer que se você chegou até aqui nessa leitura é porque deseja obter conhecimento importante para sua salvação e coloca-lo em prática. Por isso passarei a apresentar algumas importantes passagens das Escrituras que revelam o Deus único e não trino.

Quero, porém, antes disso citar uma importante declaração de Martinho Lutero que deve ser muito bem seguida por todos que desejam colocar a vontade de Deus acima da dos homens:

Devemos discernir muito bem entre as coisas que foram dadas por Deus nas Sagradas Escrituras e aquelas que foram inventadas por homens na Igreja, qualquer que seja a santidade e a doutrina pela qual se destacam.¹

Sendo assim, é muito importante que o leitor se desprenda de dogmas e doutrinas estabelecidas por religiões e esteja disposto a confirmar se elas são de fato doutrinas de Deus ou de homens (ou até de demônios). Então, vamos analisar o que a Bíblia diz sobre Deus e se de fato Ele é uno, ou trino, ou as duas coisas.

Podemos começar com a palavra “Deus”, em hebraico *Elohim*, que os teólogos costumam dizer que é uma palavra no plural, indicando isso um Deus triúno. Se essa premissa fosse verdadeira os judeus seriam os primeiros a acreditar em uma *Trindade*, mas eles não acreditam.

Segundo muitos estudiosos do hebraico a palavra *Elohim* é um plural majestático ou de excelência e não um plural quantitativo.² Alguns exemplos bíblicos demonstram essa realidade, como o uso da palavra *Elohim* para Moisés:

Então se acendeu a ira do Senhor contra Moisés, e disse: Não é Arão, o levita, teu irmão? Eu sei que ele falará muito bem; e eis que ele também sai ao teu encontro; e, vendo-te, se alegrará em seu coração.

E tu lhe falarás, e porás as palavras na sua boca; e eu serei com a tua boca, e com a dele, ensinando-vos o que haveis de fazer.

E ele falará por ti ao povo; e acontecerá que ele te será por boca, e tu lhe serás por Deus. **Êxodo 4:14-16; ACF.**

Então disse o SENHOR a Moisés: Eis que te tenho posto por deus sobre Faraó, e Arão, teu irmão, será o teu profeta. **Êxodo 7:1**

Essas situações nos mostram que mesmo Moisés sendo apenas uma pessoa (e não três) foi considerado como *Elohim* para Arão, seu irmão, e *Elohim* para Faraó. Isso porque o próprio SENHOR havia designado que assim fosse. Essa designação indica que Moisés estava acima de Arão, mesmo sendo Arão o primogênito, e que Moisés estava acima do próprio Faraó, mesmo

sendo este o imperador do Egito, a nação mais poderosa da Terra naquele tempo. Moisés a todos era superior, era *Elohim* para eles.

Moisés foi colocado por Deus como o homem com maior autoridade na terra, para ser Seu representante, guia, juiz e líder do Seu povo. Tudo isso fez com que ele fosse considerado como *Elohim* sobre todos, a autoridade mais elevada, aquele a quem todos deveriam respeitar e obedecer.

Como já explicado no segundo capítulo, a palavra *Elohim* também é usada para anjos (Sl 82:1; 97:7; 138:1), juízes (Êx 22:8-9) e até para outros deuses (Dagom 1Sm 5:7; Baal 1Re 18:24). Portanto, alegar que seu uso para Deus indica ser Ele um Ser triúno é no mínimo um equívoco.

O que o Senhor fez com Moisés colocando-o como *Elohim* sobre Arão e sobre Faraó foi de certa forma o que o Altíssimo fez com o Seu Filho ao colocá-Lo como mediador entre Ele (o Altíssimo) e a humanidade. Moisés entendeu isso, tanto que afirmou: “*O Senhor teu Deus te levantará um profeta do meio de ti, de teus irmãos, como eu; a ele ouvireis.*” Deut. 18:15; ACF.

Essa profecia evidentemente era uma referência à vinda do Messias muitos anos depois de Moisés. Porém, de certa forma o Altíssimo começou a colocar Seu Filho como *Elohim* desde a entrada do pecado no mundo. Vamos demonstrar isso no relato bíblico de uma forma bem detalhada.

Primeiro é preciso entender que os nossos pecados fazem separação entre nós e Deus, como revelado pelo profeta Isaías (59:2). Sendo assim, não é possível termos uma relação direta com Deus se não por meio de Seu Filho. A Bíblia diz que Deus é invisível (1Tm 1:17; Cl 1:15) e que ninguém jamais viu a Deus (Jo 1:18; 1Jo 4:12).

Porém, como entender as passagens que aparentemente indicam o contrário? Por exemplo, quem apareceu a Abraão? A Isaque, a Jacó? Pois o relato bíblico diz que Deus apareceu a esses patriarcas e a outros personagens mais.³

Quem aparece como Deus nesses relatos é o Filho de Deus e não o Deus Pai. Um fato que nos deixa isso bem compreensível é quando Ele é chamado de “Anjo do SENHOR” no mesmo contexto onde Ele também é chamado de Deus ou de SENHOR.

Vamos entender este mistério no relato de Moisés e a sarça ardente. Note como o Ser que ali aparece é denominado de três formas diferentes (indicadas em negrito abaixo):

Apascentava Moisés o rebanho de Jetro, seu sogro, sacerdote de Midiã; e, levando o rebanho para o lado ocidental do deserto, chegou ao monte de Deus, a Horebe.

Apareceu-lhe o **Anjo do Senhor** numa chama de fogo, no meio de uma sarça; Moisés olhou, e eis que a sarça ardia no fogo e a sarça não se consumia.

Então, disse consigo mesmo: Irei para lá e verei essa grande maravilha; por que a sarça não se queima?

Vendo o **Senhor** que ele se voltava para ver, **Deus**, do meio da sarça, o chamou e disse: Moisés! Moisés! Ele respondeu: Eis-me aqui!

Deus continuou: Não te chegues para cá; tira as sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é terra santa.

Disse mais: **Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó**. Moisés escondeu o rosto, porque temeu olhar para **Deus**. **Êxodo 3:1-6; ARA.**

Como vimos, “Anjo do Senhor”, “Senhor” e “Deus” são as expressões usadas para se referirem ao mesmo Ser. E quem seria Ele? O Pai ou o Filho? Vamos continuar estudando a Bíblia para compreendermos. Quando nos adiantamos um pouco mais no relato de Êxodo descobrimos algo importantíssimo para entendermos quem é quem no relato inspirado.

Quando o Senhor chama Moisés para subir no Monte Sinai e lhe passar instruções sobre como deveria proceder com o povo, muitos não notam, mas podemos perceber um detalhe decisivo:

E subiu Moisés a Deus, e o Senhor o chamou do monte, dizendo: Assim falarás à casa de Jacó, e anunciarás aos filhos de Israel:

A suplantação do mistério

Vós tendes visto o que fiz aos egípcios, como vos levei sobre asas de águias, e vos trouxe a mim;

Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, então sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos, porque toda a terra é minha.

E vós me sereis um reino sacerdotal e o povo santo. Estas são as palavras que falarás aos filhos de Israel.

E veio Moisés, e chamou os anciãos do povo, e expôs diante deles todas estas palavras, que o Senhor lhe tinha ordenado.

Então todo o povo respondeu a uma voz, e disse: Tudo o que o Senhor tem falado, faremos. E relatou Moisés ao Senhor as palavras do povo.

E disse o Senhor a Moisés: Eis que eu virei a ti numa nuvem espessa, para que o povo ouça, falando eu contigo, e para que também te creiam eternamente. Porque Moisés tinha anunciado as palavras do seu povo ao Senhor.

Disse também o Senhor a Moisés: Vai ao povo, e santifica-os hoje e amanhã, e lavem eles as suas roupas, e estejam prontos para o terceiro dia; porquanto no terceiro dia o Senhor descera diante dos olhos de todo o povo sobre o monte Sinai. **Êxodo 19:3-11; ACF.**

Você percebeu que nesse relato aparece o Filho e o Pai? Não! Então leia novamente o relato e preste bastante atenção. Se quiser pode ler também na sua Bíblia, seja em qual versão ou tradução for. Nos dois últimos versos (Êx 19:10-11) é onde aparece dois Seres que são chamados de “Senhor”. Um está falando sobre a vinda do Outro no terceiro dia.

Muitos poderiam argumentar que se trata do mesmo Ser. Algumas questões, no entanto, nos ajudam a perceber se o texto fala do mesmo Ser ou de dois. Se o “Senhor” está falando de Sua própria volta ao Monte Sinai no terceiro dia por que nesse dia o povo podia ficar com as roupas sujas e deveria lavá-las somente para o terceiro dia? Por que o perímetro do Monte deveria ser isolado para que ninguém tocasse no Monte somente a partir do terceiro dia (Êx 19:12, 13)? Por que deveriam se abster de relações sexuais somente para o terceiro dia (Êx 19:15)?

Essas perguntas nos ajudam a refletir e entender que o Ser que apareceu a Moisés desde a ocorrência da sarça ardente relatada no capítulo 3 de Êxodo, e durante toda a permanência com o povo desde a saída do Egito até o Monte Sinai era um Ser, e o que desceria após o terceiro dia desde que este Ser passou as instruções para Moisés era outro Ser. Sua presença exigia um preparo mais detalhado e uma maior consagração.

Esse detalhe fica mais claro quando vemos esse mesmo relato na Bíblia King James Atualizada. Note como os dois Seres são denominados nessa Bíblia:

E o SENHOR disse mais a Moisés: “Vai ao povo e orienta-o a consagrar-se hoje e amanhã; lavem as suas vestes, estejam prontos depois de amanhã, porque depois de amanhã *Yahweh* descerá aos olhos de todas as pessoas sobre o monte Sinai.⁴

Podemos notar que nessa Bíblia a distinção entre as pessoas é clara. O “Senhor”, o Filho do Deus eterno, que também é chamado de “Anjo do Senhor” e “Deus” é quem instrui a Moisés para este instruir o povo sobre a vinda de *Yahweh* para a entrega da lei, que ocorre no capítulo seguinte.

Agora fica fácil entendermos que quem apareceu a Abraão, Isaque, Jacó e outros mais não foi o Deus Pai, mas Seu Filho que também é chamado no relato bíblico de Deus. Podemos entender que assim como o Filho de Deus colocou Moisés como “Deus” (*Elohim*) sobre Arão e Faraó, o Deus Pai, o Altíssimo e Soberano do universo colocou Seu próprio Filho como Deus sobre todos. No entanto, o Filho de Deus é um com Ele desde a eternidade, tendo a natureza divina por nascimento, diferente de Moisés ou qualquer outro que possa ser chamado de Deus.

Outro relato que nos ajuda a entender essa distinção entre Deus Pai e o Seu Filho pode ser notado um pouco mais adiante no relato de Êxodo. Num mesmo capítulo podemos notar que Moisés falava “face a face” com o Senhor, e um pouco mais adiante, no

mesmo capítulo, Moisés pede para ver a face do Senhor, mas ouve dEle que isso era impossível. Vejamos:

Disse o Senhor a Moisés: Vai, sobe daqui, tu e o povo que tiraste da terra do Egito, para a terra a respeito da qual jurei a Abraão, a Isaque e a Jacó, dizendo: à tua descendência a darei.

Enviarei o Anjo adiante de ti; lançarei fora os cananeus, os amorreus, os heteus, os ferezeus, os heveus e os jebuseus.

Sobe para uma terra que mana leite e mel; eu não subirei no meio de ti, porque és povo de dura cerviz, para que te não consuma eu no caminho.

Ouvindo o povo estas más notícias, pôs-se a prantear, e nenhum deles vestiu seus atavios.

Porquanto o Senhor tinha dito a Moisés: Dize aos filhos de Israel: És povo de dura cerviz; se por um momento eu subir no meio de ti, te consumirei; tira, pois, de ti os atavios, para que eu saiba o que te hei de fazer.

Então, os filhos de Israel tiraram de si os seus atavios desde o monte Horebe em diante. [...]

Falava o Senhor a Moisés face a face, como qualquer fala a seu amigo; então, voltava Moisés para o arraial, porém o moço Josué, seu servidor, filho de Num, não se apartava da tenda.

Êxodo 33:1-6, 11; ARA.

Nesse relato podemos notar que Deus não poderia levar o povo à terra prometida porque ele era um povo muito rebelde, mas que enviaria um Anjo para guia-los até à terra prometida. Como já demonstramos outras vezes esse “Anjo” é o próprio Filho de Deus, Seu Mensageiro. A nota de rodapé da Bíblia King James Atualizada detalha esse trecho de Êxodo 33:1-6 de forma magistral, vejamos o que é explicado nessa Bíblia:

A presença pessoal de *Yahweh*, antes assegurada ao seu povo (32.21), agora é temporariamente retirada por causa do pecado; aliás, é basicamente isso que qualquer pecado faz: nos afasta do Senhor, e não precisa mais nada para estarmos perdidos. Israel, como nós, era um povo teimoso e obstinado para fazer o mal (32.9). Contudo, vemos no Anjo, claramente, a presença de Jesus Cristo, que nos reconciliou com Deus, aplacando sua ira contra um povo dominado pelo maligno (Ef 2:14-22). Porquanto, para

qualquer ser humano (pecador) enfrentar a Deus seria o próprio extermínio imediato e eterno (Hc 1.13). Por isso *Yahweh* a si mesmo manifestou-se por meio de seu Filho, o Cristo (Messias), a expressão exata do Seu Ser, que nos ofereceu como irmão mais velho e mestre para sempre (Hb 1.3 e 2.10-13).⁵

Essa nota é muito elucidativa, não necessitando que mais comentários sejam feitos para que se entenda que o relato está falando de Deus Pai e de Seu Filho unigênito. Porém, quero colocar em contraste alguns versos desse capítulo para entendermos melhor a distinção entre ambos (Pai e Filho):

Falava o Senhor a Moisés face a face, como qualquer fala a seu amigo; [...] **Êxodo 33:11 p.p.; ARA.**

Disse o Senhor a Moisés: Farei também isto que disseste; porque achaste graça aos meus olhos, e eu te conheço pelo teu nome.

Então, ele disse: Rogo-te que me mostres a tua glória.

Respondeu-lhe: Farei passar toda a minha bondade diante de ti e te proclamarei o nome do Senhor; terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia e me compadecerei de quem eu me compadecer. E acrescentou: Não me poderás ver a face, porquanto homem nenhum verá a minha face e viverá.

Disse mais o Senhor: Eis aqui um lugar junto a mim; e tu estarás sobre a penha. Quando passar a minha glória, eu te porei numa fenda da penha e com a mão te cobrirei, até que eu tenha passado. Depois, em tirando eu a mão, tu me verás pelas costas; mas a minha face não se verá. **Êxodo 33:17-23; ARA.**

Como entender que Moisés falava “face a face” com o Senhor como qualquer pessoa fala com seu amigo e depois o Senhor dizer-lhe que não poderia ver Sua face? Notamos aqui que os relatos estão falando de Seres diferentes. No primeiro vemos a relação de Moisés com o Filho de Deus, que também era chamado de *Senhor*, de *Deus* e de *Anjo do Senhor* (Êx 3:1-6), com quem Moisés falava “face a face”. Já no segundo relato do mesmo capítulo identificamos o Deus Altíssimo, o Pai, que ninguém nunca viu nem pode ver (Jo 1:18; 1Jo 4:12), nem mesmo Moisés.

No quarto capítulo já expliquei inclusive a designação do “Anjo do Senhor” que aparece em Êxodo 23:20-23 e muitos outros aspectos referentes ao Pai e ao Filho como sendo os Seres pertencentes a Divindade celeste e criadora, e não uma *Trindade* como aceito e ensinado por muitos.

Quero nesse capítulo final demonstrar por meio de mais alguns textos essa importante verdade sobre Deus. Como vimos há pouco sobre o preparo para a descida de *Yahweh* sobre o monte Sinai para a entrega da Lei ao povo por meio de Moisés, logo no primeiro mandamento lemos o seguinte:

“Eu sou *Yahweh*, o SENHOR, teu Deus, que te fez sair da terra do Egito, da casa da escravidão! Não terás outros deuses além de mim.” **Êxodo 20:2, 3; KJA.**

É interessante notarmos que Ele não disse “além de nós” ou “diante de nós” como indicando uma trindade de seres divinos, mas “além de mim” como indicando uma única pessoa. Se Deus fosse triúno Ele teria escrito no primeiro mandamento: “Não terás outros deuses diante de nós”, semelhante ao que Ele disse na criação: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme nossa semelhança” (Gn 1:26). Mas, como já foi citado em referências anteriores, na criação era o Pai falando com o Filho.

Os defensores da doutrina trinitária parecem não enxergar esses detalhes tão simples. E eu digo isso porque também já estive nessa condição quando era um trinitariano. Nossa visão fica limitada apenas aos conceitos deturpados que aprendemos.

Mas somente esse Deus único e onipotente pode desvendar nossos olhos para que consigamos contemplar as maravilhas da Sua Lei (Sl 119:18) escrita com Seu próprio dedo em tábuas de pedra (Êx 31:18). Sem que um verdadeiro milagre aconteça em nossa visão humana, sem uma cura de nossa cegueira espiritual, sem o colírio para que enxerguemos nossa condição de pobre, cego e nu para sermos curados (Ap 3:18), jamais conseguiríamos

compreender a verdade sobre esse Deus único e onipotente e Seu divino Filho unigênito.

Por isso muitos estão indo para o abismo, crendo que estão indo para o céu. Muitos cegos, sendo guiados por outros cegos (Mt 15:14). Mas o que me motiva a escrever esse livro é saber que assim como eu era cego, e agora vejo, assim também o mesmo pode acontecer com você, caro leitor!

Para isso me empenho para demonstrar, pela revelação das Escrituras, que Deus não é uma entidade triúna. Essa ideia desenvolvida ao longo de milênios na história da humanidade, como procurei demonstrar neste livro, não passa de um estratagema de Satanás para usurpar a adoração devida ao Pai e ao Filho, os únicos dignos de serem adorados (1Jo 1:3; Ap 5:13; 7:10 etc.).

Desafio a qualquer leitor, mesmo que seja um sacerdote católico ou pastor evangélico, mestre ou doutor em teologia, que me indique um único verso que seja onde nos instrui a adorar o Espírito Santo como um terceiro Ser dentro de uma Trindade. Tal verso não existe nas Escrituras, muito menos algum que sugira orar ao Espírito Santo, como confessou alguns doutores em teologia num livro Adventista chamado *A Trindade*.⁶

A Bíblia revela essa intenção de Satanás (Is 14:12-15) de querer ser semelhante ao Altíssimo. E pudemos confirmar como ele em grande medida conseguiu isso ao se passar pelo Espírito Santo, como vimos no capítulo anterior na citação da Sra. Helena Petrovna Blavatsky, da Teosofia.

Diante dessas coisas muitos acreditam que a *Trindade* do Cristianismo é a correta, sendo todas as demais uma espécie de falsificação para enganar. Citam por exemplo, o texto de Ap 16:13 onde aparecem o dragão, a besta e o falso profeta, apontado como a suposta trindade do diabo, sendo a do cristianismo a verdadeira.

Seria essa comparação correta? Ou seria a tríade de Ap 16:13 apenas mais uma das muitas trindades utilizadas pelo diabo para enganar, assim como a do cristianismo? As respostas para

nossas perguntas precisam ser obtidas nas Escrituras, não em meras comparações teológicas tendenciosas.

Se a trindade de Ap 16:13 é a do diabo, qual texto do mesmo livro, o Apocalipse, que revela a *Trindade* celestial? Desafio mais uma vez a qualquer indivíduo, a indicar um texto que comprove tal teoria. Pelo contrário, vários textos no Apocalipse (Ap 1:1; 5:13; 6:16; 7:10; 11:15; 12:10 e 17; 14:1, 4, 10; 20:6; 21:22-23; 22:1 e 3), bem como em todas as demais Escrituras, nos revelam Deus e o Cordeiro, e não uma *Trindade*.

Algumas diferenças entre conceitos trinitários existem, isso é um fato, mas a grande verdade é que praticamente todas as ideias trinitárias tiveram origem na mesma fonte, na mente daquele que além do Pai e do Filho almejou ser adorado como Eles, e esse ser foi Lúcifer, que depois se transformou em diabo, Satanás (Ap 12:9).

Uma diferença que podemos notar entre os conceitos trinitários vigentes deve-se ao fato de uma delas não negar que Jesus seja o Filho de Deus, e outra negar que Ele seja o Filho literal de Deus. Vamos demonstrar isso com algumas citações.

O catolicismo admite que Jesus é de fato Filho de Deus⁷, apesar de erroneamente considera-lo a 2ª Pessoa da *Trindade*. Já a *Trindade* da teologia Adventista, além de considerar Jesus como a segunda pessoa da *Trindade*, nega que Jesus seja Filho literal de Deus, considerando isso apenas algo metafórico.⁸

Não bastasse os muitos versos da Bíblia que fazem referência ao Filho de Deus⁹, um outro texto bíblico controverso aparece assim em algumas versões católicas: “*Você é príncipe desde o dia do seu nascimento, entre esplendores sagrados. Eu mesmo o gerei, como orvalho, antes da aurora.*” Sl 109:3; EP. “*No dia de teu nascimento, já possuis a realeza no esplendor da santidade; semelhante ao orvalho, eu te gerei antes da aurora.*” Sl 109:3; AM.

Qual seria a razão pela qual esse verso está escrito de forma totalmente diferente nas demais Bíblias? Nas traduções de João Ferreira de Almeida está assim: “*O teu povo será mui voluntário no dia do teu poder; nos ornamentos de santidade, desde a madre da alva, tu tens o orvalho da tua mocidade.*” Sl 110:3; ACF. Ou “*O teu povo se apresentará voluntariamente no dia do teu poder, com santos ornamentos; como vindo do próprio seio da alva, será o orvalho da tua mocidade.*” Sl 110:3; ARC. Ou ainda: “*Apresentar-se-á voluntariamente o teu povo, no dia do teu poder; com santos ornamentos, como o orvalho emergindo da aurora, serão os teus jovens.*” Sl 110:3; ARA.

Uma pesquisa em outras Bíblias pode ser feita e vai-se constatar a mesma linha de pensamento. Por exemplo, na Bíblia KJV-1611 diz o seguinte (já traduzido): “*Teu povo estará bem-disposto no dia do Teu poder, na beleza da santidade, desde o ventre da manhã (ou desde o nascimento da manhã): Tu tens o orvalho da juventude*”. A KJA traz o mesmo verso assim: “*Teu povo se apresentará generoso, no dia da convocação. Nos montes santos, mais numerosos do que gotas de orvalho no seio da aurora, tu terás teus exércitos de jovens santos!*” E a Bíblia KJV em português traz assim Sl 110:3 “*Teu povo estará se voluntariando no dia do teu poder, nas belezas da santidade desde o útero da manhã; tu tens o orvalho da tua juventude.*”

Qual é o correto? Como podemos definir qual Bíblia, pelo menos nesse verso, traduziu corretamente Salmo 110:3? A que diz que Jesus foi gerado do seio do Pai antes da aurora, ou as outras que não aplicam o verso a Cristo?

Essa pergunta não é tão fácil de ser respondida, principalmente por alguém que, como eu, não conhece as línguas antigas (grego e hebraico). No entanto, podemos consultar quem as conhecia e traduziu.

Existe duas vertentes mas as referências que usarei para respondê-la são as mesmas que indicam que esse texto do Salmo

messiânico 110 está falando do nascimento do Filho de Deus antes da aurora, ou seja, antes de tudo que depois passou a existir.

Os primeiros escritores cristãos, também chamados de pais da Igreja (de forma errônea, porque não podemos chamar ninguém de nosso pai como ordenou Jesus em Mt 23:9), quando escreveram seus livros e fizeram citações da Bíblia usaram obviamente as Bíblias que existiam em seu tempo, sendo, portanto, exemplares das Escrituras mais antigos e com menos problemas de tradução ou vícios de copistas.

Um desses escritores, Eusébio de Cesareia, cita o Salmo 110:3 (que nas Bíblias católicas é o 109:3) da seguinte forma:

Em outra passagem, o mesmo Davi ainda revela algo a respeito de Cristo, com estas palavras: “*Oráculo do Senhor ao meu senhor: Senta-te à minha direita, até que eu ponha teus inimigos como escabelo dos teus pés*” (Sl 109,1). E: “*De meu seio, antes da aurora, eu te gerei. O Senhor jurou e jamais desmentirá: “Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedec”*” (Sl 109,3-4; cf. Hb 7,13).¹⁰

A Bíblia que Eusébio usou no IV séc. para escrever sua *História Eclesiástica* nos ajuda a perceber que o texto messiânico do Sl 110 foi alterado na maioria das Bíblias, sendo mantido de forma correta nas Bíblias católicas EP e AM.

Outro escritor patrístico que citou o texto de Sl 109:3 em alusão ao nascimento de Cristo antes da aurora foi Hilário de Poitiers, que argumenta em seu livro o seguinte:

Dissestes, ó estultos, e dizeis ainda hoje que não sabeis o que significa em Deus *dele, do seio e saí do Pai e vim*. Pergunto se tudo isso foi dito por Deus ou não. Foi dito, com certeza. Como foi dito por Deus, a respeito de si mesmo, é necessário que não se entenda nada diferente do que foi dito. Trataremos destas palavras no seu devido lugar, depois de indicar o sentido de cada uma delas. Enquanto isso, pergunto o que se deve pensar quando se diz *dele*. Acaso entenderás que procede de outro ou do nada, ou que se trata dele mesmo? Não vem de outro porque é *dele*, isto é, não procede de outro, senão de Deus. Não vem do nada porque

vem dele, o que demonstra a natureza da qual vem o nascimento. Não é o mesmo, pois onde está escrito *dele*, o nascimento do Filho é referido ao Pai. Quando, em seguida, se diz do *seio*, pergunto se é possível acreditar que tenha nascido do nada, quando a verdade do nascimento é demonstrada pelo nome de funções corporais. Não é um Deus formado de membros corporais, que, ao rememorar a geração do Filho diz: *Eu te gerei do meu seio antes da aurora* (Sl 109,3). Falou assim para confirmar a fé no nascimento inefável do Filho, nascido da realidade da natureza divina. Falou assim para que a fé pudesse ser compreendida, para instruir a natureza humana, de acordo com a natureza, para a compreensão da fé, para que se aprenda que, quando diz *do seio*, quer dar a entender que não se trata de criação a partir do nada, mas sim do nascimento do seu Unigênito, que procede dele mesmo, segundo a sua natureza. Finalmente, as palavras *saí do Pai e vim* (Jo 16,28) acaso encerram alguma ambiguidade, ou dão a entender que sua divindade procede de algum outro princípio a não ser do Pai? Por sair do Pai, não pode ter, por seu nascimento, outra natureza. Nem pode vir do nada, mas dá testemunho do seu Princípio. Falarei depois de como isso deve ser demonstrado e entendido.¹¹

Temos mais um autor cristão do IV séc. que cita o Sl 109:3 (ou 110:3 nas demais Bíblias) como pode ser visto nas Bíblias católicas EP e AM, referindo-se ao nascimento do Filho de Deus no princípio de tudo, antes da autora. Apesar do livro de Hilário ter sido intitulado *Tratado sobre a Santíssima Trindade* esse título não foi dado por ele. Na verdade, nem se sabe qual o título que Hilário deu a essa obra.¹² Apesar de seu nome, muito de seu conteúdo não se coaduna com o dogma da *Trindade* como o mesmo foi desenvolvido ao logo dos séculos. Sugiro a leitura!

Voltando ao tema da filiação divina daquele que conhecemos como Jesus Cristo, uma importante pergunta que precisamos responder é a seguinte: qual a implicação para a salvação se eu creio que Jesus seja o Filho de Deus ou não?

Uma vez que descobrimos que o dogma da *Trindade* ensina que existem três que são coeternos, e por tudo que estudamos até agora em várias referências podemos concluir que

o Pai é ingênito e o Filho é unigênito, o Pai não teve origem e o Filho é Aquele “*cujas origens são desde os tempos antigos, desde os dias da eternidade*” (Mq 5:2; ARA), tudo isso nos indica mais uma grande incompatibilidade dos conceitos trinitários cristãos com a sólida evidência bíblica.

Mas precisamos responder à pergunta feita acima: qual a implicação para a salvação se eu creio que Jesus seja o Filho de Deus ou não? Muitos textos bíblicos que já citamos neste livro podem nos ajudar a responder essa pergunta. Porém, quero citar apenas dois que dissolvem qualquer névoa de incerteza sobre isso: “*Qualquer que confessar que Jesus é o Filho de Deus, Deus está nele, e ele em Deus.*” (1Jo 4:15). “*Quem é que vence o mundo, senão aquele que crê que Jesus é o Filho de Deus?*” (1Jo 5:5).

Os teólogos adventistas, no entanto, afirmam que o termo “Filho de Deus” aplicado a Cristo é apenas um “título funcional”, como se Jesus estivesse representando uma “função” como Filho, uma espécie de “papal” num teatro, no grande drama da Salvação, denotando apenas uma “subordinação funcional”.¹³

Essa interpretação carece de fundamentação escriturística, podendo ser sustentada apenas por conceitos distorcidos a respeito do Filho de Deus e de Seu Pai. Explicando a simplicidade de se entender o Filho como Filho e o Pai como Pai, sem entender isso como função, papel ou título funcional, Hilário de Poitiers arrazoia da seguinte maneira em sua obra:

O Filho, que é o Caminho, a Verdade e a Vida, não representa comédias como as do teatro, mudando de nome e de aparência, de tal modo que, ao assumir a natureza do homem, fosse chamado Filho de Deus, mas pela natureza fosse Deus Pai, e sendo Um só, fingisse ser outro, pela mudança de personagem. Não é, de modo algum, o mesmo solitário, que ora se apresenta como Filho, ora confessa ser o Pai, usando o nome da natureza, sem que haja natureza. É outra aqui a clareza das palavras. O Pai é o Pai, o Filho é o Filho, e nestes nomes e realidades não existe nada de estranho, nada de novo, nada de diferente.¹⁴

A própria co-fundadora da Igreja Adventista do Sétimo Dia, escritora e profetiza da denominação, em várias de suas obras declara que Jesus é de fato o Filho de Deus. Quero destacar apenas um desses textos no qual Ellen G. White destaca a diferença da filiação de Jesus em relação aos anjos e aos homens. Na revista *The Signs of the Times* (Sinais dos Tempos) do dia 30 de maio de 1885 a profetiza e co-fundadora da IASD disse o seguinte:

Só há uma maneira de escapar para o pecador. Há apenas um meio pelo qual ele pode ser purificado do pecado. Ele deve aceitar a propiciação que foi feita pelo Cordeiro de Deus, que tira os pecados do mundo. O sangue derramado de Cristo nos purifica de todo pecado. “Pois ele o fez pecado por nós, aquele que não conheceu pecado; para que possamos ser feitos justiça de Deus nele.” “Deus o exaltou com sua mão direita para ser Príncipe e Salvador, a fim de dar arrependimento a Israel e perdão de pecados”. Uma oferta completa foi feita; pois “Deus amou o mundo de tal maneira que deu seu Filho unigênito” - não um filho por criação, como eram os anjos, nem um filho por adoção, como é o pecador perdoado, mas um Filho gerado na imagem expressa da pessoa do Pai, e em todo o brilho de sua majestade e glória, um igual a Deus em autoridade, dignidade e perfeição divina. Nele habitava corporalmente toda a plenitude da Divindade.¹⁵

Não se sabe e para a mente finita não é possível entender como foi essa geração do Filho do Eterno Deus. Contudo, por mais que se tente negar essa verdade ela nunca será anulada, mesmo que possa ser obscurecida pelos teólogos adventistas modernos.

O próprio Hilário de Poitiers, que já citamos, fez afirmações muito antes de Ellen G. White que parecem denotar concordância entre ambos quanto à diferença da filiação de Jesus, não uma filiação simbólica, mas sim literal. Vejamos algumas dessas citações de Hilário semelhantes à de Ellen G. White:

O Senhor dissera: *Glorifica teu Filho*. Declarara ser Filho, não só pelo nome, mas também pela natureza, ao dizer *teu*, pois nós, que somos muitos, somos filhos de Deus, mas não como este Filho.

A suplantação do mistério

Este é o verdadeiro e próprio Filho, pela origem, não por adoção nem pelo nome; pela natividade, não por criação.¹⁶

Cesse este discurso temerário e, deste ponto ao qual chegamos, por causa da necessidade de demonstrar a insensatez dos hereges, retornemos à explicação da verdade, a fim de que os que ainda podem salvar-se sigam o caminho do ensinamento evangélico e apostólico, para chegar à verdadeira fé e para entender que o verdadeiro Filho de Deus não é filho por adoção, mas por natureza. Convém que seja esta a ordem da nossa resposta: que primeiro ensinemos que é Filho de Deus e que a natureza divina, pela qual é Filho, está nele de modo absoluto, pois a heresia de que agora tratamos faz tudo para negar que nosso Senhor Jesus Cristo seja verdadeiramente Filho de Deus. De muitos modos é conhecido que nosso Senhor Jesus Cristo é verdadeiramente o Filho Unigênito e assim é proclamado. O Pai atesta, Ele mesmo afirma, os Apóstolos ensinam, os fiéis creem, os demônios confessam, os judeus negam, os gentios reconhecem na Paixão. O que a fé proclama não se deve ao fato de ter-lhe sido dado um nome, como a outros. Tudo o que Cristo Senhor fez e ensinou supera em muito o que pode ser feito pelos que são chamados de filhos, e, de tudo o que é atribuído a Cristo, se ensina que o principal é isto: Ele é Filho de Deus. Portanto, o nome de Filho não lhe foi atribuído pelo mesmo motivo que a todos os outros, como se partilhassem a mesma condição.¹⁷

Pela ordem escolhida para nossa resposta, é aqui o lugar oportuno para, pela terceira vez, ensinarmos que Jesus Cristo, Nosso Senhor, é Filho de Deus, não pelo nome, mas pela natureza, não por adoção, mas pelo nascimento, como creem os apóstolos. Embora ainda existam muitas e excelentes confissões do Unigênito de Deus sobre si mesmo, que atestam, sem a menor sombra de erro mentiroso, a verdade de sua geração, para que não seja onerosa para o leitor a quantidade das citações, e como muito já se disse sobre a natureza da natividade, outras questões ficam para depois. Agora, como foi estabelecida pela ordem de nosso discurso, convém que, depois da atestação do Pai e da profissão do Filho, também aprendamos, pela fé dos Apóstolos, a confessar o verdadeiro Filho de Deus pelo nascimento. Vejamos se, pelo que o Senhor diz: Saí de Deus, pode-se entender outra coisa a não ser a natureza da natividade.¹⁸

Essas três citações de Hilário sobre a filiação divina de Jesus de Nazaré demonstram que, semelhante ao que Ellen G. White disse quinze séculos depois, Jesus não é um filho por adoção, como os pecadores regenerados, nem um filho por criação, como são os anjos, mas um filho por nascimento, por geração, tendo saído diretamente do Deus Supremo e Soberano do Universo. Como isso aconteceu? Quem sou eu para dizer! Assim como não somos nada para explicar como Ele nasceu do ventre da pura e virgem moça que concebeu sem a necessidade de espermatozoides. Deus é Deus, o Seu poder e as coisas que Ele fez e faz são elevadas demais para a mente finita. O que nos cabe é apenas crer, mesmo assim com Sua ajuda e influência por meio de Seu Espírito Santo ao testificar em nossa mente essas verdades.

O que todo esse *mistério* debatido no passado e no presente tem a ver com nosso futuro? É a sua e a minha salvação que está em jogo. Porque, como a Bíblia diz: “*E o testemunho é este: que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está em Seu Filho. Quem tem o Filho tem a vida; quem não tem o Filho de Deus não tem a vida.*” (1Jo 5:11-12). E também “*Qualquer que confessar que Jesus é o Filho de Deus, Deus está nele, e ele em Deus.*” (1Jo 4:15). Lamentável que os teólogos da Igreja Adventista do Sétimo Dia, de forma sutil, porém aberta e audaz, estejam negando essa verdade!

Como conciliar ensinamentos tão contraditórios? Ao mesmo tempo que a maioria das religiões advogam uma doutrina trinitária, outros ensinamentos as distinguem uma da outra. No entanto, a despeito das diferenças, até mesmo na variação de compreensão do “deus triúno” deles, todas as religiões têm buscado uma conciliação e relação de camaradagem.

Essa relação é chamada de Ecumenismo. Apesar de percebermos seus esforços de união em nossos dias, essa ideia é antiga e, como já vimos nos dois últimos capítulos, teve seus primórdios com o imperador Constantino e o primeiro concílio ecumênico que ele convocou (o de Nicéia 325 d. C.).

De lá para cá, com a supremacia de Roma imperial e papal, passando pela Reforma Protestante e o surgimento de milhares de outras religiões que se intitulam cristãs, podemos notar que a busca por uma unidade tem se demonstrado mais difícil que no tempo de Constantino.

Essa dificuldade, no entanto, tem sido gradativamente superada com os esforços de várias lideranças religiosas, sendo a mais poderosa e influente delas a chamada Santa Sé, que inclusive determina quem está apto a participar do movimento ecumênico moderno como veremos em seguida.

Durante seu pontificado, João Paulo II manifestou como cria ser ele responsável como principal promotor da unidade entre os cristãos. Em sua encíclica *Ut Unum Sint* ele expressa tanto seu empenho, quanto as condições para promover o ecumenismo:

Eu mesmo tenciono *promover todo e qualquer passo útil* a fim de que o testemunho da Comunidade Católica inteira possa ser compreendido em toda sua pureza e coerência, sobretudo na perspectiva daquele encontro que espera a Igreja no limiar do novo Milênio, hora excepcional em vista da qual ela pede ao Senhor que a unidade entre todos os cristãos cresça até chegar à plena comunhão.¹⁹

E como João Paulo II trabalhou pela união, não somente de cristãos, mas de todos os demais religiosos do mundo. Seus esforços nesse sentido foram amplos e suas conquistas notórias. Provando sua posição nessa empreitada global, ele ainda disse:

4. Este é um preciso compromisso do Bispo de Roma enquanto sucessor do apóstolo Pedro. Desempenho-o com a profunda convicção de obedecer ao Senhor e com a plena consciência da minha fragilidade humana. [...] Na nossa época ecumênica, caracterizada pelo Concílio Vaticano II, a missão do Bispo de Roma visa particularmente lembrar a exigência da plena comunhão dos discípulos de Cristo.²⁰

Como vimos, cabe ao Bispo de Roma, seja ele quem for, trabalhar pela causa ecumênica. Vimos também na nota acima,

que a “época ecumênica” se configurou e iniciou quando das proposições do Concílio Vaticano II. Nesse concílio, realizado entre 11 de outubro de 1962 e 8 de dezembro de 1965, entre os decretos emitidos estava o *Unitatis Redintegratio* (sobre o ecumenismo) onde a Igreja Católica determinou as diretrizes para a participação nesse projeto de união das religiões.²¹

Vejam algo que se destaca nesse decreto:

1. Promover a restauração da unidade entre todos os cristãos é um dos principais objetivos do Concílio Ecumênico Vaticano II. Embora a Igreja tenha sido fundada por Cristo como única, diversas comunhões cristãs se propõem hoje como a verdadeira herança de Jesus Cristo. Todos se dizem discípulos do Senhor, mas têm sentimentos diversos e seguem caminhos diferentes, como se o próprio Cristo estivesse dividido. Essas divisões, evidentemente, contrariam a vontade de Cristo, são um escândalo para o mundo e prejudicam enormemente a pregação do Evangelho a toda a criatura.

Sábria e pacientemente, o Senhor dos séculos persegue os objetivos de sua graça. Ultimamente começou a provocar com maior intensidade, entre os cristãos separados, a dor espiritual pelas separações e o ardente desejo de se unirem. Um número cada vez maior de pessoas foi tocado por esta graça. Surgiu assim, entre os irmãos separados, por inspiração do Espírito Santo, um movimento em favor da restauração da unidade entre todos os cristãos. **Desse movimento em prol da unidade, denominado ecumênico, participam todos que invocam Deus Trino e confessam que Jesus é Senhor e Salvador, não só de cada um de nós em separado, mas das comunidades em que estamos reunidos, em que se ouve o Evangelho, nossa Igreja e a Deus.** Embora de maneiras diversas, quase todos aspiram a uma Igreja una, visível, universal de fato, enviada a todo mundo, para que o mundo se converta ao Evangelho e assim seja salvo, para glória de Deus.

Alegrando-se com tudo isso, o Concílio, depois de declarar a doutrina sobre a Igreja, movido pelo desejo de restaurar a unidade entre todos os discípulos de Cristo, decidiu propor, a todos os católicos, subsídios, caminhos e maneiras de agir para que também eles, por vocação divina, possam corresponder a essa graça.²²

De forma direta, como destaquei no texto em negrito, para participar do movimento ecumênico é preciso invocar o Deus Trino e confessar a Cristo como Senhor e Salvador. João Paulo II repete parte desse decreto emitido pelo Papa Paulo VI em sua encíclica *Ut Unum Sint* da seguinte forma:

Este movimento de unidade é chamado ecumênico. Participam dele os que invocam Deus Trino e confessam a Cristo como Senhor e Salvador, não só individualmente, mas também reunidos em assembleias.²³

Na última parte onde Paulo VI fala da conversão do mundo ele se equivoca, pois, o evangelho será pregado em todo mundo, mas nem todos se converterão. A Bíblia não diz que o mundo inteiro se converterá, mas sim que pequena minoria estará do lado da verdade e se salvará (Mt 7:13 e 14; Lc 13:23-30).

Observando alguns pontos da Encíclica *Ut Unum Sint* é interessante ver como o polonês Karol Józef Wojtyła, que depois se tornou o papa João Paulo II, de forma sutil evocou como Bispo de Roma as palavras de Cristo sobre a necessidade de união dos discípulos, tanto daqueles tempos, como dos atuais. Vejamos como ele fez isso em sua encíclica *Ut Unum Sint*:

6. A vontade de Deus é a unidade de toda a humanidade dispersa. Por este motivo, enviou o seu Filho a fim de que, morrendo e ressuscitando por nós, nos desse o seu Espírito de amor. Na véspera do sacrifício da Cruz, Jesus mesmo pede ao Pai pelos seus discípulos e por todos os que acreditarem n'Ele, para que sejam um só, uma comunhão viva. Daqui deriva o dever e a responsabilidade que incumbe, diante de Deus e do seu desígnio, sobre aqueles e aquelas que, através do Batismo, se tornam o Corpo de Cristo: Corpo no qual se deve realizar em plenitude a reconciliação e a comunhão. Como é possível permanecer divididos, se, pelo Batismo, fomos «imersos» na morte do Senhor, ou seja, naquele mesmo ato pelo qual Deus, através do seu Filho, abateu os muros da divisão? A «divisão contradiz abertamente a vontade de Cristo, e é escândalo para o mundo, como também

prejudica a santíssima causa da pregação do Evangelho a toda a criatura». ²⁴

Ou João Paulo II e quem nele acredita não leram a Bíblia direito, ou estão se fazendo de desentendidos para querer unir todas as religiões sob falsos princípios, tais como o da *Trindade*. O Senhor Jesus Cristo não disse somente que desejava a união dos discípulos, mas disse também que veio “*pôr em dissensão o homem contra seu pai, e a filha contra sua mãe, e a nora contra sua sogra ...*” Mt 10:35; ACF.

Outro detalhe também é que no mesmo capítulo onde aparece a oração de Jesus pela união dos discípulos (João 17:21) Jesus indica quem é o Deus verdadeiro:

Jesus falou assim e, levantando seus olhos ao céu, e disse: Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que também o teu Filho te glorifique a ti; assim como lhe deste poder sobre toda a carne, para que dê a vida eterna a todos quantos lhe deste. E a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste. **João 17:1-3; ACF.**

Outro detalhe interessante é que JP II evoca o batismo como cerimônia que une todos no “Corpo de Cristo” e que por isso é um escândalo para o mundo e prejuízo para a pregação do Evangelho os cristãos das várias religiões estarem desunidos. O batismo, porém, ao qual ele se refere não é o batismo correto, como demonstrado no capítulo quatro deste livro, o batismo em nome de Jesus (At 2:38; 8:16; 10:48; 19:4 e 5), mas o batismo criado por Roma e introduzido maliciosamente no evangelho de Mateus (Mt 28:19), como já referenciado no capítulo quatro.

De fato, essa é a união pela qual o movimento ecumênico trabalha arduamente: a união de todos os cristãos adorando um Deus Trino, sendo batizados em nome desse Deus Trino, e não adorando ao Deus verdadeiro e ao Cordeiro, sendo batizados em nome de Jesus Cristo.

O CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS estabeleceu o *Diretório para a Aplicação dos Princípios e Normas Sobre o Ecumenismo* que como o nome diz estabelece as normas para se participar do movimento ecumênico. Nesse livro é dito que:

Com todas as suas exigências humanas e morais, o ecumenismo está de tal modo enraizado na ação misteriosa da providência do Pai, pelo Filho e no Espírito Santo, que atinge as profundezas da espiritualidade cristã.²⁵

Essa *ação misteriosa* na qual a *Trindade* está envolvida, segundo declara esse documento, é onde o ecumenismo está enraizado. Dessa forma compete às entidades participantes do ecumenismo entender que

O batismo é conferido com água e a fórmula que indica batizar em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Por isso, é da maior importância, para todos os discípulos de Cristo, que o batismo seja ministrado dessa maneira por todos e que as diferentes Igrejas e Comunidades Eclesiais cheguem, tanto quanto possível, a um acordo sobre o seu significado e a sua celebração válida.²⁶

Que como já vimos, sua celebração válida para o catolicismo é segundo a fórmula trinitária. Em outro livro católico sobre o ecumenismo percebemos essa condição (batismo trinitário) claramente. Utilizando de forma que soa até jocoza a frase de Jesus em João 10:16, *E haverá um só rebanho* é um livro que faz eco às diretrizes do catolicismo para a participação desse grande rebanho ecumênico como estabelecidas no *Diretório para a Aplicação dos Princípios e Normas Sobre o Ecumenismo*.

Como declarado por João Paulo II no decreto *Unitatis Redintegratio* e ratificado na Encíclica *Ut Unum Sint*, Jesús Hortal reforça e destaca o ponto de união que vincula os cristãos no movimento ecumênico, o batismo trinitário. Veja o que ele diz no livro *E haverá um só rebanho* sobre isso, citando o *Diretório*:

*Quanto à matéria e à forma, dever-se afirmar que o batismo por imersão ou infusão, junto com a fórmula trinitária, é, de per si, válido. Por isso, se os livros litúrgicos ou os costumes de uma Igreja ou comunidade eclesial prescrevem um desses modos de batizar, o sacramento deve ser considerado válido, a não ser que apareça evidentemente que o ministro não observou as regras da própria Igreja ou comunidade. Daí que seja suficiente, normalmente como prova, a certidão emitida pela mesma Igreja ou comunidade.*²⁷

Dessa forma, as igrejas que batizam, seja por imersão ou infusão, mas usando a fórmula trinitária (criada em Roma), ou seja, as que praticam o batismo criado pela Igreja Católica Romana, estão aptas a serem participantes desse grande rebanho.

Algumas dessas religiões são citadas por se enquadrarem nessa diretriz, entre elas estão as Igrejas Orientais, Igrejas veterocatólicas, Igreja Episcopal anglicana; Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB); Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB); Igreja Metodista; Igrejas presbiterianas; batistas; congregacionais; adventistas; pentecostais etc.^{28 e 29}

Caso os membros das igrejas citadas acima troquem de religião, até mesmo se forem para a Igreja Católica, não necessitam de serem rebatizados, pois seu batismo é “válido”, segundo as diretrizes ecumênicas já citadas. Esse grande rebanho está unido num batismo falso, que os apóstolos não praticaram.

Outras igrejas são mencionadas como não tendo o batismo válido, entre elas estão algumas “Igrejas pentecostais que utilizam a fórmula ‘eu te batismo em nome do Senhor Jesus’, como a Igreja Pentecostal Unida do Brasil.”^{30 e 31}

Toda essa informação nos deixa algo muito bem claro: as religiões estão se unindo sob uma falsa adoração e um falso batismo. Pudemos perceber ao longo da história que o verdadeiro mistério soi suplantado por um falso. Mas agora chegou a hora do falso ser finalmente suplantado pelo verdadeiro e de a verdade ser exposta como que à luz do sol ao meio dia:

A suplantação do mistério

Porque, ainda que haja também alguns que se chamem deuses, quer no céu quer na terra (como há muitos deuses e muitos senhores), todavia para nós há um só Deus, o Pai, de quem é tudo e para quem nós vivemos; e um só Senhor, Jesus Cristo, pelo qual são todas as coisas, e nós por ele. **1 Coríntios 8:5,6; ACF.**

A verdade não fica nem ficará escondida. Como profetizado em Ap 18 a terra será iluminada com a luz e glória da verdade. E a grande Babilônia, o grande e falso sistema de culto, que tem se erguido de forma imponente sofrerá queda brutal e fatídica, quedando com ele os que se apegam ao seu falso sistema de crenças e tradições.

Em sua encíclica ecológica *Laudato Si'* o Papa Francisco coloca em evidência as duas criações do catolicismo (o domingo³² e a Trindade³³) como imprescindíveis na luta por um mundo melhor. Porém, o mundo ideal de Francisco (Bergoglio) exclui o Deus verdadeiro e o correto dia de descanso.

A contrafação se parece de tal forma com a verdade, e tudo isso só foi possível, como vimos, com algumas adaptações a alguns textos bíblicos. Essas manobras, no entanto, não são capazes de obscurecer totalmente a verdade. Também, na Bíblia temos no início, meio e fim (Dt 4:2; Pv 30:5 e 6 e Ap 22:18 e 19) sérias advertências contra os que alteram as Escrituras para ensinar o erro como se fosse verdade.

Tudo que precisa ser já tem sido esclarecido no tocante a esse *mistério* sobre Deus, a saber: que Deus é um, o Pai e não uma Trindade; que o batismo é em nome de Jesus Cristo, Aquele que por nós morreu, e não em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo (criado posteriormente por Roma); e que o dia de descanso é o sábado e não o domingo.

Não obstante à quantidade de Religiões ou pessoas que estejam fazendo o errado pensando que está certo, isso não o torna certo. E a Bíblia diz que *“Há um caminho que ao homem parece direito, mas o fim dele são os caminhos da morte.”* Pv 14:12. Por

qual caminho você está andando? Por um que vai te levar onde você não quer chegar?

Muito já foi dito, escrito e lido, e ainda poderá ser posteriormente, a despeito do que poderá ser compreendido ou não. Mas o que importa, como declarou o apóstolo Paulo, é obter o verdadeiro conhecimento de Deus:

Porque quero que saibais a luta tão dura que tenho por vós, pelos que estão em Laodicéia e por todos os que nunca me viram pessoalmente, para que sejam consolados seus corações, unidos em amor, até alcançar todas as riquezas da plena certeza da compreensão, a fim de conhecer bem o mistério de Deus, o Pai, e de Cristo, em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento. **Cl 2:1-3; RVR.**

E foi a isso que me propus ao escrever este livro que você acaba de ler. Disponibilizar-te um conjunto de informações para auxiliar-te na compreensão desse mistério, no que está ao nosso alcance conhecer, segundo nossa compreensão limitada.

Não se deixe enganar pelos falsos mistérios, dogmas, doutrinas e falsos deuses. Atenda o clamor das mensagens de Apocalipse 14:6-12 e 18:1-5, o verdadeiro e eterno evangelho, saindo do falso sistema de culto, que ensina a deturpada adoração a trindades, ícones, santos e tantas outras coisas e pessoas indignas de adoração.

Respeite e obedeça aos mandamentos de Deus, inclusive o sábado, alterado nos sécs. III e IV para a adoração a um deus trino no dia do sol (domingo). Não faça parte dessa falsa adoração e se submeta ao Deus verdadeiro, descansando no dia que Ele próprio instituiu, descansou, abençoou e santificou (Gn 2:1-3; Êx 20:8-11; Dt 5:12-15; Ne 10:31).

Não se renda a possíveis decretos de governantes que se sobreponham ao que o Soberano do universo já decretou em Sua Palavra como devendo ser obedecido. Lembre-se que decretos governamentais para falsa adoração já foram tragicamente revertidos a favor dos verdadeiros adoradores, por intervenção

divina, em vários momentos do passado (ver histórias de Ester e Daniel e seus três amigos [Dn 3 e 6]).

E ao final quero deixar-lhes uma citação de Ireneu ao combater a heresia gnóstica em seu tempo. Cito esse texto na esperança de que tudo que busquei evidenciar, mesmo com muitas limitações e falhas, tenha sido importante em vosso auxílio, pois

Possuindo, portanto, como Regra a própria verdade e o testemunho evidente de Deus, não devemos, ao procurar em todas as direções uma resposta às nossas questões, abandonar o **sólido e verdadeiro conhecimento de Deus**. Devemos, sim, orientando a solução das questões neste sentido, aprofundar a procura do **mistério** da economia que vem de Deus, crescer no amor daquele que tanto fez para nós e continuamente faz. Nunca devemos abandonar a convicção que nos faz proclamar, da maneira mais categórica, que **ele é o único e verdadeiro Deus e Pai que fez este mundo**, que plasmou o homem e o fez crescer na sua criação e o chamou da baixeza humana para as coisas maiores que estão junto de si. Assim como a criança, depois de ser concebida no seio materno é dada à luz do sol e como o trigo amadurecido na espiga é depositado no celeiro. Único e idêntico é o Criador que plasmou o seio e criou o sol; único e idêntico é o Senhor que fez crescer a espiga e multiplicou o trigo e preparou o celeiro.³⁴ (Todos os negritos são nossos)

E eu espero, que como trigo no celeiro de Deus (Mt 2:12; Lc 3:17; Mt 13:30, 37-43), sejais ajuntados todos vós os que aceitais o Deus verdadeiro e o Seu Filho unigênito, que recebais Seu Espírito e assim estejais aptos para que hoje, naquele grande dia em que o Pai, o Filho e os santos anjos se manifestarem nas nuvens dos céus, e nos subsequentes tempos eternos possais com

toda a criatura que está no céu, e na terra, e debaixo da terra, e que estão no mar, e a todas as coisas que neles há, dizer: Ao que está assentado sobre o trono, e ao Cordeiro, sejam dadas ações de graças, e honra, e glória, e poder para todo o sempre. **Ap 5:13**

Notas

¹LUTERO, M. Do cativeiro babilônico da igreja. p.92. São Paulo: Martin Claret, 2006. (Coleção A obra-prima de cada autor; v.235).

²SILVA, Israel. Elohim – Deus é uma Trindade? Plural ou Unidade? **A Cruz Hebraica**, 2017. Disponível em: <<https://acruzhebraica.com.br/antigo/elohim-deus-e-uma-trindade-plural-ou-unidade/>>. Acesso em: 11 jan. 2021.

³Gn 12:7; 17:1; 18:1; 26:1, 2, 24; 32:22-32; 35:9-15; Êx 3:1-18; 4:5; 6:2, 3; 24:9-11; 33:11; Nm 12:1-9; 14:14; 22:20, 31-35; Js 4:13-15; Jz 6:11-23; 13:2-23.

⁴BÍBLIA King James Atualizada (KJA) Edição de Estudo 400 anos. p.149. Êxodo 19:10-11. Rio de Janeiro: Art Gospel, 2018.

⁵Ibid., p.179. Nota de rodapé 2, referente a Êxodo 33:3.

⁶WHIDDEN, W; MOON, J; REEVE, J. A Trindade: como entender os mistérios da pessoa de Deus na Bíblia e na história do cristianismo. p.307. Tatuí-SP: CPB, 2006.

⁷SANTA Sé. Catecismo da Igreja Católica. Edição Comemorativa [ano da fé 2012-2013]. §441-445, pp.151-153. Brasília: Edições CNBB, 2013.

⁸WHIDDEN, W; MOON, J; REEVE, J. A Trindade: como entender os mistérios da pessoa de Deus na Bíblia e na história do cristianismo. p.107. Tatuí-SP: CPB, 2006.

⁹Sl 2:7; 30:4; Mt 16:15-17; 27:54; Mc 14:61-62; Lc 3:21-22; Jo 3:16-18; 5:21-23 e 25; 20:30-31; At 8:36-38; Gl 2:20; Hb 1:3-4; 1Jo 4:9-10 e 15; 5:5, 11-12 etc.

Além destes textos, veja quantas evidências e testemunhos bíblicos mais confirmam que Jesus é o Filho de Deus:

- O anjo Gabriel disse, antes de Jesus nascer, que Ele seria chamado de Filho do Altíssimo (Lc 1:26, 30-35);
- Seu Pai, Deus, deu testemunho de que Jesus é seu Filho (Mt 3:17; Mc 1:11; Lc 3:22; Mt 17:5; Mc 9:7; Lc 9:35);
- João Batista confirmou (Jo 1:34);

- Até os demônios confessaram o que já sabiam desde antes da expulsão deles do céu – que Jesus é o Filho de Deus (Mt 8:29; Mc 3:11; 5:7-9; Lc 4:41; 8:28);
- Os discípulos reconheceram, aceitaram e confessaram que Jesus é o Filho de Deus (Mt 14:33; 16:16; Mc 1:1; Jo 1:49; 20:31);
- O próprio Jesus afirmou ser o Filho de Deus (Mt 26:63-64; Mc 14:61-62; Lc 20:13; Jo 5:25; 11:4);
- Marta, irmã de Lázaro confessou (Jo 11:27);
- Alguns gentios (centurião, eunuco etíope etc.) creram que Jesus é o Filho de Deus (Mt 27:54; Mc 15:39; At 8:37);
- Satanás quis lançar dúvida sobre a verdade de ser Jesus o Filho de Deus (Mt 4:3 e 6; Lc 4:3 e 9);
- Os fariseus e líderes religiosos do tempo de Jesus duvidaram que ele fosse o Filho de Deus (Mt 26:63-68; 27:40-43; Mc 14:61-64; Jo 10:36; 19:7);
- O Apóstolo Paulo, ao se converter, confessou e pregou que Jesus é o Filho de Deus (At 9:20).

¹⁰EUSÉBIO, Bispo de Cesaréia. História Eclesiástica. I, 3, 16, p.42. São Paulo: Paulus, 2008.

¹¹HILÁRIO, Santo, Bispo de Poitiers. Tratado sobre a Santíssima Trindade. VI, 16. pp. 177-178. São Paulo: Paulus, 2005.

¹²HILÁRIO DE POITIERS. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2021. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Hil%C3%A1rio_de_Poitiers&oldid=58321776>. Acesso em: 20 jan. 2021.

¹³PFANDL, Gerhard. “The Trinity in Scripture”, Jornal da Sociedade Teológica Adventista. vol. 14. Iss. 2, Art. 5, ano 2003. Disponível em: <<https://digitalcommons.andrews.edu/jats/vol14/iss2/5>>. Acesso em: 20 jan. 2021.

¹⁴HILÁRIO, Santo, Bispo de Poitiers. Tratado sobre a Santíssima Trindade. VII, 39. p. 245. São Paulo: Paulus, 2005.

¹⁵WHITE, Ellen G. “Cristo, nossa salvação completa”, Revista The Signs of the Times. 30 de maio de 1895. Disponível em: <<https://m.egwwritings.org/pt/book/820.12885#12891>>. Acesso em: 21 jan. 2021.

¹⁶HILÁRIO, Santo, Bispo de Poitiers. Tratado sobre a Santíssima Trindade. III, 11. p. 84. São Paulo: Paulus, 2005.

¹⁷Ibid., VI, 22. pp. 182-183.

¹⁸Ibid., VI, 32. p. 192.

¹⁹PAULO II, JOÃO. Carta Encíclica *Ut Unum Sint* sobre o empenho ecumênico. p.8. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 1995.

²⁰Ibid., p.9.

²¹ALBERIGO, G. (org.). História dos concílios ecumênicos. pp.391-440. 1ª ed. São Paulo: Paulus, 1995.

²²PAULO VI. Decreto *Unitatis Redintegratio*. PROÊMIO. pp.5 e 6. 3ª ed. São Paulo: Paulinas, 2005.

²³PAULO II, J. Carta Encíclica *Ut Unum Sint* sobre o empenho ecumênico. p.13. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 1995.

²⁴Ibid., p.12.

²⁵CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS. Diretório para Aplicação dos Princípios e Normas Sobre o Ecumenismo. p.30. 4ª ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

²⁶Ibid., p.96.

²⁷JESÚS HORTAL, S. J. E Haverá Um Só Rebanho: história, doutrina e prática católica do Ecumenismo. p.248. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

²⁸CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS. Diretório para Aplicação dos Princípios e Normas Sobre o Ecumenismo. pp.201-203. 4ª ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

²⁹JESÚS HORTAL, S. J. E Haverá Um Só Rebanho: história, doutrina e prática católica do Ecumenismo. pp.249-250. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

³⁰CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS. Diretório para Aplicação dos Princípios e Normas Sobre o Ecumenismo. pp.200 e 203. 4ª ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

³¹JESÚS HORTAL, S. J. E Haverá Um Só Rebanho: história, doutrina e prática católica do Ecumenismo. p.250. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

³²FRANCISCO, P. *Laudato Si'* sobre o cuidado da casa comum. 1ª ed. p.188. § 237. São Paulo: Paulinas, 2015.

³³Ibid., pp.189-191. § 238, 239 e 240.

³⁴IRENEU, Santo, Bispo de Lião. *Contra as Heresias*. II, 28,1; p.212. São Paulo: Paulus, 1995. (Patrística; v.4)

Bibliografia

ALBERIGO, G. (org.). História dos concílios ecumênicos. 1ª ed. São Paulo: Paulus, 1995. 470p.

AGOSTINHO, Santo, Bispo de Hipona, 354-430. A Trindade. [tradução do original latino e introdução Augustinho Belmonte; revisão e notas complementares Nair de Assis Oliveira]. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 1994. (Patrística; 7). 726p.

AMBRÓSIO, Santo, Bispo de Milão. Ambrósio de Milão / [introdução e notas explicativas Roque Frangiotti; tradução Célia Mariana Franchi Fernandes da Silva]. – São Paulo: Paulus, 1996. (Patrística; 5). 174p.

ANÔNIMO. *A Epopeia de Gilgamesh*. Disponível em: <<http://mkmouse.com.br/livros/AEpopeiadeGilgamesh-Anonimo-MartinsFontes.pdf>>. Acesso em: 20 de setembro de 2013.

ANÔNIMO. O livro de Urântia: revelando os mistérios de Deus, do universo, de Jesus e sobre nós mesmos. 2ª ed. Urantia Foundation: Chicago, Illinois, U.S.A., 2011. 2097p.

A BÍBLIA ANOTADA, The Ryrie Study Bible / Texto bíblico: Versão Almeida, Revista e Atualizada, com introdução, esboço, referências laterais e notas por Charles Caldwell Ryrie; Tradução Carlos Oswaldo Cardoso Pinto. – São Paulo: Mundo Cristão, 1994. 1835p.

A BÍBLIA de Jerusalém. Traduzida da versão francesa. 6ª impressão 1996. São Paulo: Edições Paulinas, 1980. 2366p.

A BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em português pelo padre João Ferreira A. D’Almeida. Nova York: Sociedade Americana da Bíblia, 1848. Disponível em: <[https://www.almeidarecebida.org/files/Biblia_Almeida_\(1848\).pdf](https://www.almeidarecebida.org/files/Biblia_Almeida_(1848).pdf)>. Acesso em: 29 ago. 2020.

A BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em português pelo padre João Ferreira A. D’Almeida. Nova York: Sociedade Americana da

Bíblia, 1850. Disponível em: <[https://www.almeidarecebida.org/files/Biblia_Almeida_\(1850\).pdf](https://www.almeidarecebida.org/files/Biblia_Almeida_(1850).pdf)>. Acesso em: 29 ago. 2020.

A BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida, Corrigida e Revisada Fiel ao Texto Original, São Paulo-SP: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 2013. 942p.

A BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida, Revista e Atualizada no Brasil; 2ª ed. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999. 896p.

A BÍBLIA. Tradução Ecumênica. São Paulo: Edições Loyola e Paulinas, 2002. 1567p.

ALIGHIERI, D. Divina comédia. Tradução J. P. Xavier Pinheiro. São Paulo: Martin Claret, 2002. (Coleção a obra-prima de cada autor. Série ouro; v.7). 534p.

ALTANER, B; STUIBER, A. Patrologia: vida, obras e doutrina dos Padres da Igreja. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 1988. 540p.

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Livro XII. Trad. de Lucas Angioni. Disponível em: <<https://philpapers.org/archive/ANGMDA.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2020.

ARMSTRONG, K. Uma História de Deus: quatro milênios de busca do judaísmo, cristianismo e islamismo. Tradução Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. 557p.

AVELEZA, M. Uma Trindade Clássica: Fernando Pessoa, Homero, Platão. Rio de Janeiro: Thex Ed., 2000. 156p.

BÍBLIA King James Atualizada (KJA) Edição de Estudo 400 anos. 1ª edição. Rio de Janeiro: Art Gospel, 2018. 2541p.

BÍBLIA SAGRADA, BKJ 1611. 1ª edição. Niterói-RJ: BV Books Editora, 2019. 728p.

BÍBLIA SAGRADA: nova tradução na linguagem de hoje. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000. 1088p.

BÍBLIA SAGRADA: nova versão internacional / [traduzido pela comissão de tradução da Sociedade Bíblica Internacional]. – São Paulo: Editora Vida, 2000. 1028p.

BÍBLIA SAGRADA: tradução brasileira. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010. 1216p.

BÍBLIA SAGRADA: tradução e edição autorizada da Bíblia Reina-Valera 1997 (RVR97). 1ª edição. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica Intercontinental do Brasil, 2011. 1436p.

BÍBLIA SAGRADA. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida, Revista e Corrigida. 81ª impressão. Rio de Janeiro-RJ: Imprensa Bíblica Brasileira, 1995. 1168p.

BÍBLIA Sagrada (edição de estudos) Ave-Maria. São Paulo: Edição Claretiana, 2012. 2151p.

BÍBLIA Sagrada Edição Pastoral. São Paulo: Paulus, 2013. 1584p.

BÍBLIA Sagrada. 51ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012. 1567p.

BLAINEY, G. Uma Breve História do Cristianismo. 1ª ed. São Paulo: Editora Fundamento Educacional, 2012. 335p.

BLAVATSKY, H. A Doutrina Secreta: síntese de ciência, religião e filosofia. vol.1. Cosmogênese. Disponível em: <<https://sonendeluz.com.br/2019/11/05/download-gratuito-do-livro-a-doutrina-secreta-vol-1/>>. Acesso em 17 dez. 2020.

BLAVATSKY, H. A Doutrina Secreta: síntese de ciência, religião e filosofia. vol. 4. O simbolismo arcaico das religiões do mundo e da ciência. Disponível em: <<https://www.pdfdrive.com/a-doutrina-secreta-vol-iv-o-simbolismo-arcaico-das-religiões-do-mundo-e-da-ciência-e158578624.html>>. Acesso em: 18 dez. 2020.

BULFINCH, T, 1796-1867. O Livro da Mitologia: histórias de deuses e heróis: (a idade da fábula): texto integral / tradução Luciano Alves Meira. São Paulo: Martin Claret, 2006. (Coleção a obra-prima de cada autor. Série ouro; v.45). 455p.

BULLÓN, A. O Terceiro Milênio e as Profecias do Apocalipse: como viver sem medo do futuro. 1ª ed. Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 1998. 192p.

BURKERT, W. Religião Grega na Época Clássica e Arcaica. Tradução de Manuel José Simões Loureiro. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993. 638p.

CAIRNS, E. O Cristianismo Através dos Séculos: uma história da igreja cristã. 3ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2008. 671p.

CAMPBELL, J. As Máscaras de Deus: mitologia primitiva. Obra em 4 volumes; vol. 1. Tradução Carmem Fischer. 9ª ed. Outubro de 2011. Palas Athena, São Paulo: 1992. 424p.

CAMPBELL, J. As Máscaras de Deus: mitologia oriental. Obra em 4 volumes; vol. 2. Tradução Carmem Fischer. 6ª ed. Janeiro de 2008. Palas Athena, São Paulo: 1994. 447p.

CAMPBELL, J. As Máscaras de Deus: mitologia ocidental. Obra em 4 volumes; vol. 3. Tradução Carmem Fischer. 2ª ed. Janeiro de 2008. Palas Athena, São Paulo: 2004. 472p.

CAMPBELL, J. As Máscaras de Deus: mitologia criativa. Obra em 4 volumes; vol. 4. Tradução Carmem Fischer. 1ª ed. Abril de 2010. Palas Athena, São Paulo: 2010. 623p.

CATECISMO do Católico de Hoje: doutrina, prática, orações: com referências ao catecismo da Igreja Católica / Missionários Redentoristas; | Tradução José Raimundo Vidigal |. – 23ª ed. – Aparecida, SP: Editora Santuário, 1997. 161p.

CERAN, C. Deuses, Túmulos e Sábios: o romance da arqueologia. Tradução de João Távora. 10ª edição. Edições Melhoramentos: São Paulo, 1962. 385p.

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS. Diretório para Aplicação dos Princípios e Normas Sobre o Ecumenismo. 4ª ed. São Paulo: Paulinas, 2010. 236p.

CONTEÚDO e orientações para uma Catequese Renovada. Centro Catequético da Região Episcopal de Osasco-SP (CECRED). O Recado: Belenzinho-SP, 3ª ed. 1985.

DICIONÁRIO Hastings da Bíblia. Disponível em: <<https://archive.org/details/in.ernet.dli.2015.167716/page/n105/mode/2up>>. Acesso em: 03 maio 2021.

DIOP, C. A Origem Africana da Civilização. EUA: Lawrence Hew & Co., 1974. 552 p. Disponível em: <https://www2.unifap.br/nea_b/files/2018/05/Dr.-Cheikh-Anta-

Diop-A-Origem-Africana-da-Civilização-ptbr-completo.pdf>

Acesso em: 10 jun. 2020.

DURANT, WILL, 1885-1981. *Nossa Herança Clássica*. 3ª ed. Tradução Mamede de Souza Freitas. Rio de Janeiro: Record, 1995. (História da civilização; v. 2). 606p.

DURANT, WILL, 1885-1981. *César e Cristo*. 3ª ed. Tradução Mamede de Souza Freitas. Rio de Janeiro: Record, 1995. (História da Civilização; v. 3). 554p.

ENCICLOPÉDIA Delta Universal. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1991. 15 volumes.

ENCICLOPÉDIA Britânica. Vol.3. 11ª edição 1911. Disponível em: <<https://archive.org/details/Encyclopaediabrit03chisrich/pdf/page/n389/mode/2up>>. Acesso em: 03 maio 2021.

ENCICLOPÉDIA de Religião e Ética James Hastings. Ano 1910. Vol. 2. Disponível em: <https://archive.org/details/encyclopaediaofr02hast_0/mode/2up>. Acesso em: 04 julho 2021.

ENCICLOPÉDIA Católica. Vol. 2. Ano 1913. Disponível em: <<https://archive.org/details/catholicencyclo11wynngoog/page/n8/mode/2up>>. Acesso em 05 julho de 2021.

EUSÉBIO, Bispo de Cesaréia, 265-340. *História Eclesiástica / Eusébio de Cesaréia*; [tradução Monjas Beneditinas do Mosteiro Maria Mãe de Cristo]. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2000. (Patrística; v.15). 508p.

FAYARD, M. *Liberdade Religiosa*. 1ª ed. Santo André-SP: Casa Publicadora Brasileira, [entre 1947 e 1957].

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Língua Portuguesa**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira S. A., 1986. 1838p.

FO, J.; TOMAT, S. e MALUCELLI, L. *O Livro Negro do Cristianismo: dois mil anos de crimes em nome de Deus*. Disponível em: <<http://mkmouse.com.br/livros/OLivroNegrodoCristianismo-JacopoFoSergioTomateLauraMalucelli.pdf>>. 263 p. Acesso em: 05 nov. 2020.

FRANCISCO, P. *Laudato Si'* sobre o cuidado da casa comum. 1ª ed. São Paulo: Paulinas, 2015. 197p.

FUNARI, A. e RAMALHO, J. *As Representações do Imperador Constantino na Estatuária e na Epigrafia Romana. Diálogos Mediterrâneos*, Campinas, Nº 10, junho/2016. Disponível em: <<http://www.dialogosmediterraneos.com.br/index.php/RevistaDM/article/download/205/227>>. Acesso em 3 dez. 2019.

GAUTAMA, S. *A Doutrina de Buda*. São Paulo: Martin Claret, 2003. (Coleção A obra-prima de cada autor; v.135) 197p.

GIBBON, E. *Declínio e Queda do Império Romano*. Organização e introdução Dero A. Saunders; Prefácio Charles Alexander Robinson, Jr.; Tradução e notas suplementares José Paulo Paes. – Ed. Abreviada. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. 607p.

GRANDE Enciclopédia Barsa. 3ª ed. – São Paulo: Barsa Planeta Internacional, 2005. 14 volumes.

GRANDE Enciclopédia Larousse Cultural. São Paulo: Editora Universo, 1988. 30 volumes.

GREENE, L. e SHARMAN-BURK, J. *Uma Viagem Através dos Mitos: o significado dos mitos como um guia para a vida*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001. 209p.

GRIMAL, P. *A Mitologia Grega*. Tradução Carlos Nelson Coutinho. 5ª ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1982.

HÄGGLUND, B. *História da Teologia*. Traduzido do inglês por Mário L. Rehfeldt e Gládis Knak Rehfeldt. 4ª ed. Porto Alegre: Concórdia Editora, 1989. 370p.

HESÍODO. *Teogonia / Trabalhos e dias*. Tradução Sueli Maria de Regino. São Paulo: Martin Claret, 2010. (Coleção A obra-prima de cada autor; v.307) 137p.

HILÁRIO, Santo, Bispo de Poitiers. *Tratado sobre a Santíssima Trindade*. [tradução Cristina Penna de Andrade]. – São Paulo: Paulus, 2005. (Patrística; 22). 490p.

HILLGARTH, J. *Cristianismo e Paganismo 350-750, a conversão da Europa ocidental*. São Paulo: Madras, 2004. 229p.

HINÁRIO Adventista do Sétimo Dia: hinos e cânticos evangélicos para o culto de adoração, culto familiar, reuniões de jovens e devoção particular. 1ª ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014. 610 hinos. 318p.

HOLY BIBLE King James Version. Barueri-SP: Bible Society of Brazil, 2010. 1019p.

IRENEU, Santo, Bispo de Lião. Contra as heresias. / [Introdução, notas e comentários Helcion Ribeiro; organização das notas bíblicas Roque Frangiotti; tradução Lourenço Costa]. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 1995. (Patrística; 4). 624p.

JESÚS HORTAL, S. J. E Haverá Um Só Rebanho: história, doutrina e prática católica do Ecumenismo. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996. 271p.

JOHNSON, P. Egito Antigo – História Ilustrada. Tradução Alberto Pucheu. Rio de Janeiro: Ediouro, 2010.

JUNG, C. Interpretação Psicológica do Dogma da Trindade. 9ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. 127p.

JUSTINO de Roma. I e II Apologias / Diálogo com Trifão. 2ª ed. Disponível em: <<https://ortodoxia.pt/data/Patristica-3.pdf>>. Acesso em: 05 ago. 2020.

KASCHEL, W. e ZIMMER, R. Dicionário da Bíblia de Almeida. Disponível em: <<http://igrejavidademcristo.com.br/arquivo/DICIONARIO-BIBLICO.pdf>>. Acesso em: 04 nov. 2015.

KERSTEN, J. Bible Catechism: A Meaning for Man's Existence. New Revised – Vatican II Edition. Catholic Book Publishing Co. 1 de Jan. de 1973.

KNIGHT, G. Em Busca de Identidade: o desenvolvimento das doutrinas Adventistas do Sétimo Dia. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005. 220p.

KONINGS, J. A Bíblia, Sua Origem e Sua Leitura – introdução ao estudo da Bíblia. 7ª ed. atualizada. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011. 270p.

KRISHNA. Bhagavad Gita. Traduzida e comentada por: Huberto Rohden. São Paulo: Martin Claret, 2006. (Coleção A obra-prima de cada autor; v.164) 159p.

LCHATRE, M. Os Crimes dos Papas: Mistérios e iniquidades da Corte de Roma: mortes, envenenamentos, parricídios, adultérios. Incestos, deboches e torpezas dos pontífices romanos

desde S. Pedro até os nossos dias: crime dos reis, rainhas e dos imperadores através dos séculos. São Paulo: Madras, 2005. 435p.

LAMAS, M. Mitologia Geral: o mundo dos deuses e dos heróis Vol. I. 3ª ed. Editorial Estampa: Lisboa, 1991. 180p.

LETERRE, A. Jesus e Sua Doutrina: a distinção entre cristianismo e catolicismo: um estudo que remonta a mais de 8.600 anos. São Paulo: Madras, 2004. 472p.

LUTERO, M. Do Cativo Babilônico da Igreja. São Paulo: Martin Claret, 2006. (Coleção A obra-prima de cada autor; v.235) 159p.

MANUAL da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Edição Revisada na Assembléia da Associação Geral de 2010. 21ª ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

MARTIN, M. A Teoria Política Visigoda. VERITAS, Porto Alegre -RS, v. 40, ed. 159, pp.369-378, Setembro 1995. Disponível em:
<<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/veritas/article/download/36009/18911/>>. Acesso em: 26 out. 2020.

MAXWELL, C. Uma Nova Era Segundo as Profecias de Daniel. 1ª ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1996. 333p.

MELLA, F. Dos Sumérios a Babel. Mesopotâmia: história, civilização e cultura. 2ª edição. São Paulo: Hemus, 2001. 328p.

MCDONALD, L. A Origem da Bíblia: um guia para os perplexos. São Paulo: Paulus, 2013. 259p.

MORENS, S. Egyptian Religion. Ed. Revised. New York, EUA: Cornell University Press, 1992. 380p.

NETO, P. Trindade – O “mistério” criado por um leigo, anuído pelos teólogos. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/12392961/Trindade-o-Misterio-Criado-Por-Um-Leigo-Anuido-Pelos-Teologos>>. Acesso em: 13 out. 2015.

NEWTON, ISAAC, 1642-1727. As Profecias do Apocalipse e o Livro de Daniel: as raízes do código da Bíblia / observações feitas por Sir Isaac Newton; tradução Carlos A. L. Salum e Ana Lúcia da Rocha Franco. São Paulo: Pensamento, 2008. 224p.

NISTO Cremos: 27 ensinos bíblicos dos Adventistas do Sétimo Dia. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 3ª ed. 1995. 505p.

NOVA Bíblia Viva. São Paulo, Mundo Cristão, 2010. 1037p.

NOVACIANO. A Trindade, Escritos Éticos, Cartas. 1ª ed. São Paulo: Paulus, 2017. (Patrística; 37). 231p.

OÑATIBIA, I. Batismo e Confirmação: sacramentos de iniciação. São Paulo: Paulinas, 2007. 346p.

PADRES Apostólicos: Clemente Romano, Inácio de Antioquia, Policarpo de Esmirna, O Pastor de Hermas, Carta de Barnabé, Papias e Didaqué. Disponível em: <<https://ortodoxia.pt/data/Patristica-1.pdf>>. Acesso em: 16 set. 2020

PADRES Apostólicos. 1ª ed. / [introdução e notas explicativas Roque Frangiotti; tradução Ivo Storniolo, Euclides M. Balancin]. São Paulo: Paulus, 1995. (Patrística; 1) 360p.

PADRES Apologistas. Carta a Diogneto; Aristides de Atenas; Taciano, o Sírio; Atenágoras de Atenas; Teófilo de Antioquia; Hérmiás, o filósofo. Disponível em: <<https://ortodoxia.pt/data/Patristica-2.pdf>>. Acesso em: 11 set. 2020.

PADRES Apologistas. 1ª ed. / [introdução e notas explicativas Roque Frangiotti; tradução Ivo Storniolo, Euclides M. Balancin]. São Paulo: Paulus, 1995. (Patrística; 2) 311p.

PAULO VI. Decreto *Unitatis Redintegratio*. 3ª ed. São Paulo: Paulinas, 2005.

PAULO II, JOÃO. Carta Encíclica *Ut Unum Sint* sobre o empenho ecumênico. 2ª ed. São Paulo: Paulinas, 1995. 114p.

PELIKAN, J. A Tradição Cristã: uma história do desenvolvimento da doutrina católica 100-600, vol. 1 / Jaroslav Pelikan; tradução de Lena Aranha, Regina Aranha. 1ª ed. São Paulo: Shedd Publicações, 2014. 376p.

PELIKAN, J. A Tradição Cristã: uma história do desenvolvimento da doutrina: o espírito do cristianismo oriental 600-1700, vol. 2 / Jaroslav Pelikan; tradução de Lena Aranha, Regina Aranha. 1ª ed. São Paulo: Shedd Publicações, 2015. 336p.

PELIKAN, J. A Tradição Cristã: uma história do desenvolvimento da doutrina: o desenvolvimento da teologia medieval 600-1300,

vol. 3 / Jaroslav Pelikan; tradução de Lena Aranha, Regina Aranha. 1ª ed. São Paulo: Shedd Publicações, 2015. 376p.

PELIKAN, J. A Tradição Cristã: uma história do desenvolvimento da doutrina: a reforma da igreja e o dogma (1300-1700), vol. 4 / Jaroslav Pelikan; tradução de Lena Aranha, Regina Aranha. 1ª ed. São Paulo: Shedd Publicações, 2016. 472p.

PETERSON, EUGENE H. A Mensagem: Bíblia em Linguagem Contemporânea / Eugene H. Peterson; [supervisão exegética e teológica Luiz Sayão]. – São Paulo: Editora Vida, 2011. 1784p.

PLATÃO. Parmênides; tradução de Carlos A. Nunes. Disponível em: < <http://livros01.livrosgratis.com.br/cv000055.pdf>>. Acesso em: 24 ago. 2020.

PLATÃO. Timeu e Crítias ou a Atlântida. Tradução: Norberto de Paula Lima. 5ª ed. São Paulo: Hemus, 1988. 217p.

PLATÃO. Timeu-Crítias; Tradução Rodolfo Lopes. Disponível em:<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4870800/mod_resource/content/0/Plat%C3%A3o_Timeu-%20Completo.pdf>.

Acesso em: 24 ago. 2020.

PRIETO, C. Cristianismo e Paganismo: a pregação do evangelho no mundo greco-romano. São Paulo: Paulus, 2007. 130p.

RAMALHO, J. Constantino nas Palavras e nas Coisas: a (não) cristianização imediata do império romano a partir das diferenças e das semelhanças entre representações político-religiosas de fontes literárias e de fontes arqueológicas. 2018. Dissertação (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 2018. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/333409>>.

Acesso em: 3 dez. 2019.

RATZINGER, J. Introdução ao Cristianismo: preleções sobre o símbolo apostólico com um novo ensaio introdutório. 7ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014. 268p.

READER DIGEST. Depois de Jesus: os triunfos do cristianismo. 1ª ed. Março de 1999; Rio de Janeiro-RJ. 352p.

ROSSATTO, N. Joaquim de Fiori: Trindade e Nova Era. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2004. 360 p. (Coleção Filosofia; v.173)

SALES, J. *Organizando Simbolicamente o Panteão do Antigo Egito. As Tríades Divinas*. **Revista Mundo Antigo**, Lisboa, Portugal, Nº 9, maio/2016. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/61431203.pdf>> Acesso em: 10 jun. 2020.

SANTA SÉ. Catecismo da Igreja Católica. Edição Comemorativa [ano da fé 2012-2013]. Brasília: Edições CNBB, 2013.

SHAFER, B. (org.). *As Religiões no Egito Antigo — deuses, mitos e rituais domésticos*. Byron E. Shafer (org.), John Baines, Leonard H. Lesko, David R. Silverman; tradução de Luis S. Krausz. São Paulo: Nova Alexandrina, 2002. 264p.

SESÉ, B. *Agostinho, O Convertido*. Tradução Magno Vilela. São Paulo: Paulinas, 1997. (Coleção: Testemunhas. Série: Santos).

SILVA, E. (org.). *Declaração de Fé: Jesus salva, cura, batiza no Espírito Santo e breve voltará*. 2ª ed. Casa Publicadora das Assembleias de Deus: Rio de Janeiro, 2017. 262p.

SILVA, M. *Trindade, Criação e Ecologia / Maria Freire da Silva*. São Paulo: Paulus, 2009. 287p.

SISSA, G.; DETIENE, M. *Os Deuses Gregos*. Tradução Rosa Maria Boaventura. 1ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 1990. 317 p.

SPALDING, T. *Dicionário das Mitologias Europeias e Orientais*. 1ª ed. São Paulo: Cultrix; Brasília: INL, 1973. 332p.

SMITH, U. *As Profecias de Daniel: maravilhosa confirmação histórica das profecias*. 2ª ed. Itaquaquecetuba, SP: Edições Vida Plena, 1994. 271p.

SMITH, U. *As Profecias do Apocalipse*. 3ª ed. Itaquaquecetuba, SP: Edições Vida Plena, 2017. 335p.

SPALDING, T. *Dicionário das Mitologias*. 1ª ed. São Paulo: Cultrix, 1973. 145p.

SPALDING, T. *Dicionário da Mitologia Latina*. 1ª ed. São Paulo: Cultrix, 1982. 166p.

STERN, D. *Comentário Judaico do Novo Testamento*. 1ª ed. São Paulo: Didática Paulista; Belo Horizonte: Editora Atos, 2008.

STRONG, J. *Dicionário Bíblico Strong: Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong*. Disponível em: <<https://hebrewisraelita.files.wordpress.com/2012/06/dicionario-biblicostrong->

lc3a9xico-hebraico-aramaico-grego-james-strong.pdf.>. Acesso em: 13 de out. 2015.

TOMÁS de Aquino (1225-1274). Suma Teológica. 4278 p. Disponível em: <<https://sumateologica.files.wordpress.com/2017/04/suma-teolc3b3gica.pdf>>. Acesso em: 29 out. 2020.

TSÉ, LAO. Tao Te Ching: o livro que revela Deus. Traduzido e comentado por Huberto Rohden. São Paulo: Martin Claret, 2003. (Coleção A obra-prima de cada autor; v.136) 195p.

WEIGALL, A. O Paganismo em Nosso Cristianismo. Disponível em:

<<https://www.wilcuma.org.uk/heathen-religion/the-paganism-in-our-christianity/>>. Acesso em: 15 jul. 2020.

WELLS, H. Uma Breve História do Mundo. Tradução Rodrigo Breunig. 1ª ed. Porto Alegre-RS: L&PM, 2011. 378p.

WHIDDEN, W; MOON, J; REEVE, J. A Trindade: como entender os mistérios da pessoa de Deus na Bíblia e na história do cristianismo. Tradutor Hélio Luiz Grellmann. 2ª edição. Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 2006. 330p.

WHITE, E. Patriarcas e Profetas. 15ª ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997. 792p.

WHITE, E. História da Redenção. 11ª ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2012. 445p.

WHITE, E. O Grande Conflito. 36ª ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1988. 719p.

WILKINSON, B. Nossa Bíblia Autorizada Vindicada. 192p. Disponível em: <<http://www.congressomv.org/wp-content/uploads/2019/05/NOSSA-BIBLIA-AUTORIZADA-VINDICADA-1.pdf>>. Acesso em 05 mar 2021.

WILKINSON, B. Verdade Triunfante: a igreja no deserto. 428 p. Disponível em: <<https://www.adventistas-historicos.com/arquivos/1550271776-5.PDF>>. Acesso em: 27 out. 2020.

Sites

<https://www.abiblia.org>

<https://archive.org/>

<https://bibliaportugues.com/>

<https://circulo.site/o-que-a-filosofia-do-circulo-tem-a-ver-com-socrates-platao-e-aristoteles/>

<https://www.dicio.com.br/>

<https://www.dicionariodesimbolos.com.br/triquetra/>

<https://www.dicionarioinformal.com.br/>

<https://dicionario.priberam.org/>

<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.jsp>

<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/mitologia-grega-os-mitos-gregos-e-sua-influencia-na-cultura-ocidental.htm>

<https://hypescience.com/deuses-jesus/>

<https://michaelis.uol.com.br/>

<https://mitologiagrega.net.br/7-triades-da-mitologia-grega/>

<https://portugues.ucg.org/ferramentas-de-estudo-da-biblia/guias-de-estudo/deus-e-uma-trindade/antigos-deuses-trinitarios-influenciaram-a-aprovacao-da-trindade>

<https://www.simbolos.com.br/triquetra/>

<https://www.suapesquisa.com/>

<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/quais-sao-os-principais-deuses-celtas/>

<https://pt.wikipedia.org>

Material Suplementar

DVD's:

O Contexto da Adoração. Nader Mansour

<https://www.adventistas-historicos.com/produto/21-dvd-o-contexto-da-adoracao-14>

O Verdadeiro Deus da Bíblia. Slides em Power Point

<https://www.adventistas-historicos.com/produto/36-o-verdadeiro-deus-da-biblia-29>

Que Deus Veremos no Céu. Roberto Matheus da Costa

<https://www.adventistas-historicos.com/produto/37-que-deus-veremos-no-ceu%3F-30>

A Ponta Pequena e os Três Reis Arianos. Alexandre Botelho

<https://www.adventistas-historicos.com/produto/20-dvd-a-ponta-pequena-13>

O Mistério da Iniquidade: o sinal, o número e o nome da besta.
Alexandre Botelho

<https://www.adventistas-historicos.com/produto/23-dvd-o-misterio-da-iniquidade-16>

Folhetos:

A Doutrina da Trindade à Luz da Bíblia.

<https://www.adventistas-historicos.com/produto/40-a-trindade-a-luz-da-biblia-33>

Estudos Sobre a Trindade.

<https://www.adventistas-historicos.com/produto/59-estudos-sobre-a-trindade-50>

O Batismo em Nome de Jesus

<https://www.adventistas-historicos.com/produto/53-o-batismo-biblico-44>

Livros:

As Versões da Bíblia

<https://www.adventistas-historicos.com/produto/79-as-versoes-da-biblia-livro-com-96-paginas-69>

Para compreender as profecias referentes ao período das 70 semanas (entre outras) mencionada à página 112, consultar:

Livro Considerações sobre Daniel e Apocalipse de Urias Smith

<https://www.adventistas-historicos.com/produto/114-consideracoes-sobre-daniel-e-apocalipse-livro-para-download-103>

Demais livros indicados:

Verdade Triunfante: A Igreja no Deserto. PhD. Benjamim George Wilkinson.

<https://www.adventistas-historicos.com/produto/132-livro-a-verdade-triunfante-a-igreja-no-deserto-66>

Nossa Bíblia Autorizada Vindicada. PhD. Benjamim Wilkinson.

<http://www.congressomv.org/wp-content/uploads/2019/05/NOSSA-BIBLIA-AUTORIZADA-VINDICADA-1.pdf>

A Divindade ou a Trindade. Sérgio Osório.

<https://www.adventistas-historicos.com/produto/86-a-divindade-ou-a-trindade-livro-com-140-paginas-751>

A Grande Conspiração. Neil C. Livingston.

<https://www.adventistas-historicos.com/produto/84-a-grande-conspiracao-neil-c-livingston-73>

O Deus de Nossos Pais. Reinaldo Reichenbach.

<https://www.adventistas-historicos.com/produto/124-livro-o-deus-de-nossos-pais-58>

O Último Alerta. Arthur Araújo.

<https://www.adventistas-historicos.com/produto/145-livro-o-ultimo-alerta-79>

A Grande Controvérsia Entre Cristo e Satanás. Ellen G. White.

<https://www.adventistas-historicos.com/produto/74-livro-a-grande-controversia-entre-cristo-e-satanas-65>

Em Defesa da Fé Uma Vez Dada Aos Santos. Roberto Matheus da Costa.

<https://www.adventistas-historicos.com/produto/118-em-defesa-da-fe-107>

Adoração Verdadeira, Falsa Adoração. Roberto Matheus da Costa.

<https://www.adventistas-historicos.com/produto/72-livro-adoracao-verdadeira-%26-adoracao-falsa-63>

Alto Clamor: poemas urgentes. Roberto Matheus da Costa (Poeta Beto Costa).

<https://poeta-betocosta.com/>

Para mais estudos, literatura ou informações acesse:

<http://www.adventistas-historicos.com/>

<https://caminhoestreito.com/>



